NOTICIAS
DE
PORTUGAL
ESCRITAS POR
MANOEL SEVERIM
DE FARIA

CHANTRE, E CONEGO DA SE' DE EVORA.

EM QUE SE DECLARAM AS GRANDES COMMODIDADES, QUE TEM para creſcer em gente, induſtria, commercio, riquezas, e forças militares por mar, e terra, as Origens de todos os appellidos, e Armas das Familias Nobres do Reyno, as Moedas, que correraõ neſta Provincia do tempo dos Romanos atè o preſente, e ſe referem varios Elogios de Principes, e Varoens Illuſtres Portuguezes.

Neſta ſegunda Impreſſaõ acreſcentadas,

PELO PADRE

D. JOZÉ BARBOSA

CLERIGO REGULAR, ACADEMICO DO Numero da Academia Real.

OFFERECIDAS

AO MUITO REVERENDO DOUTOR

JOZÉ CALDEIRA

PRESBITERO DO HABITO DE S. PEDRO, PROTHONOTARIO Apoſtolico de S. Santidade, Beneficiado na Paroquial Igreja de N. Senhora da Purificaçaõ no Lugar de Sacavem.



LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA DE ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

Anno M. DCC.XL.
Com todas as Licenças neceſſarias.

A' cuſta de Manoel da Conceiçaõ Livreiro, vendeſe na ſua Logea na rua direita do Loreto.

The Project Gutenberg eBook of Noticias de Portugal

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Noticias de Portugal

Author: Manoel Severim de Faria

Release date: December 2, 2022 [eBook #69459]

Language: Portuguese

Original publication: Lisboa Occidental : na Off. de Antonio Isidoro da Fonseca

Credits: Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK NOTICIAS DE PORTUGAL ***

NOTICIAS
DE
PORTUGAL

ESCRITAS POR

MANOEL SEVERIM

DE FARIA

CHANTRE, E CONEGO DA SÉ DE EVORA.

Em que se declaram as grandes commodidades, que tem para crescer em gente, industria, commercio, riquezas, e forças militares por mar, e terra, as Origens de todos os appellidos, e Armas das Familias Nobres do Reyno, as Moedas, que correraõ nesta Provincia do tempo dos Romanos atè o presente, e se referem varios Elogios de Principes, e Varoens Illustres Portuguezes.

Nesta Segunda Impressão acrescentadas,

PELO PADRE

D. JOZÉ BARBOSA

CLERIGO REGULAR, ACADEMICO DO

Numero da Academia Real.

OFERECIDAS

AO MUITO REVERENDO DOUTOR

JOZÉ CALDEIRA

Presbitero do habito de S. Pedro, Prothonotario Apostolico de S. Santidade, Beneficiado na Paroquial Igreja de N. Senhora da Purificaçaõ no Lugar de Sacavem.

Imagem decorativa

LISBOA OCCIDENTAL,

NA OFFICINA DE ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

Anno M. DCC.XL.

Com todas as Licenças necessarias.

Á custa de Manoel da Conceiçaõ Livreiro, vendese na sua Logea na rua direita do Loreto.

Imagem decorativa

AO MUITO REVERENDO SENHOR DOUTOR

JOZÉ CALDEIRA

PRESBITERO DO HABITO DE S. PEDRO, PROTHONOTARIO Apostolico de S. Santidade, Beneficiado na Paroquial Igreja de N. S. da Purificaçaõ no Lugar de Sacavem, &c.

M. R. SENHOR:

FORA acerto a naõ ser eleiçaõ dedicar a V. m. as Noticias de Portugal, que escreveo Manoel Severim de Faria, porque alèm de naõ poderem buscar mais seguro asylo contra a malevolencia dos Criticos modernos, tem nelle tambem manifesto o motivo para o patrocinio. Porque sendo esta Obra escrita pela elegante penna de hum homem consagrado ao Culto Divino, e a quem todo o genero de erudiçaõ, e doutrina fez conhecidamente grande, com bem fundada razaõ devia apparecer novamente no theatro do Mundo debaixo da protecçaõ de quem lhe fosse semelhante no Estado, e na Sciencia.

Desta fizera agora o paralello, senão conhecera ser pequeno o campo de huma Dedicatoria para tão largo assumpto. Alem de que he escusado persuadir huma verdade, que facilmente confessaraõ os que attenderem ao profundo dos conceitos, ao elevado da discriçaõ, á eloquencia das vozes, e a utilidade dos argumentos, que V. m. diz, ou propoem para a admiraçaõ universal nos Pulpitos, em que discorre, merecendo sigularmente o applauso commum dos ouvintes, por unir com rara felicidade partes difficeis de encontrar em qualquer Orador. Poderaõ fingir os Poetas, que Mercurio com a suavidade do Caduceo atrahia as Almas daquelle lugar, a que negou fatal passagem o Principe de todos elles: e eu naõ duvida-rey affirmar, que V. m. com a vara de ouro da sua eloquencia, arrebata os affectos, e move os animos dos que tem a fortuna de o ouvirem.

Mas naõ me admira, que V. m. como se fallara desde a cortina de Apollo, pronuncie em harmoniosa frase graves sentenças, e Sabios Oraculos, por conhecer, que a dilatada Esfera da sua comprehensaõ chegou venturosamente a alcançar o perfeito conhecimento daquella nobre Rainha das artes, para cuja excellente noticia pedia o Principe da Eloquencia Romana hum entendimento Divino: donde posso eu dizer com acertada razaõ, ser o seu a todos os mais superior. Finalmente o mesmo Tullio para formar a idea adequada de hum Orador, diz se requer nelle o ornato de quasi todas as Sciencias, e Artes Liberaes, e como em V. m. admiramos esta notavel grandeza, por isso o busco para Protector de Manoel Severim. Confesso, que sim me ocorreo procurar o patrocinio de algum Grande, mas arrependido logo da ignorancia, e da temeridade deste pensamento, tomey a firme resoluçaõ de implorar o de V. m. por que só hum Sabio pode tomar debaixo do seu amparo outro Sabio, pois só na semelhança se encontra o amor, sem o qual se faz muitas vezes desagradavel este obsequio. No trato ordinario dos homens cada dia se experimenta, que os que padecem a irremediavel falta de juizo zombaõ dos discretos, e não era justo ficasse a memoria de Manoel Severim exposta aos perigos que podia achar na grossaria, de quem naõ conhecesse a estimaçaõ, que lhe he devida. E jà que a minha eleição foy taõ venturosa, que ainda sem a liberdade do arbitrio logra os creditos de muy acertada, parece fica V. m. obrigado a receber este meu, se tenue, reverente obsequio, que affectuosamente lhe dedico, para immortal gloria do nome do Author, e para eterna memoria da honra, que costuma fazer aos seus criados. Deos guarde a V. m. pelos annos que desejo,

Seu obrigadissimo criado
Manoel da Conceiçaõ.

AOS LEITORES

No anno de 1625, dey à estampa alguns Discursos; e Elogios para instrucçaõ das Artes, em que haõ de ser doutrinados os mancebos nobres da Republica, conforme os preceitos do Filosofo: e tendo eu naquelle tempo huma obra grande, que intitulava: *Noticias de Portugal, e suas conquistas* jà quasi em estado para se poder imprimir, como testificaõ os Doutores F. Antonio Brandaõ, Geral que foy de Alcobaça, e Antonio de Sousa de Macedo, que entaõ a viraõ; com tudo como as cousas daquelles annos para cà tiveraõ taõ grande mudança, recresceraõ taes inconvenientes, que sobreestive na execuçaõ deste intento. Porèm entendendo eu, que naõ seriaõ de menor serviço do bem publico alguns Discursos dos muitos, que nesta obra se continhaõ sobre diversas materias, assim politicas, como de varia liçaõ, me pareceo cõmunicallos a todos, e pelo que participaõ de seu primeiro original, dar-lhes o titulo de *Noticias de Portugal*. E ainda que pòde haver sogeitos, que façaõ mayor estimaçaõ dos livros pela quantidade, que pela qualidade delles; com tudo para os que saõ versados na liçaõ das boas letras, sey que naõ tem em menos as obras por pequenas, quando nellas se contem a doutrina necessaria ao assumpto de que trataõ; antes vemos, que em todos os escritores saõ mais presados estes pequenos tratados, que os mayores volumes, que seus Authores composeraõ; como se vè entre os Filosofos nas obras de Plataõ, e Aristoteles, nos Moraes de Plutarco, e nas de quasi todos os Padres, principalmente S. Basilio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Jeronymo, e na mòr parte das de Santo Agostinho. E ainda que os Scholasticos tiveraõ por argumento principal as materias de Theologia; com tudo naõ saõ menos estimados os Opusculos de Santo Thomaz, e Dionysio Carthusiano, que as outras suas obras Theologicas, e Escriturarias. Pelo que assaz fica approvado este genero de escritos, quando por outra cousa o naõ desmerecerem.

Os motivos, que tive para communicar estes Discursos, saõ os seguintes. O primeiro Discurso he sobre o augmento da povoaçaõ deste Reyno, porque sendo a multidaõ da gente o fundamento de todos os Estados, em Portugal he isto muito mais necessario, pois tem mais Conquistas, que nenhum outro Reyno de Europa; e assim necessita mais de tratar desta materia.

No segundo se refere a ordem da Milicia, com que este Reyno se defendeo de seus contrarios por espaço de quasi 500. annos, e os meyos, e forças, que agora tem, para poder melhor conservarse, que de antes.

O terceiro he o da Nobreza, em que se mostra a origem dos Appellidos, e Brazoens de cada uma das Familias do Reyno, noticia taõ desejada atègora, e taõ occulta a quasi todos os que da Nobreza trataraõ, como se vè de seus escritos,

Seguese outro Discurso sobre as Moedas Portuguesas, tratado muito necessario para a intelligencia das historias, computaçoens, e noticia dos tempos; o que neste Discurso se ajusta com a pontualidade possivel; pois se faz pelos textos das mesmas leys, e authoridade das Chronicas deste Reyno.

O Catalogo das Universidades de Hespanha serà agradavel aos estudiosos; principalmente por ser manifesto, que a noticia das Sciencias de Hespanha teve principio na nossa Lusitania.

A advertencia sobre a prègaçaõ do Evangelho nas Provincias de Guinè é quase devida, naõ só por caridade, mas tambem por singular obrigaçaõ, pois em tantos anos se tem feito taõ pouco, ainda que se tem trabalhado tanto, por se naõ accomodarem os meyos à conveniencia da obra, cousa que facilmente parece se pòde alcançar.

O Discurso sobre se evitar a grandeza das Nàos da India; pòde ser que se tenha pelo mais importante; pois por esta causa padece Portugal, quasi todos os annos taõ grandes perdas de gente, fazenda, embarcaçoens, e do principal cabedal deste Reyno, tendo a demasiada grandeza das Nàos contra si tantos exemplos, e

Provisoens Reaes, e o juizo dos mais desinteressados homens, que nellas navegaraõ.

O Discurso sobre os inconvenientes da Peregrinaçaõ pode servir para nos aproveitarmos do tempo, procurando empregallo mais no conhecimento da nossa patria, que das alheyas. E debaixo do titulo deste mesmo discurso foraõ (por inadvertencia do Impressor) os Elogios seguintes, a saber.

O Catalogo dos Cardeaes que escrevi ha muitos anos; porque vulgarmente senaõ sabia delles sendo Varoens taõ insignes, e Principes da Igreja; e ainda que ao presente nos Authores modernos se faz mençaõ de alguns delles, com tudo naõ he de todos, nem se achaõ juntos como aqui vaõ.

O Elogio do P. Fr. Bernardo de Brito fiz entre outros muitos, que deste argumento tenho compostos; e pareceo tambem ao Reverendissimo P. Fr. Antonio Brandaõ Abbade de Alcobaça, e Geral neste Reyno dos Religiosos de Cister, que mo pedio para a primeira, e segunda parte da Monarquia Lusitana, a que o P. Fr. Bernardo deu principio. Não teve o Padre Geral tempo para dar à execução o que desejava: mas nem por isso he razaõ que por esta causa falte ao Padre Fr. Bernardo a demonstraçaõ do agradecimento que todos os Portugueses devemos à sua boa memoria.

A inclita Cidade de Evora he dignissima de soberanos Elogios, pois a ella reconhece este Reyno o principio de sua liberdade, e merece por isso eternos louvores. O Reverendo Abbade de Pera quiz referir parte deste Elogio nos seus Successos militares; mas como està alli impresso taõ diminuto, e com tantos erros, me pareceo se devia publicar na fórma, em que primeiramente foy escrito.

O Elogio delRey D. Joaõ III. he feito por Antonio de Castilho Chronista Mòr que foy deste Reyno, e do Conselho delRey D. Sebastiaõ, e seu Embaixador em Inglaterra, e hum dos homens, que melhor fallaraõ a lingua Portuguesa, a juizo de todos os doutos: e assim por esta causa, como por ser de hum Rey, que governou com mayor acerto, e felicidade a Portugal, me pareceo muy conveniente

tirallo das trevas do esquecimento em que estava sepultado; pois he dignissimo de sahir à luz, e andar nas mãos de todos. E se antigamente como affirma Plinio, era mais prezada a Coroa de Carvalho, que se concedia ao que conservava a vida de hum Cidadaõ Romano, que as dos mais preciosos metaes, e Seneca diz della: *Nullum ornamentum Principis fastigio dignius, pulchriusque est, quam illa corona ob cives servatos*; com razaõ deve ser estimada esta minha diligencia; pois com elle se conserva, naõ sómente a memoria quasi acabada de tal Cidadaõ, e taõ Illustre Escritor; mas ainda a do governo de hum nosso Principe natural, cujos prudentissimos dictames pòdem ser exemplos aos melhores Politicos do Mundo.

No mesmo estado passava esquecido o Panegyrico da Senhora Infanta Dona Maria digna dos mayores louvores entre as Princesas do seu tempo por suas insignes virtudes, e por a excellencia singular de seu engenho. Foy composiçaõ do nosso grande Joaõ de Barros; o qual como seu pay era morador de Viseu, celebrou com este Panegyrico a boa sorte daquella Cidade, quando ElRey D. Joaõ a deu à Senhora Infanta com titulo de Duquesa della. He obra igual ao Panegyrico de Trajano, que se estima pela melhor de Plinio: ainda que para o engenho de Joaõ de Barros se pode ter esta por huma pequena linha; com tudo quando ella he lançada pela maõ de Apelles, naõ fica sendo de menor estima, que a mais famosa imagem de Phidias. E como o Elogio de Joaõ de Barros ao mesmo Rey D. Joaõ o III. he obra, em que se ve a grande erudiçaõ, e delicadissimos pensamentos de hum homem taõ excellente, se imprime agora, ainda que com alguns erros, que senaõ puderaõ emmendar na falta do original, e de copia exactissima; e como estes Elogios naõ tinhaõ ordem, se lhes deo a que pedia a sua materia.

LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M.R.P.D. CAETANO DE GOUVEA C.R. Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico da Academia Real, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR,

Vi as Noticias de Portugal de Manoel Severim de Faria com as addiçoens, que de novo se lhe acrescentaõ, e com o excellente Panegyrico, que o grande Joaõ de Barros fez a ElRey D. Joaõ III. e nenhuma cousa encontrey opposta à pureza da Fè, e bons costumes, pelo que me parece este Livro digno da licença para se tornar a imprimir. Lisboa Occidental 13. de Outubro de 1739.

D. Caetano de Gouvea C.R.

Vista a informaçaõ, pode-se tornar a imprimir o livro de que se trata, com as addiçoens, que se apprezentaõ, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 13. de Outubro de 1739.

Fr. R. de Alencastre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

Póde-se tornar a imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra, sem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 14. de Outubro de 1739.

Gouvea.

DO PAÇO.

Aprovação do M. R. P. D. Antonio Caetano de Sousa C. R. Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Cruzada, e Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

Este Livro que no anno de 1655. imprimio Manoel Severim de Faria Chantre na Cathedral da Cidade de Evora, com o titulo Noticias de Portugal, foy estimado dos Erudîtos, como merecia a producçaõ de hum taõ insigne Antiquario, como foy Manoel Severim de Faria, a cujos incansaveis estudos devem huma grande luz todos os curiosos da nossa historia, e he bem de sentir, que se perdessem, ou sepultassem, que he tudo o mesmo, as diversas obras, e memorias, que elle escreveo, que tanto acreditavaõ a patria, em cujo obsequio trabalhou toda a vida este Eruditissimo Author. Esta obra, que agora se pertende juntamente reimprimir, se hia fazendo taõ rara, que difficultosamente poderia chegar às mãos daquelles, que se applicaõ com curiosidade a ler, assim he de louvar o zelo de novo se imprimir com addiçoens, que a fazem mais estimavel por serem noticias, que instruem, e poem a obra depois de quasi hum seculo no nosso tempo. No fim se lhe ajunta aquelle celebre Panegyrico feito no anno de 1533. a ElRey D. Joaõ III. por aquelle insigne Varaõ o grande Joaõ de Barros, cujo nome he o mayor Elogio, para a recomendaçaõ da obra. Assim, Senhor, nenhum motivo pòde haver para que senaõ dè a Manoel da Conceiçaõ a licença, que pede. Este he o meu parecer. V. Magestade mandarà o que for servido. Lisboa Occidental na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia 18. de Outubro de 1739.

D. Antonio Caetano de Sousa C. R.

Que se possa imprimir com o acrecentamento junto, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, e dar licença, que sem isso naõ correrà. Lisboa Occidental 20. de Outubro de 1739.

Pereira. Teixeira. Cardeal. Vaz de Carvalho. Coelho.

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

Visto estar conforme com o seu original, pòde correr. Lisboa Occidental 5. de Abril de 1740.

Fr. R. de Allencastre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

Visto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 5. de Abril de 1740.

Gouvea.

DO PAÇO.

Taxaõ este livro em mil e duzentos reis em papel para que possa correr. Lisboa Occidental 4. de Abril de 1740.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho

VIDA
DE
MANOEL SEVERIM DE FARIA:

Escrita pelo Adicionador.

Entre os grandes homens de que Lisboa tem a gloria de ter sido Patria, foy hum Manoel Severim de Faria, que teve por Pays a Gaspar Gil Severim Executor Mòr do Reyno, e Escrivaõ da Fazenda Real, e sua segunda mulher Dona Juliana de Faria. Naõ pude descobrir o dia, em que veyo à luz do Mundo, mas pela idade, em que falleceo, devia de ser o anno do seu nascimento o de 1581. ou 82. Sendo ainda menino foy para Evora assistir em casa de seu Tio Balthesar de Faria Severim, Chantre que era daquella antiga, e illustre Cathedral. Aprendeo em Evora Filosofia, e Theologia, em que fez progressos taõ grandes, que em ambas estas Faculdades tomou o gràо. Vendo-o o Tio jà capaz, naõ menos pelos annos, que pelas letras, de lhe succeder no Chantrado, o renunciou nelle em 16. de Setembro de 1609. e depois de lhe dar a posse, se recolheo ao Convento da Cartuxa da mesma Cidade, aonde professando com o nome de D. Basilio, deixou dos seus estudos, e virtudes igual memoria. Naõ se esqueceo Manoel Severim de Faria com a nova Dignidade do que estudàra, como muitas vezes succede; mas procurando adiantarse cada vez mais em todo o genero de Sciencias, se applicou à liçaõ da Sagrada Escritura, da Theologia Mystica, da Historia, da Politica, da Geographia, e das Antiguidades Romanas, e Portuguesas, em que foy insigne. A mayor parte do rendimento daquelle pingue beneficio converteo em livros, de que juntou huma grande copia, naõ só estimavel pelo numero, como pela qualidade, pois àlem de algũs, a que a raridade dos exemplares fazia preciosos, se achavaõ naquella celebre Livraria

alguns Volumes escritos no Papyro do Egypto, outros em folhas de palmas com pena de ferro, a que chamaõ estilo, e entre elles as obras de Fr. Luiz de Granada traduzidas na lingua do Japaõ. A sua generosa, e conhecida curiosidade o fez Senhor de hum thesouro de Moedas Romanas, e Portuguesas, pois como se lè em algumas das suas obras, eraõ tantas as que se lhe levavaõ, que parece que a terra se desentranhava para o enriquecer. Conservou grande numero de vasos, e outras reliquias da grandeza Romana, de que formou hum Museo digno de hum Principe; mas por sua morte desapareceo de maneira, que delle naõ ha mais que huma lastimosa tradiçaõ. Tendo renunciado em outro Sobrinho seu do mesmo nome o Chantrado de Evora, depois de huma dilatada emfermidade de Tericia, falleceo naquella Cidade em 16. de Dezembro de 1655. em idade de setenta, e dous annos. Foy de boa estatura, muito corpulento, olhos azues, naturalmente descorado, mas de agradavel presença. O seu Cadaver foy levado com a mayor pompa que se pòde considerar, porque àlem das Communidades Religiosas, da Cleresia, e Confrarias da Cidade, concorreo toda a Nobreza, e Povo, porque de todos era igualmente bemquisto, e respeitado. Deose lhe sepultura em hum dos angulos da Cemiterio da Cartuxa, e sobre a Campa, em que estaõ abertas as Armas dos Severins, e Farias, se lè esta inscripçaõ.

Manoel Severim de Faria Chantre, e Conego da Sè de Evora, elegeo para si esta Sepultura, assim por sua devoçaõ, como por estar nella o Corpo do P. D. Basilio de Faria seu Tio, que falleceo sendo do Prior deste Convento a 5. de Abril de 1625.

INDEX

DOS PARAGRAFOS, QUE SE CONTEM neste Livro.

DISCURSO I.

Dos meyos com que Portugal pòde crescer em grande numero de gente, para augmento da Milicia, Agricultura, e Navegaçaõ. §. I. pag. 1.

Como a gente naturalmente se multiplica, e deste Reyno se vay diminuindo do anno de 500. a esta parte, e as causas porque. §. 2. p. 5.

Do remedio para a falta da gente, da primeira causa, que saõ as Conquistas. §. 2. pag. 10.

Como se remediarà a segunda causa da falta da gente com a introducçaõ de algumas artes mechanicas. §. 4. pag. 15.

Do remedio da terceira causa da falta da gente, que saõ as novas Colonias no Reyno. §. 5. pag. 20.

De outro remedio para a falta da gente popular, que he o amparo dos orfaõs. §. 6. pag. 25.

Do remedio da primeira causa da extincçaõ da Nobreza pela uniaõ dos Morgados. §. 7. pag. 28.

Do remedio da segunda causa da falta da Nobreza, com a diminuiçaõ da grandeza dos dotes. §. 8 pag. 30.

DISCURSO II.

Sobre a ordem da Milicia, que antigamente avia em Portugal, e das forças militares que hoje tem, para se conservar, e ficar superior a seus contrarios. §. 1. pag. 32.

Do officio, que fazia ElRey no Exercito, e dos Ministros, que serviaõ à pessoa Real na guerra, e da dignidade do Condestable. §. 2. pag. 35.

Do Marichal. §. 3. pag. 38.

Do Alferes Mòr, e Capitaõ dos Genetes. §. 4. pag. 39.

Dos Annadeis, e Coudeis Mòres. §. 5. pag. 41.

Do Adail Mór, e Almocadeis, e Ceremonias com que eraõ creados. §. 6. p. 42.

Das gentes, de que constava o Exercito. §. 7. pag. 43.

Das Leys Militares, que se guardavaõ no Exercito. §. 8. pag. 46.

Da guerra de Castella. §. 9. pag. 48.

Da Milicia da Ordenança. §. 10. pag. 54.

Das armas. §. 11. pag. 56.

Das Fronteiras do Reyno, e Alcaides Mòres das fortalezas. §. 12. p. 59.

Da Milicia maritima, e do officio de Almirante. §. 13. pag. 63.

Do Capitaõ Mòr, e General das Galès. §. 14. pag. 65.

Das Armadas ordinarias do Reyno, e da grande brevidade, com que em Lisboa se aprestaraõ poderosos socorros para fóra da Barra. §. 15. pag. 67.

Do modo, com que se ordenou andassem armados os Navios do comercio do Reyno. §. 16. p. 72.

Da instituiçaõ das Ordens Militares, para defender o Reyno. §. 17. p. 74.

DISCURSO III.

Da Nobreza das Familias de Portugal, com a noticia, de sua antiguidade, origem dos Appellidos, e razaõ dos Brazoens das Armas de cada huma. §. 1. p. 81.

Da origem dos Appellidos dos Nobres de Portugal. §. 2. p. 84.

Das origens das armas que trazem os Fidalgos e Nobres de Portugal. §.3. p. 86.

Da origem dos Leoens, e Aguias, e outros Animaes, que se trazem nos Escudos. §. 4. p. 87.

Da origem das Faxas, Bandas, Barras, Esquaques, que se trazem nos Escudos. §. 5. p. 89.

Da origem das Cruzes floreteadas, Cruzes da Cruzada, e de S. Jorge, que se trazem nos Escudos. §. 6. p. 90.

Da origem das Aspas. §. 7. p. 93.

Da origem das Vieiras. §. 8. p. 94.

Da origem das meyas Luas. §. 9. p. 95.

Da origem das Estrellas. §. 10. p. 96.

Da origem das Arruellas. §. 11. p. 97.

Da origem das flores de Lis. §. 12. ibidem.

Dos Castellos. §. 13. p. 98.

Cifras dos Appellidos. §. 14. p. 99.

Descendencia. §. 15. p. 101.

Armas tomadas por casos particulares. §. 16. p. 104.

Origem dos Timbres. §. 17. p. 108.

Dos Oficiaes, que os Reys de Portugal crearaõ para conservaçaõ das insignias dos Nobres, e da Casa das armas de Cintra. §. 18. p. 109.

Do modo com que saõ postos os nomes aos Officiaes da Armaria. §.19. p. 117.

Dos titulos, que antigamente se davaõ aos Grandes do Reyno, e particularmente dos Ricos Homens. §. 20. p. 120.

Dos Vassallos. §. 21. p. 122.

Dos Infançoens. §. 22. p. 124.

Da antiguidade dos Duques em Portugal, e do que a sua dignidade pertence §. 23. p. 126.

Dos Marqueses, que ha no Reyno, e das ceremonias com que eraõ creados antigamente. §. 24. p. 136.

Da origem dos Condes, e sua antiguidade, e preeminencia em Portugal. §. 25. p. 133.

Dos Viscondes, e Baroens. §. 26. p. 138.

Do titulo de Senhor. §. 27. p. 140.

Da dignidade da Cavalleria. §. 28. p. 141.

DISCURSO IV.

Sobre as Moedas de Portugal. §. 1. p. 144.

Moedas Romanas. §. 2. p. 145.

Moedas Goticas. §. 3. p. 147.

Leovigildo. §. 4. p. 148.

Hermenegildo. §. 5. p. 149.

Recaredo. §. 6. p. 151.

Liuva §. 7. p. 152.

Uviterico. §. 8. p. 153.

Gundemaro. §. 9. p. 154.

Sisebuto. §. 10. p. ibidem.

Sventila. §. 11. p. 156.

Sissenando. §. 12. p. 157.

Tulgan. §. 13. p. ibidem.

Chindasvindo. §. 14. p. 158.

Recesvinto. §. 15. p. ibidem.

Uvamba. §. 16. p. 80.

Ervigio. §. 17. p. 161.

Egica. §. 18. p. 162.

Uvitiza. §. 19. p. 164.

D. Rodrigo, §. 20. p. ibidem.

Moedas Arabigas. §. 21. p. 165.

Moedas dos Reys Portugueses. §. 22. p. 168.

Dobras delRey D. Sancho. §. 23. p. 169.

Moedas delRey D. Affonso IV. §. 24. p. 170.

Moedas delRey D. Pedro. §. 25. p. ibidem.

Dos Gentis, Barbudas, Graves, Pilartes, e Fortes delRey D. Fernando. §. 26. p. 171.

Moedas delRey D. Joaõ I. §. 27. p. 173.

Moedas delRey. D. Duarte. §. 28. p. 174.

Moedas delRey D. Affonso V. §. 29. p. 175.

Moedas delRey D. Joaõ II. §. 30. p. 177.

Moedas delRey D. Manoel. §. 31. p. 178.

Moedas delRey D. Joaõ III. §. 32. p. 182.

Moedas delRey D. Sebastiaõ. § 33. p. 181.

Moedas delRey D.Joaõ IV. §. 34. p. 182.

Moedas delRey D. Affonso VI. §. 35. p. 183.

Moedas DelRey D. Pedro II. §. 36. p. 184.

Moedas DelRey D. Joaõ V. §. 37. p. 185.

Das Livras. §. 38. p. 187.

Das Livras de dez soldos. §. 36. p. 188.

De outras Livras, que valiaõ dez Livrinhas sómente. §. 40. p. 189.

Dos Soldos. §. 41. p. 190.

Dos Dinheiros. §. 42. p. 191.

Das Mealhas. §. 43. p. 194.

De outras Moedas Estrangeiras, que corriaõ no Reyno. §. 41. p. ibidem.

DISCURSO V.

Sobre as Universidades de Hespanha. §. 1 p. 196.

Principio das Sciencias na Lusitania. §. 2. p. 197.

Catalogo das Universidades de Hespanha: Universidades de Portugal: Universidade de Coimbra. §. 3. p. 200.

Universidade de Evora. §. 4. p. 202.

Universidade de Salamanca. §. 5. p. 203.

Universidade de Toledo. §. 6. p. 204.

Siguença. §. 7. p. 205.

Alcalà de Henares. §. 8. ibidem.

Osma. §. 9. p. 206.

Avila. §. 10. p. ibidem.

Valhadolid. §. 11. p. 207.

Oropesa. §. 12. p. ibidem.

Ossuna. §. 13. p. ibidem.

Sevilha. §. 14. p. 208.

Granada. §. 15. p. ibidem.

Baeça. §. 16. ibidem.

Murcia. §. 17. p. 209.

Compostella. §. 18. p. ibidem.

Onhate. §. 19. p. 210.

Oviedo. §. 20. p. ibidem.

Huesca. §. 21. p. 211.

Çaragoça. §. 22. ibidem.

Lerida. §. 23. ibidem.

Perpinhaõ. §. 24. p. 212.

Barcelona. §. 25. ibidem.

Tarragona. §. 26. ibidem.

Girona. §. 27. p. 220.

Valença. § 28. p. 215.

Luchente. §. 29. ibidem.

Origuela. §. 30. ibidem.

Gandia. §. 31. p. 214.

Hirache. §. 32. ibidem.

Estella. §. 33. p. 215.

Pamplona. §. 34. p. ibidem.

DISCURSO VI

Sobre a propagação do Evangelho nas Provincias de Guinè. Das condiçoens, com que os Summos Pontifices deraõ aos Reys de Portugal o Senhorio de Guinè. §. 1. p. 216.

Das causas porque em tantos annos se tem feito taõ pouco fruito na conversaõ dos Povos de Guinè. §. 2. p. 227.

De como se pòdem remediar todas essas tres cousas, avendo Seminarios destas naçoens. §. 3. p. 222.

Do proveito temporal, que resultarà à Coroa de Portugal de se fazerem estes Seminarios. §. 4. p. 222.

Como se poderaõ fazer os Seminarios com pouco custo. §. 5. p. 226.

DISCURSO VII.

Sobre as causas dos muitos naufragios, que fazem as Nàos da Carreira da India, pela grandeza dellas. p. 230.

DISCURSO VIII.

Sobre a Peregrinaçaõ. p. 237.

ELOGIOS.

Memorial de alguns Cardeaes Portugueses. p. 247.

S. Damaso Summo Pontifice. §. 1. ibidem.

O Cardeal D. Payo. §. 3. p. 249.

O Cardeal D. Joaõ. §. 3. p. 250.

Joaõ XX. dito XXI. Summo Pontifice. §. 4. p. 251.

O Cardeal D. Martinho. §. 5. p. 252.

O Cardeal D. Joaõ Affonso de Azambuja. §. 6. ibidem.

O Cardeal D. Pedro da Fonseca. §. 7. p. 254.

O Cardeal D. Antaõ Martins de Chaves. §. 8. p. 255.

D. Luiz de Amaral. §. 9. p. 257.

O Cardeal D. Gemes. §. 10. p. 258.

O Cardeal D. George da Costa. §. 11. p. 259.

O Cardeal D. Affonso. §. 12. p. 263.
O Cardeal D. Miguel da Sylva. §. 13. p. 264.
O Cardeal D. Henrique. §. 14. p. 266.
O Cardeal D. Verissimo de Lencastro. §. 15. p. 267.
O Cardeal D. Luiz de Sousa. §. 16. p. 269.
O Cardeal Nuno da Cunha de Ataide. §. 17. p. 273.
O Cardeal D. Jozè Pereira de Lacerda. §. 18. p. 275.
O Cardeal D. Joaõ da Mota, e Silva. §. 19. p. 277.
O Cardeal D. Thomàs de Almeida. §. 20. p. 278.
Panegyrico a ElRey D. Joaõ III. por Joaõ de Barros. p. 287.
Elogio a ElRey D. Joaõ III. por Antonio de Castilho. p. 381.
Panegyrico à Infanta Dona Maria. p. 395.
Elogio do Doutor Fr. Bernardo de Brito. p. 430.
Elogio de Evora. p. 441.

ERRATA.

Pag.	*Regra*	*Erratas*	*Emendas.*
4.	21.	da Sedas	das Sedas
4.	30.	cousrs	cousas
22.	23.	Chancea	Charneca
56.	§.	II.	XI.
63.	§.	XI.	XIII.
74.	§.	VII.	XVII.
101.	9.	Denarcius	Denarius
196.	2.	do prismeiro	do primeiro
197.	3.	que o mesmo luso	que he o mesmo que luso.
210.	§.	IXX.	XIX.
213.	§.	XXXX.	XXX.
231.		alijada	alojada.
239.		se pos a pag. 139.	em lugar de 239.
245.	1.	carere	carcere.
257.	32.	a despeito	a respeito
307.	30.	estas cheas	estaõ cheas
319.	3.	por sobre Epiphanes	por sobrenome Epiphanes
347.	34.	lembarse	lembrarse
348.	10.	muita	muito.
377.	31.	desengavava	desenganava
386.	37.	departir	repartir
405.	22.	hostorias	historias
411.	19.	Nanoles	Napoles

Imagem decorativa

DISCURSO I.

Dos meyos com que Portugal pode crescer em grande numero de gente, para augmento da Milicia, Agricultura, e Navegaçaõ.

§. I.

QUERENDO Salamaõ encarecer, quanto importava ao Rey, e ao Reyno haver muita gente nelle, diz no cap. 4 das suas Parabolas: *In multitudine populi dignitas, & in paucitate plebis ignominia Principis*. Que he o mesmo que dizer: A grandeza dos Reys està na multidaõ do povo, e dos poucos Vassallos nasce a falta da reputaçaõ do Principe. A razaõ he, porque a multidaõ dos subditos defende o senhorio proprio, e pòde conquistar o alheyo. A multidaõ da gente cultiva o terreno, de maneira, que naõ sómente basta para os naturaes, mas pòde prover os estranhos. Da muita gente se colhe a riqueza do Principe pelos direitos, que se pagaõ dos frutos da terra, obras de mãos, e mercancias. Acontece isto naturalmente; porque como cada hum procura a sustentaçaõ de sua propria vida por preceito natural, tanto que chega a idade conveniente, de força a ha de buscar pelos meyos, com que melhor, e com mais commodidade a possa alcançar. Estes commummente se reduzem a quatro, que saõ Agricultura, para a sustentaçaõ necessaria às Artes mechanicas, para a vida politica, e à Mercancia, para levar os frutos proprios às Provincias alheyas, e trazer das alheyas, os que nos faltaõ, e à Milicia, para defensaõ da patria. Pela qual razaõ fica claro, que onde houver muita gente, haverà muita Agricultura, muitas Artes, e muita Mercancia, e muitos Soldados; que saõ as quatro cousas, em que se funda, e consiste a riqueza, o poder, e a felicidade de hum Reyno.

Tratando primeiramente da lavoura, e Agricultura, he de notar, que para por esta via se tirarem della muitas riquezas, he necessario haver muita gente. Grande exemplo temos disto em nossa Espanha no Reyno de Granada; porque no tempo que os Arabes estavaõ Senhores deste Reyno, por ser entaõ habitado de muitos Mouros, que lançados de todas as mais partes de Espanha, se foraõ recolhendo nelle, todos os montes se viaõ cubertos de vinhas, e arvores fructiferas, os valles, e campinas de sementeiras, e hortas, de maneira que naõ se podia ver no mundo terra mais abastada, e abundante de todas as cousas.[1] E era tanto isto assim, que sómente as folhas das amoreiras da Veiga de Granada rendiaõ a ElRey mais de 30U. cruzados, e as rendas das sedas, que se creavaõ no Reyno, rendiaõ mais de 42. contos,[2] e punha o Rey de Granada mais homens de cavallo em campo, que os outros Reynos de Espanha; com serem os mais delles muito mayores, que o de Granada;[3] o qual agora pela falta, que tem de gente, està taõ dessemelhante daquelle tempo, como se naõ fora o mesmo torraõ da terra, e por esta causa vieraõ as rendas delRey naquelle Reyno a tanta quebra, que naõ chegaõ hoje a ametade do que dantes valiaõ.

Na China por ser infinita a gente, he tanto o mantimento, que dà a terra, e tanta a industria com que a cultivaõ seus naturaes, que sendo elles tantos, que por não caberem nas povoaçoens, habitaõ em barcos nos rios, e enseadas; comtudo naõ padecem falta delles, antes os levaõ della continuamente de mercadoria para outras partes.

Nem contra isto se pòde dizer, que ainda, que haja muita gente naõ haverà cultivaçaõ da terra, se ella for de si infructifera, e esteril; porque confórme aos naturaes, e o que se nota nas leys das partidas,[4] nenhuma terra he infructifera; antes he cousa certa, que se alguma terra naõ for boa para dar trigo, serà para produsir cevada, centeyo, ou milho; e quando naõ, serà conveniente para vinhas, pastos de gado, mel, e cera; e a que naõ poder produzir árvores de fruto, darà arvores silvestres, ou pinheiros para madeira, como temos por exemplo nas terras, que estaõ da outra banda do Tejo defronte de Lisboa, onde vemos huma area solta dar

excellentes vinhas, e produsir infinidade de pinheiros, e lenha, sem a qual se naõ poderia sustentar o grande povo de Lisboa.[5] O Author das Chiliadas diz, que as campinas de Brabante saõ de area esteril, mas os naturaes com sua multidaõ, e industria as fazem abundar de trigo, mostrando a experiencia contra o proverbio, que naõ he trabalho baldado lançar semente na area: *In Brabantia*, diz elle, *fiunt agricolæ tam industrij, qui sitientissimas arenas cogunt & triticum ferre*. Bem se vè logo, que onde houver muita gente haverà todos os frutos, e proveitos, que da terra se pòdem tirar, e que a falta da gente he a causa da caristia delles.

Quanto às artes, e industria, com que grande parte do povo se mantèm; estas naõ as pòde haver, nem pòdem florecer onde naõ houver muita gente; porque huns ensinaõ os outros, e inventando cada hum novas cousas, fica aos outros mais facil aperfeiçoarem a arte, confórme ao que se diz: *Facilius est inventis addere*. E assim vemos, que depois, que os Estados de Flandes cresceraõ em multidaõ de gente, floreceraõ entre elles mais artes, e industria, que entre todas as mais naçoens de Europa. Porque nesta Provincia se tecem as ricas, e maravilhosas tapeçarias, de que se usa em todo o mundo; que por esta causa se chamaraõ pannos de Arràs, tomando o nome da principal Cidade, em que se principiaraõ; nella se fazem as mais, e as melhores impressões de livros; della vem as pinturas, as olandas, os cofres, e caixas, os espelhos, e milhares de miudezas, e brincos, que em nenhuma outra parte do mundo se fazem, se naõ nesta: donde vem a ser huma das mais ricas Provincias de Europa; sendo assim, que naõ tem minas de ouro, nem prata.

Em Alemanha, por haver muita gente, florece tanto a mechanica, que a ella se attribue a invenção da impressaõ, polvora, e artilheria, as maravilhosas fabricas dos relogios, e dos mais dos instrumentos Mathematicos; de entre elles sahio a artificiosa invençaõ do papel, de que hoje usamos, das quaes cousas todos os antigos naõ tiveraõ noticia.

Isto nasce da multidaõ da gente de Alemanha, que por ser muita, cada hum busca por sua industria, e arte seu melhoramento, e de maneira tem em honra esta occupaçaõ, que desde o Emperador, atè

o ultimo homem da Republica se professa algum officio mechanico, e se preza muito de fazer obras de mayor preço. Esta foy a causa porque antigamente em Grecia chegaraõ a tanta perfeiçaõ as artes da pintura, e escultura, porque segundo Plinio[6] toda a nobreza se occupava nellas: o que durou tanto tempo naquella regiaõ, que ainda se refere do Emperador Theodosio II. que as illuminaçoens, que fazia, vendia por grande preço, e se prezava muito disso.

O mesmo succede na China, a qual por ser a mais povoada Provincia do Oriente, tem mais artificios, e obras mechanicas, que todas as outras; porque della vem os leitos, escritorios, bofetes, e mesas douradas, as camas bordadas de ouro, e seda, as perçolanas finas, as telilhas, damascos, tafetàs, e outras mil invençoens da sedas em tão grande quantidade, que todas as Provincias do mundo estaõ cheyas destas mercadorias; e ainda confórme à opiniaõ de alguns modernos, elles acharaõ primeiro, que os Alemaens, o papel, a impressaõ, a polvora, e fundiçaõ da artilharia.

Da copia da Agricultura, e das Mechanicas nasce a mercancia; porque naõ sendo os frutos da terra, e materiaes comuns a todas as Provincias, procuraõ os mercadores levar os frutos, e obras, que nas patrias tem de sobejo a outras partes, onde as taes cousas faltaõ; e trazerem dellas as que se naõ daõ nas suas terras; o que naõ pòde ser, se não havendo abundancia de gente, que se possa occupar nestes tratos, e viagens, como vemos em Alemanha, Flandes, Inglaterra, Italia, e na China,[7] que com a multidaõ de seus baixeis mercantis correm o mundo todo, e o enchem de suas mercadorias.

Porèm para nenhuma cousa he mais necessaria a multidaõ de gente, que para a Milicia; porque como os soldados saõ ordinariamente a gente superflua na Republica, naõ havendo destes muitos, naõ pòde haver exercitos grandes, com os quaes sómente se fundaraõ as quatro Monarquias. Dos Assirios, e Persas lemos, que os exercitos eraõ taõ grandes, que lhes naõ bastavão para beber as agoas dos rios. Os successores de Alexandre, que podemos dizer foraõ os possuidores da Monarquia Grega, tambem

se valeraõ de exercitos grossissimos, e a Republica Romana adquirio o senhorio do mundo, não menos com o grande numero das suas Legioens, que com sua prudencia, e valor. A ruina do Imperio de Roma foy mais causada das innumeraveis gentes, que do Norte sahiraõ, que não de sua destreza militar: o mesmo experimentamos no senhorio dos Arabes, que com sua multidaõ subjugarão o Imperio Grego, o Egypto, e Africa, e tiveraõ muito tempo tiranizada a Espanha. Pelo que sem grande numero de gente, não se pòde adquirir, ou conservar, grande Senhorio.

§. II.

Como a gente naturalmente se multiplica, e deste Reyno se vay diminuindo do anno de 500. a esta parte, e as causas porque.

Se quizermos considerar o que ordinariamente lemos nas historias antigas, não poderemos deixar de confessar, que do tempo do diluvio, ate o presente, sempre a geraçaõ humana foy em grande crescimento, e que de cada vez vay em mayor augmento, e multiplicaçaõ. Porque deixadas as historias muito antigas, e da Sagrada Escritura, onde vemos, que de oito pessoas, que escaparaõ do diluvio, se encheo o mundo de gente, e de 70. que da familia de Jacob entrarão em Egypto, sahirão depois 600000. soldados de peleja, a fóra as mulheres, e meninos: quem ler, e vir as taboas da Geographia de Ptolomeu, e depois os Mapas, que traz Abraham Ortelio no seu Theatro do mundo, verà claramente como em cada Provincia erão sem comparação muito menos as Villas, e Cidades no tempo de Ptolomeu, que as que sabemos estão hoje edificadas, e habitadas. Nem contra isto se pòde dizer, que naquelle tempo se não sabia tanto das Provincias, como hoje se sabe; porque isso seria da India, e de outras terras incognitas, de que Ptolomeu não podia ter perfeita noticia; mas o que trazemos por exemplo, saõ as Provincias da nossa Europa, como Italia, França e Espanha; nas quaes hà agora em cada huma muitas mais povoaçoens do que dantes havia. Bozio contra Machiavelo lib. 3. cap. I. nomea só no Reyno de Napoles muitos milhares de povos mais, que os que tinha toda Italia antigamente segundo Estrabo,

Ptolomeu, e Plinio, o qual chega a contar atè os Casaes, e Bozio não conta lugar de menos de 300. visinhos. Flandes, que hoje contèm em si 17. Estados nobilissimos, nos quaes se contaõ 208. Cidades, e mais de 6300. Villas, sem contar as Aldeas, Castellos, e Fortalezas, que saõ em grandissimo numero, sabemos, que no anno de 878, o Papa Joaõ VIII.[8] no Synodo de Troyes concedeo hum só Bispo a Flandes, por ser terra até aquelle tempo cheya de bosques, e pouco povoada, e que então se começava a cultivar, e habitar. E as Ilhas de Holanda, e Zelanda, que saõ as mais povoadas destes Estados, quasi neste mesmo tempo estavão ainda cobertas do mar Oceano, do qual se foraõ descobrindo pouco, e pouco, e agora estaõ todas cheyas de fortissimas, e riquissimas Cidades. Colligese tambem esta mesma verdade dos livros das Cidades de Joaõ Braum, onde se vèm quasi todas com duas cercas, e muralhas; as primeiras, e mais antigas mais pequenas, e quasi interiores, e as modernas muito mais grandes, e capazes, que por os povos crescerem em grande numero, e naõ caberem nos primeiros muros, vem a ser necessarios outros mayores. E para que nos não cansemos com exemplos estrangeiros, venhamos a este nosso Reyno; o qual do tempo delRey D. Afonso Henriques, atè o em que estamos, naõ cresceo menos, que qualquer das outras Provincias, que acima nomeamos. O que se colige evidentemente das Villas, e Cidades fundadas pelos Reys Portuguezes, assim neste Reyno, como fóra delle (alèm das muitas, que particulares Senhores edificarão, e lhes derão seus Foraes) fundou ElRey D. Afonso Henriques de novo as Villas de Almada, Villa-Franca, Villa-Verde, Azambuja, e Lourinhãa. No tempo delRey D. Sancho se povoaraõ por seu mandado as Villas de Penamacor, Sortelha, Valença do Minho, Montemòr o Novo, Penella, Figueirò, Covilhaã, Folgosinho, e a Cidade da Guarda. ElRey D. Afonso III. fez novas povoaçoens em muitas partes do Reyno, que eraõ deshabitadas; entre as quaes edificou de novo Estremòs, e reformou, e povoou de novo a Villa de Pinhel, Vinhaes, Villa-Flor, Mirandella, Freixo de espada na cinta, Villa-Nova de Cerveira, Villa-Real, Muja, Salvaterra, Atalaya, Aceteira, Montargil, e outros muitos lugares; que por todos passaõ de 40. A todos seus antecessores excedeo ElRey D. Diniz, porque podemos dizer, que povoou meyo Reyno. E depois, que o Infante D.

Henrique começou o descobrimento da Costa de Africa, e Ilhas do mar Oceano, e se continuou atè chegar à India, foy esta multiplicaçaõ de gente Portugueza em muito mayor crescimento; porque se povoaraõ todas as Ilhas, Brasil, Costa de Africa, e se fundaraõ de novo todas as Cidades, e Fortalezas, e mais povoaçoens do Estado da India. Pelo que consta, que tem os Portuguezes fundado da Barra para fóra hum numero immenso de povoaçoens, em que entraõ muitas, e grandes Cidades.

Com tudo de prezente experimentamos neste Reyno falta de gente, assim para a milicia, como para a navegaçaõ, e muito mais para a cultivaçaõ da terra; pois por falta da gente Portugueza se servem os mais dos lavradores de escravos de Guinè, e mulatos. Pelo que apontaremos as causas, porque neste Reyno falta a gente do povo, e da nobreza, que parece saõ as seguintes.

A primeira causa da falta da gente, que se padece neste Reyno, saõ as nossas Conquistas; porque estas ainda que foraõ de grande utilidade, assim para a propagaçaõ do Evangelho, como para o comercio do mundo, toda via defraudaraõ muito este Reyno da gente, que lhe era necessaria. E assim naõ sómente deste tempo por diante naõ cresceo a gente neste Reyno, como era conveniente para as muitas povoaçoens, que jà nelle havia, e para se poder defender, e offender aos inimigos, mas alèm disto se foy despovoando com as muitas armadas cheyas de gente, que cada anno partem de Portugal para estas Conquistas; e com as muitas Colonias, que se tiraõ para estas povoaçoens. Pelo que ainda que a gente naturalmente và em crescimento, como temos provado; com tudo a nossa naçaõ Portugueza depois, que houve estas Conquistas, se foy diminuindo, naõ por falta da multiplicaçaõ natural, se naõ por os Portuguezes se irem de sua patria a povoar, e fundar tantas Cidades, e lugares, como temos dito, em terras taõ remotas, e taõ largas.[9] Por onde do tempo destes descobrimentos para cà naõ se fundaraõ de novo no Reyno, nem Villas, nem lugares, como atè entaõ se tinhaõ fundado.[10] E passando ElRey D. Joaõ I. à tomada de Ceita com mais de 20U. homens, e ElRey D. Afonso V. às empresas de Africa com exercitos de 30U. homens, no tempo delRey D. Sebastiaõ era jà taõ pouca a gente, que com levar os

mais dos soldados por força, naõ pòde ajuntar mais, que onze mil Portuguezes. Donde claro se mostra naõ sómente, que hà falta de gente em Portugal, mas que a primeira causa della saõ as Conquistas; pois do tempo dellas a esta parte se foy sentindo esta diminuiçaõ. Daqui veyo o ser necessario trazerem se Cafres, e Indios para o serviço ordinario. E já em tempo delRey D. Joaõ III. passava isto em tanto crescimento, que disse Garcia de Resende numa copla da sua Miscellanea.

Vemos no Reyno metter
Tantos cativos crescer
E irem-se os naturaes.
Que se assim for, seraõ mais
Elles que nòs a meu ver.

A segunda, causa porque falta a gente deste Reyno, he por naõ terem officios, com que ganhem de comer por sua industria, que he o meyo, que Deos deo para a sustentaçaõ de cada hum; e como os homens naõ tem de que se sustentem, naõ se querem casar, e muitos com esta occasiaõ se fazem vàdios andando pedindo esmola pelas Cidades, e Villas, homens, e mulheres em taõ grande numero, que parecem exercitos; e a desculpa, que daõ para pedirem, he dizerem, que naõ achaõ em que trabalhar. Outros se passaõ a Reynos estranhos, principalmente para os de Castella pela facilidade da vizinhança, onde antes da Acclamaçaõ havia tantos Portuguezes, que muitas pessoas affirmavaõ, que a quarta parte dos moradores de Sevilha eraõ nascidos em Portugal, e que em muitas ruas daquella Cidade se fallava a nossa lingua, e naõ a Castelhana. Quasi o mesmo se podia dizer de Madrid; e por toda Castella a Velha, e Estremadura he notorio, que os mais dos mechanicos eraõ naturaes deste Reyno, os quaes por não terem cà em que trabalhar, hiaõ là ganhar sua vida.

A terceira causa porque falta a gente popular, he por naõ terem neste Reyno terras, que cultivem, e de que possaõ tirar sua sustentaçaõ, porque a Provincia de entre Douro, e Minho, e as mais atè o Tejo estaõ bastantemente povoadas, e não hà nellas lugar para se fundarem nòvos pòvos, que possa cultivar a gente, que cresce. E Alentejo, que podèra socorrer a esta falta (porque he

quasi tão espaçoso, como o resto do Reyno) como està todo dividido em herdades, e as mais dellas muito grandes, nem se povôa, nem se cultiva. Porque sendo as herdades de muitas folhas, ficão de ordinario as tres partes dellas por semear, faltando por esta causa os muitos frutos, que se dellas poderaõ colher, e a cõmodidade, que poderaõ dar a tantos homens, que não achaõ lugar, onde poder fazer hum recolhimento em que se metaõ: e por isto se embarca tanta gente para fóra da Barra, obrigando-os a necessidade a ir buscar terras, em que vivaõ a outras partes do mundo; pois lhe faltaõ em sua propria patria.

Estas trez saõ as causas da falta da gente popular deste Reyno; mas as da falta da gente nobre se pòdem reduzir a duas. A primeira he a união de muitos Morgados numa pessoa; porque quando se conserva hum Morgado per si, cada possuidor casa, e propaga sua familia; mas juntando-se muitos Morgados numa só pessoa, essa sómente casa, e as mais familias, para que os outros Morgados foraõ instituidos, ficaõ extintas. Isto tem acontecido em Portugal a grande numero de Morgados;[11] e he tão grande este danno, que já os Reys lhe quizeraõ acodir, como se vè no 4. livro das Ord. tit. 100. onde se diz, que com esta união dos Morgados se ficaõ extinguindo as Casas, e Familias, e faltando a gente nobre para a defensaõ, e conservaçaõ do Reyno. Pelo que esta he a principal razão da falta da Nobreza.

A segunda he a grandeza, a que tem chegado os dotes das mulheres nobres; pois vay em tanto excesso, que poucos saõ os Fidalgos, que pòdem casar huma filha, e quasi nenhum duas, como se disse no capitulo das Cortes do Estado da Nobreza a ElRey Nosso Senhor[12] pedindo-lhe remedio para este danno, por ser gravissimo, e que extinguia grandemente a Nobreza de Portugal.

§. III.

Do remedio para a falta da gente da primeira, causa, que saõ as Conquistas.

As Conquistas, que este Reyno intentou fóra da Barra, humas não passarão do Cabo de Boa Esperança, como as Ilhas Terceiras, Madeira, e Cabo-Verde, Costas de Guinè, e Provincias do Brasil; outras foraõ alèm do Cabo, e pertencentes ao Estado da India. Das Colonias, que não passarão o Cabo, padecemos menos prejuizo; porque como estão mais perto, e nellas não intentamos guerras com Principes confinantes, não nos occuparão tanta gente; e os que a ellas forão, tornarão a vir com mais facilidade ao mesmo Reyno. E assim destas Colonias louva muito João Botero aos Portuguezes, dizendo, que elles sós entre todos os povos de Europa se souberão aproveitar das Colonias; e levando a gente, que no Reyno não tinha com que viver, povoarão a Madeira, e o Cabo-Verde, a Ilha de S. Thomè, e o Brasil, membros importantes de seus Estados, donde agora tiraõ grossos retornos de gente, mantimentos, e riquezas: *I Portoghesi* (diz elle) *soli trà tuti i popoli di Europa, si son saputi valer di questa arte, per che con la gente piu povera, e bisognosa, che fosse in quel Regno hano popolato la Madera, il Capo Verde, la Isola di S. Thomaso, il Brasile, membri importanti de gli Stati loro. Onde hora cavano ajuti grossi, & di gente, & di vetovaglie, & di thesori*.

Das nossas Colonias das Ilhas Terceiras, e Madeira foy socorrido este Reyno por vezes com gente, e com cavallos, e com muito trigo. De Angola se tem tirado innumeravel gente, que serve naõ sómente nos engenhos do Brasil, mas ainda neste Reyno, assim na cultivaçaõ do campo, como no serviço ordinario. Da povoaçaõ do Brasil resultou a mercancia do assucar em tanta abundancia, que delle provemos quasi toda Europa. Donde se vè, que estas Colonias naõ nos saõ de tanto prejuizo, porque nos levaõ menos gente.

Porèm na conquista da India naõ succedeo assim; porque estando tantas mil leguas distante de Portugal, e com navegaçaõ taõ perigosa, foy necessario tirar-se do Reyno muita gente tornando pouca, ou nenhuma della; porque se intentaraõ povoar muitas Cidades postas nas fronteiras dos mais poderosos Principes do Oriente, como foy Ormuz na Persia, Dio, e outros pòrtos na Cambaya, Goa junto ao Idalcaõ, Columbo, e outras forças em Ceilaõ, Malaca defronte de Samàtra, as Malucas no estremo do Emispherio, e Macào às portas da China; alèm de outras muitas

Fortalezas, que se naõ referem, para as quaes se requeria grande numero de soldados, e huma despeza infinita.[13] Pelo que foy de opiniaõ D. Francisco de Almeida primeiro Viso-Rey da India, que naquelle[14] Estado naõ nos convinha ter mais que huma, ou duas Fortalezas nos pòrtos, em que haviaõ de invernar as nossas Nàos, e Armadas para poder continuar livremente o comercio: e que fóra disto, quantas mais Fortalezas sustentassemos, tanto mais fracos ficariamos.[15] Deste parecer foraõ muitos Conselheiros delRey D. Manoel, demaneira, que chegou a dizer o Governador Afonso de Albuquerque, que mais merecia a ElRey, por lhe defender Goa dos Portuguezes, que pela tomar duas vezes aos Mouros. Com tudo o contrario se seguio, povoando-se pelos nossos tantas terras, e Ilhas em Asia, como se fosse huma Provincia confinante com Portugal; sendo cousa notoria, que a navegação da India se intentou para comercio, e naõ para conquistas. Porque a conquista só convèm, quando he para segurança do Estado proprio. Mas sendo a India taõ longe de Portugal, e as forças taõ espalhadas, e divididas, naõ podia servir para conservaçaõ deste Reyno, se naõ para diminuiçaõ delle.

Porèm estas razoens politicas forão vencidas da Providencia Divina, que obra suas acçoens contra as causas naturaes, para mostrar, que naõ necessita de nossos meyos para produzir seus effeitos; e assim querendo, que se promulgasse a Fè naquellas Provincias, ordenou, que os nossos Reys, e seus Conselheiros approvassem esta Conquista, e com milagres evidentes ficaraõ os Portuguezes quasi senhores de todos os mares do Oriente, e dos principaes pòrtos de suas Costas, ganhando fama immortal com o soberano esforço, que nestas heroicas empresas mostraraõ, e prègando-se o Sagrado Evangelho por este meyo a todas aquellas Gentes com grande gloria de Deos, e proveito de innumeraveis almas, que se bautizaraõ.[16] Mas andando o tempo, ou por algumas daquellas naçoens se fazerem indignas daquella doutrina por sua contumacia, ou por culpa dos nossos, a quem a cobiça fez faltar na boa administraçaõ dos seus governos, se foraõ perdendo as praças mais distantes; porque por estarem muito apartadas de Goa, naõ poderaõ ser a tempo socorridas: e assim se senhorearaõ nossos

inimigos das Malucas, Ormuz, Malaca, e Mascate. Deste modo ficou o Estado mais proporcionado tendo menos Fortalezas, e naõ taõ desmembrado; pois as principaes se reduzem agora a Moçambique, Goa, Cochim, Columbo, e Dio. Pelo que està hoje a India naõ peyor para o trato das especiarias, que he o principal cõmercio; e juntamente està mais defensavel, se houver nella milicia paga; porque tirando o tempo do Veraõ, em que os soldados andaõ nas Armadas, os Invernos ficaõ na terra, sem terem quem lhes dè de comer, chegando muitos a pedir esmola pelas ruas, e Portarias dos Conventos. Pelo que obrigados huns da necessidade, e outros da cobiça, se passaraõ muitos os annos atrazados à terra firme a servir os Reys Gentios daquellas Provincias; os quaes dando-lhes soldos aventejados, vieraõ a ter muito mayor numero de Portuguezes em seu serviço, do que ElRey de Portugal tinha nas suas Armadas, ou Fortalezas. Com este màо exemplo se foraõ muitos viver nas mesmas povoaçoens dos Gentios acrescentando-as em opulencia, como foy a de Meliapòr, e outras;[17] de modo, que podemos dizer, que muitos pòrtos das Costas da India se povoaraõ de Portuguezes casados na terra em tanto numero, e poder, que muitos delles se intitularaõ Reys, e Senhores dos mesmos lugares, como foy na Ilha de Sundiva, nos Bandeis de Bengalla, em Siriaõ, e em Camboja, e outras partes; posto que todos elles acabaraõ as vidas miseravelmente, castigando-os Deos com grande rigor, por deixarem as terras dos Christaõs, e irem-se viver entre os Gentios. Esta he a causa porque affirma Diogo de Couto,[18] que em tempo de ElRey D. Sebastiaõ avia na India 16U. Portuguezes, e com tudo naõ se poderaõ mandar 800. a Malaca, para a ir governar Antonio Moniz Barreto, nem D. Leoniz Pereira.

Este desamparo dos soldados na India, posto, que sempre se experimentou, atègora se naõ tem remediado, e em quanto se naõ atalhar, havendo naquelle Estado huma milicia com numero certo de Companhias com seus Capitaens, e pagas assinaladas, naõ pòde deixar de se seguir este danno gravissimo: que he pedir-nos a India sempre gente, e naõ se valer o Estado della. Porque no principio os Governadores mandavaõ dar mesa aos soldados no Inverno, porèm de muitos annos a esta parte naõ hà mesas, se naõ em quanto se

curaõ no Hospital. Para o que he de saber, que de dous mil soldados, que vaõ ordinariamente em trez Nàos para a India cada anno, morre grande parte delles na viagem; porque como vaõ sete centos, e oito centos, e inda mais numa Nào, naturalmente adoece, e fallece graõ numero delles, por se corromper o ar dentro das cubertas com os bafos, e immundicias; de maneira, que o mesmo he descer a ellas, que entrar em hum lugar pestilente. E o pobre do soldado, que adoece, naõ tem cama, nem limpeza, nem regalo, nem consolaçaõ alguma.[19] Diogo de Couto na 9. Decada cap. 11. diz que na Nào, em que o Viso-Rey D. Antonio de Noronha passou à India, em que o mesmo Diogo de Couto hia embarcado, partiraõ de Lisboa 900. pessoas, de que na viagem morreraõ as quatro centas, e cincoenta; e que quasi o mesmo foy pelas outras Nàos; porque de 4U. soldados, que o Viso-Rey nellas levava, falleceraõ na viagem os 2U. e Duarte Gomes[20] nas Informaçoens sobre a Companhia Oriental, diz, que na Nào S. Valentim morreraõ quatro centas pessoas, e isto tem acontecido muitas vezes. Pelo que chegando esta soldadesca jà taõ disimada à India, e naõ achando provimento algum, com que se sustente, huns inficionados do mal da viagem, outros do grande desamparo, pobreza, e miseria, e apalpados da terra caem em mayores infirmidades; e assim vaõ quasi todos parar ao Hospital, onde se diz, que muitas vezes fallecem mais de 600. e 700. homens destes: de maneira, que desta soldadesca, que tanto custa à Fazenda Real a pòr na India, se perde a mayor parte, sendo a causa o desamparo, com que se trataõ os soldados naquelle Estado. Pelo que sem haver na India gente paga, e pratica para andar nas Armadas, e presidiar as Fortalezas, naõ se pòde esperar nenhum bom effeito da nossa milicia, pois alèm do que temos dito, toda ella he feita cada anno em Goa tumultuariamente, e de soldados armados com toda a desigualdade, assim no numero, como nas Armas, porque cada hum traz as que quer: de maneira, que em hum Navio os mais levaõ espadas, e rodellas, e vaõ poucos tiros de fogo, e nenhuns mosquetes. Alèm disso os mesmos soldados saõ de ordinario bizonhos, e naõ quaes convèm à milicia; porque os soldados, que em Lisboa se assentaõ nas nossas Náos, saõ os mais delles moços de quinze, e dezeseis annos que vem a ser huma infantaria pueril: e por isso vindo a pelejar com os inimigos

de Europa, ficamos quasi sempre na India inferiores nos successos pela grande ventagem, que nos levaõ na escolha dos soldados, nas armas, e na ordem da milicia: o que nos naõ tem acontecido na Ethiopia, e Brasil, onde muitas vezes vencemos a estes mesmos contrarios, por termos milicia ordenada.

Contra esta nossa desordem nos pòdem servir de exemplo os mesmos Holandeses; pois em cada embarcaçaõ naõ levaõ de ordinario mais de 300. homens; nem sustentaõ na India mais pòrtos, que o de Jacatrà, e Malaca, e os que lhe convem em Ceilaõ para o trato da Canella: de maneira, que naõ tem em toda a India commummente mais de mil homens pagos pouco mais, ou menos, e estes andaõ divididos, comerceando, e militando. Do mesmo modo os Castelhanos sustentaõ as Philippinas com hum terço de 400. homens pagos com seus Officiaes; e naõ assentaõ governo em Provincia alguma, sem primeiro ordenarem nella milicia certa.[21] Pelo que he impossivel defendermos na India taõ grande numero de Cidades, e Fortalezas, que necessitaõ de muitos mil soldados; sendo os nossos sempre poucos, e bizonhos, e sem nenhuma ordem. Nem se pòde responder, que sempre na India se militou desta maneira, porque antigamente naõ havia nella inimigos de Europa, se naõ de ordinario piratas Malavares. E se houve na India Armadas de fóra, como as do Soldaõ, e do Turco, foy nos primeiros annos, em que as nossas Armadas eraõ taõ numerosas, que excediaõ as destes contrarios, o que agora totalmente naõ hà. E assim havendo milicia certa, e escolhida, poderà o Estado da India tornar a florecer, se as Nàos forem menores, e da grandeza, com que se começou o comercio, como adiante se mostrarà porque deste modo chegaràõ os soldados com saude, e elles voltaràõ com especiarias a salvamento, e naõ se levarà tanta gente todos os annos infructuosamente deste Reyno.

§. IV.

Como se remediarà a segunda causa da falta da gente com a introducçaõ de algumas artes mechanicas.

O remedio para a segunda causa, porque falta a gente neste Reyno, serà exercitarem-se nelle as artes mechanicas, de que carece. Affirmaõ os Politicos, que naõ há cousa, que importe mais para fazer huma Provincia numerosa de habitadores, e rica de todos os bens, que a multidaõ das artes; das quaes humas saõ necessarias, outras commodas à vida civil; porque dellas se segue o grande concurso de gente, que ou trabalha, ou menea o trabalho, ou administra a materia aos trabalhadores, compra, vende, e leva as obras de hum lugar a outro. De maneira, que importa muito mais a industria do homem para fazer hum lugar populoso, que naõ a fertilidade do terreno; porque as cousas produsidas da industria humana saõ muitas mais, e de muito mayor preço, que as cousas geradas pela natureza. O exemplo, que disto trazem os Politicos, he a laã, a qual he fruto simples, e grosseiro da natureza, mas a arte, quaõ excellentes pannos, quaõ varios, e de quanta diversidade fabrîca desta materia? Sustentando-se della, naõ só o que a cria, mas os que a cardaõ, fiaõ, urdem, tecem, tingem, cortaõ, cozem, e a formaõ em mil materias, e a levaõ de hum lugar a outro. O mesmo se diz da seda, que he fruto simples; e com tudo quanta variedade forma della a arte? Bem se vè em Florença, Genova, e Veneza, onde com a arte da seda, e da laã se mantem quasi dous terços dos habitadores. O mesmo acontece em toda a outra materia. Italia he Provincia, na qual naõ hà mineral de importancia de ouro, ou prata, como tambem o naõ hà em França; e com tudo huma, e outra he abundantissima de dinheiro, e de thesouros pela industria das artes, e mercancia. Flandes também naõ tem veas destes metaes; e por sua muita industria, naõ hà Provincia em Europa mais habitada, nem onde haja tantas Cidades, e taõ grandes, e taõ frequentadas de Estrangeiros, e taõ florentes em riquezas. Por tanto o Principe, que quizer fazer populoso o seu Reyno, deve introdusir nelle toda a sorte de industria, e de officios; o que farà com trazer Officiaes excellentes de outras Provincias, e dar-lhes salarios, e commodidades convenientes, e com favorecer os bons engenhos, e estimar as invençoens, e as obras, que participaõ do singular, e do raro, e com sinalar premios à perfeiçaõ, e excellencia.

Mas sobre tudo he necessario, que naõ permita, que se levem para fóra de seus Estados os materiaes crùs, como saõ as laãs,

seda, madeira, metaes, nem outras semelhantes cousas; porque com os materiaes vaõ tambem os Officiaes, que os lavraõ. E alèm de viver muita mais gente do trato da materia lavrada, que da materia simples, como apontamos, as rendas do Principe saõ com excesso mayores pelas sacas das obras, que dos materiaes. Mais tira dos veludos, damascos, e semelhantes teas, que da simples seda, mais dos pannos, que da laã tosca; mais das teas de linho, que do linho; mais da cordoalha, que do canamo. O que vendo hà annos os Reys de França, e Inglaterra, prohibiraõ levar a laã para fóra de seus Estados. O mesmo fez tambem depois ElRey Catholico; ainda que estas ordens naõ se observaraõ com o effeito, que convinha.

Neste Reyno tambem houve esta prohibiçaõ; mas estava taõ esquecido o cuidado do bem publico pela falta dos Principes naturaes, que toda a laã se levava para fóra; de maneira, que no anno de 1645. só em Evora em poucos dias se compraraõ com dinheiro de Mercadores Estrangeiros 9U. arrobas. Pelo que S. Magestade, que Deos guarde, mandou de novo prohibir estas compras; porèm naõ basta sómente esta prohibiçaõ; mas o que importa, e o para que trazemos estes exemplos, he que se introduzaõ no Reyno estas mechanicas, e teares, fazendo, que destas nossas laãs se teçaõ no Reyno os mesmos pannos, que os Estrangeiros tecem dellas nos seus, e nos trazem depois a vender. Porque disto se nos seguiràõ duas grandes utilidades, a primeira, que ficarà no Reyno todo o dinheiro, que ouvera de ir para fóra por razaõ destes pannos, a segunda, que naõ dependerà da vontade dos Estrangeiros trazerem nos esta mercadoria, de que totalmente necessitamos, e por-lhe os preços à sua vontade tendo-a nòs em nossa casa. Isto se pòde ordenar fazendo, que se lavrem neste Reyno as baetas, que vem de Inglaterra, pois saõ tecidas com as nossas mesmas laãs. Agora no principio se poderà fazer conduzindo com premios alguns Officiaes, mandando-os vir de Londres, ou de outras partes; e fazendo assentar este trato nos lugares, que parecem mais convenientes, como em Estremòs, Borba, Portalegre, Covilhãa, e com isto se daria principio a hum trato de grandissimo proveito, assim para as rendas Reaes, porque com estes direitos cresceriaõ muito, como para o bem cõmum,

porque teria o Reyno as baetas muito mais baratas, e em mayor abundancia, e para a sustentaçaõ do povo; porque muita parte delle se manteria com esta occupaçaõ.

O mesmo que digo da baeta se pòde fazer com as sarjas; por quanto estes saõ os dous generos de mercancias, de que mais necessitamos. Da seda tambem se poderiaõ introdusir neste Reyno teares de veludos lavrados, damascos, sitins, e tafetaz dobrados; pois em nenhuma parte de Europa se dà a seda com tanta perfeiçaõ, como em Portugal; como notaõ os Authores Italianos, e só falta occuparem-se mais neste arteficio. Diz o Escolano na historia de Valença,[22] que naõ havendo em Espanha atè o tempo dos Godos seda, nem assucar, nem arroz, os Mouros depois, que nella entraraõ, trouxeraõ cà estas sementes, as quaes se cultivaõ hoje em Valença com tanta utilidade, que affirmaõ importar cada huma destas cousas hum milhaõ cada anno. Em Murcia, e Cordova todas as mulheres se occupaõ com a creaçaõ da seda. E a seda, que o Marquez Fernaõ Cortez introdusio no Mexico, tem crescido de maneira, que agora he a mayor mechanica, que hà naquella Provincia, como se vè da arte, que escreveo da sua creança Gonçallo de las Casas, que anda no fim da Agricultura de Herrera. O mesmo se pòde fazer em outras artes, que nos saõ necessarias para a milicia, e navegaçaõ. ElRey D. Joaõ o V. nosso Senhor fez instituir no Sitio da Cotovia extra muros desta Corte huma nova Fabrica de sedas de todas as qualidades no anno de 1735. a qual tinha antes principiado no Sitio da Fonte Santa.

He o ferro de Portugal o melhor do mundo, delle se lavraraõ as mais prezadas escopetas pedidas pelos Principes, e que se lhe offereciaõ por peças de muita estima, sendo-nos taõ necessarias estas armas, he erro grande mandarmolas buscar de outras Provincias, sendo as Estrangeiras muito inferiores às nossas, como se vè nas muitas, que arrebentaõ cada dia nas Fronteiras, o que as nossas naõ fazem.

Naõ he menos importante o lavor do linho canamo, de que se fazem as amarras, cordoalhas, e enxarceas, excedendo o nosso a todos os de Alemanha, de maneira, que huma amarra de Portugal sustenta mais, que duas, e trez de Flandes. E sendo estas cousas

taõ necessarias para a navegaçaõ, que sem ellas senaõ pòde fazer; he lastima, que seja tal o nosso descuido, que vamos buscar estas cousas às terras de nossos inimigos, dandonolas Deos em nossa casa. E o peor he, que confessa hum Contratador dos nossos[23] num livro, que apresentou ao Conselho, que todas as amarras, e cordoalhas, que nos mandaraõ de Flandes, naõ somente eraõ as peores, mas de proposito, e por industria falsificadas, e fallidas, para que naõ pudessem servir, se naõ com a apparencia. ElRey D. Manoel, e D. Joaõ III. tiveraõ feitorias deste lavor do Canamo nos lugares do Reyno, em que se dà com mòr abundancia. O mesmo se poderà tornar agora a fazer dando privilegios, e commodos aos Officiaes, que nisto se occupassem.

O lavor dos pannos de algodaõ se poderà introdusir neste Reyno com muita facilidade: pois somos senhores do algodaõ do Brasil, e Cabo-Verde, que he infinito, e finissimo. E para Mestres se poderàõ mandar buscar os Teceloens da India, que saõ os melhores do mundo, e fazer em Lisboa os canequins, e bofetàs, que là himos buscar com tanto trabalho, e perigo.

O papel tambem he cousa de muito uso, e que todo nos vèm de fóra. No Reynado delRey D. Joaõ V. que Deos guarde se introdusio esta Fabrica no Reyno na Villa da Lousaã junto à Cidade de Coimbra, em que se faz papel ordinario, florete, e imperial, e em Paramos junto à Cidade de Braga hà outra Fabrica, em que se faz papel pardo, como o de França. ElRey D. Joaõ o IV. quiz jà introdusir esta arte no Reyno, e mandou para isso fazer huma Officina em Villa-Viçosa, que com as occasioens presentes naõ teve effeito.

Diz o Doutor Laguna no seu Commento de Dioscorides,[24] quando falla da graã, que a graã, que nasce em Portugal, he a melhor, que se conhece em Europa, e como tal he buscada dos Estrangeiros com grande culpa nossa; pois dando-nos Deos esta tinta taõ excellente neste Reyno, naõ se tece nelle hum covado de graã; e os Estrangeiros nos tornaõ a vender o que he proprio nosso, a mais subido preço, podendo nós vendello a elles. O mesmo se pode dizer do pào do Brasil, e pastel das Ilhas, que sendo quasi

mercadorias estanques, nòs as damos em materia simples a todas as Naçoens da Europa para com ellas tingirem os seus pannos, podendo nòs usar dos mesmos tratos, e ser os vendedores dos pannos, e naõ os compradores. Estas, e outras mechanicas se poderàõ obrar com grande utilidade do bem publico, assim para as rendas Reaes, como para a multiplicaçaõ, e sustentaçaõ do povo. E naõ hà, que reparar em parecer, que serà isto cousa difficultosa, ou muito custosa, se naõ ordinaria, e facil; pois o grande trato das sedas de Sicilia teve principio em ElRey Rogerio trazer de Corintho, e Athenas, quando as entrou, alguns Officiaes de seda para Sicilia: e estes bastaraõ para fazerem naquella Ilha hum trato de seda, que a tem tanto enriquecido.[25] Da mesma Sicilia mandou vir o nosso Infante D. Henrique os Mestres para ensinarem a plantar, e beneficiar o assucar na Ilha da Madeira.[26] Este principio bastou para fazer aquella Ilha a mais rica do mar Oceano; e para della sahirem depois os Mestres, que introdusiraõ este trato na Ilha de S. Thomè, e em todo o Brasil, que se naõ sustenta de outra causa, e he o mayor rendimento, que agora tem a Coroa de Portugal. Pelo que pois temos jà em casa o exemplo, e experiencia, naõ nos pòde parecer este arbitrio novo, ou de pequeno effeito.

Poucos annos há, que hum Oleiro, que veyo de Talaveira a Lisboa, vendo a bondade do barro da terra, começou a lavrar louça vidrada branca, naõ só como a de Talaveira; mas como a da China; porque na formosura, e perfeiçaõ pòdem competir as perçolanas de Lisboa com as do Oriente; e imitando-o outros Officiaes, cresceo a mercadoria de maneira, ǫ naõ sómente està o Reyno cheyo desta louça; mas vay muita de carregaçaõ para fóra da Barra. Do mesmo modo quasi por este tempo começaraõ pelo districto de Coimbra a fazer searas de milho grosso de maçaroca, que vem de Guinè; e aos primeiros seguiraõ outros em tanto numero, que he hoje o mantimento mais ordinario para a gente vulgar, quasi em toda a Beira, e entre Douro, e Minho; de que se seguio grande beneficio a estas Provincias; porque como as searas saõ de regadio, nunca faltaõ; e fundindo muito, vem a ser o mantimento muito barato, com que o povo fica de todo abastado. Pelo que se estas mercadorias se introdusiraõ em nosso tempo só pela industria dos particulares; com

quanto mòr facilidade, e felicidade se poderaõ introdusir as outras, que apontamos, pelo poder, e authoridade dos Principes?

§. V.

Do remedio da terceira causa da falta da gente com se fazerem novas Colonias no Reyno.

Notaõ os Politicos, que os Romanos antigos, assim para cultivarem toda Italia, como para conseguirem a multiplicaçaõ da gente, que sempre pretenderaõ, usaraõ muito desse remedio das Colonias; porque só de Alba Julia sahiraõ trinta, e de Roma se tiraraõ quasi infinitas, com o que o povo Romano se foy multiplicando em grande maneira, porque assim como as abelhas crescem com se lhe tirarem das colmeyas os novos enxames cada anno; da mesma maneira acontece tirando-se de hum povo grande huma Colonia; porque se dá occasiaõ para crescer muita mais gente, do que crescera, se senaõ tirara; porque muitas daquellas pessoas por naõ terem terras, nem commodidade para viver, se naõ casariaõ; e assim se perderia toda a geraçaõ dellas; o que naõ acontece, quando se tira a Colonia; porque entaõ o Rey, ou o Senhor, que a Colonia funda, lhe concede na terra, para onde a manda habitar, campos, e herdades, de que se possa sustentar. Deste remedio das Colonias se tem tambem usado neste Reyno de seu principio. Porque desde o Conde D. Henrique atè ElRey D. Diniz, naõ sómente os Reys fundaraõ muitas Villas, mas os Prelados, Camaras, e Fidalgos particulares, repartindo as herdades, que tinhaõ, aos moradores, que queriaõ ir para ellas, dando a cada huma terras para cultivar com a pensaõ dos quartos, ou oitavos na fórma, que se concertavaõ. De modo que muita parte do Reyno se povoou por este meyo, e principalmente Alentejo, que ainda que por ser a ultima Provincia de Portugal, que se conquistou, ficou menos povoada; com tudo quasi todos os Lugares, que nella hà, foraõ fundados pelo Bispo, e Cabido de Evora, e pelos Mestres de Aviz, e S. Tiago, e outros Fidalgos. Pelo que pois por este meyo das Colonias teve a povoaçaõ do Reyno principio, naõ se lhe pòde buscar outro mais proprio, nem mais facil, para se povoar,

principalmente Alentejo; que com ser quasi tanta terra, como o restante de Portugal, està quasi deserta, e com muy poucas Villas, e Lugares. A razaõ he por estar todo Alentejo dividido em herdades, das quaes os Lavradores naõ saõ senhores; mas sómente arrendadores; e ainda, que muitos homens dezejaõ fazer casas novas nas mesmas herdades, naõ lhe podem os Lavradores dar pera isso licença; mas antes quando os Senhorios o querem, elles o naõ consentem, pelo danno, que temem, que os taes moradores lhes haõ de fazer nas suas searas, e nem huma arvore de fruto, ou parreira ouzaõ plantar na terra; porque logo o visinho lança sobre elle no novo arrendamento para ficar melhor accõmodado. Donde vem estar agora esta Provincia taõ despovoada; sendo assim, que em tempo dos Romanos tinha mais Lugares, que as outras da Lusitania:[27] Pelo que para a povoarem, naõ serà necessario haver força; porque se derem aos homens terras, e algum modo de commodo para o principio, de sua vontade haverà muitos, que folguem de se vir viver a estes novos Lugares.

Duas objecçoens se pòdem apontar contra este meyo. A primeira he ser a terra de Alentejo de charneca areenta, e esteril. A segunda, que he falta de aguas, sem as quaes naõ pòde haver povoaçaõ. Porèm ambas estas difficuldades tem facil reposta. A primeira se responde negando ser todo Alentejo de terra infructifera, e de charneca; porque a mayor parte desta Provincia he de terra muito fertil, e abundante; e a parte, que tem de charneca, naõ he toda de roim terra; antes parte della he terra boa. Alèm disto, como temos provado, nenhuma terra se pòde chamar infructifera, porque a que naõ he boa para trigo, he boa para cevada, centeyo, ou vinhas, e quando naõ, para pastos, que vem a ser de naõ menos importancia, que as searas, como se vè na mòr parte de Holanda; cujas campinas, segundo os Geographos, naõ servem de outra cousa mais, que de pastos, e com isto està riquissima. O mesmo se vè na Estremadura de Castella, cujas terras naõ servindo mais, que de pastos aos rebanhos de Pastores, que là chamaõ de la Mesta, daõ grossissimas rendas aos senhores daquelles lugares. Pelo que nos postos, onde a terra naõ for boa, se naõ de charneca, pòde servir do que dizemos; ou assim mesmo de excellentes colmeares, como se

vè na Serra de Serpa, na de Portel, e no termo de Palmella. Por onde o mesmo fora de toda a parte, como tem sido nestes sitios: e naõ he menos rendosa a novidade da cera, que qualquer outra mercancia, pois a himos buscar ao Cabo-Verde, e a Berberia. Exemplo do que temos dito, seja o que vemos nas Vendas-Novas, onde a charneca he de area mais solta, e que parecia mais infructifera; e com tudo naquelle sitio se tem plantado vinhas, pomares, e hortas muito boas. E no mesmo sitio das Vendas Novas se vio esta verdade, porque mandando S. Magestade, que Deos guarde, fabricar nelle hum grande Palacio, quando passou àquella Provincia a fazer as trocas das Princezas do Brasil, e das Asturias, se achou huma notavel copia de agoa, parecendo impossivel, que a houvesse em tal chaneca.

E quanto à segunda objecção, que se diz de Alentejo, que naõ tem fontes, naõ faz ao caso, porque se pòdem abrir muito bons poços, e naõ he novo beberem delles Cidades, e povoações muito nobres, como vemos hoje nas Cidades de Beja, e Elvas, antes da agua da Amoreira; e na Cidade de Evora, antes, que lhe trouxessem a agua da prata: e de prezente de poços bebe a Cidade de Faro, as Villas de Serpa, Montemor o Novo, as Alcaçovas, Alcacer do Sal, e Terena, e o mesmo passa na Estremadura, como em a Alhandra, em Castello-Branco, e em muitas Villas daquella Provincia.

A outra difficuldade, que se podia apontar do cabedal, que era necessario da Fazenda Real, para se começarem estas Villas, e se introduzirem estas Colonias, se responde, que naõ he necessario, que Sua Magestade faça nesta materia gasto algum, mas que sómente conceda aos que hoje as fundarem, os privilegios, com que antigamente se fundaraõ as outras pelas Communidades, ou Fidalgos particulares, que foy o titulo do Senhorio dellas, porque com isso se faràõ. Os dous polos, sobre que se movem todas as cousas do mundo, saõ honra, e proveito; e se por alcançar a qualquer destas vaõ os Portuguezes ao fim do mundo, com quanta mais facilidade se empregaraõ nesta obra, os que tiverem para isso commodidade, que saõ muitos, com se lhes dar a jurisdicçaõ do lugar, que fizerem. A ElRey D. Joaõ I. aconselharaõ, que se se queria fazer Senhor de Portugal, que desse o que naõ tinha, e

promettesse o que naõ era seu, que eraõ os lugares, que naõ possuia; e por este meyo se fez Senhor de tudo. Pelo que em certo modo dando ElRey agora licença para cada hum poder fazer estas novas povoaçoens nas suas terras com alguma jurisdicçaõ, ou privilegio honroso; bem podemos dizer, que dà o que naõ tem; pois taes lugares naõ os hà, e depois que os ouver, ainda que conceda este leve titulo do Senhorio delles, com ElRey ficaõ os novos Vassallos, os novos tributos, e sizas, e o novo crescimento de todas as cousas, que se nos taes povos cria, e juntamente se ficarà conseguindo o effeito da multiplicaçaõ da gente, de que tratamos.

He esta materia taõ facil, que naõ està mais o porse por obra, que em se dar esta licença, por quanto naõ falta gente, que dezeje ter terras para cultivar: e pela utilidade, que disto se segue ao Senhorios das terras, ser taõ notoria; que lhes naõ fica sendo gasto, senaõ beneficio grande de sua fazenda. Exemplo seja a povoaçaõ da Casa Branca, que o Conde do Sabugal D. Duarte de Castello-Branco fez numa herdade sua, que tinha junto à Aviz, a qual dividio em Courellas, e dando-a a varios foreiros com obrigaçaõ de certo foro, e os quartos, veyo a fazer huma povoaçaõ de alguns cem vizinhos, que lhe rendem hoje o dobro, que a herdade lhe rendia.

O Conde D. Estevaõ de Faro pedio licença para fundar huma Villa para della tomar o titulo de algumas herdades, que tinha junto a Alvito, mandou fazer esta divisaõ, e edificando a cada morador sua casa, e dando-lhe certas Courellas de terra, fez huma nova Villa, que intitulou Faro de Alentejo, de que tomou o titulo, sem perder nada de sua fazenda, antes acrescentando muito nella.

Em todo Alentejo he taõ grande o numero de homens, que desejaõ aforar titulo para huma casa, que na Fregusia da Caridade termo de Monçaràs tem o Cabido de Evora huma Aldea de muitos moradores numa herdade sua deste nome, e cada hum destes moradores aforou ao Cabido sómente o sitio para fazer a casa, dando cada anno de foro hum cruzado por elle. E porque o lavrador da herdade se queixava, que estes visinhos lhe podiaõ fazer danno ao seu gado, e searas, lhe pozeraõ clausulas no aforamento, que queixando-se o lavrador do tal foreiro, lhe derrubariaõ as casas, sem por isso lhe tornarem nada. E he tal a necessidade, que os homens

tem de acharem hum lugar proprio, em que viver, que com estas obrigaçoens taõ pesadas aceitaõ os foros, e vem outros cada dia a os pedir.

O mesmo acontece na Aldea de S. Manços, e na de S. Tiago de Escoural, e he taõ grande a necessidade, em que està a gente do campo de Alentejo de casas, em que se recolhaõ, que naõ hà lavrador, que naõ metta na sua herdade alguns destes seareiros partindo as proprias casas com elles. Pelo que se com taõ grandes encargos aceita a gente do campo fazer huma casa à sua custa; quantos haverà, que aceitem a commodidade de quem lhas quizer dar, e juntamente acrescentando-lhes terras para as poderem cultivar? Por onde podemos ter por certo, que em se dando este privilegio, a mayor parte das grandes herdades, que hoje hà em Alentejo, e quasi estaõ feitas em desertos, se veraõ povoadas, e cultivadas de todo o genero de plantas, e feitas huns jardins. De maneira, que com este beneficio naõ sómente crescerà a multidaõ do povo, mas a abundancia do trigo, de que este Reyno carece, naõ por defeito natural, mas pela cobiça de alguns, que procuraõ ter, e acrescentar a grandeza das suas herdades, as quaes quanto mayores saõ, tanto menos se cultivaõ, assim porque naõ hà lavradores taõ possantes, que tenhaõ cabedal para taõ grandes lavouras, como porque quanto mayor he a herdade, em tantas mais folhas se reparte; e tendo huma herdade muitas folhas, naõ se semea mais, que huma, e as outras ficaõ sem dar fruto, e saõ causa de faltar o trigo no Reyno. Disto se queixava Plinio[28] em seu tempo dizendo, *Latifundia perdidère Italiam*; que a grandeza das herdades tinha feito a Italia esteril; e que havia passado esta cobiça tanto àvante, que atè Africa, que era a mãy da abundancia, necessitava de trigo; porque seis Senhorios possuhiaõ ametade daquella Provincia em tempo de Néro: *Jam verò, & Provincias sex Domini semissem Africæ possidebant, cum interfecit eos Nero*. Esta era a Magica, com que Furio Cressino dizia, que havia mayores novidades na sua herdade, por ser pequena, e bem cultivada, que seus vizinhos nas muito mayores, como neste lugar refere o mesmo Author. E por esta causa se fez aquella ley Agraria, que naõ fosse mayor nenhuma herdade, que o que se podesse lavrar com dous

Bois cada anno, como affirma Apiano Alexandrino.[29] Todos estes exemplos provaõ mais nosso intento, pois mandando ElRey D. Fernando computar as terras de semeadura, que havia neste Reyno, se achou, que se todas se cultivassem, haveria paõ de sobejo para toda a gente, e naõ seria necessario trazello de fóra. Pelo que fez leys, em que mandou, que nenhuma herdade, ou terra ficasse devoluta, porèm esta pregmatica atègora se naõ pòde executar, como convinha; mas fazendo-se estas novas povoaçoens, de força se conseguirà esta cultivaçaõ, lavrando cada hum a sua terra, de maneira, que lhe façaõ dar naõ sómente hum, mas muitos frutos, como vemos nas mais das terras, que estaõ junto às Villas, e Lugares em todas as Comarcas do Reyno.

§. VI.

De outro remedio para a falta da gente popular, que he o amparo dos Orfaõs.

Huma das cousas, que tem dado mais cuidado aos Principes, e Respublicas, he o desamparo dos Orfaõs, e assim em todas as Provincias hà sobre estas materias muitas leys, e ordenaçoens, porque se mandaõ crear, e acodir a suas fazendas. Porèm isto toca mais aos ricos, que aos pobres; porque estes como naõ tem com que se sustentar, perecem de ordinario os mais delles à fome, e desamparo; e os que daqui melhor escapaõ, he fazendo-se mendigos, com que naõ tem nenhuma creaçaõ, nem doutrina, e daqui procedem tantos vàdios, e fingidos pobres, como andaõ neste Reyno; e o que peyor he, muitos ladroens facinorosos: e por mais leys, que se façaõ contra esta gente taõ perniciosa à Republica, naõ hà executallas, ainda que sobre isto se fizeraõ muitos discursos, e livros, que andaõ impressos por muitas partes de Hespanha. Pelo que o melhor remedio de todos he acudir a este mal em seu principio, recolhendo estes Orfaõs, e Engeitados, em quanto saõ pequenos, e dando-lhes boa criaçaõ. A Senhora Infanta Dona Isabel Clara Eugenia filha delRey Felippe o Prudente, por sua muita caridade tinha devaçaõ de mandar em Madrid pòr a todos estes Orfaõs, e Engeitados a officios mechanicos, como refere o

Licenciado Herrera no discurso do Amparo dos verdadeiros pobres. [30] E para o mesmo effeito hà na Cidade de Valença hum bom Collegio. Porèm muito mais antigo he este cuidado, pois nas leys Imperiaes se faz mençaõ da primeira casa, que se fundou em Constantinopla para estes Orfaõs se recolherem, e ensinarem, a que chamavaõ Orphanotrophia. Com tudo modernamente se faz isto em Italia, e França com muito mais fruto; porque hà muitos Collegios, Hospitaes, e Hospedarias, onde estes Orfaõs se criaõ, e ensinaõ a todas as artes mechanicas, tendo dentro dos mesmos Collegios aposentos, onde vivem, e ensinaõ os Mestres, que procuraõ sejaõ sempre os melhores daquelles officios. Aqui se lavra com mais perfeiçaõ a madeira, macenaria, e esculptura, e todos os instrumentos de ferro necessarios à vida politica, e milicia: aqui as excellentes pinturas, os teares de todas as sedas: aqui as impressoens mais correctas: aqui as fundiçoens mais apuradas; e por isto saõ mais buscadas as obras mechanicas destes Collegios dos Orfaõs, que dos outros Officiaes das Cidades.

Deste meyo nos convinha muito valer em Portugal, vista a grande multidaõ de Engeitados, e Orfaõs, que hà neste Reyno, os quaes creando-se em boa doutrina, atè se poderem pòr aos officios, ficariaõ sendo de grande utilidade à Republica. Nos lugares maritimos convinha mais usar deste remedio, como saõ Lisboa, Setuval, Porto, Viana, e no Reyno do Algarve; porque destes Orfaõs, e desamparados assim recolhidos se podiaõ prover os Navios de Grumetes, e Pagens das Nàos, e Marinheiros, que he gente, que muito falta neste Reyno, e com a boa doutrina, e criaçaõ seriaõ de grande conveniencia para as nossas navegações; por quanto ordinariamente falta a creaçaõ devida aos homens do mar, como se tem visto em tantos naufragios, e perdiçoens, cujas historias andaõ cheyas destas queixas. Por onde com este remedio se evitaria grande parte dos fingidos pobres, e vagabundos, que neste Reyno hà, e se occupariaõ em exercicios honestos, e proveitosos à Republica, e cresceria com isso o numero dos moradores dos lugares, e a multidaõ do povo do Reyno.

He este meyo do Recolhimento dos Orfaõs taõ notorio, que os Povos em Cortes o pediraõ já a S. Magestade no anno de 1641.

cap. 53. com estas palavras: *Serà de grande utilidade, que no recolhimento dos Meninos Orfaõs, ou no que chamaõ de Santo Antonio, se Recolhaõ muitos moços, e se lhes applique renda para seu sustento, porque ahi os ensinem da arte de marear, com que hauerà sempre mareantes em abundancia, de que este Reyno està muy falto*. Neste Capitulo se traz por exemplo o Hospital, que fez a Rainha de Castella em Madrid para ensinar moços a mareantes, pela falta, que delles havia. E a resposta de S. Magestade he, que mandarà ordenar o que neste Capitulo se lhe pede.

O mesmo que dissemos para o amparo, e remedio dos moços Orfaõs, he razaõ se diga das Orfãs moças, ou para melhor dizer muito mayor cuidado se deve de ter dellas, assim por o seu desamparo ser mais perigoso, como por terem as mulheres muito menos modos de vida, que os homens. Pelo que convèm, que se procure o seu remedio, applicando todos os meyos, que pòde haver para que estas Orfãs do povo se casem: porque alèm do grande serviço, que se faz a Nosso Senhor em se tirar a occaisaõ de se perderem, ficase alcançando o intento da multidaõ da gente com a multiplicaçaõ dos matrimonios. Disto pòde servir de exemplo a Cidade de Milaõ, que he das mais populosas de Europa; e huma das causas de seu crescimento he dotarem-se todos os annos nella mais de 800. Orfãs. O mesmo se vè no augmento, que a Cidade de Sevilha teve de alguns annos a esta parte; porque ainda que muito delle foy causado do comercio das Indias, com tudo tambem se pòde dar por fundamento casarem-se em cada hum anno muito grande numero de Orfãs, por haver naquella Cidade as Capellas de Micer Garcia de Gibraleon, e do Arcebispo D. Fernando Valdès, e do Conego D. Fernando de Menchàca, que sómente foraõ fundadas, para das grossas rendas, que tem, se casarem muitas Orfãs:[31] alèm de haver muitos outros Hospitaes, como o de Deos Padre, de Santo Isidoro, de S. Clemente, de S. Hermenigildo, e o da Misericordia, que casaõ cada anno muitas Donzellas, afóra outros muitos, que do sobejo de suas rendas fazem esta obra de Misericordia.

Para se pòr por obra este meyo, que dizemos, se poderia applicar alguma parte das rendas das Cameras, aonde as houvesse

grandes, ou assinar-se huma renda das que entraõ no Cabeçaõ, cujo rendimento se applicasse sómente a esta obra pia. Podia-se tambem mandar a todos os Provedores das Comarcas, que onde quer que achassem dinheiro, ou legados deixados para se gastarem em obras pias, que naõ fossem nomeadas pelo testador, se gastasse tudo nestes casamentos. E assim se poderiaõ ordenar outras cousas semelhantes, para que este intento pudesse ter effeito.

§. VII.

Do remedio da primeira causa da extincçaõ da Nobreza e pela uniaõ

O mais efficaz remedio para a primeira causa da falta da Nobreza, he fazer-se huma ley, pela qual se disponha, que senaõ possaõ ajuntar dous Morgados numa só pessoa; e que se por via de casamento, ou successaõ de parente mais chegado acontecer, que se venhaõ unir duas Casas, e Morgados de differentes instituidores, e geraçoens em hum só particular, o filho mais velho deste ultimo possuidor, succeda sómente em hum destes Morgados, qual elle quizer escolher, e o filho segundo fique succedendo no outro. Porque desta maneira haverà muitos mais casamentos para as mulheres Nobres, e Fidalgas, para as quaes neste nosso tempo se achaõ muy poucos; porque se vaõ ajuntando em huma só pessoa muitas Casas, e Morgados, que se estiveraõ apartados, de força seus possiduores haviaõ de casar com mulheres de sua qualidade; o que agora acontece pelo contrario. Porque tanto, que por qualquer via se vem a ajuntar, e unir estes Morgados, o possuidor delles naõ casa mais, que com huma, e esta quer que tenha outro Morgado, que se lhe ajunte, ou hum dote taõ grande, que he necessario se metaõ Freiras todas as demais filhas, para se poder ajuntar. E he este remedio taõ evidente, e bem considerado, que já em parte està posto por ley nas nossas Ordenaçoens novas no liv. 4. tit. 100. §.5. e seguintes: onde diz a ley, que desta desuniaõ de Morgados se seguirà este mesmo proveito a estes Reynos, que he haver nelles muitas casas, e familias para melhor defensaõ da Republica, e conservaçaõ das geraçoens. E assim não difere esta ley, que digo

se faça, daquella da Ordenaçaõ, que jà està feita, se naõ em me parecer, que seja esta muito mais larga. Porque a Ordenaçaõ diz, que isto sómente haverà lugar, quando hum dos Morgados renda quatro mil cruzados, o que parece cousa muito larga, e pouco contingente: e assim o vemos, porque depois, que se fez, atègora naõ se praticou, por haver muito poucos Morgados neste Reyno, que cheguem a esta quantia de renda: e alèm disto acontecerà poder hum só particular ter quatro, e cinco Morgados, que cada hum delles naõ chegue a 4U. cruzados de renda; e assim naõ ficar obrigado a deixar a seu irmaõ mais moço nenhum delles, e ficar por este modo frustrado o intento da ley, que foy naõ se ajuntarem as Casas, nem ser hum só particular possuidor de grande, e excessiva renda. Porque em huma Republica mais convem (assim para haver muita gente, como para defensaõ della, e bom serviço do Rey) haver muitos Morgados, e Casas, que commodamente se possaõ sustentar, que haver poucos, que tenhaõ em si muitas Casas destas, e sejaõ por isso muito ricos. Pois vemos por experiencia, que os que destes tem dez, ou doze mil cruzados de renda, nem por isso sustentaõ tanta familia junta, como sustentariaõ os successores dos Morgados, que elles em si tem juntos; antes ordinariamente vivem empenhados pelos muitos, e exorbitantes gastos, que fazem desnecessarios em jogos, moveis, edificios, e outras cousas, que naõ pertencem à necessaria, e conveniente sustentaçaõ de suas pessoas, da qual sómente trataraõ, se tiveraõ menos renda.

He outro si esta união de Casas, e Morgados occasiaõ de muitos gastos desnecessarios na Republica. Porque como todos particularmente desejaõ de se igualar com os outros de sua qualidade, hum só, que tenha muita renda, com os demasiados gastos, que faz, quasi, que obriga aos outros a gastarem o que naõ pòdem, por se naõ mostrarem inferiores.

Pelas quaes razoens seria de parecer, que esta nossa Ordenaçaõ, quanto ao que dispoem de render hum dos Morgados 4U. cruzados se estenda, em que baste render hum Morgado 2U. cruzados, para o filho segundo ter logo direito de herdar o outro. E quando acontecer, que se ajuntem trez Morgados, ou mais; e que

dous delles rendaõ os ditos 2U. cruzados, o filho segundo possa logo succeder no outro.

Deste remedio se seguirà logo acharem-se muitos casamentos convenientes para mulheres Fidalgas, e Nobres, e que naõ sejaõ necessarios taõ grandes dotes para poderem casar. Porque a razaõ de se pedirem grandes dotes, he haver muitas mulheres para casamentos, e poucos homens, por nelles estarem juntos, e unidos ordinariamente muitos Morgados. E daqui vem, que se lhe naõ querem dar grandes dotes, naõ querem casar, porque achaõ muitas mulheres, que pretendem casar com elles. Por onde nos vem a acontecer o contrario do que succede em toda Africa, Asia, e boa parte de Europa, onde sabemos, que casaõ todos com as mulheres sem dote algum; antes entre elles he ordinario comprallas a seus pays; porque como cada hum tem muitas mulheres, fica havendo grande falta dellas; e por isso naõ saõ necessarios dotes.

§. VIII.

Do remedio da segunda causa da falta da Nobreza com a diminuição da grandeza dos dotes.

O prejuizo, que causa a grandeza dos dotes à Nobreza deste Reyno, he cousa taõ notoria, que jà se pedio o remedio deste danno nas Cortes de 619. e a Sua Magestade, que Deos guarde, nas do anno de 641. pelo Estado dos Nobres. E Sua Magestade proveo em parte a este inconveniente, como se vè na declaraçaõ, que fez ao cap. 31. do Estado da Nobreza a fol. 82. destas Cortes, e suas repostas impressas, mandando, que se fizesse huma ley, para que os dotes naõ passassem de 12U. cruzados, naõ entrando nesta conta as legitimas, e heranças. Esta determinaçaõ fora muito justo, que se executasse; porèm como as penas saõ para a Fazenda Real, saõ de muito pouco effeito, porque os Principes, nem seus Ministros naõ attendem a estas miudezas. Por tanto importa, que as penas sejaõ para os outros filhos, e filhas, a quem se faz o danno, dando-se muito mais a hum, que aos outros. Pelo que em corroboraçaõ deste taõ importante intento se poderiaõ ordenar os

meyos seguintes, com que se acabariaõ mais casamentos convenientes para as mulheres nobres, e fidalgas.

O primeiro he fazer-se outra ley, que nenhum pay, ou mãy possa dotar a huma filha mais, que a legitima da filha, e da sua terça a parte, que pro rata lhe couber: convem a saber, se tiver duas filhas, ametade da terça, e se tiver trez filhas, a terça parte da terça, e assim das mais: e que isto se observe com as mesmas condiçoens, com que hoje naõ pòde o pay dotar mais, que a terça a huma filha. Porque deste modo haverà muito mais commodidade para se casarem muitas mulheres. Nem contra isto se pòde dizer, que se assim for, naõ quereraõ os homens casar com taõ pequenos dotes, porque como todos forem desta sorte, forçosamente os haõ de aceitar, como vemos, que acontece hoje a todos os Morgados, os quaes ainda que tenhaõ muitos mil cruzados de renda, nem por isso pretendem mulheres taõ ricas, como elles; pois he cousa averiguada, que nos casamentos nobres sempre os homens saõ os mais ricos; e por isso lhes he forçado aceitarem os dotes, que cõmummente se achaõ, que de ordinario naõ vem a montar a terça parte das rendas dos Morgados, e ainda estes saõ os mayores. Pelo que naõ se achando entaõ outros dotes de mayor quantia, forçado serà, que se aceitem estes: e assim haverà mais possibilidade para se dotarem as filhas. E para que se naõ possa frustrar o intento da ley com os pays meterem as filhas freiras, concertando-se com os Mosteiros, que naõ herdem mais, que os dotes, que lhes derem na entrada para effeito de poderem mais dotar à filha, que sómente querem casar, se deve de prohibir, que naõ valhaõ semelhantes contratos feitos com os Mosteiros, senaõ quando o pay, ou mãy, que os fizer, tiver primeiro casado duas, ou trez filhas, porque deste modo parece, que se atalharà a fraude, que a esta ley se pòde fazer.

O terceiro, e ultimo meyo parece, que podia ser, quando Sua Magestade provè officios grandes, e rendosos, e algumas Commendas de muitas rendas, que seja com clausula de casarem os despachados com as filhas de Fidalgos, que Sua Magestade nomear: porque deste modo se ficaõ accommodando muitas destas Donzellas sem custo de seus pays, nem delRey. E assim como Sua

Magestade costuma ter neste Reyno muitos lugares em Mosteiros para Freiras; parece convenientissimo, que tenha outros muitos mais para estes casamentos, pois delles resultaõ taõ grandes bens a este Reyno. E do mesmo modo devia Sua Magestade de applicar outros lugares menores de Officios, e Commendas para as filhas de outras pessoas Nobres, e de menor qualidade. E posto que qualquer destes meyos parece efficaz para se remediar o mal de que tratamos; com tudo todos trez juntos devem fazer muito mayor, e mais notavel effeito.

NOTAS DE RODAPÉ:

[1] *Relação das rendas da Coroa de Castella.*

[2] *Botero tit. Granada.*

[3] *Garib. na Hist. de Gran. l. 39. c. 40.*

[4] *Part. 2. t. 20. l. 6.*

[5] *Chiliadas.*

[6] *Plinio.*

[7] *Mendoça, na Hist. da China l. 3. c. 15. & 16.*

[8] *Annaes de Sueiro 1. p. em Balduino braço de Hierro an. 878.*

[9] *Botero tit. Portogallo.*

[10] *Chron. de D. Af. 5. cap. 161.*

[11] *Desde o anno de 1640. atè agora se tem unido em outras Cazas mais de cento, e cincoenta Morgados, que se herdaraõ por falta de filhos, nas Cazas, em que atè alli andavaõ.*

[12] *Cortes do anno de 1641. cap. 31. do Estado da Nobreza.*

[13] *Castanh. l. 1.*

[14] *Botero Ragione di Stat. l. 10.*

[15] *Cõmentar. de Af. de Alb. p. 3. c. ult.*

[16] *Antonio Boccarro no Prologo da sua Decada da India, fallando dos interesses, que aquella Conquista teve em seu principio, antes de tantas fortalezas, diz*: O grande interesse, que se do cõmercio tirava, agora està para nòs quasi de todo extincto, e se naõ tem respeito mais, que a esta Christandade, e levar o nome de Christo N. S. e seu Evangelho Santo a naçoens remotas, que o conheçaõ, e confessem.

[17] *Diogo do Couto no seu Soldado pratico da India cap. 6.*

[18] *Couto no Soldado pratico cap. 6. & na Dec. 9. cap. 11, & 16.*

[19] *Duarte Gom. n. 12.*

[20] *Duart Gom. fol. 334.*

[21] *Successos das Philip. de D. Ant. de Morg. c. 4.*

[22] *Escol. Dec. I. de Valenc. I. p. l. 4. c. 6.*

[23] *Duarte Gomes sobre a Comp. Orien. n. 138. f. 166.*

[24] *Laguna sobre o cap. 49. do liv. 4. de Dioscor*.

[25] *Hist. de Valen. p.I. l. 4. c. 6*.

[26] *Joaõ de Barr. Dec. I. l. 2. c. 16.*

[27] *Prolom. Tab. de Hisp. H.*

[28] *Plin. l. 18. c. 18.*

[29] *Apianus l. 1.*

[30] *Amparo dos pobres de Herrera.*

[31] *Hist. de Sevilha de Morgado.*

DISCURSO II.

Sobre a ordem da milicia, que antigamente havia em Portugal, e das forças militares, que hoje tem para se conservar, e ficar superior a seus contrarios.

§. I.

He taõ necessaria a conservaçaõ das cousas, que igualmente as produsio a natureza com os meyos convenientes para sua defensaõ. Isto vemos naõ só na contrariedade, com que os Elementos repugnaõ huns aos outros para se conservarem; e nas plantas, muitas das quaes a natureza defendeo, armando as de espinhos nos troncos, nos ramos, nas folhas, e nos pomos; mas mais manifestamente nos animaes, aos quaes naõ só a natureza deo armas, com que se defendessem, mas ainda lhes communicou conhecimento para se unirem os de cada especie, e particulares astucias, com que se defendessem melhor de seus inimigos. Desta militar industria, com que a mesma natureza creou aos brutos animaes, se vè claro, quaõ necessarios saõ os soldados na Republica, pois sem a força da Milicia naõ pòdem permanecer as leys, nem professar-se as sciencias, ou exercitarem-se as artes, nem finalmente conserva-se a paz, e liberdade. Por tanto hum dos mayores castigos, com que Deos ameaçava antigamente seu povo, era dizendo-lhe, que deixaria aquella Republica sem Capitaens, e Soldados.

Inclue em si o exercicio das armas trez maravilhosas virtudes, que saõ Caridade, Fortaleza, e Prudencia. Com a Caridade offerecem os particulares a vida propria pelo bem commum de todos, que he o mayor acto desta virtude, como testificou Nosso Senhor no Evangelho, dizendo: *Maiorem dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis*.[32] E assim atè os Gentios tiveraõ

o morrer pela patria, e defensaõ della pela mais gloriosa acçaõ da vida, donde pelas leys de Licurgo se mandava, que em nenhum sepulchro se posesse epitaphio, ou nome se naõ daquelles, que morressem pela patria.[33] Com a Fortaleza se desprezaõ os perigos, e se vencem as injurias do tempo, as incommodidades dos alojamentos, as fomes, sedes, e finalmente as forças, e armas dos contrarios. Com a Prudencia se usa destas virtudes a seu tempo, aproveitando-se das occasioens, e escolhendo sitios aventejados, e providos para alojar, e combater, ou fortificando-os para se defender. Por estas, e outras razoens tendo os homens todos hum só principio, aquelles, em quem estas virtudes mais resplandeceraõ, ficaraõ superiores aos outros: e o mesmo era antigamente ser Rey, que defensor da Republica, o que ainda hoje significa o Cetro, que os Reys trazem, o qual teve seu principio da lança, a que chamavaõ Hastapura. E em Espanha confórme eraõ as armas, com que os soldados serviaõ, se lhes dava o grào da Nobreza. Daqui nasceraõ os titulos dos Escudeiros, de Cavalleiros, de Fidalgos, de Ricos Homens, Condes, Marquezes, e Duques; e vieraõ a ser os mais nobres cargos da Republica aquelles, que pertenciaõ à Milicia, principalmente neste Reyno. Porque como os nossos Reys alcançaraõ pelas armas o Senhorio delle, libertando quasi toda a Provincia das mãos dos Mouros, que a senhoreavaõ, e defendendo-o dos Reys vizinhos para confirmarem mais seu Estado, pozeraõ toda a honra na gloria Militar, dando nova Nobreza aos do povo, que faziaõ feitos assinalados nella, e os nobres acrescentando-os a mayores estados, de maneira, que raros saõ os Senhores de Vassallos, que hoje hà em Portugal, que naõ tivessem este heroico principio. E para sahirem insignes nas armas creavaõ todos seus filhos com grande parsimonia nos vestidos, e manjares; dando os mesmos Reys aos outros exemplo nesta materia. De modo, que na virtude da Temperança se poderà comparar esta nossa Republica atè o tempo de nossos Avòs com a taõ celebrada dos Lacedemonios. Por esta causa usavaõ ainda na paz dos Exercitos Militares, posto que fingidos; para que quando lhes fossem necessarios senaõ acharem bizonhos, mas destros nelles. Sendo os seus jogos, e passatempos tirar a tabolado, ou bordear, justas, torneos, touros de cavallo, montarias, exercicios todos, em que se

mostra tanto esforço, e galhardia, como nas verdadeiras batalhas, e recontros da guerra.

A Milicia, que os nossos Reys antigos procuravaõ ter prestes para defensaõ, e segurança do danno, que podiaõ receber dos outros Principes confinantes, era hum Exercito com todos os Capitaens, Officiaes, e soldados necessarios, com que pudessem acudir em continente a todas as occasioens, que se offerecessem, onde fosse necessario. E porque o fundamento da guerra saõ as forças dos naturaes da Provincia, assim da gente de pè, como de cavallo; e a ordem, com que a Milicia se exercita, me pareceo conveniente apontar o modo, que os nossos Reys tiveraõ assim na defensaõ dos lugares, como nos Exercitos, com que andaraõ em campanha, e o numero de gente, de que nelles usavaõ. Porque ainda que se mudou o estilo da Milicia com as novas armas, e instrumentos de polvora, com tudo as forças, e a ordem, e meyos para alcançallas sempre saõ os mesmos: e por estes principios se ha de dispor o que na nova Milicia se ha de ordenar. Nem se me pòde estranhar este argumento por alheyo da profissaõ Ecclesiastica, por quanto a Milicia he parte da Politica, e como tal trata della Santo Thomaz em muitos lugares de suas obras; por onde a theorica he commua à todos; e assim a estaõ lendo muitos Religiosos nas Escolas publicas, naõ só fóra deste Reyno, mas ainda nelle. Quanto mais, que estando as forças de Portugal na occasiaõ presente todas occupadas neste exercicio, obrigação nos fica tambem a todos de trabalhar nesta materia cada hum no que lhe toca em conservaçaõ do bem publico. Mas porque a guerra se divide em terrestre, e maritima, fallaremos primeiro da terra, como mais principal, discorrendo pelos mayores officios do exercito, dando particular noticia de cada hum, com tudo o que pertence à Milicia antiga, atè o presente, seguindo nesta materia os nossos historiadores, e particularmente o Regimento da guerra, que fez ElRey D. Afonso V. conformando-se com os estilos antigos deste Reyno.

§. II.

Do officio, que fazia ElRey no Exercito, e dos Ministros, que serviaõ à Pessoa Real na guerra, e da dignidade de Condestable.

Os exercitos deste Reyno foraõ sempre governados pelos Reys delle. Porque como os mesmos Principes faziaõ profissaõ de guerreiros, não queriaõ dar a outrem esta honra.[34] E assim houve poucos Reys, que não se achassem por suas pessoas nas empresas mais importantes, que em seu tempo se fizeraõ, como lemos do primeiro Rey D. Afonso Henriques, e de seu Filho D. Sancho, D. Afonso III. D. Diniz, D. Afonso IV. D. João I. D. Afonso V. D. João II. e D. Sabastiaõ. O officio, que no Exercito faziaõ, era o supremo; e delles recebiaõ as ordens os Condestables. Para o serviço, e guarda de sua pessoa tinha ElRey hum Guarda Mòr, que era dos Fidalgos principaes do Reyno, o qual trazia consigo 20. Cavalleiros Nobres para guarda da Pessoa delRey. Estes na guerra o acompanhavaõ em toda a parte, e na paz assistiaõ no Paço, e dormiaõ juntos à Camara Real.[35] Porèm depois usaraõ os Reys de Fidalgos em lugar destes Cavalleiros, e tinhaõ as entradas livres, como os Gentis homens da Camara na Casa de Borgonha. Naõ havia delles numero certo, mas em tempo delRey D. Sebastiaõ o foraõ sómente doze. Estes Cavalleiros da guarda no tempo da guerra andavaõ no Exercito com o seu Guarda Mor armados, e a cavallo, seguindo a Pessoa delRey, segurando-o; alèm do qual teve tambem depois o Capitão dos Ginetes parte deste cuidado, como adiante veremos.[36] Tinhaõ os Reys hum Armador Mòr, cujo principal cargo era guardar as armas da Pessoa Real: tambem alguns Moços Fidalgos serviaõ de Pagens da lança.[37]

A mayor dignidade do Exercito depois da Pessoa Real, era o Condestable, cuja origem, por ser pouco conhecida, tocaremos brevemente.[38] Os Emperadores Romanos, e à sua imitaçaõ os antigos Reys de Espanha, e França introduziraõ nos seus Officiaes do Paço o titulo de *Comites*, ou *Condes*; aos quaes confórme o ministerio, a que presidiaõ, se lhes dava o nome, com que se differençavaõ huns dos outros, chamando *Comes rei privatæ* ao Veador da Casa; *Comes domesticorum*, ao Mordomo Mòr, e assim aos mais. Por esta razaõ chamaraõ ao Estribeiro Mòr *Comes*

stabuli. O mais antigo Author onde se acha este nome, he em S. Gregorio Turonense: e assim se entende, que teve esta dignidade principio em França, e que aquelles Reys foraõ usando destes seus Estribeiros Mores, ou Condestables nas cousas de guerra.[39] No principio, sendo o Condestable Capitaõ de Cavallos, e depois General da Cavalleria, atè o virem a fazer General da Milicia de todo o Reyno, e proveraõ este cargo nas pessoas mais illustres delle. De França parece que veyo este officio a Italia, e a Inglaterra; a cuja imitaçaõ ElRey D. Fernando de Portugal o creou de novo neste Reyno, quando o Conde de Cambris com os seus Ingleses o veyo a ajudar a fazer guerra a Castella. O primeiro, que este cargo teve em Portugal, foy D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, e atè entaõ fazia neste Reyno o officio de Condestable o Alferes Mòr; e de entaõ atègora tiveraõ sempre o titulo de Condestables, ou Infantes, ou os mais principaes Senhores do Reyno.

He o Condestable em Portugal o General da Milicia, seu lugar no Exercito he o da vanguarda; e confórme ao seu titulo, que està no Regimento da guerra; a elle dà ElRey as ordens do que se deve fazer no Exercito, e elle as cõmette ao Marichal, para que as execute, e a elle pertence fazer os Coudeis dos Bèsteiros, e dos homens de pè, cada hum com 30. soldados. Assinaõ os Quadrilheiros, que haõ de repartir os despojos das batalhas, e sacos dos lugares. Antes de partir o Exercito, manda os Descobridores do campo, e Almocadens a segurar os caminhos, e dà as guias para a vanguarda, e Capitaens para cavalgadas, Aposentandor para alojar o campo e guardas, e roldas e escutas para de noite, e lhes dà o nome. Por sua ordem se reconhecem os lugares, que se haõ de cercar. Em todos os casos, que succedem no exercito, assim civeis, como crimes, he suprema Justiça, para o que nomea Ouvidor, e Meirinho; e a elle vem por appellaçaõ os feitos do Marichal: em os civeis naõ hà do Condestable appellaçaõ. Estas, e outras cousas dispoem o Regimento antigo, e lhe concede gajes no Exercito de cada mercador, ou regataõ doze reaes brancos cada somana, e dos que servirem a estes, trez reaes: e todas as penas de Direito, ou Condenaçoens, que se no Exercito fizessem, eraõ para elle, e a carceragem dos que fossem presos na prisaõ do seu Ouvidor, das

presas das cavalgadas eraõ todas as cavalgaduras, que naõ andassem em bandos.

Este officio de Condestable exercitaraõ com estas leis, e costumes o Conde de Arrayolos D. Alvaro Pires de Castro servindo a ElRey D. Fernando, e depois a ElRey D. Joaõ I. sendo ainda Defensor do Reyno; o qual por morte de D. Alvaro Pires deu este ao Grande D. Nunalves Pereira, que o servio com grande valor, e boa fortuna. E quando ElRey passou a Castella em ajuda do Duque de Lancastro, nunca o Condestable quiz dar a vanguarda ao Duque: mas sempre usou de sua preminencia. Succedeo-lhe no officio o Infante D. Joaõ, e por sua morte o Senhor D. Pedro Mestre de Aviz filho do Infante D. Pedro; depois o Infante D. Fernando filho delRey D. Duarte, D. Joaõ Marquez de Monte-Mòr filho do Duque D. Fernando de Bargança o primeiro, o qual exercitou o officio acompanhando ElRey D. Afonso V. nas guerras de Castella, no que tocava às vèlas, e causas judiciaes, que nas mais preminencias do cargo corriaõ com o Duque de Guimaraens seu Irmaõ. Por morte do Marquez foy Condestable ElRey D. Manoel, sendo ainda Duque de Beja, e depois que entrou na successaõ do Reyno, deu este officio a D. Afonso filho natural do Duque de Viseu seu Irmaõ. Succedeo-lhe o Infante D.Luiz, depois o Senhor D. Duarte, e por sua morte os Duques D. Joaõ, e o Serenissimo D. Theodosio II. seu filho. He agora esta dignidade mais exercitada com titulo honorario, que com exercicio. Porque des do tempo delRey D. Joaõ II. para cà se foy mudando a ordem da Milicia, de maneira, que tirando as preminencias das Cortes, em que hà Levantamentos dos Reys, ou Juramentos dos Principes, nos quaes os Condestables tem o estoque diante dos Reys, e em outras prerogativas semelhantes de honra naõ se deu caso em que exercitassem a jurdiçaõ dos Exercitos. Nas Cortes de 1641. fez o officio de Condestable o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello; nos Autos de Levantamentos de Reys, que se seguiraõ, foy Condestavel o Infante D. Pedro, depois Rey, o Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e o Infante D. Francisco.

§. III.

Do Marichal.

A segunda dignidade da Hoste (que assim se chamava antigamente em Portugal o Exercito) he Marichal.[40] Seu nome affirmaõ ser Tudesco, e que se corrompeo de Marigal, que significa Justiça da Corte, e Casa Imperial. Pontano diz, que na lingua Francesa quer dizer Mestre de Campo, e ambas estas significaçoens cahem bem ao officio, que neste Reyno faz. Esta dignidade creou ElRey D.Fernando de novo em Portugal juntamente com a de Condestable, à imitaçaõ dos Reys de Inglaterra, quando cà andava o Conde de Cambris. E foy o primeiro Marichal Gonçalo Vaz de Azevedo. Ao Marichal pertence pelo Regimento da guerra repartir os alojamentos de seu exercito; depois que pelo Aposentador do Condestable for assinado o lugar, onde se houver de assentar; e para isso tem tambem o Marichal seu Aposentador, e provè de outros para as cavalgadas; manda ter cuidado das vèlas ao tempo de comer, assim de dia, como de noite.

Tem o Marichal Ouvidor, diante do qual se pòdem pòr todas as acçoens civeis, e crimes no exercito; tem assim mesmo Meirinho, Carcereiro, prizoens, Aguazîs, para exercitarem justiça: a alçada he nos feitos civeis atè trez mil reaes brancos: daqui para cima hà appellaçaõ para o Condestable. Nos crimes naõ pòde executar penas de sangue, ou açoutes: todas as execuçoens de justiça se mandaõ fazer por seus Ministros, e os pregoens se daõ em nome seu, e do Condestable. As gajes, que tinha, eraõ das presas das cavalgadas, que se faziaõ, todas as cavalgaduras mezeladas, e castradas. De cada tenda, ou logea de Mercador, regataõ, barbeiro, assacalador doze reaes brancos cada somana. Todas as penas, que por via de graça, ou merce mandar ElRey pagar no exercito aos condenados, perdoando-se-lhe a pena principal; assim mesmo a carceragem, e armas, que se tomarem aos que forem presos na cadea do seu Ouvidor, e as decimas dos prisioneiros do Exercito, que sendo fugidos depois de huma noite, e dia, saõ tornados ao campo. Os que atégora tiveraõ esta dignidade, foraõ Gonçalo Vasques de Azevedo, seu genro Gonçalo Vaz Coutinho Senhor de Leomil, Vasco Fernandes Coutinho primeiro Conde de Marialva, D. Fernando Coutinho, seu segundo filho, D. Alvaro Coutinho, D.

Fernando Coutinho, o que morreo em Calecut, D. Alvaro Coutinho, D. Fernando Coutinho, D. Fernando Mascarenhas filho de D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ.

§. IV.

Do Alferes Mòr, Capitaõ dos Ginetes, e Capitaõ da Guarda.

Atè o tempo del Rey D. Fernando, o Alferes Mòr del Rey era o General do Exercito, como jà apontamos, e fazia o officio de Condestable, e Marichal, como consta do seu titulo no Regimento da guerra. Entre os Ricos Homens era dos primeiros, que confirmavaõ as Escrituras com o titulo de *Signifer Regis*; e o mesmo se usou em Castella. O nome de Alferes he Arabigo, que quer dizer tanto como Cavalleiro. Seu officio he ao presente ter a Bandeira Real no acto de Levantamento dos Reys, e levalla nos exercitos com a Pessoa Real; mas naõ estende a bandeira, senaõ em batalha campal. Costumaõ os Alferes Mòres ter outro Alferes, que chamaõ pequeno, a quem entregaõ a bandeira, quando estaõ impedidos para o poder levar, como se le,[41] que succedeo na batalha de Touro, em que a Duarte de Almeida Alferes pequeno cortaraõ as mãos, para lhe tomarem a bandeira. O primeiro Alferes Mòr, que houve em Portugal, foy D. Fafez Luz, que viera de França com o Conde D. Henrique. Os mais que este cargo serviraõ, segundo tenho alcançado, foraõ D. Pedro Paez da Silva, Fidalgo illustre, e grande cavalleiro. Em tempo del Rey D. Afonso II. confirmaõ com titulo de Alferes Mór Martim Annes, e D. Sueiro Reymondo: no delRey D. Afonso III. D. Joaõ Pirez de Aboim, e D. Gonçalo: no delRey D. Afonso IV. servio este cargo na batalha do Salado D. Pedro Paes neto do Mestre de Santiago D. Payo Correa: na batalha de Aljubarrota levava a bandeira Real Lopo Vaz da Cunha por seu irmão Gil Vaz da Cunha: e nas mais empresas delRey D. João I. exercitou o officio Joaõ Gomes da Silva; e por sua morte, o deu ElRey ao Conde de Viana D. Pedro de Menezes, que o teve em todo o tempo delRey D. Duarte, cujo Alferes Mòr era sendo Infante: e na jornada de Africa com os Infantes fez o officio em seu lugar D. Duarte de Menezes pelo Conde seu pay, por cuja morte lhe fez

elRey D. Duarte merce delle: daqui se continuou sempre na Familia dos Menezes. Hoje anda na Caza do Conde de Sabugosa.

Ainda que o officio de Capitaõ dos Ginetes parece deve ser mais antigo neste Reyno, todavia naõ se faz delle mençaõ nas historias, senaõ de pouco tempo a esta parte; e a primeira vez, que achey nomeados Ginetes descobridores de campo nos Exercitos de Portugal, foy em tempo delRey D. Duarte;[42] quando os Infantes D. Henrique, e D. Fernando passaraõ a Tangere, onde o Chronista diz, que Ruy de Sousa, e seu filho Gonçalo Rodrigues de Sousa, hiaõ diante do Exercito com 300. Ginetes a descobrir o campo, e que este Gonçalo Rodrigues foy depois Capitaõ dos Ginetes. Pelo que parece; que o primeiro que introduzio este cargo na Milicia do Reyno, foy ElRey D. Afonso V. por haver na sua historia muita mençaõ delle. Seu proprio officio he ser Capitaõ dos Ginetes da Guarda delRey, a que dizem se annexou ser General da Cavallaria do Reyno, e como tal exercitou este officio Vasco Martins de Sousa Chichorro, acompanhando a ElRey D. Afonso V. em as guerras de Castella; depois entrou esta dignidade na Casa dos Mascarenhas por D. Fernando Martins, que servio de Capitaõ dos Ginetes aos Reys D. Joaõ II. e D. Manoel. Os Cavalleiros desta Guarda dos Ginetes eraõ da qualidade dos mesmos Cavalleiros da Camara, e Guarda delRey: o numero era de 200. e usavaõ os Reys della naõ só na guerra, mas tambem na paz, principalmente quando faziaõ caminho, como se ve das historias delRey D. Joaõ II. e D Manoel. A Guarda dos Alabardeiros introduzio ElRey D. Sebastiaõ, assim para respeito da Pessoa Real, como para segurança della, pelos muitos Estrangeiros Hereges, que havia em Lisboa, mas naõ eraõ de Tudescos, senaõ de Portuguezes, e foy seu Capitaõ da Guarda Francisco de Sà Camareiro Mór delRey D. Henrique, e Conde de Matozinhos: depois ElRey D. Felippe Prudente, deixando por Governador deste Reyno ao Archiduque Alberto, lhe deixou Guarda Tudesca, e por Capitaõ della D. Francisco de Sousa, a qual se foy continuando com os Governadores, e VisoReys, que lhe succederaõ, atè Sua Magestade, que Deos guarde, que admittio os Tudescos, que ainda achou com os outros Alabardeiros da sua Guarda, que dantes tinha.

§. V.

Dos Anadeis, e Coudeis Mòres.

Nas historias destes Reynos ha muita mençaõ de Anadeis, ainda que naõ excedem o tempo delRey D. Fernando. Pelo que parece entraraõ estes officios no Reyno juntamente com os de Condestable, e Marichal; ao que ajuda o mesmo nome, que dizem ser Inglez. O mais antigo, que se acha com este titulo, he Afonso Furtado de Mendoça, e em tempo delRey D. Joaõ I. seu filho Afonso Furtado. Aos Anadeis pertencia ser Capitão de Bèsteiros, assim de cavallo, como da Garrucha do Conto, e do Monte, que chamavaõ de Fraldilha, e tambem dos Espingardeiros, os quais cargos duraraõ atè o tempo delRey D. Manoel[43] que só deixou os dos Espingardeiros, e os de Fraldilha, e extinguio os mais à petição do Reyno estando em Cortes.

Ordenou ElRey D. Afonso V. que os homens de armas Escudeiros, que serviaõ a cavallo nos Exercitos, fossem reduzidos à Capitanîa de hum Capitaõ, que os repartisse por Coudeis, dando a cada Coudel vinte: pelo que chamaraõ ao Capitaõ desta gente, e Coudeis, Coudel Mòr.

Derivou-se o nome de Coudel do nome antigo *Caudilho* derivado de *Caput*, palavra latina, que significa Cabeça; donde se disse tambem o nome de Capitaõ. E dos Caudilhos trata o livro 4. tit. 23. das Partidas de Castella, onde se apontaõ as qualidades, que para os Caudilhos se requerem. Como o Coudel Mòr por o Regimento da guerra ficava capitaneando a gente de cavallo; depois se veyo a encarregar ao Coudel Mòr a execuçaõ das leys, que se fizeraõ para conservar as boas raças dos cavallos do Reyno, como adiante veremos.

§. VI.

Do Adail Mòr, Almocadens, e ceremonias com que eraõ creados.

Adail he palavra Arabiga, segundo D. Sebastiam de Covarruvias[44] e significa Guia de caminho encuberto. Deriva-se de *Delid*, que he Mostrador. Em Castella ha muitos annos se usou este nome à imitaçaõ dos Mouros: e no tit. 22. da 2. Partida se trata largamente deste officio. Em Portugal se costumou depois da tomada de Ceita, e nas outras fronteiras de Berberia, e no Algarve ainda hoje os Adaiz saõ Capitaẽs do campo, que he o seu proprio officio. No Regimento da guerra se referem as ceremonias com que antigamente eraõ creados os Adaiz; o que tudo he tirado das Partidas de Castella, e saõ as seguintes.

Havia de ser eleito para Adail hum homem, que tivesse grande pratica de guerra, esforço, prudencia, e lealdade: e depois de escolhido tal, mandava ElRey por doze Adaiz tirar informaçoens com juramento do Adail, que estava para se fazer, e affirmando elles, que tinha as quatro qualidades requisitas, lhe dava ElRey espada, cavallo, e armas, e mandava a hum Rico Homem, que lhe cingisse a espada sem pescoçada; e posto entaõ o escudo no chaõ com o concavo para cima, se punha sobre elle o que havia de ser feito Adail, e ElRey lhe tirava a espada da cinta, e lha dava nua na maõ; e entaõ os doze Adaiz alevantavaõ o escudo no ar o mais alto que podiaõ, e olhando para o Oriente dava com a espada dous golpes em cruz dizendo: Eu foaõ desafio todos os inimigos da Fé, e de meu Senhor ElRey, e da terra, e o mesmo fazia para as outras tres partes do Mundo. Depois metia a espada na bainha, e ElRey lhe metia na maõ huma Bandeira dizendo, que lhe outorgava, que fosse Adail, dalli em diante. E com isto ficava novamente creado nesta dignidade, e podia trazer armas, e cavallo, e assentarse a comer com os Cavalleiros delRey, e podia capitanear os Almocadens, e Almogavares, e qualquer outra gente de pè, e de cavallo, que lhe fosse assinada. Eraõ Juizes das cavalgadas, para as dividirem, e julgarem tudo o que nellas acontecesse. Nos Exercitos do Reyno havia tambem Adail Mòr, que hia com alguns ginetes diante do arrayal descobrindo o campo, como se vè da historia delRey D. Afonso V. o qual parece, que foy o primeiro, que introdusio este officio, trazendo-o de Africa, onde, como dissemos, se usava delles desde o tempo da tomada de Ceita. O primeiro, que

teve o officio de Adail Mòr, foy Pedro de Bairros, e servio este cargo nas guerras de Castella: de presente anda este officio na familia dos Peixotos Senhores de Penafiel.

Tambem o nome de *Almocadem* he Arabigo, e significa Capitaõ e o que vay adiante. *Al*, que o articulo, *mo*, particular formativa do nome, *Cadem*, he do verbo *Quedem*, que significa Adiantar-se; por quanto o officio dos Almocadens he serem guias, e encaminhadores dos exercitos: em Castella trata delles a l. 5. t. 22. da 2. partida, donde parece se tomou o titulo, que delles faz o Regimento da guerra deste Reyno; e diz que os Almocadens eraõ antigamente os Coudeis dos piaens: e o modo, com que diz se elegiaõ, era desta maneira. O que queria ser feito Almocadem, requiria ao Adail, e o fazia certo das qualidades, que para isso tinha, que havia de ser pratica da guerra, e noticia da terra, e esforço, ligeireza, e lealdade: e entaõ vestido de festa se lhe dava huma lança com hum pendaõ pequeno; e chamando outros doze Almocadens, punhaõ duas lanças no chaõ ao comprimento, e elle se punha em pé sobre ellas, e o levantavaõ os outros, quatro vezes da terra para as quatro partes do mundo, dizendo as palavras, que jà referimos do Adail, tendo a lança feita na maõ. Destes officios se usa ainda hoje nas Fronteiras de África.

§. VII.

Das gentes, de que constava o Exercito.

Depois de ditos os officios dos Capitaens, segue-se tratar da qualidade, e numero dos soldados. Constava o Exercito de gente de cavallo, e de pè. Os de cavallo, ou eraõ Fidalgos Vassallos delRey, ou Lanças, que os Senhores da terra traziaõ, ou Cavalleiros da Ordenança dos povos do Reyno. Os homens de armas eraõ principalmente os Fidalgos delRey, a que tambem chamavaõ Vassallos, os quaes eraõ obrigados a servir com certas lanças, por cada huma das quaes lhes pagava ElRey certa contia de livras confórme às lanças, com que haviaõ de servir, e eraõ obrigados a estar prestes com ellas, cada vez, que fossem chamados. E se na occasiaõ da guerra levavaõ mais lanças das que eraõ obrigados,

nem por isso lhes davaõ mais. O soldo destas lanças, ou se dava a dinheiro cada anno das rendas delRey, ou o recebiaõ os Fidalgos Vassallos em terras, que lhes os Reys tinhaõ dado, como se vè dos Registros delRey D. Fernando, nos quaes està huma doaçaõ, porque ElRey deu a Martim Vasques da Cunha as terras de Tarouca, e Valdigem com condiçaõ, que servisse com tantas lanças armadas de todo ponto ao modo de França, e Inglaterra, quantas se montassem nas rendas destes lugares, a razão de 150. livras por lança. Porèm aos Fidalgos, que naõ serviaõ mais que com sua propria lança, lhes dava ElRey por ella 75. livras, que era a contia ordinaria: e ElRey D. Pedro os acrescentou a cento.[45] Destes Vassallos, que ElRey assim pagava, levava, quando morriaõ, o cavallo, e loriga de luctuosa para ter sempre os Cavalleiros armados, e providos: e a todo o filho de Fidalgo Vassallo, que nascia, se mandava logo huma carta da contia de seu pay, com que cresceo este numero de Vassallos acontiàdos em grande maneira atè o tempo delRey D. Fernando: o qual querendo evitar huma tamanha despesa, mandou que senaõ dèsse a carta de contia, senaõ ao filho mais velho do Fidalgo Vassallo, e que em caso, que morresse o primeiro, entaõ succedesse o mais chegado. Vindo depois ElRey D. João I. por as alteraçoens, que em tantos annos teve no Reyno, naõ deu contia aos Fidalgos, mas sómente soldo; atè que depois seguindo a usança antiga, pòs de contia a cada Fidalgo mil livras para a lança de sua pessoa; e por cada huma dos que o seguiaõ 700. e que o filho não ouvesse contia, senaõ como pudesse servir.

A outra gente de cavallo se fazia de todos os povos do Reyno, mandando cada lugar o numero de moradores, que confórme à fazenda, que tinhaõ, eraõ obrigados a ter cavallo, e armas. E para que pudesse haver mayor numero de lanças, mandou ElRey D. Fernando, que nenhum Fidalgo, que houvesse de servir com certas lanças, levasse desta gente de cavallo do Concelho. E para haver mais cavallos, naõ podiaõ ter officios da governança dos povos, os que naõ sustentavaõ cavallo. O numero da gente de cavallo, que houve no Reyno, naõ consta qual fosse atè o tempo delRey D. Fernando:[46] mas no delRey D. Joaõ se ordenou em Cortes, que

houvesse 3500. prestes; convèm a saber de Vassallos, ou Cavalleiros de huma lança 2360. e pelas Ordens Militares 300. A saber a de Christo 100. pela de S. Tiago outras 100; pela de Aviz 80. e pela do Hospital de S. Joaõ 20. e pelos Capitaens, ou Senhores 500. afóra os de cavallo dos Concelhos. E assim quando ElRey D. Joaõ I. entrou em Castella, levou 4U600. de cavallo. ElRey D. Afonso V. passou tambem a Castella sobre a pretençaõ da Excellente Senhora com 5U700. de cavallo, e 14U. de pè. ElRey D. Joaõ II. teve em seu tempo 7U000. lanças. ElRey D. Manoel teve 6U000. cavallos prestes para passar a Africa como logo veremos; [47] afóra os que estavaõ nos lugares das fronteiras daquella Provincia, que consta passavaõ de 2U000. como se refere em muitas partes da Chronica delRey D. Joaõ III.[48] e o repete Francisco Pereira Pestana em hum Discurso sobre a guerra de Africa, em que mostra ao mesmo Rey quanto contra seu Estado era sustentar nos lugares de Africa 2U000. lanças que naõ faziaõ força mais que de 100. Porèm alèm destas 2U000. lanças, offereceo ElRey a sustentar em Arzilla a ElRey de Bèlles com outras 2U000. lanças; com tanto, que de Castella o ajudassem com outras 1U000. o que o Emperador, que entaõ reinava, disse que naõ podia fazer. Por estes exemplos se póde ver, que passou o numero de cavallos, que houve neste Reyno de 8. ou 9U000. e que pondo-se agora nesta materia a diligencia, que convèm, se poderà chegar, e passar de semelhante numero; pois pelas listas das Coudelarias, que Sua Magestade mandou fazer, consta que hà nas Comarcas do Reyno mais de 13U000. eguas, e com os cavallos, que estaõ nas fronteiras, se vè claro, que naõ he menor o numero de Cavalleria, que hoje temos no Reyno, do que houve antigamente.

Da gente de Infanteria naõ havia numero certo, mas era mayor, ou menor o numero, segundo as occasioens do tempo, ou vontade dos Reys o ordenavaõ. Porèm conhecidamente foy crescendo com a multiplicaçaõ, e mayor Senhorio des do tempo delRey D. Afonso I. atè D. Joaõ I. Porque na batalha do Campo de Ourique teve o nosso primeiro Rey doze mil homens, e ElRey D. Joaõ I. passou à tomada Ceita com 20U000. e seu neto D. Afonso V levou 30U000. quando foy à Conquista de Arzilla.

Este numero de gente cuidaõ alguns, que foy diminuindo, porque crescendo grandemente as nossas Conquistas, foy necessario dividir-se a gente Portuguesa por ellas: de maneira, que em tempo de Damiaõ de Goes pagava ElRey 20U000. soldados fóra da Barra; [49] e assim naõ he muito, que fizessem estes no Reyno falta. Por onde ElRey D. Sebastiaõ naõ levou mais de 11U000. Portugueses, quando ultimamente passou à empresa de Africa.

§. VIII.

Das Leys Militares, que se guardavaõ no Exercito.

As Leys Militares, que antigamente se guardavaõ nos Exercitos, estaõ ao largo referidas no Regimento da guerra: e para que naõ fiquem de todo em esquecimento, apontaremos aqui algumas brevemente. Antes de partir para a empreza, no dia, em que havia de marchar o Exercito, se mandava dizer huma Missa solemne no lugar mais accõmodado, presente o Principe, ou General, e se benzia a Bandeira para com este religioso principio poder ter a empreza ditoso fim, o qual costume ainda agora se guarda. Depois disto se dividia o Exercito, para poder marchar, em vanguarda, retaguarda, e alas; os quaes nomes se introduziraõ neste Reyno em tempo delRey D. Fernando, e se tomaraõ dos Ingleses, que cà vieraõ com o Conde de Cambris;[50] porque antes se chamavaõ Dianteira, Saga, e Costaneiras. Mandava assim mesmo o Regimento, que os Capitaens dessem memorias da gente, que cada hum levava, e armas, que tinha, para saber o General, como se delles havia de servir: e que houvesse no arrayal Officiaes de todos os Misteres. Ordenava, que o Aposentador do Exercito fosse diante escolher o sitio com certo numero de pendoens; com os quaes dividia os quarteis, em que as Companhias, e Senhores do Exercito se haviaõ de alojar. E para os caminhos ordenava, que houvesse guias, com os quaes se determinasse o dia dantes para onde se havia de caminhar; e que se escolhesse sitio para se assentar o arrayal, onde ficasse fortalecido, e provido de agua, herva, lenha, e outras cousas necessarias. Assentando o arrayal, mandava se posessem escutas, e que marchando fossem sempre as batalhas

humas à vista das outras; e que as Bandeiras dos Fidalgos senaõ estendessem, salvo quando se soltasse a Real; que ninguem podesse ir na carruagem; e que antes, que o arrayal se abalasse, sahissem 20. de cavallo a descobrir o campo. Ordenava, que os que naõ quizessem fazer guarda, ou vèla, fossem condennados no cavallo, armas, e prisaõ: e os que appelidassem outro nome, mais que delRey, na vida: e que o que derrubasse o inimigo, e o naõ prendesse, partiria ametade do preço, com o que de novo o prendesse, e o que sobreviesse a hum soldado, que tinha outro preso, e matasse o prisioneiro sobre a partilha, perdia armas, e cavallo, para o Condestable; e era preso atè satisfazer ao primeiro prendedor, e de toda a preza, que os soldados tomassem, pagassem o terço a seu Senhor, ou Capitaõ: e que os prisioneiros fossem trasidos diante do Condestable, ou Marichal sobpena de os perder. E os prisioneiros naõ podiaõ sahir do arrayal, nem a buscar seu resgate, sem licença do Condestable, o qual só podia dar os salvos condutos, que se haviaõ de dar sobpena da vida, e que os que fossem à forragem, ou se alojassem fóra da ordem sem licença, perdessem as armas, e cavallos. E sendo achado algum prisioneiro fugido, havendo mais de hum dia, e noite desapparecido a seu Senhor, seria de quem o achasse; e haveria o Marichal a dizima delle: e sendo achado dentro no primeiro dia, e noite, seria tornado a seu primeiro amo. O mesmo se ordena de quaesquer cousas, que do arrayal tomassem os inimigos, porque sendo pelos nossos no primeiro dia, e noite recuperadas, seriaõ dadas a seus primeiros Senhores, mas passado deste termo, ou recuperando as depois dos inimigos as terem postas em salvo, ficariaõ dos que as tomassem. Esta era a ordem da antiga Milicia Portuguesa; e com ella, e com seu natural valor, alcançaraõ os Portugueses grandes vitorias, e desbarataraõ muitos exercitos de poderosissimos Principes, sendo sempre os nossos muito inferiores em numero como se vio em tempo delRey D. Afonso Henriques nas batalhas do Campo de Ourique contra ElRey Ismael; na de Santarèm contra o Miramolim de Marrocos; na de Xarrate contra ElRey de Sevilha; na tomada de Alcacere do Sal contra os quatro Reys Mouros, que a vinhaõ descercar. Do mesmo modo ElRey D. Afonso IV. venceo ElRey de Granada na baralha de Tarifa; e em Africa se alcançaraõ muitas

vitorias contra o poder dos Reys de Marrocos, Xarifes, e Reys de Fèz em tempo delRey D. Manoel, sendo todas estas naçoens bellicosas, e praticas na guerra.

§. IX.

Da Guerra de Castella.

A Guerra de Portugal com Castella he taõ antiga, que começou juntamente com o mesmo Reyno, e seus primeiros Principes, e ha mais de 500. annos, que dura. Pelo que nem esta guerra se deve ter por cousa nova, nem se deve de fazer da nossa parte por modo novo; mas termos por certo, que seguindose os meyos, por onde se conservaraõ os nossos Reys, terèmos na occasiaõ presente a mesma segurança, e bons successos contra Castella, que por tantos seculos tivemos.

Nesta guerra se haõ de considerar duas cousas. A primeira o poder da gente, com que se fez de cada huma das partes. A segunda o modo, que foy, humas vezes com exercitos, e outras com entradas. No numero da gente nos levaraõ antigamente os Castelhanos muita ventagem, porque como os Reys de Castella senhoreavaõ mais Provincias, e mayores que Portugal, tinhaõ muita mais gente. Por onde se diz na Chronica delRey D. Joaõ I.[51] que sempre os exercitos de Castella tiveraõ dobrada gente, que os nossos, porèm agora experimentamos o contrario; porque com a povoaçaõ do novo Mundo, que os Castelhanos tem feita com tantas Colonias, e com os presidios de Sicilia, Napoles, e Milaõ, e Estados de Flandes, foy tanta a gente, que se tirou das Provincias, que tem em Hespanha, que se achaõ os Reynos de Castella quasi todos despovoados. He isto cousa taõ manifesta, que consta pelo livro intitulado: *Poblacion de Hespaña*[52] impresso no anno de 1645. por hum Historiador de Castella, o qual no titulo de Medina del Campo, diz que antigamente era habitada de 14U000. vizinhos; e que agora naõ tem mais de 1200. E de Salamanca refere, que havia na Universidade mais de 15U000. Estudantes; e agora naõ chegaõ a 2U. E sobre tudo, que a Cidade de Toledo, cabeça de Castella, e de

toda a sua Monarquia taõ rica, e populosa, que àlem da grande multidaõ da Nobreza, Clero, Mercadores, e Povo, só de Officiaes de Seda, e Laã tinha em tempo dos Reys Catholicos mais de 10U. Teceloens; agora confessa o dito Chronista, que naõ passaõ de 5U. todos seus moradores. De semelhantes exemplos poderamos trazer muitos, mas esses bastaõ, por serem dos principaes lugares de Castella. Por onde se vè, que naõ tem hoje aquelles Reynos a decima parte da gente, que antigamente tinhaõ. E sobre esta materia se tem impressos muitos livros modernamente, como saõ: *Las sinquo qualidades de los Hespañoles, que despueblan a Hespaña*. O Doutor Navarrete intitulado: *Conservaçaõ das Monarquias*; e o que mais he o mesmo Rey D. Filippe nas Pregmaticas, que fez para a reformaçaõ deste danno, em que chegou a dizer, que estavaõ os seus Reynos de Castella despovoados, e a Monarquia boqueando, termo que se censurou ao Conde Duque, nos cargos, que contra elle deraõ; naõ por ser falso, senaõ pelo manifestar ao Mundo todo. Pelo que naõ sómente naõ poderàõ hoje os Castelhanos pòr contra nòs os numerosos exercitos, que antigamente poseraõ, mas muito menores. E pelo contrario, ainda que tambem neste Reyno se tem sentido a falta da gente, pela que vay para fóra da Barra para as nossas Conquistas; com tudo vemos, que em sua proporçaõ està o Reyno muito mais povoado, que o de Castella. E assim com muita facilidade fez ElRey Nosso Senhor hum Exercito no anno de 1643. que sahio de Elvas com 12U000. Infantes, e 2U. cavallos: e no anno de 45. fez outro na mesma Fronteira de 7U000. Infantes, e 1500. cavallos, e que no Trem da Artelharia, e bagagem levava 13U000. E na Batalha de Montijo houve quasi a mesma gente: e com tudo nestas occasioens naõ juntaraõ os Castelhanos mais gente, que a nossa em numero consideravel, e o mesmo succedeo na batalha das Linhas de Elvas, em que os Castelhanos tinhaõ 14U. Infantes, e 5U. Cavallos, e nòs 8U. Infantes, e 2U500. cavallos, na do Amexial, ou Canal, nos excediaõ em mais trez mil cavallos, ainda que a Infantaria era pouco menos que a nossa. Na de CastelRodrigo era mayor o numero da sua gente do que o nosso, e na de Montes Claros se era inferior em mil Infantes, era superior em mais de mil, e seis centos cavallos. O mesmo vemos agora nas guerras de Catalunha[53] que só o primeiro

Exercito foy de 26U000. homens; dos quaes mais de ametade naõ eraõ Castelhanos, e os outros Exercitos, que depois là foraõ, naõ passaraõ no numero de ametade deste primeiro. Pelo que se quando Castella tinha dobrada gente da nossa, se conservou Portugal, e ficou superior, agora que o poder de Castella he tanto menor, com mais razaõ podemos ter esta confiança. Donde podemos entender, que o seu poder he hoje muito menor do que antigamente experimentavamos; e que o nosso valor naõ he hoje menor, que aquelle, com que antigamente nos conservavamos; pois nos recontros, que muitas vezes tivemos com a sua gente de cavallo, ficaraõ os nossos vencedores, sendo os contrarios quasi dobrados em numero; e que àlem disso o que mais importa, he, que temos por nòs a causa justa, defendendo a legitima successaõ dos nossos Reys Portuguezes, e a liberdade da Patria, que Nosso Senhor com tantos favores do Ceo tem patrocinado. Pois vemos, que nesta guerra lhe temos arrazado, e tomado muitas Praças, que estaõ em nosso poder, o que elles naõ poderaõ fazer em tantos annos dos nossos lugares, ainda que abertos; porque se alguns entraraõ, logo foraõ recuperados, e fortificados melhor do que estavaõ. Donde se ve claro o favor de Deos, que temos da nossa parte; pois naõ sómente nos conserva, mas ainda nos faz superiores a estes contrarios, dando-nos delles gloriosas vitorias.

No modo desta guerra se ha de ser por exercitos, ou por entradas, e entrepresas, he muito para considerar, que havendo Rey em Portugal, todos os Exercitos Castelhanos, que entraraõ neste Reyno, e vieraõ a batalha, foraõ desbaratados. Exemplo saõ disto a batalha de Agua de Mayas junto a Coimbra, que venceo o nosso Rey D. Garcia, que reynou antes do Conde D. Henrique, e depois a de Santarem, em que o mesmo Rey D. Garcia prendeo a seu irmaõ D. Sancho Rey de Castella; e se depois se mudou a sorte das prisoens, foy por culpa delRey D. Garcia, que naõ poz a seu irmaõ a bom recado, e se foy só seguindo o alcance. ElRey D.Afonso Henriques desbaratou a ElRey D.Afonso seu primo nos Arcos de Valdevès. Entrando ElRey D.Fernando o II. de Leaõ com seu Exercito atè Cerolico, foy desbaratado pelos Portugueses; de que ainda hoje hà memoria dos vòtos de Nossa Senhora dos Assores. Os Fidalgos da Beira alcançaraõ a vitoria de Trancoso contra outro

Exercito Castelhano. O mesmo fez o Condestable D. Nuno Alvares na batalha de Fronteira, e ultimamente ElRey D. Joaõ I. na de Aljubarrota.

O mesmo podemos quasi dizer dos Exercitos Portugueses, que foraõ a Castella. Pelo que mais se fez esta guerra entre ambos os Reynos por entradas, e entrepresas, que por batalhas. ElRey D. Afonso Henriques, e seus successores tomaraõ a Tuy tantas vezes, e a retiveraõ tantos annos, que des do nosso primeiro Rey atè D. Sancho o II. esteve por ElRey de Portugal. ElRey D. Joaõ I. a tornou a tomar, e o mesmo fez a Badajoz; e tantas entradas fizeraõ os nossos por a terra de Coria atè Salamanca, que por isso fortificaraõ os Castelhanos tanto a Ciudad Rodrigo, temendo-se das nossas entrepresas, e correrias. E por este territorio, e pelo de Galliza foraõ sempre as nossas entradas de mòr effeito, que por outras Fronteiras. Pelo que parece, que este estilo he o mais facil, e mais seguro; porque estando huma praça com bom presidio, naõ pòde ser entrada por hum grande Exercito, se tiver outro em seu favor, ainda que seja de muito menor numero, como se tem visto nas guerras dos Turcos com os Polacos, e nas de Jorge Castrioto, e nas modernas de Flandres, e Italia.

Segundo estes exemplos, podemos ter por certo, que havendo Rey em Portugal, tinhaõ conhecido os Castelhanos claramente, que naõ podiaõ sahir com esta empresa, como se refere na Chronica delRey D.Filippe o Prudente de Castella l. 12. cap. 9. Porque dizendo-lhe o Duque de Alva (quando lhe mandou fazer as exequias por ElRey D. Sebastiaõ em Madrid) que melhor fora vilas fazer a Belèm, respondeo ElRey: *El tiempo os mostrarà, quan errados fueramos*: e segue logo o Chronista com estas palavras: *Y con razon, porque entrando con Exercito contra el Cardenal su tio, que juraron brevemente como a escondidas, el Reyno todo se avia de emplear en su defensa, nombrando por General para la guerra el Duque de Bargança, o a Don Antonio Prior de Ocrato interessados en la sussession, y se hallàr a nen ser, y con Exercito en la muerte del Cardenal, que luego vino, con que mejoraran su partido, como lo hizo en Francia despues Henrique de Borbon*.

Este juizo delRey D. Filippe foy taõ acertado, que só com elle alcançou a sua pretençaõ sem difficuldade, estando dantes desconfiado della. Porque deixando ElRey D. Henrique o Reyno sem Rey, e os Governadores para Juizes da successaõ, faltou no Reyno a cabeça; porque os Governadores naõ fizeraõ officio de defensores, senaõ de intercessores. Os Serenissimos Senhores da Casa de Bragança, como tinhaõ a justiça clara, naõ se quiseraõ mover, por naõ prejudicarem a seu Direito. E ElRey de Castella por lhe dar competidores, e prolongar o litigio, escreveo ao Duque de Saboya, e Principe de Parma, que se oppussessem à causa da successaõ, e entre tanto comprou as vontades dos Nobres do Reyno com dadivas, e promessas; e assim sem resistencia meteo em Portugal o seu Exercito, que desde a morte delRey D. Sebastiaõ tinha junto da mais pratica Milicia de toda Europa; contra o qual Exercito naõ houve mais, que huma sombra de resistencia do Prior do Crato: o qual vendo, que tinha huma sentença contra si sobre a successaõ; e que naõ tinha por si, senaõ alguns amigos, e seus criados, se fez levantar tumultuariamente em Santarem, ao tempo, que jà o Duque de Alva marchava por Alentejo. Pelo que faltando ao Prior do Crato a authoridade publica, Capitaens, Soldados, e dinheiro, e sobre tudo o tempo, naõ pode na brevidade de taõ poucos dias fazer mais resistencia, que com alguma pouca gente popular, que entaõ havia em Lisboa, por estar a Cidade quasi despejada por causa da peste: e assim naõ merece nome de batalha a pequena briga, que tiveraõ em Alcantara, como diz Justo Lypsio na sua Política cap. 3, *Sì prælium dixerim veterani Exercitus cum seminermi, & urbana, turba congressionem*. Pelo que bem notoriamente se vè, que hum Rey taõ prudente, como D. Filippe de Castella, naõ teve confiança de sahir com a empresa de Portugal, havendo nelle Rey, como temos dito, senaõ vendo-o sem cabeça, e dividido.

Este parecer delRey D. Filippe naõ foy só consideraçaõ politica, se naõ pura experiencia, por ser este meyo, por onde os outros Reynos de Espanha, que foraõ Aragaõ, Granada, e Navarra, tiveraõ entrada na sua Monarquia. O Reyno de Aragaõ naõ sendo mayor, antes menor, que o de Portugal, os Reys de Castella tiveraõ muitas

vezes guerra com elle,[54] seguindo a empresa com taõ grandes Exercitos, que ElRey D. Pedro de Castella entrou em Aragaõ com 9U000. de cavallo, afóra a gente de pè, que era muita, e ElRey D. Joaõ II. com 7U000. homens de armas, e 3U600. ginetes; e 60U000. infantes;[55] e com tudo sendo os Exercitos dos Aragoneses muito inferiores, sempre Aragaõ se conservou inteiro sem poder ser rendido pelo poder de Castella, atè que pelo casamento da Rainha Catholica de Castella ficaraõ ambos os Reynos unidos. O Reyno de Granada se conservou por muitos centos de annos contra muito mayor poder do com que foy conquistado pelos Reys Catholicos. Porque ElRey D. Henrique III. continuou a guerra contra Granada com 10U000. homens de armas, e 4U000. ginetes, e 50U000. infantes, e por mar com 30. galès, e 50. Navios;[56] contra tudo isto resistiraõ os Granadinos. Pelo que naõ perderaõ o Reyno pela força dos Castelhanos, senaõ pela divisaõ, que entre si tiveraõ, levantando tres Reys juntos dous irmaõs; o mais velho dos quaes era pay do Rey Chico: faziaõ estes todos entre si taõ cruel guerra, que elles per si se consumiraõ; e por isso sendo cativo o Rey Chico pelos Castelhanos duas vezes, os Reys Catholicos o tornaraõ logo a pòr em sua liberdade, para que tornasse a sustentar o seu bando, o que foy de tanto effeito, que morto seu pay pelo tio, elle entrou em Granada, e dentro da Cidade se estiveraõ por muito tempo degollando, assaltando-se, e dando-se batalhas, e naõ pararaõ nestas divisoens, se naõ no ultimo anno, em que Granada se rendeo, estando jà taõ consumidos da guerra civil, que naõ tinhaõ jà em todo o Reyno mais de 300. cavallos, começando-se as parcialidades com 20U000. O Reyno de Navarra com ser taõ pequeno, que naõ tem mais que tres Cidades, se conservou por mais de 500. annos; sendo assim que naõ sómente os Reys de Castella, mas tambem os de Aragaõ lhe fizeraõ guerra no mesmo tempo, com tudo sempre permaneceo, em quanto teve Rey, que o governasse.[57] O que naõ querendo fazer D. Joaõ de la Brit casado com Dona Catharina Rainha proprietaria delle, desamparou o Reyno, e se foy para França, dando licença aos de Pamplona, que se entregassem aos Castelhanos. E deste modo entrou Navarra na Coroa de Castella, tendo-se atè entaõ defendido de muitos mayores

Exercitos; e por isso lhe disse a Rainha Dona Catharina: *Si vos fuerades Reyna, y yo Rey, nunqua se perdiera Navarra*. Bem se verifica logo destes exemplos o acertado parecer delRey D. Filippe; e que he certissima aquella celebre sentença de Vegecio, que diz, naõ haver Naçaõ taõ limitada, que unida senaõ defenda, ainda que seja cõmettida de muito mayor poder: *Nulla quamvis minima natio*, diz elle,[58] *potest ab adversarijs deleri, nisi proprijs simultatibus se ipsam consumpserit*. Pelo que sendo esta maxima verdadeira, ainda numa naçaõ minima; quanto por mais certa se pòde ter na nossa Naçaõ Portuguesa; a quem em certo modo podemos chamar maxima; pois no valor, e lealdade he superior a todas; e em poder he tamanha, que reynando ElRey D. Afonso III. guerreou Portugal juntamente contra todos os Reynos de Espanha, e Barbaria. E no delRey D. Joaõ III. sustentou a India, fazendo-lhe guerra no mesmo tempo tres Emperadores, que foraõ Carlos V. Emperador de Alemanha nas Malucas, o Graõ Turco Emperador de Constantinopla em Cambaya, e o Samorim, que tambem tem a suprema dignidade, ou Imperio dos Nayres no Malavar, e de todos elles alcançou gloriosas vitorias. Pelo que tendo Portugal Rey, naõ hà que temer nenhum poder estranho, como testificaõ os exemplos de todos os seculos, os dictames mais verificados dos Politicos, e sobre tudo os divinos Oraculos.

§. X.

Da Milicia da Ordenança.

Mudando-se com o tempo a ordem da Milicia antiga deste Reyno, e ficando sómente os officios mayores, quasi só com os titulos honorarios, pretendeo ElRey D. Manoel melhorar, e assentar por lista a gente, que havia em todos os lugares do Reyno; e ElRey D. Sebastiaõ trabalhou mais nesta materia, fazendo hum largo Regimento, que mandou guardar com grande observancia, para adèstrar o povo na disciplina Militar, e o ter prestes para quando fosse necessario servirse delle.

Ordenou que os Alcaides Mòres, e Senhores dos lugares fossem Capitaens Mòres delles; e que onde os naõ houvesse, fossem eleitos em Camera pelas pessoas do governo; e do mesmo modo os Sargentos Mòres, os quaes depois com os votos da Governança elegessem os Capitaens, e Officiaes das Companhias: que o Capitaõ Mór repartisse a gente de seu lugar, e termo em companhias de 250. e que cada Domingo sahissem ao campo a se exercitar, confórme as armas, que cada hum trouxesse, havendo premios para os mais dèstros, e penas aos que faltassem; e que os homens de cavallo fizessem cada mez resenha debaixo dos Capitaens de cada lugar; e que cada anno se fizessem dous alardos geraes, hum pelas Oitavas da Pascoa, e outro por dia de S. Miguel; e que se ajuntasse toda a gente do termo na cabeça da Capitanîa; onde pelo Capitaõ Mòr, e Sargento Mòr fossem ordenados, e se exercitasse, assim a gente de cavallo, como de pè. E para bom governo da Milicia tinha o Capitaõ Mòr seu Regimento, que mandava executar pelos Ministros das Companhias, em cada huma das quaes havia seu Meirinho, Escrivaõ, e Recebedor. Esta ordem se guardou em tempo delRey D. Sebastiaõ, atè todo o delRey D. Filippe, e depois se renovou algumas vezes, e de presente se observa com cuidado. Porém nos lugares maritimos, e no Reyno do Algarve està isto em mais observancia.

O numero da gente, que se alistou nesta Milicia foy grande pois só na Villa de Barcellos, e seu termo se escreveraõ desesete mil homens, e tantos sahiaõ aos alardos.[59] Na Chronica delRey D. Manoel I. p. c. 47. diz Damiaõ de Goes, que das listas desta gente da Ordenança escolheo ElRey huma Milicia de 6U000. de cavallo, e 800. acobertados, e 20U000. de pè, para se servir delles com presteza, quando fosse necessario, como aconteceo no cerco do Castello de Arzilla, em que o Conde de Borba foy cercado, a quem ElRey querendo socorrer, em cinco dias ajuntou no Algarve passante de 20U000. homens de pè, e de cavallo, como se refere na mesma Chronica 2. p. c. 29. A ordem, que dissemos havia da gente de cavallo, e Vassallos que os Reys antigos pagavaõ, parte se guardou sòmente atè o tempo delRey D. Afonso V. porque de entaõ para cà naõ ha expressa mençaõ de os Senhores de terras

acudirem com numero certo de gente de cavallo, ou de pè; mas fica no arbitrio de cada hum, com o que senaõ acrescentou pouco no serviço delRey; por quanto trazem agora os Senhores de terras muito mayor numero de gente voluntariamente, do que antigamente davaõ por obrigaçaõ, como se vio em algumas occasioens de entaõ para cà; e particularmente na ultima vez, que os mandaraõ vir a Lisboa no anno de 1596. onde sò os que alli se ajuntaraõ, que foraõ poucos, trouxeraõ mais de 1U000. de cavallo, que he o dobro, que antigamente davaõ os Senhores do Reyno. Para haver mayor numero de cavallos, mandaraõ os Reys prohibir as mulas, quartàos, e facas, como foy ElRey D. Joaõ II. D. Joaõ III. e D. Sebastiaõ; e fizeraõ particulares leys, para que sempre se conservassem no Reyno as boas raças dos cavallos, as quaes executavaõ os Coudeis Móres. Mas ElRey D. Filippe o Prudente mandou extinguir estas Coudelarias nas Cortes de Tomar, as quaes Sua Magestade, que Deos guarde, tornou a renovar, com que ha jà muitos, e bons cavallos no Reyno, por serem os desta Provincia taõ afamados em Europa, que por isso os nomeavaõ por filhos do Vento. ElRey D. Joaõ V. attendendo à grande falta que havia de cavallos por todo o Reyno, deo a Superintendencia Geral de todas as Coudelarias de Portugal ao Duque D. Jayme seu Estribeiro Mòr, que com alguns Ministros de letras, faz huma Junta, em que se ordena tudo o que he necessario para aquelle fim, de que jà se tem visto grande utilidade.

§. XI.

Das Armas.

Os Vassallos delRey naõ podiaõ testar de suas armas, mas ficavaõ a ElRey por luctuosa, que as dava ao Vassallo, que entrava em lugar do morto, como fica dito. Depois vindo ElRey D. João I. ordenou ter 500. arneses prestes, e foy o primeiro, que começou a fazer armazem de armas: de modo, que quando herdou ElRey D. Afonso V. havia boa copia de armas em os armazens: e seus successores os acrescentaraõ de maneira, que refere Damiaõ de Goes[60] que tinha ElRey D. Joaõ III. armas para 40U000. homens. Os armazens para estas armas fez em Lisboa ElRey D. Manoel, e

D. Joaõ III. onde se guardavaõ todas as armas, e muniçoens do Reyno, assim para a navegaçaõ das Armadas, como bastimento das Fortalezas de fòra, obra magnifica, e digna de sua grandeza. Aqui havia grande numero de acubertados, cossoletes, arcabuzes, lanças, escudos, e todas as mais armas de guerra: no de artelheria havia muitas mil peças grossas, e meudas, que depois se gastaraõ no serviço de Castella, e deste Reyno. Agora estaõ providos os Armazens da Tenencia de toda a sorte de armas, e se obra tudo com grande facilidade, e perfeiçaõ pela sciencia dos Mestres, e estaõ concertados de maneira, que saõ dignos de se ver.

As lanças, e mais gentes, com que os Senhores de terras serviaõ os Reys na guerra, elles tinhaõ mesmo obrigaçaõ de os armarem, como se lè na Chronica delRey D. Fernando,[61] que prohibio aos Senhores naõ podessem levar os acontiàdos dos lugares, nem suas armas em satisfaçaõ das lanças, que eraõ obrigados a dar. Em algumas cartas delRey D. Fernando se explicaõ as peças, como jà se apontou. E com tudo para haver mayor abastança de armas, ordenou ElRey D. Joaõ I.[62] em Cortes, que os Senhores fossem obrigados a ter certo numero de arneses; convem a saber o Condestable, e o Senhor D. Afonso Conde de Barcellos, o Mestre de Christo, e de Santiago, o Arcebispo de Lisboa, o de Braga, e os Bispos de Evora, e Coimbra a 50. arneses cada hum; o Mestre de Aviz 40. os Senhores da Casa de Marialva com o Bispo de Porto, e Prior de Santa Cruz 30. cada hum. O Prior do Crato, o Bispo de Sylves, o de Viseo, o da Guarda, o de Lamego, e o Abbade de Alcobaça 20. cada hum, que fazem 650. arneses.

Para o Povo do Reyno ordenaraõ os Reys antigamente, que cada hum tivesse certas armas, segundo a quantia da fazenda; e particularmente ElRey D. Fernando obrigou, que houvesse a quantia dos de arneses, e outros de lanças ligeiras; e da gente de pè havia lanças, bèstas, dardos, e fundas. E quando os acontiàdos, ou por velhice, ou por impedimento algum, não podiaõ hir à guerra, eraõ obrigados a dar armas aos que em seu lugar hiaõ, e para que os acontiàdos em cavallos os sustentassem com menos despeza, mandou ElRey D. Fernando[63] applicar o dizimo do seu quinto, e hum dia de soldo, dos que com licença se ausentavaõ do campo; e

deste dinheiro se proviaõ de cavallos, os que por alguma occasiaõ estavaõ sem elles no Exercito. ElRey D. Afonso V. fez novas leys de quantias das fazendas, que se guardaraõ atè o tempo delRey D. Manoel, as quaes renovou ElRey D. Joaõ III. e ultimamente ElRey D. Sebastiaõ, que saõ as que hoje se guardaõ; porque se manda, que os que tiverem 250U000. reis de fazenda, tenhaõ cavallos, e os de 100U000. reis, arcabuz, e os moradores dos lugares chaõs, meyas lanças. Para mayor abundancia de armas, e o Povo se poder armar com mayor facilidade, mandou ElRey D. Manoel, e depois delle ElRey D. Sebastiaõ, que houvesse Officiaes de fazerem armas, guarnecellas, e alimpallas; e de fazerem ferros de lanças, e lanceiros, e espingardeiros com ordenados dos Concelhos, e Privilegios nas Cidades de Evora, Beja, Elvas, Portalegre, Tavilla, Lagos, Coimbra, Porto, Lamego, Viseu, Guarda, e nas Villas de Santarem, Tomar, e Viana de Foz de Lima, Barcellos, Guimaraẽs, Pinhel, Torre de Moncorvo; e ainda fóra deste Reyno, nas Cidades do Funchal, da Ilha da Madeira, Ponte Delgada, da Ilha de S. Miguel, Angra da Ilha Terceira, Ribeira Grande, em Santiago do Caboverde, Cidade da Ilha de S. Thomè, no Salvador do Brasil, no Rio de Janeiro, na Villa de Olinda de Pernambuco. E para estarem sempre estes lugares providos destes Officiaes, foy instituido o officio de Armador Mòr, que àlem de ter a seu cargo as armas da Pessoa Real, tinha por seu Regimento nomear estes Officiaes, e dar-lhes os Privilegios, como tudo consta do Regimento do dito cargo, que ElRey D. Manoel proveo em D. Gonçalo da Costa, e anda em seus descendentes. E com esta diligencia naõ deixando hir armas para fóra, houve naquelle tempo grande abundancia dellas em todo Portugal. E para o Reyno estar sempre provido, sem as esperar de fóra, mandou ElRey D. Manoel fazer huma Officina dellas na Ribeira de Barcarena, junto a Lisboa, onde com engenhos de agua se lavraraõ muitas por Mestres, que para isso mandou vir de Biscaya. Tambem ordenou outra Officina de polvora na Cidade de Lisboa, que durou atè nossos tempos; e governando D. Diogo da Sylva Marquez de Alenquer, se tornou a refazer a mesma Casa antiga; e junto com ella ao longo da Ribeira de Barcarena, ordenou outra de polvora, para evitar os desastres dos incendios, que algumas vezes em Lisboa tinhaõ acontecido: e se se continuar a

obra, serà de grande proveito para todo o Reyno; porque para armas ha nelle muita abundancia de ferro, e para a polvora temos da nossa maõ a mayor quantidade destes materiaes, que hà no mundo, que he o salitre do Brasil, e o enxofre das Ilhas. E modernamente se renovou a fabrica da polvora com grande magnificencia na Ribeira de Alcantara por ordem delRey D. Joaõ V.

§. XII.

Dos Fronteiros do Reyno e Alcaides Mòres das Fortalezas.

Para defensaõ do Reyno havia em cada Comarca hum Fronteiro Mòr, que fazia o officio de Capitaõ Geral da gente da tal Comarca, para assim se poder acudir com pressa, e boa ordem às entradas, que se fizessem no Reyno. Destes Fronteiros hà muita mençaõ nas historias de Portugal; principalmente[64] nas Chronicas delRey D. Afonso IV. D. Fernando, D. Joaõ I. D. Afonso V. E eraõ os Fronteiros Mòres pessoas de grande estado, e qualidade; de modo, que atè aos Infantes se deu este titulo.

Nos lugares grandes, ou de sitio forte, em que havia Castello, poseraõ os Reys Alcaides Mòres; o qual costume, e officio foy introdusido em Espanha, depois da entrada dos Arabes. Por quanto os Romanos, como estavaõ senhores pacificos de todas as Provincias do Imperio, só nos confins tinhaõ a Milicia das suas Legioens alojadas em sitios aventejados, mas no campo, e naõ nos povos; e nestes Exercitos consistiaõ as forças da Republica, e naõ nas fortificaçoens dos lugares: donde vejo a facilidade, com que os Capitaens destes Exercitos se rebellavaõ, e faziaõ senhores do Imperio; porque como naõ havia lugares fortificados, em que os vencidos se reparassem, roto hum Exercito, ficava logo o vencedor senhor absoluto de tudo. O mesmo estilo tiveraõ os Godos, e as outras Naçoens do Norte, que senhorearaõ Espanha. Porèm depois da entrada dos Mouros, sendo o poder dos Reys Christaõs muito pequeno, e naõ podendo resistir sempre no campo, se recolhiaõ às Cidades, e como estas estavaõ sempre em Fronteiras, assim como as tomavaõ, lhe nomeavaõ Capitaõ, para que com os moradores,

que tambem faziaõ officio de soldados, se defendessem, e vigiassem perpetuamente, e o mesmo faziaõ os Mouros, pela continua guerra, que lhes os nossos faziaõ: e daqui veyo haver em todos os lugares fortes Capitaens ordinarios chamados Alcaides; o qual nome recebemos dos Arabes, e he derivado de *Cahad*, que tanto val, como Governador; e assim sendo o *al*, o articulo; o mesmo he dizer Alcaide, que o Presidente, que governa; porque o Alcaide entre os Mouros tinha juntamente o governo da guerra, e da justiça. No Regimento da guerra delRey D. Afonso V. hà particular titulo do Alcaide Mòr, no qual se ordenava, que os Alcaides fossem Fidalgos da parte de pay, e mãy, e que vivessem sempre nos seus Castellos, e fallecendo algum, lhe succedesse o parente mais chegado, que estivesse no Castello, e quando este faltasse, entaõ se faria eleiçaõ de Alcaide, atè ElRey prover. O officio de Alcaide Mòr era defender o Castello, e telo sempre provîdo de gente, armas, e bastimentos, e quando sahisse do Castello, o que nelle ficava, lhe havia de fazer omenagem delle. Os direitos dos Alcaides Mòres eraõ as carceragens, as penas das armas prohibidas, e as dos que mal viviaõ, e dos excommungados, forças, tabolagens, casas de venda: e nos lugares maritimos, os das barcas, e dos Navios, que se carregassem no porto, confórme às toneladas, dous soldos por cada huma: e podia prover o Alcaide pequeno com seus Escrivaens, escolhendo os dos apresentados da villa, e podiaõ trazer seu Contador diante do Corregedor da Corte. E alèm destes direitos, em muitas partes tinhaõ grossas rendas de herdades, e proprios applicados às Alcaidarias. Pera mòr segurança dos lugares maritimos mandava o Regimento, que tanto que chegasse qualquer Navio Estrangeiro, o Alcaide pequeno, e seu Escrivaõ fossem a elle, e escrevessem as armas, que trazia; e antes que se partissem, tornassem a fazer a mesma visita, para ver se levavaõ algumas mais do Reyno, que as que trouxeraõ, e os que eraõ comprehendidos, as perdiaõ para o Alcaide Mòr, e de tudo o dito muita parte està ainda em sua observancia.

Nas Cortes tem lugar os Alcaides Mòres dos Castellos delRey, a quem daõ omenagem, e os mais a fazem aos Senhores, de quem os recebem. As principaes Fortalezas, que antigamente havia no Reyno, eraõ as do Estremo, que ficavaõ fronteiras de Castella, e

Galliza: e o primeiro Rey, que nesta materia merece louvor, he ElRey D. Sancho o I. e depois delle ElRey D. Diniz, que cercaraõ os mais dos lugares do Reyno. Os muros de Lisboa, e Evora se fizeraõ em tempo delRey D. Fernando, e os de Setuval no delRey D. Afonso IV. E sendo muitas destas Fortalezas dannificadas do tempo, ElRey D. Joaõ II. as mandou reformar: ElRey D. Manoel aperfeiçoou esta obra de todo, e mandou tirar em plantas, e montèa a todos os lugares fortes do Estremo, e Costa do mar, que foraõ, Caminha, Villa-Nova de Cerveira, Valença do Minho, Lapella, Monçaõ, Melgaço, Castroleboreiro, Piconha, Portello, Montalegre, Chaves, Monforte de Rio livre, Vinhaes, Bragança, Outeiro, o Vimioso, Miranda do Douro, Penarroxa, Mogadouro, Freixo de espada na cinta, Castello Rodrigo, Almeida, Castel bom, Castello mendo, Villa-Mayor, Sabugal, Penamacor, Monsanto, Penagarcia, Salvaterra, Segura, Idanha a Nova, Castello-Branco, Montalvaõ, Nisa, Marvaõ, Castello de Vide, Alpalhaõ, Portalegre, Alegrete, Assumar, Monforte, Arronches, Ouguella, Campo-mayor, Elvas, Olivença, Jeromenha, Alandroal, Terena, Monçaràs, Mouraõ, Noudar, Moura, Serpa, Mertola, Alcoutim, Castro-marim. Das plantas, e montèas destes lugares se fizeraõ dous livros, que mandou ElRey pòr na Torre do Tombo, onde ainda estaõ, para todo o tempo estar presente no que convinha aos ditos lugares, para o socorro delles; alèm dos quaes hà no Reyno mais de 400. povos cercados, e acastellados, posto que ao antigo.

A fortificaçaõ dos lugares maritimos começou neste Reyno mais tarde; porque como naquelle tempo havia poucas mercancias, e comercios com os Estrangeiros, naõ tinhaõ os Cossarios em que fizessem suas prezas; com tudo ElRey D. Joaõ I. começou a fortificar os pórtos de Lisboa, e Setuval, fazendo no Tejo ao pè da Villa de Almada a Torre Velha; porque naõ tivessem abrigo os inimigos daquella banda, assim como o naõ tinhaõ da de Lisboa. A mesma diligencia fez em Setuval, edificando a Torre de Outaõ sobre o Canal do porto, de modo, que senaõ pòde entrar, senaõ por baixo da sua artelheria: em ambas estas Fortalezas poz pèças, Capitaens, e soldados para as guardarem. Porèm começando o descobrimento de Guinè, e vendo ElRey D. Joaõ II.[65] os Reys vizinhos poderosos

no mar, como Principe prudente começou de tratar de segurar mais a entrada da Barra de Lisboa, e por isto fez a Torre de Cascaes: e depois para melhor defensaõ do Rio, melhorou a Torre Velha de Caparica; e tinha determinado fazer da outra parte a Torre de Belèm no lugar, em que agora està; a qual naõ pode acabar por sua intempestiva morte; mas ElRey D. Manoel, que lhe succedeo, poz por obra este seu intento na boa fórma, em que agora a vemos.[66]

A fortaleza de S. Giaõ começou ElRey D. Joaõ III. na boca do Tejo, para mayor segurança do porto; e depois se acabou com grande perfeiçaõ, de maneira, que he tida por huma das melhores forças de Europa.[67] O mesmo Rey fortificou Lagos, Sines, e Peniche; e depois se fez em Lisboa o Forte da Cabeça Seca, que se começou em tempo dos Governadores, e no delRey D. Filippe o Prudente, o de Santo Antonio para segurança da Bahia de Cascaes; e em Setuval a Fortaleza de S. Filippe, e reformou a Torre de Outaõ; e em Aveiro, Villa do Conde; no Porto, e Viana, Lagos, e Villa-Nova de mil Fontes, fez novas fortificaçoens. De modo, que toda a Costa està hoje bem fortalecida; mas muito mais depois da Restauraçaõ delRey D. Joaõ IV. que Deos guarde, o qual tem fortificado todas as praças da Fronteira de Castella, e as da entrada da Barra de Lisboa sua Costa, com taõ insignes fortificaçoens, que se pòde dizer està hoje Portugal com as mais fortes Praças de toda Espanha. E ElRey D. Pedro II. para a guerra de 1704. em que se temia alguma invasaõ maritima, mandou guarnecer de grande numero de Fortes toda a Marinha de Lisboa desde a Torre do Bugio atè Casilhas, e da Fortalesa de S. Giaõ atè o Grillo.

Para mayor segurança dos pòrtos do mar, ordenou ElRey D. Sebastiaõ no Regimento moderno da Milicia do Reyno, que nos lugares mais commodos, e onde melhor se descobrisse o mar, houvesse perpetuas vigias, as quaes elegem com os Officiaes da Camara os Capitaens Mòres de cada lugar, em numero bastante para vigiarem dous de dia, e tres de noite; começando huma pela manhãa, e entrando outro ao meyo dia; e que vendo vèlas ao mar, fizessem sinal com fumos, se estivessem longe, e com fachos, se estivessem perto, dando tantos fumos aos fachos, quantos fossem os Navios: e os tres que vigiassem de noite, se repartissem aos

quartos; e que vendo Navios ao mar, que dèsse aviso delles ao Capitaõ Mòr; e sahindo gente em terra, dessem sinal com arcabuzes, para que se acudisse com presteza ao rebate. E para que estas vigias de dia, e de noite fossem diligentes, ordenou o Capitaõ Mòr, que elegessem sobre roldas, que os visitassem, para que comprissem com sua obrigaçaõ; o que ainda se guarda em muitas partes, prìncipalmente no Reyno do Algarve.

§. XIII.

Da Milicia maritima, e de officio de Almirante.

Naõ foraõ menores as forças maritimas deste Reyno, que as da terra, antes por ser a Provincia quasi toda costa do mar, e o principal de Hespanha, excedeo nesta parte aos mais dos Reynos della. Começou se a exercitar a Milicia Portuguesa no mar, depois, que ElRey D. Afonso Henriques tomou Lisboa, assim pela grandeza, e capacidade do Porto, como pela abundancia, que nelle hà de madeira, e mais materiaes, que para armar Navios saõ necessarios. A primeira Armada, que neste tempo de Lisboa sahio, foy de Galès, com as quaes D. Fuas Roupinho desbaratou nove Galès de Mouros no Cabo de Espichel, e depois desta vitoria teve outras na Costa do Algarve, e no Estreito de Gibaltar. Este poder se foy sempre accrescentando atè o tempo delRey D. Dinis, havendo neste entre meyo alguns Almirantes, segundo parece das historias do Reyno. Porèm o primeiro, que teve este titulo de juro, e herdade, foy Misser Manoel Paçanha Fidalgo Genovez, como logo diremos.

He este nome *Almirante* Arabigo, segundo sente Scipiaõ Amirato, e o mostra D. Sebastiaõ de Covarruvias[68] o qual diz, que *Almirale*, tanto vale como Principe, ou General do mar. As ceremonias, com que se esse officio antigamente dava, segundo ElRey D. Afonso V. no seu Regimento da guerra, era precedendo a vigilia ordinaria na Igreja, que primeiro em todos os actos graves dos Cavalleiros se fazia, por offerecerem a Deos suas acçoens, e com este pio principio terem felice successo. Ao outro dia vestindo-se de festa hia da Igreja ao Paço o mesmo Almirante bem acompanhado, e ElRey recebendo o em Sala publica, lhe metia hum anel no dedo da maõ direita, e lhe dava huma espada curta, e lhe entregava na esquerda hum Estendarte com as armas Reaes. E o novo Almirante fazia preito, e homenagem a ElRey de o servir bem, e lealmente; com que ficava General de todas as Frotas, e Armadas do Reyno, e tinha jurisdicçaõ sobre todos os que nellas hiaõ embarcados, para fazer justiça em todos os casos, que succedessem, e seus mandados se

cumpriaõ em qualquer lugar, onde chegava com a Armada no que para ella pertencia: e para isso tinha seus Ouvidores, Alcaides, e Meirinhos, Carcereiros, e mais Officiaes de Justiça, e dos Alcaides se appellava para o Almirante, e do Almirante para ElRey: e esta jurisdicçaõ começava do dia, que sahia do Porto com a Armada, até que se desembarcava. Os direitos, que tinha o Almirante, eraõ a quinta parte do que cabia a ElRey de todas as presas, que tomava aos inimigos, tirando Navios, armas, e prisioneiro de mercè; o qual quando ElRey o queria tomar, era obrigado a dar cem livras Portuguesas, e dellas tinha o Almirante a quinta parte.

Alem disto se contratou Misser Manoel Paçanha com estas condiçoens particulares. Primeiramente, que ElRey lhe daria huma Villa, e de presente lhe deo logo o lugar da Pereira com todos os direitos Reaes, que nelle tinha, e tres mil livras em cada hum anno, atè lhe dar a dita Villa, que fosse deste rendimento. Que o officio de Almirante andaria sempre nelle, e em seus legitimos descendentes; e que faltando elles, entaõ poderia ElRey eleger para o officio quem lhe parecesse; e que indo ElRey em Exercito por terra, seriaõ obrigados os Almirantes a acompanhallo, mandando-lho ElRey, e de outro modo naõ. E naõ seria obrigado a se embarcar em pessoa com menos de tres Galès, e o Almirante se obrigou a ter 20. homens praticos no mar para Alcaides, e Arraes das Galès, aos quaes em quanto andassem nellas, daria ElRey ao Alcaide doze livras, e meya por mez, e ao Arraes outo, e agoa, e biscouto, e fallecendo algum dos ditos homens, dava ao Almirante outo meses de tempo, para prover o tal lugar. Este contrato se guardou atè o tempo delRey D. Joaõ I.

A Misser Manoel Paçanha primeiro Almirante succedeo seu filho mais velho Carlos Paçanha, e a este por morrer sem geraçaõ, seu irmaõ Bartholomeu Paçanha; o qual tambem naõ deixou filhos, e lhe succedeo o terceiro irmaõ Lançarote Paçanha; e em quanto elle esteve prezo em Castella, teve o titulo de Almirante D. Joaõ Tello irmaõ da Rainha Dona Leonor. A Lançaròte Paçanha succedeo seu filho Manoel Paçanha, a quem por naõ deixar filho macho, succedeo seu Irmaõ segundo Carlos Paçanha; o qual teve duas filhas, Dona Genebra, que casou com o Conde D. Pedro de Meneses primeiro

Capitaõ de Ceita, com quem houve o Almirantado: e por naõ ter della filhos succedeo no cargo Ruy de Mello, Senhor de Mello, casado com a segunda filha de Carlos Paçanha; e por naõ ter della filhos, succedeo Nuno Vaz de Castelbranco, por ser filho de Catharina Paçanha, neta do Almirante Lançaróte Paçanha, e a este succedeo seu sobrinho Lopo Vaz de Azevedo filho de sua Irmãa Isabel Vaz Paçanha, e de Gonçalo Gomes de Azevedo Alcaide Mòr de Alenquer, o qual teve a Antonio de Azevedo, que foy Almirante, e este, a D. Lopo de Azevedo, em cuja linha se conservou esta dignidade. Este Officio de Almirante de Portugal agora he dos Castros, Senhores de Roriz, e Rèzende, porque D. Simaõ de Castro casou com Dona Bernarda de Menezes, que veyo a ser herdeira de D. Joaõ de Azevedo Almirante de Portugal.

§. XIV.

Do Capitaõ Mòr, e General das Galès.

ElRey D. Fernando creou de novo o Capitaõ Mòr do mar do Reyno, o qual segundo parece do Regimento da guerra no tit. do Capitaõ Mòr do mar, devia ser ordenado em ausencia do Almirante. Porèm ainda que tivesse este principio, depois se continuou pelos Reys adiante; e parece que em ausencia dos Almirantes devia fazer o officio. Sua jurisdicçaõ era igual à do Almirante, e executava suas sentenças sem appellaçaõ, tirando em caso de morte, no qual era obrigado dalla para ElRey. O primeiro, que teve este cargo, foy Gonçalo Tenreiro em tempo delRey D. Fernando, que depois se intitulou Mestre de Christo. Succedeo-lhe Afonso Furtado de Mendoça, e depois Alvaro Vaz de Almada primeiro Conde de Abranches, e a elle seu filho D. Fernando de Almada. E assim se foy conservando em sua descendencia por outras successoens.

As Galès para defensaõ da Costa saõ mais antigas no Reyno, e foraõ as primeiras embarcaçoens, que para a guerra maritima se usaraõ em Portugal. E na tomada de Ceita, e outras jornadas, que os Reys por mar fizeraõ, levaraõ sempre bom numero dellas:[69] a chusma das quaes se provia atè o tempo delRey D. Joaõ I. dos

homens do mar pescadores, e barqueiros, para o que estavaõ todos alistados, e quando sahiaõ as Galès, tomavaõ a vintena desta gente, que era hum de vinte, para os pòr ao remo, e o Anadel Mòr tinha cargo de os mandar assentar nestes livros, que chamavaõ de Armaçaõ, e os constrangia a virem por meyo de seus Officiaes, a quem chamavaõ Vinteneiros. O que sendo de grande oppressaõ para os mareantes, e semelhante gente, fizeraõ com ElRey D. Joaõ, que aceitasse de novo outra dizima do pescado, fóra a que jà pagavaõ, para com o tal dinheiro prover as Galès de remeiros, e que os desobrigasse de taõ pesado encargo, e assim se fez. O primeiro, que em tempo delRey D. Joaõ III.[70] se acha com titulo de General, ou Capitaõ Mòr das Galès, parece que foy D. Pedro da Cunha. ElRey D. Sebastiaõ o continuou por todo o tempo de seu governo, trazendo-as ordinariamente na Costa do Algarve, e alcançou da Sè Apostolica, que se podessem nellas ganhar as Commendas das Ordens Militares do Reyno.

As tomadias, que se fazem no mar pelas Armadas delRey, pertencem em parte ao Fisco Real, como se vè do titulo do Almirante. O costume antigo, que se nisto guardava, segundo parece da Chronica delRey D. Joaõ I. 2. p. c. 128. era que das embarcaçoens, que eraõ entradas por força de armas, havia cada hum dos soldados para si o que tomava, salvo o ouro, prata, aljofar, pedraria, e as peças inteiras de tellas, sedas, ou pannos; porque estas cousas pertenciaõ a ElRey com o casco do Navio, aparelhos, armas do armazem delle, e prisioneiros. Porèm sendo a embarcaçaõ preza de 26. toneis para baixo, eraõ do Patraõ da Galè, que a tomava, e os Alcaides tinhaõ huma amarra; mas os prisioneiros, e dinheiro eraõ delRey. Das prezas que faziaõ, sahindo em terra dos contrarios, os prisioneiros, e todo o saco eraõ de quem o tomava, salvo o prisioneiro de 5U000. dobras para cima, que este podia tomar ElRey, dando por elle 1U000. dobras. E se esta preza se tomasse na terra por homens de armas, ou bèsteiros, haviaõ a terceira parte os Patroens das Galés, e do que tomarão aos galeótes, haviaõ o terço os Alcaides. Porém do que havião, e ganhavão os Marinheiros, e Arraes, não tinha ninguem parte, e era tudo seu. As armas do Capitão da Galé contraria, e sua baixella, e

vestidos erão do Capitão da Galé, que a afferrava. Para se fazer esta partilha mandava ElRey se trouxesse toda a tomadia a monte, e della se fizessem tres partes, das quaes escolherião os tomadores a primeira, e a segunda os Capitaens, e a terceira os tomadores. Destas cousas não tinha o Almirante, ou o Capitão Mòr direito algum, senão que da parte delRey levava sómente o quinto, ficando sempre a ElRey os Navios, armas do Armazem, e prisioneiro de mercé.

§. XV.

Das Armadas ordinarias do Reyno, e da grande brevidade, com que em Lisboa se aprestaraõ poderosos socorros para fóra da Barra.

A Armada ordinaria, que antigamente havia neste Reyno para defensaõ da Costa, era de tres galès, e cinco Navios, como se vè na historia delRey D. Afonso IV.[71] ainda que ElRey D. Pedro favoreceo a ElRey de Castella com dez galès por algumas vezes; de modo que este numero, pouco mais, ou menos, era o ordinario. Porque como os inimigos, que por o mar entaõ havia, eraõ de pouca importancia, naõ procuravaõ os Reys trazer contra elles mayores forças. Com tudo andando ElRey D. Fernando de Portugal de guerra com Castella, armou 32. galès, e 30. Nàos[72] Mas quem poz mayor numero de vèlas no mar, foy ElRey D. Joaõ I. o qual sendo ainda Defensor do Reyno, mandou vir da Cidade do Porto huma Armada de 35. vèlas, em que entravaõ 18. Nàos, e 17. galès,[73] e depois na tomada de Ceita foy o numero mayor, pois só do Porto sahiraõ 70. velas, em que entravaõ 17. galès. Na tomada de Alcacere passou ElRey D. Afonso V. a Africa com 220. vèlas, e na de Arzilla com 338. Daqui em diante como o cõmercio das terras se foy abrindo, assim se foy acrescentando este poder de modo, que naõ sómente defenderaõ os nossos Reys as Costas maritimas de seus Reynos, mas mandaraõ poderosas Armadas a socorrer os estranhos, [43.] como foy a que levou a Italia D. Garcia de Meneses Bispo de Evora para a recuperaçaõ de Otranto,[74] e a que ElRey D. Manoel mandou em favor dos Venezeanos, e a com que ajudou ElRey D.

Joaõ III.[75] ao Emperador Carlos V. na tomada de Tunes, e ElRey D. Sebastiaõ a ElRey de Castella para a tomada de Pinhaõ. Na India se vio mais este nosso poder maritimo,[76] pois desbaratamos naõ só as Armadas daquelles Reys do Oriente; mas as do Soldaõ do Cairo, e as do Gram Turco, cheyas de Genizaros, e Mamelucos. Por onde diz Damiaõ de Goes,[77] que em seu tempo trazia ElRey D. Joaõ III. no mar, assim no Reyno, como em suas Conquistas 300. vélas. ElRey D. Sebastiaõ passou a Africa[78] com 1U000. embarcaçoens, que foy a mayor Armada, e mais poderosa, que se vio no mar Occeano.

Porèm o que mais admira he a abundancia, com que os Reys deste Reyno tinhaõ providos os Armazens de Lisboa, para com toda a presteza poderem lançar ao mar huma Armada poderosa, quando lhes conviesse, como se vè dos exemplos seguintes.

Os Mouros de Granada cercaraõ a Cidade de Ceita[79] com huma armada de 64. vèlas, em que entravaõ onze galès. Soube ElRey D. Joaõ I por recado de Tarifa, que sahira esta armada sobre Ceita, e mandou em Lisboa aprestar o socorro com tanta brevidade, que quando o Conde D. Pedro de Meneses avisou a ElRey, jà a embarcaçaõ de Ceita achou no caminho o nosso socorro taõ poderoso, que rendeo a armada inimiga, e descercou a Cidade.

Quando os Mouros cercaraõ a Fortaleza da Graciosa,[80] que ElRey D. Joaõ II. mandou fazer sobre o Rio de Larache, a mandou ElRey socorrer no mesmo dia, e depois quasi por horas atè fazer pazes com o Muleixeque.

Entrou ElRey de Fez em Arzilla, e cercou o Conde de Borba no Castello;[81] em cinco dias ajuntou ElRey D. Manoel o socorro de hum poderoso Exercito, e se achou com elle no Algarve com huma numerosa Armada para passar o estreito, como jà tocamos.

Cercando Xarife a Magazaõ na tutoria delRey D. Sebastiaõ em 4. de Março lhe mandou em 20. dias taõ grande socorro, que fez levantar o cerco ao inimigo.[82]

Assaltaraõ huns piratas Franceses a Cidade do Funchal[83] a 2. de Outubro de 1566. chegou a nova a Lisboa a 9. do mesmo, e o socorro se aprestou com tanta diligencia, que aos 22. chegou a nossa Armada à Ilha; a qual constava de outo galeoens, algumas zavras; e muitas caravelas, com medo da qual os Franceses se tinhaõ partido da Ilha a 17.

Destes exemplos se vè, que as forças maritimas deste Reyno saõ das mayores de Europa, quando os Reys quiserem usar dellas; porque assim como a natureza deu a Lisboa aquelle excellente porto, e sitio, com que a fez a Rainha do mar Oceano, como lhe chamaõ gravissimos Authores; assim tambem a proveo em seu territorio de grande copia de madeira para embarcaçoens, como se vè nos Pinhaes de Leiria atè o Mondego, e em todas as Ribeiras do Tejo, Sadaõ, e Setuval; a que tambem ajuda toda a mais Costa do Porto atè Viana, donde, e do Algarve tem sahido muitas vezes grandes Armadas. E assim em razaõ destas commodidades, e dos mais materiaes, que saõ necessarios para as frótas, se fez no Porto de Lisboa a mayor parte da Armada, que o Duque de Medina Sidonia levou contra Inglaterra, e a com que depois o Adiantado de Castella intentou a mesma empreza. Sendo a obra das embarcaçoens, que se fazem em Portugal, a melhor do mundo,[84] como confessaõ os Estrangeiros. Porèm deixando estas particularidades. Os Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. dividiraõ as Armadas ordinarias do Reyno em tres esquadras, huma para a guarda da Costa, outra para o Estreito, e Algarve, e a terceira para as Ilhas. A Armada da Costa era de Navios, em que havia atè 300. homens de peleja; porèm crescendo o numero dos Piratas, foy necessario acrescentar-se tambem o numero dos nossos Navios; atè que entrando no governo de Portugal ElRey D. Filippe o Prudente, e vendo o muito que tinha despendido do patrimonio Real com sua pretençaõ, introdusio neste Reino no anno de 1592. o tributo novo do Consulado, que saõ tres por cento nas Alfandegas, para com elle fazer todos os annos huma Armada grossa de doze galeoens, que podesse guardar a Costa, e trazer seguras as frótas das Conquistas das Ilhas atè Lisboa. A Capitanîa Mòr desta Armada deu com titulo de General ao Conde da Feira, e dahi por diante se

foy provendo de tres em tres annos; e nesta ordem se conserva atè o presente; ainda que no fazer destas Armadas houve grandes intercadencias, ficando muitos annos as Costas do Reyno, e suas Fronteiras sem guarda; de que resultaraõ vermos em tempo dos Reys de Castella tantas perdas de Nàos, e Navios tomados pelos inimigos, e o que peyor he, muitos lugares deste Reyno roubados, e destruidos por elles. Porèm continuando-se estas Armadas do Consulado, para guarda da Costa com hum terço de soldados, que de veraõ andem embarcados, e de inverno se alogem no Castello de Lisboa, ficaràõ as Costas do Reyno seguras, e as frótas das Conquistas chegaràõ livremente a nossos portos, e averà nas armadas soldados praticos, e costumados ao mar, e naõ bizonhos, e enfermos; por cada anno ser gente nova, e que nunca se embarcou; e terà sempre Sua Magestade força competente em Lisboa para rebater qualquer subito accidente, que inesperadamente aconteça. A Armada do Estreito humas vezes era de fustas, outras de galès, e às vezes de caravelas. Vasco Fernandes Cesar andando com huma fusta em guarda do Estreito, pelejou, e tomou seis galeotas de Mouros. E D. Pedro da Cunha com quatro Galès rendeo outo de Turcos. As Caravelas ordinarias naõ passavaõ de seis, e ainda assim faziaõ muito bem a guarda contra os Piratas Berberiscos. Porèm se este numero de Caravelas se reduzira a Galeoens; entendem os homens mais praticos, que com elles poderaõ os Reys de Portugal ficar senhores de todo o comercio de Europa, como se aponta nos Discursos Politicos, que imprimi no anno de 625. Porque sendo notorio, que todas as Naçoens do Norte, naõ se sustentaõ mais, que do trato das obras mechanicas, em que todos os moradores daquellas Provincias se occupaõ, e que de força os haõ de vir a vender nos Reynos de Castella, e em Italia, e Levante; havendo para isso de passar forçosamente pelo Estreito, ficavaõ os nossos senhoreando todos estes Navios Mercantîs, com que obrigariamos todas estas Naçoens a necessitarem de nossa amizade, ou a trazerem taõ grandes Armadas, que lhes viriaõ a ser de mòr custo, que o proveito da mercancia; pois tendo os nossos Galeoens a retirada segura nos Portos do Algarve, e Africa, ficavaõ senhores do Estreito: o que se hoje se fizer, serà de mayor proveito, e reputaçaõ, que nenhum outro meyo para os reduzir á nossa

amizade, como bem adverte o Doutor Antonio de Sousa de Macedo, [85] Embaixador, que foy a Holanda, na sua Harmonia Politica, que dedicou ao Serenissimo Principe D. Theodosio Nosso Senhor. A Armada das Ilhas era ordinariamente de cinco, ou seis vèlas, em que entrava hum Galeaõ: esta Armada servia de guardar as Costas das Ilhas, que naõ fossem infestadas de Cossarios, e esperarem ahi as Nàos, que vinhaõ da India, e dar-lhes guarda atè Lisboa. Muitas vezes se encommendou a Capitanîa Mòr desta Armada a algum Fidalgo das Ilhas, para que com outros Capitaens, e gente nobre daquelles Lugares se exercitassem na Milicia, e ajudassem com suas pessoas, e com as embarcaçoens, que là se faziaõ, as forças deste Reyno.

Estas saõ as Armadas, que consta andavaõ para guarda dos nossos mares em tempo delRey D. Manoel, e delRey D. Joaõ III. e porque o poder dos Piratas hia cada vez crescendo mais, communicando ElRey esta materia com o Emperador no anno de 1552. se assentou pelos Conselheiros mais praticos de Estado, e Guerra, que as nossas Costas maritimas se defendessem nesta fórma. Que ElRey mandaria armar 20. Navios Latinos de 25. atè 30. toneladas cada hum, que andassem sempre à vista da terra, tres delles haviaõ de estar em Cascaes, quatro na Atouguia, quatro em Caminha, quatro em Lagos, dous em Villanova de Portimaõ, tres em Cizimbra, ou Sines, que eraõ os lugares, em que os Navios armados costumavaõ vir: e àlem destes, andariaõ quatro Galeoens correndo a Costa mais ao mar; e ajuntariaõ assim cada vez, que cumprisse, os 20. Navios referidos, e álem disto andariaõ na Costa do Algarve quatro Navios de remo, hum Navio grosso, e tres Caravelas, e se uniriaõ, quando conviesse, com os outros Navios da mesma Costa; os quaes andariaõ, assim no inverno, como no veraõ, no mar, e só os do remo se poderiaõ recolher. Para as Ilhas se mandariaõ dez Navios armados, tres delles Galeoens, e os 7. Caravelas; e que os Navios, que haviaõ de caminhar para a Costa de Guinè, S. Thomè, e Brasil, fossem, e viessem em tres monçoens, huma em Janeiro, outra em Março, outra em Setembro, e que todos elles fossem armados. A ordem, que o Emperador deu para as guardas das

Costas de Castella, naõ serve aqui, mais que os Capitaens das Armadas se favorecessem huns aos outros, quando cumprisse.

§. XVI.

Do modo, com que se ordenou andassem armados os Navios do Commercio do Reyno.

Alem das Armadas, que os Reys mandavaõ trazer no mar em defensa dos seus Vassallos, ordenou ElRey D. Sebastiaõ hum Regimento, para com mayor segurança se poder navegar, e commercear. Neste Regimento mandou, que todos os Navios Portugueses, que partissem deste Reyno, ou de suas Conquistas, ao commercio, fossem armados de armas, e de gente para sua defensaõ; de maneira, que os Navios de 200. e mais toneladas trouxessem 14. peças de artelheria, e certo numero de piques, lanças, e arcabuzes, e quintaes de polvora; e os de 150. atè 200. toneladas, onze peças, e as maes armas em sua proporçaõ; e assim nas mais embarcaçoens, atè as de 25. toneladas; e o numero havia de ser atè dous homens por cada dez toneladas. E para se isto inteiramente cumprir, mandava, que nenhum Navio Portugues podesse partir deste Reyno às suas Conquistas, sem primeiro o fazer a saber ao Provedor dos Armazens, estando em Lisboa; e nas outras partes, aos Capitaens, Alcaides Mòres, Corregedores, ou Juizes dos taes lugares, diante dos quaes haviaõ de fazer certo as toneladas, que o Navio tinha, e as armas, e gente, que levava, segundo este Regimento, de que se lhe passava Certidaõ, a qual offereciaõ os taes Officiaes dentro em hum dia no porto, a que chegavaõ, sendo da jurisdicçaõ deste Reyno, para ver se cumpriaõ com a obrigaçaõ desta ley, e sendo comprendidos nella, tinhaõ graves penas.

E para melhor governo mandou, que alèm de naõ poderem navegar os Navios, senaõ com estas armas, fossem juntos, e em conserva, para serem melhor defendidos, e se ajudarem huns a outros: de modo que para S. Thomè, Brasil, e Flandes, naõ partiriaõ menos de quatro vèlas; dos Capitaens das quaes haviaõ de eleger hum para Capitaõ Mòr, e lhe haviaõ de obedecer em tudo tocante à

navegaçaõ, e defensaõ, que lhe elle ordenasse, seguindo sua bandeira, e farol, pondo graves penas aos que o contrario fizessem.

E para poder haver mais Navios armados no Reyno, dava ElRey de ajuda de custo 75. cruzados por cada hum aos que quisessem fazer Navios para andar às prezas na Costa de Guinè, ou Brasil, de 14. brancos, e dahi para cima; e que as prezas fossem suas. E aos que fizessem Navios de alto bordo, ou remos para andar na Costa do Algarve, e de Portugal em corso, lhes concedia tambem as prezas, justificando depois, que sahissem em terra, como eraõ de Cossarios, e tomadas em boa guerra; para o que haviaõ de dar fianças, antes de partirem, diante dos Officiaes, que haviaõ de visitar as mesmas Embarcaçoens. Com estas ordens se accrescentou grandemente o cõmercio em tempo delRey D. Sebastiaõ, e navegavaõ os Navios deste Reyno com grande segurança de Cossarios. Mas acontecendo a esta boa ordem o que he ordinario nos decretos dos Principes, que quanto tem mais rigorosos principios, tanto tem depois mais descuidados fins, assim o veyo haver nesta materia, e nos que andavaõ às prezas alguns excessos, pelos quaes foraõ publicamente castigados, e se lhes tornou a prohibir a licença. O que senaõ succedera, foraõ de naõ pequeno proveito, tanto para defensaõ dos lugares do Reyno, como para os cõmercios delle. De presente acudio ElRey Nosso Senhor ao grande desamparo, com que de muitos annos a esta parte andavaõ os nossos Navios do cõmercio feitos continuas prezas dos Cossarios, ordenando a Companhia da Bolsa do Brasil para que todas as Embarcaçoens mercantîs vaõ juntas, e guardadas com huma boa Esquadra de Galeoens de guerra; com o que fica seguro o cõmercio em grande beneficio deste Reyno, e em mayor danno de nossos inimigos, os quaes com as ricas, e continuas prezas, que nos tomavaõ, nos faziaõ guerra à nossa custa.

§. XVII.

Da instituiçaõ das Ordens Militares para defender o Reyno.

Deixey para o fim desta materia da guerra tratar das Ordens da Cavallaria deste Reyno; porque ainda, que saõ a mais antiga Milicia

delle, com as mudanças do tempo, se mudou em parte o exercicio do de seu instituto. O que com razaõ notou Joaõ Botèro,[86] e Bozio, [87] e outros Estrangeiros, dizendo que havendo em Hespanha tantas Commendas, e particularmente em Portugal, com que os Reys sem dar nada de sua casa, podem trazer em seu serviço toda a Nobreza do Reyno; por particulares respeitos se deixa perder este meyo, que redundaria em taõ grande beneficio de seus Reynos, de suas rendas, e de sua reputaçaõ.

Foraõ as Ordens Militares de Aviz, e Santiago, e Christo, e do Hospital de S. Joaõ instituidas, e admittidas neste Reyno para defensaõ de seus moradores, e para recuperar dos infieis as terras, que tirannicamente tinhaõ occupado aos Christãos, militando contra os inimigos da Fé, assim por mar, como por terra, segundo o dizem largamente os Summos Pontifices nas Bullas de suas Instituiçoens, e nas que depois em seu favor passaraõ; e para este effeito lhes applicaraõ tantos bens, e dizimos das Igrejas deste Reyno.

A Cavallaria, que hoje està em Aviz, he a mais antiga de Portugal, e ainda pòde ser que de Espanha; pois se acha mençaõ destes Cavalleiros, antes do anno de 1150. em que começaraõ de Calatrava, ǫ se tem pelos mais antigos de Castella. ElRey D. Afonso Henriques instituhio esta Ordem à imitaçaõ da do Templo; e Hospital de S. Joaõ, que alguns Cavalleiros zelosos da exaltaçaõ de nossa Santa Fé, fundaraõ em Jerusalèm. Na batalha do Campo de Ourique, que foy no anno de 1139. jà hà mençaõ destes Cavalleiros; [88] como tambem depois na tomada de Lisboa, que foy no anno de 1147. A isto se acrescentou, que ElRey D.Afonso Henriques instituhio outra Milicia no anno de 1169. em graças da vitoria, que alcançou por maõ do Anjo S. Miguel no Campo de Santarem de Albaraque Rey Mouro de Sevilha, que o tinha cercado com grande Exercito, como se conta largamente na 3. p. da Monarq. Lusit. Destes Cavalleiros, e dos primeiros, que ElRey instituira, fez ElRey hum Convento em Evora no Castello antigo da Cidade, dando-lhes por orago o mesmo Archanjo S. Miguel, cuja Igreja permanece ainda hoje no mesmo sitio antigo do Castello, que ao presente saõ casas do Conde de Basto, e o bairro se chama Freyria, pela habitaçaõ dos Freyres, e Cavalleiros, que alli moraraõ muitos annos, até que

passaraõ o Convento a Aviz, para ajudarem a libertar aquella Comarca do poder dos Mouros, de que ainda estavaõ apoderados; o que elles fizeraõ com muito valor, ajudando a lançar fóra os Arabes desde Coruche até Landroal, e Jerumenha; em gratificaçaõ do qual lhe deraõ os Reys 18. Villas, que saõ, Cabeçaõ, Mora, Jerumenha, Landroal, Noudar, Veiros, o Cano, Fronteira, Figueira, Cabeça de Vide, Aviz, Galveas, Alter Pedroso, Seda, Albufeira, a Villa de Coruche, o Conselho de Serpa, Alcanede, e 48. Commendas, que rendem passante de 23. contos.

Os Cavalleiros da Ordem de S. Tiago floreceraõ em Castella com grande nome pelejando valerosamente contra os infieis: e sabendo como ElRey D. Afonso Henriques estava cercado em Santarem por ElRey de Sevilha com hum poderoso Exercito de Mouros, o vieraõ socorrer, e se houveraõ com tanto valor, que ElRey D. Afonso os recebeo em Portugal, fazendo-lhes muitas doaçoens; e os Cavalleiros continuaraõ na guerra contra os Mouros do Reyno, de modo, que ajudaraõ aos lançar fóra de Riba Tejo, e do Campo de Ourique, e ultimamente do Algarve, em cuja remuneraçaõ os Reys deste Reyno lhes deraõ 47. Villas, e lugares, que saõ Torraõ, Canha, Ferreira, Aljustrel, as Entradas, Mesejana, Casevel, Panoyas, Castro Verde, Alvalade, Ourique, Mertola, Almodouvar, Collos, a Commenda dos Padroens, S. Tiago de Cacem, Villa-Nova de mil Fontes, Sines, Cacella, a Villa de Aljezur, Meijaõ frio, o Concelho de Cidadelhe, o Concelho de Villamarim, o Concelho de Meijaõ frio, Livais, Canaveses, Amarante, Veiros de baixo, Veiros de cima, Alpedriz, Arruda, Setuval, Palmella, Couna, Barreiro, Alhos Vedros, Aldea Gallega, Alcouchete, Cezimbra, Cabrella, Çamora Correa, Benavente, Alcacere do Sal, a Horta do Amizio, Concelho de Campo bem feito, a Horta da Serra do Monte, o Concelho de Casal, e 150. Commendas, que rendem todas passante de 36. contos.

A Ordem dos Cavalleiros de Christo, como se fundou sobre as doaçoens, e herdamentos, que a Ordem do Templo tinha em Portugal, della devia tomar seu principio.

Dos primeiros nove Cavalleiros, que instituiraõ a Ordem do Templo, dous delles foraõ Portugueses, por quanto diz o Arcebispo

de Tyro,[89] que esta Ordem se instituhio no anno de 1118. e que dahi a 9. annos se confirmou pela Sè Apostolica, que vem a ser no anno de 1127. e que em todo este tempo naõ foy o numero mayor dos nove primeiros. Com tudo consta da 3. p. da Monarquia Lusitana. l. 9. cap. 9. que jà no anno de 1226. D. Galdim Paez, e Arnoldo da Rocha com outros intitulados todos Cavalleiros do Templo fizeraõ concerto sobre a Villa de Ferreira com Pedro Fernandes, e Payo Perez. Pelo que se fica demonstrando, que ao menos estes dous eraõ dos primeiros nove; e parece que tornando-se para a patria, ajuntaraõ a si outros Cavalleiros, como em Confraternidade, e soldados seus, que os ajudavaõ a pelejar com os Mouros, estando ainda a Milicia sem a Confirmaçaõ Apostolica, e elles sojeitos, ou aos Ordinarios, ou aos Principes.

Trabalharaõ os Cavalleiros do Templo em libertar a navegaçaõ do Tejo, depois que entra neste Reyno em Montalvaõ, e o territorio a elle visinho.

Depois extinguindo-se a Ordem do Templo, ElRey D. Diniz fundou dos bens, que ella tinha em Portugal, a Religiaõ Militar de Christo no anno de 1319. a 14. de Março, e como tiveraõ os Reys deste Reyno a esta Milicia por sua, a honraraõ, e enriqueceraõ mais, que a nenhuma das outras, atè que ultimamente ElRey D. Manoel, sendo Mestre della, lhe applicou em Cõmendas todos os bens Ecclesiasticos das Conquistas fóra da Barra; e assim podemos affirmar, que he a mais rica Religiaõ Militar, que nunca houve; ainda que neste numero entre a dos Teutonicos.

Em remuneraçaõ dos serviços, que fizeraõ a este Reyno, lhe deraõ os Reys delle 21. Villas, e lugares, que saõ as seguintes, Alpalhaõ, Nisa, Tomar, Pombal, Soure, Ceras, Pias, Ferreira, Dornes, Areas, Villa-Flor, Montalvaõ, Castromarim, Arenilha, Villa da Reigada, a Villa de Paipelle, a Villa de Castello-Branco, a Villa de Idanha a nova, a Villa de S. Vicente da Beira, Proença, a Villa do Rodaõ, a Villa do Rosmaninhal, a Villa de Bemposta, a Villa de Penagarcia, a Villa de Segura, Salvaterra, a Villa do Touro: fóra da Barra a Ilha Terceira, que por ser da Ordem, chamaõ de Christo, e 454. Commendas, que rendem pelas avaliaçoens mais de 94. contos, sem o que tem fóra da Barra. Posto que na Apologia

historica de Calatrava, se diz, que rendem agora estas Commendas 500U000. cruzados, porque a avaliaçaõ he antiga, e se fez muito baixa.

Começou a Religiaõ do Hospital de S. Joaõ em Jerusalèm no anno de 1119. entrou no Reino em tempo delRey D. Afonso Henriques, e foy herdada pela mayor parte entre Douro, e Minho; os Reys lhe deraõ 21. Villas, e lugares, que saõ Montoiro, o Crato, Tolosa, Amieira, Belvér, o Concelho da Margem, Couto da Coutada, que anda na Commenda de Santa Marta, Carvoeiro, Proença a nova, a Certaã, a Villa de Oleiros, a Villa de Pampulhosa, Pedrogaõ pequeno, Elvira, o Concelho de Alvers, o Concelho de Ranhados, o Concelho de Lobelhe do matto, o Conselho de Casal do Monte, a Villa de Ferrajos, a Commenda de Cores, o lugar de Aguilheiro, e 24. Commendas, que passaõ de 35. contos. Ainda que estes Cavalleiros tem por seu proprio instituto militarem agora na Ilha de Malta contra os Turcos; com tudo estando no Reyno tem obrigaçaõ de acompanharem os Reys, e acudirem à defensaõ delle.

Esta foy a instituiçaõ destas nobilissimas, e importantes Milicias, as quaes os Reys enriqueceraõ, por estarem sempre prestes para os servirem na defensaõ destes Reynos. Porèm vindo a descahir com o tempo este seu exercicio, para haver nestas Milicias alguma regra certa do poder, com que haviaõ de servir na guerra, e naõ ficar este serviço arbitrario, se ordenou nas ultimas Cortes delRey D. Joaõ I. que as quatro Ordens Militares fossem obrigadas a ter prestes por si, e seus Commendadores 340. lanças, e 160. arnezes, fóra a gente de pè, como jà fica referido. Com tudo ElRey D. Afonso V. teve mayores intentos, porque quiz tornar estas Ordens a seu primeiro principio: e para isso impetrou do Papa Pio II. no anno de 1463. ą se fizessem na Cidade de Ceita tres Conventos das Ordens Militares; e que os Mestres dellas obrigassem a terça parte dos Cavalleiros por giro a sempre residir nellas à sua custa. Esta taõ excellente ordem (que se se fizera, sem duvida fora causa de grande acrescentamento deste Reyno) pertubou a avareza, que he a causa, e a raiz de todos os males, como lhe chama o Espirito Santo: *Radix omnium malorum avaritia*: porque por naõ deixar de dar as Commendas a seus criados, o Mestre, que entaõ era, se

oppoz a taõ santo intento, de modo, que naõ teve effeito. Porèm vindo depois ElRey D. Manoel acrescentou muito a Ordem de Christo com as Commendas, que de novo impetrou do Papa Leaõ X. e guardou a condiçaõ, com que se concederaõ, dando-as aos que serviaõ contra infieis: o que depois naõ se guardando com tanta observancia atè o tempo delRey D. Sebastiaõ, querendo elle justificar taõ larga concessaõ de rendas Ecclesiasticas, vendo juntamente os grandes dannos, que os Piratas de Berberia, e Hereges faziaõ nos mares de Espanha, ordenou reformar de novo os estatutos das ditas Ordens, e impetrou para isto Indultos Apostolicos; por virtude dos quaes ordenou, que o provimento das Commendas se fizesse na forma seguinte. Primeiramente, que as Commendas, que rendessem 100U000. reis livres de encargo, e dahi para baixo, se naõ provessem por antiguidade nos que servissem de tempo, senaõ por numero de homens de cavallo; contando os homens de cavallo de todo o tempo de sua residencia em Africa, naõ contando por homem de cavallo, senaõ o que fosse de 18. annos compridos.

Que as Commendas, que renderem de 100. atè 200U. reis se provessem por antiguidade no serviço da guerra, senaõ com carta de Commenda: e concorrendo dous iguaes no tempo, fosse preferido o que tivesse servido com mais cavallos.

Que as Commendas de 200U. reis para cima se proveriaõ no que tivesse servido com mayor numero de homens de cavallo, e os que servissem estas Commendas em Africa, seriaõ obrigados a servir com o tal numero de cavallos cinco annos inteiros; mas sendo as Commendas de 800U. reis, e dahi para cima, ordenasse servisse por ellas mais hum anno.

Assim mesmo na guerra do mar ordenou ElRey se podessem tambem ganhar as Commendas, contando os que as servissem os meses, que andassem embarcados atè prefazerem o tempo, que estava assinado para a residencia de Africa, conforme as rendas das Commendas; e em lugar de hum homem de cavallo, seriaõ obrigados levar dous Soldados embarcados à sua custa.

As Commendas, que chamaõ de Graça, que saõ as que vagaõ em quinto lugar, de qualquer valor, e rendimento, que sejaõ, ordenou ElRey, que livremente as podesse dar aos benemeritos. Esta foy a ultima reformação, que se fez das Ordens, a qual està hoje taõ pouco em uso, que as mais das Commendas se dão por dispensaçaõ; sendo assim, que se se ganharaõ as Commendas nas Fronteiras, ou Armadas, sobejariaõ Soldados, e se exercitàra grandemente o valor. Porque se huma coroa de louro, ou de gramma fazia aos Romanos aventurar a vida na guerra tantas vezes; com quanta mais razão se aventurariaõ os Nobres por estoutro premio, que alem da honra, lhe traz tambem proveito? He bastante a esperança de alcançar huma Commenda de S. Joaõ de Malta, para trazer boa parte da Nobreza da Christandade occupada em seu serviço, ainda que seja com taõ grandes encargos para os seculares, como saõ não casar, andar desterrado da Patria, e encommendar depois de velho, e ser a Religiaõ sua herdeira, e não seria poderosa estoutra esperança, sendo certa, para trazer todos os Morgados, e Senhores de Portugal nesta Milicia à sua custa, sendo providos por suas antiguidades? Se quando se serviaõ as Commendas em Africa em tempo delRey D. Manoel, e D. João III. havia mais de 300. lanças sustentadas pelos Fronteiros (porque todo o homem nobre hia cingir a primeira espada àquellas partes) como naõ succederia agora o mesmo havendo certeza de serem providos? E o que se entaõ gastava com 300. lanças, montàra agora nas Armadas em dobrado numero de Soldados. Pelo que era usar destes premios para o intento, com que foraõ instituidos, està o podermos ser poderosos, e ter grande numero de Soldados voluntarios, e naõ forçados, com que vençamos nossos inimigos. Isto naõ tira dar Sua Magestade as Commendas a quem lhe parecer; porque álem das de graça, que saõ livres, pòde dar as outras para filhos, e netos, aceitar renunciaçoens, como se ordena naquelle ultimo capitulo acima referido; pondo-lhes por condiçaõ, que antes de tomarem posse dellas, as sirvaõ primeiro, e deste modo os pretendentes das Commendas se haveraõ por bem despachados; e o Reyno naõ ficarà privado de defensores; para sustentaçaõ dos quaes sómente se concederaõ tantos, e taõ rendosos dizimos das Igrejas, que importaõ mais de hum milhaõ, se

os cem contos quasi, em que estaõ avaliadas as Ordens de Aviz, e Santiago, e Hospital, se haõ de acrescentar proporcionalmente aos quinhentos mil cruzados da Ordem de Christo.

A força desta Milicia das Ordens se considera em duas fórmas; porque ou consiste nos que pretendem militar á sua custa, para ganharem as Commendas, como saõ, e eraõ os Fronteiros de Africa, e naõ saõ ainda Religiosos Cavalleiros; ou nos mesmos Cavalleiros, e Commendadores; dos primeiros naõ pòde haver numero certo, mas sendo as Commendas em Portugal mais de 650. como fica apontado; porque a Religiaõ Militar de S. Bento de Aviz tem 48. a de Santiago 150. e o resto a Ordem de N. Senhor Jesu Christo, que saõ 454. àlem das 24. da Ordem do Hospital de Jerusalem, que agora assiste na Ilha de Malta. E provendo-se confórme aos Indultos de Pio V. e de Gregorio XIII. jà apontados, naõ ha duvida, que haveria mais de 300. Soldados entre os pretensores, e os Soldados, que trouxessem à sua custa, porque naõ haveria pessoa nobre nestes Reynos, e ainda em seus Estados, que naõ empregassem os primeiros annos de sua idade neste virtuoso, e honrado exercicio. Na segunda consideraçaõ serà pouco menor o numero dos Commendadores, e Cavalleiros, pois contra Barcelona levou o Marquez delos Veles 600. Cavalleiros de habito de Castella,[90] e em Portugal naõ saõ hoje menos, os ǫ tem habitos com tença; os quaes todos pelo juramento de sua profissaõ, estaõ obrigados a terem armas, e cavallos, para acudirem em defensaõ do Reyno, e contra os infieis, onde quer que forem mandados.

NOTAS DE RODAPÉ:

[32] *Joan. 15. 13.*

[33] *Plutarc. in Licurg.*

[34] *Regimento da guerra delRey D. Af. 5. t. I.*

[35] *O Regimento da guerra t. I.*

[36] *Capitaõ dos Ginetes ditotit.*

[37] *Chron. delRey Af. 2. c. 76.*

[38] *Regimento da guerra t. do Condestable.*

[39] *Scipiaõ Amirato nas familias de Napoles t. de Condestable.*

[40] *Scipiaõ Amir. no Apparato da Nobreza de Napol. tit. Mariscali.*

[41] *Chron. de D. Afonso V. de Duar. Nun. c. 58.*

[42] *Chron. de D. Duarte 6. 15 e 16.*

[43] *Chron. delRey D.Manoel de Goes. p. I. cap. 26.*

[44] *Covar. Thesour. da Ling. Cast. palavra Adail.*

[45] *Chron. delRey D. Joaõ I. c. 72. e 130. p. 2.*

[46] *D. Joaõ I. 2. p. c. 203.*

[47] *Chron. delRey D.Manoel I. p. c. 47.*

[48] *Chron. de D. Joaõ III. 4. p. c. 40. c. 66.*

[49] *Goes de Situ Olyss.*

[50] *Chron. delRey D. Joaõ I. p. 2. c. 32.*

[51] *Chron. Rey D. Joaõ I. 2. p. c. 71.*

[52] *Rodrigo Mendes Sylva en la Poblacion de Hespaña.*

[53] *Libertino l. 4.*

[54] *Garib. l. 14. c. 32.*

[55] *Garib. l. 16. c. 18.*

[56] *Garib. l. 15. c. 57.*

[57] *Garib. l. 29. c. 26.*

[58] *Veget. l. 3. c. 10.*

[59] *Discripçaõ de Port. de Duar. Nunes c. 24.*

[60] *Damiaõ de Goes de Sit. Olyss.*

[61] *Chron. delRey D. Fernando.*

[62] *Chron. de D. Joaõ I. 2. p. c. 203.*

[63] *Chron. delRey D. Fernando.*

[64] *Chron. do Prin. D. Joaõ de Goes c. 32.*

[65] *Chron. de D. Joaõ 2. cap. 80.*

[66] *Chron. de D Manoel I. p. c. 53.*

[67] *Elogio delRey D.Joaõ III. de Castilho.*

[68] *Nos discursos da Nobreza de Nap.*

[69] *Carta da dizima velha da 2. do peixe.*

[70] *Chron. de D. Joaõ 3. p. 4. c. 110.*

[71] *Chron. delRey D. Af. 4. de Duarte Nunes.*

[72] *Chron. de D. Fern. de Dua. Nun.*

[73] *Chron. de D. Joaõ I. p. 1. c. 131.*

[74] *Chron. delRey D. Manoel p. 1. c. 15.*

[75] *Chron. de D. Joaõ III. p. 3. c. 15.*

[76] *Herr. na Hist. gener. l. 5. c. 1.*

[77] *De Situ Olisip.*

[78] *Jornada de Africa de Mendoça c. 3.*

[79] *Chron. do Conde D. Pedro c. 68.*

[80] *Chron. de D. Joaõ 2. de Pina c. 38. anno 1499.*

[81] *Damiaõ de Goès p. 2. c. 29.*

[82] *Cerco de Magazaõ c. 3. & 7.*

[83] *Historia das Ilhas de Fructuoso l. 1. c. 40.*

[84] *Thomè Cano na Arte de fabricar.*

[85] *Harmonia Politica fol. 167. §. 7. da Fortaleza, n. 45.*

[86] *Botèro ragion di stato l. 9. c. primo.*

[87] *Bozius l. 3. contra Machavellum, c. 5.*

[88] *Monarq. p. 3. l. 10. c. 1.*

[89] *Guillielmus Tirius de Bello Sacro.*

[90] *Hist. de Catalun. de Clemente Libertino l. 4. fol. 99. v.*

DISCURSO III.

Da nobreza das familias de Portugal com a noticia de sua antiguidade, origem dos Appellidos, e razaõ dos Brazões das Armas de cada huma.

§. I.

Sendo a Nobreza das Familias a cousa mais prezada nas Republicas politicas, he juntamente a menos conhecida, e bem entendida de muitos, que se della prezaõ. E como os nobres Portugueses estimaõ, e com razaõ, tanto sua generosidade, e fidalguia, he justo que naõ falte em nosso vulgar esta materia particularmente escrita. Pelo que me pareceo fazer este Discurso, em que se veja, que cousa he a Nobreza, de que partes consta, e da origem, que tiveraõ os Appellidos, e Brazoens das Linhagens nobres, e como se illustraraõ com a clareza das dignidades, e acçoens das virtudes.

Familia he huma ordem de descendencia, que trazendo seu principio de huma pessoa, se vay continuando, e estendendo de filhos a netos, de maneira, que faz huma parentella, ou linhagem; a qual da antiguidade, e clareza das cousas feitas he chamada Nobre.

Esta palavra *Nobre*, he latina, e se derivou de *Nobilis*; que tanto val, como notavel, e conhecido. Segundo Scipiaõ Amirato[91] nos Discursos, que faz antes das Familias de Napoles, e de outros, que melhor sobre esta materia escreveraõ, se mostra, que a Nobreza consta de duas partes sómente, que saõ antiguidade, e clareza. A antiguidade se mostra nas Familias contando nellas pelos tempos passados muitos gràos, idades, ou geraçoens; e confórme a melhor opiniaõ, tanto val huma idade moralmente fallando, como 34. annos de tempo. Porque por estes annos ordinariamente começaõ os filhos a succeder aos pays; e assim quanto mòr numero destas

successoens, ou idades mostrar cada hum de noticia de sua Familia, ainda que naõ conte os gràos successivos de pay a filho, tantas idades, ou geraçoens mais mostrarà. Os gràos saõ as successoens continuadas de pay a filho sem interrupçaõ. Sendo duas Familias antigas, huma que mostre mais gràos continuados de pay a filho, e outra menos; porèm que haja della mais antiga memoria por Chronicas, ou outros documentos certos, serà esta tida por mais antiga, ainda que continue menos successoens.

A antiguidade das Familias de Hespanha he das mayores de Europa, porque se conservou sempre com seus Reys, que saõ dos mais antigos della. E assim dos Godos para cà se hade tomar a sua principal origem; posto que tambem dos Romanos venhaõ algumas das illustres Linhagens de Hespanha, pois a possuhiraõ tantos seculos. E ainda que os Romanos foraõ expellidos pelas Naçoens do Norte, que aborreciaõ grandemente o nome Latino; todavia ficaraõ muitos em Italia, França, e Hespanha, como parece claro das leys de Fuero juzgo, que delles fallaõ.

Depois da entrada dos Arabes em Hespanha, foy Portugal hum dos primeiros Reynos, que se recuperou pelos Christaõs; e os primeiros Fidalgos, que de Leaõ, Asturias, e Galliza os vieraõ povoar, foraõ em tempo delRey D. Ramiro, como se ve do Conde D. Pedro. Porèm dando depois ElRey D. Fernando o I. de Leaõ esta Provincia a D. Garcia seu filho, entraraõ outros muitos de novo com sua Corte, e ultimamente com a Rainha Dona Thereza mulher do Conde D. Henrique; ao qual acompanharaõ tambem alguns Fidalgos Franceses; àlem dos quaes vieraõ outros, que ficaraõ no Reyno, por se acharem nas tomadas de Lisboa, Sylves, e Alcacer do Sal, que se conquistaraõ com o favor das Armadas das Provincias do Norte, que hiaõ à Conquista da terra Santa. Entraraõ depois algumas Familias de Castella no tempo do nosso Rey D. Pedro, e muitas mais nos delRey D. Fernando pela pretençaõ, que teve de se fazer Senhor daquelle Reyno. A servir ElRey D. Joaõ I. assim nas guerras de Castella, como na tomada de Ceita, vieraõ muitos Fidalgos de França, e Inglaterra, que ficando no Reyno, deraõ principio a algumas Linhagens delle.

Tornaraõ a entrar novas Familias de Castella em tempo delRey D. Afonso V. quando se veyo daquelle Reyno, deixando a pertenção, que tinha delle por parte da Excellente Senhora. E com todas as Rainhas de Portugal vieraõ Fidalgos, assim dos Reynos de Aragaõ como de Castella, e de Inglaterra, de que hà linhagens illustres no Reyno. E ultimamente depois de descuberta a India, vieraõ algumas Familias nobres de Italia por razaõ do cõmercio. Estas saõ as antiguidades, que com certeza podemos dar às linhagens de Portugal.

A clareza, que como dissemos, he outra segunda parte da Nobreza se mostra pelas dignidades, ou honras, que os daquelle Appellido alcançaraõ na Republica, como saõ os Estados Titulares, ou Senhorios de terra, Officios Mòres da Casa Real, governos, cargos supremos militares, e civîs. Fazem tambem clareza as dignidades grandes Ecclesiasticas, como Pontificados, Cardinalados, e Bispados; e assim mesmo as letras, o valor, e lealdade, liberalidade, justiça, e sobre tudo a santidade, pois excedendo todas as grandezas humanas, se levanta às divinas. E assim quando qualquer destas cousas he insigne, naõ illustra menos a familia, que muitos Titulos.

Tem a clareza sobre a antiguidade, segundo Scipiaõ Amiranto, que ainda que seja moderna, val mais, que a antiguidade sem ella. Pelo que estando huma Familia Titulada, ainda que seja conhecida de pouco tempo, fica preferida à outra mais antiga, se atè então naõ alcançou semelhante dignidade. Em iguaes Titulos de dignidade será mais clara a familia, que tiver mayor numero, e a mayor dignidade (ainda que menos em numero) vence a multidaõ das menores. De modo, que val hum Ducado por muitos Condados, e hum Senhor livre, mais que todos os avassalados.

Hà neste Reyno cinco gràos de Nobreza, segundo a Ord. l. 5. t. 139. o primeiro, saõ os Vassallos, que tem cavallos, o segundo os Escudeiros, o terceiro os Cavalleiros, o quarto os Fidalgos de Cotta de armas, e geração, que tem insignias de Nobreza, o quinto he dos Fidalgos, que tem assentamentos, e foro na Casa delRey. Entre estes tambem hà diferença; porque as leys do Reyno fazem mençaõ de tres generos de solares, que saõ solar conhecido, solar com

jurisdicçaõ, e solar grande. Os de solar conhecido, segundo o Doutor Antonio Francisco,[92] saõ aquelles, que tem a Nobreza dos Avòs, e Bisavòs; de modo, que senaõ pòde pòr em duvida ser o tal Appellido Nobre, e de fidalguia antiga. Os de solar com jurisdicçaõ saõ os Senhores de terras, que por doaçaõ Real as possuem, e governaõ com suas jurisdicções. Os de solar grande, saõ os Duques, Marqueses, Condes, Viscondes, e Baroens de Titulo, que saõ verdadeiramente Grandes, e por esta causa os chama a Ordenaçaõ Fidalgos de grande solar. Os Reys deste Reyno fizeraõ sempre tanto caso da Nobreza, que só della se serviraõ, assim nos cargos de Estado, como nos da Justiça, Fazenda, e Milicia; e no serviço da Casa Real naõ saõ admittidos senaõ os Nobres.

§. II.

Da origem dos Appellidos dos Nobres de Portugal.

Os nomes foraõ inventados entre os homens para distincçaõ delles, porèm crescendo o numero da gente, e faltando nomes singulares para cada hum, vieraõ a ser muitos homens de hum mesmo nome. Pelo que para evitar confusaõ, acrescentaraõ os sobrenomes, ajuntando o nome dos pays aos seus, e por isso se chamaraõ patronimicos; destes usaraõ mais os Gregos, que os Romanos; mas nem por isso tiveraõ os Latinos menor numero de nomes; porque muitas vezes tinha hum homem quatro nomes, que eraõ prenome, nome, cognome, e agnome. Exemplo disto seja Quinto, Fabio, Maximo, Ovicula. O primeiro podemos hoje chamar nome proprio, o segundo sobrenome da Famillia, o terceiro Appellido, e o quarto tambem Alcunha.

Com o Imperio Romano entraraõ em Espanha seus costumes; e assim usaraõ desta fórma de nomes, como se vè largamente das historias latinas. Porèm vindo os Godos, e extinguindo quasi de todo os Romanos nella, se tornaraõ a introdusir os nomes proprios singulares sem sobrenomes alguns, que duraraõ atè a entrada dos Arabes, depois da qual se começaraõ a usar os patronimicos, Dias, Esteves, Fernandes, Gonçalves, &c. que se derivaraõ de Diogo,

Estevaõ, Fernando, Gonçalo. Porèm naõ foy isto bastante para os homens poderem ser conhecidos; porque de hum pay procediaõ muitos filhos, e de todos tomavaõ o mesmo patronimico. Pelo que ordenaraõ tomar por Appellido os nomes das terras donde viviaõ, ou donde eraõ naturaes, como fizeraõ neste Reyno os de Beja, Castello-Branco, Chaves, Santarem, e outros, mas o mais ordinario foy tomar cada hum o nome da terra, onde tinha senhorio, ou alguma jurisdicçaõ. E tanto he isto assim, que mostra o Bispo D. Prudencio de Sandoval, que Alvar Fanhes famoso Cavalleiro em tempo do Emperador D. Afonso VII se chamou de Çurita, quando a teve a cargo, e de Toledo, quando o fizeraõ Alcaide daquella Cidade.

O mesmo se affirma das Familias de Aragaõ; e daqui vieraõ os Appellidos de muitas linhagens, indose depois continuando em seus successores. A estas terras chamavaõ Solares, derivando o nome da palavra latina *solum*, que quer dizer terra, e assento, donde o homem està. Edificaraõ aqui estes Fidalgos suas torres, e casas fortes donde viviaõ; assim para se defenderem dos rebates dos Mouros, como por ser este modo de edificar casas fortes no campo, proprio das naçoens do Norte, como ainda hoje se vè em toda França, Alemanha, e Inglaterra. Pelo que neste Reyno se naõ concedia licença para fazer estas torres, e pòr ameas nellas, senaõ a pessoas illustres; como parece das que estaõ registadas nos livros das Chancellarias dos Reys antigos. Destes Solares, e torres hà ainda muitos neste Reyno, como saõ os de Abreu, Ataide, Bayaõ, Britto, Carvalho, Cunha, Faria, Goes, Lima, Nobrega, Pereira, Sampayo, Sousa, Sylva, Vasconcellos, e outros muitos, donde estes Appellidos tiveraõ seu principio.

Alèm dos Solares se tomaraõ tambem outros Appellidos de alguns feitos assinalados na guerra, como fizeraõ os Bandeiras, Machados, Mouras, Menagens; e outros os tomaraõ das Provincias, que descobriraõ, ou sojeitaraõ, como os Baharens, Minas, Camaras; outros da Casa Real donde descendem, como saõ neste Reyno os de Aragaõ, Lancastres, Portugal.

Tomaraõ-se tambem os Sobrenomes de Alcunhas, que se poseraõ a varios homens de animaes da terra, peixes, e aves, assim

como Perdigaõ, Pegas, Falcaõ, Touro, Coelho, Raposo, Sardinha, Salema. Das cores, como os Pretos, Trigueiros, Morenos. De alguma qualidade do corpo, como Barrigas, Calvos, Delgados, Feyos, Magros, Pestana, Velhos, Unhas. Outros de instrumentos, como Caldeiras, Calças, Correas, Lemes, Pontes. Outros de arvores, hervas, e flores, como os Figueiras, Oliveiras, Pinheiros, Moreiras, Carvalhos, Flores, Rosas, Carrascos. E assim outros. Estas saõ as origens, a que se reduzem todos os Appellidos, que hoje hà neste Reyno, como particularmente em cada Familia veremos. E porque os Appellidos saõ os sinaes hoje da descendencia das familias, e nobrezas dellas, foraõ os Reys deste Reyno taõ desejosos de cada linhagem conservar o seu, que sabendo ElRey D. Joaõ o II. que Simaõ Gonçalves da Camara, filho herdeiro do Capitaõ da Ilha da Madeira Joaõ Gonçalves da Camara se chamava Simaõ de Noronha, que era o Appellido de sua mãy, lhe mandou dizer, que logo se chamasse do Appellido de seu pay; pois havia de herdar a sua casa, senaõ que passaria a successaõ della a Pedro Gonçalves da Camara seu irmaõ.[93] Ao que Simaõ Gonçalves obedecendo, lhe foy bejar a maõ pela mercè. Porèm ElRey D. Manoel procedeo nisto mais rigorosamente, porque mandou nas Ordenaçoens com penas gravissimas, que ninguem tomasse o Appellido de nenhuma familia, que lhe naõ pertencesse; e o mesmo se ordena na ultima reformaçaõ, que se fez das leys deste Reyno.

§. III.

Das origem das Armas, que trazem os Fidalgos, e Nobres de Portugal.

As insignias militares foraõ inventadas para distinguir as companhias dos Exercitos. De maneira, que conhecendo cada soldado a sua bandeira, ainda que nas batalhas se desordenassem as Cohortes, podessem acudir a ellas, e com facilidade recuperar seu lugar. Para este effeito usou Romulo do Manipulo, e depois se introdusiraõ, o Lobo, Aguia, Minotauro, e Javali, que os Romanos trouxeraõ por insignias, como os Assyrios a Pomba, e a Lua os

Egypcios, os Bizancios o Cacho de uvas, os Thebanos a Tartaruga, os Africanos a Espiga; e assim outras varias cousas. Porèm os soldados particulares costumavaõ trazer os escudos brancos, atè que faziaõ algum feito insigne, cuja historia pintavaõ nelles, ao qual costume alludio o Poeta,[94] quando disse de Heleno.

Ense levis nudo, parmaque in glorius alba, &c.

E o Satyrico significa pelo mesmo termo ter sahido da idade juvenil, dizendo:[95]

Permisit sparsisse oculos jam candidus umbo.

Estas pinturas dos escudos eraõ varias, e naõ ficavaõ depois a filhos; posto que algumas vezes, quando o predecessor era muy insigne, usavaõ seus descendentes da tal figura, como empreza, segundo se vè de Virgílio,[96] fallando de Aventino filho de Hercules.

Clypeoque insigne paternum
Centum angues, cinctamque gerit serpentibus hydram.

Entre os Romanos usava a Familia dos Torcatos do collar de ouro, e os Cincinnatos da cabelleira, porèm naõ como armas, porque como consta de toda a historia latina, as armas das Familias Romanas foraõ as imagens, e estatuas de seus mayores, que tinhaõ nos pateos à entrada das casas.

§. IV.

Da origem dos Leoens, e Aguias, e outros animaes, que se trazem nos escudos.

Depois que entrou o governo dos Cesares, e foy necessario accrescentarem-se os Exercitos, e havellos sempre nos confins do Imperio, multiplicando-se as Legioens, foy necessario dar-lhes tambem novos nomes, e insignias. E como os Romanos estavaõ ja mais polidos, naõ escolheraõ estes nomes, e sinaes a caso, mas com muita consideraçaõ, denotando em cada hum delles algum bom pensamento. E porque cada Soldado fosse conhecido de que Cohorte era, mandavaõ, que logo nas officinas de armas, quando se

faziaõ os escudos, lhe pintassem, ou esculpissem no meyo a mesma imagem da mesma Cohorte, e pela parte de dentro escreviaõ o nome do Soldado, e a Cohorte, e Centuria, de que era. Tudo isto diz claramente Vigecio nestas palavras:[97] *Ne milites aliunde in prælii tumultu à suis contubernalibus aberrarent, diversis cohortibus diversa in scuto signa pingebant, quæ ipsi nominant pegmata; sicut etiam mori est fieri. Præaterea in averso uniuscujusque militis erat nomen adscriptum, addito, ex qua essent cohorte, & ex qua centuria.* E Claudiano[98] allude ao mesmo, dizendo da Legiaõ invicta.

———*Nomenque probantes*
Invicti, clypeoque animosi teste leonis.

Deste costume diz Guido Pancirolo[99] se introduziraõ as armas, que agora temos. Porque vindo depois a professarem a Milicia os filhos, e netos dos mesmos Capitaens, e Soldados, usavaõ sempre das proprias insignias, e depois que se perdeo o Imperio Romano, se ficou continuando o mesmo uso, pondo segundo aquella imitaçaõ cada hum no Escudo o animal, ou figura que melhor lhe parecia, denotando sempre com estes hieroglylphicos alguma cousa de valor, constancia, ou virtude, por onde se alcança a honra militar. E assim daqui nasceraõ os Leoens, as Aguias, os Touros, Serpentes, que trazem as Familias de Europa, e particularmente as deste Reyno. As que usaõ de Leoẽs nos Escudos, saõ as seguintes.

Achiolis illustres Florentinos, que vieraõ povoar a Ilha da Madeira, e dahi passaraõ a este Reyno, Alvos, Arnaos, ou Ernaos, Barrosos, Betancor, Britos, Cayados, Campos, Castelobranco, Cerqueira, Chanoca, Conestagio, Esmeraldos, Frótas, Galhardos, Gamboa, Giraldes, Gondim, Gramaxo, Gravas, Groymis, Morel, Neto, Ossem, Pains, Pò, Ribeira, Rolaõ, Salvagos, Santarèm, Serraõ, Simoens, Toscanos, Valladares, Valentes, Unhas, Vogados.

As que trazem aguias saõ: Abul, Abreu, Azevedos, Botados, Bovadilha, Carregueiro, Serrabodes, Coroneis, Correaõ, Dagraã, Guivar, Jacome, Lemes (Marletas sem pès) Maciel, Medeiros, Montarroyos, Ourem, Penha, Proença, Rodrigues, Sampayo, Tinoco, Villanova.

As que trazem Serpes, saõ, Alfaros, Brandoens de Inglaterra, Covas, Dragos, Mendaos, Moutinhos, Rebaldos, Roboredos, Regras, Serpes, Villasboas.

As que trazem Lobos, saõ, Ayalas, Haros, Lobos, Villalobos.

As que trazem outros animaes, saõ: os Carreiros hum Gatto caçando, os Garros huma Onça, os Leoens entre sete Estrellas

dous libreos negros armados de prata, alludindo à fidelidade destes animaes, os Osorios dous Touros, os de Valdés hum Elefante.

§. V.

Da origem das Faxas, Bandas, Barras, e Escaques, que se trazem nos Escudos.

As Barras, Faxas, Bandas, e escaques, tiveraõ origem dos Alemaens, que como affirmaõ alguns Authores, costumavaõ trazer listrados os Escudos de cores, e se prezavaõ muito disto. E senhoreando-se estes das Provincias do Imperio, introduziraõ seus costumes nos povos, que sojeitaraõ; e como com elles se acabaraõ as boas artes, foy facil por falta de Pintores, usarem os Soldados nos Escudos daquellas bandas, e pinturas simplicissimas. Donde vem, segundo diz Scipiaõ Amirato, que as mais das Familias antigas tem em Europa estas insignias, como se vè nos Escudos das Faxas da casa de Austria, das Bandas de Borgonha, Barras de Aragaõ, e Escaques dos Duques de Nivers. Isto se confirma com a authoridade de Cornelio Tacito no segundo dos Annaes,[100] que diz dos Escudos dos Alemaens, que eraõ humas taboas de pintura simples: *Tenues, & sucatas colore tabulas*. E no livro de Moribus[101] Germanorum refere, que pintavaõ os escudos com varias cores: *Scuta tantum lectissimis coloribus distinguunt*. Pelo que conclue Scipiaõ Amirato,[102] dizendo que destas simples pinturas argue a antiguidade das armas: *Onde io*, diz elle, *sono indotto a credere quello che etiamdio volgarmente vego dalcune a ser tenuto, che quanto le arme sono piu simpleci, piu sieno antiche, &c*. Destes

principios se pòde conjeturar, que tenhaõ origem as armas de muitas Familias de Portugal, que trazem Faxas, Bandas, Barras, e Escaques.

Faxa he hum listaõ entre duas linhas, que atravessa o Escudo ao largo. As Familias, que trazem Faxas, saõ: Almas, Avelar, Austria, Cio, Durmaõ, Escrocios, Ferreiras, Landins, Leitaõ, Mascarenhas, Matela, Mexia, Pamplonas, Pedrosos, Pestanas, Rebellos, Sylveiras, Vargas.

Banda he hum listaõ entre duas linhas, que atravessa o Escudo de canto a canto.

As que trazem Bandas, saõ Almadas, Albernoses, Ataides, Azambujas, Azeredos, Barbato, Barbosas, Bardes, Bairros por Bandas tres troncos, Barreiros, Barros, Belchiras, Bembos, Beringes, Bivares, Botelhos, Bracamonte, Calados, Caminha tres bastoens de prata em Banda, Canto, Carvalhaes, Castanhedas, Çuniga, Feijòs, Feyos, Frazaõ, Freyres de Andrade a Banda da Ordem Militar da Banda de Castella, de que foraõ Cavalleiros, Leys, Limpos, Lyra, Lordello, Mendanhas trazem huma cotta de armas passada com settas, Mouzinhos, Nogueiras, Ornellas, Pegados, Pegas, Privados, Quintal, Sandovaes, Tovar a Banda da Cavallaria da Banda, Varellas.

Barra he hum listaõ, que toma o Escudo de alto a baixo. As que trazem Barras, saõ: Aragaõ, Barrayola, Contreiras, França, Godinho, Guimaraens, Nobregas, Patalins, Patto, Refoyos.

Escaques he hum Escudo pintado com as casas do taboleiro do Xadrès, ou em parte, ou em todo.

As que trazem Escaques, saõ: Aboins, Alcaforado, Altro, Areas, Avinhal, Barbança, Barbuda, Bermudes, Buzios, Cotrim Dante, Espindola, Fafes, Folgueiro, Fuzeiro, Gamas, Godins, Magalhaens, Maracote, Negreiros, Pavia, Peixoto, Porto Carreiro, Pretto, Quadros, Raposos, Sà, Sandes, Severim, Souto Mayor, Toledo, Velasques, Utre, Xarce de Valença.

§. VI.

Da origem das Cruzes Floreteadas, Cruzes da Cruzada, e de S. Jorge, que se trazem nos Escudos.

Depois da entrada dos Arabes em Hespanha, se começou a usar das insignias nos Escudos mais ordinariamente em tempo do nosso primeiro Rey D. Afonso Henriques, e de seu primo ElRey D. Afonso VII de Castella, como o mostra doutamente o Chronista Ambrosio de Morales,[103] e o Arcebispo D. Antonio Agostinho;[104] e por isso se pòde dar com razaõ principio às de Portugal des do tempo delRey D. Afonso Henriques para cà. E sendo certo, que em Castella, e em outras partes de Espanha se tomaraõ as Cruzes, Aspas, Luas, e Estrellas pelas occasiaõ da guerra, que naquellas Provincias ouve com os Mouros, podemos ter por conjectura provavel, e quasi certa, que nas que se offereceraõ neste Reyno semelhantes, se deu principio às que cà se trazem.

O primeiro, que pintou Cruz nos escudos, foy o Emperador Constantino, o qual depois, que lhe appareceo este divino sinal no Ceo, o mandou pintar nas bandeiras, e dahi nos escudos. E porque os Capitaens antigos eraõ muito pios, traziaõ os mais delles ordinariamente Cruzes por divisas. Disto temos em Espanha assás de exemplos; porque a primeira insignia, que tiveraõ os Reys de Aragaõ, foy a Cruz, e os primeiros Reys de Leaõ, que succederaõ a ElRey D. Afonso o Casto, a trouxeraõ tambem por armas; e do mesmo modo o Conde D. Henrique, que trouxe huma Cruz chaã. Daqui tiveraõ origem as Armas de Portugal, porque trazendo a mesma Cruz seu filho D. Afonso, depois que ganhou a batalha do Campo de Ourique, em memoria das cinco Chagas, com que Nosso Senhor lhe appareceo Crucificado, partio a Cruz em cinco Escudos, pondo dentro de cada hum trinta circulos, que denotaõ os dinheiros, porque Christo nosso Senhor foy vendido. Alèm disto para ficar lembrança da grande vitoria, que alcançara dos Mouros, atravessou quatro cordoens no escudo, dous em Cruz de meyo a meyo; e dous em aspa de canto a canto, fazendo de outro cercadura, e por todos elles pendurou muitos escudos; posto que quatro, que ficaõ dentro no escudo, e o do chefe da bordadura, saõ notavelmente mayores; e feitos a modo de adargas; estes parecem dos cincos Reys, que alli foraõ vencidos, e os mais seriaõ de outras pessoas principaes, ou

dos que ElRey por sua maõ alcançasse. Esta me parece a origem, que tem estes escudinhos, e cordoens delRey D. Afonso, os quaes se vem nesta fórma, assim na sua sepultura em Santa Cruz de Coimbra, como em todos os seus privilegios, depois da batalha, dos quaes estaõ alguns no Cartorio do Cabido de Evora. Porèm D. Sancho I. despejou logo o escudo destes escudetes, como parece entre outros exemplos pelos cunhos dos seus maravidîs; hum dos quaes tenho de ouro do tamanho de hum tostaõ, no qual elle està esculpido de huma parte armado a cavallo com espada na maõ, e da outra os cinco escudos em Cruz, que nòs chamamos Quinas, e dentro em cada hum cinco dinheiros naõ mais.

Hà com tudo nas mesmas Cruzes, que se trazem por mais, varias differenças; porque humas saõ chaãs, como as de S. Jorge, outras floreteadas, como as de Aviz, outras com as pontas quadradas, como as da Cruzada, e finalmente outras feitas em aspa. As armas de Morimundo Convento Cisterciense eraõ huma Cruz floreteada; [105] quero dizer, era huma Cruz, cujos braços, e haste rematavaõ em flores de liz. E porque Calatrava foy de sua jurisdicçaõ, ficou à sua Ordem huma Cruz semelhante por armas; e depois a Alcantara, e a Aviz, por serem Ordens Militares, que lhe estiveraõ sojeitas.

Mas sem embargo disto dizem muitos Authores, que as Cruzes floreteadas, que se trazem nas armas em Espanha, tiveraõ principio da batalha das Navas de Tolosa, por huma semelhante, que appareceo no Ceo o dia da peleja, como diz largamente Gonçalo Argòte:[106] e posto que elle mostra isto mais propriamente dos Castelhanos, e Navarros, como seja certo, que de Portugal mandou ElRey D. Afonso II. grande socorro a ElRey seu primo D. Afonso IX. de Castella, consta que muitos Fidalgos Portugueses se acharaõ nella, assim por acudirem ao urgente perigo, que toda Espanha corria pelo grande poder dos Mouros, que contra os Christaõs vinha, como por mostrarem o valor de suas pessoas, para o que sahiaõ da patria a buscar semelhantes empresas, quando cà havia paz, e particularmente a Castella, como o testifica o Conde D. Pedro,[107] dizendo, quando trata da tomada de Sevilha: *Em aquel tempo os Fidalgos Portugueses hiaõ a Castella muitas vezes, por se provarem pelos corpos, quando em Portugal mesteres naõ havia, &c*. Destes

foy hum o Conde D. Rodrigo Frojaz Pereira; e assim tomou por armas esta Cruz;[108] e o mesmo se pode entender dos Almadas, Albergarias, e Farinhas, que trazem estas armas, que provavelmente se deviaõ là achar, florecendo entaõ nestas Familias Cavalleiros de muito nome, como em suas linhagens se refere; o mesmo se pòde dizer das outras, que hà no Reyno.

As Cruzes da Cruzada tomavaõ por insignias os que hiaõ à Conquista da Terra Santa, e saõ como as de Christo; como se vè nos Cavalleiros Gaitanes de Castella, e cà as trazem os Pimenteis, e Teixeiras.

Outras Cruzes hà, como as de S. Jorge, que tomaõ os escudos de alto a baixo, e de ilharga.[109] Estas se introdusiraõ por devaçaõ do Santo, por ser advogado da Milicia, e particularmente o invocavaõ os Ingleses, e Portugueses nas pelejas. As que hà em Portugal desta fórma, parece se deviaõ tomar na batalha, que se deu em Alcacere do Sal aos quatro Reys Mouros, que o vinhaõ descercar;[110] porque antes da peleja viraõ os nossos no Ceo hum homem muy resplandecente com huma Cruz vermelha nos peitos; em memoria do qual he de crer, que os que presentes se acharaõ, tomaraõ por insignia este divino sinal na mesma fórma, em que lhes appareceo.

As Familias, que trazem Cruzes floreteadas, saõ: Alarcaõ, Albergaria, Leaõ, Meira, Meireles, Moreiras, Pereiras, Soares de Albergaria, Sisneiros.

As que trazem Cruzes da Cruzada, saõ Bulhoens, Gançoso, Pimenteis, Teixeira.

As que trazem Cruzes de S. Jorge, saõ Almeidas, Atouguia, Beja, Frades, Loja, Mello, Pào, Sarzildes, Veigas.

§. VII.

Aspas.

As Cruzes em Aspa se trazem nas armas por devoçaõ de Santo Andre, como mostra Argòte[111] na Conquista de Baeça, a qual Cidade tomou no dia deste Santo Apostolo o Conde D. Lopo Dias de Haro com 500. Cavalleiros, que foraõ ao socorro do Castello, que os Mouros tinhaõ cercado, e em memoria do favor, que de Santo Andre receberaõ nesta taõ grande vitoria, pintaraõ todos as Aspas nos escudos, alèm das divisas, ou armas, que cada hum jà trazia. Os Navarros daõ esta mesma origem às Aspas, que muitas Familias daquelle Reyno trazem, posto que naõ conste pro historias, que elles se achassem neste feito. Pelo que com razaõ podemos entender, que as Aspas, que muitos Fidalgos deste Reyno trazem por armas, se tomaraõ por outro semelhante caso, que aconteceo na tomada de Beja, a qual foy recuperada pelos Christaõs vespera de Santo Andre com notavel esforço, por ser este hum dos mayores lugares, e mais fortes da Lusitania.

As Familias, que trazem Aspas, saõ: Araujos, Azevedos, Filippes, Gago, Guariços, Miranda, Palameque, Oroscos, Rochas. A Aspa dos Mirandas pòde ser pela razaõ jà dita, se naõ he em memoria do seu solar de Miranda, que està em Asturias, junto a Santo Andre.

§. VIII.

Vieiras.

Conta D. Mauro Ferrer[112] na vida do Apostolo Santiago que trazendo os Discipulos do Santo seu Apostolico Corpo em hum Navio, quando hia para Galliza, se estavaõ fazendo na praya humas grandes festas pela celebraçaõ do casamento de hum principal Senhor da terra de Maya, e que o cavallo, em que andava, se meteo pelo mar atè chegar ao Navio; deixando suspensos a quantos o viaõ, e muito mais o Cavalleiro, por se achar todo cuberto de Vieiras a si, e ao cavallo; e dizendo aos Discipulos o que lhe tinha acontecido, elles lhe declararaõ, que com aquelle milagre quisera Nosso Senhor honrar o Corpo do seu Apostolo, e depois de o bautizarem, soou huma voz do Ceo, que disse como aquellas Vieiras haviaõ de ser a insignia do Santo: e tornando o Cavalleiro a

terra com taõ grande milagre, foy occasiaõ da conversaõ de todos. O qual caso alèm de se contar no Santoral de Alcobaça, se confirma pelos versos de hum Hymno, que canta a Igreja de Oviedo a 25. de Julho, que diz assim.

Cunctis mare cernentibus,
Sed à profundo ducitur,
Natus Regis submergitur.
Totus plenas conchilibus.

Diz o Author, que daqui vem muitas Familias nobres de Hespanha trazerem por este caso Vieiras nas armas.

Por razaõ deste principio os Cavalleiros da Espada, que se dedicaraõ a Santiago, logo depois da grande vitoria de Clavijo, trouxeraõ nas bandeiras por sua devoçaõ as Vieiras, e ornaraõ com ellas os Templos, que ao Santo dedicaraõ. Pelo que como este glorioso Patraõ de Hespanha fosse o principal advogado dos Soldados, por devoçaõ sua tomaraõ muitos esta insignia. E assim tenho por muy provavel, que as Vieiras, que se trazem em Portugal, se tomaraõ da batalha do Campo de Ourique, por se alcançar esta vitoria vespera de Santiago, que por ser em tal dia, a deraõ os nossos com certa confiança de vencimento, e vendo que ElRey tomava armas novas por memoria deste feito, faria cada hum o mesmo.

As Familias, que trazem as Vieiras nos Escudos, saõ os Barbosos, Barrosos, Barradas, Calças, Calvos, Calheiros, Camelos, Màrizes, Pimenteis, Rochas, Seraiva, Sequeira, Velhos, Vieyras. Pela mesma devoçaõ de Santiago tomaraõ os Falcoens os Bordoens, que costumaõ trazer os Peregrinos do mesmo Santo.

§. IX.

Meyas Luas.

As Meyas Luas saõ insignias proprias dos Mahometanos, como mostra Joaõ Botero,[113] e o Padre Frey Marcos de Guadalajara na sua Expulsaõ dos Mouriscos,[114] onde dà largamente as razoens,

que para isso tem; e assim as trouxeraõ sempre por sinaes em suas bandeiras todos os Principes daquella Seita, como he notorio, e se vè de Argòte,[115] Pelo que os Cavalleiros, que nas batalhas tomavaõ algumas bandeiras aos Mouros, pintavaõ nos Escudos para memoria, e tropheo as mesmas meyas Luas, como se vè em muitas Familias de Castella. Neste Reyno se tomaraõ muitas nas batalhas com os Mouros, e principalmente na de Sevilha. Exemplo seja Gonçalo Mendes de Sousa, que acompanhou ao Infante D. Sancho, quando foy sobre Sevilha, e na batalha de Guadalquibir, tomou aos Mouros quatro bandeiras, e porque cada huma dellas tinha huma meya Lua, tomou por armas no Escudo huma quaderna feita das quatro meyas Luas, e as bandeiras mandou ao Mosteiro de Pombeiro, onde ainda hoje se conservaõ.

De semelhantes casos podemos dizer tiveraõ origem as meyas Luas, que trazem nos Escudos as Familias nobres deste Reyno, que saõ Alardos, Alpoem, Amaral, Bessa, Cassena, Carvalho, Froes, Goes, Homem, Lemos, Pessoas, Pintos, Queiròs, Sousa, Taborda, Valentes, Zagallos.[116]

§. X.

Estrellas.

A mesma occasiaõ tiveraõ as Estrellas; porque ordinariamente usaõ os Mouros, àlem das Luas de cinco Estrellas nas bandeiras, por denotaçaõ dos cinco Planetas, que tem Estrellas, a que chamaõ Errantes, como se vè nas armas do Miramolim Rey de Cordova, Granada, e Baeça, que traz Argòte.[117] Exemplo seja disto Memmonis, que acompanhou ao Infante D. Sancho, quando foy na batalha de Sevilha, do qual se conta na Chronica delRey D. Afonso Henriques, e o refere Duarte Nunes na mesma, fol. 51. vers. que este Fidalgo tomou a bandeira delRey de Sevilha, na qual tinha pintado cinco Estrellas, como refere Gonçalo Argóte de Molina lib. I. c. 44. da Nobreza de Andaluzia, e assim tomou por armas as mesmas cinco Estrellas. Por semelhante occasiaõ trazem os Fonsecas outras cinco Estrellas por armas, por as trazer nas

bandeiras ElRey de Lamego, a quem os primeiros desta geraçaõ cativaraõ, e tomaraõ a Cidade. E dahi as tomarão tambem os Coutinhos, que delles descendem. As Familias, que as trazem, saõ Alvellos, Avelares, Barbedos, Barbudos, Çacoto, Coutinhos, Freytas, Macedo, Perestrellos, Rojas, Salazares, Tavares, Leaes.

§. XI.

Arruelas.

Arruelas saõ circulos redondos, que muitos tem para si significarem Escudos; por quanto foy costume entre os antigos tomarem por sinal do inimigo vencido o Escudo, ou Elmo. Porèm Gonçalo Argòte de Molina[118] no liv. da Nobreza de Andaluzia cap. 103. diz que ElRey Artur de Inglaterra, quando instituhio os Cavalleiros da Tabola redonda, que he o mesmo, que mesa redonda, deu por armas a Janazio o Forte (que era hum dos mais valerosos) treze Arruelas, significando na figura de Arruela a mesa redonda; e o numero de treze serem outros tantos os Cavalleiros; porque doze foraõ escolhidos à honra dos doze Apostolos, e o decimo tercio era o mesmo Rey Artur. Depois o Emperador Carlos Magno fez outra companhia de doze Cavalleiros, a que chamou Pares, que quer dizer iguaes; e por isso tambem comiaõ em mesa redonda, onde naõ ha cabeceira.[119] Pelo que muitos Fidalgos, ou por descenderem destes Cavalleiros, ou por se mostrarem semelhantes a elles no valor, e merecimento, tomaraõ por armas as mesmas Arruelas, variando no numero: mas de ordinario eraõ seis, porque parece, que usando do vocabulo, *Par*, que naõ somente significa igual, mas tambem dous, sendo as Arruelas de pares, as seis montavaõ por doze. Daqui parece, que tiveraõ principio as treze Arruelas, e as seis dos Castros, e as seis Arruelas dos Mellos, e Almeidas, as quaes estaõ metidas entre duas Cruzes dobradas, que tambem denotaõ o mesmo nome de *Par*. As Familias, que trazem Arruelas, saõ Almeidas, Castros, Doutiz, Ferraz, Gouvea com Cruz dobrada, Mellos, Taveira, Teives.

§. XII.

Flores de Liz.

A origem dos Lirios nos Escudos, parece que se tomou do successo delRey de França Clodoveo,[120] o qual antes que se bautizasse, dizem que trazia no Escudo huns Sapos, depois que se bautizou, lhe appareceo hum Anjo com huns Lirios de Açucena na maõ, a que os Franceses chamaõ Flor de Liz; e lhe mandou, que tirados os Sapos, puzessem por insignias aquellas Flores. Saõ os Lirios hieroglyphicos da perfeiçaõ, da pureza, e da esperança do bem publico, como mostra largamente Pierio Valeriano nos seus Hieroglyphicos;[121] e por ser a mais fermosa Flor de todas, he Nosso Senhor nos Cantares comparado a ella. E no Evangelho disse Christo, que nem Salamaõ em toda sua gloria se vestira taõ ricamente, que chegasse à belleza de hum Lirio. Por estas razoens tomaraõ muitos Cavalleiros as Flores de Liz por armas, e as deixaraõ a seus descendentes, como foraõ os Albuquerques, os Gouveas, &c. Os de Faria trazem as Flores de Liz sobre o Castello, por quanto em cima do monte, donde o Castello de Faria està, permanece ainda hoje huma Igreja antiga de grande devoçaõ, e romagem, que chamaõ Nossa Senhora da Branqueira, a qual fundaraõ alli huns Monges Bentos, que foraõ os primeiros, que de França vieraõ a Portugal; e alli tiveraõ hum celebre Mosteiro, e por serem estes Monges Francos, e de França, puzeraõ nas armas Flores de Liz Francesas. Os de Miranda tambem trazem Flores de Liz Francesas no vaõ da Aspa, a razaõ he, porque se prezaõ de virem de huma Senhora da Casa de França, cuja figura trazem por timbre do Brazaõ numa imagem de Donzella, e em sua memoria puzeraõ tambem os Lizes Franceses no Escudo.

As mais Familias, que trazem Flores de Liz, saõ: Aldana, Atouguia, Borges, Carrilhos, Casal, Frasoens, Guedes, Leytes, Toronhas, Madureira, Maldonado, Marinhos, Martines, Matta, Motas, Moitinhos, Pavias, Rangeis, Reymondo, Rodrigues, Soares de Toledo, Travaços, Varejola.

§. XIII.

Castellos.

Os Castellos saõ antigas divisas das mesmas terras, como se pòde ver largamente na Noticia dos Imperios. Pelo que os mais dos Alcaides, e Senhores, que os tiveraõ por solares, ou os tinhaõ a seu cargo, os tomaraõ por armas. As Familias, que os trazem em Portugal, saõ Alcacevas, Asturias, Barrigas, Benambia, Berredos, Botos, Cameras, Carvalhosa, Castilhos, Celemas, Correlhas, Cotifer, Coutos, Esparragosa, Farias, Frias, Flores, Giroes, e huns Guzmaens com arminhos, por virem dos Duques de Bretanha, que os trazem por armas; ainda que outros trazem Caldeiras de Ricos homens, Horta, Larzedos, Malafaya, Menagem, Mouras, Pinas, Rolins, Saldanhas, Sobrinhos, Tangere, Ternate, Vellez, Vellosos, Zusarte.

§. XIV.

Cifras dos Appellidos.

As insignias mais ordinarias de todas as armas de Espanha saõ a cifra do mesmo Appellido, como confessa Argòte de Molina l. 1. 42. & 43. aonde diz, que os Reys de Leaõ tomaraõ por armas hum Leaõ, como cifra do titulo de seu Reyno de Leaõ, e os de Castella hum Castello. E assim vemos em quasi todos os Appellidos, que significaõ algum sinal, ou instrumento, os daquella linhagem tomarem por armas a mesma figura do Appellido. Os que trazem em Portugal nos Escudos por armas as peças, que significaõ os Appellidos, por cifra, saõ as seguintes. Os de Abreu, ou Avreu, os Cotos de aves; Alvernazes, ramos de Carapeto, alludindo ao verde perpetuo de Veraõ; os de Arco, o arco; os de Agumias, gumiz; os de Aguiar, aguias; os Aranhas, huma aranha; os de Azinhal, azinheira; os Azambujas, hum azambujeiro; os Bacellares, huns bacellos verdes; os do Appellido de Badajoz, a Imagem de S. Joaõ Bautista com a mesma Cidade na maõ, que tomaraõ, por a Sè de Badajoz ser do orago de S. Joaõ Bautista, e ser o Castello a Cidade; Bayaõ,

cabras, por haverem sido Senhores de Cabriz; os de Belliagua, as aguas; Bicudo derivado de pecudum, que he gado, hum carneiro; Biscaya, as armas de Biscaya; Biveiro, Caldeiras de Ricos homens; Borreco, borregos; Botilher, humas botelhas; Brandoens, brandões; os Caceres trazem huma palmeira, que he insignia de vitoria; porque ainda que a parte delRey D. Pedro, que seguiraõ, ficou vencida, e elles foraõ desterrados de Castella, ficaraõ com a vitoria de se naõ sogeitarem à parte contraria, e conservando sua lealdade. Tambem se trazem as folhas de Golfaõ, por sinal da vitoria do campo, onde se deu a batalha, como se vè nos Furtados, Montoyos, e Taveiras; Cabral, cabras; Caldeiras; Camoens a serpente, que Cadmo matou, por se prezarem de descenderem delle; Çapatas, humas çapatas; os Cardosos, cardos; os Carneiros, carneiros; Carrascos, hum carrasco; Carvalhaes, hum carvalho, Carvoeiro, matta para carvaõ; Carvalhos, carvalho; Cerveiras, cervas, Chacins, os arminhos por antiphrasi; Chaves, chaves; Cirnes, hum cirne; Coelho, coelhos; Cordovil, oliveira cordovil; Cordeiros, cordeiros; Corvachos, corvos; Costa, costas; Correa, correas, Cotas, huma cota de armas; Couros, a serpe assim chamada, Cogominhos, Chaves, por terem por solar esta Villa, e haverem sido seus Alcaides Mòres; Cunha, cunhas; os Delgados, hum limoeiro com huns limoens de ouro, alludindo à celebre Albergaria de Payo Delgado, que fundaraõ em Lisboa no sitio do Limoeiro; Dragos, dragos; Evangelhos, as figuras dos quatro Evangelistas; Fagundes pelo solar de Chaves, trazem chaves; Farinha, bolos de farinha; Fialhos, tres mundos, alludindo à palavra: *Fiat lux*; Figueira, humas figueiras; Figueiredo, folhas de figueira; Fogaças, duas fogaças; Fragosos, que; em latim se chamaõ: *Fulgosos*, tres Soes resplandecentes; Galvaõ, hum gaviaõ. Gaviaõ, huns gavioens; Garcez, garça, Gatachos, e Gatos, huns gatos, os Guantes trazem manoplas (que saõ guantes) de prata; Lagartos, lagartos; Lagos, huma torre com huma ribeira ao pè; Lançoens, Lançoens: Laras, caldeiras de Ricos homens: e do mesmo modo os Manriques: Lobatos, lobos, Lobeira, lobos: Lobia, cordeiros, por ser a relè dos lobos: Lobos, lobos: Lousadas, as lousas dos lagartos: Lucenas trazem hum Sol, alludindo ao nome da luz, da qual he o Sol a fonte: Lucio, o peixe lucio: Lunas, humas luas, Machados: Mattos, matta

com leoens: Moraes, amoreira, Monteiros, cornetas de montaria: Nabaes, e Novaes, novellos. Oliveiras, oliveira: os de Ortiz trazem hum Sol, pela equivocaçaõ de *Ortus*, que por antonomasia, quer dizer o nascimento do Sol, e pela allusaõ do verso do Psalmo: *Ortus est sol*: Pachecos, caldeiras de Ricos homens: Padilhas, humas paz, Paçanhas, huma banda vermelha com dentes de Serra pelo solar em Genova se chamar Penha, ou Serra roxa, que em nossa linguagem he vermelha: os Pedrosos, cinco pedras em aspa: Perdigão, perdigoens: Perestrellos, estrellas: Pinheiros, pinheiros: os Porras, humas cachaporras: os Puges, humas espòras quasi pungentes, ou picantes: Rego, rego: Ribafria, Castello sobre ribeira: Ribeiros, ondas, Sardinhas, hum ribeiro de sardinhas: Rio, e Rios, faxas de agua: Sarmento, huns sarmentos: Seixos, Pombas seixas: Serniches, humas serras: Serpas, Serpe: os Sylvas, a sylva: Tavora, o rio Tavora: Torquemadas, huma torre abrazada: Tourinhos, touros, Sodres, *quasi sobrij*, e temperados, tres gomiz: Trigueiros, espigas: Vasconcellos, as ondas dos ribeiros, por descenderem delles: Segurados, cinco machadinhas; que os latinos dizem *Securis*: Torres, torres: os Correas da Sylva trazem huma pelle de Leaõ, alludindo ser propria morada de Leaõ a sylva, confórme aquillo da Escritura.[122] *Hereditas mea, quasi leo in sylva*: e que de pelles de Leoens saõ as suas correas.

§. XV.

Descendencia.

Muitas Familias tomaraõ as armas daquella Casa, e Familia donde tiveraõ seu tronco, de que podem ser exemplo as que descendem dos Reys.

Os de Sousa trazem as Quinas Reaes, por casar D. Gonçalo de Sousa com Dona Urraca Sanches, que era sobrinha delRey D. Afonso Henriques; e assim mesmo o Leão, por descenderem de hum filho bastardo delRey D. Fernando o Grande de Leaõ, que foy o primeiro de Castella.

Os Sylvas trazem o Leaõ por armas, por serem descendentes delRey D. Afonso de Leaõ, pay que foy de D. Rodrigo Afonso da Sylva, cuja mãy era Dona Aldonça Martins da Sylva, como refere o Conde D. Pedro tit. 58. §. 2. das suas Linhagens.

O mesmo Leaõ trazem tambem os Telles, por serem descendentes de huma filha delRey D. Ordonho de Leaõ.

Os Limas trazem o mesmo Leaõ, por serem descendentes de huma irmãa delRey D. Afonso Henriques, filha da Rainha Dona Theresa, e neta delRey D. Afonso VI. de Leaõ, e Castella, como se refere na 3. p. da Monar. Lusit. l. 9. c. 23.

Pela mesma causa trazem os Albuquerques as Armas Reaes, por descenderem de hum filho bastardo delRey D. Diniz.

Os de Eça como descendentes delRey D. Pedro de Portugal trazem as Armas antigas Reaes com os cordoens, como as trouxeraõ os primeiros Reys deste Reyno.

Assim mesmo os Noronhas, e Henriques por serem descendentes de D. Afonso, filho natural delRey D. Henrique o Nobre Rey de Castella, e Dona Isabel filha natural delRey D. Fernando de Portugal, trazem o Escudo quarteado das Armas de Portugal, e Castella.

Os Senhores da Casa de Bragança atè o Duque D. Gemes, e os que delles descendem, que saõ os Duques de Cadaval, os Condes de Vimioso, de Odemira, os de Fàro, e os do Vimieiro trazem as Armas de Portugal em Aspa, por descenderem delRey D. Joaõ I.

Os Lancastres trazem as Armas de Portugal, por descenderem delRey D. Joaõ II.

Os Manoeis, ou de Vilhena, como descendentes do Infante D. Manoel, filho delRey D. Fernando o Santo de Castella trazem as Armas, que o mesmo Infante tomou, que foraõ hum Escudo quarteado, numa parte hum Leaõ, que significa o brazaõ dos Reys de Leaõ, e noutra hum braço com huma aza, e na maõ huma Espada, que vem a ser a maõ de hum Anjo, alludindo a sua mãy, que era descendente de Isacio Angelo Emperador de Constantinopla.

Os Lacerdas vem do filho mais velho delRey D. Afonso o Sabio de Castella, e por isso trazem as Armas de Castella, e Leaõ misturadas com as de França, que por sua mãy lhe pertenciaõ.

Os de Mendoça trazem o Escudo dividido em campo verde, e banda vermelha, em cada parte hum S. negro; o Escudo verde tomaraõ do Cid Ruy Dias, de que muitos Authores affirmaõ, que os desta Familia saõ descendentes; o qual como consta do Conde D. Pedro, quando falla da batalha delRey D. Garcia, e D. Sancho sobre Santarem, refere que vendo ElRey de Castella hum pendaõ verde, disse, que tinha em sua ajuda o Cid, por ser muy conhecida esta divisa por sua, e os S. S. trazem por fuziz de cadea, como descendentes dos Furtados de Mendoça, que em Castella trazem sobre o Escudo as cadeas, que tomaraõ no rompimento da batalha das Navas de Tolosa, e as folhas de golfaõ por outra grande vitoria, que alcançaraõ, tomando por armas estas hervas do campo, como refere Argòte de Molina l. 2. c. 110. da Nobreza de Andaluzia.

Os Vasconcellos descendem dos de Ribeira, os quaes tomaraõ por armas as ondas, alludindo à Ribeira. E como os Vasconcellos succederaõ no Senhorio grande dos Ribeiros, e seu illustre sangue, trouxeraõ tambem suas armas.

Os de Alvarenga trazem as mesmas, por serem descendentes dos Vasconcellos.

Os Barbudos pela mesma razaõ.

Os Barretos tomaraõ as armas dos Arminhos, por serem descendentes dos Senhores de Chacim, que foraõ Fidalgos muito principaes deste Reyno; os quaes por contraposiçaõ do nome do solar, que tinhaõ de Chacim, que quer dizer porco, por denotarem sua pureza em toda a materia contra a immundicia do porco, usaraõ de arminhos no Escudo, que saõ os animaes, de quem faz mençaõ Plinio l. 8. cap. 37. que saõ brancos como neve; e delles se diz, que estimaõ tanto a brancura de seu pello, que se lhe cercaõ o lugar, onde se recolhem, de lodo, ou cousa, com que se possaõ manchar, se deixaõ antes prender do caçador, que ficarem sujos. Donde nasceo a celebre empresa: *Malo mori, quam fædari*. Tomaraõ os Barretos estas armas dos Chacins, por descenderem de Nuno

Martins de Chacim, e de Dona Maria Rodrigues Chacim sua filha, com quem casou Martim Fernandes de Barreto, como consta do Conde D. Pedro tit. 39. §. ult. Os Arminhos dos Castanhedas, Botetos, Gayos, e Goyos procedem da mesma descendencia.

Os Fonsecas trazem por timbre hum Bezerro, por descenderem dos Bezerras de Castella, como consta do Conde D. Pedro tit. 66. §. 3.

Os Peixotos trazem por timbre hum Corvo por descenderem de Mem Corvo Alcaide Mòr de Lanhoso, Fidalgo muy conhecido nos tempos antigos; por quanto Joaõ Vaz Peixoto casou com D. Guiomar Annes neta de Mem Corvo.

Os Resendes trazem duas Cabras por armas, por descenderem dos Senhores de Cabriz.

Os Palhas trazem as armas dos Almeidas, por descenderem delles.

§. XVI.

Armas tomadas por casos particulares.

Pertenderaõ os Emperadores de Alemanha, que todos os Reys de Europa se reconhecessem por seus vassallos; e havendo em Roma hum Cavalleiro Alemaõ, que pelas armas defendia este Direito, segundo o Conde D. Pedro conta,[123] D. Sueiro Mendes da Maya o Bom entrou com este Alemaõ em desafio, e vencendo-o libertou o Direito de Hespanha do feudo, que pertendia o Imperio. E dizem os de Amaya seus descendentes, que por este caso tomàra D. Sueiro por armas a Aguia negra do Imperio, que era a que o Cavalleiro Alemaõ defendia.

Conta o Conde D. Pedro no tit. 64. em que falla na Familia dos Valles, que Martim do Valle, chamado da Espada, servindo a certo Conde, outro Conde seu inimigo o matou; e Martim do Valle tomando a espada do Conde seu amo, lidou com o matador, e o matou, donde dizem seus descendentes, que trazem por armas as tres espadas, que saõ a sua, a do Conde seu amo, e a que tomou

ao Conde, a quem elle venceo; e por isso foy chamado o da Espada.

Os do Appellido Corte Real trazem sobre as armas dos Costas huma Cruz branca, que dizem ganhàra Vasque Annes Corte Real a hum Cavalleiro, que viera pedir desafio à Corte delRey D. Duarte; e porque o venceo com grande valor, dizem, que disse ElRey, que a sua Corte era Real, quando Vasque Annes estava nella; e daqui tomou elle o Appelido, e o accrescentamento da Cruz nas armas.

Quando ElRey D. Afonso V, passou a Africa a tomar Arzilla, o acompanharaõ cinco Irmãos da Familia dos Pimenteis naturaes de Villa Real; e como sendo entrada a Cidade, os Mouros se fizessem fortes na Mesquita, donde faziaõ grande resistencia, sem poderem ser entrados: estes irmaõs, tirando os cintos, e atados huns nos outros, os lançaraõ a huma ameya, e sobindo por elles acima, levantaraõ huma bandeira, e por alli foy entrada a Mesquita, e mortos os Mouros. Por este feito taõ honrado, lhe deu ElRey D. Afonso V. por armas em campo de ouro cinco cintos vermelhos com fivellas de prata, e tachoens, e huma bordadura azul com sete Flores de Liz, por timbre hum meyo Mouro com huma azagaya na maõ, e huma bandeira de prata, e por Appellido o mesmo nome de Mesquita.

Estando o nosso Exercito sobre Tangere, veyo hum Mouro a fazer grandes algazares, e pedir desafio, ao qual sahio logo Gabriel Gonçalves Themudo, e correndo com a lança, o derrubou do cavallo abaixo, e lhe cortou a cabeça, e appresentando-se com ella diante delRey D. Afonso, lhe deu em memoria por armas huma Aguia de duas cabeças, com huma cabeça de Mouro aos pès, e cercado o Escudo com hum cordaõ de S. Francisco; por haver acontecido em seu dia este valeroso successo.

Gonçalo Pires Bandeira, naõ só se houve na batalha do Touro com grande valor, mas vendo, que hum Cavalleiro Castelhano levava presa a bandeira Real de Portugal, investio com elle, e lha tomou das maõs, e a libertou;[124] e por este feito insigne ElRey D. Joaõ II. lhe deu por armas huma bandeira branca com hum Leaõ nella de prata, denotando na bandeira a Real, que libertàra, e no

Leaõ o valor, e esforço, que neste caso mostràra. E assim lhe deu tambem o appellido de Bandeira, com que hoje seus descendentes se nomeaõ.

Fernaõ Gomes natural de Lisboa, se obrigou a ElRey D. Afonso V. a continuar o descobrimento da Costa de Africa, que tinha começado o Infante D. Henrique.[125] E porque comprio este intento com grande diligencia, e descobrio a Mina, donde veyo tanta copia de ouro a Portugal, lhe deu ElRey D. Joaõ II. o Appellido de Mina, e por armas hum Escudo em campo de prata, e nelle tres meyos Ethyopes de preto dos braços para cima em roquete, com colares de ouro ao pescoço, arrecadas nas orelhas, e nos narizes.

Diogo Caõ Capitaõ de valor hindo por mandado delRey D. Joaõ II. descobrir a Costa de Ethyopia, foy o primeiro, que deu noticia do Rio Zaire, em cuja boca poz hum padraõ; em razaõ do qual se chamou tambem Rio do Padraõ, e foy o primeiro, que descobrio o Reyno de Congo, e deu noticia de nossa Santa Fè àquelle Rey.[36.] Em memoria deste feito lhe deu ElRey por armas duas Colunnas, ou Padroens de prata com duas Cruzes em cima pelas que poz neste descobrimento, em que chegou atè o Cabo da Boa Esperança.

Depois que o grande Vasco da Gama veyo do descobrimento da India, entre outras merces, que ElRey D. Manoel lhe fez em remuneraçaõ de taõ heroico feito, foy huma, que elle podesse trazer no meyo de suas armas as Quinas Reaes de Portugal;[126] porque assim como com este descobrimento se accrescentava o Reyno de Portugal por aquella parte do Mundo de Asia, assim era razaõ, que quem abrira caminho a este novo senhorio de Portugal, participasse das Reaes insignias delle.

Vasco Fernandes Cesar andando guardando o Estreito com huma Caravella, lhe sahiraõ seis Galeòtas de Mouros, que apartadas em duas alas o investiraõ, porèm elle com incrivel valor as venceo todas.[127] Pelo que ElRey D. Joaõ lhe mandou accrescentar ao Escudo de suas armas as seis Galeòtas, e a sua, com que elle venceo, por Timbre do Escudo.

Em hum socorro, que ElRey D. Manoel mandou a Arzilla, foy Christovaõ Leitaõ por Capitaõ de Infantaria, onde por seu esforço, e industria defendeo huma Torre, que quasi os Mouros tinhaõ entrada. Pelo que ElRey D. Manoel lhe concedeo, que sobre as armas dos Leitoens posesse a Torre de Arzilla encravada de settas em campo vermelho, e em outro quarto duas bombardas, que tomàra aos Mouros.

Nicolao Coelho foy hum Fidalgo de grande valor,[128] a quem ElRey D. Manoel deu a Capitanîa dum Navio, para hir em companhia do Grande Vasco da Gama a descobrir a India, no que elle se houve com grande esforço, e prudencia; e quando voltou, chegou primeiro a Cascaes, que Vasco da Gama. E por elle soube ElRey todo o succedido naquelle descobrimento. Pelo que entre outras mercès, que ElRey D. Manoel lhe fez, lhe deu por armas em campo vermelho hum Leaõ rompente entre duas colunnas de prata, que estaõ sobre huns montes verdes, e em cima de cada huma, hum Escudo com cinco dinheiros, e ao pé o mar; no que significou os padroens, que deixou postos no novo descobrimento do mar, e terra do Oriente; e no Leaõ o valor, com que neste heroico feito se houve.

Levantando-se o Rey de Barem contra ElRey de Ormuz, cujo tributario era, foy mandado Antonio Correa por Capitaõ da nossa gente, para que reduzisse o Mouro à obediencia delRey de Ormuz. [129] Antonio Correa se houve nesta empreza com tanto valor, que tendo o Rey de Barem muita mais gente, elle o desbaratou, e matou, e senhoreando-se da Ilha, a restituhio a ElRey de Ormuz. Por este heroico feito lhe deu ElRey o Appellido de Barem, e lhe acrescentou nas armas huma cabeça de hum Rey Mouro coroada, cortada em vermelho com a Coroa de ouro.

Duarte Coelho foy hum Fidalgo de grande esforço na India, e hum dos primeiros nossos Capitaens, que chegou à China.[130] Pelo que ElRey D. Joaõ III. lhe deu a Capitanîa de Pernambuco para a povoar, e pacificar; o que elle fez com grande valor, e trabalho, e com tanto fruto, que ficou sendo Pernambuco a mais rica, e populosa Capitanîa do Brasil. E assim ElRey D. Joaõ III. no anno de

1536. entre outras mercès, que lhe fez; lhe deu novas Armas, que foraõ em campo de ouro huma Cruz chãa affirmada em hum pè de verde, e hum Leaõ de purpura passante, e hum chefe de prata com cinco estrellas de ouro, e huma bordadura de azul com cinco castellos de prata. A Cruz denòta seu solar, e senhorio de Pernambuco na terra de Santa Cruz, que este nome lhe deu seu descobridor; e as cinco estrellas significaõ o Cruzeiro do Polo Antartico, por o Brasil ficar no outro Emispherio; o Leaõ, o valor, com que se houve na Conquista daquella Capitanîa, e por serem proprios dos Coelhos os cinco castellos por outras tantas povoaçoens, que na Capitanîa fizera.

Luiz Loureiro foy hum Fidalgo muy celebrado neste Reyno por seu grande esforço, o qual sendo Capitaõ de Mazagaõ, foy sobre a Cidade de Azamor, e lhe deu o assalto sobindo elle primeiro pela escada ao muro, e levantando a sua bandeira, foy a Cidade entrada, e saqueada. Pelo que ElRey D. Joaõ III. no anno de 1551, entre outras mercès lhe deu por Armas o campo esquartelado; ao primeiro em campo vermelho hum castello de prata, e elle arrimado a huma escada de ouro, e ao contrario huma bandeira branca com a haste de ouro, como trazem seus descendentes juntamente com as Armas dos Figueiredos, de quem elle descendia.

Lopo Rodrigues Camello foy muy aceito a ElRey D. Sebastiaõ, pelas boas partes, que nelle havia de erudiçaõ, e cortesia, e haver visto muitas Provincias de Europa. E quando ElRey foy a Coimbra, vindo de S. Marcos por Tentugal, achou a ponte do Mondego quebrada; e querendo passar a valla, Lopo Rodrigues, que hia só com ElRey, lhe disse, que aquelle passo era perigoso. Ao que ElRey tornou: Ora passay primeiro. Respondeo Lopo Rodrigues: Se Vossa Alteza me engana, ditoso engano he esse. Entaõ se deitou na valla, e ficou cravado só com o pescoço, e hum braço fóra. Quando ElRey o vio em taõ grande perigo, lhe pedio a maõ, e tomando-o ElRey por ella, em pouco espaço o poz em terra. Lopo Rodrigues, porque deste caso ficasse a seus descendentes memoria, lhe pedio, que lho desse por Armas, ElRey lhas concedeo, e as mandou debuxar no escudo desta fórma: em campo de agua com hum braço vestido de ouro, e outro braço; como que sae da agua, de cor azul, e o

braço do Rey o tem apertado pela maõ, como se vè esculpido sobre o seu sepulchro na Igreja de Nossa Senhora da Luz.

§. XVII.

Origem dos Timbres.

Saõ parte das Armas os Timbres, que hoje se trazem sobre os Elmos, o qual uso he antiquissimo, assim entre os Gregos, e Romanos, como nos Alemaens, segundo se vè de muitos lugares de Virgilio na guerra Troyana, e no Catalago da gente, que veyo em favor de Turno contra Eneas. E Plutarco escrevendo a vida de Mario, diz[131] que a cavallaria, dos Cymbros fazia terrivel apparencia tanto pelo resplandor das Armas, que traziaõ vestidas, como pela variedade das cimeiras, ou timbres, que cahiaõ sobre as celadas, que representavaõ diversas figuras de feras: *Galeas*, diz elle, *ornatas horrendis hiantium animalium formis ferebant, &c*. Teve este costume principio das gàleas, ou capacetes, que era armadura da cabeça feita antigamente de couro; a qual para mayor bravosidade, e fortaleza ornavaõ por cima com a cabeça do animal, cujo elle fora: e depois vindo-se a usar a mesma gàlea de ferro, naõ perdeo com tudo a forma antiga, ainda que mudou a materia, como se vè em Alexandre ab Alexandro;[132] e parece ainda das medalhas, e estatuas antigas dos Romanos, e Gregos. Os paquifes ou folhagens, que acompanhaõ os timbres, tiveraõ principio dos penachos dos elmos, como parece do mesmo Author.

Tambem os Principes, e Senhores Titulados trazem Coroneis em cima dos elmos, o qual costume, segundo se vè de Plinio, era ja introdusido em seu tempo. Porque tendo as Familias Nobres de Roma nos pateos das casas por insignias as imagens de seus antepassados de pào, ou cera, com as cores, e proporçoens de cada huma a mais natural, que podia ser; diz Plinio, que em seus tempos usavaõ jà em lugar destas imagens, huns escudos de bronze, no meyo dos quaes entalhavaõ de meyo relevo em prata os rostos de seus mayores, ornando-lhes as cabeças com as insignias triumphaes, ou quaesquer outras Coroas, que lhes competiaõ, como

costumavaõ às imagens de vulto. Porèm vindo-se depois a perder as artes com a entrada das Naçoens barbaras do Norte; se contentaraõ de pòr em cima dos escudos pintados os elmos sómente em memoria dos rostos, com as coroas, cristas, ou cimeiras, que he o mesmo, que os Franceses chamaõ Timbre, que lhes competiaõ. Do elmo descem penduradas duas correas, que parece tiveraõ principio do Baltheo, ou tiracollo, insignia propria da Milicia Romana.

§. XVIII.

Dos Officiaes que os Reys de Portugal crearaõ para conservaçaõ das insignias dos Nobres, e da Casa das Armas de Cintra.

Na conservaçaõ das Armas da Nobreza poseraõ os Reys muito cuidado,[133] entendendo, que foraõ ganhadas pelo valor dos Fidalgos deste Reyno, na recuperaçaõ delle. E como a grandeza, e segurança de seus Estados consistia no valor dos Nobres, por galardaõ, e agradecimento de tantos serviços, procuraraõ conservar as Armas de cada Familia. Foy este intento taõ antigo nos Reys de Portugal, que se conta na Chronica delRey D. Fernando cap. 30. que mandou fazer hum rico paramento todo bordado de aljofares com as Armas dos Fidalgos de Portugal, de modo, que naõ tiveraõ menos cuidado da conservaçaõ dos seus brazoens, que dos Appellidos; querendo, que só aquelles, a quem de direito tocavaõ, fossem honrados com ellas. Para isto ordenaraõ os Reys de Armas, em cujos livros mandaraõ pintar as insignias de todas as Linhagens do Reyno.

Começaraõ estes Officios em tempo delRey D. Joaõ I. porque atè entaõ, pelas poucas mudanças, que houve em Portugal, eraõ todos os Nobres conhecidos; e pacificamente possuhia cada hum as heranças, e honras, que de seus passados alcançàra. Porèm como por morte delRey D. Fernando se seguiraõ taõ largas, e continuadas guerras sobre a successaõ desta Coroa, sustentando huns as partes da Rainha Dona Brites filha do morto Rey D. Fernando, e mulher delRey D. Joaõ de Castella, e outros, as do Mestre de Aviz,

e Rey D. Joaõ I. de Portugal, foy tanta a variedade, e alteraçaõ das cousas, que com razaõ diz o Chronista,[134] que começou entaõ neste Reyno, em certo modo, a setima idade do mundo; porque graõ parte das Familias Nobres, que seguiraõ a opiniaõ de Castella, ficaraõ extinctas, e acabadas de todo, e algumas, que sustentaraõ as partes delRey D. Joaõ I. foraõ de novo levantadas a grande lugar. Estes, como naõ eraõ dantes conhecidos, para se acreditarem com o povo, tomaraõ em muitas partes os Appellidos, e Armas de outras Familias antigas, que lhes naõ pertenciaõ. E assim diz o mesmo Author, que no dia da batalha de Aljubarrota estavaõ as Bandeiras dos Aventureiros cheyas de varias Armas, e insignias, que a muitos naõ competiaõ. Pelo que considerando ElRey D. Joaõ I. depois de ter o Reyno pacifico, como a confusaõ desta materia era de graõ prejuizo à Nobreza, movido do exemplo dos Reys de Inglaterra, com quem estava aparentado, introdusio o Officio dos Reys de Armas: e de entaõ para cà os hà em Portugal. Prova-se isto, porque Fernaõ Lopes na 2. p. cap. 39. da Chronica deste Rey dà a entender claramente, que atè o tempo da batalha de Aljubarrota os naõ houve; e o mesmo parece das historias dos outros Reys atè entaõ, nas quaes senaõ acha feita mençaõ alguma de Reys de Armas; e com tudo de entaõ para cà se trata delles nas Chronicas dos Reys ordinariamente nos lugares, que lhes cabe. Pelo que he evidente; que ElRey D. Joaõ foy o primeiro, que os mandou vir a Portugal. Porém vendo ElRey D. Manoel, como ainda esta materia naõ estava em sua perfeiçaõ, mandou Antonio Rodrigues seu Rey de Armas às Cortes dos mais dos Principes Christaõs a saber em particular as obrigaçoens, e usos, que os Officiaes da Nobreza tinhaõ: e depois que assentou a ordem, que se havia de guardar, poz o nome, ou (como se diz nos livros de Armaria) bautizou de novo fallando equivocamente, com grande solennidade nos Paços da Ribeira tres Reys de Armas com seus Arautos, e Passavantes; e mandou ver as Sepulturas do Reyno para dellas se notarem as armas, e insignias dos Fidalgos; de muitas das quaes fez pintar os Escudos com suas cores, e Timbres em huma fermosa sala, que para isso mandou edificar nos Paços de Cintra; e deu comprido Regimento aos Officiaes da Armaria para a conservaçaõ da Nobreza, e armas das Familias, de modo que naõ houvesse mais a confusaõ antiga.

Na Casa de Cintra naõ estaõ todos os Brazoens, porque naõ cabiaõ, e só se pintaraõ os das Familias, que entaõ parece andavaõ na Corte, e no serviço do Paço.

No meyo do tecto da Sala estaõ as Armas Reaes de Portugal, ao redor as do Principe, Infantes D. Luiz, D. Fernando, D. Afonso, D. Henrique, D. Duarte, Dona Isabel, Dona Brites.

Em baixo se vem 74. Brazoens, com o que està sobre a porta, de diversos Appellidos, pendurados cada hum do collo de hum Veado, que nos cornos tem o Timbre; estaõ em dous circulos, que por o serem, naõ ha nelles precedencia; e por isso vaõ aqui pela ordem das letras.

A

Abreu, Aboim, Aguiar, Albergaria, Albuquerque, Almada, Almeida, Andrada, Arca, Azevedo, Ataide.

B

Barreto, Betancor, Borges, Britto.

C

Cabral, Carvalho, Castelbranco, Castro, de seis Arruelas, Castro de treze, Coelho, Corte Real, Costa, Coutinho, Cunha.

E

Eça

F

Faria, Ferreira

G

Gama, Goes, Gouvea, Goyos.

H

Henriques.

L

Lemos, Lima, Lobatos, Lobeiras, Lobo.

M

Malafaya, Manoel, Mascarenhas, Meiras, Mellos, Mendoça, Meneses, Miranda, Moniz, Motta, Moura.

N

Nogueira, Noronha.

P

Paçanha, Pacheco, Pereira, Pimentel, Pinto.

Q

Queirós.

R

Ribafria, Ribeiro.

S

Sà, Sampayos, Sequeira, Serpa, Serveira, Sylva, Sylveira, Souto-Mayor, Sousa.

T

Tavares, Tavora, Teixeira.

V

Valente, Vasconcellos, Vieira.

Por baixo ao longo da aba do forro deste tecto estaõ escritos estes quatro versos nos quatro lados das paredes da Casa com letras palmares de ouro.

Pois com esforço, e leaes
Serviços foraõ ganhados
Com estes, e outros taes
Devem de ser conservados.

Desta casa faz mençaõ Damiaõ de Goes na Chronica delRey D. Manoel, quarta parte cap. 86. fol. 112. com estas palavras: *Mandou ver todalas sepulturas do Regno, para dellas se notarem as armas, e insignias, e letreiros, que nellas havia, das quaes armas mandou no Paço de Sintra pintar todolos Escudos com suas cores, e Timbres em huma fermosa Salla, que para isso mandou fazer: àlem do que mandou fazer hum livro muito bem luminado, em que estaõ pintados os mesmos Escudos da linhagem da Nobreza destes Regnos, &c*.

Succederaõ estes Reys de Armas modernos aos Antigos Feciales Romanos,[135] que eraõ os que publicavaõ as pazes, e guerras nos Exercitos, de que faz mençaõ muitas vezes Livio, e outros Autores Latinos. Este cargo tinhaõ entre os Gregos os Caduceatores, e entre Carthagineses os Trombetas, e outros em outras Provincias, segundo o uso de cada Naçaõ. Diogo do Monte citado por D. Sebastiaõ de Covarruvias[136] affirma, que Julio Cesar instituhio certas dignidades, que se davaõ a doze Cavalleiros antigos depois de jubilados na Milicia; os quaes levavaõ nas vestiduras as insignias do Principe, e nenhumas armas offensivas; porque estes naõ pelejavaõ, mas advertiaõ, e notavaõ sómente os feitos valerosos dos Soldados; para que depois se desse o premio aos benemeritos, e esforçados, e lhes deu nome de Heroes, e diz que Carlos Magno renovou estes cargos com as mais cousas do Imperio Latino; e do nome Heroes se disseraõ Heraldos, e Heraos, como os chamaõ em França. E assim tiveraõ antigamente grande authoridade, e delles usaraõ os Principes de Alemanha, Inglaterra, Castella, e Portugal.

Ha tres especies delles, os primeiros, e menores saõ chamados Passavantes, os quaes tem o nome da principal Villa da sua Provincia. Estes antigamente tinhaõ por officio andar por varias Provincias vendo os usos, e costumes dellas. Os segundos se chamaõ Arautos, e eraõ ordinariamente os interpretes dos Reys, e os que levavaõ seus recados na guerra, de que ha assaz de exemplos na historia delRey D. Afonso V. e na de D. Carlos V. Emperador, e Rey de Castella: para o que quasi de todas as gentes tiveraõ salvo conduto. Tomaraõ o nome da principal Cidade do

Reyno. Ultimamẽnte saõ os Reys de Armas, que se intitulaõ do nome da Provincia.

Neste Reyno ha tres Officiaes de cada Provincia, cada hum de sua especie. Os nomes de que usaõ, saõ Rey de Armas Portugal, Arauto, Lisboa, Passavante, Santarèm, Rey de Armas Algarve, Arauto Sylves, Passavante Lagos, Rey de Armas India, Arauto Goa, Passavante Cochim. Os Reys de Armas tem obrigaçaõ neste Reyno, segundo o Regimento, que lhes deu ElRey D. Manoel, de cada hum em sua Provincia fazer hum livro, em que se escrevaõ todas as Familias dos Nobres, e Fidalgos, que nella vivem, apontando os casamentos, e filhos, que cada hum ha; e fazendo disso arvores certas, e distintas com seus nomes; e por este trabalho manda ElRey lhe dem os Fidalgos suas gajas. Tem mais obrigaçaõ de fazer, que cada hum traga as armas, que lhe pertencem de direito, e de visitar cada qual sua Provincia de dous em dous annos. Manda-lhes assim mesmo ElRey se appliquem ao estudo da Armaria, de maneira que entendaõ as causas, porque se deraõ as armas a cada Familia; e as possaõ explicar, quando lhe pedirem as declaraçoens, assentando tudo em seus livros. Obrigados a por em lembrança todos os feitos de armas, que em suas Provincias passarem; e assim mesmo as mesagens, recados, torneos, justos, retos, e desafios, especificando os actos de cada cousa, como na verdade passaraõ. Manda que elles sós possaõ passar as Cartas de Armas, que se pedirem de novo, appresentando as petiçoens aos Desembargadores do Paço; hum dos quaes farà exame de testemunhas, porque conste, que o que pede a Carta de armas, he daquella linhagem, e lhe pertence, e que só o Rey de Armas as assinarà.

Tem tambem obrigaçaõ de assistirem nos levantamentos dos Reys, nos actos das Cortes, nas entradas solennes das Cidades, e nos Exercitos, quando os Principes se achaõ nelles. Acompanhaõ nos actos publicos aos Fidalgos, a quem os Reys daõ novos Titulos, assistem nas mesas ao comer dos Reys, e quando vaõ fóra pela Cidade, e finalmente nos enterros, e exequias. Estas saõ as obrigaçoens dos Reys de Armas, muitas das quaes naõ sey se se cumprem, e se he por descuido, ou pelos poucos premios, que

recebem de seu trabalho; porque tirando a assistencia, que fazem aos Principes nos actos publicos, e acompanhamentos, e o passar as cartas ordinarias de Armas, no apontar as geraçoens, naõ vi memoria alguma. Porèm acudiraõ a esta obrigaçaõ alguns particulares, movidos do zelo do bem commum, por naõ se acabar a memoria da Nobreza de todo. E deixando o primeiro, que isto fez em Portugal, que parece foy conhecidamente o Conde D. Pedro, filho delRey D. Diniz (a quem deve a Nobreza de Espanha isso, que se della sabe, como confessaõ os Historiadores Castelhanos.) Depois delle seguio esta empresa no que toca a este Reyno sómente Xisto Tavares Quartanario da Sè de Lisboa continuando algumas Familias, de que tratou o Conde. Porèm ainda que o fez com diligencia, escreveo de poucas. Imitou-o Damiaõ de Goes Chronista Mór, e fez o livro de Geraçoens, que hoje està na Torre do Tombo imperfeito, por lhe naõ dar a vida lugar ao acabar de todo, e assim tratou sómente de poucas Familias. O Cardeal D. Henrique, como Principe taõ zeloso, encommendou esta empreza a Gaspar Barreiros Conego de Evora, na qual elle confessa, que trabalhou muito, porèm naõ lhe deu fim: e por sua morte encarregou o Cardeal o livro ao Bispo Jeronymo Osorio, que o acrescentou de algumas cousas; e por seu fallecimento o recolheo o Bispo Capellaõ Mòr D. Jorge de Ataide. D. Antonio de Lima fez tambem hum Nobiliario collegido dos livros dos Registos dos Reys muy apurado, e bom. Outro livro compoz tambem de Geraçoens Diogo de Mello Pereira Prior de Tentugal, parte do qual chegou a se imprimir; mas por justos respeitos, e defeitos, que tinha na composiçaõ, foy mandado tirar da imprensa. Destes livros, e doutros, que nesta materia fizeraõ muitos Fidalgos, se tem tirado muitas arvores de Geraçoens; as quaes para serem perfeitas, costumaõ os Italianos fazer com os retratos naturaes de cada pessoa dentro no seu circulo, e à roda delle lhe escrevem o nome, e em cima lhe poem a insignia da dignidade, que teve, como o Coronel, sendo Titulado, a Mitra, ou Chapeo, sendo Cardeal, ou Pontifice: aos Santos cercaõ os circulos de resplandores; aos Generaes dos Exercitos poem por insignia o Bastaõ; aos Capitaens da Cavalleria, o Elmo; e aos Cavalleiros das Ordens Militares assentaõ os circulos sobre as mesmas Cruzes; e do tronco da arvore penduraõ o Escudo das Armas da tal Familia.

Na explicaçaõ das Armas fizeraõ os Officiaes da Nobreza pouca mais diligencia; porque usando sómente de certos livrinhos estrangeiros, que trataõ das cores, e metaes dos Escudos, todo seu intento poseraõ em explicar estas cores; dizendo, que o vermelho significa sangue, o branco pureza, e assim outras cousas vulgares, que de cada cor, e metal ordinariamente se dizem, e por aqui explicaõ com regras geraes todos os Brazoens. O mesmo quasi fazem das peças dos Escudos, dizendo que os animaes saõ mais nobres, que as plantas, e estas, que os metaes, e os metaes, que os edificios, e outras cousas semelhantes contra toda a boa razaõ. Porque deste modo ficavaõ sendo mais nobres as Armas de hum particular, que tivesse no Escudo hum Lobo, ou hum Leaõ, que naõ as de hum Rey, que tivesse hum Castello, ou huma Cadeya; como saõ os de Castella, e de Navarra, ou huns Escudos, como os de Portugal. Pelo que com razaõ reprovaõ esta opiniaõ Thomaz Garsone[137] na sua Praça universal, e Gregor. Lopez Madeira[138] nas Excellencias da Monarquia de Espanha; os quaes resolvem, que a Nobreza das Armas naõ se hà de regular pelas cores, ou materiaes, de que constaõ; mas pela dignidade de quem as traz, ou pela bondade do acto, em que foraõ ganhadas. Sò na ordem de trazer as Armas poseraõ mayor cuidado, ordenando que sò os Chefes tragaõ as Armas direitas, que he o mesmo, que sem differença; e a todos os outros filhos segundos se lhes poem alguma peça no Escudo para differença. Esta peça se toma ordinariamente das Armas dos Avòs. E sendo muitos irmaõs, o primeiro tem a escolha para tomar a melhor differença, Ve-se isto muy distinctamente na Casa das Armas de Cintra, onde mandou ElRey D. Manoel pòr as suas no meyo, e à roda as de todos os seus filhos; dos quaes hum tomou por differença as de Castella, outro as de Aragaõ, outro as de França, Inglaterra, &c. cada hum por sua precedencia. Quando pintaõ os Escudos, os poem sempre inclinados para a parte direita; posto que os Chefes os trazem hoje direitos com os elmos fronteiros, havendo algum animal no Escudo, ou outra peça, se poem tambem por Timbre: ninguem sendo Chefe pòde trazer as Armas com outra mistura, tirando se o for de muitas geraçoens; porque entaõ as poderà trazer juntas. Os outros podem usar das dos quatro Avòs, quarteadas, ou das de sua mãy sómente.

As mulheres trazem as Armas em Escudos quadrados postos com a ponta para cima, partindo o campo em palla, e deixando a parte direita delle para as Armas do marido.

§. XIX.

Do modo, com que saõ postos os nomes aos Officiaes da Armaria.

ElRey D. Manoel depois, que mandou fazer o Regimento dos Officiaes da Armaria, diz Damiaõ de Goes no cap. 80. da 4. p. da sua Chronica, que em Lisboa nos Paços da Ribeira fez hum acto publico muito solemne, em que deu nome a todos os Reys de Armas, e Arautos, e Passavantes destes Reynos, a cada hum delles separadamente da sua Provincia. Pelo que me pareceo bem pòr aqui as ceremonias, com que estes actos se fazem; porque alèm de pertencerem a este lugar, atègora as naõ vî escritas em outra parte. Estando ElRey sentado debaixo do Docel em Sala publica, vem o novo Passavante, e o Rey de Armas o appresenta sem cotta, nem Brazaõ diante delRey, e posto o Passavante de joelhos faz o juramento seguinte. Foaõ Passavante juro a estes Santos Evangelhos nas maõs de Foaõ Rey de Armas, que bem, e verdadeiramente, e com todo o cuidado, e diligencia aprenda todo o que necessario for ao nobre officio das Armas, para que dignamente possa passar, e ser acrescentado ao officio de Arauto, e de Rey de Armas, quando ElRey Nosso Senhor disso houver por seu serviço de me prover. E assim juro em todo o que pelo dito Senhor, e por aquelles, que para elle seu lugar tiverem, me for mandado, que de meu officio de Passavante faça, e farey toda a fidelidade, cuidado, e diligencia, assim como devo, e saõ obrigado fazer ao serviço de meu Rey natural, e Senhor.

Acabado o juramento, o Copeiro Mòr traz huma taça de prata branca com agua, e sem cobertura, e o Veador huma toalha, e dando o Copeiro Mòr a taça a ElRey, lhe lança por cima da cabeça huma pouca, e lhe poem o nome da Villa, que quer, e o principal Senhor, que està na Sala, toma a toalha da maõ ao Veador, e a dà a ElRey para alimpar as maõs. Feito isto, o Rey de Armas lhe poem o Brazaõ no peito à parte esquerda, e veste a cotta de Armas

atravessada, como he costume trazerem os Passavantes, e depois de vestidos, assim elles, como os mais Officiaes de Nobreza, e o Rey de Armas bejaõ a maõ a ElRey, e o Copeiro Mòr dà ao Passavante a taça de prata, em que esteve a agua, a qual leva na maõ, porque de direito lhe pertence.

O Arauto vem a este acto vestido, ainda como Passavante, e acompanhando-o diante todos os Officiaes da Nobreza, leva-o pela mão o principal Rey de Armas, o qual o appresenta diante delRey: o Arauto entaõ posto de joelhos com a mão em hum Missal, que o Rey de Armas tem aberto, faz o juramento seguinte.

Juro aos Santos Evangelhos nas maõs do Rey de Armas Foaõ, que bem, e fiel, e lealmente servirey a ElRey Nosso Senhor toda a minha vida, e me naõ mudarey, nem passarey para nenhum outro Rey, nem Principe, nem mudarey o nome, que pelo dito Senhor me he posto, resalvando, se para elle o dito Senhor me der licença.

Juro assim mesmo, que em qualquer maneira, e em qualquer tempo, que sentir danno, ou proveito do dito Rey Nosso Senhor, que a meu officio toque, e pertença, o revelarey, e direy a sua propria pessoa, ou a quem por elle me for mandado, resalvando em guerra, se o dito Rey nosso Senhor com algum Rey, ou Principe a tivesse, ou com qualquer outra pessoa, a que por meu officio saõ obrigado guardar segredo, assim a meu Senhor, como à parte contraria.

Juro assim mesmo, que em todas as mesagens, recados, embaixadas, de que for encarregado, assim pelo dito Rey Nosso Senhor, como pelos que seu lugar, e mandado para elle tiverem, como de qualquer outro Rey, ou Principe; posto ǫ estè em imizade com o dito Rey nosso Senhor, farey verdadeiras, e fieis relaçoens: inteiramente direy, e fallarey o que me for dito, e mandado, e naõ acrescentarey, nem minguarey disso cousa alguma por odio, dadivas, nem prometimento, nem por outro respeito algum, e em tudo farey verdade, servirey fielmente, &c.

Juro assim mesmo, que quando me achar em algumas justas, ou torneos, ou em guerras, escaramuças, desafios, assaltos, ou em quaesquer outros actos de guerra de qualquer sorte, e qualidade que sejaõ, sempre diga fiel, e verdadeiramente tudo aquillo, que vir

por meus olhos à boa fé, e sem engano, nem malicia, e sem acrescentar, nem diminuir alguma cousa em nenhum modo que seja; e de tudo farey verdadeiro, e fiel testimunho, sem tirar, nem minguar, nem acrescentar a honra, e louvor, e fama de nenhuma pessoa por nenhum respeito que seja.

Juro assim mesmo, que serey verdadeiro, e leal, fiel, secreto a todo o Estado de Nobreza; e tudo o que for dito em segredo, naõ sómente nestes Reynos, e seus Senhorios, mas em qualquer outro Reyno, em que me achar, ou Senhorio.

Juro assim mesmo, que naõ farey desafio, nem entrevirey nelle entre nenhumas pessoas de qualquer qualidade, e condiçaõ que sejaõ, sem mandado Especial delRey nosso Senhor.

Juro assim mesmo, que qualquer dadiva, bem, ou honra, que receber de qualquer Rey, Principe, ou Senhor, a que por ElRey Nosso Senhor for enviado, ou por quem seu lugar, e mandado para elle tiver, o direy a ElRey Nosso Senhor: e assim a quaesquer outros Reys, e Principes, se por elles por isso for perguntado, naõ direy mais, nem menos, do que receber, nem me for feito por tal, que verdadeira, e fielmente notifique a Nobreza de cada hum.

Acabado o juramento traz o Copeiro Mòr huma copa dourada sem cobertura com agoa, e o Veador a toalha; e ElRey na fórma ja dita lança a agoa pela cabeça ao Arauto, e lhe poem o nome da principal Cidade, que ha por bem, e tomando ElRey a toalha na fórma jà dita, o Rey de Armas vira a cota ao novo Arauto, e lhe poem o Brazaõ à maõ direita, publicando todos os Officiaes da Armaria em voz alta por tres vezes o nome do mesmo Arauto. O que feito bejaõ a maõ a ElRey, e o Copeiro dà a Copa ao novo Arauto, que a leva na maõ por ser de direito sua.

Quando ao Rey de Armas se lhe poem o nome, vay tambem ao Paço acompanhado de todos os Officiaes da Nobreza vestidos com suas còtas, e postos de joelhos diante delRey, faz o juramento seguinte em hum Missal, que o principal Rey de Armas tem na maõ, dizendo.

Juro a estes Santos Evangelhos nas maõs de Foaõ Rey de Armas, que bem, e verdadeiramente darey do livro de meu Regimento das Armas aos Nobres as armas, que direitamente se lhes pertencem, segundo a ordem, e Regimento, que para elle me he dado por ElRey Nosso Senhor, que em tudo guardarey, cumprirey: e que por temor, nem por amor, nem por dadiva, nem por prometimento; nem por outro nenhum respeito, naõ farey nisso cousa, que naõ deva; e finalmente guardarey nisso a justiça, e direito da parte a que tocar.

Juro assim mesmo, que quando for enviado com algum Embaixador, que ElRey Nosso Senhor enviar, serey com todo o cuidado diligente a seu serviço, e fielmente farey, cumprirey tudo o que me for mandado, e com minha cota de armas vestida entrarey onde quer que me for mandado por ElRey Nosso Senhor, ou por seus Embaixadores.

Juro de em todo cumprir, e guardar o juramento, que feito tenho, quando fuy feito Arauto, e todas as cousas, obrigaçoens do dito juramento, e cada huma dellas cumprirey, e sarey fiel, e verdadeiramente, como no dito juramento he conteudo.

Feito o juramento, o Copeiro Mòr traz outra copa dourada com sua cobertura, e o Veador huma toalha, e tomando ElRey a copa, lança ao novo Rey de Armas a agoa pela cabeça, e lhe poem o nome da Provincia, que ha por bem. E depois de lhe darem a toalha na fórma referida, os Officiaes da Nobreza publicaõ logo o nome do novo Rey de Armas, e recebe a copa, que teve a agoa, da maõ do Copeiro Mòr, e a leva por ser gaja sua.

§. XX.

Dos Titulos, que antigamente se davaõ aos Grandes do Reyno; e particularmente dos Ricos Homens.

Os Titulos, que os Reys concederaõ à Nobreza, foraõ varios, e que o tempo tem mudado muito. Porèm começando dos mais antigos, trataremos somente de tres, por serem os mais communs, e que duraraõ até quasi nossos tempos, a que succederaõ os

Duques, Marqueses, Condes, Viscondes, e Baroens, que de presente se usaõ.

O nome de Ricos Homens, diz ElRey D. Afonso, se lhes deu porque àlem da riqueza temporal, foraõ tambem ricos de partes naturaes. Porèm isto he moralizar; e assim me parece mais certo o que diz Fr. Hieronymo Roman,[139] o qual affirma, que no tempo daquelles primeiros Reys, que succederaõ a D. Pelayo pelas miserias em que todos estavaõ, naõ havia Titulos, e a cada hum se dava o nome das cousas, com que servia aos Principes, e ajudava na guerra contra os Mouros, chamando Escudeiros aos que pelejavaõ com Espadas, e Escudos; e Cavalleiros aos que serviaõ a cavallo. E aquelles, que pelas riquezas de bens se avantajavaõ aos outros, mantendo à sua custa gente de guerra, os intitulavaõ Ricos Homens. Estes depois foraõ os Mestres de Campo, e Generaes na guerra, que só podiaõ fazer gente, e trazella a seu cargo, e naõ reconheciaõ outro Capitaõ, senaõ o mesmo Rey. Era este nome de Rico Homem, segundo se collige dos Foros de Sobrarve, pelos quaes em seu principio se governaraõ os Navarros, e Aragoneses, generico, e o dava o povo a quem lhe parecia. Porèm depois que os Reys vieraõ a mayor crescimento, e magestade, tomaraõ para si o concedello. E assim vemos no livro das Linhagens do Conde D. Pedro,[140] como ElRey D. Afonso fez Rico Homem a D. Ruy Gomes de Briteiros, e lhe deu Pendaõ, e Caldeira. E na Chronica delRey D. Afonso IV. se faz mençaõ de como concedeo este titulo, e insignias a Lopo Fernandes Pacheco. E nas de Castella se le, que D. Afonso Fernandes Coronel, com ser senhor de muitas Villas, desejava o titulo de Rico Homem, e o alcançou delRey D. Pedro.

Faziaõ os Reys este acto com grande solennidade; porque o que havia de receber tal titulo, velava primeiro as armas com as ceremonias da Cavallaria para ser armado Cavalleiro, que era o fundamento sobre que todas as dignidades militares antigamente assentavaõ. Depois o levavaõ com grande acompanhamento aonde ElRey estava, e posto de joelhos diante delle, lhe entregava hum pendaõ, ou bandeira em sinal, que o fazia General, e lhe dava poder para capitanear, e governar a gente na guerra. No pendaõ hiaõ pintadas humas Caldeiras; pelas quaes se demonstrava, que podia

trazer gente na guerra, e sustentalla. Destes Ricos Homens ficou, parece, o costume de darem aos Condes, e Titulos, que depois aos Ricos Homens succederaõ (como quer ElRey D. Afonso o Sabio) as bandeiras, quando com solennidade se lhes dà a investidura de suas dignidades, como o sente Garibay.[141] As Caldeiras, que o pendaõ levava por divisa, tiveraõ sua origem do pouco dinheiro, que entaõ havia em Hespanha; por cuja causa senaõ dava aos Soldados soldo de dinheiro, mas mantimento. E como para o poder guisar a tanta gente eraõ necessarios grandes vasos, usavaõ destas Caldeiras de notavel grandeza, como ainda hoje se vem nos Conventos da Batalha, e Alcobaça, onde ficaraõ algumas da vitoria de Aljubarrota. Continuou-se o Titulo de Ricos Homens neste Reyno por muitos annos, e ainda ElRey D. Manoel faz mençaõ delles, e das Ricas Donas, que eraõ suas mulheres. Porèm nas Ordenaçoens[142] he mais nome generico, que naõ particular Titulo; e com tudo hoje està jà de todo exincto, succedendo em seu lugar os outros Titulos modernos.

§. XXI.

Dos Vassallos.

Este nome Vassallo, confórme diz Scipiaõ Amirato,[143] se derivou de *Vasso*, que significa inferior; e mostra com varias authoridades, que os Vassallos se diziaõ antigamente Vassos por estarem sogeitos a alguns Senhores. Daqui podemos entender, que se introduzio esta palavra em Hespanha com o Imperio Gotico, pois a Italia, e França o trouxeraõ as Naçoens do Norte. Debaixo deste nome se comprehenderaõ antigamente neste Reyno muy differentes generos de pessoas; o que naõ advertindo alguns Authores, se enganaraõ grandemente, cuidando que só os Grandes, e Senhores de terras tinhaõ tal Titulo, como affirma Fr. Hieronymo Roman,[144] e em parte o Doutor Jorge de Cabedo,[145] dizendo, que o nome de *Vassallo* atè o tempo delRey D. Afonso V. era só de grandes Senhores; mas que de entaõ para cà se deu a homens de grande qualidade, chamados Vassallos acontiàdos; sendo assim, que de

todos estes generos de Vassallos se faz mençaõ nas Chronicas antigas, muitos annos antes delRey D. Afonso V. Para o que he de saber, que debaixo deste nome se comprendiaõ tres generos de gente, os primeiros eraõ Senhores de terras, e Alcaides Mòres, os segundos Fidalgos, e os ultimos gente rica popular. De todos elles faz mençaõ ElRey D. Afonso Sabio[146] nas Partidas, com estas palavras: *Vassalos son aquellos, que reciben honra, e buen echo de los Señores; assi como Cavalleria, o tierras, o dineros, por servicio señalado, que le ayan de fazer*. Do primeiro genero de Vassallos falla o mesmo Rey em outra Partida, especialmente ordenando, que elles só confirmem as Doaçoens dos Reys; com tudo neste Reyno os Grandes, e Senhores de terras, e Alcaides Mòres tinhaõ este titulo, como mostra largamente o Padre Fr. Jeronymo Roman; onde vemos, que a D. Afonso de Meneses Conde de Barcellos, ao Condestable D. Nuno Alvares Pereira, a Vasque Annes de Castello Branco, a Joaõ Cesar, e outros semelhantes deraõ os Reys este nome. Pelo que parece claro, que todos os Senhores, que hoje chamamos de terras, se diziaõ entaõ Vassallos delRey absolutamente.

O segundo genero de Vassallos se chamavaõ Acontiàdos; porque estavaõ prestes para servir a ElRey com certas lanças na guerra por certa quantia de dinheiro, que dos Reys aviaõ, e por isso se chamavaõ Acontiàdos. Delles, e do modo, com que eraõ aceitados por Vassallos, se faz mençaõ nas Chronicas do Reyno, e particularmente no primeiro Capitulo da Chronica delRey D. Pedro, fallando das condiçoens do mesmo Rey, diz:[147] *Elle foy graõ creador de Fidalgos de linhagem, porque naquelle tempo naõ se costumava ser Vassallo, senaõ filho, e neto, e bisneto de Fidalgos de linhagem; e por usança, haviaõ os taes a contia, que agora chamaõ maravidis, dar-se no berço logo, que o Fidalgo nascia, e a outro nenhum naõ. Este Rey acrescentou muito nas contas dos Fidalgos depois da morte delRey seu padre, que naõ embargante, que ElRey seu padre D. Afonso fosse cumprido no dar de muitas, e boas bondades, tachavaõ-no porèm de ser escasso muito em grandeza, &c*. Pelo dito se mostra a qualidade destes Vassallos, os quaes ainda, que eraõ Fidalgos, differiaõ dos outros Senhores de

terras, que temos dito. Este costume, como ja dissemos no Discurso da Milicia, mostra depois o Chronista,[148] que innovou ElRey D. Joaõ, mandando dar à lança do Fidalgo 1U000. livras, e à do que o acompanhava 700. e que os filhos naõ vencessem contia, senaõ depois de terem idade para poderem servir; e entaõ lha assentavaõ nos livros, a respeito da que o pay havia, porèm sempre mais pequena, para dar lugar aos acrescentamentos ordinarios.

O terceiro genero de Vassallo eraõ tirados de cada povo, confórme à contia das fazendas,[149] por razaõ das quaes eraõ obrigados a ter cavallos, e Armas; e tiveraõ origem das listas, que os Reys mandaraõ fazer de toda a gente do Reyno, confórme se costumou em todos os grandes Estados, e o usaraõ os Romanos, elegendo para isso os seus Censores. Nestas listas se assentavaõ os nomes dos moradores de cada povo, e a fazenda, e renda de cada hum, e a respeito dellas se mandava pòr ley, que os que tivessem tanta contia de fazendas, fossem obrigados a ter cavallos, e certas Armas. O tempo, em que este genero de Vassallos teve origem, naõ consta das historias, porèm jà na Chronica delRey D. Fernando se faz mençaõ delles. Pelo que se enganou o Doutor Jorge de Cabedo,[150] cuidando que no tempo delRey D. Afonso V. começaraõ. Fizeraõ-se estas listas no Reyno por muitas vezes, e particularmente em tempo delRey D. Fernando, D. Joaõ I. D. Afonso V. D. Manoel, e de entaõ para cà ficaraõ por ley expressa. O Doutor Antonio Francisco[151] diz, que estes Vassallos tem o primeiro grào da Nobreza; fazendo a Ordenaçaõ sempre esta distincçaõ: *Se for Vassallo, e dahi para cima, ou se for piaõ, &c*. Com tudo o nome de *Vassallo*, parece que nesta particular significaçaõ està extincto, de especial se fez geral, e comprehende hoje todos os subditos do Reyno, assim grandes, como pequenos.

§. XXII.

Dos Infançoens.

Sobre o nome, e qualidade de Infançoens naõ hà menor alteraçaõ entre os Authores,[152] afirmando muitos, que se dava sómente este

titulo àquelles, que dos Infantes descendiaõ, e que por isso eraõ assim chamados. E disto hà sentenças em favor dos Cidadaõs de Lisboa, e do Porto, que todos tem privilegios de Infançoens, concedidos pelos Reys passados. Porèm o contrario desta opiniaõ consta claramente das historias, dos privilegios, e das mesmas Provisoens Reaes. Porque sabido he, que o nome de Infante naõ passa aos filhos dos Infantes; mas acaba juntamente com elles; e se passara, e se chamaraõ Infançoens, como estes Authores querem, sem duvida mayor honra fora a de Infançaõ, que a de Rico Homem. Porèm consta, que sendo os Ricos Homens Senhores particulares, em quem naõ havia sangue Real, precediaõ em tudo aos Infançoens, logo naõ podiaõ ser filhos de Infantes. Ve-se isto em muitos lugares do Conde D. Pedro,[153] o qual refere nos livros das Linhagens de Espanha, que sendo Ruy Gomez de Britteiros Infançaõ, o fizera ElRey D. Afonso Rico Homem, como atraz deixamos Escrito. E tratando de D. Diogo Lopez o Bom Senhor, de Biscaya, quando veyo de vencer hum graõ torneo, que se fez entaõ em Castella, diz[154] que desarmando-o sua Mulher Dona Toda com as Donas, e Donzellas de sua Casa, lhe acharaõ hum ferro de setta em huma perna; e espantando-se Dona Toda de como o podèra sofrer tanto tempo, lhe disse elle: *Honrada està agora a filha, do Infançom*. Ao que ella respondeo: *Este Infançom, que vòs dizedes, por Rico Homem era tido em sua terra*. Por onde se vè claro; que mòr dignidade era a de Rico Homem, que a de Infançaõ. O mesmo consta dos privilegios, e em particular do delRey D. Afonso IV. que traz o Doutor Jorge de Cabedo; porque nas aposentadorias, que entaõ era costume dar-se nos Mosteiros aos Fidalgos, manda que se dem aos Ricos Homens 30. reis, e aos Infançoens 15. e aos Cavalleiros 10. E disto hà outros muitos exemplos, que naõ refiro por escusar molestia. E assim tornando à origem deste nome, deixadas as opinioens, a mim me parece muy provavel o que escreve Vidal Canhelas Bispo de Huesca Author antigo de Aragaõ, [155] de quem Jeronymo Çurita faz muita conta, o qual affirma, que assim como os filhos de Reys, que naõ herdavaõ, se chamavaõ Infantes; assim aos filhos dos Fidalgos, que naõ herdavaõ as Casas, e Morgados de seus pays, lhes chamava o vulgo à sua imitaçaõ, Infançoens, e o mesmo a seus descendentes; o que tambem affirma

Gonçalo Argote de Molina, dizendo na Nobreza de Andalusia. 1. c. 77. que os Infançoens eraõ filhos dos Ricos homens. E assim mesmo Escolano[156] na Historia de Valença. Pelo que ainda, que lhes faltavaõ as riquezas, e grandeza, por naõ serem os principaes de sua Casa, naõ deixavaõ de ser muito privilegiados, e honrados. A esta opiniaõ favorece muito ElRey D. Afonso, quando fallando dos Infançoens nas suas Partidas,[157] diz: *E como quer que estos vengan antigamente de buen liñage, & hayan grandes heredamientos, peró nó son en cuenta destos grandes Señores, que de suso diximos*. E bem se vè serem de boa linhagem, pois casavaõ suas filhas com Ricos Homens, e os Reys lhes davaõ com facilidade o mesmo titulo, e os avantajavaõ aos Cavalleiros ordinarios. Pelo que muitos impetravaõ dos Reys os privilegios, e titulo de Infançoens, como foraõ as Cidades jà nomeadas; o que os Reys concediaõ sem mais ceremonias, que passarlhes disso suas cartas.

§. XXIII.

Da antiguidade dos Duques em Portugal, e do que à sua dignidade pertence.

Duque se derivou da palavra *Dux*, que em latim significa guia, e Capitaõ.[158] Sendo este nome generico, se foy fazendo especial em tempo dos Emperadores Romanos. Porque Augusto Cesar depois de se ver Senhor do Imperio, dividio as Provincias delle entre si, e o Senado; e dando à Republica as pacificas, tomou para si aquellas, que confinavaõ com os inimigos, e tinhaõ necessidade de presidios; e assim fez nove fronteiras nos confins do Imperio, onde constituhio outros tantos Exercitos. Estas foraõ Espanha, Alemanha Baixa, Alemanha Alta, Dalmacia, Panonia, Syria, Egypto, Africa, Misia. A cada Exercito destes nomeou hum General, que chamou Capitaõ, ou Dux, que he o mesmo. Estes Exercitos se multiplicaraõ depois pelos Emperadores successivos. Mas daqui foy a primeira origem de tomarem os Duques o nome das Provincias, e terem o governo dellas; com tudo este cargo naõ durava entaõ sempre, mas era por tempo limitado. Porèm entendendo depois os Emperadores, que os Capitaens, e Soldados fariaõ melhor officio de defender os limites do

Imperio, se tivessem dahi particular proveito, concederaõ assim aos Duques, como aos Soldados dos Exercitos todas as terras, e campos, que tomassem aos inimigos, para os poderem possuir em sua vida sómente, ou de seus filhos, quando lhes succedessem na Milicia. Com esta[159] occasiaõ se ficaraõ aproveitando os Duques, e principaes Capitaens de muitas terras nos confins do Imperio, logrando o Senhorio dellas, e os governos por toda a vida. Pelo que de officios se ficaraõ fazendo dignidades, como aconteceo quasi aos Capitaens deste Reyno nas Ilhas, e no Brasil, que de cargo ordinario se lhes deu em vidas, e fez hereditario, de modo que tanto monta agora chamar a hum homem Capitaõ de huma Capitanîa do Brasil, ou de huma Ilha, como Senhor, e Governador della. Passado o Imperio a Grecia, ainda que os maes deste Capitaens ficaraõ com nomes de Condes, pelas razoens, que logo diremos; com tudo em muitas Provincias se conservou o nome de Duques, os quaes tinhaõ particulares insignias, com que andavaõ, porque os vestidos eraõ vermelhos, o baltheo, ou cinto Militar de prata, ou ouro, no dedo traziaõ hũ anel com duas pedras, e hum colar lançado a tiracollo, capacete, e escudo dourado, e só elles podiaõ trazer gente armada consigo, e diante hum estendarte, cousa que a outrem senaõ concedia. Algũs dos Governadores, que os Emperadores Gregos mandaraõ a Italia, Duques se chamaraõ; posto que depois tomaraõ o nome de Exarcos. Hum destes, que foy Longino (segundo Sigonio)[160] introduzio o nome de Duques mais comummente em Italia; porque tirando os Varoens Consulares, ou Rectores, que havia nas Cidades, poz em cada huma seu Presidente com nome de Duque, e lhe deu grande jurisdicçaõ para cobrar os tributos Imperiaes, e administrar justiça. Neste tempo entraraõ em Italia os Longobardos trazidos por Narzetes, Exarco que fora de Ravena, os quaes achando este modo de governo, o seguiraõ, e poseraõ em lugar destes Duques, Capitaens seus, com o mesmo nome, fazendo este officio dignidade, durante a vida de cada hum; e principalmente fizeraõ naquella Provincia quatro Ducados mayores, que foraõ o Espoletano, Forojuliense, Benaventano, e Taurinense; a que depois se seguiraõ os de Perusia, Romano, Toscano, e Campano. O mesmo estylo tiveraõ os Godos em Hespanha,[161] porque imitando em muitas cousas os Emperadores Romanos, poseraõ em suas

fronteiras Capitaens geraes com o nome Latino de *Duces*, ou Duques; os quaes governavaõ os seus territorios, e Provincias, como agora fazem os Viso-Reys, e delles fallaõ muitas leys do Fuero juzgo. Vindo depois Carlos Magno a Italia, e vencendo o ultimo Rey dos Longobardos, tomou para si a mayor parte da Provincia, e deu os Ducados della àquelles principaes, que o ajudaraõ a ganhar a terra; porèm com mais liberdade, que os Reys Longobardos, porque naõ sómente lhes deu estes Senhorios em sua vida, como entaõ muitos tinhaõ; mas para seus descendentes, com condiçaõ que lhe guardassem fidelidade, e reconhecessem vassalagem. Daqui tiveraõ nascimento os Duques nà fórma, em que hoje os vemos; porque como muitos Senhores Grandes de Italia ficaraõ com este Titulo, se estimou mais, que o dos Condes, posto que mais antigo. A isto se ajuntou dar o Papa Nicolào II. a Roberto Guiscardo titulo de Duque de Apulha, e Calabria com ceremonias quasi Reaes,[162] dando-lhe cetro, estoque, e barrete vermelho cuberto de pedraria, com licença para fazer moeda; do que fizeraõ tanto caso outros Senhores, que largando os antigos titulos, que tinhaõ de Condes, e Marqueses, se chamaraõ Duques, como foraõ os Condes de Saboya, Borgonha, Moravia, Bavaria, Saxonia, e outros muitos; dando assim os Emperadores, que succederaõ a Carlos Magno, com os Reys de França, e Inglaterra à sua imitaçaõ em seus Reynos este Titulo a muitos. E de Inglaterra veyo esta dignidade a Hespanha muitos annos adiante em tempo delRey D. Joaõ I. quando D. Joaõ Duque de Lencastre, filho segundo delRey D. Duarte, passou a Hespanha a pretender o Reyno de Castella, por sua mulher, que era filha delRey D. Pedro de Castella o Cruel. Pelo que o nosso Rey D. Joaõ I. seu genro à sua imitaçaõ deu a mesma dignidade de Duque aos Infantes D. Pedro, e D. Henrique seus filhos, quando veyo de tomar Ceita;[163] e foraõ os primeiros, que houve neste Reyno, e quasi no mesmo tempo ElRey D. Joaõ I. de Castella fez Duque a seu segundo filho D. Fernando, que depois foy Rey de Aragaõ.

As ceremonias com que se esta dignidade dava em Portugal, naõ achamos nas nossas Historias. Porèm segundo Scipiaõ Amirato, [164] e se collige do Regimento dos Reys de Armas deste Reyno.

Vem o novo Duque acompanhado dos principaes Senhores da Corte, seus amigos, e parentes, precedendo diante os Reys de Armas, e musica de Ministreis, e levaõ-lhe huma bandeira, e Coronel os mayores Fidalgos, que o acompanhaõ; chegando assim ao Paço, entraõ na Sala Real, onde ElRey està em seu Trono, e lhe fazem huma pratica em seu louvor; dando as razoens porque ElRey lhe concede aquella dignidade: depois pondo-se o novo Duque de juelhos diante delRey, lhe mete a bandeira na maõ, e lhe poem o Coronel na cabeça: feito isto, se torna outra vez a cavallo com as insignias postas na cabeça atè sua casa. O livro chamado Ceremonial de Principes, diz que os Duques pòdem trazer estoques diante de si com a ponta para baixo à differença dos Reys, que o trazem com a ponta para cima, e usar Coronel na cabeça, e vestir huma oppa vermelha forrada de arminhos aberta pela ilharga, e que em suas Casas tem doceis, e nas Igrejas Sitiaes, e se lhe dà a beijar o Evangelho na Missa; diante dos Reys se assentaõ em Cadeiras razas com Coxins em cima: tem Arautos, e Maceiros para os acompanharem. Em Italia, e Alemanha usaõ[165] os Duques livres, em lugar de Coronel, de hum barrete vermelho redondo forrado de arminhos, que parece significa a liberdade, por ser o barrete antigo hieroglyphico della.

Neste Reyno se teve sempre esta dignidade em muito, e senaõ deu senaõ a filhos, e netos dos Reys, ou a parentes chegados à Casa Real. E os que os Reys atégora fizeraõ sem repetir os Titulos mais, que huma só vez, ainda que depois se reformasse a mercé, saõ os seguintes: os primeiros, como vimos, foraõ o Infante D. Pedro, a quem ElRey D. Joaõ I. seo pay deu Titulo de Duque de Coimbra, e ao Infante D. Henrique de Viseu; ElRey D. Afonso V. fez Duque de Bragança a D. Afonso Conde de Barcellos, filho natural delRey D.Joaõ I. e ao Infante D. Fernando seu irmaõ, de Viseu; e de Guimaraens ao filho mais velho do Duque de Bragança, ElRey D. Joaõ II. fez Duque de Beja ao Senhor D. Manoel, que depois foy Rey; o qual deu Titulo de Duque de Coimbra ao Senhor D. Jorge filho bastardo do mesmo Rey D. João II. e ao Infante D. Luiz seu filho, o fez Duque de Beja; e ao Infante D. Fernando, da Guarda; ElRey D. João III. concedeo aos primogenitos da casa de Bragança

Titulo de Duques de Barcellos, e mudou o Titulo de Duque de Coimbra em Aveiro ao successor do Senhor D. Jorge; e deu à Senhora Infanta Dona Maria o Titulo de Duquesa de Viseu; ElRey D. Felippe I. deu ao Marquez de Villa-Real D. Manoel de Meneses Titulo de Duque da mesma Villa, que depois seu filho teve com Titulo de Caminha; ElRey D. Felippe III. concedeo aos primos genitos dos Duques de Aveiro se chamassem Duques de Torres Novas, donde tinhaõ Titulos de Marqueses; ElRey D.João IV. fez a D.Nuno Alvares de Mello, que era Marquez de Ferreira, Duque do Cadaval. ElRey D. João V. fez Duqueza de Lafoens a Dona Luiza Casimira de Sousa herdeira da Casa de Arronches, e mulher do Senhor D. Miguel, e este Titulo tem seu filho D. Pedro de Sousa. A esta dignidade aconteceo o que a nenhuma outra, que foy accrescentamento de grào no mesmo nome, como fizeraõ os Duques de Austria, chamando-se Archiduques, e outros se accrescentaraõ com o nome de Grandes, como o de Lituania, e o de Toscana.

§. XXIV.

Dos Marqueses, que ha no Reyno, e das ceremonias, com que eraõ creados antigamente.

Marquez se disse de *Marca*, que em lingua Alemã significa termo, e limite. Naõ foy este nome dignidade conhecida dos Romanos,[166] mas entrou com os Principes do Norte, os quaes destruindo o Imperio, e dividindo-o em muitos Reynos, punhaõ nos limites, e marcas de seus Estados Fronteiros, que as defendessem; e porque a estas fronteiras chamavaõ Marcas, intitularaõ aos Capitaens *Marchiones*; e depois corruptamente Marqueses. Deste tempo ficaraõ em Italia os Marquesados de Mantua, e Ferrara, e as Provincias ditas Marca de Ancona, e Trivizana. Em Espanha usaraõ tambem os Godos dos mesmos nomes, como se vè das historias dos Reys Godos, e os aponta Morales,[167] e particularmente neste Reyno, onde nos deixaraõ a palavra *Comarca*, que ainda hoje conservamos.

Sendo esta dignidade de Marquez officio, se foy tambem depois naõ sómente fazendo Senhorio das mesmas Marcas, mas ainda Dignidade, e Titulo. O primeiro, que houve neste Reyno, foy D. Afonso filho do primeiro Duque de Bragança, a quem ElRey D. Afonso V. deu este Titulo. Foy este Senhor, sendo ainda Conde de Ourem, ao Concilio de Basilea por Embaixador de Portugal com grande acompanhamento, e dahi, antes de tornar para o Reyno, correo grande parte de Europa, e Asia; e assim em remuneraçaõ de seus serviços o fez ElRey D. Afonso V. Marquez de Valença.

As ceremonias, com que esta dignidade se dà, conta largamente Garcia de Resende[168] na Chronica delRey D. Joaõ II. quando ElRey fez ao Conde de Villa Real D. Pedro de Meneses Marquez da dita Villa, e foy nesta forma. ElRey citava em seu estrado Real vestido ricamente, em pè com a mão na cadeira, debaixo de hum docel de brocado, acompanhado do Principe, e Grandes da Corte, vestidos todos de festa. O Conde veyo de sua Casa acompanhado de muitos Fidalgos, precedendo trombetas, charamellas, sacabuxas, e os Reys de Armas, e hum dos principaes Fidalgos, que o acompanhavaõ, levava diante hum Estendarte das Armas do Conde na mão com pontas, e outro huma espada rica embainhada, e o terceiro huma carapuça de seda vermelha forrada de arminhos, posta em hum prato de prata ricamente lavrado; com esta ordem entrou na sala, e chegou ao estrado, em que ElRey estava; e o Chanceler Mór por mandado delRey fez huma pratica, em que contou os muitos serviços do Conde, e como em gratificaçaõ delles, o queria ElRey acrescentar à dignidade de Marquez. Acabada a pratica, se chegou o Conde diante delRey, o qual tirou a carapuça do prato, e lha poz na cabeça, e tomou a espada, e lha cingio por cima dos vestidos, e da cinta lha tirou nua, e com ella lhe cortou as pontas do Estendarte, e ficou em Bandeira quadrada; e tomou hum anel de diamante, e lho meteo no dedo annular da maõ direita. Feito isto, o Marquez se poz de joelhos, e lhe beijou a maõ, e o mesmo fizeraõ logo o Principe, e os mais Grandes, e Fidalgos, que ahi estavaõ presentes. Convidou ElRey o Marquez, e jantou com elle aquelle dia à mesma mesa, estando ElRey debaixo do docel no lugar do meyo, e à sua maõ direita o Principe, e logo o Marquez, e à

maõ esquerda ElRey D. Manoel Duque de Viseu, que depois lhe succedeo no Reyno. Acabado de comer, se recolheo ElRey, e o Marquez com o mesmo acompanhamento tornou para casa. Neste Reyno, e no de Italia costumaõ trazer Coroneis de perolas sobre as Armas; posto que como vimos, ElRey D. Joaõ lhe deu o barrete Ducal.

Os Senhores, a que os Reys deste Reyno deraõ titulo de Marquez, sem repetir duas vezes numa Familia o mesmo Titulo, saõ os seguintes. ElRey D. Afonso V. fez Marquez de Valença a D. Afonso, como jà vimos, e a seu Irmaõ D. Fernando Marquez de Villa-Viçosa. ElRey D. Joaõ II. a D. Pedro Meneses Conde de Villa Real fez Marquez da mesma Villa. ElRey D. Manoel concedeo aos primogenitos dos Duques de Aveiro o Titulo de Marquez de Torres Novas; e D.Joaõ III. fez Marquez de Ferreira a D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal; e ElRey D. Filippe III. deu o mesmo Titulo a D. Christovaõ de Moura, fazendo o de Conde de Castello Rodrigo, Marquez da mesma Villa; e a D. Diogo da Sylva o de Marquez de Alanquer; ao Conde de Portalegre D. Filippe da Sylva fez ElRey D. Filippe o IV. Marquez de Gouvea; e ao Conde de Castelbom D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ; e ElRey D. Joaõ IV. ao Conde de Vimioso D. Afonso fez Marquez de Aguiar; e ao Conde de Monsanto D. Alvaro Pirez de Castro fez Marquez de Cascaes, e ao Conde de Vidigueira D. Vasco da Gama fez Marquez de Niza. ElRey D. Afonso VI. fez Marquez de Fontes a D. Francisco de Sà, e Menezes Conde de Penaguiaõ: Marquez de Sande a D. Francisco de Mello, e Torres Conde da Ponte, e Marquez de Marialva a D. Antonio Luiz de Menezes Conde de Cantanhede. ElRey D. Pedro II. fez Marquez de Alegrete a Manoel Telles da Sylva: de Fronteira a D. Joaõ Mascarenhas Conde da Torre: das Minas a D. Francisco de Sousa Conde Prado: de Tavora a Luiz Alvares de Tavora Conde de S. Joaõ de Pesqueira. ElRey D.Joaõ o V. fez Marquez de Angeja a D. Pedro Antonio de Noronha Conde de Villa-Verde: de Gouvea a D. Martinho Mascarenhas Conde de Santa Cruz: de Marialva a D. Diogo de Noronha: de Valença a D. Francisco de Portugal Conde de Vimioso, e ao Marquez de Fontes D. Rodrigo de Sà, e Menezes mudou este Titulo no de Abrantes, ficando o outro em seu

primogenito D. Joaquim Francisco de Sà, e Menezes Conde de Penaguiaõ.

§. XXV.

Da origem dos Condes, e sua antiguidade, e preeminencia em Portugal.

Conde se dirivou de *Comes*, palavra latina, que significa companheiro, e *comitatus*, companhia. Sendo este nome generico, se fez tambem especial,[169] quando os Emperadores Romanos começaraõ de usar dos Nobres da Republica para os officios do Paço. Introduzio-se este costume em tempo de Valeriano;[170] o qual como se tratasse jà mais como Rey, que naõ seus antecessores, transferio o Senado para o Paço; e escolheo dos principaes Senadores hum Conselho, com o qual determinava tudo. E porque elle de sua condiçaõ naõ estava nunca em hum lugar, e caminhando sempre, e trazendo fempre consigo estes Senadores, lhe chamaraõ *Comites*, ou Companheiros de Cesar, e aos Continuos da Corte, e à Casa Imperial, *Comitatus Cæsaris*; foy logo de grande estima este Titulo de Companheiro do Emperador; e concedia se aos Conselheiros; e àquelles, que no Paço tinhaõ superintendencia em algum particular ministerio; e precediaõ a outros Ministros inferiores, chamando-os Condes daquelle officio. De maneira, que ao que agora dizem o Veador da Casa, chamavaõ elles: *Comes rei privatæ*: ao Guarda roupa: *Comes sacræ vestis*: ao Veador da fazenda: *Comes largitionum*; e assim aos de mais, como se pòde ver largamente[171] pelo livro da Noticia de ambos os Imperios. Depois estenderaõ os Emperadores Marco Aurelio, e Lucio Comodo Uro este nome de *Comites*, ou Condes, aos Governadores das Provincias, aos quaes deraõ Titulo de Condes dellas. E no Imperio Occidental se governaraõ por Condes, Italia, Africa, o destrito de Argentina em Alemanha, Inglaterra, o Illyrico, e as Espanhas. Pelo que vindo os Godos, e Naçoens do Norte a apoderar-se das Provincias Romanas, usaraõ do mesmo estilo; e seus Reys querendo imitar o fausto dos Emperadores, deraõ tambem nomes de Condes aos Senhores, e Illustres, que os serviaõ nos officios do

Paço: e particularmente vemos isto nos Reys Godos de Espanha, cujas Historias,[172] e Concilios de seus tempos estaõ cheyos destes nomes de Condes, como era o que chamavaõ; *Comes escanciarum*, que servia de Copeiro: *Comes cubiculi*, de Camareiro: *Comes patrimonij*, de Veador da fazenda: *Comes spathariorum*, de Capitão da Guarda: *Comes stabuli*, de Estribeiro Mòr: *Comes Notariorum*, o Secretario: *Comes Thesaurorum*, o Thesoureiro Mòr, e assim outros muitos.

Alèm destes Condes, que serviaõ no Paço aos Reys Godos, havia outros nas Cidades principaes das Provincias, que as governavaõ, e seus territorios, como agora os Corregedores; pelo que lhe chamavaõ Condes da segunda ordem, por naõ serem da qualidade dos primeiros, que andavaõ junto à pessoa do Principe. Porèm nenhum destes Condes era perpetuo, mas serviaõ os officios a tempos, e deste modo se conservaraõ atè a entrada dos Arabes em Espanha; os quaes concederaõ aos Christãos, que entre elles ficassem seus Condes, que como Juizes os governassem, como se pòde ver largamente na 2. e 3. p. da Monarquia Lusitana,[173] onde se nomea Theodoro Conde de Coimbra muitos annos antes que se ganhasse esta Cidade aos Mouros. Depois os Reys, que succederaõ a D. Pelayo, deraõ tambem titulo de Condes aos Governadores, que punhaõ nas Cidades, como se vè do privilegio, que ElRey D. Afonso Magno deu à Igreja de Santiago de Galiza; onde alèm de outros se nomea Alvaro Conde da Idanha, Ermigildo Conde de Tuy, e do Porto, Arias seu filho Conde de Eminio, Pelayo Conde de Bragança, Odoario Conde de Castella, e Viseu. Estes saõ os primeiros Condes de Portugal, que se achaõ em confirmações, depois de se ir recuperando do poder dos Mouros. Daqui veyo dar ElRey D. Afonso VI. esta Provincia a seu genro D. Henrique com titulo de Conde. Em seu tempo, e em quanto seu filho D. Afonso esteve sem Titulo de Rey, naõ lemos que houvesse algum Senhor no Reyno com esta dignidade; porèm tanto que foy levantado por Rey, logo devia dar o titulo de Conde a outros para grandeza de sua Corte, como parece dos que achamos nomeados na jornada de Sevilha, que acompanharaõ o Infante D. Sancho. Estes titulos de Conde eraõ entaõ sómente em vida; depois se fizeraõ hereditarios,

dando-os os Reys á imitaçaõ do que jà tinha feito o Emperador Carlos Magno, o qual senhoreando-se de toda Italia, França, Alemanha, deixou estes, e outros titulos aos mais dos Senhores, que os administravaõ, por herança, para elles, e seus descendentes, como jà temos dito; usando nisto de huma grande razaõ de estado; porque dividindo nesta fórma as Provincias em muitos Senhores particulares vassallos, ficava seguro de se lhe naõ poderem rebelar; porque cada hum por si naõ tinha forças bastantes para o fazer; e unirem-se todos, era quasi impossivel, pela grande multidaõ delles. Alèm do que se seguia outro grande beneficio ao bem publico, e era, que administrando cada Senhor sua Cidade, e territorio como cousa propria, ficava sendo muito mayor o accrescentamento das cousas publicas, como se ve no campo mais pequeno, que he melhor cultivado, que a herdade grande: e assim resultaraõ depois destas divisoens maravilhosos aumentos em todas as Cidades, e Povos, que tiveraõ particular Senhorio, tanto em Italia, e França, como em Alemanha; de que saõ boas testemunhas em Italia as Cidades de Mantua, Urbino, Ferrara, Millaõ; em França Parîs, Orliens, Bezansom, Gray, Nantes, Metz; nos Paizes baixos, Cambray, Arráz, Liegi; em Alemanha Clevis, Colonia, Aspurg, Gratz, e infinitas outras, que deste tempo para cà floreceraõ admiravelmente. De modo, que a esta imitaçaõ começaraõ os Reys de Espanha, por sua liberalidade dar por herança os titulos de Condes juntamente com o Senhorio das terras, que governavaõ. Porèm isto senaõ fazia ordinariamente, senaõ a pessoas muy conjunctas em sangue com a Casa Real. Pelo que dando ElRey D. João o I. titulos de Duques a seus filhos D. Pedro, e D. Henrique, como jà deixamos dito, ficaraõ sendo de mòr dignidade, que os Condes; ainda que estes eraõ muito mais antigos no Reyno depois da restauraçaõ de Espanha.

Em Italia naõ trazem Coroneis, e saõ chamados Espectaveis, e naõ Illustres, porèm em Portugal tem Coronel de perolas. Em Castella os que saõ Grandes, precedem aos Marqueses, que o naõ saõ. Quando ElRey D. Pedro de Portugal fez Conde de Barcellos a D. Joaõ Afonso Tello, conta o Chronista a solennidade, com que velou as armas, porèm naõ diz a com que o fez Conde. Com tudo parece, que em Portugal seguiraõ o costume de Italia, como fizeraõ

nos Marqueses; e o que se póde colligir nesta materia era, que hia o Conde com acompanhamento dos Fidalgos, Reys de Armas, e instrumentos musicos ao Paço, onde ElRey dizendo-lhe: Venhais embora Conde, e metendo-lhe na maõ o Estendarte, lhe dava a investidura do Estado. E sendo convidado aquelle dia delRey, se tornava depois para casa com o mesmo acompanhamento. Os Senhores, a quem os Reys de Portugal deraõ o Titulo, referirey como fiz nos passados sem repetir duas vezes o mesmo Condado; ainda que ao filho, ou neto se tornasse a fazer merce delle. O primeiro que achey, he o Conde de Bragança D. Fernaõ Mendes o Bravo, que casou com Dona Theresa filha delRey D. Afonso Henriques. O segundo o Conde D. Pedro; na historia do qual Rey se nomeaõ tambem o Conde D. Ramiro, e D. Pedro das Asturias, que se acharaõ com o Infante D. Sancho na batalha, em que venceo a ElRey de Sevilha. Na Chronica do mesmo D. Sancho o I. se nomeaõ o Conde D. Mendo o Sousaõ; e na delRey D. Afonso III. o Conde D. Garcia de Sousa, que casou com huma filha bástarda do mesmo Rey. ElRey D. Diniz deu o titulo de Conde de Barcellos a D. Pedro, e de Albuquerque a D. Afonso Sanches seus filhos bastardos. ElRey D. Pedro fez Conde de Barcellos a D. Joaõ Afonso Tello de Meneses; e depois ElRey D. Fernando o fez Conde de Ourem, o qual fez tambem Conde Barcellos a D. Joaõ Afonso Tello, irmaõ da Rainha Dona Leanor, e D. Joaõ Tello Conde de Viana; e a D. Gonçalo Telles Conde de Neiva, e Faria, a D. Henrique Manoel Conde de Cea, e Cintra; e a D. Alvaro Pires de Castro Conde de Arrayolos, e Conde de Ourem a D. Joaõ Fernandes Andeiro. ElRey D. Joaõ I. deu o mesmo Titulo a D. Nunalvares Pereira, e o de Barcellos a D. Afonso seu filho natural, e ultimamente o de Villa Real a D. Pedro de Meneses primeiro Capitaõ de Ceita, D. Afonso V. fez Conde de Monsanto a D. Alvaro de Castro, e D. Afonso de Vasconcellos Conde de Penella, a D. Duarte de Meneses Conde de Viana, e depois de Loulè, a D. Henrique seu filho Conde de Valença, a D. Lopo de Albuquerque Conde de Penamacor, a D. Fernando de Noronha Conde de Odemira, a D. Fernando Coutinho Conde de Marialva, a D. Alvaro Gonçalves de Ataide Conde de Atouguia, a D. Pedro Martins de Mello, Conde de Atalaya, a D. Afonso filho do Duque de Bragança D. Fernando I. Conde de Faraõ, a D. Lopo de

Almeida Conde de Abrantes, a D. Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, a D. Ruy Vaz Pereira Conde da Feira, a D. Pedro de Meneses Conde de Cantanhede, a D. Pedro Alvares de SottoMayor Conde de Caminha, a D. Joaõ Galvaõ Bispo de Coimbra Conde de Arganil. ElRey D. Joaõ o II. deu o Condado de Borba a D. Vasco Coutinho, que depois se trocou pelo do Redondo. ElRey D. Manoel deu titulo de Conde de Portalegre a D. Diogo da Sylva, e aos primogenitos do Marquez de Villa Real, o de Alcoutim, a D. Rodrigo de Mello fez de Tentugal, a D. Joaõ de Meneses, de Tarouca, a D. Francisco de Portugal, do Vimioso, a D. Martinho de Castello Branco, de Villanova, a D. Vasco da Gama, da Vidigueira. ElRey D. Joaõ III. deu o Condado da Castanheira a D. Antonio de Ataide, e a D. Diogo da Sylveira, o da Sortelha. ElRey D. Sebastiaõ a D. Simaõ Gonçalves da Camara fez Conde da Calheta. ElRey D. Filippe I. a D. Francisco de Sà Conde de Penaguiaõ, a D. Fernando de Castro, do Basto, a D. Duarte de Castelbranco, do Sabugal, a D. Rodrigo Gonçalves da Camara, de Villafranca, a D. Francisco Manoel, da Atalaya, a D. Francisco Mascarenhas, de Santa Cruz. ElRey D. Filippe III. deu titulo de Conde de Ficalho a D. Carlos de Aragaõ, de Lumiares a D. Luiz de Moura, e Corte Real, de Villaflor, a D. Luiz Henriques, a Luiz Alvares de Tavora, de S. Joaõ da Pesqueira, a Henrique de Sousa, de Miranda do Corvo; a D. Francisco de Fàro, do Vimieiro; a D. Estevaõ de Fàro, de Fàro de Alentejo. ElRey D. Filippe IV. deu titulo de Conde de Obidos a D. Vasco Mascarenhas, e de Conde da Torre a D. Fernando Mascarenhas, e de Conde de Castelbom a D. Jorge Mascarenhas, e de Conde de S. Miguel a Francisco Botelho; e de Conde de Castelmelhor, a Ruy Mendes de Vasconcellos, e de Conde de Sarzedas a D. Rodrigo Lobo da Sylveira; e de Conde de Aveiras, a Joaõ da Sylva Tello, e de Conde de Assumar, a D. Francisco de Mello; e de Conde de S. Lourenço a Luiz da Sylva, e de Conde da Ilha do Principe a Luiz Carneiro de Alcaçova, e de Conde de Armamar, a Ruy de Mattos de Noronha, a Leonel de Lima deu as honras de Conde no titulo de Visconde de Villanova da Cerveira. ElRey D. Joaõ IV. fez Conde de Serem a D. Fernando Mascarenhas, e de Alegrete a Mathias de Albuquerque, e Conde de Villapouca a Antonio Telles; e de Villarmayor a Fernaõ Telles; e Conde de Soure a D. Joaõ da Costa. Confirmou a D.

Fernando de Menezes a merce de Conde da Ericeira, fez Conde de Oriola ao Baraõ de Alvito, a D. Francisco de Sousa confirmou a merce de Conde do Prado, restituhio o da Torre tirado por Castella a D. Fernando Mascarenhas, e fez Conde de Villaverde a D. Antonio de Noronha. ElRey D. Afonso VI. fez Conde de Avintes a D. Luiz de Almeida, de Pombeiro a D. Pedro de Castellobranco, da Ponte a Francisco de Mello, e Torres, de S. Vicente a Joaõ Nunes da Cunha, de Villaflor a D. Sancho Manoel, e de Santiago a Lourenço de Sousa seu Aposentador Mòr. ElRey D. Pedro II. fez Conde de Alvor a Francisco de Tavora, do Assumar a D. Pedro de Almeida, de Coculi a D. Francisco Mascarenhas, das Galveas a Diniz de Mello de Castro, do Lauradio a Luiz de Mendonça, do Redondo a D. Manoel Coutinho, do Rio Grande a Lopo Furtado de Mendoça, de Tarouca a Joaõ Gomes da Sylva, de Valadares a D. Miguel Luiz de Menezes, e de Viana a D. Jozé de Menezes. ElRey D. Joaõ o V. fez Conde das Galveas a Andrè de Mello de Castro, Embaixador em Roma, do Lauradio a D. Antonio de Almeida, de Monsanto, D. Fernando de Noronha, de Povolide a Tristaõ da Cunha de Attaide, do Redondo a Fernaõ de Sousa Coutinho, de Alva a D. Joaõ Diogo de Ataide Governador das Armas do Alemtejo, da Sabugosa a Vasco Fernandes Cesar de Menezes, de Sandomil a Pedro Mascarenhas, e do Vimieiro a D. Sancho de Faro.

§. XXVI.

Dos Viscondes, e Baroens.

Em toda a parte costumaraõ os Reys, e Monarcas darem a seus primogenitos algum Titulo ainda em vida, para com isso os introduzir no governo das cousas publicas, e alcançarem mayor authoridade com o povo; e como todos os Grandes procurem imitar os Reys, alcançaraõ tambem muitos Senhores de Titulo de seus Principes outros Titulos taõ bons, ou menores para os filhos Morgados. Disto vemos hoje assaz de exemplos em Espanha, onde os mais dos primogenitos dos Duques tem Titulo de Duques, ou de Marqueses, e os dos Marqueses de Condes. Pelo que querendo tambem alguns Condes de Alemanha, França, e Italia, que a seus filhos se desse

esta preeminencia, e naõ havendo outro Titulo inferior, lhes concederaõ os Reys nome de Vicecomites, ou Viscondes; encomendando-lhes juntamente com o Titulo o governo de algum lugar, confórme o affirmaõ o Ceremonial de Principes feito por Mosem Diogo de Valera, Garibay, e Padre Fr. Jeronymo Roman.[174] ElRey D. Afonso V. vindo de França, querendo gratificar os muitos serviços, que Leonel de Lima lhe fizera, lhe deu o Titulo de Visconde de Villa-Nova da Cerveira; e foy o primeiro que houve em Portugal, conservando-se atègora esta dignidade nos Senhores desta Casa. ElRey D. Joaõ IV. fez Visconde de Castello Branco a D. Pedro de Castello Branco. ElRey D. Afonso VI. fez Visconde da Asseca a Martim Correa de Sà, e de Barbacena a Afonso Furtado de Mendoça, e ElRey D. Pedro II. fez Visconde de Fonte Arcada a Pedro Jaques de Magalhaens.

Baraõ se dirivou de *Baro*, nome latino,[175] que confórme à melhor significaçaõ, quer dizer homem prudente, e grave. Pelo que com razaõ usou o nosso Luiz de Camoens desta palavra, quando na proposta dos seus Cantos dos Lusiadas disse: *As armas, e Baroens assinalados*, e naõ varoens, como alguns inadvertidamente querem. Os Italianos deraõ o nome de Baraõ a todos os Senhores de lugares vassallos doutro Principe, e assim he generico naquella Provincia; o que parece tem tambem lugar em Alemanha, e França pela grande multidaõ de Baroens, que hà naquelles Reynos. Em Portugal introduzio este Titulo ElRey D.Afonso V. que o deu a Joaõ Fernandes da Sylveira, depois que veyo de Italia, onde foy acompanhando a Emperatriz Dona Leonor mulher de Federico III. E assim neste Reyno he Titulo particular, e se diz tem obrigaçaõ de sahir em lugar delRey a desafio, em caso que seja chamado a campo. ElRey D. Afonso VI. fez Baraõ da Ilha Grande a Luiz de Sousa de Macedo.

As ceremonias, com que se estes Titulos daõ, naõ constaõ de alguma Escritura; mas sómente se collige do Regimento dos Reys de Armas, que se celebra este acto, indo os novos Titulados ao Paço, acompanhados de muitos Fidalgos, parentes, e amigos com os Reys de Armas diante, e que ElRey lhe diz: *Venhaes embora Visconde, ou, Baraõ de tal parte*.

Estas saõ as dignidades, que hà no Reyno, as quaes modernamente os Reys naõ costumaõ a dar com as solemnidades antigas. Pelo que o uso ordinario he sómente ir o que hà de ser Titulado ao Paço bem acompanhado; e entrando onde ElRey està, dizer-lhe ElRey as mesmas palavras, que agora referimos. *Venhaes embora Duque, Marquez, ou Conde*; e com isto recebe investidura do Titulo, e lhe fallaõ, e escrevem dahi por diante, como a tal. Isto porèm he nos Titulos, que ElRey faz de novo, ou a quem renova a mercè; porque os que tem de herança, sem mais ceremonia se intitulaõ da dignidade, em que succedem, e saõ havidos por taes.

§. XXVII.

Do Titulo de Senhor.

Este nome *Senhor*, se derivou do latino: *Senior*, que quer dizer o mais velho; e confórme a Scipiaõ Amirato[176] se começou a usar deste termo, pelo de *Dominus*, depois da entrada dos Longobardos em Italia; porque era ley entre elles, que tendo o Senhor de hum lugar muitos filhos, se repartisse por todos a fazenda; porém o governador do lugar ficasse sempre com o mais velho; pelo que lhe chamavaõ vulgarmente: *Senior illius loci*; que he o mesmo, que o mais velho do lugar; ao que ajuda o que diz sobre esta palavra: *Senior*, Santo Agostinho Epist. 174. Este mesmo costume guardavaõ, segundo parece, as mais das naçoens do Norte; porque todas ellas os tiveraõ quasi semelhantes, e por elles se governaraõ muitos em lugar de leys. Pelo que assim o deviaõ fazer os Godos em Espanha, e se prova claramente da historia de Joaõ Abbade de Valclara, e Bispo de Girona nosso Portuguez; qual chama a Aspidio Senhor dos montes Agarenses, *Senior loci*, que quer dizer: Senhor do lugar. E nos Concilios de Espanha aos que humas vezes chamavaõ: *Proceres, & Optimates*; igualmente os diziaõ outras vezes: *Seniores*; e em todas as Escrituras dos Reys de Navarra de 500. annos atraz se dà o nome de Senior, ao Senhor de qualquer lugar; e se usava nas Escrituras igualmente pelo de *Dominator*; como mostra largamente Morales,[177] e Escholano,[178] e o Padre Fr. Antonio de Yepes[179] na Confirmaçaõ da entrega do Mosteiro de

S. Torcato, diz que confirma entre outros; Diogo Alvares, nesta fórma: *Senior Diogo Alvres*. O mesmo consta de França, e Italia, segundo Gregorio Turonense, e Scipiaõ Amirato.[180] Pelo que desta ley dos Longobardos, e Godos parece teve origem o antigo costume de Espanha de chamarem sempre aos irmaõs mais velhos, assim Reys, como Titulos: Senhores; e isto com tanta particularidade, que se prohibio por ley, que ninguem podesse chamar meu Senhor ao Rey, senaõ às pessoas Reaes, atè o quarto grào, e Duques do Reyno; posto que darem os mesmos Titulos os Fidalgos, e Nobres aos pays foy ordinario em tempo de nossos Avòs, e aos Avòs tambem por isso diziaõ: *Donos*, os antigos, que era o mesmo que Dominios, e Senhores; com tudo o nome de Senhor de terras se veyo a usar tanto, que os que as possuiraõ com jurisdicçaõ, deixaraõ por elle o nome de Vassallos; e principalmente des do tempo delRey D. Afonso V. para cà, chamando-os ElRey em suas Provisoens, e Alvaràs: Senhores dos taes lugares, e tem assento nas Cortes depois dos Fidalgos do Conselho.

§. XXVIII.

Da dignidade da Cavalleria.

Concluamos esta materia das dignidades da Nobreza com a da Cavallaria, a qual foy antigamente taõ estimada, que até os mayores Principes de Europa procuravaõ com grande cuidado recebella, entendendo que ficavaõ com ella mais acrescentados com reputaçaõ, e authoridade, assim lemos,[181] que a Espanha vieraõ Conrado Duque de Suecia filho do Emperador Federico I. e D. Raimon de Flacada Conde de Tolosa a se armar Cavalleiros da maõ delRey D. Afonso XI. de Castella, e Eduardo Principe de Inglaterra, da delRey D. Afonso Sabio; e do mesmo modo, só para este effeito vieraõ a Portugal outros Grandes Senhores em varios tempos. Porém os que nesta parte a meu parecer alcançaraõ mòr gloria, foraõ os nossos Infantes filhos delRey D. Joaõ I. porque só com este intento emprenderaõ a expugnaçaõ de Ceita; e ElRey D. Joaõ II. sendo Principe, a de Arzilla. Dava-se tambem esta dignidade em tempo de paz, e com grandes festas, quando alguma Personagem

sobia a novo Titulo, como o fez[182] ElRey D. Pedro, quando creou Conde de Barcellos D. Afonso Tello, seu grande privado, para o qual acto mandou fazer cinco mil cirios, que outros tantos homens tinhaõ na maõ toda a noite, que o Conde velou as armas em S. Domingos de Lisboa, estando postos em procissaõ, des do Convento até os Paços de Alcaçova. ElRey D. Afonso V. armou[183] a seu irmaõ o Infante D. Fernando Cavalleiro com tanta solennidade, que quasi o menor apparato desta pompa foy precederem diante deste magnifico acto mil tochas, quatrocentas levavaõ Cavalleiros, e as seiscentas Escudeiros dos mais luzidos da Corte, todos vestidos de hum trage, e librè.

Para padrinhos se buscavaõ Cavalleiros de grande nome, e linhagem, como alèm de outros, parece do Conde D. Pedro, que conta ordinariamente destes antigos Senhores, quaes Fidalgos armaraõ para Cavalleiros. Os mais dos Reys antigos de Castella costumavaõ armar-se Cavalleiros a si mesmos, antes de se coroarem: e do nosso D. Afonso Henriques diz a historia dos Godos, [184] que elle mesmo se armou Cavalleiro, tomando as armas do Altar: *Infans inclytus Dominus Alphonsus Comitis Henrici, & Regina D. Tarasiæ filius D. Alphonsi nepos habens ætatis años fere quatuordecim apud sedem Zamorensem ab Altari Santi Salvatoris ipse sibi manu propria sumpsit militaria arma ab Altari; & ibidem in Altari indutus est, & accintus militaribus armis, sicut moris est Regibus facere in die Santo Pentecostes.*

As ceremonias, que neste Reyno se usavaõ neste acto, confórme ao Regimento da guerra delRey D. Afonso V. eraõ, que o Cavalleiro novèl vigiava em huma Igreja des do meyo dia de antes, rezando, e encõmendando-se a Deos, que aceitasse aquelle acto para seu serviço. Vinda a manhãa, e acabada a vigia, se vestia ricamente, e ouvia na mesma Igreja Missa cantada muy solenne, depois da qual posto de joelhos diante do padrinho, era perguntado, se queria receber aquella honra? E dito que sim, lhe fazia huma pratica explicando-lhe as novas obrigaçoens, em que entrava; e como em todas as acçoens de armas devia favorecer, e ajudar a justiça. Acabada a pratica, lhe calçavaõ as espòras dous Cavalleiros, e outro lhe cingia a Espada, em que se significava o antigo baltheo,

insignia propria dos Soldados; da cinta lhe arrancava o Padrinho a espada, e dando-lhe com ella tres vezes por cima do Capacete dizia, o armava Cavalleiro, em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Feito isto, o abraçava o Padrinho, e lhe dava paz, e elle fazia o mesmo a todos os outros Cavalleiros, que alli se achavaõ. Estas ceremonias se usaõ ainda hoje com os que saõ admittidos nas Ordens Militares; porque lhes naõ lançaõ o habito sem primeiro serem armados Cavalleiros, por outros Cavalleiros da mesma Religiaõ Militar. Era costume deste acto naõ ser o Cavalleiro menor de 14. annos, e de essencia ter jà sido armado Cavalleiro o Padrinho, como se julgou no Caso delRey D. Fernando,[185] quando estando no campo de Caya para dar batalha a ElRey D. Joaõ I. de Castella, armou muitos Fidalgos Cavalleiros; porèm averiguando-se pelos que alli estavaõ, que por elle naõ ser Cavalleiro, ainda que Rey fosse, os naõ podia armar, e posto que elle se devia armar a si mesmo, parece que por dar esta honra ao Conde de Cambriz, lhe pedio que o armasse, e entaõ tornou a fazer de novo os mesmos Cavalleiros, que jà tinha armados com outros mais.

Começou esta dignidade da Cavallaria a ser neste Reyno mais ordinaria depois da tomada de Ceita, e Alcacere, como diz Gomes Eannes de Azurara,[186] porque atè entaõ como o Reyno estava sem conquistas, naõ havia occasiaõ, senaõ rara, de alcançar semelhante honra, e os que hiaõ fóra do Reyno a buscalla, eraõ poucos; porèm de entaõ para cà com as occasioens da guerra, assim de Africa, como de Asia, saõ tantos os que recebem a Cavallaria da maõ dos Governadores, e Capitaens daquellas partes, e Estados, que os nossos Reys lhes poseraõ limite no 2. l. das Ordenaçoens t. 60. mandando, que os privilegios da Nobreza concedidos a estes Cavalleiros lhes naõ valessem, sem primeiro serem confirmados pela Pessoa Real, de maneira que podemos dizer, que neste Reyno fica sendo a Cavallaria nos inferiores o primeiro gráo da Nobreza, e nos Principes, o ultimo accrescentamento della.

Estas ceremonias da Cavallaria naõ se usaraõ entre os Gregos, e Latinos, senaõ depois, que as Naçoens do Norte se senhorearaõ das Provincias do Imperio. Pelo que parece, que dellas teve

principio, por ser costume seu, como se ve de Cornelio Tacito, ninguem poder trazer armas, sem primeiro ser approvado pelo Magistrado; e para isso era ceremonia juntarem se os principaes do povo, e o pay, ou parente mais chegado, ou mais nobre, e dar ao moço o Escudo, ou Espada, e armallo com ella, e que esta era a primeira honra, que os mancebos recebiaõ, tendo se até entaõ por parte da Casa de seu pay, e dalli por diante por membros da Republica. As palavras de Tacito[187] saõ estas: *Arma sumere non antecuiquam moris, quam civitas sussecturum probaverit. Tum in ipso Concilio Principum aliquis, vel pater, vel propinquus, scuto, frameaque juvenem ornaret, hæc apud illos, hic primus juventæ bonos, ante hoc domûs pars videntur, mox Reipublicæ*.

NOTAS DE RODAPÉ:

[91] *Scipiaõ Amirato no principio das familias de Nap.*

[92] *O Doutor Ant. Fran. no tratado da Nobreza.*

[93] *Rezende Chronica. de D. Joaõ II. Cap. 87.*

[94] *Virg. lib. 9.*

[95] *Satyr. 5.*

[96] *Virg. l. 7.*

[97] *l. 2. c. 18.*

[98] *Claud. de Bello Gildon.*

[99] *Pancirol. in notit. utriusque Imper. 2. c. 20.*

[100] *Tacito Annal. l. 2.*

[101] *Tacit. de Mor. Ger.*

[102] *Scipiaõ Amirato Familias de Nap. t. delle Ensegni.*

[103] *Morales l. 13. c. 5.*

[104] *D. Ant. Agost. Dial. 3. das moed. sub Capadoc.*

[105] *Yepes tom. 7. anno 1117. c. 5.*

[106] *Argote Nobleza de Andal. l. 1. c. 48.*

[107] *Conde D. Ped. t. 21.*

[108] *Argote ubi sup.*

[109] *Hist. dos Condes de Barcel. de Fr. Franc. Diogo l. 2. c. 7.*

[110] *Chron. delRey D. Af. 2. c. 7.*

[111] *Argot. l. I. c. 7.*

[112] *D. Mauro Ferrer. l. 2. c. 2. & l. 3. c. 11.*

[113] *Boter. Rel. un. p. 3. l. 2.*

[114] *Fr. Marc. de Guadalajara c. 12.*

[115] *Argote l. 1. c. 44. e 74.*

[116] *Hist. Benedictina. de Port. Trat. 1. c. 8. p. 2.*

[117] *Argòte no lugar citado.*

[118] *O mesmo Nobil. de Andal. l. 1. c. 103.*

[119] *Hist. de Avil. p. 4. §. 1.*

[120] *Hist. de França.*

[121] *Pier. Hierogl. l. 55. de lilio.*

[122] *Hierem. 12.*

[123] *Conde D. Ped. t. 22. delRey Ramiro.*

[124] *Chro. de D. Joaõ II. de Duarte Nun.*

[125] *Decad. 1. de Barros l. 2. c. 2.*

[126] *Dec. 1. de Barr. l. 4. c. 11.*

[127] *Chron. delRey D. Manoel p. 4. c. 58.*

[128] *Dec. 1. de Barros l. 4. c. 11.*

[129] *Hist. da India de Castanh. l. 5. c. 59. c. 60.*

[130] *O mesmo Brazaõ. O Brazaõ.*

[131] *Plutarc. Vit. Marij.*

[132] *Alexander. ab Alex. l. 1. c. 20*

[133] *Regimento dos Officiaes da Armaria.*

[134] *1. p. c. 163.*

[135] *Blond. Roman, triumph. l. 4.*

[136] *Thes. de la lang. Cast.*

[137] *Piazza univers. discur. 77.*

[138] *Excel. de la Monar. de Hesp. cap. 4.*

[139] *Republ. 2. p. l.4. c. 16.*

[140] *Conde. D. P. t. 75.*

[141] *Garibay p. 1. l. 10. c. 4.*

[142] *Ord. l. 1. t. 56. §. 22. & l 3. t. 5. §. 5.*

[143] *Scip. Amir. principio da Nobreza de Napoles.*

[144] *Fr. Hier. Rom. p. 2. da Republ. l. 4. c. 16.*

[145] *Cabedo 2. p. decis. 6.*

[146] *Partid. 4. t. 25. l. 1.*

[147] *Chron. de D. P. c. 10.*

[148] *Chron. de D. Joaõ I p. 2. c. 73.*

[149] *Chron. delRey D. Fern.*

[150] *Cabedo ubi supra.*

[151] *Comp. da Nobr. Verb. Vasallo.*

[152] *Antonio Franc. supra.*

[153] *Conde D. P. t. 23.*

[154] *Conde D. P. t. 9. §. 1.*

[155] *Annaes de Aragaõ de Çurita l. 2. c. 64.*

[156] *Hist. de Valenc. Dec. 1. l. 5. c. 27*

[157] *Part. 2. t. 1. l. 13.*

[158] *Guid. Pancirol. c. 139. Notitia utriusq. Imperij.*

[159] *Lamprid. apud eundem.*

[160] *Carol. Sigonius de Regno Ital.*

[161] *Moral. l.12. c. 31.*

[162] *Pandulf. Colenucio l. 3. c. 3.*

[163] *Tomada de Ceita cap. antepenult.*

[164] *Scipiaõ Amirato Nobreza de Napol. t. dos Duques.*

[165] *Pierius l. 40.*

[166] *Amirato nas Familias de Napol. Tit. dos Marqueses.*

[167] *Moral. l. 12. c. 31.*

[168] *Chron. de D.Joaõ II de Resen. c. 78.*

[169] *Petrus Patricius de Dignitat & officijs Regum Gotth. verbo* Comes.

[170] *Scip. Amirato princip. das famil. de Napol.*

[171] *Pancirol. ubi sup.*

[172] *Loaiza Concil. 8. Tol. de subscript. Palatinor. Moral. no lugar cit.*

[173] *Monarq. Lusit. p. 2. l. 7. c. 10. & 16. Fr. Ant. de Yepes Chron. de S. Bento tom. 7. anno. 1105. c. 1. Moral. l. 15. c. 25.*

[174] *Fr. Hier. Repub. Gentil. l. 4. c. 15.*

[175] *Scip. Amirato principio dos familias de Napoles.*

[176] *Scip. Am. no lugar acima citado.*

[177] *Yepes t. 6. an. 1070. cap. 2.*

[178] *Moral. l. 10. c. 63.*

[179] *Eschol. Dec. 1. de Valen. l. 1. c. 13.*

[180] *Scip. Am. ubi sup.*

[181] *Chron de. D. Man. 4. p. c. 4. Chron. do Conde D. Pedro p. 1. c. 60. Chron. de D. Joaõ l. p.3. c. 6.*

[182] *Chron. delRey D. Pedro de Duarte Nunes.*

[183] *Chron. do Principe D. Joaõ c. 1.*

[184] *Hist. Gotthor.*

[185] *Chron. delRey D. Fern. de Duarte Nun.*

[186] *Chron. de D. Duarte de Meneses, c. 50.*

DISCURSO IV.

SOBRE AS MOEDAS DE *Portugal*.

§. I.

A noticia, e ponderaçaõ das Moedas, e Medalhas antigas tem occupado a grandes engenhos, e vemos hoje muitos volumes, que trataõ sómente deste argumento, por quanto nas imagens das Moedas, e suas inscripçoens se conserva a memoria dos tempos mais, que em nenhum outro monumento. Os livros depressa se consomem, se senaõ copiaõ, as fabricas, e estatuas naõ passaraõ de hum lugar, e ahi mesmo acabaraõ, as pyramides, e obeliscos, em que se esculpiraõ os hieroglyphicos mysteriosos, que continhaõ as propriedades occultas, jà delles naõ ha memoria. Pelo que nenhuma cousa conserva tanto a antiguidade, como as Moedas, e Medalhas, que pela incorrupçaõ dos metaes perseveraõ perpetuamente, e por seu grande numero estaõ em toda a parte, onde representaõ os verdadeiros rostos, que tiveraõ os mais antigos Principes, seus nomes, suas vitorias, suas fabricas, e finalmente o valor de todas as cousas, porque todas ellas se reduzem ao pezo, e valia da Moeda. Exemplo seja disto a historia dos Emperadores, que fez Roberto Herbipolita tirada só das suas Medalhas. A Religiaõ, Milicia, e Exercitos da mesma Republica se mostraõ em outro volume de Guilhelme de Choul tirado das Moedas antigas. Julio Orsino pelas mesmas Medalhas escreveo, e deduzio as geraçoens das antigas Familias de Roma. O Arcebispo de Tarragona D. Antonio Agostinho, e Sebastiaõ Eriso mostraraõ em grandes volumes as empresas, hieroglyphicos, e mysterios, que em outras muitas Medalhas os Principes, e Respublicas quizeraõ significar ao Mundo. Sobre os Siclos, e Moedas naõ saõ de menos erudiçaõ, e estima os doutissimos Budeu, e Covarruvias, e outros muitos, que nesta

materia escreveraõ. Por onde atè no Evangelho Sagrado[188] se nos dá por exemplo da Sabedoria o Perfeito pay de Familias, cujo thesouro se compoem das Moedas antigas, e modernas: *Qui prosert de thesauro suo nova, & vetera*. E porque naõ ha atègora quem divulgasse inteiramente o que toca às Moedas deste Reyno, e da antiga Lusitania, me pareceo fazer dellas este breve Discurso.

§. II.

Moedas Romanas.

Antes da entrada dos Romanos em Espanha, ou os Espanhoes naõ usaraõ de Moeda propria; ou se as houve, naõ chegaraõ a nòs; porque algumas, que se acharaõ com letras Gregas, ou Carthaginesas, saõ mais das Colonias, que cà tinhaõ estas Naçoens, que de Espanha. E a razão he, porque como não havia cá Principe universal; e os que mandavão varias Respublicas, erão mais como Capitaens, e Governadores, que como Reys absolutos, não havia quem obrigasse aos povos a aceitar Moeda esculpida com seu rosto, e nome, mas vindo este poder a mãos de Sertorio, como sua intençaõ foy fazer-se Senhor de Espanha, como Mario, a quem elle seguio, intentàra fazer-se de Roma, foy o primeiro que achamos, que bateo Moeda; a qual tinha de huma parte o seu rosto com huma vista menos, e da outra parte huma cerva, que era a sua divisa; porque huma branca, que consigo trazia, fingio que lha mandàra a Deosa Diana. Em Evora se achou huma moeda de prata com esta escultura, que eu tenho na fórma, que aqui està estampada.

moeda

O Mestre Ambrosio de Morales refere outra semelhante, que lhe veyo às mãos, que era de bronze, e tinha o nome de Sertorio.

Outra teve o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha de prata achada em Almeida com o mesmo nome de Sertorio, e escultura. Porèm com a morte de Sertorio, e reduzida Espanha a Provincia de Republica, e

do Imperio, naõ teve mais Principe particular, que batesse moeda, e assim todas as que houve desde Julio Cesar atè a entrada dos Godos em Espanha, não pertencem particularmente a este Reyno; porque ainda que em algumas dellas se acha o nome de *Hispania*, era mais como empresa, que como particular Moeda. Tambem as Cidades particulares batiaõ Moeda com o nome da Cidade, e sua insignia, e da outra parte o rosto do Emperador. Destas tenho eu muitas de Merida, que era Cabeça da Lusitania, as quaes de huma parte tem as Torres sobre a ponte com a inscripçaõ: *Emerita colonia Augusta*. E da outra parte o rosto do Emperador Augusto, e Tiberio. Mas estas Moedas mais saõ particulares, que universaes, e se batiaõ com particular privilegio, como se vè de huma da mesma Merida, que de huma parte tem hum junta de hum touro, e de huma vaca, com a letra: *Augusta Emerita*; e da outra: *Cæsaris Augusti P. P. permissu*.

Das Moedas dos Emperadores Romanos se tem achado em Evora, e sua Diocesi grande numero, e a minhas mãos tem vindo mais de 3U000. Moedas de ouro, prata, metal Corinthio, e bronze de todos os Emperadores, cousa difficultosa de achar, ainda em huma Cidade de Italia; o que denota bem a grandeza, que entaõ teve a nossa Evora; pois ainda depois de tantos seculos conserva taõ inteiras memorias da Monarquia Romana. Porèm como estas Moedas sejaõ universaes a todas as Provincias do Imperio, naõ me parece fazer dellas particular mençaõ.

§. III.

Moedas Gotticas.

Depois que Espanha foy apartada do Imperio pelo poder dos Godos, que a occuparaõ, ainda que se governava pelos Reys, que elles elegiaõ; com tudo atè o tempo de Leovigildo nenhum delles bateo moeda, por serem mais Capitaens, que Principes. Porèm como Leovigildo apoderando-se do Reyno dos Suevos, onde foy chamado para socorro, ficou absoluto Senhor de toda Espanha, foy o primeiro, que tomou insignias Reaes, e batendo moeda, se senhoreou de tudo; e assim de entaõ atè ElRey D. Rodrigo hà

moedas de todos os Reys, que a Leovigildo succederaõ, das quaes eu tenho muitas achadas em Evora, e em seu territorio, que me pareceo devia apontar, por quanto Leovigildo, e seus successores naõ sómente foraõ Senhores de toda Espanha, mas fizeraõ particular estimaçaõ da Lusitania; porque Leovigildo deu titulo de Rey della ao Santo Martyr Hermenegildo seu filho, que residia em Merida, de maneira, que só desta Cidade se conserva hoje mayor numero de moedas Gotticas, que de nenhuma outra Cidade de Espanha; e ainda se pòde dizer, que ella só compete com todas as outras juntas. Pelo que com razaõ podemos ter estas moedas por Lusitanas, e proprias; alèm das quaes tambem se apontaraõ algumas, que trazem outros Authores, para ficar a noticia desta materia mais inteira.

§. IV.

Leovigildo.

Nas Moedas dos Reys Godos se vé melhor, que em nenhuma outra cousa o haver-se perdido quasi de todo a esculptura em Espanha; porque podemos dizer, que naõ tem figura de rosto humano, o que nellas està esculpido, mas com tudo isso por ellas se averiguaõ muitas cousas, que de outra parte naõ se poderaõ saber: e podéramos attribuir esta falta da esculptura a ser os Godos gente pouco amiga de taes policias, senaõ se achara a mesma barbaria nas Moedas dos Emperadores de Constantinopla por estes tempos.

DelRey Leovigildo dizem muitos Escritores,[189] que foy o primeiro, que acrescentou os Dereitos do Fisco Real, e ajuntou grande thesouro de bens confiscados, e despojos de inimigos, e com soberba tambem, e altivès se vestio de roupas preciosas, e assentando-se em alto throno, tomou insignias Reaes; porque antes, como apontamos, e o diz Santo Isidoro, os Reys dos Godos naõ se differençavaõ no trage, nem em outra pompa da gente commum.

Deste Rey tenho huma Moeda de ouro com rosto de ambas as bandas, letra: *Leovigildus Rex*: e da outra: *V.M.D.O.P.T.I.N.I.T.S.P.*

Estas letras naõ achey quem as interpretasse, por serem letra por parte; mas parece se pòde dizer: *Cum Dominium optinit Spaniæ*. Bem vejo, que nesta interpretaçaõ fica o latim errado; porque houvera de ser, *obtinet*. E *Spaniæ*, houvera de ser com *H*. porém os Godos eraõ taõ barbaros, que nestes letreiros comettiaõ outros erros, escrevendo *Tustos* por *Justus*; e *Recarepus*, por *Recaredus*; como notou o Arcebispo D. Antonio Agostinho, e escreveraõ: *Emeretæ*, por *Emerita*; e assim naõ serà muito estar este letreiro errado no latim.

moeda

Outra Moeda traz deste Rey Gaspar Estaço nas Antiguidades de Portugal cap. 68. num. 13. & 14. a qual tem de ambas as bandas a sua imagem, e letra: *Leovigildus Rex*: e da outra parte: *Brachara Victor*; a qual Moeda parece que se lavrou quando Leovigildo foy socorrer os Suevos, e lhe usurpou o Reyno; e como Braga era cabeça de Galiza, intitulando-se vencedor de Braga, que era a Metropoli dos Suevos, se ficava intitulando Senhor do Reyno.

Naõ vio o Mestre Ambrosio de Morales nenhuma Moeda de Leovigildo, pelo que he de notar, que estas duas, que apontamos deste Rey, pertencem ambas a Portugal; porque a que eu tenho, se achou em Evora, e assim denota mandalla Leovigildo lavrar depois, que unio a si o Reyno dos Suevos, e ficou Senhor de toda Espanha.

A terceira he a que traz o Arcebispo D. Antonio Agostinho,[3] que diz *Elvora Justos*, que quer dizer, Justo em Evora; e se devia bater por alguma acçaõ insigne de justiça, que ElRey fez na nossa Cidade de Evora; por onde parece, que nestas partes de Portugal foy a sua residencia mayor.

§. V.

Hermenigildo.

ElRey Leovigildo deu ao Principe Hermenigildo seu filho o titulo de Rey, e por assento de sua Corte a Merida, como aponta o Arcebispo

de Turs; e porque Merida era a cabeça da Lusitania, podemos ter a este Santo Principe por particular nosso. O titulo de Rey se vè numa Moeda sua de ouro, que tenho, e se achou em Almeida; e de huma parte tem o seu rosto bem esculpido com huma Cruz nos peitos, e a letra *Hermenigildus*. Da outra huma figura assentada com a coroa na cabeça, e na mão huma cousa, que parece cetro, e a letra à roda, que diz: *Rex inclytus*; e ao pè do assento, *E. M.* que parece: *Emerita*. Esta Moeda parece se lavrou, quando se lhe deu logo o titulo de Rey.

moeda

O Mestre Ambrosio de Morales[190] faz mençaõ de outra moeda deste Santo Principe, que mandou lavrar, quando se levantou contra seu pay em favor dos Catholicos, dizendo: *Esto escriven expressamente el Papa San Gregorio, y otros autores, y parece claro en una moneda de oro, que yo tengo deste Santo Principe de las que batió en esta rebelion, hallose cavando cerca de Cordova en una dehesa, que llaman Casablanca, donde parecen señales de grandes edificios antigos: es una insigne antigualla, y que tiene cosas muy notables; aun que y o la tengo, y la precio mas por otros respetos Christianos, y por my devocion con este Santo. De la una parte está el rostro del Principe sobre un trono con una Cruz en medio del, y al derredor dizen las letras:* Ermenegildi. *Por donde se entiende como su verdadero nombre deste Principe es Ermenegildo, y no Ermergildo, ni Ermegildo, como en muchos libros corruptamente se lé, y commummente se pronuncia por el uso muy antigo de Hespana en corromper siempre todos los nõbres proprios con mudarlos, y acortarlos algo de su verdadera origen, y principio, pues siendo ya cabeça de los Catholicos el Principe, todavia tiene este nõbre, no es creible, que lo mudó, como el de Turs dizia: de la otra parte tiene la moneda una vitoria, por poner el Principe en los suyos con su vista buen esfuerço, y esperança en Dios de alcançarla: la letra, que està al derredor en este reverso, es excelente, y cierto parece ser lo que San Ermenegildo en aquella guerra apellidava, pues dize.* Regem devita; *y en Castellano quiere dizir:* Huye delRey: *y luego en oyendo se esta letra, entienden los*

Doctos manifiestamente como fue tomada de las palabras de San Pablo a Tito su Discipulo, que son estas: Hæreticum hominem post unam, & secundam corretionem devita: *huye del hereje (diz el Apostol) despues que uma, y dos vezes le huvieres amonestado. Assi el Santo Principe apellidando con estas palabras, justifica el alçarse contra su padre, muestra el intento Catholico, que tuvo en la rebelion, y esto mismo pone en los suyos, para que lo sean leales, y amonesta a los demas, como deven seguirle, y parece que con mucha modestia respeto de hijo no dixo:* Hæreticum devita; *ni tan poco:* Patrem devita *sino que se buscò el vocablo, que con menos nota de su padre se pudo usar; y todo està tan admirablemente pensado, y aplicado, que se puede bien creer fue invencion de San Leandro, y de Santo Isidoro, tios del Principe, que con su santidad, y alto juizio dieron en un tal acrescentamiento. Y tiendo todas las monedas, que se hallan, de los Reyes Godos, de oro baxo, esta es de muy fino. Porque como quien tenia neccessidad de atraher gentes a su parte, las combidava con esta riqueza. Assi con ser esta moneda del mismo pezo, que las demas de aquellos tiempos solen ser, tiene quasi doblada ventage en el valor por la fineza.*

§. VI.

Recaredo.

DelRey Recaredo irmaõ do Santo Principe Hermenegildo se tem achado muitas Moedas de ouro em Evora, que me vieraõ à maõ: huma dellas tem de huma parte a imagem de Recaredo armado com a letra: *Recaredus Rex*, e da outra a mesma imagem, letra: *Emerita Pius*.

moeda

Esta Moeda parece mandou lavrar ElRey em memoria de sua insigne clemencia; porque numa grande conjuraçaõ, que se fez contra elle em Merida, perdoou a todos os culpados benignamente.

Outra Moeda tenho do mesmo Rey com a sua imagem de ambas as partes, e a letra de huma diz: *Recaredus Rex*; e da outra: *Emerita Victod*; pondo-se barbaramente o *D.* por *R.* a qual parece se lavrou depois da grande batalha de Carcassona, onde Claudio Governador de Merida com 300. dos seus escolhidos desbaratou milagrosamente o Exercito dos Franceses, que era de 60U000. homens, como diz o nosso Abbade Biclarense. E porque Claudio governava a Merida, e della devia de levar a principal soldadesca, parece que em agradecimento desta Cidade, e do seu Capitaõ, quiz que ficasse esta memoria, e triumfo della. Desta Moeda tenho mais quatro copias tambem de ouro; ainda que todas estas tem: *Emerita Victor*, com *R.* no fim.

Outra Moeda tenho do mesmo Rey de ouro, que de ambas as partes tem a sua figura, e de huma a letra: *Recaredus Rex*: e da outra *Hispali Pius*. Esta Moeda parece se lavrou, quando S. Leandro com favor deste Rey celebrou em Sevilha o primeiro Concilio, que naquella Cidade houve; e por isso lhe dà esta Moeda titulo de Pio em Sevilha. O Arcebispo D. Antonio Agostinho Dialogo 8. traz huma Medalha deste Rey, de huma parte diz: *Recaredos Rex*; e da outra: *Emerita Victor*. Outra Moeda traz o mesmo delRey Recaredo, que de huma parte tem seu rosto, e a letra: *Recarepus Rex*: ubi *P.* pro *D.* positum, e da outra parte: *Elvoya Justos*, que parece diz: Justo em Elvas.

Das primeiras Moedas, que aqui refiro, teve tambem copia, e noticia o Mestre Ambrosio de Morales,[191] o qual faz mençaõ de outras Moedas deste Rey; huma com o seu rosto de ambas as partes, mas as letras saõ as mesmas em todas, as do rosto dizem: *Recaredus Rex*, e da outra parte: *Toleto Pius*. Esta Moeda mandou lavrar ElRey em memoria do Concilio III. Toletano, em que abjurou a heregia Arriana, e professou a Fè Catholica, e foy o terceiro Concilio, que se ajuntou em Toledo.

Outra Moeda traz do mesmo Rey de prata, que de ambas as partes tem o seu rosto, e de huma escrito o nome do Rey, e da outra: *Toleto Justus*: Justo em Toledo, a qual parece se lavrou em memoria do castigo, que ElRey fez em Toledo de Argimundo, que sendo da Camara delRey, se quiz levantar contra elle, e com o

Reyno: o qual sendo preso, e confessando seu delito, foy decalvado, esfolando-lhe a pelle da testa, e moleira, e lhe cortaraõ a maõ direita, e aos outros castigaraõ.

Outra Moeda de ouro traz o mesmo Author deste Rey, que tem o seu rosto de ambas as partes, e de huma escrito o seu nome, e da outra: *Elbora Justus*. Por onde parece, que esta Moeda se devia de bater por alguma obra insigne de justiça, ou de bom governo, que ElRey fez na nossa Cidade de Evora.

§. VII.

Liuva.

Deste Rey, que foy filho, e successor de Recaredo, tenho huma Moeda de ouro com sua imagem de ambas as partes, letra: *D. N. Liuva Rex*, e da outra: *Emerita Pius*; quer dizer: ElRey Liuva N. S. Pio em Merida. Ser esta Moeda deste Rey, e naõ do primeiro Liuva, consta; porque antes de Leovigildo, os Reys Godos naõ bateraõ Moeda, como jà dissemos.

Esta devia de ser feita em memoria de alguma obra insigne religiosa, ou Concilio por sua ordem feito naquella Cidade, de que as historias naõ daõ noticia.

O mesmo diz o Mestre Ambrosio de Morales[192] de outra Moeda deste Rey, como se vè destas palavras: *En su tiempo deste Rey no sabemos se hiziesse Concilio en Sevilla; mas el sin duda, hizo en aquella ciudad alguna cosa como Rey Catholico, y buen Christiano, segun se haze memoria en una Moneda suya de oro, que yo tengo. De ambas partes està en ella su rostro com Diadema Real; y de la una dize.* D. N. Liuva Rex: *El Rey Liuva nuestro Señor, y de la otra:* Pius Hispali; *Religioso en Sevilla; yo tengo esta Moneda por deste Rey, y no del primero deste nombre; por tener ya Diadema, que no se avia usado en tiempo del otro; y principalmente por hazer memoria de la buena Christianidad del Rey, la qual no pudo aver en el otro, siendo Arriano.*

§. VIII.

Uviterico.

Duas Moedas de ouro tenho deste Rey, que succedeo a Liuva, de ambas as partes tem a sua imagem com grande cabelleira, a letra de huma diz: *Uvitericus Rex*; e da outra parte: *Emerita Pius*. A outra tem tambem o mesmo nome do Rey, e da outra: *Ispali Pius*. A primeira Moeda, que significa Pio em Merida, parece devia de fazer bater este Rey, quando quiz tornar a introduzir a seita Arriana; dando principio a esta sua maldade em Merida; e pòde ser, que dando nome de piedade à sua heresia, mandasse esculpir esta Moeda com o titulo de Religioso, e Pio; ou tambem pòde ser o que diz Morales, que vendo, que naõ podia tornar a introduzir a seita Arriana, se mostrasse em algumas obras Catholico.

Da outra Moeda que diz: Pio em Sevilha, teve tambem outra copia della Ambrosio de Morales;[193] posto que o nome de *Hispali*, na Moeda, que eu tenho, he com *I.* e na de Morales he com *H.* e desta, e doutra, que teve feita em Tarragona, diz o seguinte: *Yo nombro siempre a Uviterico con,* E, *con I. indefferentemente, por aver visto Monedas de oro suyas, donde està de ambas maneras escrito, la una con su rostro tiene estas letras de su nombre:* Uvittericus Rex; *y de la otra parte con el mismo rostro dize:* Tarraco Pius: *Religioso en Tarragona, y siendo tan malo, como està dicho, no se puede entender, porque se le puso esta letra. Puedese conjecturar, que no aviendo podido salir con bolver la heregia, se fingio muy Catholico, e dio alguna muestra desto en aquella Ciudad, y la lisonja como suele con verdad, y sin ella, celebró en ElRey lo que no avia; y a la misma cuenta se puede poner otra Moneda de oro, que yo he visto deste Rey con su rostro, y nombre de una parte, y de la otra con el rostro:* Hispali Pius; *y el nombre delRey en esta Moneda Uviterico es* I. *no con* E. *como en la otra, assi parece se puede nonbrar de ambas maneras.*

§. IX.

Gundemàro.

A Uviterico succedeo Gundemàro. Deste Rey traz o Mestre Ambrosio de Morales[194] huma Moeda, de que diz estas palavras: *He visto una Moneda de oro deste Rey con su rostro de una parte, y las letras:* Gundemàrus Rex; *en el reverso tambien estava el rostro, y dizian las letras:* Pius Illiberri. *Alguna buena cosa deviò de hazer en aquella Ciudad, que estuvo junto a Granada llamada:* Iliberi; *de donde se le puso el titulo* Piedoso, *ò* Religioso en Iliberi. Esta Cidade, que esteve junto a Granada, naõ se chamava; *Illiberris*, senaõ *Illiberis*; e a causa de estar aqui o nome de *Illiberri* com dous *r.r.* he porque os Godos, como gente do Norte, pronunciavaõ todo o *R.* dobrado; e assim por *Illiberi*, diziaõ *Illiberri*.

§. X.

Sisebuto.

Em Evora se achou huma Mueda de Sisebuto successor de Gundemàro de ouro, que eu tenho, de ambas as partes com seu rosto; e de huma as letras: *Sisebutus Rex*: e da outra: *Eminio Pius*, a qual he a seguinte.

moeda

Esta moeda parece mandou lavrar El Rey depois da vitoria, que teve dos soldados Imperiaes de Heraclio, na qual se houve com tanta piedade, que naõ somente libertou os seus prisioneiros, mas ainda resgatou aos que estavaõ presos em mãos de particulares. Estas vitorias deviaõ de ser na Lusitania; por quanto o que os Emperadores de Constantinopla possuhiaõ por este tempo em Espanha, era a parte, que cahia junto ao mar pela costa deste Reyno; e como cà foy a guerra, e Eminio està perto de Aveiro, no lugar donde agora chamaõ Agueda, pode-se entender, que ahi fosse esta sua piedosa magnificencia; pela qual se lhe deu o titulo de Pio em Eminio, ou Agueda, a qual pela vizinhança, que tem com Aveiro, muitos lhe daõ o mesmo titulo. Outra moeda de ouro tenho do

mesmo Rey com rosto de ambas as partes, e de huma a letra: *Sisebutus Rex*; e da outra: *Emerita Pius*. Foy este Rey muy religioso, e em seu tempo se celebrou hum Concilio Provincial em Agàra na Provincia de Narbona, e outros em Tarragona. Pelo que bem se pòde cuidar, que o mesmo succederia em Merida, Metropoli da Lusitania; e que tambem se faria ahi algum Concilio Provincial dos seus Bispos, em memoria do qual se lavraria esta moeda, chamando-lhe: Pio em Merida; que he o titulo, que outros muitos tomaraõ em razaõ de fazerem celebrar Concilios, como jà temos visto.

A isto se acrescenta, que a residencia deste Rey devia de ser mais frequente nesta parte da Lusitania; assim pelas guerras, que teve com os Imperiaes, que possuhiaõ o maritimo de Portugal, como pela memoria, que ainda hoje hà delle em Evora; chamando-se Torres de Sisebuto, dous Cobelos grandes, e muito fortes, que ainda hoje se sustentaõ inteiros no muro antigo da Cidade, està na rua chamada Alcarcova.

O Mestre André de Resende teve outra moeda deste Rey de prata lavrada na mesma Cidade de Evora, que de huma parte tinha o seu rosto com estas letras: *D. N. Sisebutus Rex*. El Rey Sisebuto nosso Senhor, e da outra huma grande Cruz, e dentro estas letras: *Civitas Ebora*; e ao redor: *Deus adjutor meus*: Deos he minha ajuda. Por esta moeda entende Resende, e o approva Morales,[195] que houve em tempo deste Rey casa de moeda em Evora, e que as fortificaçoens, que Sisebuto fez nas torres dos seus muros, foraõ contra os Imperiaes, que como tinhaõ o districto maritimo, lhes ficava sendo Evora sua fronteira. O Arcebispo D. Antonio Agostinho[196] traz huma moeda deste Rey, que de huma parte tem sua imagem, letra: *Sisebutus Rex*; e da outra: *Emerita Pius*.

§. XI.

Svinthila.

Em Evora se achou huma moeda de ouro delRey Svinthila filho delRey Recaredo Segundo, e netto de Sisebuto com o seu rosto de

ambas as partes, e de huma o letreiro, que diz: *Svinthila Rex*; e da outra: *Justus Tucci*. Refere Santo Isidoro, que este Rey teve grande prudencia, e se applicava com grande cuidado a fazer justiça a seus subditos. Pelo que com razão se podia prezar deste excellente titulo de Justo. O lugar de Tucci naõ se pòde assignar com certeza; por haver muitos deste nome em Espanha; porèm podese conjecturar, que fosse hum, que estava junto a Sevilha no caminho para Merida, como Rodrigo Caro aponta no seu Principado de Sevilha debaixo do titulo de Tucci.

Outra moeda de ouro tenho tambem deste Rey com o seu rosto de ambas as partes, e de huma o seu nome, e de outra: *Ispali Pius*. Santo Isidoro diz tantos bens do governo dos primeiros cinco annos deste Rey, que facilmente se pòde entender faria era Sevilha, onde elle era Prelado, alguma obra insigne de piedade, por onde mereceo este titulo de Pio em Sevilha.

O Mestre Ambrosio de Morales[197] traz tres moedas deste Rey, de que diz as palavras seguintes: *El nombre deste Rey està escrito diversamente en los libros; mas el verdadero es, el que aqui le damos, como parece en dos monedas de oro suyas, que yo he visto; tienen de ambas partes su rostro, y de la una dizen las letras al derredor*: Svintila Rex; *las letras del reverso dizen*: Pius Eliberi: *y en Castellano*: Religioso en Iliberia: *Esta ciudad es la que segun algunas vezes se ha dicho, estava cabe Granada llamada entonces* Eliberi. *He visto otra moneda de oro deste Rey, que tiene de la una parte su rostro, y su nombre; y de la otra su mismo rosto con estas letras*: Tarraco Pius, *mas no sé particularidad alguna suya, en aquella ciudad, por donde se le atribuya tal titulo?*

§. XII.

Sissenando.

Sissenando foy successor de Svinthila: os Authores Castelhanos naõ trazem moeda nenhuma deste Rey; porque parece a naõ alcançarão, porém eu tenho duas de ouro, que se acharão em Evora, ambas com as mesmas letras, e figura; posto que huma

dellas he lavrada muito mais grosseiramente, que a outra: de ambas as partes tem o rosto do Rey com a letra: *Sissenandus Rex*; e da outra: *Emerita Pius*. Pela historia deste Rey naõ se pode alcançar cousa notavel, que fizesse em Merida, por onde merecesse o titulo de Pio em Merida, que lhe daõ estas moedas; sómente podemos entender, que o Concilio Nacional terceiro de Toledo tinha ordenado, que cada anno se fizessem Concilios Provinciaes nas Metropoles, poderia ser, que se celebrasse algum em Merida, governando este Rey, como se celebrou em Toledo o quarto, que foy Nacional.

§. XIII.

Tulgan.

A Sissenando succedeo Chintila, e a elle Tulgan, deste Rey não viraõ os Authores Castelhanos moeda alguma; e naõ he muito, porque elle viveo taõ pouco tempo, que naõ pòde haver muitas memorias suas; porque naõ foraõ mais de dous annos. Porèm eu tenho huma moeda de ouro, que se achou em Evora, que de ambas as partes tem o seu rosto, e de huma as letras, que dizem: *Tulgan Rex*; e da outra: *Cordoba Pius*. Santo Illefonso louvou muito a Christandade, justiça, liberalidade, e prudencia deste Rey. Pelo que bem podia fazer em Cordova alguma obra de virtude insigne, pela qual merecesse o titulo de Pio em Cordova, que a moeda lhe dà; posto que nos Authores naõ se acha mençaõ della.

§. XIV.

Chindasvindo.

De Tulgan foy successor Chindasvindo, deste Rey tenho huma moeda de ouro com o seu rosto de ambas as partes; e de huma diz a letra: *Cindasint. S. R.* que he: ElRey Chindasvindo; e da outra: *Ispali Pius*. Esta moeda parece mandou lavrar ElRey, quando fez ajuntar hum Concilio contra Theodiselo Grego, que sendo Arcebispo de Sevilha, começou a publicar muitas heresias naquella Cidade; acudindo ElRey a este mal, fez que no Concilio se examinassem

suas culpas, e lhe tirassem o Arcebispado; e desterrassem de toda Espanha. Pelo que com razaõ se podia prezar ElRey de acçaõ taõ gloriosa, e mandar bater esta moeda, que se achou em Evora; naõ havendo memoria de outra alguma nos Authores Castelhanos.

§. XV.

Recesvinto.

A Chindasvindo succedeo seu filho Recesvinto. Deste Rey tenho tres moedas de ouro, que se acharaõ em Evora; huma tem de huma parte o seu rosto com Capacete na cabeça, e a letra que diz: *Recevintus Rex*; que quer dizer ElRey Recevinto neste nome em lugar do T. latino, uzaraõ do T. Grego da outra parte tem sobre tres degràos huma Cruz grande de feiçaõ das da Ordem de Christo, e a letra diz: *Egitania Pius* com o V. virado.

moeda

Esta moeda devia mandar lavrar ElRey por algum Concilio que se fizesse em seu tempo na Idanha, Cidade de Lusitania, que era Episcopal, cuja sede se passou depois para a Guarda; onde ainda retem o nome de Egitanense.

As outras duas Moedas ambas saõ semelhantes; porque de huma parte tem o rosto do Rey armado com seu nome, e da outra a Cruz sobre o mesmo throno, e letra: *Ispali Pius*: O Arcebispo D. Antonio Agostinho[198] traz huma Moeda deste Rey, que de huma parte tem seu rosto, letra. *Recesvintus Rex*; e da outra parte huma Cruz sobre degràos, letra: *Emerita Pius*.

De outra semelhante a estas teve copia o Mestre Ambrosio de Morales;[199] das quaes, e de outras mais, que vio deste Rey, diz estas palavras: *El verdadero nombre deste Rey es el, que yo aqui uso; como parece en una Moneda de oro, que yo tengo suya con su rostro en ambas partes, adornado de la Diadema acostumbrada, mas debaxo della tiene armadura de cabeça, qual en ninguna otra Moneda Gotica yo he visto, las letras dizen de la una parte*:

Resesvinctus Rex; *y de la otra*: Cordoba Patricia; *y quieren dizir; la Ciudad de Cordoba; que fue tambien llamada Colonia de Cavalleros; adelante tambien pareceran otras buenas comprobaciones de ser este el verdadero nombre delRey: por las letras deste reverso creo yo cierto se labrò esta Moneda en Cordoba, que en tiempo de los Romanos tuvo dos nombres, el suyo antigo, que fue Cordova, y otro, que le posieron los Romanos, llamandolo*: Colonia Patricia; *que quiere dizir Colonia, de Cavalleros principales, como en su lugar se ha enteramente tratado. Por el Concilio, que celebrò en Merida a lo que yo tengo por cierto se batiò otra Moneda de oro deste Rey, que yo he visto, tiene de una parte el rostro delRey con su nombre puesto sobre un trono Imperial semejante al que està en la Moneda del Santo Martyr el Principe Hermenegildo, de que se ha dicho: el reverso tiene una Cruz con su piè; y al derredor dizen*: Emerita Pius; *y en Castellano*: Religioso em Merida; *y por esta Moneda se comprueva tambien el verdadero nombre delRey.*

Sin las Monedas deste Rey, que se han puesto, se hallan otras muchas de oro, yo he tenido otra con el de Cordoba Patricia, *como la dicha, mas de muy differente Cuño, y tan malo, que se puede creer, que para mejorar, le hizieron el otro despues, y por estas dos Monedas se entiende como en Cordova avia Casa Real de Moneda donde se labrava, y aquella Ciudad era ahora como siempre tan principal, que esto, y mas podia hazer en ella. Otra Moneda he visto con el rostro delRey, y su nombre; y en el reverso:* Brachara Pius, *por algun Concilio, que en aquella Ciudad de Braga se celebrò en su tiempo. Otra he visto, que tiene en el reverso:* Hispali Pius; *y parece huvo otro Concilio alli en su tiempo. En otra tiene el nombre un poco diverso, pues dize:* Recesvinthus; *en el reverso tiene:* Toleto Justus: *y parece se le puso en el titulo por las muchas leyes, que en el octavo Concilio de Toledo, y fuera del hizo: y hasse de notar; que en muchas destas Monedas, donde yo pongo* Th, *està la cita Griega*.

§. XVI.

Uvamba.

A Recesvintho succedeo Uvamba. Tres Moedas tenho de ouro do nosso Rey Uvamba; huma dellas he mayor, e de melhor ouro: na qual de huma parte està o seu rosto com mais clara escultura, que todos os outros passados; està ordenado de capacete, e hombreiras; e a letra: *I. D. N. N. N. & Uvamba Rex*; e da outra hum throno com tres degràos, e em cima huma Cruz, e a letra: *Emerita Pius*. Estes N. N. intrepreta o Mestre Ambrosio de Morales: *In Dei nomine, nomine, nomine Uvamba Rex*: Em nome, nome, nome de Deos; pondo tres vezes o nome Divino, para denotar o Mysterio da Santissima Trindade: o reverso diz: Pio em Merida: a qual he a seguinte.

moeda

As outras duas tenho com seu rosto naõ tambem esculpido, mas com tudo tem huma Cruz na maõ, o que a outra não tinha, e com o mesmo letreiro do nome em ambas; da outra parte: *Toleto Pius*; Pio em Toledo, o qual titulo tomou pelas muitas obras de Religiaõ, e piedade, que fez em Toledo, que se escrevem largamente na sua historia. Porèm he de advertir, que o nome deste Rey naõ se hade ler pronunciando os dous *V. V.* do principio cada hum de per si, como faz o vulgo erradamente, porque he ortographia propria de todas as gentes do Norte usarem de dous *V.V.* quando querem, que seja *V.* consoante, e naõ vogal; e porque ElRey se chamava Vamba com *v*, consoante, elles, como Godos, poseraõ os dous *V. V.* para denotarem, que era consoante, e que se havia de pronunciar juntamente com o *A.* e *M.* seguintes tudo numa sylaba per si. O mesmo se hade dizer do nome de *Uvitisa*, e *Uviterico* que por esta razão estaõ escritos com *V.* dobrado, como se vè nas suas Moedas. E porque o Mestre Ambrosio de Morales[200] teve copias dellas Moedas, referirey suas palavras: *Su verdadero nombre no es Bamba, como corrompiendo el vocablo, commummente pronunciamos, sinó*: Uvamba, *como parece en dos Monedas de ouro suyas, que yo he visto, y tienen aun mas muestras de Christianidad, y devocion, que suele aver en otras Monedas Goticas. Su rostro de la una parte es diferente de los ordinarios, que se veen en tales Monedas, pues con los ojos alçados està mirando con*

attencion una Cruz, y parece tenerla en la mano; al derredor dizen las letras: Uvamba Rex; *Esso està bien claro, mas antes estan todas estas letras*: I. D. N. N. N. *delas quales no tengo cosa cierta que dizen bien declararlas. El Maestro Alvar Gomez, cuja es esta Moneda, quando me la mostrò, me dixo una su declaracion harto aguda; y sutil; quiere que diga alli*: In Dei nomine; *y que el nombrar a Dios, no se puso una* N. *sola, sino tres, para denotar el Mysterio dela Santissima Trinidad. De la otra parte de la moneda ay una Cruz en medio y al derredor dize lo ordinario*: Toleto Pius; *Religioso en Toledo, por el solenne Concilio, que mandò alli celebrar este Rey. Esto ay en la una moneda. En la otra, que tambien es de oro, està de la una parte el nombre delRey en todas las letras ya dichas en el reverso: con la Cruz ordinaria dize*: Emerita Pius; *yo no he visto porque se le aya podido poner tal titulo; y tambien de su nombre serà forçado tratar otra vez adelante con advertir ahora, que en aquel Concilio, ni en otra parte no allo que se le de el prenombre de Flavio, sino solo el Fuero juzgo*.

§. XVII.

Ervigio.

Seguiose a Vamba Ervigio. Duas Moedas de ouro tenho deste Rey, huma achada em Evora, outra no termo de Viseu; mas ambas do mesmo modo, de huma parte tem o rosto peyor esculpido, que todos os de seus antepassados com as letras: *I. D n. n. n. Ervigius Rex*; que quer dizer, em nome de Deos, repetindo tres vezes o *N.* como o fez seu antecessor Vamba: e de outra huma Cruz sobre os tres degraòs, letra: *Emerita Pius*. Estas Moedas parece se lavraraõ por algum Concilio, que se fez em Merida com o favor deste Rey; pois em seu tempo se celebraraõ tres em Toledo, ou pelas grandes obras, com que illustrou Merida, pois como refere Morales, elle reparou os muros, e reformou a ponte de maneira, que parecia avella feita de novo, como tudo consta do livro velho, donde estaõ as obras de Santo Eugenio, onde se poem hum epigrama feito em louvor delRey, e de Sala Governador, e Capitaõ General, que era de Merida. O Arcebispo D. Antonio Agostinho[201] traz tambem huma

Moeda deste Rey, quasi com as mesmas letras das nossas, que saõ: *V. i. N. N. n. Ervigius Rex*: que elle le: *In Dei nomine Ervigius Rex*. Em nome de Deos ElRey Ervigio. Morales tambem teve deste Rey duas Moedas diversas, como se ve destas palavras: *Su verdadero nombre es Evigi*, *y no* Ervicio, *ni* Eringio, *como en muchos libros corruptamente se lee; porque y o he visto Monedas de oro suyas en que de ambas partes está su rostro, y de la una dize*: Ervigius Rex; *y de la otra*: Toleto Pius, *Religioso en Toledo, por los Concilios, que en aquella Ciudad hizo celebrar.*

Otra Moneda de oro he visto[202] *deste Rey con su rostro, y nombres de una parte, y de la otra la Cruz con las letras:* Narbona Pius, *y conjectura muy bien el Maestro Alvar Gomez, cuya es esta Moneda, que se pudo poner este titulo por aver relebado aquella Ciudad de algunos nuevos tributos, que ElRey Uvamba por la rebelion le avia puesto.*

§. XVIII.

Egica.

Foy successor de Ervigio seu genro Egica. Em Evora se acharaõ duas Moedas de ouro deste Rey, que eu tenho; em huma està o seu rosto muito mal esculpido com Capacete na cabeça, e huma Cruz na maõ, e letras: *E. N. M. N. Egica Rex:* e da outra a Cruz sobre tres degràos, e letra: *Elbora Pius*, nesta fórma.

moeda

Naõ consta da historia deste Rey, por onde merecesse taõ excellente titulo, como o de Pio em Evora; senaõ he, que na rebeliaõ, que contra elle moveo Sisberto Arcebispo de Toledo, quando ElRey o venceo, poderia ser que fosse nesta Provincia da Lusitania; e que em Evora se fizesse justiça dos culpados. Tambem consta, que no segundo Concilio de Toledo, que se celebrou em tempo deste Rey, que foy 16. pedio que se mandasse recopilar o livro do Fuero juzgo, e se reduzio à forma, em que agora o vemos,

como o sente Morales l. 12. cap. 16. e poderia ser fazer-se esta recopilaçaõ em Evora: e como por estas leys se havia de governar a justiça, lhe dariaõ o titulo de Pio em Evora, que he mais notavel; porq̃ tem de huma parte huma Cruz, que divide de alto abaixo a Moeda, e aparta dous rostos muito mal esculpidos; e as letras dizem: *I. D. N. N. I. Egica Rex*. Em nome de Deos Egica Rey; e da outra està huma Cruz nesta forma:

M
E+A
R

e à roda: *I. D. E. N. N. Vvitiza Rex*; que quer dizer, ElRey Vvitiza; e as letras da Cruz estaõ quasi em cifra, e dizem: *Emerita*, começãdo pelo E do braço direito, e logo o M. que està em cima, e o R. debaixo, e o Ta do braço esquerdo. Esta Moeda mandou lavrar Egica, quando deu titulo de Rey a seu filho mayor Vvittiza, e por isto se poseraõ os rostos, e nomes de ambos na mesma Moeda; o nome de Merida se poz ahi por ser o lugar, segundo parece, em que a Moeda se bateo.

O Mestre Ambrosio de Morales[203] traz tambem huma Moeda deste Rey com as palavras seguintes. *Yo he visto moneda de oro suya, que de una parte tiene su rostro con gran barba, e tiene estas letras al derredor.* I. D. N. N. Egica Rex: *El nombre verdadero està manifiesto; las otras letras del principio pueden dizir:* In Dei nomine noster Egica Rex; *continuandose en la seguientes, diran todas: En nombre de Dios nuestro Rey Egica.*

Conforme a esto aquella moneda de Egica, que ya he dicho, tiene de la otra parte cierta manera de Cruz en medio y dize la letra al derredor: Vvittiza Rex. *Por onde se dà a entender que la moneda se batio en tiempo, que ya padre, y fiijos reinavan ambos.*

§. XIX.

Vvittiza.

De Egica foy filho, e successor Vvittiza. Outra moeda traz Morales[204] delRey Vvittiza jà depois de governar só, por morte de seu pay, de que diz estas palavras: *Su verdadero nombre es el que aqui le ponemos, como en aquella moneda de su padre parece, porque tiene tambien en el reverso otro rostro, y dizen las letras:* Vvittiza Rex. *El Author, que escrevio la Chronica de Toledo affirma aver visto moneda de oro deste Rey con letras, que en la parte donde estava su rostro, dizian* Vvitigius Rex; *y en reverso:* Toleto Pius; *y este nombre el mismo es, que* Vvitiza; *sino que el primero esta conformado en la lengua latina, a la imitacion de un Rey de los Osthrogodos en Italia, que se nombrò; y estotro està mas accommodado a la pronunciacion de nuestros Vizigodos de Hespaña, conforme a su lenguage.* O Arcebispo D. Antonio Agostinho traz huma moeda deste Rey no seu Dialogo 8. com esta letra: *In D. N. M: Vvittiza Rex:* In Dei nomine Vvittiza Rex.

§. XX.

D. Rodrigo.

DelRey D.Rodrigo successor de Vvittiza, e ultimo Rey dos Godos, diz o Mestre Ambrosio de Morales[205] as palavras seguintes: *Su verdadero nombre es Roderico, como manifiestamente parece en una moneda de oro suya, que yo he visto, tiene de la una parte su rostro harto differente de los que las otras moenedas destos Reyes parece. Tiene manera de estar armado, y salen por cima la celada unas puntas como cuernos pequeños, y derechos por ambos lados, que lo hazen estraño, y espantable: las letras dizen al derredor*: In Dei nomine Rodericus Rex; *y el* In Dei nomine *està en cifra travadas las letras: el reverso tiene en medio una Cruz sobre tres grados, las letras del redondo por de fuera son estas:* Egitania Pius: *dizen en nuestro romance:* Religioso en Egitania. *Esta era, la Provincia de Igeditania en Portugal, de que algunas vezes avemos dicho; y estava ya corrompido su nombre, mas no se tiene noticia de cosa notable, que este Rey alli hiziesse, por donde, se le posiesse en la moneda el tal titulo.*

Saõ estas Moedas, de que Morales, e o Arcebispo D. Antonio Agostinho fazem mençaõ 23. e as que se acharaõ em Evora, e estaõ na minha livraria, passaõ de trinta. De maneira que só em Evora se acharaõ tantas quasi como em todo o resto de Espanha; por onde parece, que Evora floreceo em tempo dos Godos mais, que nenhuma outra Cidade, segundo mostraõ estes vestigios, e sinaes de sua grandeza; ao que tambem favorece ver, que as Moedas, que trazem estes dous Authores, as mais pertencem a Lusitania, de quem era cabeça Merida; porque das 26. Moedas, que extaõ do tempo dos Godos, como se vè das memorias aqui escritas, saõ de Merida desenove; e de Evora quatro; de Elvas huma; de Braga duas; da Idanha duas; de Eminio, que era junto a Aveiro, huma. Por onde somaõ as tocantes a Portugal, 29. e para o resto de Espanha, 26. a saber oito, que pertencem a Toledo; a Sevilha nove; duas a Tarragona; tres a Cordova, huma a Tucci; tres a Granada; porque a de Narbona toca a França; a fóra as 6. que naõ tem lugares proprios; e assim consta, que Merida cabeça da Lusitania tem mais que todas. Pelo que se pòde entender, que os Godos desde Lusitania senhoreavaõ Castella, e que nesta Provincia assistia a sua grandeza, e mayor frequencia. Donde com razão se pòde dizer do tempo dos Godos o que jà disse Ausonio[206] no dos Romanos, que a Merida se sogeitava toda Espanha.

Emerita, æquoreus, quam præter labitur Annas,
Submittit cui tota suos Hispania fasces.

§. XXI.

Moedas Arabigas.

Começou o Senhorio dos Arabes em Espanha no anno de 714. com a grande victoria, que Tarif, e Muça alcançaraõ de D. Rodrigo, ultimo Rey dos Godos; porèm como acharaõ Espanha toda debaixo do governo de hum Principe, vencido este, ficavaõ todas as Provincias rendidas, e os Arabes Senhores de todas ellas; o que naõ acontecera se Espanha tivera mais Reys naquelle tempo, como se vio depois nas entradas, que fizeraõ os Almoravides, Almoades,

e Benemerines, que passando a Espanha com muito mayor poder, do que foy o de Tarif, e alcançando alguns delles dos Christãos grandes vitorias, nem por isso senhorearaõ a Provincia, por estar possuida por mais de hum Principe. Pelo que introduzindo os Mouros, que com Tarif vieraõ, e os que se lhe seguiraõ em Espanha, suas leys, e costumes, as Moedas, que corriaõ, eraõ todas suas; destas hà inda hoje grandissima quantidade em Portugal, e eu tenho muitas, que principalmente se acharaõ no territorio de Evora, e Beja; muitas dellas de ouro, as mayores da grandeza de hum Real de prata, e de pezo de 500. atè 600. reis; que teriaõ ametade deste valor, e outras de grandeza de pequenos vintens. Os nomes destas Moedas naõ podemos saber; em nenhuma dellas hà figura alguma, por lhe ser prohibida em sua Seita, senaõ letras de ambas as partes, de huma poem o nome de Deos com os seus attributos de Grande, Bom, Omnipotente, &c. da outra o nome do Principe, que a manda bater com o de seu pay, e Avò, e outros ascendentes, como he costume dos Arabes, que tem isto por a clareza de suas ascendencias. Das Moedas de prata tenho tambem muitas, as mayores como tostoens; mas tam delgadas, que tem só de pezo meyo tostaõ, outras menores, e algumas taõ pequenas, como meyos vintens, todas tem o mesmo modo de letreiros, porèm algumas de muy perfeita esculptura, que deviaõ de ser do tempo dos Reys de Cordova, que floreceraõ em muita grandeza, e policia. As de cobre naõ excedem o tamanho das de prata, ainda que saõ muito grossas, mas tambem as hà meudas, e muito pequenas de peso dos nossos seitiis.

Esta he a noticia, que posso dar destas Moedas, das quaes naõ se pode saber, se alguma toca a Portugal, posto que como se achaõ na mesma terra, parece que devem de ser dos Reys Arabes, que então a senhoreavaõ.

Que nome tivessem estas Moedas, naõ pude alcançar em particular, mas em commum, as que se achaõ nas nossas Chronicas, saõ tres generos de Moedas de ouro, humas chamadas Dobras Mouriscas, outras Dobras Validias, outras Maravidis de ouro.

As Dobras Mouriscas tinhaõ a valia da Dobra Cruzada,[207] que da nossa Moeda faz agora 270. reis, posto que no peso passaria de

600. se agora se achasse, como entendo que o he huma de ouro, que tenho entre outras, que se acharaõ modernamente em Beringel.

Dobras Validias eraõ Moeda de Berberia, que se batia em Tunes de 23. quilates, e terço de peso, e diz a Ordenaçaõ velha, que valia doze Reaes brancos dos primeiros, pelo que vinha a montar da nossa Moeda 216. e destas Dobras se faz particular mençaõ na historia do primeiro Capitaõ de Ceita[208] onde se falla tambem de outras Dobras Mouriscas, com estas palavras: *Dobras Validias era Moeda Mourisca, e communalmente esta era a Moeda de ouro, que se mais corria com estes Reynos, e isto era quasi em todo los tempos dos Reys passados. Sempre os Mouros dalem mar trataraõ nestes Reynos de mercadoria, comprando pela mayor parte todolos annos a fruita do Algarve, e que naõ pagavaõ, senaõ em ouro; e a mayor parte daquellas Dobras saõ feitas em Tunes, e eraõ 23. quilates, e terço de pezo. E outras Dobras traziaõ aquelles Infieis, a saber Dobras de Prazida; e de Sagilmensa, e de Marrocos, de que este Reyno foy assaz fornido, especialmente os thesouros dos Reys, como no começo dos feitos deste Rey fica contado, &c*.

Maravidi he Moeda, que os Mouros introduziraõ em Espanha,[209] cujos Authores dizem, que foraõ os Almoravides, que cà vieraõ, de maneira, que antes observa o Mestre Ambrosio de Morales, que senaõ acha mençaõ desta Moeda, nem da conta dos Maravidis nas memorias de Castella, e pelo contrario de entaõ para cà foy taõ ordinaria em Castella a conta dos Maravidis, que por elles se faziaõ todas as computaçoens dos preços das cousas, e das Moedas, o que ainda hoje permanece; porque para significar a valia do Real de prata, dizem que tem 36. Maravidis, e o dobraõ de ouro 960. Maravidis; computando o Maravidi pela valia do nosso Real de cobre; porèm cà em Portugal ainda que se usou desta Moeda, parece que naõ foy mais que a de ouro, 60. das quaes faziaõ hum marco. Pelo que segundo o preço, vinhaõ a montar hoje 500. reis; com tudo este nome de Maravidi se veyo estender tambem às Moedas de ouro Portuguesas; de maneira, que se diz na Chronica delRey D. Sancho I. que deixou a seu filho ElRey D. Afonso 10U000. Maravidis de ouro.

Isto que està dito dos Reys Mouros, que senhorearaõ Portugal, se entende principalmente atè o tempo delRey D. Fernando o I. de Leaõ, por quanto este Rey tomou Coimbra, e Santarem, e deixou a seu filho ElRey D. Garcia quasi toda a terra, que pertencia a Portugal atè o Tejo; e poucos annos depois seguindose-lhe ElRey D. Afonso Henriques com a tomada de Lisboa, Evora, e Vitoria do Campo de Ourique, e de outros lugares de Alentejo, ficou ElRey quasi Senhor de todo o Reyno; e assim elle, como seus descendentes, foraõ os que mandaraõ bater Moedas com seus nomes, e insignias, como se hirà vendo de cada hum em particular.

§. XXII.

Moedas dos Reys Portugueses.

A primeira casa de Moeda, que houve em Portugal, foy no Porto, onde os primeiros Reys deste Reyno fizeraõ bater Moeda, mandando vir Officiaes Estrangeiros, porque os naõ havia no Reyno, e por isto lhes concederaõ tantos privilegios, como ainda hoje tem. Havia tambem casa de bater Moeda em Valença, e em Lisboa, como tudo se ve do cap. 57. da Chronica delRey D. Fernando; e tambem a houve em Evora, como se diz na 2. p. da Chronica delRey D. Joaõ I. cap. 5.

Em razaõ de estar a Casa da Moeda no Porto, se vem hoje os Seitis, e boa parte das Moedas antigas com humas Torres por divisa, e hum Rio por baixo, que saõ as Armas daquella Cidade; depois passando a Corte dos Reys para Coimbra, faz mençaõ muitas vezes o Conde D. Pedro, e particularmente no t. 36. §. 3. dos Moedeiros de Coimbra; por onde parece, que tambem alli os havia. Ultimamente se poz esta Casa em Lisboa, onde ao presente està; consta esta Casa, e se governa por huma mesa, de que he presidente o Thesoureiro da Moeda, e assistem nella mais dous Juizes da balança, e dous Escrivaens da receita, e despeza; os outros cargos provè todos o Thesoureiro, que saõ Fundidor, Affinador, Ensayador, outo Contadores, outo Branquidores, seis Fornaceiros antigos, e trinta modernos, que acrescentou ElRey D. Joaõ III. dezaseis Cunhadores, dous Porteiros, hum da Casa do

Thesouro, outro da porta. He esta Casa sogeita ao Tribunal da Fazenda, e o Veèdor da Fazenda da repartiçaõ da India he o que particularmente preside nesta Mesa quando là vay.

Isto he o que se pòde colher do principio das Moedas, que bateraõ os Reys deste Reyno; ainda que naõ consta, se ElRey D. Afonso Henriques bateo Moeda, nem os nomes particulares dellas; só consta que todas as computaçoens que se faziaõ, eraõ por livras; e que deste nome ouve Moedas de prata, e de cobre, atè a de menor valia; porque assim como agora nòs fazemos as contas por reais, assim se faziaõ naquelles tempos por livras; mas como desde ElRey D. Afonso Henriques, atè ElRey D. Afonso IV. naõ se pòde averiguar, quaes foraõ os Reys, que bateraõ estas livras, deixaremos assim as mesmas livras, como as outras Moedas, que dellas procedem, para o ultimo titulo deste Discurso, por continuarmos com as Moedas, que os Reys fizeraõ atègora conhecidamente.

§. XXIII.

Dobras delRey D. Sancho I.

A Moeda mais antiga, que se acha neste Reyno, he huma de ouro do tamanho de dous vinteis, e de peso, que 60. delles faziaõ hum marco, que vem a ser 500. reis da nossa Moeda, de huma parte tinhaõ esculpido ElRey D. Sancho a cavallo armado, e da outra as Armas de Portugal, na fórma que apontamos no Discurso da Nobreza. Destas Moedas tenho eu huma, e della se faz menção na[210] 3. p. da Monarquia Lusitana, a qual he a seguinte.

moeda

Outra semelhante anda esculpida nos discursos varios do Conego Gaspar Estaço;[25.] e àlem destas vi jà outras duas semelhantes, estas parece que eraõ as nossas Dobras antigas, atè o tempo delRey D. Pedro, porque naõ se achaõ outras Moedas daquelles Reys.

§. XXIV.

Moedas delRey D. Afonso IV.

Segundo parece do cap. 56. da Chronica delRey D. Fernando, naõ ouve mudança na Moeda deste Reyno, atè o tempo delRey D. Afonso IV. o qual com consentimento do Clero, e povo, fez os Dinheiros Alfonsis, mandando valessem doze dos outros, no que ganhou muito; porque vinha a fazer em cada marco de ganho quatro livras, e quatro soldos; e estas livras saõ as que parece temos agora com nome delRey D. Afonso humas batidas em Lisboa, porque tem hum L. ao pè do nome delRey, e outras lavradas no Porto; porque tem hum P. em lugar de L. Destas Moedas tenho muitas, e para exemplo fiz aqui esculpir huma.

moeda

O peso, que hoje tem esta Moeda de prata pela valia presente, he 40. reis; e esta he a mais antiga Moeda de prata dos nossos Reys, que tenho visto.

§. XXV.

Moedas delRey D. Pedro.

No cap. 11. da historia delRey D. Pedro se diz, que este Rey mandou fazer Dobras de ouro fino, que 50. dellas faziaõ hum marco, e cada Dobra destas tinha quatro livras, e dous soldos. Este marco era de ouro, e valia entaõ 7380. porque tanto vem a montar as 50. Dobras, que diz o Chronista faziaõ hum marco, contando a 82. soldos cada Dobra, que tanto saõ as quatro livras, e dous soldos, que valia cada Dobra, contando a 20. soldos cada livra.[211] E assim se tomarmos estas Dobras conforme o que entaõ valia o marco de ouro, eraõ agora da nossa moeda 147. reis, e tres quintos de Real; porque valia cada dobra 82. soldos dos primeiros, os quaes a dez seitijs, e quatro quintos de seitil cada hum, vem a fazer os ditos 147. reis, e tres quintos de real, porèm se fizermos a conta conforme a

valia do marco de ouro, que saõ 30U000. reis, tinha cada huma destas Dobras 600. reis de peso; pois 50. dellas pesavaõ hum marco, e tanto pesaõ as Dobras daquelle tempo, que ainda hoje se conservaõ, de que eu tenho huma.

Fez o mesmo Rey D. Pedro outra moeda, que chamou meyas Dobras, e tinha 41. soldos, que conforme à computaçaõ acima dita, valiaõ 73. e meyo, e tres decimos de real, das quaes meyas Dobras 100. faziaõ hum marco de ouro, assim teraõ hoje de peso 300. reis.

No mesmo cap. II. se diz, que lavrou este Rey huma moeda de prata, a que chamavaõ Torneses, que 65. faziaõ hum marco de liga, e peso dos reaes delRey D. Pedro de Castella.

Outros Torneses fez mais pequenos, que entravaõ num marco 130. e de huma banda tinhaõ as Quinas, e da outra o rosto delRey com Coroa; e as letras de huma parte diziaõ: *Petrus Rex Portugalie, & Algarbi*: e da outra: *Deus adjuva me*; que eraõ os mesmos cunhos, e letras, que tinha nas suas Dobras. Valia o Tornès grande sete soldos, e o pequeno tres soldos, e meyo. Este nome de Torneses parece que deu ElRey D. Pedro a estas moedas à semelhança de huma moeda Francesa, que entaõ corria por toda Europa, e se lavrava em Tours, Cidade de França, e por isso se chamavaõ soldos Turonenses.

Outra moeda mandou bater ElRey D. Pedro, que chamavaõ Dinheiros Alfonsis de liga, e eraõ do valor, que fizera ElRey D. Afonso seu Pay.

§. XXVI.

Dos Gentis, Barbudas, Graves, Pilartes, e Fortes delRey D. Fernando.

ElRey D. Fernando fez huma moeda, que chamou Gentil,[212] que mandou valesse quatro livras, e meya, e depois outra que valia tres, e meya, e depois outros Gentis, que valiaõ tres livras, e cinco soldos. Pelo que contando as livras a 36. reis; porque eraõ das antigas, valiaõ os primeiros Gentis 162. reis, e os segundos 144.

reis, e os terceiros 126. reis, e os quartos 116. reis; e isto porèm a respeito do pouco que valia entaõ o marco de prata.

Quando ElRey D. Fernando fez a guerra a Castella serviraõ a ElRey D. Henrique o Nobre muitos Soldados Franceses, que vinhaõ armados de celadas, a que elles chamavaõ *Barbudas*; e traziaõ lanças com pendoens, que chamavaõ *Graves*; e traziaõ consigo Pagens para as celadas, a que chamavaõ *Pilares*; e querendo ElRey D. Fernando deixar memoria desta sua empreza, poz estes nomes, e insignias nas moedas, que mandou lavrar de novo[213]

A Barbuda era moeda do tamanho de quatro vintens, ainda que mais delgada; de huma parte tem huma celada com huma Coroa em cima, e o peito de malha, e à roda este letreiro: *Si Dominus mihi adjutor, non timebo*; e da outra parte huma Cruz das da Ordem de Christo, que toma todo o vaõ; nos quatro cantos da Cruz quatro Castellos, e no meyo da Cruz hum escudinho com as Quinas, e a letra: *Fernandus Rex Portugaliæ*; como se vè em algumas destas moedas, que tenho em meu poder.

moeda

Era a Barbuda moeda de prata muito ligada de ley de tres Dinheiros, e ElRey lhe poz preço de 20. soldos, que eraõ huma livra de 36. reis dos nossos.

Dos Graves 120. faziaõ hum marco, e valiaõ 15. soldos, que vem a ser 21. real dos nossos, e tinhaõ por divisa huma lança sobre os cunhos. Os Pilares eraõ tambem de prata de ley de dous Dinheiros, e valiaõ cinco soldos, que saõ da nossa moeda 13 reis, e dous seitijs.

Fez ElRey D. Fernando outra moeda, que chamou Fortes, que valiaõ 20. soldos, que saõ 29. reis, e dous seitijs, e meyos Fortes, que valiaõ 14. reis, e meyo, e hum seitil: assim mesmo mandou bater outros Torneses, a que chamaraõ Petites, palavra Francesa, que significa pequeno; donde se vè, que de França tomaraõ o nome, como tudo consta do cap. 56. da Chronica do mesmo Rey. E assim lavrou outras moedas antigas, das quaes se conservaraõ

algumas, que eu tenho jà referidas com valores sobidos; e queixando-se os povos do grande preço, que estas moedas tinhaõ, e do pouco que pesavaõ, lhe abateo a valia a mais accommodados preços, como se diz no cap. 57. da mesma Chronica, convem a saber, que os Graves de 15. soldos dos Dinheiros Alfonsis, naõ valessem mais de 7. e a Barbuda de 20. soldos valesse 14. e os Pilares de 5. valessem tres, e meyo, e os Reaes de prata de 10. soldos valessem 8. E porque ainda estes preços eraõ grandes, tornou ElRey a fazer outra baixa, e mandou que a Barbuda, que jà estava em 14. soldos, valesse só dous, e 4. Dinheiros, que vem a ser quatro reis dos nossos, e o Grave 14. Dinheiros, que saõ dous, e dous seitijs; e o Pilarte 7. que he hum real, e hum seitil, e os Fortes 10. soldos, que saõ 16. reis, e 4. seitijs, e os Dinheiros, que de novo lavrara, que valessem como Mealhas.

§. XXVII

Das moedas delRey D. Joaõ o I.

ElRey D. Joaõ I. sendo Defensor do Reyno, como se vè no cap. 49. e 50, da I. p. de sua Chronica, mandou lavrar Reaes de prata de ley de 9. Dinheiros, que 72. delles faziaõ hum marco; e depois mandou lavrar outros de ley de 6. Dinheiros, e depois outros de 5. ficando sempre na mesma valia, e ganhando o mais. E com tudo isso o povo, pelo amor, que tinha a ElRey respeitou tanto esta moeda, ainda que cheya de tanta liga, que diz o Chronista, que muitos traziaõ depois estes Reaes de prata ao pescoço, como cousa santa, affirmando que lhe valia contra as enfirmidades.

Depois mandou o mesmo Rey, sendo ainda Defensor, lavrar Reaes de ley de hum Dinheiro, que valia cada hum dez soldos, e depois destes mandou fazer outros Reaes de tres livras, e meya, e de dez Dinheiros, e meyo, e o mesmo se vè do cap. 5. da 2. p. de sua Chronica.

Quando depois ElRey quiz tomar Ceita, mandou lavrar os primeiros Reaes brancos, que cada hum delles valia dez Reaes de

tres livras, e meya, e eraõ de ley de dez Dinheiros, e 62. faziaõ hum marco.

Depois que veyo de tomar Ceita, dizem alguns mandou lavrar os seitijs, a quem deu este nome, em memoria do nome de Ceita, que entaõ conquistàra, ainda que outros dizem, que por valerem a sexta parte do Real, se chamaraõ seitijs, e corruptamente seitijs.

§. XXVIII.

Moedas delRey D. Duarte.

Depois que as Livras chegaraõ a grande diminuiçaõ, como adiante veremos, mandou ElRey D. Duarte lavrar outra moeda mais grossa, que chegaraõ *Reaes brancos*; os quaes eraõ de cobre com liga doutro metal, que os fazia mais brancos, do que os nossos Reaes de cobre, tal, e por isso se chamaraõ *brancos*, como se collige da Ord.[214] §. 16. Mandou ElRey D. Duarte, que cada Real branco destes valessem hum Soldo dos antigos, e assim cada hum delles valia 35. Livrinhas, e 20. Reaes brancos faziaõ huma Livra antiga das 700. a este respeito valia cada Real destes da nossa moeda dez seitijs, e quatro quintos de seitil pois 20. delles valiaõ 36. que he huma Livra das mayores.

Quando o mesmo Rey mandou bater estes *Reaes brancos*, parece que mandou juntamente bater outra moeda, a que chamou *Pretos*; dez dos quaes valiaõ hum Real branco; porque jà que se mudavaõ os soldos em Reaes brancos, pareceo conveniente, que se mudassem os Dinheiros em Preto; e este nome de *Preto*, parece que foy posto por diferença dos *Brancos*, e deviaõ tambem ser mais pretos, porque naõ teriaõ a liga do metal, ou de estanho, como tinhaõ os brancos. A valia, que estes primeiros Pretos tinhaõ, confórme à nossa Moeda, he a mesma de hum Seitil, e quatro cincoentavos de Seitil. Porque a mesma Ordenaçaõ diz, que hum Real destes brancos valia dez Seitis, e quatro quintos de Seitil; e como dez Pretos valiaõ hum Real branco, bem se infere, que hum Preto destes primeiros tinha hum Seitil; e o que lhe cabia dos quatro

quintos do Seitil, que saõ quatro cincoentavos de Seitil. Tambem este Rey mandou lavrar escudos de ouro baixo.

§. XXIX.

Das Moedas delRey D.Afonso V.

Na Chronica delRey D, Afonso V. cap. 138. se diz, que em tempo delRey Duarte se lavraraõ escudos de ouro baixo, que nos Reynos estranhos se tomavaõ com muita difficuldade. E ElRey D. Afonso quando aceitou a Cruzada, para ir à Terra Santa, mandou lavrar de ouro sobido de toda a perfeiçaõ a Moeda dos Cruzados, a qual mandou sobir em peso, e naõ em preço dous graõs sobre todos os Ducados da Christandade, para assim poderem correr em todas as partes onde elle fosse. Destes cruzados ha ainda hoje muitos, e saõ buscados para dourar com elles pela sua muita fineza; e alguns, que me vieraõ à maõ, tem de huma parte huma Cruz, como a de S. Jorge com letras, que dizem: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*; e da outra o escudo Real coroado, metido ainda na Cruz de Aviz com estas letras: *Cruzatus Alfonsi Quinti R*. O nome de Cruzado parece lhe deu por ser feito para a empreza da Cruzada, que aceitàra.

Hum Real tenho deste Rey com a figura de sua empreza, que era hum rodizio de hum moinho correndo com o impeto da agoa, a qual empreza usou em muitas partes, e principalmente no Mosteiro de S. Francisco de Varatojo junto a Torres Vedras, onde se elle retirou, por ser sitio muy aprazivel com a vista do mar, e muita caça da Coutada de Cintra, aonde esta empreza se ve pintada em muitos lugares da Igreja, e das officinas da casa; as letras da empreza dizem o que estava na mesma figura: *He rodizio*; porque se prezava este Principe de taõ comedido, que queria ser advertido dos erros para se emendar delles.

Fez ElRey D. Afonso V. humas Moedas do cobre chamadas Espadins do tamanho de Real, que de huma parte tem no meyo huma maõ com huma espada com a ponta para baixo, e pela roda este letreiro: *Alphonsus Dei gratia, Rex P.* e da outra parte o escudo

Real sobre a Cruz de Aviz, e as letras dizem: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*.

Esta Moeda mandou lavrar ElRey D. Afonso V. em memoria da Ordem da Espada, que instituio para a Conquista de Fez;[215] na mais alta torre da qual se dizia, que estava huma espada engastada por hum antigo Astrologo dos Mouros, com pronostico, que quem pelo valor das armas dalli a tirasse, avia de ser Senhor do Mundo. Destas Moedas tenho muitas, assim de prata, como de cobre, como se ve na presente.

moeda

Outra Moeda ha deste Rey de prata do tamanho de hum vintem, que de huma parte tem as Quinas sómente, e o letreiro à roda diz: *Alphonsi Quinti Regis Por.* e da outra hum A. grande Gotico, que he a primeira letra do nome delRey, e em cima huma Coroa, e à roda: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*.

Outra Moeda de prata se acha sua do tamanho de quatro vinteis, mas naõ de tanto peso, a qual de huma parte tem o escudo Real sobre a Cruz de Aviz, e o letreiro à roda diz: *Alphonsis Dei gratia Rex Por.* Da outra banda estaõ as armas quarteadas de Castella, e Leaõ; e o letreiro à roda diz: *Alphonsus Dei Gratia Rex Por.* Esta Moeda se lavrou no tempo, que ElRey D. Afonso pretendia o Reyno de Castella pelo casamento da Excellente Senhora; e por isso usava das armas de Castella, e do titulo do mesmo Reyno.

Outra Moeda tenho sua de cobre da grossura de hum vintem pouco mayor, de huma parte tem hum A. Gotico grande debaixo de huma Coroa, e o letreiro: *Alphonsus Rex Portuguliæ*; da outra as Quinas sómente com as letras gastadas.

Outra Moeda se acha de cobre do tamanho de meyo vintem, mas de mayor grossura com outro A. Gotico, e huma Coroa por cima, e da outra banda as cinco Quinas em Cruz, e ambos os letreiros dizem: *Alphonsus Rex Portugalliæ*.

Outra fórma de Moeda ha, que de huma parte tem huma Cruz da maneira das Commendas de Christo, com o letreiro: *Alphonsus*; e da outra os cinco escudetes em Cruz atravessados, e taõ largos, que os quatro fazem entrar os braços da Cruz pelo lugar do letreiro da borda atè o fim, e o letreiro, qua vay entre os quatro escudetes, diz: *Rex Portugal*. Outras Moedas se bateraõ em tempo do mesmo Rey, de que adiante com as Livras se faz particular mençaõ.

§. XXX.

Moedas delRey D. Joaõ o II.

ElRey D. Joaõ II. mandou lavrar Moedas novas no anno de 1485. [216] a primeira foy huma de ouro, que chamaraõ *Justo* de ley de 22. quilates, e peso de 600. reis, que eu tenho, e de huma parte tem nella o escudo Real jà com as Quinas direitas sem a Cruz de Aviz; e foy esta a primeira vez, em que assim appareceo o escudo Real, depois delRey D. Joaõ I. o qual como foy Mestre de Aviz, poz o escudo Real no meyo da Cruz daquella Ordem, e as letras dizem: *Joannes Secundus R. Portugal. Algar. Dominus Guinè*; que he: Joaõ II. Rey de Portugal, e Algarve, Senhor de Guinè; o qual titulo tomou tambem no mesmo anno: da outra parte estava ElRey armado, assentado em cadeira Real com huma espada na maõ, e as letras à roda diziaõ: *Justus ut palma florebit*: o justo fllorecerà como a palma, deste letreiro parece lhe deraõ a esta Moeda o nome de *Justo*.

Mandou lavrar tambem *Espadim* douro da ley dos Justos, e da ametade da valia, que eraõ 300. reis, e tinha de huma parte as mesmas armas, e titulos, que os Justos, e da outra huma maõ com huma espada nûa com a ponta para cima; e por letra: *Dominus protector vitæ meæ, à quo trepidabo?*

Fez tambem meyos Reaes de prata de ley de onze Dinheiros, a que depois chamaraõ Vinteis, por valerem 20. reis, e fez meyos Vinteis, e Cinquinhos, que valiaõ cinco reis: tambem lavrou Reaes de cobre da valia dos que agora correm. Destes Reaes ha alguns, em que està esculpido o Pelicano dando a beber aos filhos o sangue de seu peito, que foy a empresa deste Rey com a letra: *Pela ley, e pela grey*: dando a entender, que derramaria o sangue em defensaõ da Fè, e de seus vassallos.

Os Pelicanos saõ Aves quasi nunca vistas em Europa; com tudo eu vi hum em Evora em casa do Senhor D. Duarte tio de ElRey Dom Joaõ o quarto, que lhe viera de Angola; e ainda que estava morto, tinha todas as pennas, e só lhe faltavaõ os intestinos, que para o conservarem, lhe tiraraõ, era mayor que huma Cegonha, e quasi

com as mesmas pennas brancas, e negras; no peito tinha hum callo, tamanho como hum Cruzado, dos que agora correm, vermelho, e naõ muito duro; por onde parece que por alli rompe algumas veyas com o bico, que he muito grande, para naturalmente sustentar seus filhos; como dizem os Escritores, de maneira, que naõ lhe deve de causar esta acçaõ morte, porque parece cousa natural.

Outros *Espadins* fez bater prateados, que valiaõ quatro reis. Mandou lavrar Cruzados, que valiaõ 390. e ElRey D. Manoel os acrescentou a 400. no valor anno de 1517.

§. XXXI.

Das Moedas delRey D. Manoel.

Damiaõ de Goes aponta no cap. ult. da Chronica delRey D. Manoel as Moedas que fez, que saõ as seguintes.

No anno de 1499. mandou tambem bater os Portugueses de ouro de 24. quilates, que era a mesma ley dos Cruzados desdo tempo delRey D. Afonso V. e cada hum delles tinha dez Cruzados de valor; e de huma parte tinhaõ a Cruz da Ordem de Christo com letras, que diziaõ: *In hoc signo vinces*; e da outra o escudo Real coroado, e dous letreiros; o do circulo mayor dizia: *Primus Emanuel Rex Portugalliæ; Algarbiorum, citra, & ultra in Africa, & Dominus Guinè*. O do circulo menor: *Æthyopiæ, Arabiæ, Persiæ, Indiæ*.

No mesmo anno mandou lavrar huma moeda de prata de ley de 15. Dinheiros, que 70. faziaõ hum marco, e valia 33. cada huma. Esta moeda chamaraõ *Indios*; e tinha de huma parte a mesma Cruz, e letreiro, que os Portugueses, e da outra as armas do Reyno com o letreiro: *Primus Emmanuel*.

No anno de 1504. fez os Portugueses de prata de valor de 400. reis cada hum com os mesmos letreiros, e cunhos, que os Portugueses de ouro: e destes mandou fazer meyos, e quartos, que saõ os Tostoens com o mesmo escudo, e letreiro, que os Portugueses douro. Chamaraõ-se Tostoens à imitaçaõ doutra semelhante moeda de França, a qual por ter por divisa huma

cabeça, que os Franceses chamaõ *Teste*, se lhe deu o nome de *Testaõ*, e corruptamente *Tostaõ*.

Depois no anno 1517. fez meyos Tostoens, que de huma parte tem os cinco escudos das Quinas sem Castellos, e da outra huma Cruz, e de ambas as bandas diz o letreiro: *Primus Emmanuel R.P. & A. D. G.* Manoel primeiro Rey de Portugal, e Algarve, Senhor de Guinè.

Continuou os Cruzados do mesmo peso, e ley delRey D. Afonso V. e delRey D. Joaõ II. e nos vintens, e seitijs.

Fez Reaes de cobre de seis seitijs cada Real, que de huma parte tinhaõ hum R. debaixo de huma Coroa, e da outra o escudo das armas do Reyno com estas letras: *Emmanuel Rex Portugaliæ, & A. Dominus Guinè*.

Teve ElRey D. Manoel por empresa a Esphera, que vulgarmente se chamava entaõ *Espera*, e lha deu ElRey D. Joaõ II. como em pronostico da Coroa. Pelo que depois de ser Rey, mandou lavrar huma moeda de ouro, que de huma parte tem esculpida huma Esphera, e da outra huma Coroa com huma letra, que diz: *Mea*; com que parece quiz denotar, que a Esphera que ElRey D. Joaõ lhe dera por empresa, alcançou elle por obra, descobrindo, e conquistando a India, e o Brasil, de maneira, que ficaraõ sendo sua Coroa as quatro partes do mundo, que comprehende a Esphera. Pelo que alludindo a este Senhorio, usando da palavra *Mea*, segundo parece, por ser de S. Paulo, que chama aos Philippenses, a quem converteo: *Gaudium meum, & Corona mea*: meu contentamento; e noutra parte 1. aos Philippenses 2. *Quæ enim est nostra spes, aut Gaudium, aut Corona gloriæ, nonne vos, &c*. Donde parece que quiz dizer, que a sua gloria, e coroa, foy o novo descobrimento, e conversaõ do mundo. Na India depois de tomada Goa, mandou o Governador Afonso de Albuquerque fazer algumas moedas com o nome delRey D. Manoel, assim de ouro, como de prata, e cobre, às quaes poz o nome *Espheras*; que de huma tinhaõ a Cruz da Ordem de Christo, e da outra a Esphera, que era empresa delRey, como jà dissemos; pesava a Esphera de prata dous vintens, e outra ametade, a que chamavaõ *Mea Esphera*, nesta conformidade.

moeda

As moedas de cobre poz nome *Leaes*, e outras Dinheiros, tres dos quaes valiaõ hum Leal; e de ouro mandou lavrar Cruzados, como se vè nos Comentarios de Afonso de Albuquerque p. 2 cap. 26.

§. XXXII.

Das Moedas delRey D. Joaõ III.

Posto que na Chronica delRey D. Joaõ III. se naõ faz mençaõ mais, que das moedas de cobre, que elle mandou lavrar, com tudo consta de outras muitas, que fez bater de todos os metaes, e particularmente a moeda de ouro chamada S. Vicente, que era de peso de 1U000. reis, e de huma parte tem a figura de S. Vicente com huma nào na maõ esquerda, e huma palma na direita com letras à roda: *Zelator usque ad mortem*; e he Zelador da Fè atè a morte; e da outra o escudo Real coroado com as letras: *Joannes Tertius Rex Portu. & Al.* Desta moeda se lavrou outra de ametade da sua valia, e com as mesmas insignias, que por isso lhe chamaõ Meyos S. Vicentes, como se vè da seguinte.

moeda

O titulo de Zelador da Fè, que teve nesta moeda, usou ElRey, por lho dar o Papa Paulo III. por o grande zelo, e instancia, com que pedio o Tribunal do Santo Officio da Inquisiçaõ para este Reyno, e como titulo hereditario usou tambem delle ElRey D. Sebastiaõ nas mesmas moedas, que em seu tempo mandou lavrar.

Fez outra moeda de ouro do peso dos Cruzados, a que chamaraõ *Calvarios*, por terem de huma parte huma Cruz comprida posta sobre hum monte, como ordinariamente a pintaõ no Calvario com estas letras: *In hoc signo vinces*; e da outra parte o escudo Real com Coroa, e o letreiro: *Joannes Tertius Port. & Al. R D. Guinè*.

Tambem na India se bateo outra moeda no anno 1548. governando Garcia de Sà, era de ouro de 20. quilates, e hum

quarto; entravaõ num marco 67. de huma parte tinhaõ as armas de Portugal com a letra: *Joannes III. Portug. & Al. Rex*; da outra parte a imagem de S. Thomè com a letra: *India tibi cessit*; della se faz mençaõ na 6. Dec. l. 7. c. 2.

Tambem anno 1555. governando D. Pedro Mascarenhas, se lavrou em Goa outra moeda de prata, chamada *Patacaõ*, que foy a mayor deste metal, que houve naquelle Estado, como se refere na 7. Dec. cap. 6. col 6.

Fez tambem de prata, a que vulgarmente chamamos moedas de dous vintens, que de huma parte tinhaõ huma Coroa, e debaixo o nome delRey nesta cifra: *Io. III.* e por baixo *XXXX.* e à roda estas letras: *Rex Portugaliæ Al*. e da outra huma Cruz de S. Jorge com as letras: *In hoc signo vinces*.

Fez tambem outra moeda destes Reaes de prata dobrados, a que ordinariamente chamamos quatro vintens, e tem as mesmas insignias, que os outros; só debaixo do nome delRey tem hum numero de 80. que he a valia dos 80. reis, e na cercadura diz: *Rex Portugaliæ, Al. D. G.*

No cap. 58. da 4. p. da Chronica delRey D. Joaõ III. se diz, que mandou continuar em Lisboa no lavramento dos Seitijs, que cada hum delles tinhaõ 18. graõs, e com os mesmos cunhos, que atè entaõ corriaõ. E assim mesmo mandou fazer Reaes, que valessem seis seitijs, e tinhaõ meya oitava de peso cada hum; e de huma parte tinhaõ no meyo letreiros, que em breve diziaõ: *Joannes Tertius Portugaliæ, & Algarbiorum Rex*; e da outra parte hum *R.* com huma Coroa em cima, que he a primeira letra do nome da mesma moeda, que he *Real*.

Outra moeda mandou fazer de peso de oitava, e meya, e tem huma Coroa por cima, e humas letras no circuito, que dizem: *Portugaliaæ, & Algarbiorum Rex Africæ*; e da outra hum escudo de Armas Reaes.

Fez *Patacoens* de cobre de cinco outavas, que valia dez reis: e de huma parte tinha o escudo Real coroado com letras, que em breve

diziaõ: *Joannes Tertius Portugaliæ, & Algarbiorum*; e da outra parte hum *X.* e ao redor: *Rex Quintus Decimus*.

§. XXXIII.

Moedas delRey D. Sebastiaõ.

DelRey D. Sebastiaõ hà varias moedas de ouro, como saõ as de 500. reis, que tem de huma parte huma Cruz da Ordem de Christo com as letras: *In hoc signo vinces*; e da outra o escudo com Coroa, e na cercadura: *Sebastianus I. Rex Portugaliæ*. Fez tambem a moeda dos Portugueses de dez Cruzados.

De cobre mandou lavrar os meyos reaes, os quaes tem hum R. de huma parte com huma Coroa em cima, e da outra estas letras: *Sebastianus*.

Outros meyos reaes tem de huma parte hum S. grande debaixo de huma Coroa, e da outra estas letras: *R. Sebastianus I*. Mandou o mesmo Rey por huma Provisaõ sua de 27. de Junho de 1558. e por outra de 22. de Abril de 157O. que se lavrassem de prata sómente Tostoens, Meyos tostoens, Vintens, e Meyos vintem, e que 24. Tostoens fizessem hum marco de prata, valendo cada Tostaõ 100. reis de seis seitijs o Real, e que tivessem as ditas moedas os mesmos cunhos, e letras, que atè entaõ costumavaõ ter as semelhantes; e do lavramento de cada marco de prata em moeda se tirassem 80. reis para os custos.

Tambem mandou abater as moedas de cobre, que ElRey D. Joaõ seu Avò lavràra; de maneira, que a moeda de dez reis, que chamamos Patacaõ, valesse sómente tres, e a moeda de cinco reis, ą tem hum V. valesse real, e meyo.

§. XXXIV.

Moedas delRey D. Joaõ IV.

ElRey D. Joaõ IV. quando tomou posse do Reyno, mandou lavrar os Cruzados de prata, que tem 400. reis; e os meyos Cruzados,

Tostoens, e meyos tostoens com o mesmo preço antigo, mas de menos peso: porque como a prata tinha em todas as Provincias do Norte muito mayor valia, que neste Reyno, levavaõ os Estrangeiros toda a prata de Portugal. E assim para se remediar este danno foy necessario levantar o preço do marco de prata, e diminuir o peso das moedas.

As moedas de ouro de quatro Cruzados, que ElRey de Castella D. Filippe, que chamaraõ o Bom, mandou lavrar neste Reyno, fez recolher no anno de 1642. e batellas de novo com o seu nome: *Joannes IV. D. G. Rex Portugaliæ, & Algarb.* e da outra parte a Cruz de S. Jorge; e nos quatro vaõs o anno de 1642. e à roda: *In hoc signo vinces*; e mandou que valessem tres mil reis.

Outras se lavraraõ, que tem ametade deste peso, e valor com as mesmas letras, e outras de quarto. E porque quando levantou o preço do marco de prata, senaõ pode recolher todo o dinheiro que entaõ corria, e trocallo por Moedas novas, se mandou cunhar com o algarismo do novo valor, esculpindo no Tostaõ 120. reis, e nos quatro vinteis 100. e no Meyo. tostaõ 60. e nos Reaes singelos, que chamavaõ de dous Vinteis 50. De novo se lavraraõ Vinteis com hum I. no meyo, que he a primeira letra do nome de ElRey por cifra: e tambem se lavraraõ dous Vinteis com o mesmo nome, e huma Coroa em cima, e da outra parte a Cruz de S. Jorge. Estas Moedas se bateraõ naõ sómente em Lisboa, mas em Evora, e no Porto, nas quaes Cidades se mandou de novo levantar casa de Moeda.

Demos felice remate a esta materia com a insigne Moeda, que o mesmo Rey mandou lavrar, depois que fez tributario o Reyno de Portugal à Igreja da Conceiçaõ de N. Senhora de Villaviçosa. Mandou lavrar huma Moeda grande de prata de mayor circumferencia, que os Cruzados de prata, que de huma parte tem a imagem de N. Senhora da Conceiçaõ com os pés na meya Lua sobre o globo, e de huma, e outra parte o Sol, e outras metaphoras, porque he invocada da Igreja, como saõ o Sol, o Espelho, o Horto concluso, a Casa de ouro, a Fonte selada, a Arca do Santuario, e as letras: *Tutelaris Regni*; e da outra as armas Reaes com a Coroa cerrada postas no meyo da Cruz da Ordem de Christo; e as letras: *Joannes Quartus D. G. Portugaliæ, & Algarbiæ Rex*. Pesa esta

Moeda 450. reis; outra mandou lavrar de ouro com a mesma escultura, e letra, de valor de 12U000. reis.

moeda

§. XXXV.

Moedas delRey D. Afonso VI.

ElRey D. Afonso VI. mandou lavrar moedas de ouro de quatro mil reis, de dous mil reis, e de dez tostoens. Mandou lavrar moedas de prata de valor de dous tostoens, de tostaõ, de quatro vintens, de meyo tostaõ, de vintem, e de dez reis tambem de prata. Marcouse depois a moeda de crusado em cinco tostões, a de dous tostoens em dusentos, e cincoenta reis, o tostaõ em cento, e vinte reis, e os quatro vintens em tostaõ. Tambem mandou lavrar cobre na forma cõmua.

§. XXXVI.

Moedas delRey D. Pedro II.

ElRey D. Pedro II. mandou lavrar moedas de ouro de quatro mil reis, de dous mil reis, e de mil reis. Mandou lavrar outras moedas de ouro de quatro mil, e quatro centos, de dous mil, e duzentos, e de mil, e cem reis. Mandou lavrar moedas de prata chamadas Cruzados, que valiaõ quatro centos reis, de dusentos reis, de tostaõ, de oitenta reis, de cincoenta reis, de quarenta reis, de vintem, e de dez reis de prata. Com o levantamento da moeda sobiraõ as moedas de ouro a quatro mil, e oito centos, as de dous mil, e dusentos a dous mil, e quatro centos, e as de mil, e cem reis, a mil, e dusentos reis. Os Cruzados de prata a quatro centos, e oitenta, os duzentos reis a duzentos, e quarenta reis, o tostaõ a cento, e vinte reis, os oitenta reis a cem reis, os cincoenta reis a sessenta reis, os quarenta reis a cincoenta reis, e as moedas marcadas de duzentos,

e cincoenta reis sobiraõ a trezentos reis, e as de cinco tostoens a seis centos reis.

Alèm do cobre na forma antiga, mandou lavrar outro sendo Regente do Reyno (pelo impedimento politico de seu Irmaõ ElRey D. Afonso VI.) que foraõ moedas de dez, de cinco, de tres reis, e de real, e meyo: eraõ estas moedas primorosamente cunhadas, tinhaõ de huma parte as Armas Reaes com estas letras: *Petrus D. G. P. Portugaliæ*, e no reverso o valor da moeda, e ao redor *Anno Regens. decimo quinto 1682*. No anno seguinte mandou lavrar outro cobre ainda mais primoroso, e do mesmo valor, com as letras: *Petrus D. G. P. Portugaliæ*, e no reverso *Anno sexto decimus regim. sui 1683*. Mas de humas, e outras moedas pela sua raridade naõ se devia bater grande copia.

Mandou lavrar outro cobre do mesmo valor, q̀ tem de huma parte *P. II.* com huma Coroa em cima, e a redor *D. G. Port. & Alg. Rex*; e no reverso o valor da moeda com estas letras *Utilitati publica*.

Para a America mandou lavrar como moeda provincial moedas de ouro de quatro mil reis, de dous mil reis, e de mil reis, de huma parte tem as Armas Reaes com estas letras *Petrus II. D.G. Portugaliæ Rex*, e da outra a Cruz de S. Jorge, e ao redor, *Et Brasiliæ Dominus Anno 1700*. Mandou lavrar moeda de prata de duas patacas, que valem 640. reis, patacas de 320. reis, como se vè da estampa seguinte.

moeda

Meyas patacas de 160. reis, quarto de pataca de 80. reis, e vintem. Tem todas de huma parte, *Petrus II. D. G. Rex, & Bras. D.* e da outra parte huma Esphera sobre huma Cruz de Christo com estas letras entre os braços da Cruz, *Subq signo nata stab.* que dizem que debaixo do sinal da Cruz naceo, e se estabeleceo a America, porque o primeiro nome, que se deo àquella terra, quando se descobrio, foy o de Santa Cruz, e depois se chamou Brasil por causa desta madeira. Mandou lavrar moedas de cobre de vinte reis, e de dez reis, que tem de huma parte estas letras *Petrus II. D. G. Portug. R. D. Æthiop.* e na outra dous XX. entre huma especie de

quatro crecentes, em cujos vaõs hà quatro P. e ao redor, *Moderato splendeat usu. 1697*.

§. XXXVII.

Moedas delRey D. Joaõ V.

Sua Magestade, que Deos guarde, alèm das moedas de ouro, como as delRey D. Pedro II. mandou lavrar Cruzados novos de ouro, que tem de huma parte duas palmas, e huma Coroa, e debaixo della *Joan. V.* e da outra a Cruz de Christo com as letras, *in hoc signo vinces*, se cunharaõ nas Minas moedas de vinte, e quatro mil reis, como mostra a seguinte estampa.

moeda

E, de doze mil reis, a qual moeda ordenou o dito Senhor, que senaõ lavrasse mais. Mandou lavrar moedas de doze mil, e oito centos reis, como se vè da estampa seguinte.

moeda

De seis mil, e quatro centos reis, de tres mil, e duzentos reis, de mil, e seis centos reis, de oito centos reis, e de quatro centos reis; todas com a sua Imagem, e ao redor *Joannes V. D. G. Port. & Alg. Rex*, e no reverso as Armas Reaes com as palavras, *in hoc signo vinces*: agora naõ costumaõ trazer as ditas letras.

Mandou lavrar duas sortes de cobre: a primeira de dez reis, de cinco reis, de tres reis, e de real, e meyo: tem de huma parte a Coroa Real, e debaixo della estas letras *J. V.* e ao redor *D. & Port. & Alg. Rex*, e da outra o valor da moeda com as letras, *Utilitati publicæ*. A segunda tem o Escudo das Armas Reaes com estas letras ao redor, *Joannes V. Dei gratia*, e da outra o valor da moeda, e as letras *Portugaliæ & Algarbiorum Rex*.

Tambem mandou lavrar cobre para o Brasil de vinte reis, e de dez reis. Tem de huma parte dous XX. com a Coroa Real em cima, e as

letras ao redor, que dizem, *Joannes V. D. G. P. & Bras. Rex*, e da outra tem huma Esphera com estas letras, *Pecunia totum circuit orbem*. Mandou fazer outra sorte de cobre de dous vintens, e de vintem, que tem o Escudo das Armas Reaes, sem a cercadura dos Castellos com as letras *Joannes V. D.G.P. & Bras. Rex*, e no reverso tem XL. com estas letras *Æs usibus aptius anno. 1722*.

De todas as moedas dos nossos Reys, e de muitas Medalhas, que mandaraõ abrir veraõ os Curiosos hum completo Tratado em laminas de buril no Tomo IV. da Historia Genealogica da Casa Real de Portugal, composto pelo P. D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, Qualificador do Santo Officio, e Academico Real do numero, que jà està impresso, e brevemente sahirà à luz.

§. XXXVIII.

Das Livras

Livra he a Moeda, de que se acha mais antiga relaçaõ, como se ve da Ordenaçaõ Velha liv. 4. t. 1. Esta Moeda parece, que era de prata, como ainda hoje o he em França, e Alemanha, donde os Officiaes da Moeda parece vieraõ a este Reyno; e à sua imitaçaõ a deviaõ introduzir cà os nossos Reys, como fizeraõ outras muitas cousas à semelhança de Inglaterra, e França, àlem de trazer de là principio o Conde D. Henrique, e muitos dos seus com elle: e assim nos ficaraõ muitas cousas da lingua, e costumes dos Franceses. O nome de Libra he latino, e significa peso de doze onças; desta quantidade lavraraõ os Romanos a primeira Moeda, como diz Plinio lib. 33. cap. 3. e o tem Covarruvias de Numismate, Gregor. Agricola, Budeu, e Leto. Donde parece que do *livra* latino se derivou o nome às Livras das outras Provincias, e a estas de Portugal.[217]

Todas as Livras, que se lavraraõ atè o anno de 1395. em que reynava ElRey D. Joaõ I. foraõ da mesma valia. Por tanto mandou ElRey D. Duarte por Ordenaçaõ, que pelas Livras atè este anno se pagassem 20. Reaes brancos dos primeiros, os quaes Reaes brancos, como diz a dita Ordenaçaõ liv. 4. t. 1. §. 17. valia cada hum dez Seitis, e quatro quintos de Seitil: e assim 20. Reaes destes

brancos vem a montar 216. Seitis, que a seis Seitis o Real tornaõ agora 36. Reaes dos nossos; e tanto valia cada Livra atè este tempo.

Porèm vendo-se ElRey D. Joaõ I. apertado pelos muitos gastos das guerras, fez lavrar as Livras de menor peso; e com tudo lhes deu a mesma valia, como tambem fizeraõ antigamente os Romanos, segundo Plinio no lugar referido; porque sendo a sua primeira Livra de doze onças de peso, e valor; depois pelas necessidades da Republica, as mandaraõ lavrar de duas onças de peso, e depois de huma onça sómente, mas todas com a valia de 12. onças. E assim ficou a Republica ganhando tanto dinheiro, que se desempenhou. O mesmo se conta delRey D. Henrique de Castella o Nobre no 4. livro da sua Historia cap. 10. Pelo que deste meyo se quiz valer o nosso Rey D. Joaõ; porque valendo as Livras, como dissemos 20. Reaes brancos dos primeiros, que fazem dos nossos 36. Reaes, estas segundas Livras, que mandou bater, naõ tinhaõ de verdadeiro peso mais que 25. reis, e 3. Seitis.

A estes dous generos de Livras chamaõ nas Escrituras do tempo delRey D. Duarte para cà, antigas, à diferença das outras, que depois se lavraraõ de muito menor valia. De maneira, que vieraõ a tanta diminuiçaõ, que pelas primeiras Livras antigas se mandaraõ pagar 700. das Livrinhas pequenas atè o anno de 1395. e deste anno por diante se mandaraõ pagar por estas segundas Livras antigas 500. Livras das pequenas.

§. XXXIX.

Das Livras de dez Soldos.

Para se entenderem bem as especies das Livras, de que tratamos, avemos de presuppor, que assim como ElRey D. Duarte mandou pagar pelas duas diferenças de Livras mais notaveis, e antigas a 700. Livrinhas por huma, a 500. Livrinhas por outra; assim para entenderem bem, e evitarem embaraços, redusiraõ outras quaesquer especies de Livras a este genero de Livrinhas.

Depois das Livras antigas jà ditas se lavrou huma moeda, que chamaraõ Livra de dez Soldos, a qual era de cobre, e tinha a decima parte da Livra mayor, e mais grande de 700. E assim valiaõ dez Livras de dez Soldos 700. Livrinhas. Chamavase de dez Soldos, porque quando se bateo, se lavraraõ huns Soldos, dez dos quaes faziaõ essa Livra. Prova-se isto por muitas Escrituras antigas; e em particular pelo livro dos Anniversarios velho da Sè de Evora, que começou no anno de 1442. em que està huma verba em 15. de Agosto, que diz: Neste dia fazem Aniversarios por N. e saõ para este Anniversario 50. Soldos antigos, e outo Livras de moeda de dez Soldos; e diz o Contador em baixo, como costuma, que por este Dinheiro recebe 1810. Livrinhas. Pela qual conta se mostra o que temos dito; porque os 50. Soldos antigos valiaõ a 25. Livrinhas cada hum, como diremos em seu lugar. E assim formaraõ 1250. Livrinhas; e as outo Livras de dez Soldos, contadas a 70. Livrinhas cada huma, vem a fazer 560. Livrinhas, que com as 1250. dos Soldos antigos jà ditos, vem a somar as 1810. Livrinhas, que o Contador diz, que recebeo.

Resta averiguar quanto valia esta Livrinha de dez Soldos a respeito da nossa moeda hora corrente, que facilmente se mostra da valia, que temos provado acima na Livra grande de 700. Porque se a Livra grande valia 36. reis; esta, que he a sua decima parte, valeria a tres, e meyo, e tres quintos de Real.

§. XXXX.

Das outras Livras, que valiaõ dez Livrinhas sómente.

Consta tambem por Escrituras antigas, que havia outras Livras, cada huma das quaes valia sómente dez Livrinhas das pequenas. O que se vè claramente do livro das contas dos Anniversarios da Sè de Evora, que servia no anno de 1464. na addiçaõ de 9. de Setembro, e assim ficavaõ valendo estas Livras, confórme a nossa moeda, cada huma meyo real, e seis setimos de seitil.

Outra moeda havia de cobre chamada de tres Livras, e meya, porque valia tres Livras, e meya destes de dez Livrinhas, que agora

dissemos. E assim valia esta moeda 35. Livrinhas das pequenas. Nesta moeda fallaõ muitas escrituras antigas; e em particular o livro das contas dos Anniversarios do Cabido de Evora no lugar acima referido de 9. de Setembro de 1464. e outro em 17. de Dezembro, em que diz se davaõ para aquelle Anniversario 80. Livras de tres Livras, e meya; e diz o Contador abaixo, que recebeo por estas 80. Livras 2800. Livrinhas. Pelo que consta que valia cada huma destas 35. Livrinhas, como fica dito. E assim ficavaõ valendo da nossa moeda hum Real, e meyo, e hum seitil, e quatro quintos de seitil.

As ultimas, e mais pequenas Livras, foraõ estas, a que chamamos Livrinhas. Estas foraõ taõ diminuidas, e de taõ pouco valor, que como fica dito, mandou ElRey D. Duarte, que se pagassem 700. dellas por huma das mais antigas atè o anno de 1395. e 500. por cada huma das Livras antigas do dito anno por diante. O que cada huma destas Livrinhas valia a respeito do nosso Real, se pode provar desta maneira. Setecentas destas valiaõ huma Livra antiga, que dissemos tinha 36. reis da nossa moeda, logo he necessario, que repartamos 36. reis por 700. partes, e o que vier a cada parte, isso serà o que valia cada Livrinha. Para esta repartiçaõ se fazer mais cõmoda, faremos primeiramente cada Real dos 36. em 20. partes, que montaõ 720. partes. Estas partidas por 700. Livrinhas, vem a cada huma 20. partes de Real, e dous setentavos de 20. partes de Real. Esta he a valia, que tinhaõ, nem he de espantar haver moeda taõ meuda, pois havia Mealhas, como adiante veremos, que valiaõ meyo seitil; e assim hum Real valia doze Mealhas. E alèm disso pòde bem ser, que no peso fossem tamanhas como seitil, ou Mealhas, e a valia fosse esta sómente, ou o que mais he de crer, estas moedas modernas foraõ as que cresceraõ na valia, sendo de pequeno peso. Estas Livrinhas parece que jà as não havia em tempo delRey D. Duarte; porèm para mòr commodidade reduziaõ a ellas todas as contas, como hoje fazemos dos Reaes, não havendo jà quasi nenhuns entre nòs. E assim durou contar-se por ellas muitos annos adiante.

§. XXXXI.

Dos Soldos.

Havia antigamente, antes do anno de 1395. outra moeda mais meuda, a que chamavraõ Soldos, 20. dos quaes valiaõ huma Livra antiga de 36. reis; o que se collige da dita Ordenação §. 1. em que se diz, que ElRey D. Duarte mandou pagar 20. Reaes brancos por esta Livra mais antiga, e mandou que cada Real branco valesse hum Soldo. Bem se infere logo que 20. Soldos, era huma Livra. O mesmo consta do livro primeiro das Sisas, em que ElRey diz, que lhe pagaraõ de Sisa dous Soldos por Livra. E na Addiçaõ delRey D. Afonso V. se explica logo, que esta conta vem a ser a decima parte: por quanto huma Livra tinha vinte Soldos. Valia este Soldo da nossa moeda hum Real, e quatro seitijs, e quatro quintos de seitil.

Tambem havemos de presuppor, que as outras Livras, que se foraõ lavrando, como foy a Livra antiga de 500. e a Livra de 10. Soldos, tiveraõ tambem seu Soldos ao mesmo respeito. E assim quando se lavrou a Livra de 500. se lavrarão os segundos Soldos, que tambem eraõ 20. por Livra. O que se prova por muitas Escrituras antigas, particularmenre da Sè de Evora do anno de 1442. e do de 1462. nos quaes se contaõ todas as Livras antigas a razaõ de 500. Livrinhas, e os Soldos a razão de 25. Livrinhas; e assim 20. delles fazem as 500. Livrinhas, e valiaõ estes Soldos da nossa moeda hum Real, e dous setimos de Real.

Este nome Soldo se tomou dos Latinos, os quaes chamavaõ: *Solidum*, àquillo que era totalmente perfeito; e por isso deraõ este nome a certo genero de Moeda, que tinha na valia aquillo, que verdadeiramente pesava. Esta Moeda correo por todo o Imperio, como as outras de Roma. E assim Santo Isidoro nas Ethymologias mostra, que corria em Espanha no seu tempo. Em França ainda hoje ha Moeda deste nome, posto que de diferente metal, e peso; e deste principio nos devia de ficar o nome *Soldo*.

§. XXXXII.

Dos Dinheiros.

O Nome, *Dinheiro*, se corrompeo de *Denarius*, Moeda Romana, a quem se deo este nome, por valer dez *Assis*. E ainda hoje em Espanha ha em Valença certa Moeda, que chamaõ *Dinheiro*, 23. dos quaes valem hum Real de prata Castelhano. Estes nossos de Portugal antigos valiaõ atè o tempo delRey D. João I. doze delles hum Soldo daquelles, que 20. faziaõ a Livra mais antiga, como consta da Chronica delRey D. Fernando cap. 55. Nem obsta o que diz a Ordenação já dita §. 17. em que affirma, que o Soldo valia dez Dinheiros, e 4. quintos de Dinheiro, porque a Ordenaçaõ falla pouco mais, ou menos; e naõ avia que se fizesse Moeda miuda, que ao justo naõ viesse a montar o Soldo em 11. ou 12. ou 14. Pelo que se ve claramente, que mais aviaõ de ser os Dinheiros, que dez: e pela Chronica jà dita consta que eraõ doze, e assim mesmo dos livros das contas dos Anniverssarios do Cabido de Evora a 20. de Novembro de 1464. De modo que o justo preço deste Dinheiro era hum Seitil menos hum decimo.

Ouve outros Dinheiros, doze dos quaes valiaõ hum Soldo de 25. Livrinhas, como se prova pelas Escrituras antigas, e cada Dinheiro destes valia duas Livrinhas, e hum duodecimo de Livrinha: e assim doze Dinheiros destes valiaõ hum Soldo de 25. Livrinhas, e na nossa moeda valia este segundo Dinheiro meyo Seitil, e hum quadrigesimo segundavo de Real.

Ouve outra Moeda chamada Dinheiro Alfonsim, pela mandar bater ElRey D. Afonso o IV. como se ve da Chronica delRey D. Fernando cap. 55. e referese no mesmo lugar, que ElRey D. Afonso mandou, que nove destes Dinheiros valessem hum Soldo, e 20. Soldos huma Livra das mais antigas de 36. Estes Dinheiros eraõ do mesmo peso, que os velhos, mas na valia lhe levavaõ os velhos ventagem, pois 9. delles mandou ElRey que valessem hum Soldo; e dos velhos 12. valiaõ hum Soldo. Supposto isto, podemos dizer, que estes Dinheiros Alfonsis se os considerarmos, segundo o peso, valeraõ da nossa Moeda hum Real menos hum Decimo; porèm se os tomarmos segundo a valia que lhe ElRey deu, valeriaõ da nossa Moeda hum Real, e hum quinto de Real; porque todo o Soldo antigo, val, como fica dito, dez Seitis, e quatro quintos de Real, que saõ 54. quintos; os quaes repartidos por 9. vem a cada hum seis quintos, que he

hum Real, e hum quinto de Real; e tanto he a sua justa valia, confórme à nossa Moeda. Esta Moeda parece que naõ correo mais, que em tempo delRey D. Afonso IV. e que tornaraõ logo a valer doze destes Dinheiros hum Soldo; porque a este preço os mandou pagar ElRey D. Duarte atè seu tempo.

Depois disto no anno de 1446. se bateraõ outros Reaes brancos, àlem dos que temos dito, que bateo ElRey D. Duarte, os quaes ainda que tinhaõ a mesma valia, eraõ de menor peso, e quantidade de metal.

E no de 1453. se bateraõ outros Reaes brancos de menor peso, que os primeiros, e segundos, mas da mesma valia.

E finalmente no anno de 1462. se fizeraõ outros Reaes brancos, que tinhaõ a mesma valia, que os acima ditos, sendo de muito menor peso, que os primeiros, segundos, e terceiros. Desta diversidade de Reaes nasceraõ grandes queixumes; porque as pessoas, que tinhaõ contratado antes do anno de 1446. diziaõ que se lhes naõ satisfaziaõ os Reaes brancos, que lhes deviaõ por quaesquer outros Reaes brancos modernos dos segundos, ou terceiros, ou quartos; porque sempre se lhes ficava defraudando a divida. De maneira que se hum homem tinha aforado no anno de 1440. humas casas por 20. Reaes brancos, naõ queria aceitar no anno de 1463. 20. Reaes brancos dos ultimos; dizendo que quando elle aforàra por 20. Reaes, eraõ outros, que pesavaõ mais. Querendo ElRey D. Afonso V. acudir a estas duvidas, ordenou em Evora no anno de 1473. que pelos primeiros Reaes brancos se pagassem a razaõ de 18. pretos, que entaõ corriaõ, os quaes Pretos valiaõ tres quintos de Seitil; e assim vinha a ter cada Real destes brancos dez Seitis, e tres quartos de Seitil, como temos dito.

Pelos segundos Reaes brancos mandou ElRey pagar 14. dos ultimos, com que vinha a ter cada hum destes dous Reaes brancos, a valia de hum Real, e dous Seitis, e dous quintos de Seitil.

Pelos terceiros Reaes brancos mandou ElRey se pagassem doze pretos dos ultimos; e assim valia da nossa Moeda cada hum delles hum Real, e hum Seitil, e hum quinto de Seitil; o que se acharà multiplicando os tres quintos de Seitil, que dizemos val cada preto,

pelos doze pretos, que val cada Real, viraõ a montar 36. quintos, os quaes feitos em Seitis, vem a somar 7. Seitis, e hum quinto de Seitil, que he o que temos dito.

Pelos quartos, e ultimos Reaes brancos mandou ElRey pagar sómente dez pretos, que vem a montar seis Seitis, e assim tinhaõ a mesma valia, que hoje tem hum Real dos nossos; porque multiplicando dez vezes tres quintos de Seitil, que valiaõ aquelles Pretos, saõ trinta quintos de Seitil, os quaes feitos em Seitis, fazem seis Seitis; que he o que val o nosso Real, que agora corre.

Passados alguns annos, mandou ElRey D. Joaõ o II. lavrar outros Reaes de cobre sem liga alguma; e assim perderaõ o nome de brancos, e se chamaraõ Reaes correntes; e estes saõ os que ao presente correm neste Reyno, que cada hum delles vale seis Seitis.

Com os segundos Reaes brancos se bateraõ tambem segundos pretos; dez dos quaes valiaõ hum dos Reaes brancos segundos.

Provase isto, porque ElRey D. Afonso V. mandou pagar 18. pretos por hum Real branco primeiro, e se durassem os primeiros pretos não se podia ordenar esta ley; pois o seu primeiro preço foy valerem dez delles hum Real branco primeiro. Por esta razaõ se collige, que houve outros pretos de segundos, e terceiros Reaes brancos; porèm estes, confórme o que fica dito, naõ eraõ Reaes taõ bons, como os primeiros. E assim os dez pretos dos primeiros valeriaõ mais, que hum Real branco destes segundos, e terceiros; e dez pretos destes quartos, e ultimos naõ chegavaõ a valia destes segundos, e terceiros Reaes brancos, e por isso mandou ElRey pagar estes Reaes a razaõ de 14. e 12. pretos destes ultimos. Logo de força havemos de dizer, que assim como se batiaõ novos Reaes brancos, se batiaõ logo novos pretos. Resta agora resolver que valia cada preto destes, confórme à nossa Moeda. Isto fica claro pelo que dissemos, que cada Real destes tinha. Os primeiros Reaes valiaõ dez Seitis, e quatro quintos de Seitil, os segundos Reaes brancos valiaõ 8. Seitis, e dous quintos de Seitil, por onde o seu preto valia quatro quintos de Seitil, e dous cincoentavos de Seitil, os terceiros Reaes brancos valiaõ 7. Seitis, e hum quinto de Seitil, por essa razaõ valia o seu preto tres quintos de Seitil, e seis cincoentavos de

Seitil. Os quartos, e ultimos Reaes brancos valiaõ seis Seitis, pela qual razaõ valia o seu preto tres quintos de Seitil, como atraz dissemos.

§. XXXX.

Das Mealhas.

Consta do cap. 56. da Chronica delRey D. Fernando, em que se falla de muitas Moedas, que dos Dinheiros ultimos, em que jà temos fallado, se faziaõ as Mealhas, de modo que quem queria fazer Moeda mais pequena, que estes Dinheiros, partia hum Dinheiro pela ametade com huma thesoura, ou com qualquer outro instrumento, e ametade deste Dinheiro chamavaõ Mealha, ou Pogeja, e compravaõ com ella alguma cousa meuda. E assim que Mealha naõ era Moeda cunhada per si, mas ametade do dito Dinheiro, e com tudo a dita Ordenaçaõ falla nella, dizendo que valia meyo Seitil, o que he confórme temos dito, porque se hum Dinheiro daquelles valia Seitil, e a Mealha, que era ametade do Dinheiro, bem se infere, que teria ametade de hum Seitil, posto que a Ordenaçaõ falla, pouco mais, ou menos, por quanto o seu verdadeiro he dous quintos, e hum vigesimo de Seitil, que he ametade do que dissemos, que valia o dito Dinheiro.

§. XXXXI.

De outras Moedas Estrangeiras, que corriaõ no Reyno conforme á Ordenaçaõ.

Alèm das Moedas Portuguesas, que temos referido, diz a Ordenaçaõ velha, que tambem corriaõ outras, ainda que Estrangeiras, pela bondade de ouro, e peso, que tinhaõ, e nomea, àlem das Mouriscas, que dissemos, as Dobras de Sevilha, as de Leaõ, ou Maravidis Leoneses, as Dobras da Banda, as de Dona Branca.

As Dobras de Sevilha se diziaõ Sevilhantes[218] por ElRey D. Afonso o Sabio as mandar lavrar em Sevilha, nas quaes estava esculpido ElRey armado a cavallo com a espada na mão com huma letra à roda, que dizia: *Dominus mihi adjutor*; e da outra as Armas de Castella, e Leaõ; e à roda: *Alphonsus Dei gratia Rex Cas*. Esta pesava quasi tanto como a Dobra da Banda, segundo consta de huma, que tenho em meu poder.

As de Leaõ, ou Maravidis Leoneses pesaõ hoje 600. reis, como se vé de dous de ouro, que tenho de huma parte com hum Leaõ esculpido, e as letras, que dizem: *Petrus Dei gratia Rex Legionis*; e da outra hum Castello com as mesmas letras, e parece que ou pela esculptura, ou por serem batidos em Leaõ, se chamaraõ Leoneses.

As Dobras da Banda eraõ Castelhanas, e chamavaõ-lhes assim, porque de huma parte tinhaõ as Armas Reaes de Castella, e Leaõ quarteadas em Cruz, e da outra hum Escudo com huma Banda, que o atravessava do canto direito para o esquerdo, que foy a empresa delRey D. Afonso Undecimo de Castella, chamado das Algeziras, como jà dissemos nos Andradas, que trazem a mesma Banda por Armas. Esta Moeda valia entaõ 120. reis brancos dos primeiros, que confórme à nossa Moeda, fazem 216. porèm o ouro da Moeda, segundo o valor que tem o marco, pesa mais de 600. como se vè por experiencia em duas destas Dobras, que tenho em meu poder, huma, que se achou na Villa de Alhandra no anno de 621. e outra junto a S. Manços em huma herdade, que chamaõ a Mesquita, as quaes tem as insignias jà ditas, e de huma parte diz: *Joannes Dei gratia Rex Castellæ*, e da banda do Escudo: *Joannes Dei gratia Rex Legionis*.

As Dobras de Dona Branca se batiaõ em Sevilha, e se chamavaõ Dobras Cruzadas de Dona Branca, porèm dizem se fizeraõ com o dote da Rainha Dona Branca de Borbon, que ElRey D. Pedro engeitou. Destas Dobras se faz mençaõ no C. 11. da Chronica delRey D. Pedro, e valiaõ tanto como as Dobras inteiras, e que o mesmo Rey D. Pedro mandou lavrar, que como dissemos, pesaõ 600. reis.

Outras mandou bater o mesmo Rey, que pesavaõ ametade menos, como se vé de huma, que se achou em Evora, que eu tenho esculpida de huma parte com o rosto do mesmo Rey com Coroa sem barra, e da outra com hum Castello, as letras do primeiro circulo saõ: *Petrus Dei gratia Rex Legionis;* e da outra: *Petrus Dei gratia Rex Castelæ.*

NOTAS DE RODAPÉ:

[187] *Tacit. l. de Morib. Germ.*

[188] *Matth 13. 52.*

[189] *Moral. t. 2. l. 18. c. 71.*

[190] *Moral. tom. 2. l. II. c. 65.*

[191] *Moral. t. 2. l. 12. c. 2. & 4.*

[192] *Moral. l. 12. c. 9.*

[193] *Moral. l. 12. c. 10.*

[194] *Moral. l. 12. c. II.*

[195] *Moral. l. 12. c. 14.*

[196] *Dialogo 8.*

[197] *Moral, l. 12. c. 16.*

[198] *Dialogo 8.*

[199] *Moral. l. 12. c. 30.*

[200] *Moral. l. 12. c. 14.*

[201] *Dialogo 8.*

[202] *Moral. l. 12. c. 53.*

[203] *Moral. l. 12. c. 57. & 63.*

[204] *Moral. l. 12. c. 65.*

[205] *Moral. l. 12. c. 67.*

[206] *Ausenij Catalogus Urbium nobilium.*

[207] *Chron. delRey D. Ped. c. 11.*

[208] *Chron. do Conde D. Pedro de Meneses 1. p. c. 81.*

[209] *Moral. p. 3. t. 13. no principio averiguaçaõ do Maravedi.*

[210] *3. p. da Monarq. Lusit. l. 10. c. 7.*

[211] *Estas comparaçoens do marco de outro em 30U. reis era o valor, que tinhaõ quando se fez este Discurso, e o mesmo se entenda dos 2U600. reis ao marco de prata.*

[212] *Chron. delRey D. Joaõ I. 1. p. c. 49.*

[213] *Chron. delRey D. Fern. c. 56. e Chron. delRey D. Joaõ I. p. 2. c. 50*

[214] *Ord. Antig. t. 1. l. 4.*

[215] Fr. Hier. Romano Republ. Christ. l.c.

[216] *Chron. de D. Joaõ 2. c. 56.*

[217] *Todas as Computaçoens que neste Tratado se fazem das moedas antigas com as que agora correm, se entendem a respeito da valia do marco de prata de 2U600. e do ouro 60U. que tinhaõ quando este Tratado se compoz antes da felice acclamaçaõ de Sua Magestade.*

[218] *Chron. delRey D. P.c. 11.*

DISCURSO V

SOBRE AS UNIVERSIDADES de Espanha.

§. I.

Refere-se na Sagrada Escriptura,[219] que era proverbio em Palestina. *Qui interrogant, interrogent in Abellà*, com que se dava a entender, que quem quisesse ter verdadeira sciencia, e conhecimento das cousas, a fosse aprender a Abellà, porque esta era a Cidade daquella Provincia, onde havia escholas publicas de todas as Artes. O mesmo podemos dizer das nossas Universidades de Espanha; pois a ellas reconhecem todas as sciencias grande parte de suas perfeitas noticias, e nestas Academias se exercitaõ os engenhos Espanhoes de tal maneira, que naõ fizeraõ no mundo menos famosos pelas letras, que pelas armas. Alguns Authores procuraraõ escrever destas Universidades particulares Tratados, entre os quaes foraõ mais largos o Licenciado Afonso Garcia Mata-Moros, cuja obra anda no segundo tomo da *Hispania Illustrata*, e o Padre Andre Escoto no principio da *Bibliotbeca Hispana*, Estevaõ de Garibai no seu Compendio Historico lib. 16. cap. 10. e o Mestre Eugenio de Robles na vida do Arcebispo Cardeal D. Francisco Ximenes cap. 11. Porém occupados estes Authores com referir alguns Varoens doutos, que nas Universidades floreceraõ; dellas quasi naõ dizem mais, que os nomes, e ainda nestes faltaõ. Pelo que em graça dos estudiosos das boas letras apontarey neste Cathalogo as Universidades, que hà em cada Provincia de Espanha; quem foraõ os Fundadores, quãdo começarão, que Faculdades nellas se ensinaõ, e os Authores, que de cada huma mais particularmente escreveraõ.

§. II.

Principio das sciencias na Lusitania.

Elysa Neto de Noè, que he o mesmo Luso (porque o Ypsilon pronunciavaõ os Gregos por V.) foy o primeiro que povoou Espanha[220] dando principio à fundaçaõ de Lisboa, que delle tomou o nome *Elysea*, e os seus campos: *Elyseos*; e a Provincia *Lysitania*, & *Lusitania* como o provaõ Joaõ Goropio. Chamaraõ-se depois estes habitadores de Lisboa Turdolos, e multiplicando-se pelo tempo adiante, povoaraõ toda a terra de Andaluzia, onde retiveraõ o mesmo nome de Turdolos, e depois de Turdetanos; quasi Turdoletanos, ou Bolitanos, como os chama Apiano Alexandrino, ficando sempre aos de Lisboa o nome de Turdolos Veteres, ou antigos, por delles procederem os de mais. Por onde, confórme aos Antigos Geographos, naõ sómente se chamou Lusitania, e pertencia a esta Provincia toda a terra, que estava entre Douro, e Guadiana; mas do Oceano Setentrional, até o Mediterraneo de Valença: e por isso chama Estrabo[221] aos Lusitanos: *Gens amplissima*, suas palavras saõ: *Tagi verò regio ad Aquilonem spectans Lusitania est, inter Hispanos gens amplissima, & annis plurimis Romonorum armis oppugnata, hujus regionis latus Australe Tagus cingit; ab Occasu verò, & Septentrione Occeanus; ab Aurora Carpetani.* Da outra parte da Turdetania o confesa o mesmo Plinio,[222] affirmando que os Celticos de Espanha eraõ Colonias dos Celtiberos da Lusitania, como se vé destas palavras: *Quæ autem regio à Beti ad fluvium Anam tendit, extra prædicta, Beturia appellatur, in duas divisa partes, totidemque gentes, Celticos, qui Lusitaniam attingunt Hispalensis Conventus, Turdulos, qui Lusitaniam, & Tarraconensem accolunt, jura Cordubam petunt. Celticos à Celtiberis ex Lusitania advenisse, manifestum est, sacris, linguis, oppidorum vocabulis*. Quasi dizendo: A regiaõ, que se estende des de Betis ao Rio Guadiana, se chama Beturia, dividida em duas partes, e em outras tantas gentes, Celticos com a Lusitania do termo de Sevilha, e os Turdolos, que habitaõ a Lusitania, e a Tarraconense, e pedem sua justiça em Cordova. Cousa certa he, terem vindo os Celticos dos Celtiberos da Lusitania; prova-se, pela religiaõ, pela lingua, e pelos vocabulos dos povos. Isto mesmo confessa o doutissimo Rodrigo Cato[223] nas Antiguidades do Principado de Sevilha, dizendo:

Beturia por ventura, tomò el nombre del rio Betis, llamose assi mismo Vetonia, y con nombre mas general Lusitania, en ella fue ilustrissima la ciudad de Merida, que fue convento juridico, y tuvo jurdicion, y finalmente fue cabeça, de la Lusitania. E Ortelio no seu Thesouro fallando de Olitingi, diz que estava na Lusitania entre as fozes de Gualdalquibir, e Guadiana: *Olitingi Hispaniæ oppidum Pomponio in Lusitania intra Betis ostia, & Anæ fluminum videtur*. Destas authoridades se mostra claro, que os Lusitanos povoaraõ tambem toda a Turdetania; porèm que a Vetonia, como mais vizinha, reteve mais o nome de Lusitania; e assim na Vetonia ficou sendo cabeça da Lusitania Merida, e dentro da mesma Provincia Cordova, Italica, Hispalis, ou Sevilha. Os Principes que governaõ pòdem estender, e diminuir os limites das Provincias para mòr commodidade; mas nem por isso deixa de ser a gente a que era dantes.

Turdetanos, diz Estrabo, como logo vetemos, que em seu tempo tinhaõ leys escritas em verso de seis mil annos; donde se vè, que os Lusitanos foraõ os primeiros professores das letras, que houve em Espanha, e taõ antigos no exercicio dellas, que Santo Agostinho na Cidade de Deos[224] os poem entre os primeiros, que ensinaraõ no mundo, como refere Luiz Vives nos seus Commentarios. Estes Turdetanos foraõ sempre continuando com a doutrina, e crescendo nas sciencias de maneira, que havia entre elles Universidades, e grandes volumes de antiguidades. Pelo que foraõ estimados pelos mais polidos povos de Espanha; como diz o mesmo Estrabo neste lugar: *Hi inter Hispaniæ populos* (diz elle) *sapientia putantur excellere, & literarum studijs utuntur, & memorandæ vetustatis volumina habent poemata, leges quoque versibus conscriptas è sex annorum millibus, ut aiunt*. Estes annos se haõ de entender de tres meses, segundo o antigo computo dos Espanhoes, que referem[225] varios Authores; e assim vem a fazer estes seis mil annos, os que havia depois da pouoaçaõ de Espanha, atè o tempo de Augusto, em que Estrabo escreveo.

Nestes estudos de Turdetania floreceo, e ensinou Asclypiades Merliano, que escreveo a Navegaçaõ, e naufragios de Olyses, de quem o mesmo Estrabo faz particular mençaõ.

Vendo pois Sertorio nos Lusitanos este antigo amor das Sciencias, quiz usar delle para utilidade sua como excellente Politico, e sendo chamado pelos Lusitanos por seu Capitaõ, e Governador, lhes mandou vir novos Mestres das Artes, que entaõ se professavaõ: instituhio huma Universidade em Guesca Cidade de Aragaõ, onde foraõ logo estudar os filhos dos principaes Lusitanos, que lhe ficaraõ servindo de refens para senaõ poderem levantar contra elle, como conta, e nota particularmente Plutarco na sua vida; mas sendo depois morto, e senhoreando-se de tudo Metello, levou estes Lusitanos, como por trofeos a Roma, por serem excellentes Poetas, segundo refere Tullio,[226] ainda que diz delles, que eraõ *Pingue quiddam sonantibus*: porque parece naõ pronunciavaõ bem a lingua latina; e com tudo pouco depois foy Mestre da mesma Roma Antonio Juliano, de quem faz mençaõ Aulo Gelio,[227] e Quintiliano. E pois o nome de Lusitania alcançava a Cordova, como os Authores allegados confessaõ, bem podemos chamar nossos Lucano, Seneca, e Silio Italico, que tanto floreceraõ em tempo dos Romanos.

Aqui nesta Provincia dos Turdolos antigos se devia conservar mais a Sciencia, pois a tinhão taõ antiga, principalmente em Beja, e Santarèm, onde pelos tribunaes das Chancellarias, que os Romanos nellas instituiraõ, se deviaõ praticar mais as letras, como parece bem pelos Authores, que destes Conventos juridicos da Lusitania sahiraõ, ainda em tempo dos Godos, como de Santarém João Abbade de Valclara, e Bispo de Girona; e de Beja Isidoro, Aprigio, Pacenses, e outros muitos, que no Cathalogo dos Authores Portugueses sahiraõ à luz com grandissima honra de suas Patrias, e de toda Lusitania.

Depois dos Godos sobrevieraõ as inundaçoens dos barbaros Arabes, que confundiraõ, e desfizeraõ as memorias de todas; mas tornando com grande trabalho a restaurar o perdido, os Reys de Oviedo, e Leão, foy a Provincia de Portugal huma das primeiras, que conseguio a liberdade. Deu-se Portugal por ElRey D. Afonso VI. (que ganhou Toledo) em dote ao Conde D. Henrique com sua filha Dona Tharesa; donde começou a clarissima successaõ dos nossos Reys Portugueses, de cuja virtude, e esforço tiveramos grandes

memorias, se as continuas guerras dos primeiros D. Afonso, e D. Sancho na conquista do Reyno naõ tirassem o lugar à curiosidade, e dos outros dous, suas particulares discordias os naõ tiveraõ inquietos quasi todo o tempo, que reynaraõ, e por juntamente se prezarem mais naquelle tempo as armas, que as sciencias, temos delles taõ poucas memorias.

Porèm vindo o Infante D. Afonso Conde de Bolonha de França para governar este Reyno de Portugal em lugar de seu irmão, trouxe consigo alguma mais policîa, com a pratica, que em França tivera, que entaõ era o mais florente Reyno de toda Europa, e assim mandou crear os Infantes seus filhos D. Diniz, e D. Affonso na boa disciplina de todas as Artes, em que sahiraõ taõ excellentes, que nenhuns Principes do seu tempo se lhe avantajaraõ, principalmente ElRey D. Diniz, o qual teve grande conhecimento das boas letras, em que pelo tempo adiante fez varias obras, e ferveo nelle tanto o desejo de ver as sciencias em Portugal, que foy o primeiro, que fez Universidade neste Reyno, para se lerem nella todas as disciplinas, e artes liberaes, da qual, e das outras de Espanha o Catalogo he o seguinte.

§. III.

Catalogo das Universidades de Espanha.

Universidades de Portugal.

Universidade de Coimbra.

A Universidade de Coimbra foy a primeira Universidade, que em Espanha foy creada com privilegios Apostolicos, a qual se instituhio à instancia de muitos Prelados do Reyno, que offereceraõ para os salarios dos Mestres os rendimentos de algumas Igrejas, e ElRey D. Diniz em seu nome, e de todos fez supplica para sua creaçaõ em Roma anno 1288. e o Papa Nicolao IV. passou as Bullas no anno 1290. que saõ 44. annos primeiro que o Papa Joaõ XXII. passasse as Bullas para a de Salamanca.

Foy esta Universidade fundada em Lisboa por ElRey D. Diniz, e depois passada por elle a Coimbra, donde em tempo de seu filho D. Affonso IV. se tornou para Lisboa, e nella esteve muitos annos, e foy muy accrescentada por o Infante D. Henrique, Mestre de Christo, filho delRey D. Joaõ I. o qual lhe deu as suas casas, que agora chamaõ Escolas Geraes para Aulas das Sciencias: porèm ElRey D. Joaõ III. a amplificou mais que todos, e a tornou a Coimbra, trazendo para Mestres os mais eminentes sojeitos, que entaõ havia em Europa.

Lem-se nestas Universidades todas as faculdades. De Theologia ha seis Cadeiras, de Canones sete, de Leys outo, de Medicina seis, de Mathematica huma, outra de Musica, de Artes quatro Cursos; de linguas, huma de Hebraico, outra de Grego, onze de Latim, e duas de ler, e escrever, e contar. A Filosofia, e linguas se ensinaõ no Collegio dos Padres da Companhia, e elles saõ os Lentes.

A Universidade se governa por hum Reytor, o qual preside aos Conselhos, que saõ quatro, hum de Conselheiros, outro de Deputados, o terceiro dos Conselheiros, e Deputados, que se chama Claustro; o quarto, que se chama Claustro pleno, consta de todos os Lentes, Conselheiros, e Deputados; e aqui se provem muitos prazos, e beneficios rendosos, todas as Conesias Doutoraes do Reyno, algumas das quaes chegaõ a dous, e tres mil cruzados de renda.

Desta Universidade foraõ Mestres, e tem sahido doutissimos Varoens, como entre outros na Theologia o Padre Francisco Soares da Companhia, o Padre Frey Egido da Fonseca Religioso de Santo Agostinho.

Na Sagrada Escritura o Padre Frey Hieronymo de Azambuja, chamado Oleastro, Frey Heytor Pinto da Ordem de S. Hieronymo, Frey Luiz de Sotto Mayor, o Padre Sebastiaõ Barradas da Companhia, cujos livros correm com grande applauso por toda Europa.

Nos Canones o Doutor Martim de Aspilcueta Navarro, e o Arcebispo Primàs D. Rodrigo da Cunha, D. Sebastiaõ Cesar de Meneses; os D. D. Christovaõ Joaõ, Luiz Correa, Diogo de Brito,

Francisco Vaz de Gouvea, Joaõ de Carvalho, o Bispo Ugentino Agostinho Barbosa, e outros. Nas leys o grande Pedro Barbosa, o Subtilissimo Manoel da Costa, Miguel de Cabedo, o Doutor Ayres Pinhel, Alvaro Vaz, Luiz Pereira, e outros.

Na Medicina o grande Thomaz Rodrigues, o Doutor Garcia d'Horta, e Christovaõ da Costa Escritores das Drogas do Oriente.

Na Filosofia o Padre Manoel de Goes, Author dos Cursos Conimbricenses, e o Padre Pedro da Fonseca clarissimo interprete de Aristoteles, e seu Commentador, e que foy Mestre na Filosofia, e Mathematica do Padre Christovaõ Clavio, que tanto tem illustrado com os seus numerosos, e excellentes escritos estas Sciencias, que aprendeo em Coimbra, lendo o Padre Pedro da Fonseca os Cursos.

O numero de Authores, que em todas estas profissoens escreveraõ, he taõ grande, que só os que se poderaõ colligir com noticia particular, passaõ de 1500. como se verà do Catalogo dos Escritores Portugueses, que està cada hora para sahir a luz. Mas naõ saõ menos de ponderar as acçoens estudiosas dos Oppositores ordinarios desta Universidade, os quaes naõ contentes com as liçoens de ponto, para que se daõ nas mais Universidades 24. horas, todos elles ostentaõ, que vem a ser lerem quasi de repente, naõ se detendo mais, que em quanto lhes mostraõ o ponto, e se vaõ subir à Cadeira: e outros por mostrar mais a flor de seus engenhos, repetiraõ, e leraõ o ponto em versos latinos, cousa naõ vista nunca em nenhuma Universidade do Mundo atè aquelle tempo. Desta Universidade de Coimbra trataõ particularmente Pedro de Mariz nos Dialogos de Varia historia Dialog. 5. cap. 3. fol. 553. e Afonso Garcia Mata-Moros, no seu Tratado de Academiis, que anda na Hispania illustrada fol. 815. o Padre André Escoto na Biblioteca Hispana tit. 1. cap. 2. fol. 28. Frey Hieronymo Roman na Republica Christã l. 5. cap. 21. fol. 299. o Doutor Francisco de Monçaõ no seu Espelho de Principes l. 1. c. 36. fol. 85.

§. IV.

Universidade de Evora.

A Universidade de Evora foy fundada pelo Cardeal, e Rey D. Henrique a 20. de Setembro de 1558. annos, como se ve no Anacephaleose 21. do Padre Antonio de Vasconcellos fol. 331. faz della mençaõ o Padre Andre Escoto tom. 1. cap. 2, fol. 29. Lese nella Theologia, Philosophia, e Latinidade.

Da Theologia Escholastica hà tres liçoens, e huma da Escritura; duas da Theologia Moral; hà quatro Cadeiras de Cursos de Philosophia: ensina-se a Rhetorica, Humanidades, e lingua latina em outo Classes, e duas mais de ler, e escrever. Floreceraõ nesta Universidade grandes Theologos, Philosophos, e Humanistas: aqui ensinou muitos annos o Padre Molina, e compoz os seus livros de Justitia, o Padre Fernaõ Rebello sobre os contratos, o Padre Braz Viegas, que escreveo sobre o Apocalypse, o Padre Bento Fernandes, que escreveo sobre o Genesis, o Padre Sebastiaõ do Couto insigne Philosopho, e Autor dos Cõmentarios da Logica, o Padre Manoel Pimenta eruditissimo nas letras sagradas, e humanas, e o Padre Francisco de Mendoça, cujos livros sobre os Reys saõ em toda a parte muito celebrados.

§. V.

Leaõ, e Castella.

Salamanca.

Os estudos de Palencia foraõ fundados[228] por ElRey D. Afonso de Leaõ; mas esta fundaçaõ foy só dar privilegios aos Mestres, que quisessem ensinar os Estudantes, no anno de 1200. O mesmo fez ElRey D.Fernando II. de Leaõ em Salamanca, de modo que nenhuma destas Universidades teve sallarios, nem liçoens certas, senaõ voluntarias; e por isso se extinguiraõ de todo as liçoens de Palença, e naõ se mudaraõ para Salamanca, como alguns querem dizer.

A segunda fundaçaõ de Salamanca foy feita por ElRey D. Afonso o Sabio no anno de 1254. assinalando sallarios para os Mestres; porèm naõ teve Universidade por authoridade Apostolica atè o anno de 1334. em que o Papa Joaõ XXII. deu sua authoridade ao Mestre

Eschola para o governo de Universidade, e dar os gràos nas sciencias; por onde de entaõ para cà começou a antiguidade da Universidade. E por quanto a nossa Universidade de Coimbra foy instituida pelo Papa Nicolào IV. anno 1290. ficaõ sendo as Bulas de Salamanca mais modernas, que as de Coimbra 44. annos. Esta opiniaõ porém da antiguidade da Universidade de Salamanca naõ he taõ certa, que senaõ diga della na Biblioteca Hispana do Padre Andre Escoto que antes do anno 1404 naõ hà cousa certa nesta materia, como se vé destas palavras: *Salmanticensis in Regno Castellæ, de cujus institutionis tempore parum constare affirmat Sabarellus Card. Clem. I. de Magistris; alij tamen anno Domini 1404. erectam asserunt*.[229] Esta Universidade floreceo em mayor numero de Estudantes, que nenhuma outra de Espanha, e pòde ser que fóra della: porque chegaraõ a passar de 15U000. e como eraõ tantos, foy necessario multiplicarem-se as liçoens, porque naõ havia Aula, em que coubessem todos os ouvintes de huma profissaõ; e assim acrescentaraõ duas liçoens de Prima, e Vespera, e chegou o numero dos Lentes a 60. Os homens eminentes, que desta Universidade tem sahido, e Authores insignes, podemos dizer, que saõ sem numero, por sua grande multidaõ; o mais se pòde ver largamente na historia de Salamanca de Gil Gonçalves de Avila l. 2. c. 17.

§. VI

Toledo.

A Universidade de Toledo foy fundaçaõ do Mestre Eschola D. Francisco Alvares de Toledo[230] anno 1490. segundo o Padre Fr. Barnabè de Montalvo na Chronica de Cister 1. p. l. 5. c. 43. Rodrigo Mendez Sylva no seu livro da Povoaçaõ geral de Espanha l. 1. c. 6. diz que a fundaçaõ desta Universidade foy feita no Collegio de Santa Catharina no anno 1485. e que se fez com authoridade do Summo Pontifice Innocencio VIII. e depois com Bulas de Leaõ X. e Paulo III. approvando tudo o Emperador Carlos V. o qual a ampliou, e no anno de 1520. lhe concedeo os privilegios da Universidade de Salamanca.

§. VII.

Siguença.

Fundou a Universidade de Siguença o Arcediago de Almazan D. Joaõ Lopes de Medina no Collegio de Santo Antonio de Porta cæli de Religiosos Hieronymos da mesma Cidade; e ainda que a dotaçaõ se fez no anno de 1471. acabou-se de ordenar o Collegio no anno de 1501. Lese aqui Theologia, e Philosophia, e se daõ os mais gràos por privilegio. Trata desta Universidade o Padre Fr. Jozè de Siguença na historia de S. Hier. l. 3. c. 6. fol. 27.

§. VIII.

Alcalà de Henares.

A Universidade de Alcalà de Henares foy fundaçaõ do Arcebispo de Toledo D. Francisco Ximenes anno de 1508. Lem-se nella todas as sciencias, e letras humanas, e as linguas Grega, e Hebraica, como refere largamente o Mestre Eugenio de Roble na vida do Arcebispo fundador cap. 16. pag. 127.

O governo da Universidade està no Reytor do Collegio de Santo Illefonso, a quem o Arcebispo nomeou por Advogado della; pela devaçaõ, que tinha a este Santo, por haver sido Arcebispo de Toledo, e muy douto em todas as sciencias.

Saõ as Cadeiras da Universidade 42. seis de Theologia, seis de Canones, quatro de Medicina, huma de Anatomia, outra de Cirurgia, outo de Artes, huma de Moral, outra de Mathematica, quatro de Grego, e Hebraico, quatro de Rhetorica, e seis de Grammatica latina.

He esta Universidade de Alcalà illustrissima, por muitas prerogativas; porque nella se compoz, e publicou primeiro a Biblia, que de seu nome se chama Complutense com os Textos das quatro linguas Hebraica, Syriaca, Grega, e Latina. Tem o Collegio trilingue com 36. Collegiaes, para que estudem Hebraico, Grego, e Latim. A Igreja da Villa tem o titulo de S. Justo, e Pastor, por estarem nella

seus sagrados corpos, e he Collegiada de sete Dignidades, 30. Conegos, e 19. Beneficiados, que todos saõ providos, e graduados pela Universidade, as Dignidades, e Conesias em Doutores, e os Beneficios em Mestres em Artes; fazem-se os provimentos nos Graduados assistentes, que se achaõ na Universidade a tempo das vacantes, entrando nas prebendas por suas antiguidades; o que he occasiaõ para se graduarem muitos, e residirem nella continuamente grande numero delles; e sobre tudo para estar aquella Igreja ornada com tantos Varoens doutos.

§. IX.

Osma.

O Bispo D. Pedro da Costa, sobrinho do nosso Cardeal D. Jorge da Costa, fundou a Universidade de Osma, e segundo parece de sua vida, que anda escrita por Fr. Bartholomeu Ponce, pag. 73. ordenou a Universidade no Collegio de Santa Catharina, que edificou na mesma Cidade, o anno naõ explica, mas sendo a entrada do Bispo de Osma pelos de 1539. e fallecendo no anno de 1563. neste meyo tempo devia ser a sua fundação, a qual refere o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha nos Bispos do Porto p. 2, addiçaõ ao cap. 34. fol. 449. A Universidade parece que goza de privilegios de poder dar gràos. Rodrigo Mendes Sylva na sua Poblacion general de España c. 15. diz que a fundação da Universidade foy no anno de 1550.

§. X.

Avila.

No Convento de Religiosos Dominicos de Avila està instituhida a Universidade por Bullas do Papa Gregorio XIII. anno 1576. Lese neste Collegio Theologia, e Artes; e pelo privilegio Apostolico se dão tambem gràos em ambos os Dereitos, e Medicina. O Convento foy fundado por Fr. Thomaz de Torquemada Inquisidor Mòr de Castella, e com as esmolas do Fisco, que os Reys Catholicos applicaraõ.

Trata desta Universidade o Bispo de Monopoli D. Fr. Joaõ Lopes na 3. p. da Historia de S. Domingos l. 3. c. 35. fol. 274.

§. XI.

Valhadolid.

Da Universidade de Valhadolid faz mençaõ o Licenciado Afonso Garcia Mata-Moros,[231] mas naõ diz della mais que nomealla por Pinciana. O Licenciado Medina na Descripçaõ de Espanha escreve della largamente, mas naõ diz o Fundador, nem o anno, em que foy fundada. Rodrigo Mendes Sylva no livro, que intitulou Poblacion de España, diz que esta Universidade foy instituhida pelo Papa Clemente VI. à instancia de D. Affonso XII. Rey de Castella anno 1346. e ampliada no anno 1483. e 84. e 1505. mas naõ allega Author. Lem-se nesta Universidade todas as Faculdades, e tem o mesmo estylo no governo, que a de Salamanca. O Collegio de S. Gregorio Dominicano na mesma Cidade florece grandemente em letras: e nelle se pòdem tambem dar gràos por particular privilegio Apostolico, porque foy feito Universidade no anno de 1608. como se ve do Bispo de Monopoli 4. p. da Hist. de S. Domingos l. 3. c. 38.

§. XII.

Oropesa.

Nesta Villa se diz no livro intitulado Poblacion de España, que ha Universidade com outo Cadeiras, instituhida por D. Francisco de Toledo, Viso-Rey das Indias, e naõ aponta o anno, nem dà mais razaõ della.

§. XIII.

Andaluzia.

Ossuna.

A Universidade de Ossuna foy fundada pelo quarto Conde de Urenha D. Joaõ Telles Giron, no anno 1449. consiste delle o he da Universidade, da qual trata o Doutor Hieronymo Gudiel na historia dos Girones cap. 34. fol. 118. em hum Collegio, onde se lem todas as sciencias, e o Reytor

§. XIV.

Sevilha.

A Universidade de Sevilha se chama Collegio de Maestro Rodrigo,[232] cujo nome era Rodrigo Fernandes de Santa Ella Arcediago de Reyna, e Conego de Sevilha, que ordenou se lesse Theologia, e Canones; ao qual Collegio se juntaraõ depois outras doaçoens, com que se lem tambem Leys, e Medicina. Seu principio foy pelos annos de 1509. em que morreo o fundador, como se ve da historia de Sevilha de Alonso Morgado l. 2. c. 7. fol. 45. No Collegio de Santo Thomaz dos Pregadores da mesma Cidade, que he fundaçaõ do Cardeal de Essa, se pòdem dar gràos, como os de Universidade, por particular privilegio, assim se refere na 4. p. da historia de S. Domingos do Bispo de Monopoli, l. 1. c. 43.

§. XV.

Granada.

Foy fundaçaõ de Carlos V. anno 1531. ainda que naõ teve effeito, senaõ depois no anno de 537. Lem-se nella todas as Sciencias, e trata della D. Francisco Bermudes de Pedraça na Hist. Eccl. de Granada 4. p. c. 55.

§. XVI.

Baeça.

Na Universidade de Baeça se le Theologia, Filosofia, e letras humanas, ordenou-se anno 1564. della se trata na historia de Jaem

cap. 20. foy seu Author o Doutor Rodrigo Lopes, e o Veneravel Padre Joaõ de Avila a deu à execução.

§. XVII.

Murcia.

Murcia tem dous Collegios, e em cada hum delles se le Theologia, Filosofia, e letras humanas. O mais antigo he dos Dominicos, que começou pelos annos de 1310. e ultimamente se reformou por Frey Fernando de Castilho Author da Historia Dominicana, como se ve da Historia de Murcia Discur. 16. c. 1. fol. 268. vers. O segundo he da Companhia, ordenado por D. Estevaõ de Almeida Bispo de Carthagena Portugues anno 1563. Porèm, nem hum, nem outro parece Universidade, senaõ Collegio particular, ainda que as liçoens saõ publicas, como se ve do mesmo Discurso fol. 271. posto que o Padre Andrè Escoto se persuade, que he Universidade, e por isso a referimos aqui.

§. XVIII.

Galiza.

Compostella.

Da Universidade de Compostella faz mençaõ o Padre Andrè Escoto na Biblioteca Hispana, naõ apontando mais que o nome. O Licenciado Molina no livro das Grandezas de Galiza l. 2. cap. 127. diz que ha nella todas as Sciencias, mas naõ refere o anno, em que se fundou, nem o Author della. Porém o Padre Frey Fernando de Oxea na Historia de Santiago, diz que D. Alonso da Fonseca Arcebispo de Santiago fundou dous Collegios em Compostella, hum mayor de doze Collegiaes, outro menor de outros doze, a quem dotou magnificamente, para que nelles se lessem todas as Faculdades, o que parece foy pelos annos 1462. atè 1504. em que governou aquella Igreja, e ainda que elle imagina a este estudo mayor antiguidade, por dizer o Bispo Pelagio no anno de 1073. que nascera em Compostella, e nella aprendera Theologia, parece que

se deve de entender do estudo particularmente dos Monges, e naõ de Universidade formada, como a instituhio o Arcebispo D. Affonso. Rodrigo Mendes da Sylva na sua Poblacion de España cap. 2. do Reyno de Galiza, diz que a Universidade começou no anno de 1532. em que havia muitos annos que D. Affonso da Fonseca naõ era Arcebispo; mas podersehia fazer por sua ordem.

§. XIX.

Biscaya.

Onhate.

Foy fundada a Universidade de Onhate com o Collegio do Espirito Santo pelo Bispo de Avila D. Rodrigo de Mercado anno 1543. como refere o Padre Frey Luiz Ariz Monge Bento na Historia de Avila §. 15. fol. 54. Nesta Universidade parece naõ ha mais liçoens, que de Filosofia, e lingua Latina, como se collige do Licenciado Affonso Garcia Mata Mouros no seu Tratado de Academijs, que anda no segundo Tomo da Hispania Illustrada, fol. 817. Nesta Universidade aprendeo Estevaõ de Garibay Author de 40. livros, que intitulou: Compendio historial de Espanha, que por conter toda a historia della he obra de muita estimaçaõ; por a qual todos os Reynos de Espanha devem muito a esta Universidade, della faz particular mençaõ este Author l. 16. c. 10. fol. 442.

§. XX.

Asturias.

Oviedo.

A Universidade de Oviedo foy fundaçaõ de D. Fernando de Valdés Arcebispo de Sevilha, Inquisidor Geral, e Presidente de Castella, de que se faz mençaõ na historia dos Arcebispos de Granada de D. Francisco Bermudes de Pedraza 4. p. c. 160. Rodrigo Mendes da Sylva na sua Poblacion general de España c. 9. do Reyno de Leaõ, diz que a fundaçaõ da Universidade foy no anno de 1580. e que se

lem nella todas as Sciencias. Porèm na vida do Bispo de Oviedo D. Fernando de Valdès, que anda no Theatro Ecclesiastico da Igreja de Oviedo se diz, que nesta Universidade se começou a ler no anno de 1608. e que tem 17. Cadeiras, 4. de Theologia, 3. de Artes, 5. de Canones, e 5. de Leys, com renda de hum conto, e sessenta, e outo mil reis; e se apontaõ os primeiros Cathedraticos, que nella começaraõ a ler.

§. XXI.

Aragaõ.

Huesca.

A Universidade de Huesca foy fundada pelo Bispo da mesma Cidade D. Pedro III. do nome com privilegio delRey de Aragaõ, de estudo geral de todas as sciencias anno 1354. como se refere no Catalogo dos Prelados de Aragaõ do Doutor Martim Carrilho, no Catalogo dos Bispos de Huesca fol. 318. onde se diz, que desta Universidade escreveo hum particular livro o Doutor Monter. Nesta Cidade fundou Sertorio a primeira Universidade, que houve em Espanha, como refere Plutarco na sua vida; mas os Mestres, que nella ensinavaõ, eraõ da lingua Grega, e Latina, como se vè do mesmo Plutarco, e o nota Aldrete lib. 1. da origem da lingua Castelhana cap. 20.

§. XXII.

Çaragoça.

Foy fundada a Universidade de Çaragoça por D. Pedro Cerbuna Prior da Igreja de Çaragoça, e depois Bispo de Tarragona anno 1583. Lem-se nella todas as sciencias, como consta da Historia de Nossa Senhora do Pilar de Çaragoça de Fr. Diogo Morilho tt. 2. c. 24.

§. XXIII.

Catalunha.

Lerida.

Fundou a Universidade de Lerida ElRey D. Jaime II. de Aragaõ pelos annos de 1300. com confirmaçaõ Apostolica; e prohibio, que naõ houvesse outra Universidade em seus Reynos, como refere Hier. de Çurita lib. 5. dos Annaes de Aragaõ cap. 44.

§. XXIV.

Perpinhaõ.

Em Perpinhaõ hà Universidade, em que se lem todas as Faculdades, ainda que nenhum Author dos referidos faz mençaõ della; só Rodrigo Mendes Sylva, diz que ElRey D. Pedro de Aragaõ a fundou anno de 1349. e assim naõ podemos saber mais della com certeza.

§. XXV.

Barcellona.

A Camara de Barcellona, e o Sabio Concelho de Centro saõ fundadores, e padroeiros desta Universidade, e do erario publico pagaõ estipendios aos Lentes. Em tempo de Carlos V. se lançou a primeira pedra no edificio a 18. de Outubro de 1536. debaixo da invocaçaõ de Santa Cruz, e Santa Eulalia. Lem-se nella todas as Faculdades, e a lingua latina. ElRey D. Fillipe II. de Castella a reformou com novos privilegios no anno de 1561. como refere Rodrigo Mendes Sylva na sua Poblacion de Hespanã, cap. 2. do Principado de Catalunha.

§. XXVI.

Tarragona.

Foy fundaçaõ a Universidade de Tarragona do Cardeal Gaspar de Cervantes pelos annos de 1570. Lem-se nella todas as Faculdades, como refere Andrè Escoto na Bibliotheca Hispana tom. 1. cap. 2. fol. 38.

§. XXVII.

Gyrona.

No livro intitulado Poblaciones de España se diz, que nesta Cidade de Gyrona hà Universidade fundada por ElRey D. Fillipe o Prudente anno 1561.

§. XXVIII.

Reyno de Valença.

Valença.

A Universidade de Valença foy fundada pelo Magistrado da mesma Cidade, e confirmada com privilegio delRey D. Fernando o Catholico, e do Papa Alexandre Sexto anno 1449. Lem-se nella todas as Faculdades. Desta Universidade trata o Licenciado Gaspar Escolano na 1. Decad. da Hist. de Valen. l. 5. c. 22. & Robl. na vid. do Arceb. Franc. de Sisn. cap. 11.

§. XXIX.

Luchente.

O Mosteiro dos Padres Prègadores da Villa de Luchente està fundado no lugar, em que se disse a Missa, e donde se esconderaõ as formas Consagradas milagrosas, que se guardaõ com os Corporaes de Daroca. Foy fundado o Mosteiro no anno de 1423. E o Papa Xisto IV. à instancia de D. Nicolào de Proxita, filho do Fundador, fez a este Convento Universidade, donde se podessem graduar os Frades da Ordem, como refere o Bispo de Monopoli Cent. 5. da Historia de S. Domingos c. 24.

§. XXX.

Origuela.

O Arcebispo de Valença D. Fernando de Loases fundou hum Collegio de Religiosos de S. Domingos, com mais de dez mil livras de renda, e alcançou privilegios dos Summos Pontifices para se poderem nelle graduar. Diz o Licenciado Gaspar Escolano na 3. p. da Historia de Valença cap. 7. l. 6. que isto foy em seus dias, sem nomear anno, e como elle imprimio pelos de 611. seria poucos antes. Tambem o Bispo de Monopoli na 3. p. da Historia de S. Domingos faz mençaõ desta Universidade. l. 3. cap. 91. e diz que foraõ seus Estatutos tirados do Collegio de S. Gregorio de Valhadolid. O mesmo Author diz, que no anno de 1552. confirmou o Papa Julio III. tudo o que o Arcebispo tinha dado, e concertado com a Ordem sobre este Collegio, e concedeo aos que nelle estudassem, que podessem ser graduados nas Faculdades, que nelle aprendessem; porèm que o Papa Pio V. no anno de 1568. deu licença para que todas as pessoas, assim Ecclesiasticas, como seculares, ainda que estudassem em qualquer outra parte, podessem ser nelle graduadas em Artes, Medicina, e em ambos os Dereitos, e Theologia; e concede aos taes graduados os privilegios, que tem as Universidades de Salamanca, Valhadolid, e Lerida. Vivem neste Collegio mais de 100. Religiosos, dos quaes ao menos 60. haõ de ser do corpo da Universidade, Regentes, Leitores, e Estudantes, como tudo refere o Bispo de Monopoli na Historia de S. Domingos 5. p. l. 2. c. 25. Rodrigo Mendes Sylva na sua Poblacion de España, diz que sua fundaçaõ foy anno 1555.

§. XXXI.

Gandia.

Foy fundada a Universidade de Gandia pelo Santo Francisco de Borja, sendo Duque daquella Cidade, no anno de 1546. Lem-se nella Theologia, Philosophia, e Latinidade. Deraõ-lhe os Summos Pontifices, e o Emperador Carlos V. privilegios de Universidade para

graduar nestas duas sciencias, como refere particularmente o Padre Pedro de Ribadaneira na vida do Santo Francisco de Borja l. 11. c. 13.

§. XXXII.

Navarra.

Hirache.

A Universidade de Hirache està fundada no mesmo Mosteiro de Monges Bentos, intitulado Santa Maria a Real de Hirache, que he Abbadia celeberrima em Navarra. Le-se nella Theologia, e Filosofia, e por privilegio se daõ nella os gràos em todas as Sciencias. O Padre Frey Antonio de Yepes escreve a historia deste Convento no 3. tomo da historia Geral de S. Bento cent. 4. anno Christi 815. cap. 1. e ainda que refere largamente o dito privilegio fol. 338. com tudo naõ diz o anno, em que se lhe concedeo, nem por quem foy concedido, mas em comum diz, que o privilegio he de Summos Pontifices, e Reys.

§. XXXIII.

Estella.

No livro das Povoaçoens de Espanha se diz, que nesta Cidade ha Universidade em hum Collegio fundado anno de 1565. por D. Alonso de Cordova, e Vellasco, Conde de Alcaudete, e Viso-Rey de Navarra.

§. XXXIV.

Pamplona.

No dito livro intitulado Poblaciones de Espanha, no titulo desta Cidade se diz, que tem Universidade instituhida anno 1608. e naõ dà mais razaõ della.

Do que està dito consta, que as letras em España tiveraõ seu principio nos Lusitanos, e que se as outras Provincias de Europa levaraõ ventagem à nossa Espanha em fundarem primeiro Universidades, por estarem os Espanhoes occupados com as guerras domesticas dos Mouros, nem por isso se tem mostrado os Espanhoes menos amadores da Sabedoria; pois em taõ poucos annos tem ornado a toda Espanha com mayor numero de Universidades, e mais celebres, que nenhuma outra Provincia.

NOTAS DE RODAPÉ:

[219] *Reg. 2. 20. 18.*

[220] *Arte Grega do Bracense.*

[221] *Estrab. lib. 3.*

[222] *Pli. l. 3. c. 1.*

[223] *Rodrigo Caro l. 3. c. 68. & l. 3. c.*

[224] *Cidade de Deos de S. Agost. l. 8. c. 9.*

[225] *Aldrete na lingua Castelhana l. 1. c. 22. f. 148. Plin. l. 7. c. 48. Macr. l. 1. Satur. c. 12.*

[226] *Pro Arch. Poet.*

[227] *Gelius l. 1. c. 4. & l. 15 c. 15.*

[228] *Garib. 1. 5. c. 10.*

[229] *Es oto Bibliot. Hispan. tom. 1. c. 2. fol. 30.*

[230] *Garib. sup. Robl. na vida do Arceb. Cisner. c. 1.*

[231] *Garib. sup.*

[232] *Robles na vida do Arceb. Cisner. c. 11.*

DISCURSO VI.

SOBRE A PROPAGAÇAM DO Evangelho nas Provincias de Guiné.

§. I.

Das condiçoens, com que os Summos Pontifices deraõ aos Reys de Portugal o Senhorio de Guiné.

Sendo a prègaçaõ do Evangelho na Provincia de Guinè, a primeira que os Portugueses fizeraõ, e a mais vizinha a este Reyno, he muito para sentir ser esta a que tem dado menor fruito. Pelo que me pareceo necessario apontar as causas que impediraõ naõ se reduzir esta obra à sua perfeiçaõ, para que remediados os impedimentos produza a seara Evangelica nestas regioens os grandes augmentos, que se della pódem esperar; pois este he o intento, com que os Reys Portugueses emprenderaõ as suas Conquistas, e consentem que seus naturaes se desterrem da propria Patria, e occupem suas forças em habitar, e cultivar as alheyas.

O Senhorio, que os Reys de Portugal tem em Guinè, em que se incluem os Estados do Caboverde, Mina, S. Thomè, Angola, e parte de Congo, foy primeiramente concedido[233] aos Reys de Portugal por huma Bulla do Papa Martinho V. e depois por outras de Eugenio IV. Nicolao V. Xisto IV. e Leão X. nas quaes dizem os Summos Pontifices, que daõ o dominio daquelas terras a esta Coroa com condiçaõ, que os Reys della provejaõ de Sacerdotes, e Ministros do Evangelho, que bautizem, e ensinem nossa Santa Fè aos naturaes da terra, encarregando-lhes sobre isso suas consciencias, como se ve do theor de todas ellas, e por o mesmo respeito deraõ tambem aos Reys o Padroado de todas as Igrejas daquellas Provincias, e os

dizimos dellas applicaraõ a Commenda Mestral da Ordem de Christo, para mais largamente acudirem os Reys a estas despezas; o que por ser nonotorio, e largo de referir, senaõ aponta com as mesmas palavras das Bullas Apostolicas.

Foraõ os Reys deste Reyno taõ pios, e zelosos da honra de Deos, que o principal intento, com que emprenderaõ estas conquistas, foy a propagaçaõ da Fè Catholica, e conversaõ daquella Gentilidade; e acrescentando-se de novo a este seu desejo a obrigaçaõ de que se encarregaraõ aos Summos Pontifices acima referidos, procuraraõ com muito cuidado desencarregar-se desta promessa; e por isso erigiraõ Igrejas Cathedraes na Ilha de Santiago, de Cabo-Verde, e na Ilha de S. Thomè, e na Cidade do Salvador de Congo, e em outras partes levantaraõ Igrejas, e poseraõ Vigarios para administrar os Sacramentos, e ensinar a Doutrina Christãa; e mandaraõ muitas vezes Religiosos àquellas partes, particularmente ao Reyno de Congo a fazer esta conversaõ, e para haver mayor copia de Ministros, fez ElRey D. Joaõ III. o Collegio da Companhia de Coimbra, e ElRey D. Henrique a Universidade de Evora, donde sahiraõ, e saem muitos Religiosos, e Varoens doutos nas Letras Sagradas, que empregaõ as vidas nesta gloriosa empresa. O primeiro lugar, que os Portugueses povoaraõ na Costa de Guinè, foy a Mina no anno de 1482. nelle se fez a primeira prégaçaõ, como o dà a entender Joaõ de Barros Dec. 1. l. 3. c. 2. e com haver mais de 150. annos ao tempo que se perdeo, naõ havia mais naturaes Christãos, que os de tres, ou quatro aldeas junto das fortalezas de S. Jorge, e Axem, sendo o districto deste governo taõ grande, que passa de 200. legoas.

A segunda prégaçaõ se fez em Congo,[234] e começou no anno de 1491. em que ElRey D. Joaõ II. mandou os Religiosos de S. Francisco, que bautizaraõ os Reys, e principaes Senhores daquelle Reyno: e por estes Religiosos morrerem em poucos annos, enviou depois ElRey D. Manoel à mesma empresa doze Padres dos Azues, a que neste Reyno chamaõ de S. João Evangelista. E ElRey D. Joaõ III. quatro Sacerdotes da Companhia, que huns, e outros acabaraõ em breves dias nesta empresa; a qual continuaraõ depois os Bispos, Conegos, e Clerigos, que o mesmo Rey D. Joaõ III.

mandou, fazendo huma Igreja Cathedral na Cidade do Salvador. Porém de todas estas prégaçoens se tirou pouco fruito, ainda que foraõ feitas com grande zelo da salvaçaõ das almas, e concorrendo Deos nellas com obras maravilhosas, e sem haver resistencia nos naturaes da terra para receber o Bautismo; porque como a Provincia he muito grande; e os Ministros muito poucos, a mayor parte dos naturaes do Reyno naõ tem mais que o nome de Christãos, e os mais delles nunca viraõ Sacerdote; e tirando o Bautismo, e os nomes, que dos Santos tomaraõ, nos ritos, nos costumes, e na doutrina, saõ como de antes, quando eraõ Pagaõs. E assim nascem sem haver Sacerdote, que ensine os filhos, nem quem encaminhe os pays, nem quem leve por diante a obra de Deos naquella terra. De modo que sendo esta huma das grandes Christandades de que se podèra colher copioso fruito, està toda bravîa, por falta de quem a cultive, sem valer a seus Principes pedirem por tantas vezes ao Papa, e a Sua Magestade o remedio deste mal.

A Ilha de S. Thomè se povoou no anno de 1493.[235] que hà 159. annos; e em todo este tempo se doutrinaraõ sómente os Negros Cativos dos moradores da Ilha; e na terra Firme, só em Oere, porto onde residem Portugueses, hà alguns Christãos da terra.

Em Angolla des do anno de 1575. em que começou a conquista, atégora tudo foraõ guerras,[236] e da conversaõ dos naturaes se tratou pouco, ainda que tem em Loanda hum Collegio da Companhia, e outro Convento dos Padres Terceiros; porque o Evangelho de Christo he de paz, e naõ se ha de prègar com as armas nas mãos. E assim tirando os Negros de Loanda, e Massangano, naõ hà na terra outros Christaõs, senaõ os escravos, que saem daquelle porto de resgate para Europa, e Novo mundo; aos quaes bautizaõ, sem os cathequizarem, de maneira, que morrem nas mesmas embarcaçoens como brutos. Os outros moradores daquella grande Provincia, assim estaõ como quando nella entramos, antes escandalizados de nossas armas, que edificados da nossa doutrina.

O Cabo Verde, e suas Ilhas se descobriraõ no anno de 1440.[237] que hà mais de 200. annos; e a conversaõ, que se fez em todo este

tempo, foy sómente nos escravos das Ilhas de Santiago, e do Fogo, onde estaõ as nossas povoaçoens, e na terra firme nos portos do Rio de S. Domingos, Guinalla, Biguba, Rio das Pedras, Bissao, Cacheu, e Joala, em que os nossos Portugueses residem. Fazem do mesmo modo bautizar os Negros, que compraõ, ou de que se servem, e nunca se prégou o Evangelho geralmente a nenhuma daquellas Provincias, até que no anno de 1605. por ordem do Concelho de Portugal se mandaraõ àquellas partes alguns Religiosos da Companhia, de que foy por Superior o Padre Balthesar Barreira Varaõ Apostolico, que nellas fez grande fruito, convertendo alguns Reys da Serra Leoa, e doutros districtos com muitos dos seus principaes; porém morrendo-lhe logo os seus companheiros, e elle pouco depois, ficaraõ outra vez os novamente convertidos desamparados de todo o socorro espiritual, para continuarem no conhecimento de Deos, e aproveitamento de suas almas.

§. II.

Das causas porque em tantos annos se tem feito taõ pouco fruito na conversaõ dos povos de Guinè.

Do que està dito se tem visto bastantemente o zelo, com que continuaraõ os Reys deste Reyno na conversaõ dos povos de Guiné, e o pouco fruito, que deste trabalho se tem colhido; as razoens, que para isso hà, saõ tres, a primeira nasce dos Ministros Ecclesiasticos, a segunda dos Portugueses, que trataõ naquellas partes, e a terceira da malignidade dos clymas daquella terra.

Os Ecclesiasticos, que alli vaõ ter, ou saõ Bispos, ou Religiosos, ou Clerigos: dos Bispos, ainda que houve alguns zelosos do bem de suas ovelhas; com tudo os mais delles as desampararaõ, vindo-se dos seus Bispados pouco tempo depois de là chegarem: de maneira que os mais delles vieraõ, e morreraõ neste Reyno, e naõ nas suas Igrejas; e ainda houve alguns que depois de as aceitarem, foy necessario usar com elles do rigor de justiça, para os fazerem embarcar para hirem residir nellas (que com taõ pouco animo de residir se aceitaõ às vezes estas Prelazias) a causa disto he por a

terra pela mayor parte ser muito doentia, habitada de Negros barbaros, e sem policia alguma, de modo que naõ querem viver nella, senaõ aquelles, que pretendem tirar disso, ou grande interesse para a alma, ou para o corpo. Os Religiosos, que foraõ àquellas partes, eraõ poucos, e como naõ tiveraõ successores (porque as suas Religioens naõ aceitaraõ a empreza) acabaraõ em breve tempo, depois de gastarem a mòr parte delle em aprender a lingua dos naturaes: e assim hà muitos annos, que tirando-os das duas casas de Loanda, senaõ vem naquellas terras Religiosos, senaõ he a caso, e mais a buscar remedio temporal para seu bem proprio, que naõ o espiritual da gente della. Por tanto os Ecclesiasticos, que mais continuaõ nestas Provincias, saõ Clerigos; destes recebem os naturaes pouca doutrina, porque muitos delles saõ degradados deste Reyno; ou quando naõ, saõ os que naõ pòdem ter cà outro remedio de vida. De modo que sendo estes os que lhes haõ de dar exemplo, e doutrina, saõ impedimento para a salvaçaõ dos naturaes; porque alguns delles com seus costumes escandalizaõ aquelles povos, que com sua virtude, e doutrina houveraõ edificar, e converter. E assim, diz destes o Padre Balthesar Barreira,[238] que só se occupaõ em comprar, e vender, e que nunca dizem Missa, nem fazem officio algum de Sacerdote, tendo o intento principal em se tornarem logo para o Reyno, como se vém ricos, ou como algum remedio para o fazerem.

A segunda causa da conversaõ naõ ir avante he o mào exemplo, que de ordinario daõ os nossos Portugueses[239] naquellas partes; porque ainda que nellas vivem alguns bons Christãos, e zelosos do serviço de Deos, com tudo os mais dos que nelles moraõ, saõ degradados do Reyno por delitos graves; e os que andaõ no cõmercio, ou saõ tratantes, ou soldados, gente pela mayor parte cativa do interesse, a quem respeitaõ mais que a tudo. E assim muitas vezes estes saõ os que sem temor de Deos fazem naquellas partes grandes enganos, roubos, e extorsoens, por cativarem os naturaes contra justiça, e satisfazerem a sua cobiça. Pelo que naõ he muito que seja este roim exemplo dos Christaõs impedimento para se os naturaes converterem. Assim procedem muitas vezes os nossos misturados entre aquelles Gentios, passando muitos annos

sem Missa, sem Sacramentos, sem ouvir a palavra de Deos, e pòde ser que sem se lembrar delle.

A terceira causa he a malignidade do clyma de muitas daquellas Provincias, que por serem de ares pestilenciaes, em breves dias consome, e mata a mais da gente, que deste Reyno là vay ter, e os que escapaõ, depois de os apalpar a terra, andaõ sempre com cores de homens mortos, atè que pouco a pouco os acaba de matar de todo aquelle Anjo percuciente, porque como diz o nosso Joaõ de Barros[240] poz alli Deos por seu occulto juizo com huma espada na maõ de mortaes febres, com que nos impede aquella habitaçaõ. Por tanto os mais dos Religiosos, e Bispos, que àquellas partes passaraõ, duraraõ muito pouco tempo, principalmente os que quiseraõ tomar mais trabalho abrazando-se com febres, ou exhalandose-lhes os espiritos pelos poros abertos com a grande inflamaçaõ do calor, de maneira que o Bispo de Cabo Verde D. Joaõ Parvi espirou estando chrismando, afrontado com o trabalho da muita gente; e D. Fr. Sebastiaõ da Assumpçaõ por fazer hum Pontifical, e prègar juntamente, acabou ao outro dia a vida.

Faltando pois aos naturaes a presença dos Bispos, e o exemplo dos Sacerdotes, e escandalizando-os algumas vezes o trato ordinario dos seculares, e matando a terra os Prègadores, que haviaõ de dar soccorro a estes males, naõ he muito que frutificasse taõ pouco esta sementeira, porque como diz o mesmo Senhor no Evangelho: Pouco importa semear, se a semente cae no caminho, e he pisada dos que passaõ, ou comida das aves, sem haver quem a guarde, ou he affogada das espinhas, faltando quem a monde. E S. Paulo confessa, que sua prègaçaõ em Corintho fora sem fruito, se Apollo seu discipulo a naõ regàra: pelo que carecendo esta Sementeira da cultivaçaõ necessaria, naõ he de espantar, se fizesse bravia, e de trigo tenha degenerado em zizania.

§. III.

De como se podem remediar todas estas tres causas havendo Seminarios destas Naçoens.

Todas estas tres causas acima referidas da falta dos Sacerdotes, escandalo dos tratantes, e enfirmidades da terra, se pòdem remediar facilmente com hum só meyo, o qual he ordenar Sua Magestade, que haja Seminarios nos lugares, que parecer mais convenientes, como Loanda, e Cacheu, que he na terra firme do districto de Cabo-Verde, em que se crie certo numero de moços de cada huma destas Provincias, onde estaõ os nossos governos, os quaes moços aprendaõ, e sejaõ ensinados nos mesmos Seminarios em bons costumes, e virtudes por alguns Religiosos, que só por serviço de Deos se entreguem deste cuidado, e espiritual empreza; de maneira que quando os Seminaristas tornarem para suas patrias, possaõ fazer o officio de Prégadores, e succedendo huns aos outros, continuem na cultivaçaõ espiritual daquellas Provincias, atè as converter de todo. Este remedio he taõ notorio, e a obrigaçaõ taõ precisa, que jà se mandou fazer hum Seminario na Ilha de Santiago do Cabo-Verde, mas como naõ se lhe applicou governo conveniente, ficou quasi como se o naõ houvesse. Por onde se vè que estas cousas fóra da Barra naõ pòdem ter effeito, senaõ forem administradas por huma Religiaõ, que nunca morre, como se vè no Seminario de Goa. Todos os inconvenientes apontados se remedeaõ com estes Seminarios. Primeiramente evitarse haõ com os Sacerdotes deste Seminario as faltas, que dissemos nos nossos Ministros Ecclesiasticos, porque os do Seminario seraõ mais em numero para poderem discorrer por todas os povoaçoens de suas Provincias, e seraõ tambem de bons costumes, pois os levaõ da creaçaõ do recolhimento, e boa doutrina. Poderàõ os do Seminario muito melhor fazer o officio de Pregadores, porque escusaõ interpretes na doutrina, e prègaçaõ, que he hum dos grandes impedimentos, que os nossos Clerigos tem para ensinar; porque gastaõ muito tempo em saber a lingua, e ainda quando a alcançaõ, nunca a pòdem tambem saber como os naturaes. Seràõ os Sacerdotes mayor effeito na prégaçaõ, porque como naturaes da terra, haõ de permanecer sempre nella, e naõ virse logo como fazem os nossos; e com o natural amor, que tem aos de sua naçaõ, se moveràõ com natural zelo aos ensinar, e elles os ouviraõ com muito melhor vontade; por verem que os que lhes prégaõ, e daõ

exemplo, saõ de sua mesma patria, e gente, e que naõ hà nelles outro interesse.

Naõ se remediarà menos com estes Sacerdotes do Seminario a segunda causa, que apontamos do màо exemplo de alguns nossos naquellas partes; porque vendo os mesmos Portugueses a virtude que resplandece nestes de novo convertidos; confundirse hão considerando a vantagem, que lhes levaõ nos costumes, sendo os nossos os que lhes ensinaraõ a Fè. E quando todavia succeder algum escandalo, os do Seminario tiraràõ a opiniaõ aos naturaes da terra de serem todos os nossos semelhantes na vida, dizendo-lhes da grande Christandade deste Reyno, e que por huns se naõ haõ de julgar todos os outros.

Finalmente fazendo se os Seminarios, se evitaràõ com isso as doenças, e mortes, que padecem os nossos, que vaõ prègar a Guiné; porque como estes moços sejaõ naturaes da terra, seguramente podem andar, e viver nella. Por estas razoens se fez em Goa o Seminario da Santa Fé, em que se criaõ os sojeitos de todas as naçoens Orientaes. E neste Reyno o vimos por experiencia no mesmo Guiné; porque em se descobrindo o Reyno de Congo; mandou ElRey D.Joaõ II. doutrinar logo alguns moços nobres; porque depois de ensinados na Fè, tornassem a prègar a seus naturaes. E o mesmo fez ElRey D. Manoel aos filhos, netos, e sobrinhos delRey D. Afonso de Congo, e outros moços nobres, os quaes aprenderaõ, naõ sómente as nossas letras, mas ainda as latinas, e sagradas; de maneira que delles sahiraõ muitos Sacerdotes, e prègadores; e dous Bispos, que exercitando seu officio, serviraõ a Deos com grande aproveitamento espiritual daquelle Reyno, como testifica Joaõ de Barros Dec. 1. l. 3. c. 10. Pelo que naõ hà duvida, que aprendendo estes sogeitos, faràõ agora os mesmos effeitos, principalmente se os Governadores, Bispos, ou Religiosos, a quem Sua Magestade cõmetter a escolha dos sojeitos, que haõ de vir para o Seminario, fizerem boa diligencia em escolherem os de engenho mais vivo, e melhor inclinaçaõ: e posto que em alguns naõ haja taõ bom successo (como acontece em todos os Seminarios, e Collegios de qualquer naçaõ que sejaõ) isso não tira, que de ordinario nos mais se acerte, principalmente

sendo todos estes povos de Guinè muito differentes do novo mundo, e muy doceis, e capazes para toda a doutrina, como o experimentaraõ jà por vezes os que ensinaraõ os de Congo, e Cabo-Verde, e o confessaõ de todos os Olandeses nas suas navegaçoens Orientaes p. 6. cap. 9. dizendo: *Viri omnes habent proprietates, quibus virum cordatum, circunspectum, & prudentem ornatum esse convenit, ingenio sunt, & intellectu optimo, & facilè quod vel semel saltem viderunt, apprehendentes imitari, & æmulari non infeliciter conantur, &c*. E de hum delles conta o Author Gorardo que lia, e escrevia na lingua Portuguesa, e q foy argumentar com os Olandeses, para lhes confutar suas heresias, allegando muitas authoridades do Evangelho, e livros Apostolicos; como refere p. 6. c. 21. nestas palavras: *Quin, & unus inventus est, qui linguam Lusitanicum legere, & scribere perfecte potuit, inque sacris literis adeo versatus fuit, ut de religione cum Batavis conferre, & si quid contrarium proferentis, ipsi refutationem ejus ex Evangelistarum, & Apostolorum scriptis suscipere non dubitaret; unde videre est, ingenium quidem eis non deesse, quo ad veritatis agnitionem pertingerent, modo haberent aliquem à quo in capitibus pietatis, & religionis Christianæ principijs recte erudirentur. Quo magis eiiam optandum, ut talia Deus ipsis media largiatur, quæ ad propagationem verbi sui, & salutem ipsorum facere, & prodesse possint*.

§. IV.

Do proveito temporal, que resultarà à Coroa de Portugal de se fazerem estes Seminarios.

Notorio he a quem tem noticia das cousas deste Reyno, que a contrataçaõ, e direitos da Costa de Guinè foraõ por muitos annos a principal renda da Coroa de Portugal, e a com que ella se enriqueceo, e lhe deu cabedal para poder fazer as conquistas do Oriente, e novo mundo, pelo muito que importavaõ os direitos de Cabo-Verde, e rios de Guinè, Mina, S. Thomè, e Angolla, como se pòde ver dos Contratos, em que muitas vezes andaraõ arrendadas. Estas rendas, nas quaes os rendeiros ganhavaõ ainda muito, e eraõ

taõ certas, que diz Joaõ de Barros[241] della estas palavras: *Quanto ao acrescentamento do patrimonio Real, eu naõ sei neste Reyno jugada, portagem, dizima, siza, ou algum outro direito Real mais certo, nem que regularmente cada anno assim responda, sem rendeiros allegarem esterilidades, ou perdas, do que he o rendimento de cõmercio de Guinè; porque dà ouro, marfim, cera, courama, assucar, pimenta, malagueta, e daria mais cousas, se tanto quisessemos della descobrir, como descobrimos, alem dos povos Japões, que passaõ acerca de nós por Antipodas.*

Porèm he muito para sentir,[242] que este taõ grande rendimento da Coroa Real esteja quasi de todo acabado de alguns annos a esta parte. A causa saõ os Olandeses, e naçoens do Norte, que navegando àquellas partes em suas nàos, levaõ là as mercadorias, que nòs levavamos em muito mayor abundancia: e naõ contentes com isto, roubaõ todas as nossas embarcaçoens, que por aquellas Costas andaõ de maneira que estaõ hoje quasi senhores daquelle commercio, e tiraõ delle tanto proveito, que se julga por homens praticos lhe vem a importar o trato perto de dous milhoens: e esta foy a fonte das riquezas, que hoje possuem os Olandeses. Para remedio deste mal se tem applicados alguns meyos, mas nenhum delles foy de effeito; porque como aquellas Provincias saõ taõ distantes, e tenha cada huma tantos centos de legoas de Costa he impossivel defenderem-selhe todos os portos com armadas nossas, nem com fortalezas; e assim senaõ acabarmos com os mesmos naturaes da terra, que os naõ queiraõ receber em seus portos, nem commerciar com elles, naõ poderemos ser restituhidos a nosso antigo Senhorio.

Para se isto alcançar daquella gente, parece que naõ póde haver outro meyo mais poderoso, e facil, que o dos Seminarios, que dizemos; porque com elles se alcançaõ dous importantissimos effeitos. O primeiro he segurarmos em nossa amizade os Regulos confederados; porque tendo estes entre nòs seus filhos, e parentes, quasi como em refens, naõ poderaõ declararse em favor dos Olandeses em publico, nem em secreto. O segundo he a universal benevolencia, que adquirirémos com aquelles Principes, e povos de Guinè, os quaes vendo o grande beneficio, que se faz a seus filhos,

e parentes em os mandar sua Magestade ensinar, e doutrinar à sua custa, honrando-os, e engrandecendo-os com a dignidade Sacerdotal, admittindo-os aos Beneficios, Cortesias, e Dignidades de suas Igrejas, forçosamente haõde ficar obrigados a taõ grande mercè, e unidos com nosco em paz, e amizade, e feitos inimigos de nossos contrarios, principalmente depois que os Seminaristas seus naturaes lhes começarem a prègar, e persuadir, que se apartem de sua communicaçaõ. Disto temos jà visto hum grande exemplo[243] em ElRey D. Filippe da Serra Leoa, o qual sem receber beneficio algum temporal da Coroa deste Reyno, mais que o espiritual do Bautismo, foy este bastante para lançar fóra de seus portos os Olandeses, e prender os que depois a elles chegaraõ. Pelo que mais se pode esperar que façaõ os outros daqui por diante, vendose obrigados a Sua Magestade com lhes mandar ensinar, e honrar seus filhos, e naturaes.

He este meyo de taõ grande importancia, que naõ póde haver outro mayor, nem mais certo para as Naçoens do Norte deixarem aquelle cõmercio; porque nenhuma cousa cria taõ grande odio entre as gentes, como a diferença das Religioens. E assim ainda em razaõ de estado este he o meyo mais principal, com que os Reys fazem mais obedientes os vassallos, e inimigos de seus vizinhos, como conta a Escritura Sagrada de Jeroboaõ, que fez idolatrar a gente de Samaria, para ficar firme no Reyno novo. Pelo que se estes, e outros muitos alcançaraõ este seu intento prégando falsa doutrina; com muita mais razaõ devemos pretender a conversaõ desta Gentilidade; pois com ella àlem do bem de suas almas se confirmarà em perpetua obediencia o senhorio, que esta Coroa tem naquellas partes, fazendo aborrecer, e odiar nellas os Herejes, de maneira, que naõ sejaõ nellas mais admitidos.

Seguirseha tambem destes Seminarios a paz de Angolla, deixandose o meyo das armas, que ha tantos annos a andaõ destruindo, das quaes senaõ tem colhido fruito algum; porque o pensamento de nos senhorearmos das Minas, a experiencia o tem mostrado impossivel, naõ só porque as naõ hà da fineza, e abundancia, que se requerem para serem de proveito; mas pela grande dificuldade, que haveria em se conservar o dominio dellas

tantas leguas pelo sertaõ dentro, o que naõ poderia ser sem muitos presidios. Onde os inimigos, e doenças eraõ bastantes, para consumir toda a gente de Portugal. E assim destes metaes nunca poderémos ter mais, que aquelles que os Negros nos trouxerem a resgatar, movidos pelo interesse do ganho; e as guerras, que por este respeito se fazem, só servem de gastarem a fazenda de Sua Magestade ha muitos annos, por custar muito naquellas partes a sustentaçaõ dos soldados, e naõ para algum bom effeito. Porque ainda que sempre tivemos vitoria, naõ se contentaõ muitos Capitaens com este vencimento por ganharem mais com Sua Magestade nestas guerras, do que as mesmas rendas de Sua Magestade poderiaõ ganhar com o commercio da paz. E sendo assim que a conquista de Angolla naõ se intentou para povoarmos aquella Provincia (pois neste Reyno nos sobejaõ terras muito melhores, que por falta de gente se deixaõ de cultivar) senaõ por respeito da conversaõ dos naturaes da terra, e do comercio: não sey que espirito de guerra tem entrado naquelle Estado, que o tem destruido quasi de todo. E feito cessar huma, e outra cousa, por ser a guerra a destruidora dos commercios, e da promulgaçaõ do Evangelho, que sendo como temos dito, de paz, naõ se pòde prègar com as armas na maõ. E por isso dizem os Santos, que ordenou Nosso Senhor houvesse huma paz universal no Mundo, quando quiz que se convertesse, e prégasse nella sua Santa Ley. E o que em Angolla està feito de conversaõ, e commercio, se deve aos que a governaraõ em paz, e naõ com guerra. Por tanto se devem mandar extinguir estas infaustas guerras, e trazer aquelles Povos à nossa amizade com beneficios, e boas obras, ensinando-lhes os filhos, e honrando-lhos por meyo dos Seminarios; e por esta via se alcançarà a benevolencia daquellas gentes, e naõ com as mortes de seus parentes, e assolaçoens de seus Povos, que cada hora recebem de nossas mãos, em lugar dos favores, e caricias, com que os haviamos de attrahir para se converterem, e estimarem nossa communicaçaõ.

Finalmente com esta obra dos Seminarios alcançarà Sua Magestade hum nome gloriosissimo de Pio, e Religioso Principe, porque vendo as outras Naçoens estes Seminarios, e o grande zelo da honra de Deos, com que Sua Magestade manda taõ longe, e a

terras taõ barbaras doutrinar sogeitos para a prègaçaõ do Evangelho, e fazer politica huma das mayores partes do Mundo, naõ poderaõ deixar de lhe dar grandes louvores, edificando-se de taõ grande zelo da salvaçaõ das almas. E com isto se calaraõ de todo nossos inimigos,[244] que vendo nosso descuido, naõ deixaõ de nos calumniar, dizendo que naõ himos àquellas partes, por estender o Evangelho, senaõ por fazer nosso proveito. As quaes calumnias falsas, e outras semelhantes, de que andão seus livros cheyos, cessaraõ de todo, vendo com estes Seminarios, que a salvaçaõ das almas he o principal interesse, que Sua Magestade pretende destas Conquistas.

§. V.

Como se poderaõ fazer os Seminarios com pouco custo.

Do que temos atègora dito, consta que esta obra da conversaõ dos Ethyopes desta Costa, naõ se pòde fazer sem ajuda dos mesmos naturaes da terra doutrinados, e ensinados por nòs. Pelo que resta sómente vermos os meyos, com que isto se hade fazer: estes saõ notoriamente dous, ou vindo os sogeitos de Guinè aprender a Portugal, ou hindo os Prègadores de Portugal a Guinè a ensinallos.

Bem sey que de muito mòr proveito fora fazer estes Seminarios em Portugal, applicando-se a creaçaõ delles a alguns Religiosos; porque cà seria de mòr fruito a doutrina, e aprenderia juntamente a policîa, como aconteceo aos primeiros Sogeitos que de Congo vieraõ, que chegaraõ a ser depois Bispos. Mas se pelas occasioens presentes naõ pòde isto agora ter inteiro effeito, ao menos bem se poderiaõ repartir alguns a dous, a dous pelos Conventos de Religiosos com ordem de Sua Magestade, para que fossem doutrinados nas boas letras, e podessem depois hir fazer o mesmo officio com seus naturaes. O que meyo com muita facilidade se podia executar. Porém quando isto agora naõ possa ser, facilmente se poderaõ ordenar em Guinè; porque as fabricas, que se usaõ naquellas partes, saõ taõ pouco custosas, e do mesmo modo a

sustentaçaõ dos sugeitos pela barateza dos mantimentos da terra, que ElRey D. Affonso de Congo fez huma cerca, em que tinha mil moços nobres com Mestres, que os ensinavaõ, e delles sahiraõ Mestres, que poseraõ escolas por todo o Reyno, e por este meyo se veyo converter todo elle, como se diz na Chronica delRey D. Manoel p. 4. c. 3. Pelo que tornando as rendas daquellas Provincias seu estado com huma moderada ordinaria, se poderiaõ sustentar os sogeitos, que parecessem convenientes.

Para se fazerem estes Seminarios, àlem do de Loanda em Cacheu, ou em Biguba ha a mayor commodidade, que pòde ser, naõ só para os Discipulos, mas para os Mestres, que naõ saõ naturaes da terra. Cacheu, diz o Padre Balthesar Barreira nas cartas do anno de 1607. e 1608. que he o mais composto, que se póde escolher; porque he porto frequentado de todos os navios de Europa, e Caboverde, pelo grande resgate, que aqui ha de escravos, os quaes antes de se embarcarem, se bautizaõ, e por isso he alli mais necessaria huma casa de Religiosos doutos. Confessa o Padre, que aqui fez mayor fruito, que em nenhuma outra parte de Guinè, com estar alli menos tempo. E com tudo era grande a magoa, e dor, que sentia de ver a perdiçaõ de tantas almas, que se poderaõ salvar, se deste Reyno lhes mandaraõ quem os doutrinasse; porque com o bom entendimento, que tem, se sojeitaõ tanto às razoens, que lhes daõ, que sem duvida se converteriaõ todos. E he esta Provincia taõ perto deste Reyno, que naõ dista de Portugal mais que 20. dias de navegaçaõ. E o que mais he de notar, que diz o Padre em muitos lugares, que os ares da Serra Leoa, e dos mais lugares daquella costa levaõ ventagem aos melhores de Portugal; e que se naõ morre naquella terra de doença, senaõ de velhice; porque naõ tem excesso nos frios, nem nas calmas pela frescura que sempre corre, e assim naõ he necessario no veraõ usar de remedios de aguar as casas, nem de avanos. E affirma o Padre, que tem esta terra por mais accommodada à vida humana, que todas as de Europa.

A facilidade da conversaõ he tanta, que diz o Padre Balthasar Barreira, que naõ ha Rey dos que vivem pela Costa, que naõ queira receber o Evangelho com toda a sua gente: exemplo seja, que os

mais delles lhes deraõ os mesmos filhos, para que os levasse consigo, e os ensinasse, e assim entre outros trazia dous filhos delRey de Tora, e outros dous, da Serra Leoa.

O Cõmercio he taõ grande, que excede o que se tira de todas as outras partes, porque diz, que só os Olandeses tiraõ delle todos os annos dous mil arrateis de ouro. Na terra hà melhor pào de tinta, que o do Brasil, mais algodaõ, e mais fino, ambar, marfim, cera, malagueta, courama. As canas de assucar nascem naturalmente, grande abundancia de mantimentos, ferro, e outros metaes, muitas arvores de espinho, as uvas se daõ pelo campo, bananas, arroz, milho, castanha, a que chamaõ Cola, de que se leva para todo Guinè, e nascem em ouriços sem espinhos, palmeiras, toda a sorte de aves, e animaes, muitos, e bons pescados, pelo que naõ só havendo Prègadores, se ficaria ganhando hum numero quasi infinito de almas para a Igreja Catholica, mas hum muy rendoso comercio para este Reyno.

Para Sua Magestade mandar contribuhir das rendas de Guinè esta ordinaria, hà assaz de razoens: porque àlem de naõ ser muita a porçaõ, he esta obrigaçaõ imposta pelo Sagrado Concilio Tridentino àquelles dizimos, àlem de os Summos Pontifices concederem com esta condiçaõ à Coroa deste Reyno o Senhorio de Guinè; da qual só Angolla rendia quarenta contos. Pelo que naõ he muito, que para esta obra de tanta obrigaçaõ, e proveito espiritual, e temporal se acrescente esta Ordinaria às outras de Angolla, e Caboverde, a qual naõ servirà de despeza, senaõ de accrescentamento dellas; porque como dissemos, naõ se pòde fazer mayor guerra aos Herejes naquellas partes, que por meyo do Seminario. De maneira que continuandose elle, em poucos annos se colherà sem comparaçaõ muito mayor fruito temporal, do que pòde ser o gasto; mas ainda que se este naõ seguisse, assaz se alcança com a salvaçaõ de tantas almas: sendo cada qual de tanto preço, que só por huma dellas, viria Nosso Senhor de novo do Ceo à terra a se fazer homem, se isso fora necessario para sua salvaçaõ.

Este zelo da honra de Deos foy o que dilatou o Senhorio de Portugal posto num canto de Espanha atè os fins da terra, dando-lhe as riquezas de Africa, Asia, e America. Esta grandeza hirà

sempre em crescimento, se se continuar o zelo da conversaõ das mesmas gentes. Para o qual ministerio Nosso Senhor escolheo por sua particular graça, e misericordia aos Portugueses, como o certificou ao nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques. Este he o fundamento de nossas vitorias, esta he a causa de se sustentarem as Colonias de Portugal por todas as Costas da redondeza da terra; o que naõ pòde ser senaõ milagrosamente, porque naõ houve nunca Monarquia, que tanto se estendesse, nem Imperio algum, que tivesse poder para defender tantas mil legoas de Fronteira confinantes contra os mayores Principes do mundo. A esta divina obra deraõ principio os Portugueses, como outros novos Apostolos, por ella derramaraõ tantas vezes o sangue, e sacrificaraõ as vidas, como tem visto o mundo todo no grande numero de Martyres, assim Religiosos, como Seculares, que padeceraõ no Japaõ, China, Siaõ, India, Cafraria, e no Brasil.

Botero no livro intitulado: Del officio di Cardinali l. 2. fol. 138. estranha grandemente aos Portugueses o esquecimento que tem de prègarem na Ilha de S. Lourenço; tendo tanto zelo, que se empregaraõ na conversaõ espiritual da India, Malucas, Japaõ, e China, que lhe ficava muito mais longe. Pelo que com quanta mais razaõ se podéra queixar de faltarmos com esta doutrina aos povos de Guinè, se fora informado das commodidades, que para isso temos muito mayores, que naõ para a Ilha de S. Lourenço, suas palavras saõ: *Non voglio pero lasciar de dire che io mi maraviglio grandemente, che i Portuguesi, che con lode, e con gloria loro immortale an aportato la luce del Evangelio a la India, a le Maluche, a la China, i al Giapone, & che no hanno incio risparmiato, ne speza, ne travaglio, ne periculo alcuno, lascino, in abandono, la Isola de San Lorenzo, posta quasi a media strada de le navigationi loro*.

Finalmente se desejava[245] S. Francisco Xavier de hir prègar aos Doutores da Universidade de Pariz a obrigaçaõ, que tinhaõ de exercitar o talento na conversaõ dos povos da India, que por falta de semelhantes obreiros se hiaõ à perdiçaõ; com quanto mais razaõ pòdem temer esta conta aquelles, a cujo cargo estiver procurar a conversaõ de tantas almas, que por esta falta se perdem cada dia? E assim parece se deve mandar entender nesta materia com muita

diligencia, e consideraçaõ; pois della resulta taõ grande serviço de Deos, e de Sua Magestade.

NOTAS DE RODAPÉ:

[233] *P. Joaõ de Lucena na vida de S. Francisco Xavier l. 2. c. 10.*

[234] *Joaõ de Barr. Dec. 10. l. 3 c. 9. & 10.*

[235] *Chron. delRey D. João II. c. 178.*

[236] *Relaçoens de Botero p. 3. t. Angolla.*

[237] *Relaçaõ do Padre Guerreiro do anno de 1605.*

[238] *Padre Guerreiro nas Relacoens de 605. 606. 607.*

[239] *O mesmo Padre no lugar citado.*

[240] *Barros Dec. 1. l. 3. c. 12.*

[241] *Dec. 1. l. 3. c. 11.*

[242] *Padre Guerreiro Relação de 605. l. 3. c. 9.*

[243] *Guerreiro no lugar citado.*

[244] *Navigationes Oland. p. 7.*

[245] *P. Lucena l. 2. c. 15.*

DISCURSO VII.

Sobre as Cauzas dos Muitos Naufragios, que fazem as Nàos da Carreira da India, pela grandeza dellas.

Sendo as Nàos da Carreira da India as Embarcaçoens em que Portugal mete a principal substancia de seu cabedal em Dinheiro, Armas, Soldados, e Fidalguia delle, para em retorno lhe trazerem as riquezas do Oriente, he notorio a todo este Reyno, quantas destas Nàos se perdem quasi todos os annos. Pelo que parece obrigaçaõ muy precisa tratarse do remedio de taõ grande danno, pois em cada Nào destas, àlem da gente, se perdem muitos milhoens, e sendo esta perda tamanha he a mais ordinaria que padecemos, e ainda por vezes se tem apontado varias causas deste mal, parece que de todas ellas he a mayor, e mais prejudicial a demasiada grandeza das Náos, e o mào concerto, que se lhes faz com a querena; e porque sabido o principio, que estes erros tiveraõ, se poderaõ mais facilmente remediar, apontarey a noticia que delles tenho.

Todos os que tem lido as historias da India, sabem como no tempo, que ElRey D. Manoel viveo, naõ passavaõ as Nàos da Carreira de 400. toneladas, isto se vè assim, pelo dizerem os mesmos Historiadores, como pelo numero da gente, que nellas hia.

Morto ElRey D. Manoel, e querendo ElRey D. Joaõ pelo tempo adiante acrescentar o Commercio das Drogas, acrescentou[246] tambem para isso a grandeza das Nàos a 800. e 900. Toneladas, parecendo aos que deraõ este alvitre, que poupava muito em naõ acrescentar o numero dos vasos, e que se ganharia tanto mais na pimenta, quanto mòr quantidade della se trouxesse; porèm em lugar destes dous proveitos, se seguiraõ a ElRey duas grandes perdas. A primeira de gente, porque como as Nàos se fizeraõ taõ grandes, e a India està sempre pedindo Soldados, embarcaõ se nestas Nàos de ordinario 700. e 800. homens, e ainda mais, os quaes com a variedade dos Climas, incommodidades da embarcaçaõ,

immundicia, e aperto da Nào vem a adoecer na viagem quasi todos. Na vida do insigne Martyr do Japaõ Carlos Espinola §. 2. se diz que na Nào, em que partio de Lisboa, houve tantos enfermos, que chegaraõ num dia a se darem 400. sangrias: e assim vem a fallecer grande numero de gente, perdendo-se os Soldados, e a despeza, que para elles se tem feito. A segunda perda, a que deraõ causa as Nàos grandes, foy a vinda, e por isso foy muito mayor, porque com esta occasiaõ se perde o fruito, e retorno de todo o Cõmercio da India, a razaõ he porque quanto mayores saõ as Nàos, tanto concorre a ellas mais gente, cuidando que vaõ mais seguros, e as carregaõ com tanta confiança de roupas, e caixaria, que naõ sómente vem entulhadas, e quasi maciças com o recheyo, mas ainda no Convés he às vezes taõ grande o numero de caixas postas humas sobre as outras, que fica a caixaria mais alta que o Castello da Popa, e para sahir da Proa à Popa, he necessario subir pelas caixas como por hum monte. Isto naõ sómente lemos em muitas relaçoens de naufragios, mas de presente mo testificou o Senhor Bispo eleito de Cranganor Francisco Barreto, que passou na Nào em que veyo. Pelo que, ou estas Nàos se perdem totalmente, ou padecem grandes perigos nas tormentas, chegando cà por milagre, depois de ter alojada toda a fazenda ao mar, como se tem visto por experiencia tantas vezes, e particularmente no anno de 91. e 92. em que partiraõ da India[247] 17. Nàos, 2. Galeões, e huma Caravella, e 2. Nàos novas, e destas vinte, e duas embarcaçoens, só chegaraõ a Lisboa as Nàos S. Christovaõ, e S. Pantaleaõ, que por serem as peores, vinhaõ descarregadas, e as outras vinte se perderaõ.

Estas duas perdas causadas pela grandeza das Nàos, foraõ de tanto pezo, que puseraõ a todo o Reyno em grandes apertos, porque com morrerem tantos Soldados na viagem, foy necessario mandar todos os annos muita mais gente â India, e com os muitos naufragios, que em todo o tempo delRey D. Manoel senaõ tinhaõ visto, ficou ElRey D. Joaõ[248] taõ falto de cabedaes, e drogas, que veyo a quebrar no anno de 1544. com tres milhoens de divida em Flandes, para cuja satisfaçaõ empenhou o Patrimonio Real na mayor parte dos juros, que lhe hoje vemos.

Conhecido este grande mal da grandeza das Nàos pelos do Conselho delRey D. Sebastiaõ, que succedeo a ElRey D. Joaõ seu Avó, procuraraõ remediar, e atalhar taõ manifesto danno, porque naõ sómente se perdia em huma Nào inestimavel riqueza, mas muita gente, Fidalgos, Soldados de grande valor, Pilotos, Mestres, Marinheiros, Artelharia, e Bombardeiros, gente toda feita nesta Carreira, que tanto neste Reyno, como na India, faziaõ muito notavel mingoa; e assim ordenando ElRey hum Regimento para a Casa da India,[249] que anda impresso no anno de 1570. mandou nelle as folhas 217. que nenhuma Nào da India fosse mais que de 300. atè 400. Toneladas, como se vè das palavras seguintes: *E porque saõ imformado, que as Nàos, que haõ do andar na Carreira da India, convem serem de menos porte do que eraõ as que ategora serviaõ por se poderem mais facilmente aparelhar, e carregar, e haverem mister menos gente para as marear, e invernando fazerem despezas, que serà causa de se poderem fazer, e armar mais Nàos para andarem na dita Carreira. Ordeno, e mando, por estes, e outros respeitos, que me a isso movem, que todas as Nàos, que daqui em diante se fizerem por conta da minha fazenda, ou de partes, assim neste Reyno, como na India, para haverem de andar nesta navegaçaõ, naõ passe cada huma dellas de 450. Toneladas, nem seja de menos de 300. que fuy informado, que era o porte, que deviaõ ter para mais commodamente, e com menos risco, e despeza navegar*. Esta ordem delRey se seguio em quanto elle viveo com taõ acertado successo, que nenhuma destas Nàos em seu tempo padeceo naufragio, como se vé da memoria das viagens das Nàos, tirada dos livros da Casa da India, que anda impressa, e se apresentou ao Conselho no anno de 1622.

Depois delRey D. Sebastiaõ, entrou ElRey D. Filippe o Prudente, que quando se tornou para Castella quiz deixar arrendada a pimenta a mercadores, e assim mesmo a fabrica, e concerto das Nàos, para saber com certeza quanto lhe rendia a Casa da India. Com esta occasiaõ desejando os Contratadores da pimenta lograrse dos annos dos seus contratos, pretenderaõ mandar vir grande quantidade della, e para isso accrescentaraõ a grandeza das Nàos, como se tinha feito em tempo delRey D. Joaõ, e porque o concerto

de Nàos taõ grandes era notorio, que lhes havia de custar muito mais caro aos Contratadores do apresto dellas, porque senaõ podiaõ tirar a monte para se concertar, como as Nàos menores, introduziraõ a querena Italiana, para que sem tanto custo seu, emendassem as Nàos, estando dentro na agoa.

Destes dous princípios se tornaraõ a seguir os inconvenientes antigos, e ainda mayores; porque com a grandeza, e carga sobeja das Nàos, tornaraõ a ser tantos os naufragios, que de tres Nàos, que partem da India, raramente chegaõ as duas a salvamento, e o concerto da querena he de taõ pouca importancia, que ficaõ as Nàos verdadeiramente sem remedio, e reparadas somente no exterior. Estas saõ as causas de se terem perdido tantas Nàos do tempo delRey Filippe para cà, que se veyo a cuidar, que era isto algum misterio, naõ havendo outro mais que este erro fatal da grandeza demasiada das Nàos, e do superficial concerto das querenas. Em razaõ deste danno taõ prejudicial, por muitas pessoas praticas deste Reyno, se escreveo por vezes contra elle, sendo o primeiro Joaõ Bautista Lavanha, no naufragio da Nào Santo Alberto, [250] onde diz estas palavras. *Tal foy a perdiçaõ desta Nào Santo Alberto, taes os successos de seu naufragio, causado naõ das tormentas do Cabo da boa esperança, pois sem chegar a elle com prospero tempo se perdeo, mas da querena, e sobrecarga, que como a esta Nào, assim a outras muitas no profundo do mar haõ sepultado, ambas poz em pratica a cobiça dos Contratadores, e Navegantes; os Contratadores, porque como seja de muito menos gasto, dar querena a huma Nào, que tirala a monte, folgaõ muito com a invençaõ Italiana, a qual posto que serve para aquelle mar de levante, a cujas tormentas, e tempestades pòdem pairar Galès, e aonde cada outo dias se toma porto. Neste nosso Occeano he o successo huma das causas da perdiçaõ das Nàos, porque alem de se apodrecerem as madeiras; posto que sejaõ colhidas em sua sazam, com a continua estancia no mar, e desencadernaremse com as voltas da querena, e grande pezo de tamanhas carracas, calafetandoas por este modo recebem mal a estopa por estarem humidas, e pouco enxutas, e quando depois navegando, saõ abaladas de grandes mares, e combatidas de rijos ventos,*

despedemna, e abertas daõ entrada à agoa, que as sosobra, e assim tem mostrado a experiencia, que quando desta danosa invençaõ senaõ usava, fazia huma Nào dez, ou doze viagens à India, e agora com ella naõ faz duas. O mesmo disseraõ outros muitos zelosos do bem commum, atè que ultimamente se deraõ no Conselho dous grandes Memoriaes impressos no anno de 1622. em que se mostrou com evidencia, que a grandeza que se usava nas Nàos era em danno da Fazenda, da Milicia, e do Estado do Reyno. Pelo que vistos estes Memoriaes, se mandou deixassem as Nàos grandes, e se tornassem a fazer Nàos pequenas, e em effeito se fizeraõ, e tiveraõ excellente successo, e no anno de 1633. as Nàos pequenas que se fizeraõ, foraõ à India em quatro meses, e meyo, e voltaraõ em cinco meses, cousa que nunca aconteceo a Nào alguma grande. Porèm os homens do mar, e mais officiaes, como saõ interessados na grandeza das Nàos, porque quanto saõ mayores, tanto mayor he o espaço de sua liberdade, ou de seu lugar, para o venderem, tornaraõ a persuadir aos Ministros, que convinha fazerem-se Nàos grandes, e naõ pequenas, e assim o diraõ sempre, porque saõ suspeitos na materia; e elles fizeraõ fazer a terceira cuberta taõ alterosa, que enfraquece as Nàos, e os Camarotes se tem tornado em cameras. Com tudo por se dar satisfaçaõ à gente do Mar, se deve fazer boa conta dos Soldados, e Fretes, que se lhes devem dar nesta viagem, ǫ naõ convem sejaõ menores, que os que os Ingleses, e Olandeses daõ aos seus Marinheiros, antes com ventagem. E se nas Nàos pequenas ficaõ defraudados, e levando menos, que os Estrangeiros, isso se lhes deve suprir em dinheiro, e em os forrar de alguns direitos, mas naõ em lhes acrescentar os lugares com que ElRey perca as suas Nàos, pois mais interessa a Fazenda Real em irem as suas embarcaçoens a salvamento, que nos suprimentos, que a esta gente se lhe pòde acrescentar.

Finalmente as ventagens, que as Nàos pequenas levaõ às Nàos grandes, saõ muito notorias, porque as Nàos pequenas saõ muito mais ligeiras, navegaõ menos quartas, e com qualquer vento, e pedem menos fundo, e para as pelejas saõ de muito mòr effeito. As Nàos grandes pelo contrario andaõ menos, porque navegaõ em mais quartas, naõ se movem senaõ com vento largo, pedem muito

fundo, com que perigaõ em muitos portos, e não servem para a guerra, como he notorio, e o nota Joaõ Botero, quando trata das forças delRey de Polonia, dizendo que por as Armadas da Christandade porem de ordinario suas forças em vasos grandes, perderaõ muitas vezes as occasioens, que houveraõ de alcançar, se foraõ embarcaçoens mais ligeiras, e o mesmo nos tem acontecido com os Olandeses, que por os seus Baixeis serem Galeoens, sempre ficaraõ superiores às nossas Nàos, quando se encontraraõ com ellas.

O caso he que cinco Galeoens, ou Nàos pequenas, custaõ tanto como tres Nàos grandes, e vindo cinco Baixeis destes que dizemos juntos, vem huma Armada muito poderosa, e vindo tres Nàos, vem tres Carracas muito fracas, as quaes depois de duas viagens, se mandaõ desfazer na Ribeira, e os Galeoens podem servir depois de muitos annos, assim nas viagens, como nas Armadas da Costa; porèm o que sobre tudo se pòde considerar, he que de cinco Navetas, que partem da India, todas chegaõ ao Reyno, senaõ quando Deos conhecidamente nos quer castigar, e partindo tres Nàos de Goa, he quasi milagre chegarem cà todas, por quanto do mesmo porto de Goa, por sua grandeza, e immensa carga saem jà perdidas, como aconteceo à Nào Reliquias, que dando à vella, se foy ao fundo, antes de sahir do porto de Cochim.

Por conclusaõ de tudo nos pòde servir de demonstraçaõ desta verdade o exemplo, que vemos nos Olandeses, os quaes com os Galeoens estaõ feitos Senhores do Cõmercio da India, porque as embarcaçoens ordinarias em que navegaõ, naõ passaõ de 500. Toneladas. E ainda que algumas vezes usaõ de outras mayores, e que chegaõ a 800. podem-no fazer sem tanto risco, como nòs, porque a sua carga naõ he de roupas, ou caixaria, senaõ de Drogas cosidas em fardos, e nenhuma fazenda vay fóra de seu lugar, porque a carregaçaõ corre pelos Ministros de sua bolsa, e naõ pela cobiça dos nossos Marinheiros, que costumaõ carregar as nossas Nàos à sua vontade. Pelo que naõ excedendo ordinarimente os Navios de suas Frotas de 450. Toneladas, hà mais de 50. annos, que fazem viagem, sem saberem quasí, que cousa he naufragios, nem perderem Galeaõ da Carreira, e todas as vezes que se

encontraraõ com as nossas Nàos, ficaraõ superiores na peleja, como temos dito, assim por serem mais os seus Galeoens, que as nossas Nàos, como pela ventagem da ligeireza. Por estas razões lhes rende tanto o Cõmercio da India, que saõ hoje os mais poderosos mercadores de Europa; e sem algum Principe entrar em sua companhia, só com os ganhos do Cõmercio, que todos os annos lhes chega a salvamento nos Galeoens, saõ bastantes a sustentarem a guerra na India, e no Brasil contra Sua Magestade, com tão grandes Armadas, e numero de Soldados, que naõ ha Principe fóra de Espanha, que atègora pudesse fazer outro tanto.

Alèm destas causas bem sey, que hà outras muitas, para se as Nàos perderem: porèm a demasiada grandeza, e as querenas saõ os defeitos mais ordinarios, e mais faceis de remediar, e que tem occasionado mais naufragios, que todos os outros juntos. Pelo que totalmente convèm, assim, para conservarmos o Cõmercio, como para prevalecermos contra os Olandeses, que se deixem estas fataes Nàos de summa grandeza, e tornemos aos Galeoens, e Nàos pequenas, com que este Reyno alcançou o Senhorio da India, pois he axioma certissimo dos Filosofos, e Politicos, que as cousas permanecem, em quanto se conservaõ as causas, que as produsiraõ. E deste modo evitarà Sua Magestade ver cada anno perder as suas Nàos com tantos milhares de cruzados de cabedal, e tantos Vassallos seus, que tanto lhes custaraõ aos pòr na India, e tornar embarcar para Portugal. E os Officiaes, Marinheiros, e Passageiros das Nàos, escusaraõ de botar com seus mesmos braços ao mar aquellas riquezas, que adquiriraõ com taõ compridos trabalhos, e riscos, e o que he mais, perder as vidas, despedaçados nos penhascos das Costas bravas da Etiopia, ou escapando daqui, às maõs dos Cafres, e de cruelissimas fomes, dando sepultura a seus corpos nos ventres dos Tigres, e outras semelhantes féras dos ardentes desertos da Cafraria.

NOTAS DE RODAPÉ:

[246] *Informaçaõ sobre a Companhia Oriental.*

[247] *Companhia Oriental fol. 180.*

[248] *Companhia Oriental fol. 109 n. 95.*

[249] *Regimento da casa da India fol. 217.*

[250] *Naufragio Santo Alberto fol. 15.*

DISCURSO VIII.

Sobre a peregrinaçaõ.

Os desejos de peregrinar por diversas Provincias saõ quasi cõmuns a todos na primeira idade; por onde convem saber as occasioens, em que sómente esta resoluçaõ pòde ser util, e os grandes inconvenientes, que se seguem do contrario, para com esta demonstraçaõ se atalharem semelhantes intentos, que muitas vezes desordenaõ o curso mais aceitado das acçoens da vida. Opiniaõ recebida he entre os Filosofos naturaes, que as varias constellaçoens, e sitios das terras saõ a causa da differença dos engenhos, e inclinaçoens dos homens. Porque como cada regiaõ cria naturalmente particulares plantas, e fruitos, da mesma maneira produz em seus habitadores diversos temperamentos, dos quaes procede serem a certos costumes, artes, e sciencias inclinados. O mesmo affirmaõ Plataõ, e Aristoteles, e particularmente o Poeta Latino, quando appropriando só aos Romanos a Politica, diz:

Excudent alij spirantia mollius æra,
Credo equidem vivos ducent de marmore vultus,
Orabunt causas melius, cælique meatus
Describent radio, & surgentia sydera dicent;
Tu regere Imperio terras, Romane, memento,
Hæ tibi erunt artes, &c.

Por esta razaõ, vendo antigamente alguns Varoens de grande entendimento quam limitada era a noticia, que cada hum podia alcançar na patria, e que as sciencias, e artes floreciaõ em varias partes do Mundo, emprenderaõ grandes peregrinaçoens; e correndo muitas Provincias, tornavaõ à propria terra cheyos destas mercadorias, e verdadeiras riquezas.

Estes foraõ, como diz Plataõ, os celebrados trabalhos de Hercules, que sendo grande Filosofo, e querendo alcançar a

perfeiçaõ de todas as sciencias, escolheo por companheira, antes a virtude mal vestida, que a lascivia enfeitada; e vencendo em si os effeitos animaes de leaõ, javali, e cervo, que se lhe oppunhaõ ao caminho, buscou a Prometheo no Caucaso, a quem dizem tomou a Aguia pela noticia, que elle lhe deu desta Constellaçaõ celeste. E passando a Africa, aprendeo de Athlante o curso dos Ceos, e Planetas, com o nascimento, e occaso das estrellas, figuradas dos Poetas naquellas maçaãs de ouro, que so podia colher Athlante; o qual por esta causa dizem, lhe poz os Ceos às costas. E assim foy elle o primeiro, de cuja boca sahio o conhecimento da Via Lactea, atè entaõ naõ alcançado dos Astrologos, e outras muitas cousas, que os Poetas nos contaõ, disfarçadas em suas doutas fabulas. Isto mesmo fizeraõ Solon, Licurgo, Democrito, e outros muitos. Pelo que nenhum homem era tido por grande entre os antigos, senaõ depois de largas peregrinaçoens. Por onde Homero preferio este titulo a todos os outros de Olysses, quando invocando Caliope, lhe diz:

Dic mihi Musa virum captæ post tempora Troiæ,
Qui mores hominum multorum vidit, & urbes. &c.

Porèm ninguem peregrinou com tanto fruito, nem mereceo mais gloria nesta materia, que Pythagoras, e Plataõ, os quaes tratando com os Sacerdotes do Egypto, e Chaldea, com os Magos da Persia, Gymnosophistas da Ethyopia, Bracmanes da India, e com os mais insignes Varoens de sua idade, nos deixam o conhecimento das sciencias taõ perfeito, que escusaraõ depois a seus discipulos Aristoteles, e Architas outro semelhante trabalho. Donde daquelle tempo por diante floreceraõ as sciencias em Grecia, e naquella parte de Italia, que tambem chamaraõ Magna Græcia com tanta ventagem das Provincias, em que nasceraõ, como ordinariamente fazem as plantas dispostas noutra terra; e como se vio nos pomos Persicos, oliveiras, cerejeiras, e platanos, que antes, e depois della vieraõ.

Com estes exemplos se mostra claramente, que só por razaõ de alcançar as sciencias, e artes necessarias ao commum, e particular, se deve sahir da patria, e que sendo o lugar, em que as letras se professem, perto, se escusa buscar o apartado, e longe; pois assim o fizeraõ os Gregos, e os Romanos, os quaes com o dominio do

mundo trouxeraõ tambem à Cidade os melhores engenhos delles; de modo que em tempo de Trajano os mais aprendiaõ em Roma; e no de Theodosio ninguem jà hia a Athenas, como no lo dà a entender S. Hieronymo, e outros daquelle tempo. O mesmo se vio em França, depois de fundada a Universidade de Pariz, e em Espanha, quando se reformou pelos Reys Catholicos a de Salamanca, e em Portugal a de Coimbra por ElRey D. Joaõ III. Conhecidos saõ no mundo os illustres engenhos, que em todas estas Universidades floreceraõ, sem sahirem dellas a outras partes. Pelo que havendo na Provincia de cada hum escolas, onde com conhecido louvor se leaõ, e ensinem sciencias, naõ he necessario illas buscar com peregrinaçaõ a outras partes: *Frustra enim fit per plura, quod potest fieri per pauciora*; como diz o Axioma do Filosofo, que neste particular, como em todas as cousas moraes, tem seu lugar.

Com tudo algumas artes ha, que ainda, que o especulativo dellas se possa ensinar nas Escolas, he necessario totalmente para sua perfeiçaõ praticaremse com o exercicio; destas he huma a Arte Militar, a qual ainda, que se possa ler nos estudos por parte da Politica, naõ se pòde alcançar perfeitamente, sem primeiro se exercitar. Donde dizem Tulio, e Plutarco, que com razaõ se rio Annibal em Epheso da oraçaõ, que o Filosofo Phormiaõ lhe fez sobre o officio de Capitaõ, e doutrina da guerra, sem ter nunca hido a ella, como tambem elegantemente o refere o nosso Poeta Portuguez[251] a ElRey D. Sebastiaõ, dizendo.

De Phormiaõ Philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia
Quando das artes bellicas diante
De elle com larga voz tratava, e lia.
A disciplina Militar prestante,
Naõ se aprende Senhor na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senaõ vendo, itratando, ou pelejando.

Por tanto os que ouverem de servir a Republica na Milicia, e quizerem alcançar nella a reputaçaõ, devem de a hir exercitar, e aprender nos Exercitos, seguindo os fóra da patria, quando nella os

naõ ouver, ou embarcandose muitas vezes nas Galès do mar Mediterraneo, e nas Armadas do Oceano, e India Oriental, que saõ as escolas em que hoje florece esta pratica.

O mesmo diremos daquella parte da eloquencia, que trata da linguagem ordinaria, a que os Latinos chamaõ, *Sermocinatio*, e da Ethica, que pertence aos costumes proprios urbanos com que hum homem se faz perfeito Cortesaõ, os quaes se professaõ com perfeiçaõ na Corte do Principe sómente (donde o mesmo Cortesaõ tomou o nome) ou quando a Corte he totalmente diversa da lingua, e costumes do outro Reyno, na Metropoli da Provincia; porque aqui estaõ em seu ponto os estylos, e cortesias, com que os homens se devem tratar huns aos outros. Aqui nascem os trajos polidos, de que se deve usar na Cidade, Casa, e campo, e aqui somente se pratîca a pureza da lingoa natural. A perfeiçaõ da qual, como quer o Conde Balthasar Castilhioni, està no uso mais recebido, e praticado da Corte; pois nos outros povos fóra della vemos conservaremse outros vocabulos, e taes, que quando seus moradores vem à Metropoli, usaõ taõ necessariamente das palavras do tempo de Evandro (por dizer assim) como o outro em Macrobio as usava de proposito.[252]

Tambem he parte essencial da Politica a noticia da Provincia em que cada hum nasceo, e cuja administraçaõ lhe pòde em todo, ou em parte cahir em sorte, porque mal se pòde governar aquillo, que senaõ conhece. Pelo que importa grandemente ver, e andar todo o Reyno, ou a melhor parte delle, e saber de cada regiaõ, e lugar o sitio, poder, abundancia, commercio, e costumes, e tudo o mais necessario para poder depois usar de cada cousa em seu lugar. DelRey Francisco de França se conta;[253] que andando à caça lhe deraõ aviso, como o Emperador Carlos V. vinha marchando com hum poderoso Exercito contra elle; e que ouvindo, reparou hum pouco cuidando, e subitamente despachou recados para varias partes do Reyno; mandando trazer de humas Provincias gente, e de outras armas, de outras bastimentos, apontando os caminhos, rios, e portos, porque cada cousa havia de vir, como se tivera todo o Reyno presente a huma só vista; e assim dentro em meya hora, e sem descer do cavallo, em que estava, ordenou outro Exercito, com que resistio à potencia do Emperador, e conservou seu Reyno. O

que mal podéra fazer sem grandes dificuldades, e muito espaço de tempo, se o naõ tivera andado, e passado todo, e notando as particularidades delle com grande consideraçaõ. A mesma noticia pois, he necessaria no conselheiro do Principe, ou em qualquer outro ministro superior da Republica. Estas peregrinaçoens, que temos referido, saõ sómente as que cada hum, segundo sua profissaõ, he obrigado a fazer; e com que poderà sahir varaõ perfeito nas letras, na corte, e nas armas. Porque sem outras mayores alcançaraõ nas letras este louvor, Aristoteles, e Demosthenes em Grecia, e Virgilio, Torcato, e Ariosto em Italia, dos quaes o ultimo[254] o confessa de si mesmo claramente, dizendo em huma das suas Satyras.

Visto hó Toscana Lombardia Romagna:
Quel monte che divide, i quel che serra
Italia, i un mare, il altro che là bagna
Questo mi basta, il resto de la terra,
Senza mai pagar lhoste, andro cercando.
Con Tolomeo, sia il mondo in pace, o in guerra.
E tuto il mar senza far voti, quando
Lampeggia il Ciel sicuro in su le carte,
Verrò, piu che su i legni volteggiando.

E por deixar os estranhos, o mesmo succedeo aos nossos Joaõ de Barros, e a Luiz de Camoens neste Reyno (porque a jornada, que este fez à India, naõ foy para aprender as letras, senaõ as armas) nem o Conde Balthasar Castilhioni obriga ao seu Cortesaõ a mayores jornadas, sendo assim, que o orna de tantas perfeiçoens, que parece impossivel acharse sogeito daquellas partes. Do mesmo modo foraõ tidos antigamente por insignes Capitaens Pirrho, e Filippe de Macedonia sem verem mais Provincias, que aquellas, em que se exercitaraõ nas armas; e modernamente em Espanha, o Graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes, Antonio de Leiva; e dos nossos o Conde D. Nuno Alvares Pereira, Nuno Fernandes de Ataide, D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, e outros; deixando os Italianos, que seria largo referir. E na Corte Hypolito de Este, Lourenço de Medices, e Jacobo Senazaro em Italia. Pelo que consta claramente, que todas as outras jornadas, que àlem destas se

intentaraõ saõ voluntarias, e ordenadas, naõ por obrigaçaõ, senaõ pelo gosto de cada hum.

Com tudo fazendose esta peregrinaçaõ voluntaria em tempo, e idade conveniente, e por pessoas, que se saibaõ della aproveitar, sem duvida lhes serà de muito fruito, e ornamento: porque nellas se aprendem muitas cousas, e principalmente o sofrimento dos trabalhos, e paciencia, e o viver com temperança, como jà disse Democrito. *Vitæ frugalitatem docent, offa quippe, & thorus herbaceus, famis, & laboris dulcissimæ medullæ sunt.*

A idade, e tempo, em que estes caminhos se devem intentar, ha de ser atè aos 25. annos, em que se acaba a adolescencia, assim porque atè entaõ dà a natureza forças para sustentar o trabalho do caminho, alegria, e vigor para se continuar; como porque tambem esta he a idade propria de aprender. O tempo ha de ser desoccupado de outro mayor encargo, como o mostra Plutarco, quando diz: *Quibus nihil domi boni est, dulcis est peregrinatio*. Pelo que saõ mais dignos de reprehensaõ os que deixaõ os ministerios publicos, que tem a seu cargo por esta curiosidade, contra os quaes diz Tulio a Rufo: *Vrbem mi Rufe cole, & in ista luce vive, omnis enim peregrinatio (quod ego ab adolescencia judicavi) obscura, & sordida est ijs, quorum industria Romæ potest illustris esse*. De maneira, que com estas condiçoens poderà ser de bom effeito a peregrinaçaõ, ainda que as que se fazem por causa de Religiaõ, e de venerar os Santuarios, em todo o tempo, e idade saõ louvaveis, e piissimas. Postoque atè os Monges Giravagos, que havia antigamente, e gastavaõ toda a vida, visitando as Celas dos Anacoretas por diversas Provincias do mundo, foraõ muy reprehendidos dos Santos Patriarcas Bento, e Bruno, e em opposiçaõ sua, ordenaraõ o grande recolhimento de seus mosteiros. Porem o bom successo nas vagueaçoens voluntarias aconteceo rarissimas vezes; porque como estes desejos nasçaõ pela mayor parte do animo vago, inquieto, e inconstante, ficaõ sendo os meyos, e fins das jornadas semelhantes aos principios em que se fundaraõ. E assim das cousas, que Seneca louva a seu amigo Lucilio, he naõ lhe ver estes intentos: *Bonam spem,* diz elle, *de te concipio quod non discurris, nec locorum mutationibus inquietaris: ægri animi jactatio ista est*. *Primum*

argumentũ bene compositæ mentis existimo posse conesistere, & secum morari. Mas porque muitos encobrem este vicioso appetite com o louvavel desejo de alcançar perfeitamente a Ethica com o conhecimento proprio, e melhoramento de costumes: serà necessario, que particularmente vejamos o pouco fruito, que dellas se colhe, e os grandes males, que daqui nascem, para que se acabe de entender, quanto se enganaõ os que cuidaõ, que nestas peregrinaçoens sómente consiste toda a sabedoria, e boa reputaçaõ de hum homem. De huma, e outra cousa, tratando particularmente o mesmo Seneca insigne Phylosopho moral, diz: *Quid per se prodesse peregrinatio cuiquam potuit? Non voluptates illa temperavit, non cupiditates refrænavit, non iras repressit, non indomitos amoris impetus fregit, nulla denique animo mala eduxit, non judicium dedit, non excussit errorem, sed ut puerum ignota mirantem ad breve tempus rerum aliqua novitate detinuit; cæterum inconstantiam, quæ maximè agra est lacescit mobiliorem, levioremque reddidit ipsa jactatio. Itaque qui petierant cupidissime loca, cupidius deserunt, & avium modo transuolant, citiusque quàm venerant, abeunt. Peregrinatio notitiam dabit gentium; novas tibi montium formas ostendet, inusitata spatia camporum, & irriguas perenibus aquis valles, & alicujus fluminis sub observatione naturam, sive ut Nilus æstivo incremento tumet; sive ut Tigris eripitur ex oculis, & acto per occulta cursu integrè magnitudini redditur; sive ut Mæander Poetarum omnium exercitatio, & ludus implicatur crebris anfractibus, & sæpè in vicinum alueo suo admotus, antequam sibi influat, flectitur. Cæterum neque meliorem faciet, neque saniorem. Iter studio versandum est, & inter Authores Sapientiæ, ut quæsita discamus, nondum inventa quæramus. Sic eximendus animus ex miserrima servitute in libertatem asseritur. Quandiù quidem nescieris quid fugiendum, quid petendum, quid necessarium, quid supervacuum, quid justum, quid honestum non erit hoc peregrinari, sed errare, nullam tibi opem feret iste discursus, peregrinaris enim cum affectibus tuis, & mala te tua sequuntur. Utinam quidem sequerentur, longius abessent, nunc fers illa, non ducis. Itaque ubique te premunt, & paribus incommodis urunt. Medicina ergo, non regio quærenda est, fregit crus, aut extorsit articulum, non vehiculum navemque conscendit, sed advocat medicum, ut fracta pars jungatur,*

ut luxata in locum reponatur. Quid ergo animum tot locis fractum, aut extortum credes locorum mutatione posse sanari? Maius est illud malum, quàm ut gestatione curetur. Peregrinatio non facit medicum, non oratorem, nulla ars loco discitur. Quid ergo sapientia res omnium mamima in itinere colligitur?

Estas sentenças, que por serem proprias desta materia, quiz referir tanto ao largo, saõ todas gravissimas, e dignas de as trazermos diante dos olhos, e na memoria sempre. O mesmo que Seneca, quiz tambem dizer Horacio: *Cælum non animum mutant, qui trans mare currunt*. E o outro: *Congressus sapientum confert prudentiam, non montes, aut maria*. E da mesma opiniaõ saõ quasi todos os modernos. Pelo que naõ hà que duvidar, que os mais destes desejos de ver terras saõ viciosos, e indignos de varaõ prudente. Quanto mais, que se em algum tempo se pòde escusar a noticia do mundo adquirida pessoalmente, he neste nosso Seculo, em que o conhecimento delle està em grào taõ sobido com tantos livros, que nos mostraõ aos olhos, naõ só as Provincias, e Reynos, mas ainda as proprias Cidades, e Povos com tanta perfeiçaõ, e com tal particularidade, que he impossivel hum caminhante por mais curioso, e intelligente, que seja, alcançar a menor parte destas cousas, vendo, e andando, como em casa se conhecem todas, lendo, e estudando. Porque os que caminhaõ naõ se pòdem deter muito nas terras por onde passaõ, e doutras, nem sempre achaõ, quem lhes dè inteiras, e certas informaçoens. Porèm o que estuda, logra com toda a quietaçaõ, e repouso dos trabalhos alheyos, e aquella particular materia em que cada hum dos Authores empregou muitos annos de estudo, alcança perfeitamente em pouco tempo. Donde succede muitas vezes a alguns destes, que vem de Venesa, Roma, Pariz, e outras partes, perguntarem-lhe os que cà leraõ, as cousas daquellas Cidades por particularidades dellas: a que elles naõ sabem responder, nem ainda entender o que lhes perguntaõ. Deixo jà nos trabalhos immensos dos caminhos, os gastos excessivos, as inclemencias do ar, e os perigos da vida, que acompanhaõ estas peregrinaçoens, por razaõ das quaes cousas compara ordinariamente o Espirito Santo na Escritura Sagrada a vida humana, à peregrinaçaõ, e chama patria ao Paraiso Celeste, em que se gosa a visaõ Beatifica, significando no nome da patria a

Bemaventurança, e no da peregrinaçaõ, toda a pena, e tormento; porèm he tal a condiçaõ de muitos, que estimaõ tanto mais a mesma cousa, quanto mais lhe custa, o que naõ he digno menos de condenaçaõ, que se hum Capitaõ despresasse a vitoria certa por lhe naõ custar sangue, e a estimasse mais por a alcançar com morte de muitos Soldados; por taes podemos julgar hoje os que podendo facilmente na Patria.

Sò por puro engenho, e por sciencia
Ver do mundo os segredos escondidos.

Como diz o nosso Poeta, os vaõ buscar por meyo de tantos trabalhos, para depois de correrem o mundo contarem, que viraõ o Labirynto de Creta, e Cidades inteiras com seus moradores de pedra, e hum carcre em que estavaõ tresentos mil presos, e que o Espirito Santo apparece nas tormentas em forma de fogo, e que viraõ em certas paragens andar o Sol, e a Lua as avessas, com outros semelhantes, movidos só das apparencias da vista, de que elles tanto caso fazem. Por tanto a verdade das sentenças de Seneca, a mesma experiencia mostrou sempre nestes peregrinantes, hum dos quaes, tornando depois de largo caminho a Athenas; e achandose em tudo tal como partira, perguntou a causa a Socrates, o qual lhe respondeo, que nascia de se levar a si sempre comsigo; e bem fora ainda, que tornaraõ sempre os mesmos, e naõ peyorados. Porèm destes dizia Cataõ, que viera todo o mal a Roma, e o mesmo entendia Amistenes, quando affirmava, que todos os vicios de Grecia eraõ peregrinos; porque daqui nascem os excessos dos trajos, a gula, e sobegidaõ dos banquetes, e soltura dos vicios, os jogos, as pompas, e ainda mil emfermidades contagiosas, lavrando tanto mais depreça estes vicios na Republica, quanto as pessoas, em que se vem, saõ mais conhecidas nella; e pela noticia, que tem do mundo, mais authorisadas. Assaz hà que sentir disto em nossa Espanha, e neste Reyno particularmente, onde com os costumes estrangeiros vimos acabada a temperança, e inteireza antiga dos Portugueses, e com ella o valor, e Imperio padeceraõ tambem grande naufragio. Pelo que com muita razaõ em algumas Respublicas bem ordenadas se prohibiraõ com severissimas leys estas peregrinaçoens. Na dos

Lacedemonios se conservava este costume de modo, que mostrando hum mancebo Lacedemonio saber o caminho, que hia para Pileas, foy disso reprendido rigorosamente. Os nobres Athenienses se presavaõ tanto de naõ sahir da patria, que por isso traziaõ continuamente huma cigarra de ouro na cabeça por divisa, mostrando com isto, que eraõ taõ continuos nella, como este animal, o qual entre todos os outros tem tal qualidade, que senaõ muda nunca do sitio donde nasceo. O mesmo guardaõ em nossos tempos as familias clarissimas de Veneza, dos quaes rarissimos saõ os que vaõ fóra da terra, senaõ Enviados da Republica. E o grande Imperio dos Chinas se sustentou por mais de dous mil annos, naõ admittindo estrangeiros no Reyno, nem se permittir aos naturaes sahir da Provincia, senaõ com estreitissima licença. Daqui se poderà entender quanto mais dignos saõ de reprehensaõ, os que intentao estes caminhos só pelo gosto de ver varios lugares, pois tomaõ por deleite o desterro da patria, que todas as gentes julgaraõ pela mayor pena da vida; como pelo contrario o poder estar na patria por a mayor felicidade della, segundo o nota excellentemente Claudiano neste Epigrama.

Felix, qui patriis ævum transegit in arvis.
Ipsa domus puerum, quem videt ipsa senem.
Qui baculo nitens, in qua reptavit arena,
Unius numerat sæcula longa casæ.
Illum non vario traxit Fortuna tumultu,
Nec bibit ignotas mobilis hospes aquas.
Non freta mercator timuit, non clasica miles.
Non rauci lites pertulit ille fori.
Indocilis rerum vicinæ nescius urbis,
Ad spectu fruitur liberiore poli.
Frugibus alternis, non Consule, computat annum.
Autumnum pomis ver sibi flore notat.
Idem condit ager, soles idemque reducit,
Metiturque suo rusticus orbe diem.
Ingentem meminit parvo, qui germine quercum,
Æquævumque videt consenuisse nemus.
Proxima cui nigris Verona remotior Indis,
Benacumque putat littora rubra lacum.

Sed tamen indomitæ vires firmisque lacertis
Ætas robustum tertia cernit avum.
Erret, & extremos alter scrutetur Iberos,
Plus habet hic vitæ, plus habet ille viæ.

De mesmo modo jà Sophocles chamou antigamente só bemaventurado aquelle, que sempre esteve no lugar onde nasceo; e disse que a mòr fortuna de todas era naõ ver nunca a terra alheya. O mesmo confirmou o Oraculo de Apollo, que por esta razaõ julgou por mais ditoso ao pobre Aglaõ, que nunca se apartara de huma pequena herdade em que nascera, que o grande poder, e riqueza delRey Gyges. E finalmente assim o entenderaõ todas as gentes; como se vé nos celebres Adagios: *Domi manendum: Domus amica: Domus optima*. Pelo que com razaõ teve Euripedes por miseravel o tempo em que se deixa a terra propria.

De tudo o que està dito, se collige claramente como na patria, e com pouco trabalho pòde cada hum alcançar a reputaçaõ de grande, e consummado em qualquer faculdade, ou arte, que professe. E pelo contrario com quantos trabalhos, gastos, e perigos se pòde chegar a este grào pelas peregrinaçoens. Por tanto deve cada hum de procurar de lançar de si estes pensamentos, porque àlem de naõ serem de proveito em cousa alguma, naõ cahirà na sentença de Santo Agostinho, que diz: *Odit patriam, qui sibi bene putat, cum peregrinatur*. Sendo assim, que o amor da patria he taõ natural aos homens, que de todas as gentes foy anteposto sempre à propria vida.

NOTAS DE RODAPÉ:

[251] *Camoens canto 10. est. 153.*

[252] *l. 1. Satur. c. 5.*

[253] *Chronica de Carlos 5. 2. p. l. 23. §. 25.*

[254] *Satyra 3.*

MEMORIAL

De alguns Cardeaes Portuguezes.

Os grandes desejos, que sempre tive de ver conservada a memoria dos Varoens illustres deste Reyno, me obrigou hà annos a escrever o que pude alcançar dos Cardeaes Portugueses. E posto que bem se vé neste Tratado a verdura da primeira idade, com tudo he taõ pouco o que se tem alcançado nesta materia, que me naõ pareceo inconveniente dar com estas lembranças principio às vidas, que em varias occasioens tinha composto, para poderem usar destes notados, os que quiserem seguir semelhante argumento.

§. I.

S. Damaso Summo Pontifice.

Foy S. Damaso Portuguez, filho de Antonio, nasceo em Entre Douro, e Minho, junto a Guimaraens, ou no mesmo povo, como claramente o testificaõ os Breviarios Bracharense, e Eborense antigos. E Joaõ Vaseu varaõ douto, Joaõ de Barros Jurisconsulto nas suas Antiguidades de Entre Douro, e Minho c. 13. fallando de Guimaraens, onde àlem dos Authores, que por si allega, diz que duas legoas de Guimaraens, e huma de Braga estaõ no Couto de Pedralva humas casas, e edificios muito antigos, e arruinados, os quaes tem por tradiçaõ antiquissima os daquelle lugar, que morou alli a mãy de hum Papa, que foy em Roma Santo, e que dalli se foy para là. O que àlem de ter authoridade pela tradiçaõ, concorda com o que lemos em sua vida, que foy enterrado em Roma com sua mãy, e irmaã; as quaes parece deixaraõ sua pátria, e assento natural, por viver em companhia deste Servo de Deos. Porèm invejosos alguns Estrangeiros do lustre, e honra, que a esta Provincia resultava de ser mãy de taõ santo filho, no lo quiseraõ usurpar, para illustrar com elle suas Patrias; como foy o Doutor

Pedro Antaõ Beuter, que sem fundamento, por engrandecer a sua, o faz de Barcellona, e os Castelhanos, que contendem ser nascido em Madrid, e allegaõ com Marineo Siculo, o qual ainda parece sentir o contrario; pois tratando no seu quinto livro muy particularmente dos Santos dos Reynos de Castella, e Aragaõ, naõ poem este, sendo taõ notavel; e sómente fallando de Madrid no livro segundo, acaso diz estas palavras: *Est præterea felicissimum Sancti Damasi Summi Pontificis meritis, qui Maioritanus fuisse perhibetur a multis*. E desta sua opiniaõ naõ dà mais razaõ alguma, nem mostra outros Authores, em que se funde, senaõ huma pedra moderna sem author, nem authoridade. Pelo que se vè claramente, que só suas paixoens particulares os fazẽ desviar da verdade conhecida. Temos àlem de tudo por nós Onufrio Panvino, o qual o nomea sempre Portuguez. E posto que no livro, que compoz de *Vitis Pontificum, & Cardinalium*, diga que era Egitanense, ultimamente no Chronicon dos Pontifices Romanos diz, que he de Guimaraens. E o Doutor Gonçalo de Ilhescas em sua vida confessa esta verdade, e diz estar tido universalmente por Portuguez. O que parece he bastante para abonar a parte de nosso, em que tanto interessamos. De suas acçoens, e hida a Roma, e o mais que passou, atè ser posto no Pontificado, hà pouca noticia. Onufrio diz, que seu antecessor Liberio o fez Diacono Cardeal; por morte do qual foy promovido ao Pontificado no anno 366. Foy insigne Pontifice, muito erudito nas Escrituras Sagradas, e por isso estimou tanto a S. Hieronymo: condennou no Concilio Constantinopolitano as heresias de Eunomio; e Macedonio: fez outro Concilio em Aquileya: edificou em Roma, junto do Theatro de Pompeo, hum insigne templo ao Martyr S. Lourenço Espanhol com huns sumptuosos Paços, que servem de Chancellaria, e se chamaõ commummente S. Lourenço *in Damaso*, e o enriqueceo com muitas doaçoens. Edificou outros fóra de Roma na estrada Ardeatina ad Catacumbas; chamado agora S. Sebastiaõ, onde consagrou a Platonia, sepultura que foy algum tempo dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo. Achou muitos corpos de Santos, cujos sepulchros illustrou com elegantes epitafios. Deixou muitas obras escritas em prosa, e verso, principalmente de *Virginitate*. O que delle exta hoje, saõ cinco Epistolas Decretaes: hum Poema às sepulturas dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo: e as vidas dos

Summos Pontifices Romanos atè seu tempo; a qual obra depois supriraõ Anastasio Monacho Bibliothecario da Igreja Romana, e Guilhelmo tambem Bibliothecario, e Pandulfo Pisano, que tambem teve o mesmo officio. Ordenou se cantassem nas Igrejas alternativamente os versos dos Psalmos, e no fim de cada hum o Gloria Patri, &c., posto que jà em algumas Igrejas havia este costume. Governou 17. annos, dous meses, e 26. dias, e cheyo de virtudes passou desta vida em Roma quasi de 80. annos, no de Christo 384. a 11. de Dezembro. Foy sepultado na Basilica, que elle edificou na vida Ardeatina; e depois transferido para a de S. Lourenço, que hoje se chama *In Damaso*, onde sobre sua sepultura se poz este epitafio, que elle em vida compoz.

Epitatphium Papæ Damasi, quod sibi editit ipse.
Qui gradiens pelagi fluctus compressit amaros,
Vivere qui præstat morientia semina terræ;
Solvere qui potuit Lazaro sua vincula, mortis
Post tenebras, fratrem post tertia lumina solis.
Ad superos iterum Mariæ donare sorori,
Post cineres Damasum saciet, quia surgere credo.

§. II.

O Cardeal D. Payo Galvaõ.

Pelos annos de 1221. floreceo o Cardeal D. Payo Galvaõ Conego Regular do Mosteiro da Costa, junto a Guimarens, donde era natural, e filho de Pedro Galvaõ, e de Dona Maria Paes. Foy Conego Regrante de Santa Ctuz de Coimbra, e Mestre em Theologia pela Universidade de Pariz. Foy Mestre Escola de Guimaraens, e Embaixador de Obediencia a Roma por ElRey D. Sancho I. O Papa Innocencio III. o creou Cardeal Diacono do titulo de Santa Maria *in Septisolio* no anno de 1206. e no de 1211. foy Cardeal do titulo de Santa Cecilia, e no de 1215. Cardeal Albanense. O Papa Honorio III. o mandou Legado Apostolico com a Crusada à Conquista da Terra Santa no anno de 1219. e no anno de 1225. foy Legado ao Emperador Federico II. Com grande satisfaçaõ foy Legado nas guerras da Terra Santa em tempo de Joaõ Breno Rey

de Chipre, e por ser Portuguez lhe pareceo, que em seu tempo se havia de tomar a Terra Santa por huma prophecia, que dizem hà, que hum natural da ultima Espanha a hà de restituir, segundo se vè da Historia de Basilio Joaõ Helora na continuaçaõ da Terra Santa lib. 3. cap. 2. e se confirma com a memoria do livro dos Obitos do Mosteiro de S. Vicente de fóra de Lisboa no primeiro de Junho, onde se acha deste Cardeal expressa mençaõ.

§. III.

O Cardeal D. Joaõ Froes.

O Cardeal D. Joaõ Froes foy natural de Coimbra filho de Alvaro Froes Senhor de Mayorca, e Alhadas no territorio daquella Cidade de D. Elvira Cidiz tambem Senhora de terras. Foy Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra, e sendo Bispo Sabinense, e Legado Apostolico consagrou a Igreja do mesmo Mosteiro em 7. de Janeiro de 1228. como consta de hum letreiro da mesma Igreja, e pelo livro dos obitos de Santa Cruz falleceo aos 9. de Agosto de 1236. A noticia deste Cardeal deu o Licenciado George Cardoso a este Reyno, como muitas outras de que està cheyo o seu Agiologio, obra taõ insigne, e de tanto estudo, que se pòde admirar igualmente o zelo, e piedade, com que està composta, e o immenso trabalho, com que seu Author tirou das trevas do esquecimento tantas noticias de gloriosos Santos, com que Deos tem illustrado a este Reyno, e avantejado a muitos outros de Europa.

§. IV.

Joaõ 20. ditto 21. Summo Pontifice.

Joaõ 20. ditto vulgarmente 21. foy natural de Lisboa da Freguezia de S. Juliaõ, filho de Juliaõ, donde tomou o patronimico de Juliaens; posto que nas obras que compoz sómente se intitula *Petrus Hispanus*. E Onufrio lhe chama tambem Pedro Perez. Foy Arcediago de Vermuim na Sè de Braga, e D. Prior de Guimarães apresentado por ElRey D. Afonso III. no anno de 1273. Foy

doutissimo Varaõ, particularmente nas Mathematicas, e Medicina; creou o Bispo Cardeal Tusculano Gregorio X. no Concilio Geral Lugdunense no Pentecostes do anno 1274. Teve o nosso Cardeal a estimavel circunstancia de ser creado pelo Papa S. Gregorio X. e ter por companheiros a S. Boaventura, a Fr. Pedro de Tarantasia, que depois foy Papa Innocencio V. a Fr. Visdomino de Visdominis, que alguns dizem que foy eleito Papa, e que morreo no dia da sua eleiçaõ, e Fr. Bertando de S. Martinho Arcebispo de Arles, a quem concedeo Clemente IV. que trouxesse diante de si a Cruz à maneira do Summo Pontifice. Era jà neste tempo Arcebispo de Braga, como o diz Joaõ de Barros Jurisconsulto em hum Prologo de certa obra que compoz, e dedicou ao Cardeal Infante D. Afonso, sendo Arcebispo de Braga, e Commendatario do Mosteiro de Pedroso, no qual lhe mandou fazer, e reformar o Cartorio; e nesta obra, que contèm o numero das Escrituras daquella casa (que saõ muitas, insignes, e antigas) diz fallando em muitos deste Reyno, que foraõ eminentes em virtudes, e letras, estas palavras. *Da Cidade de Lisboa foy natural o Papa Joaõ XXI. que primeiro se chamou Mestre Pedro Hispano, e que primeiro foy Physico, e fez Summulas da Logica, que hoje se lèm; e assim outras muitas obras, do qual Pedro Hispano eu achey neste Cartorio huma Epistola, assellada do seu sello, que elle escrevia sendo Cardeal, estando em Perosa aos Officiaes de Braga, sendo tambem eleito Arcebispo de Braga; cuja vida foy pelos annos do Senhor 1270.* Atèqui Joaõ de Barros.

O tempo, em que parece succedeo nesta dignidade, devia de ser o primeiro anno de 1274. porque este foy o ultimo do Arcebispo D. Sancho de Braga, a quem elle succedeo.

Por morte de Adriano I. foy eleito Summo Pontifice em Viterbo aos 20. de Setembro de 1276. Teve grande cuidado de prover os beneficios da Igreja em pessoas benemeritas por virtude, e letras. Intentou fazer huma insigne jornada para recuperar, e libertar a Casa Santa; e a posera por obra, se a vida lhe naõ faltara. Mandou fazer huns ricos, e sumptuosos Paços em Viterbo (que entaõ era o assento ordinario das Cortes dos Pontifices) que foraõ a causa de sua morte; porque estando vendo hum quarto, que se tinha acabado de novo, se veyo o edificio abaixo, e o maltratou de maneira, que

dahi a seis dias deu o espirito ao Senhor com grandes mostras de devaçaõ a 16. de Mayo de 1277. Viveo outo meses no Pontificado, e cinco dias: naõ creou Cardeaes. Està sepultado na Igreja de S. Lourenço em huma sepultura ordinaria com este Epitafio *Joanni Lusitano 21. Pontificatus Max. sui mense 8. Moritur 1277*. Deixou escritas muitas obras cheyas de grande erudiçaõ, principalmente em Medicina o livro, que se intitula: *Thesaurus pauperum*; e outro *Canones Medicinæ*, e outros alguns; compoz tambem certos *Problemas*, como os de Aristoteles; e as *Summulas*, que se lem em muitas Escolas de Filosofia com seu nome. Viveo este Pontifice em tempo delRey D. Afonso III.

§. V.

O Cardeal D. Martinho.

Dom Martinho Bispo de Lisboa foy creado Presbytero Cardeal no anno 1383. aos 13. de Dezembro em Avinhaõ por Clemente VII. que se chamava Papa, da qual parcialidade era este Bispo, como se vè da Chronica delRey D. Joaõ I. p. 1. o qual foy morto pelo povo, por naõ querer mandar repicar os sinos da Sè em favor do Mestre de Aviz em Lisboa. Onufrio no seu livro dos Cardeaes lhe chama Portuguez, ainda naõ falta, quem o tem por Castelhano.

§. VI.

O Cardeal D. Joaõ Afonso de Azambuja.

Dom Joaõ Afonso de Azambuja foy filho de Afonso Esteves Cavalleiro, Reposteiro Mòr delRey D. Pedro, e irmaõ de Joaõ Esteves o Privado. Foy feitura delRey D. Joaõ I. e da sua facçaõ, em quanto duraraõ as guerras de Castella. Em seu principio foy Conego de Evora, e Prior da Igreja de Monçaõ em Entre Douro, e Minho; e depois da Alcaçova de Santarem. ElRey D. Joaõ o mandou a Roma por duas vezes a buscar a sua dispensaçaõ para poder casar: a primeira, sendo ainda Prior da Alcaçova em companhia de D. Joaõ Bispo de Evora; e a segunda, sendo elle jà Bispo de Sylves,

juntamente com Joaõ Rodrigues de Sà ao mesmo negocio. E naõ sómente neste particular, porèm em todas as cousas importantes, que naquelles tempos succederaõ, usou sempre ElRey muito de seu Conselho, e pessoa, por ser sogeito de muitas partes, e grande authoridade.

Foy Bispo do Algarve dous annos, do Porto sete, de Coimbra quatro, e ultimamente Arcebispo de Lisboa sete, e meyo: foy creado Cardeal de S. Pedro ad Vincula, do titulo de Santa Eudoxia em Roma por Joaõ XXIII. anno 1411. a 6. de Junho, e lhe ficou o Arcebispado em Encomenda. Fundou em Lisboa sendo Arcebispo, o Mosteiro do Salvador de Religiosas da Ordem de S. Domingos, a quem deixou por seu herdeiro, cujo padroado tem hoje os descendentes de Joaõ Esteves o Privado irmaõ do Cardeal, posto que usaõ appellido de Noronha. Morreo em Bruges, vindo de Roma para Portugal a 23. de Janeiro de 1415. mandou trazer seu corpo ao Mosteiro do Salvador, e nelle està sepultado na Capella Mòr da parte do Evangelho: os Padroeiros apresentaõ hum Vigario, e dous Capellaens, que dizem Missa quotidiana pelo Fundador; na sepultura tem este letreiro: *Senhor D. Joaõ Arcebispo de Lisboa, e Cardeal de Roma, Baraõ sabedor, e virtuoso*. Na Sè de Evora fazem hum Anniversario aos 24. de Janeiro por este Prelado, o qual lhe mandou dizer Alvaro Dias Pestana Conego da mesma Igreja, seu criado que foy, e feitura sua; no qual lugar do livro dos Anniversarios se refere muita parte desta relaçaõ; e diz que morreo a 22. de Janeiro de 1415. e que foy creado Cardeal a 3. de Junho de 1411.

§. VII.

O Cardeal D. Pedro da Fonseca.

Dom Pedro da Fonseca foy filho de Pedro Rodrigues da Fonseca Alcaide Mòr de Olivença, e de Ines Botelha parenta da Rainha Dona Leonor de Portugal; por occasiaõ do qual parentesco seguio Pedro Rodrigues as partes da Rainha Dona Beatriz, e D. João o I. de Castella, para onde se foy, e là o fez ElRey seu Guarda Mór, deixando elle em Portugal muitas Villas, e lugares, de que era Senhor. Quando se Pedro Rodrigues foy de Portugal, jà levava a

Pedro da Fonseca seu filho, ainda que pequeno; e assim posto que se criou em Castella, lhe chama sempre Onufrio Portugalense, e os Authores Castelhanos o confessaõ.

Foy Bispo Portuense, e depois o creou Cardeal Benedicto XI. que de antes se chamava Pedro de Luna, nas Temporas de Setembro, anno 1409. Era jà neste tempo Benedicto declarado por naõ Papa, e deposto pelo Concilio de Pisa, a quem elle naõ quiz obedecer. Durou D. Pedro em sua parcialidade, atè ultimamente ser deposto pelo Concilio de Constancia no anno de 1417. ao qual pertinazmente resistindo, foy desamparado de quasi todos os seus Cardeaes, e D. Pedro da Fonseca se foy para Martinho III. (a quem ordinariamente chamaõ V.) o qual o confirmou na Dignidade em 17. de Março de 1419. e conhecendo bem suas partes, o mandou por seu Legado a Constantinopla, quando o Emperador Manoel lhe mandou dizer por sua Embaixada, que a Igreja Grega queria vir em uniaõ com a Latina. Nesta Legacia se ouve o Cardeal com tanto acordo, e prudencia, que trouxe os Gregos a Italia ao Concilio de Ferrara, que depois se passou para Florença contra os Prelados de Basilea, que com grande instancia pretendiaõ levar os Gregos ao seu Concilio. Morreo depois em Vicovaro a 20. de Agosto de 1422. Està sepultado em Roma em huma Capella junto da grande de Pio IV. que serve de Choro; tem a sepultura cinco Estrellas em aspa, que saõ as armas dos Fonsecas, e este Epitaphio:

Hortus in Hesperiis Præsul dignissimus oris
Fonseca è prole Petrus, lux, gloria magni
Sanguinis, & patrii superexaltator honoris,
Hic jacet: è sacro titulum Michaele recepit
Cardineum; cujus sapientia claruit altas
In laudes sensati animi, mirabilis iste
Doctor erat, divina colens, & amator honesti,
Mente pius, recti prudens, moderator & æqui.
Venit amara dies, qua diræ syncopa mortis,
Heù patrem hunc rapuit, Domini labentibus annis
Mille, quadringentis, bis denis, atque duobus,
Dum vigena Dies Augusti panderet astra.
Spiritus in Cælo tecum sacer Angele vivat.

§. VIII.

O Cardeal D. Antaõ Martins de Chaves.

Dom Antaõ Martins de Chaves sendo Deaõ de Évora, foy eleito Bispo do Porto pela vacancia de D. Vasco Bispo da mesma Igreja, quando foy transferido para a de Evora pelos annos de 1424. atè 25. Foy D. Antaõ insigne Prelado de muita virtude, e sciencia, e grande defensor da liberdade Ecclesiastica, como bem o mostrou em hum Concilio, que o Papa Martinho V. mandou ajuntar em Braga no anno de 1426. para a conservaçaõ da izençaõ dos Ministros Ecclesiasticos, os quaes com a licença, que a guerra traz consigo, andavaõ muy opprimidos dos Capitaens, e Soldados, em quanto as guerras delRey D. Joaõ I. duraraõ com Castella; e para remedio de taõ grandes males se ajuntaraõ dous Concilios neste Reyno, hum em Braga, e outro em Lisboa; e no de Braga, em que se D. Antaõ achou presente, se ordenaraõ muitas cousas tocantes à liberdade Ecclesiastica, e mostrou bem nelle este Prelado o valor, que em si tinha.

Depois no anno de 1434. foy mandado D. Antaõ por ElRey D. Duarte ao Concilio Geral de Basilea em companhia do Conde de Ourem D. Affonso, que depois foy Marquez de Valença. Assistio em Basilea todo o tempo, que durou aquelle Concilio, atè que o Papa Eugenio IV. o revogou, e tranferio para Ferrara para onde veyo, por obedecer aos mandados Apostolicos. Pela qual razaõ, querendo-lhe depois o Pontifice agradecer seus trabalhos, o creou Presbytero Cardeal, estando em Consistorio no Concilio Geral de Florença a 15. de Janeiro de 1439. dando-lhe o titulo de S. Chrysogono.

Viveo depois em Roma alguns annos, aonde edificou, e dotou a hospedaria, e hospital de Santo Antonio dos Portugueses, e lhe deu os Estatutos, que hoje guarda: na qual obra merece certo grande louvor; porque àlem do serviço, que nella fez a Nosso Senhor, applicando-lhe muitas rendas para ajuda, e refugio dos naturaes deste Reyno, que naquellas partes andaõ, foy occasiaõ para que os outros Portugueses, que naquella Corte viveraõ, deixassem suas fazendas à mesma Casa, com o que cada dia se vay augmentando

mais, assim as boas obras, que nella se fazem, como a reputaçaõ, e honra da naçaõ Portuguesa; na qual Igreja se mandou sepultar aquelle insigne Doutor, e Santo Varaõ Martinho de Aspilcueta Navarro, o qual naõ sómente nos costumes em vida, mas ainda na morte, quiz mostrar com esta sepultura o amor, que sempre tivera a este Reyno, e a seus naturaes.

No Cartorio do Cabido da Sè de Evora està a copia de huma carta, que o Cabido escreveo a este Cardeal, em que lhe mandava pedir alcançasse do Summo Pontifice hum Breve para o Cabido administrar a fabrica da Igreja, lembrando-lhe que os Bispos faziaõ este officio, como elle vira no tempo que servira esta Sè. E ainda que consta, que o Cardeal impetrou esta graça para o Cabido; naõ parece que teve de todo effeito, e os Prelados ficaraõ com a posse della. Morreo depois o Cardeal em Roma a 11. de Julho de 1447. està sepultado em S. Joaõ de Latraõ, onde estaõ huns orgaõs, que segundo tradiçaõ deu elle àquella Igreja, e tem este Epitafio.

Sepulchrum D. Antonii Cardinalis Portugalensis, qui obiit Romæ die 11. mensis Julii anno a Nativitate Domini MCDXLVII cujus anima requiescat in pace. Amen.

§. IX.

D. Luiz do Amaral

ElRey D. Joaõ I. mandou por seu Embaixador ao Concilio de Basilea D. Luiz de Amaral Bispo de Viseu, o qual se partio deste Reyno no anno de 1433. (que foy o em que ElRey morreo) havendo jà dous, que o Concilio era começado; fez o caminho por Bolonha, aonde entaõ estava o Summo Pontifice, e por occasiaõ da morte delRey D. Joaõ, que o mandava, se deteve naquella Corte, atè chegarem o Conde de Ourem, e o Bispo do Porto D. Antaõ, aos quaes, e a elle mesmo D. Luiz mandava ElRey D. Duarte por seus Embaixadores ao proprio Concilio.

Partiraõ no anno seguinte de 1434. Juntos todos em Basilea, foy tido em grande reputaçaõ entre aquelles Prelados, o Bispo D. Luiz por sua grande virtude, constancia, e inteireza, pela qual razaõ o

elegeraõ os Prelados de Basilea por hum dos Embaixadores, que mandaraõ a Grecia ao Emperador de Constantinopla Joaõ Paleologo, que a Manoel seu pay tinha succedido com intençaõ de reduzirem os Gregos à uniaõ da Igreja Catholica Romana, e os trazerem ao Concilio de Basilea. Partio desta Cidade o derradeiro de Fevereiro de 1435. e o foraõ acompanhando atè fóra da Cidade o Conde de Ourem, e o Bispo do Porto com outros Padres do Concilio, como tudo particularmente se refere em hum livro grande escrito de maõ, que chamaõ de varias cousas, que foy da Guardaroupa do Cardeal, e Rey D. Henrique, e hoje està na Livraria do Collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus da Cidade de Evora, em que està escrita esta jornada do Conde de Ourem, e tudo o que em Basilea passou muito ao largo por hum seu criado, que em todo o caminho o acompanhou.

Vindo de Grecia, intentou levar o Concilio de Basilea por diante a despeito do Papa Eugenio IV. com outros Bispos, que em Basilea estavaõ. Para cujo effeito foy mandado outra vez do Concilio ao Emperador de Alemanha Alberto II. no anno de 1438. mas por este tempo andar o Emperador muy occupado na guerra, que queria fazer ao Turco em favor do Despote da Servia, naõ se pode tomar meyo, em que os Concilios viessem a concordia; antes com a morte de Alberto tomaraõ os de Basilea nova licença contra o Papa Eugenio, e ousaraõ a proceder contra elle com censuras; até que ultimamente depois de passados os termos dellas, pronunciaraõ contra elle sentença de privaçaõ da dignidade Papal; e havendo a Sede por vacante, entraraõ em nova eleiçaõ de Pontifice. Mas vendo que dos Prelados, que no Concilio estavaõ, sómente Ludovico Arelatense era Cardeal, acordaraõ de dar-lhe 32. adjuntos para Eleitores 8. de cada naçaõ; entre os quaes na de Espanha entrou o Bispo D. Luiz. Desta eleiçaõ sahio por Papa Amadeo, Duque, que tinha sido de Saboya, o qual tendo-se por legitimo Pontifice, se quiz chamar Felix V. e se coroou neste anno de 1439. Depois creou por vezes Cardeaes, e fez todas as mais cousas, que aos Summos Pontifices convinhaõ. E na quarta creaçaõ, que foy a sua ultima anno 1443. no mez de Abril, creou Presbytero Cardeal ao Bispo D. Luiz. Durou o Scisma atè o anno de 1449. em que o Emperador Federico III. acabou com o Antipapa Felix cedesse de

algum direito, que ao Pontificado podia ter. Em gratificaçaõ da qual cessaõ o Papa Eugenio o fez Deaõ dos Cardeaes, e lhe deu muitos outros honrados cargos. E dos 24. Cardeaes, que tinha creado, confirmou sómente tres. Porèm jà a este tempo era deposto, ou morto o Bispo D. Luiz; porque no anno 1444. D. Luiz Coutinho era jà Bispo de Viseu, de modo, que sua morte foy pouco depois de sua creaçaõ.

§. X.

O Cardeal D. Gemes.

O Cardeal D. Gemes foy filho do Infante D. Pedro Regente destes Reynos, e de Dona Isabel sua mulher, filha do Conde de Urgel D. Gemes, e netta delRey D. Afonso III. de Aragaõ. Depois de ser preso na batalha de Alfarrobeira (em que seu pay morreo) se foy para sua tia a Infanta Dona Isabel Duquesa de Borgonha, sendo ainda de muy pouca idade. Vindo depois a Roma houve a perpetua administraçaõ do Arcebispo de Lisboa; e foy creado Cardeal de Santa Maria in Porticu na primeira creaçaõ, que o Papa Calixto fez anno 1456. no primeiro dia de Outubro, em que creou sómente tres; convem a saber dous sobrinhos seus, a este Senhor. Duarte Nunes do Leaõ, e outros homens graves, e de letras, dizem que foy Cardeal do titulo de Santo Eustachio; naõ sey com que fundamento, porque Onufrio sempre lhe chama de Santa Maria in Porticu na particular historia, que dos Cardeaes compoz. Porèm segundo todos os nossos, lhe dão o titulo de Santo Eustachio; podia bem ser que succedesse nelle por morte de algum outro Cardeal mais antigo.

Foy Principe de grande modestia, gravidade, engenho, e erudição, de cujas partes Eneas Sylvio, que depois foy Summo Pontifice Pio II, faz honradissima mençaõ, fallando da primeira creaçaõ do Papa Calixto na sua Europa cap. 58. com estas palavras: *Tertius fuit Jacobus de Portugalia Regio sanguine natus, in quo ea modestia, ea gravitas, id acumen ingenij, id studium literarum, is amor virtutis emicuit, ut quamvis juvenis adhuc, tardius tamen opinione omnium ad eam dignitatem ascenderit*.

Sendo de idade de 25. annos, e 9. meses, morreo em Florença a 19. de Setembro de 1459. com nome de castissimo; e he tido nesta Cidade em opiniaõ de Santo. Jaz sepultado na Igreja de S. Miniato, que he dos Frades de S. Bento, situada fóra dos muros da Cidade, na qual està o Crucifixo, que se inclinou a S. Joaõ Gualberto Author dos Ermitaens de Valumbrosa. Tem na sepultura este letreiro.

Regia stirps, Jacobus nomen, Lusitana propago
Insignis forma, summa pudicitia.
Cardineus titulus, morum nitor, optima vita,
Ista fuere mihi, mors juvenem rapuit.
Vixit Ann. XXV. Mens. XI. Dies X. ob. A.S.
MCCCCLIX.

§. XI.

O Cardeal D. George da Costa.

Dom George da Costa foy natural de Alpedrinha lugar do Bispado da Guarda, nasceo no anno de mil quatro centos e sesenta, foy varaõ dotado de grande engenho, virtudes, e altos pensamentos, em seus principios foy Lente de Santo Eloy de Lisboa, donde era Reytor hum tio seu varaõ de grande virtude, e Mestre que foy da Infanta Dona Catharina, filha delRey D. Duarte: e por respeito deste seu tio, e suas boas partes, o admittio a Infanta à sua familia: foy esta Princesa de muita virtude, que nunca quiz casar, nem fez alguma hora mudança nos trajos; teve porèm sempre grande casa, e Capella; e affeiçoando-se muito às letras, e procedimento de D. George, lhe deu algumas Igrejas rendosas; depois das quaes fez com ElRey D. Afonso V. seu irmaõ o appresentasse no Deado de Lisboa, donde servindo-se ElRey delle em cousas de mais momento, o mandou a Roma com negocios de muita importancia, a que elle soube dar taõ bom despacho, que vindo a este Reyno, movido ElRey de sua rara prudencia, e governo, lhe deu grande parte na administraçaõ, e regimento delle, tendo sempre muito credito em seu Conselho, e usando sempre delle em todos os negocios de paz, e guerra, que se offereceraõ em seu tempo. Achou-se com ElRey em Gibraltar, quando anno de 1464. se vio

com ElRey D. Henrique o IV. de Castella; e em suas mãos juraraõ ambos os Reys de guardarem bem, e como deviaõ os acordos, que no proprio lugar entre si fizeraõ; no qual tempo era jà D. George Bispo de Evora; posto que poucos meses depois, e quasi no mesmo anno foy transferido para o Arcebispado de Lisboa, na qual dignidade fez muitos serviços a ElRey D. Afonso, o qual o enviou a Castella por seu Embaixador, quando ElRey D. Henrique lhe pedio, que lhe mandasse seus Embaixadores, para tratar os casamentos, que pretendia, convèm a saber entre a Infanta Dona Isabel sua irmãa com o mesmo Rey D. Afonso, e a Princesa Dona Joanna sua filha com o Principe D. Joaõ. A os contratos dos quaes desposorios jà tinha sido presente, e padrinho em Gibraltar. Foy a esta Embaixada com todo o estado, e acompanhamento conveniente à pessoa, e dignidade, que representava; posto que naõ teve este negocio effeito. Depois na empreza, que ElRey D. Afonso commetteo da conquista de Castella, o acompanhou sempre com muitas gentes à sua custa, e com sua pessoa.

Com estes serviços, e partes, crescendo cada dia mais em authoridade com ElRey D. Afonso, foy à sua instancia creado Presbytero Cardeal do titulo dos Santos Marcellino, e Pedro; por Sixto IV. no primeiro de Janeiro de 1476. Com a grandeza destas dignidades, e com a valia, que com ElRey tinha, era tanta sua authoridade no governo do Reyno, que veyo a ser pouco grato ao Principe D. Joaõ, como homem, que naõ quiz ser nunca governado por outrem. Pela qual razaõ se lhe mostrou contrario, e lhe chegou a dizer palavras taõ asperas, que por viver seguro, e sem molestia, se foy occultamente para Roma; pouco depois da chegada delRey D. Affonso de França.

Em Roma foy muy aceito ao Papa Sixto IV. e lhe deu o Arcebispado de Braga, que teve juntamente com o de Lisboa, atè que no anno de 1487. o renunciou em seu irmão uterino D. George. Valeu tambem muito com Innocencio VI. que a Sixto succedeo, e de Presbytero Cardeal o fez Bispo Cardeal Albano.

Era já neste tempo taõ grande sua authoridade no Collegio dos Cardeaes, que morto Innocencio, esteve muy perto de o elegerem em Summo Pontifice; porque dividindose todo o Collegio em duas

parcialidades, huma dellas seguia a Ascanio Esforçia, que procurava o Pontificado para Rodrigo de Borja Vicecancellario, e a outra seguia ao Cardeal de S. Pedro, que declarava querer fazer Pontifice ao nosso D. George. Porém posto que os que seguiaõ esta parte, fossem os mais antigos, e graves do Collegio; a outra, que tinha grande poder, e muitas Personages levaraõ ao fim seu designio, creando Pontifice ao Vice-Chanceller, que se chamou Alexandre VI. o qual lhe teve sempre grande respeito, e o fez Bispo Cardeal Tusculano, e depois Portuense, e de Santa Rufina.

Em vida deste Papa lhe mandou pedir muito ElRey D. Manoel, que a D. Joaõ II. havia succedido, se viesse para este Reyno, para lhe ajudar a administrar o governo delle; conhecendo bem, que pela muita prudencia, e experiencia, que nelle havia dos negocios daquelle tempo, e das cousas passadas, lhe seria de grande proveito tello junto consigo. E tanto fez com elle por cartas, e mensageiros, que lhe prometteo de vir. Pelo que mandou ElRey a Roma Pedro Correa Fidalgo de sua casa, para o acompanhar no caminho, e negociar com o Papa algumas cousas por meyo do Cardeal. Mas depois de Pedro Correa ser em Roma, achou jà a D. George mudado do proposito, dando por escusa sua idade, e mà disposiçaõ, e sobre tudo naõ lhe querer o Papa para isso dar licença, e o querer ter apar de si, pela necessidade que tinha de seu conselho, e ajuda nas cousas, que lhe compriaõ. E assim encomendando-lhe muito Pedro Correa os negocios, que levava, se tornou para o Reyno. Eraõ estes negocios, que ElRey lhe mandava encommendar as dispensaçoens do voto de castidade, que faziaõ os Commendadores da Ordem de Christo, e de S. Bento de Aviz, o qual o Cardeal despachou facilmente com o Papa, e as Bullas mandou depois a ElRey, cousa que elle estimou muito, porque atè entaõ senaõ pode nunca alcançar; posto que muitos de seus antecessores fizeraõ com os Summos Pontifices grandes instancias nesta materia.

Com os grandes redditos destas Prelasias, e de outras muitas, que teve em varias Provincias de Espanha, e beneficios, que provia de todo Portugal, deixou a todos seus parentes ricos, e em grandes dignidades, a outro irmaõ seu, chamado D. Martinho renunciou o

Arcebispado de Lisboa; e do mesmo modo proveo em outros ricos beneficios muitos criados, e amigos seus, e casou suas irmaãs com Fidalgos muy illustres, e principaes, e seus irmaõs da mesma maneira. E em quanto a vida lhe durou em lembrança do que devia à Infanta Dona Catharina, trouxe por divisa humas rodas de navalhas. As mesmas vi esculpidas numa antiga alampada de prata, que inda alcancey na Capella Mor da Sé de Evora, a qual o Cardeal mandou fazer sendo Bispo desta Igreja.

Tambem tenho huma medalha grande, em que està esculpido ao natural com hum letreiro à roda, que diz: *Georgius Cardinalis Portugalen.* George Cardeal de Portugal: e da outra parte tem a imagem de huma mulher com hum Anjo defronte, que numa maõ tem hum livro, e a outra aponta para o Ceo com o letreiro: *Theologia*, donde parece que esta foy a sua empresa, denotando o grande affecto que tinha à sciencia da Theologia, e contemplaçaõ das cousas divinas.

Morreo em Roma a 19. de Setembro de 1508. sendo de idade de 102. annos; jaz sepultado na Igreja de Nossa Senhora de Populo na Capella de Santa Catharina; dentro da qual no alto da parede està hum vulto de marmore com este letreiro.

Georgius Episcopus Albanens. Card. Ulixp. dum se mortalem animo volvit, vivens sibi posuit.

Abaixo deste vulto, e letreiro està huma caixa grande de marmore com estas letras.

Georgius Lusitan. Episc. Portuens. S. R. E. Card. Ulixp. virtutis doctrinæque ergo in Regiam adscitus, ac multis domi, forisque præclaris facinoribus editis, ad Regnique procurationem provectus à Xisto IV. in Senatum adlectus, Romamque adscitus, magnam ingenii, pietatis, prudentiæque laudem adeptus sub Julio II. Pontifice Maxim. quem unicè dilexit, & observavit, annum agens secundum supra centesimum obiit M. D. VIII.

§. XII.

O Cardeal D. Affonso.

O Cardeal D. Affonso foy filho delRey D. Manoel. Sendo de idade de 8. annos, lhe mandou o Papa Leaõ X. o Capello de Diacono Cardeal do Titulo de Santa Luzia, e juntamente o fez Protonotario Apostolico, e Bispo Targitano; foy creado em Roma a 27. de Junho de 1517.

Depois teve o Titulo de Cardeal de S. Braz, e ultimamente de S. Joaõ, e S. Paulo. Foy neste Reyno Bispo de Viseu, Arcebispo de Lisboa, Abbade de Alcobaça, e perpetuo administrador do Bispado de Evora; cujo governo teve em seu nome D. Fr. Henrique Frade Franciscano Bispo de Ceita Primaz de Africa, como se elle intitulava.

Em todas as Prelasias que teve, se houve com grande governo, e usou de homens eminentes em todas as materias, e em seu serviço. Foy Principe de grande virtude, e amou muito as letras, e seus professores, de que elle naõ alcançou pequena parte. Morreo em Lisboa a 21. de Abril de 1540. e està sepultado no Real Mosteiro de Belem, na Capella que chamaõ do Cardeal, e tem este Epitafio.

Heu quot in Alfonso viduantur honore Tiara!
Plorat Ullisipo, Roma, rubensque toga!
Visenses pueri, quos ipse side erudiebat,
Solaque congaudent æthera cive suo.

§. XIII.

O Cardeal D. Miguel da Sylva.

Dom Miguel da Sylva foy filho de Diogo da Sylva de Meneses, e de Dona Maria de Ayala filha de Diogo de Ferreira, Senhor das Ilhas de Lançaròte, Forte ventura, e Gomeira nas Canarias. Era Diogo da Sylva Ayo delRey D. Manoel, sendo ainda Duque de Beja, e assim depois que succedeo no Reyno, em gratificação de seus serviços, o fez Conde de Portalegre, Senhor de Gouvea, Celorico, e S. Romaõ, e muitas outras Villas, e Lugares, e lhe deu o officio de Mordomo Mòr, e o fez seu Veador da Fazenda, e Escrivaõ da Puridade. D. Miguel seu filho sendo moço, o mandou ElRey estudar a Pariz,

aonde neste tempo costumavaõ hir aprender todos os Nobres deste Reyno; para o qual effeito sustentavaõ os nossos Reys hum Collegio naquella Universidade, em que todos estudavaõ. Sahio D. Miguel muy douto na sciencia, que aprendia, e muito mais nas humanidades, e elegancia da lingua latina. Pelo que naõ se contentando de dar mostras das flores de seus estudos somente em Pariz, se foy a Bolonha, e depois a Roma no anno de 1530. onde communicou todos os homens eminentes daquelle tempo; dos quaes sendo recebido com grande applauso, os deixou taõ affeiçoados à sua agradavel benevolencia, que lhe ficaraõ chamando em Roma *Il. nostro Micheleto*. Aqui se encontrou com Hieronymo Osorio (Bispo, que depois foy do Algarve) e como combinavaõ ambos na erudiçaõ, e elegancia latina, se foraõ a Veneza, por saberem, que naquella Cidade se tinhaõ junto muitos engenhos raros daquelle tempo sobre a correcção de Plinio, e chegados a ella, dizem que deu D. Miguel grandes mostras da viveza de seu engenho; porque ordinariamente emendava dous, e tres lugares, em quanto os outros emendavaõ hum. Foy álem disto insigne Poeta latino, e tinha tal graça nesta faculdade, que disseraõ por elle em Pariz, que assim como Hieronymo Osorio levava a ventagem a todos em descrever qualquer cousa na prosa, D. Miguel a naõ concedia a ninguem em fazer o mesmo no verso.

Acabados os estudos, vindo a este Reyno, assim pela valia de seu pay, como por seus proprios merecimentos, o fez ElRey D. Joaõ III. do seu Conselho, e lhe deu a Abbadia de S. Tirso em Riba de Ave, com outros muitos beneficios; e ultimamente o presentou no Bispado de Viseu, e o mandou por seu Embaixador a Roma, onde esteve muitos annos. E tornando a este Reyno, lhe deu ElRey o mesmo officio de Escrivaõ da Puridade, que seu pay tivera.

Movido neste tempo o Summo Pontifice Paulo III. das partes, letras, e virtudes, que em D. Miguel conheceo, o quiz fazer Cardeal; porèm ElRey D. Joaõ III. por alguns respeitos de estado, o naõ consentio nunca; de modo que posto que D. Miguel aceitou a mercè do Papa sendo creado Presbytero Cardeal da Basilica dos doze Apostolos a 5. de Setembro de 1539. na 7. creaçaõ, com tudo naõ se publicou por entaõ, atè ver se em alguma maneira consentia

ElRey aceitasse esta dignidade. Porèm nunca se pode alcançar delle esta licença. Pelo q̀ desenganado D. Miguel, se partio escondidamente para Roma o anno de 1541. naõ dando a ElRey os papeis, que como Escrivaõ da Puridade em seu poder tinha, por fazer com mayor segredo sua jornada. ElRey tanto que soube della, teve grande paixaõ, e parecendo-lhe, que sempre D. Miguel defiriria ao que elle mandasse, o enviou chamar por cartas suas, em que lhe dizia se viesse logo para elle sem detença alguma, e por lhe tirar o receyo, que podia ter, o segurou por hum seguro Real, que para isso lhe mandou. Mas D. Miguel, que estava bem inteirado do desgosto, que ElRey tomara com sua ida, e quanto sempre lhe repugnara aceitar elle o Capello, naõ se atreveo a apparecer outra vez ante elle. Do que ElRey se houve por taõ desservido, que logo o desnaturalizou de seus Reynos, e o privou de todas as mercès, que lhe tinha feitas por huma carta sua, dada em Lisboa a 26. de Janeiro de 1542. e nesta desgraça delRey ficou sempre.

Chegado a Roma, foy logo publicada a sua Creaçaõ, que atè entaõ estivera secreta, e o festejou grandemente o Summo Pontifice Paulo III. e todo o Collegio dos Cardeaes, com quem foy sempre muy grande sua authoridade, por as raras partes, que nelle havia, com que levava a benevolencia de todos; e tal era a opiniaõ com que estava tido na Corte Romana (ou por melhor dizer) em toda Italia, que naõ achou o Conde Balthasar Castilhoni, a quem com mais razaõ podesse dedicar o seu livro do Perfeito Cortesaõ, que a elle; e assim o escolheo entre todos os Varoens famosos (de que aquelle tempo foy taõ abundante) por elle representar mais ao vivo todas as perfeiçoens, que no verdadeiro Cortesaõ imaginava.

Depois disto foy muitos annos Legado de Ravena; huma das principaes Legacias do Estado Ecclesiastico, e era tal a ordem, e expediencia, que dava aos negocios, que ainda hoje anda em proverbio na Curia a audiencia de Viseu. Depois do titulo dos doze Apostolos, com que foy criado, teve o de Santa Praxedes, e Julio III, o fez Presbytero Cardeal de Santa Maria Trans Tiberim, junto da qual Igreja viveo nuns sumptuosos Paços, que ainda hoje conservaõ seu nome. Teve votos para o Summo Pontificado. Morreo em Roma

a 5. de Junho de 1556. e está sepultado na mesma Igreja de seu Titulo.

§. XIV.

O Cardeal D. Henrique.

O Infante D. Henrique foy filho delRey D. Manoel, e da Rainha Dona Maria, sendo de 14. annos se fez Clerigo, e o primeiro Beneficio que teve, foy o Priorado de Santa Cruz de Coimbra. Depois no anno de 1522. lhe deraõ o Arcebispado de Braga, que possuhio com outros Beneficios, até que por morte de seu irmaõ o Infante D. Afonso foy feito Bispo de Evora; creando no mesmo anno o Papa Paulo III. esta Igreja em Arcebispado Metropoli, de Sylves, e Ceita, e depois se lhe acrescentou Elvas. Foy creado Cardeal do Titulo dos Santos quatro Coroados pelo Papa Paulo III. em Roma na undecima creaçaõ a 16. de Dezembro de 1545. Foy Legado à Latere neste Reyno, em quanto viveo. Teve do mesmo modo o Officio de Inquisidor Mòr, e levantou quatro Casas do Santo Officio; convem a saber, Lisboa, Evora, Coimbra, e Goa. Reformou as Religioens neste Reyno, e fez muitos Mosteiros, e Casas de Oraçaõ; entre os quaes foy celebre a Universidade, e o Collegio do Espirito Santo da Cidade de Evora. Por a infelice morte delRey D. Sebastiaõ succedeo na Coroa deste Reyno, anno 1578. e morreo em Almeirim no de 1580 no derradeiro de Janeiro, onde esteve seu corpo depositado atè o de 1582. em que ElRey D. Filippe de Castella o mandou levar a Belèm, onde està sepultado, e tem o seguinte Epitafio.

Hic jacet Henricus gemino diademate clarus,
Quod Patrio sceptro Purpura juncta fuit.
Conditur & Regnum pariter cum Rege sepultum,
Ut foret imperii vitaque, morsque sui.

§. XV.

O Cardeal D. Verissimo de Lancastro.

Foy filho de D. Luiz de Lancastro, Comendador Mòr de Aviz, e de Dona Filippa de Vilhena, filha de Manoel de Vasconcellos Regedor da Justiça. Nasceo em Lisboa, e foy bautizado na Igreja Parroquial de Santos a 9. de Julho de 1615. Foy Doutor em Canones pela Universidade de Coimbra. Foy Conego, e Thesoureiro Mòr da Sè de Evora, Deputado, e Promotor do Santo Officio da Inquisiçaõ da mesma Cidade, lugar de que tomou posse em 19. de Novembro de 1644. Foy Inquisidor da mesma Inquisiçaõ, e tomou posse em 16. de Março de 1649. donde veyo para Inquisidor de Lisboa, e tomou posse em 7. de Julho de 1660. Deputado do Concelho Geral, de que tomou posse em o primeiro de Abril de 1664. Foy Sumilher da Cortina delRey D.Pedro II. e por elle nomeado Bispo de Lamego, que naõ aceitou. Foy Arcebispo, e Senhor de Braga, Primaz de Espanha. Tomou posse por Procurador em 8. de Julho de 1671. Entrou naquella Cidade em 3. de Novembro do mesmo anno. Visitou a sua Diocesi com muita diligencia, e caridade. Administrou o Santo Sacramento da Confirmaçaõ a innumeraveis pessoas de hum, e outro Sexo. Residio na sua Igreja atè 27. de Março de 1677. em que veyo para Lisboa, e foy provido no lugar de Inquisidor Geral, deixando a Cidade de Braga muito sentida de perder hum taõ benigno Senhor. No lugar de Inquisidor Geral logrou occasioens de mostrar alèm do zelo da Fè, todas as virtudes moraes, de que foy dotado. Em 12. de Setembro de 1686. o creou o Santo Pontifice Innocencio XI. Cardeal da Santa Igreja Romana. A eminencia da Dignidade nunca dantes vista em Portugal dos que entaõ viviaõ, lhe naõ diminuhio a sua natural affabilidade, pela qual era amado de todos. Continuou em dar Ordens todos os Domingos na sua Capella a todos, os que tinhaõ privilegios para tomalas extra tempora com grande cõmodidade dos ordinandos, naõ só deste Reyno, mas dos vesinhos, donde vinhaõ muitos a tomar Ordens a Lisboa, que elle dava a todos com tanto gosto, que dizia, que nisso naõ fazia favor, mas que o recebia. Ainda sendo muito velho se levantava muito cedo para estudar na sua copiosa Livraria, e assim era taõ versado nas materias Canonicas, que nenhum ponto se lhe allegava Author algum, que elle naõ accrescentasse a allegaçaõ com muitos outros, sem que a applicaçaõ lhe fizesse damno à saude, que conservou robusta atè a ultima idade, em que assaltado de hum violento

achaque se rendeo à cama, e em poucos dias de doença deu muitos exemplos de piedade, e de todas as virtudes. Achava-se naquelle tempo em Lisboa o Reverendissimo Padre Fr. Joaõ de Alvim Ministro Geral de toda a Ordem dos Menores, Successor de S. Francisco, que tinha vindo a vizitar as Provincias deste Reyno, Varaõ prudentissimo, e de santa vida, e foy significar ao Cardeal o quanto era sensivel para toda a sua Religiaõ, o estado, em que se achava sua Eminencia, e o Cardeal o recebeo com as expressoens de humildade christãa, que pudera fazer o menor subdito daquelle grande Prelado. Conservando sempre a constancia do animo, recebeo todos os ultimos Sacramentos com tal piedade, que edificou a toda a Corte. Em todas as Casas Religiosas se faziaõ Preces pela vida daquelle Principe, que excedeo a todos no amor às Sagradas Religioens; mas se lhe naõ alcançaraõ huma vida mais dilatada, conseguiraõ-lhe huma morte santa, pela qual entregou a alma nas mãos do seu Creador em 13. de Dezembro de 1692. Aberto o seu Testamento se achou cheyo de disposiçoens pias, e prudentes: entre outras mandou, que se lhe fizesse huma Capella no Adro da Igreja de S. Pedro de Alcantara de Lisboa com outenta mil reis de renda perpetua para a fabrica della, e que nella se lhe dissessem quatro Missas quotidianas perpetuas, deixando por cada huma a esmolla de quarenta mil reis cada anno. Foy a sua morte sentida em todo o Reyno pela muitas, e singulares virtudes, com que se tinha feito amavel a todo elle. Mandouse sepultar no Atrio da Igreja de S. Pedro de Alcantara do Mosteiro dos Capuchos da Santa Provincia da Arrabida, da qual tinha sido grande bemfeitor, adonde o seu corpo foy levado por entre duas alas de Religiosos de todas as Ordens, que ha em Lisboa, que principiando na porta do Palacio da Inquisiçaõ, acabavaõ na dita Igreja, tendo todos vèlas acesas. Ao mez se lhe fez hum solennissimo officio na mesma Igreja, funebre, mas ricamente adornada, com elevadissimo Mausoleo cheyo de luzes. Prègou naquellas honras o Illustrissimo Bispo de Pernambuco D. Fr. Francisco de Lima da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo com a sua costumada elegancia, e erudiçaõ.

§. XVI.

O Cardeal Luiz de Souza.

Foy filho de Diogo Lopes de Sousa, segundo Conde de Miranda, Governador do Porto, Presidente do Concelho da Fazenda, do Concelho de Estado de Portugal na Corte de Madrid, e da Condessa Dona Leonor de Mendoça. Nasceo na Cidade do Porto em 16. de Outubro de 1630. No de 1639. foy com a Condessa sua Mãy para Madrid, adonde desde o anno antecedente estava o Conde seu Pay, que alli faleceo em 27. de Dezembro de 1640. vinte, e sete dias depois de se ter acclamado em Lisboa ElRey D. Joaõ IV. Neste tempo jà Luiz de Sousa era Menino da Rainha no Paço de Castella, aonde continuou atè o anno de 1646. em que em companhia da Condessa viuva, com permissaõ delRey D. Felippe IV. voltou a Portugal. Em Lisboa estudou Latinidades no Collegio de Santo Antaõ da Companhia de Jesus. Declarouse logo por elle o favor do Principe D. Theodozio, augmentado pelo amor dos Livros, em que era muito semelhante ao Principe, Luiz de Sousa, que tendo só dez annos, começou a diligencia de juntar Livros, em que perseverou por toda a vida, comprando naquella tenra idade os primeiros trez, que ainda que de materias agradaveis aos annos pueriz, foraõ principio da copiosissima, selecta, e celebrada Livraria de Luiz de Sousa, que para ajuntalla, fez huma larga peregrinaçaõ. Naõ tendo completos vinte, e hum annos, partio para Roma em 8. de Fevereiro de 1651. no Pontificado do Papa Innocencio X. No anno de 1653. lhe chegou a funesta noticia da morte do seu adorado Principe D. Theodozio, succedida em Alcantara de Lisboa a 15. de Mayo daquelle anno, a qual fez nelle tanta impressaõ, que teve grandes impulsos de entrar na Cartuxa, para se retirar totalmente do Mundo, e morrer para elle, seguindo do modo, que lhe era licito, ao Principe defunto. Mas a Divina Providencia, que destinava Luiz de Sousa para Principe da Igreja, lhe tirou os pensamentos daquella estreita clausura, e a que sempre conservou hum grande amor, pelo qual tinha resoluto nos ultimos annos de sua vida doar à Cartuxa de Laveiras, no Termo de Lisboa, a sua grande Livraria, e lhe começou a fabricar huma capacissima Sala para a collocar, a qual ficou imperfeita, e a meditada doaçaõ sem effeito. Testemunhou publicamente o sentimento da morte do Principe D. Theodosio com

erigir em Roma hum Monumento perene à sua memoria, com esta inscripçaõ.

TUMULUS
Serenissimi Principis Lusitania
THEODOS II
Ornatus virtutibus, oppletus lacrimis
Illius inmorttalitati
A LUDUVICO DE SOUSA
Comitis Mirandæ filio
Uno ex intimis Aulæ
Erectus.

No qual em elegantes versos latinos choraõ aquella lamentavel perda as quatro partes do Mundo, a que se estende o Imperio Portuguez. Em Roma estudou Luiz de Sousa os Sagrados Canones, em que se graduou Doutor. Ainda se achava naquella Corte ao tempo da morte de Innocencio X. a 3. de Janeiro de 1655, e no da eleiçaõ de seu successor Alexandre VII. exaltado ao Summo Pontificado em 7. de Abril do mesmo anno. Do qual obteve o Deado da Sè do Porto, com o qual sahio de Roma em Setembro do dito anno, e depois de visitar a Santa Casa do Loreto, passou a Veneza, e dahi a Alemanha, Flandes, Olanda, e Pariz. Restituido a Portugal em 26. de Setembro do anno seguinte de 1655. foy Governador do Bispado do Porto, e Governador da mesma Cidade, e da sua Relaçaõ, occupando estes tres lugares com admiravel inteireza, prudencia, e desinteresse. Em 1669. o nomeou ElRey D. Pedro o II, (sendo ainda Principe Regente, e Governador deste Reyno) para a dignidade de Capellaõ Mòr, e o Papa Clemente X. o fez Bispo de Bona. Sagrouse na Capella Real em 14. de Junho de 1671. Em 17. de Setembro de 1675. foy nomeado Arcebispo de Lisboa. Tomou posse em 22. de Janeiro de 1676. Fez magnificas obras no Palacio Archiepiscopal. Alcançou para Lisboa o Jubileo do *Laus perenne*, e hia visitar todas as Igrejas, em que elle se achava por todo o circulo do anno. Duas vezes foy Provedor da Mizericordia, huma no anno de 1674. e outra no de 1683. em ambas fez aquelle officio com grande assistencia, piedade, e generosidade. Reedificou o Templo de Santa Catharina de Ribamar, de Religiosos da Santa Provincia

da Arrabida, com todo o primor da Architectura. No Real Mosteiro da Batalha na Capella de S. Miguel fez o sumptuoso Mausolèo para que fez trasladar em 24. de Mayo de 1691. os ossos do Conde seu Pay, como testemunha a inscripçaõ, cuja elegancia compete com o polido da obra, como sahida da penna do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, Academico da Academia Real, Varaõ bem conhecido no Mundo pela sua celebre, e admiravel obra do Vocabulario Portuguez em dez tomos de folha, e outras muitas obras de grandissima estimaçaõ, que imprimio, e deixou manuscriptas em Latim, e Portuguez.

Em 30 de Agosto de 1679. foy feito do Concelho de Estado. Foy creado Cardeal da Santa Igreja Romana, pelo Papa Innocencio XII. em 21. de Junho de 1697. Trouxe-lhe o Barrete D. Jeronymo Colona, que por isto teve de pensaõ duzentos mil reis no Bispado de Miranda. E perguntando-lhe o Senhor Rey D. Pedro II. se havia continuar no Officio de Capellaõ Mór, sendo Cardeal, elle lhe respondeo, que se a Purpura lhe houvesse de ser embaraço para servir a Sua Magestade naquelle Officio, por nenhum caso a aceitaria. Morreo piamente em 4. de Janeiro de 1702. Mandouse sepultar na Capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta na Claustra da sua Sè, para a qual tinha Tribuna do seu Palacio, no pavimento da Capella, em huma sepultura raza, em cuja campa, que he de pedra negra, mandou esculpir por Epitafio estas palavras: *Sub tuum præsidium*. Fizeraõ-se-lhe as honras na sua Sè, com a magnificencia devida a tal Principe: prégou nellas o Reverendissimo Padre Fr. Rodrigo de Lancastro, da Ordem dos Pregadores, hoje do Concelho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, por suas virtudes, letras, e alto Sangue, acredor das mayores dignidades. Trataõ do Cardeal Luiz de Sousa, Manoel de Sousa Moreira no Theatro Genealogico da Casa de Sousa. O qual he huma excellente obra, e em que se està vendo a boa eleiçaõ do Cardeal Sousa, porque a mandou fazer por hum dos maes discretos homens de seu tempo, que era Secretario do Padroado Real, e depois foy Abbade das Chans, e ultimamente da Igreja de Sambade, adonde morreo sendo Academico da Academia Real, na Provincia de Traz os Montes. Mandou o Cardeal imprimir esta excellente obra na Impressaõ Real de Pariz, no anno de 1694. em folha de grande

papel, a qual enche mais de mil paginas, he livro muito adornado de estampas, com os retratos de todos os Senhores da Casa Sousa, desde o seu principio até aquelle anno, tudo feito com tal primor, que pareceo querer competir a arte Typografica com a elegancia do estylo, sacrificando-se huma, e outra a elevaçaõ do Assumpto daquella obra. O Padre Daniel Papebrochio da Companhia de Jesus, lhe dedicou o quinto tomo da grande obra intitulada: *Acta Sanctorum Maij*, e a Dedicatoria he hum elegante Panegyrico do seu Patrono; nella celebra tambem a sua famosa Livraria; à qual o sobredito Padre D. Rafael Bluteau dedicou o seu segundo tomo das suas Primicias Evangelicas, e he a Dedicatoria naõ só hum Panegyrico daquella Livraria; mas hum grande theatro de toda a erudiçaõ. Faz tambem honorifica memoria de Luiz de Sousa Jorge Cardozo, no terceiro tomo do Agiologio Lusitano, no commentario de 15. de Mayo letra G. pag. 283. tratando do Principe D. Theodosio; e este Author accrescentou, e enriqueceo muito a dita Livraria do Cardeal, com os preciosos Manuscriptos, que lhe deixou, os quaes tinha junto com grande trabalho, despeza, e desvelo em trinta annos: em ordem à composiçaõ da nunca dignamente louvada obra do Agiologio Lusitano de tanta gloria de Deos, e honra deste Reyno, de que deixou impressos tres tomos dos seis primeiros meses do anno, e nos taes Manuscritos a materia disposta para os outros seis.

§. XVII.

O Cardeal Nuno da Cunha de Ataide.

He filho de Luiz da Cunha de Ataide, Senhor de Povolide; Castro Verde, e Paradella, e de sua mulher Dona Guiomar de Lancastro, filha de D. Alvaro de Abranches, do Conselho de Estado, e de Dona Maria de Lancastro. Nasceo em Lisboa no anno de 1664. em 8. de Dezembro, (e naõ em 7. de Agosto, como erradamente trazem alguns livros impressos em Roma.) Foy bautizado na Igreja de S. Jozè, em cuja Parochia està o Palacio de sua Casa, pelo Senhor D. Verissimo de Lancastro, Deputado entaõ do Conselho Geral do Santo Officio, e depois Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, Inquisidor Geral de Portugal, e Cardeal da Santa Igreja Romana.

Foy seu Padrinho do Bautismo Luiz de Vasconcellos, e Sousa, Conde de Castello Melhor, do Conselho de Estado, Reposteiro Mòr, e Escrivaõ da Puridade delRey D. Afonso VI. e Madrinha, a Senhora Dona Elvira Maria de Vilhena, Condessa de Pontevel.

Estudou Latinidades em Lisboa com insignes Mestres. Estudou Filosofia na mesma Cidade, na Aula do Mosteiro da Santissima Trindade, e em Coimbra tomou o gràо de Mestre em Artes. Sendo naquella Universidade Porcionista do Collegio de S. Paulo, estudou os Sagrados Canones, em que fez exame privado. Foy Conego da Sè da mesma Cidade. Em moço acompanhou a seu Tio Paterno Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, na jornada, que fez a França, para dahi passar a Inglaterra, para cuja Corte hia por Embaixador extraordinario. He comendador de Santa Martha de Bornes da Ordem de Christo.

Foy Deputado da Inquisiçaõ de Coimbra, de que tomou posse em 2. de Novembro de 1691. e em 29. de Julho do anno de 1692. entrou a ser Promotor da mesma Inquisiçaõ; em 8. de Abril de 1692. tomou posse no lugar de Deputado da Inquisiçaõ de Lisboa; desta foy tambem Inquisidor, e tomou posse do lugar em 5. de Abril de 1700. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados. Sendo nomeado Bispo de Elvas, naõ aceitou. O Senhor Rey D. Pedro II. o nomeou Capellaõ Mòr em 14. de Setembro de 1704. o Papa Clemente XI. lhe deu o Titulo de Bispo de Targa. He Inquisidor Geral nestes Reynos, e suas Conquistas, lugar de que tomou posse em 6. de Outubro de 1707. He do Concelho de Estado, e Cardeal da Santa Igreja Romana, creado em 18. de Mayo de 1712. pelo mesmo Papa Clemente XI. por cuja morte partio de Lisboa para Roma ao Conclave em 9. de Mayo de 1712. O Papa Innocencio XIII. que entaõ foy eleito lhe deu o Chapeo em 10. de Junho do mesmo anno, com o Titulo de Santa Anastasia, de que tomou posse em 21. de Julho do mesmo anno, e o fez das *Congregaçoens de Bispos, e Regulares*, de *Propaganda Fide*, dos *Ritos*, e da *Consistorial*. Esteve em Roma com grande credito da Naçaõ Portuguesa, assim pelas suas letras, e piedade, como pela sua magnificencia. Restaurou a Basilica de Santa Anastasia, fazendo nella magnificas obras, e augmentos, de que agradecido o Cabido della, em 2. de Março de

1722. determinou, que naquella Igreja se fizesse todos os annos, atè o fim do mundo, especial memoria do seu grande Bemfeitor, e mandou gravar em num marmore huma larga inscripçaõ para eterna lembrança de tudo isto, que traz o doutissimo Director da Academia Real Portugueza D. Manoel Caetano de Souza no seu *Catalogo Historico dos Summos Pontifices, Cardeaes, e Bispos deste Reyno*, onde se pòde ver. A grande devaçaõ, que tem à Glorioaa Santa Barbara Virgem, e Martyr, o moveo a solicitar em Roma, e conseguir do Papa Innocencio, logo que chegou à Curia, que neste Reyno se pudesse rezar della com liçoens proprias, e rito Duplex, sendo dantes simples, e deu para a sua Ermida do Castello de Lisboa huma fermosa alampada de prata. Voltou a esta Corte em 22. de Outubro de 1722. aonde foy recebido por S. Magestade, por toda a Corte, e Nobreza com as demonstrações de estimaçaõ, que sempre mereceo.

§. XVIII.

O Cardeal D. Jozè Pereira de Lacerda.

Foy filho de Francisco Pereira de Lacerda, e de sua mulher Dona Antonia de Brito, Fidalgos illustres. Nasceo na Provincia de Alentejo, na Villa de Moura em 7. de Junho de 1661. Estudou Canones na Universidade de Coimbra, em que tomou o gràо de Doutor, foy Oppositor às Cadeiras, e leo algumas por substituiçaõ. Foy Promotor, e Deputado do Santo Officio na Inquisiçaõ de Evora, lugares de que tomou posse no anno de 1691. em 10. de Dezembro vespera de S. Damaso Pontifice Portuguez. Na mesma Inquisiçaõ foy Inquisidor, lugar de que tomou posse em 2. de Setembro 1692. Largou o serviço do Santo Officio. Foy Prior da Igreja Parochial de S. Lourenço de Lisboa, na qual succedeo ao Eminentissimo Senhor D. Thomaz de Almeida, hoje Cardeal Patriarca de Lisboa Occidental. Foy nomeado Prior Mòr da Ordem Militar de S. Tiago em 12. de Setembro de 1709. Tomou posse do Priorado Mòr no Convento de Palmella em 4. de Novembro do mesmo anno. Foy nomeado Bispo do Algarve em Novembro de 1715. Foy Sagrado em Lisboa na Igreja do Mosteiro da Santissima Trindade em 30. de

Agosto de 1716. pelo Eminentissimo Senhor Cardeal da Cunha, sendo assistentes os Illustrissimos Senhores D. Luiz Simoens Brandaõ, Bispo de Angola, e D. Manoel da Sylva Francez, Bispo de Tagaste, e Coadjutor do Arcebispado de Lisboa. Foy Executor da Bulla Aurea para a Creaçaõ do Patriarcado de Lisboa Occidental. Foy creado Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana pelo Papa Clemente XI. no Consistorio de 19. de Novembro de 1719. Trouxe-lhe o Barrete Cardinalicio Monsignor Sacripante, o qual recebeo na sua Capella em 3. de Novembro de 1720. Nos principios de Mayo de 1721. o nomeou S. Magestade do Conselho de Estado. Em 9. do mesmo mez, e anno se embarcou em Lisboa para Roma, a entrar no Conclave, a que tinha sido convocado pelo Sacro Collegio; por morte do Papa Clemente XI. A 10. de Junho do mesmo anno, estando jà em Roma, lhe deu o Papa Innocencio XIII. que tinha succedido a Clemente XI. em 8. de Mayo, o Chapeo; e a 16. do mesmo mez lhe deu o Anel Cardinalicio, e o Titulo de Santa Susana, do qual tomou posse no mesmo anno em 11. de Agosto, dia da mesma Santa. E aos 7. de Setembro seguinte tomou posse do lugar de Protector da Capella do Santissimo Sacramento da mesma Igreja.

No mesmo anno lhe consagraraõ huma festa Academica de Letras, e Armas os Porcionistas do Collegio Clementino, que saõ Fidalgos da primeira Nobreza de Italia; e no mesmo anno se imprimiraõ em Roma as obras, que nella se recitàraõ, todas em louvor do Summo Pontifice, delRey Nosso Senhor D. João V. e do mesmo Cardeal, com a relação da mesma festa. Foy das Congregaçoens do *Concilio Tridentino*, da *Immunidade Ecclesiastica*, do *Indice*, e das *Indulgencias*. A Academia dos Arcades, da qual hoje he Protector ElRey Nosso Senhor, elegeo a sua Eminencia por acclamaçaõ, e lhe deu o nome Retimo Sidiano.

A Roma lhe chegaraõ os rogos dos moradores do Reyno do Algarve, seus subditos, pedindo-lhe, que declarasse dia Santo de guarda na Cidade de Faro, e seus arrebaldes o dia 4. de Dezembro dedicado a Santa Barbara Virgem, e Martyr, a qual elles tinhaõ escolhido por sua Protectora, para se livrarem dos terremotos, e tempestades, que padeciaõ; calamidades, que naõ experimentaraõ

depois de terem recorrido ao seu patrocinio; o que sua Eminencia lhes concedeo no anno de 1725. como Bispo que he daquelle Reyno, com que ambos estes Eminentissimos Cardeaes cooperaraõ em Roma para os mayores cultos, e veneraçoens da Gloriosa Santa Barbara. Alli entrou em Conclave por morte do dito Papa Innocencio com os mais Cardeaes, e com elles fez a prudentissima eleiçaõ do Santo Padre Benedicto XIII. em 29. de Mayo de 1724. que dantes era Cardeal Vicente Maria Ursini Arcebispo de Benevento da Ordem de S. Domingos. Viveo em aquella Curia admirando-a com as suas Letras, erudiçaõ, e acçoens generosas. Voltou para Portugal em Setembro do anno de 1728. e chegou a esta Corte em Dezembro, aonde assistio algum tempo, e recolhendo-se ao seu Bispado, se applicou a satisfazer às obrigaçoens do seu Pastoral Officio. Entrou na Visita Geral, e em 26. de Abril de 1738. administrando o Sacramento da Confirmaçaõ se começou a sentir taõ mal, que encarregando a visita a Miguel de Ataide Corte Real, Conego Penitenciario da Sè do Algarve, e Vigario Geral do Bispado, se recolheo a Loulè em 23. de Junho, e a 24. dia. de S. Joaõ entrou no seu Palacio da Cidade de Faro, em que sem embargo de multiplicados remedios se aggravou de forte a doença, que muitas, vezes se confessou, e comungou por devoçaõ, atè que em 25. de Setembro recebeo o Senhor por Viatico, que acompanhou o Cabido, de quem se despedio com grande ternura, e com muitas lagrymas de todos, mandandosse fazer preces pela sua saude. A 29 do dito Mez amanheceo com tanta melhoria, que se entendeo, que estava livre de perigo; mas às dez horas da noite se achou taõ privado de repente dos sentidos, que hum Medico Castelhano, que lhe assistia, começou a chamar pela familia dizendo, *acudan que se muere el siervo de Dios*, e assim espirou sendo de idade de 77. annos, tres mezes, e vinte e dous dias. No dia 30. foy levado o cadaver aos hombros de Sacerdotes por entre duas alas dos Soldados do Regimento daquella Praça a Sè, e se celebrou Missa Solemne, e se lhe deo Sepultura no jazigo dos Prelados daquella Diocesi. A 20. de Outubro se lhe celebraraõ na mesma Cathedral Solemnissimas Exequias, em que fez a Oração funebre o P. Fr. Joze Lobo Mercenario Descalço, natural do Reyno do Algarve. Sendo o Cardeal ainda D. Prior de Palmella foy S. Magestade àquelle

Convento sem ser esperado; sahio a recebello com a Cõmunidade dos Freyres, e lhe fez de repente huma taõ douta pratica, que subio muito no Real conceito a sua sciencia. No anno Santo de 1725. fez no seu Palacio em Roma hum Hospicio para doze Clerigos pobres, que fossem a ganhar de Espanha aquelle Jubileo.

§. XIX.

O Cardeal D. João da Mota, e Sylva.

Nasceo na illustre Villa de Castellobranco em 14. de Agosto de 1685. fazendo-a ainda mais celebrada com o seu nascimento. Começou a estudar Theologia na Universidade de Evora, e continuando os mesmos estudos na de Coimbra, nella tomou o grào de Doutor. Sua Magestade que Deos guarde, attendendo ás suas letras, e procedimento, que saõ as bazes das mayores felicidades, o nomeou Conego Magistral da insigne Collegiada de S. Thomè. No tempo em que Monsignor Firràò (hoje Cardeal da Igreja Romana) se achava em Lisboa, fez no seu Palacio humas Conferencias, em que se tratavaõ materias dos Concilios, e se faziaõ eruditissimos discursos, para o que convidou as pessoas mais doutas, que havia na Corte. Entre ellas foy huma o Conego Joaõ da Mota, e Sylva, que mostrou em elegantes papeis o muito que estava adiantado em hum estudo, que não costuma ser muy frequente nas Espanhas, e na facilidade de escrever em latim, como tinhaõ por obrigaçaõ os que discorriaõ.

A sua literatura, modestia, e gravidade o fizeraõ de tal modo aceito a Sua Magestade, que pela sua Real nomeação o creou Cardeal a Santidade de Benedicto XIII. no Consistorio de 26. de Novembro de 1727. Trouxelhe o Barrete Monsignor Lercari, que hoje he Legado de Avinhaõ. Foy ouvida esta noticia com applauso commum, porque Sua Eminencia merece a geral estimaçaõ do Reyno pelo seu agrado, cortesania, e affabilidade. Delle faz memoria o Padre Fr. Agostinho Fabri da Ordem dos Prégadores na primeira continuação de Roma Santa, impressa em Ausbourg em 1729.

§. XX.

O Cardeal D. Thomaz de Almeida.

Naceo em Lisboa, aonde foy bautizado em casa de seus Pays os segundos Condes de Avintes D. Antonio de Almeida, Governador do Reyno do Algarve, do Conselho de Estado, e Guerra, e Dona Maria Antonia de Borbon, e tomou os Santos Oleos na Parrochia de Santa Engracia. Depois de estudar Filosofia com o Padre Manoel Vieira no Collegio de Santo Antaõ da Cidade de Lisboa, passou a Coimbra, aonde foy Porcionista no Collegio Real. Estudou Canones, e sendo Deputado do Santo Officio na Inquisiçaõ de Lisboa, foy despachado para Dezembargador da Relaçaõ do Porto, donde veyo para a Casa da Supplicaçaõ, em que teve a serventia de Aggravos. Foy Prior da Igreja de S. Lourenço, aonde para memoria da sua piedade mandou fazer huma Capella a S. Thomaz de Villanova, o arco da Capella Mòr, e os dous Altares Callateraes dedicados hum ao Senhor Jesu, e outro à Conceiçaõ da Senhora. Foy Deputado, e Provedor da Fazenda, e Estado da Rainha, Sumilher da Cortina, Cavalleiro da Ordem de Christo, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, Chanceller Mòr do Reyno, Secretario das Mercès, e Expediente, e ultimamente de Estado.

Attendendo às suas grandes virtudes, e merecimentos a Magestade do Senhor Rey D. Pedro II. de saudosa memoria o nomeou Bispo de Lamego, e sendo confirmado pelo Papa Clemente XI. foy sagrado na Igreja de Nossa Senhora da Graça em 3. de Abril de 1707. pelo Bispo Inquisidor Geral Nuno da Cunha de Attaide (hoje Cardeal de Santa Anastasia) sendo Assistentes D. Fr. Antonio Botado, e D. Fr. Pedro de Foyos, aquelle Bispo de Hypponia, e este de Bona, ambos Irmãos, e Eremitas de Santo Agostinho.

Havendo tomado posse deste Bispado pelo seu Provisor o Reverendissimo P. Fr. Antaõ de Faria Monje de S. Bento, que depois foy dignissimo Geral da sua Congregaçaõ, entrou na Cidade de Lamego em 22. de Mayo do dito anno, e foy recebido com todas as demonstraçoens de alvoroço, e alegria, que se deviaõ à sua pessoa, e affabilidade.

Chegado a Lamego, teve noticia que o Bispo de Viseo D. Jeronymo Soares trazia com o seu Cabido gravissimas contendas, que haviaõ sahido a autos publicos depois de fulminadas repetidas censuras. Era a causa de taõ escandalosa perturbaçaõ hum Conego da mesma Sè, que sendo conhecido pelos seus companheiros, o naõ era pela sinceridade do Bispo. Estranhou o nosso Bispo taõ indignas demandas, como quem em poucas horas, e sem paixaõ havia examinado o principio, e sem dar parte da sua resoluçaõ a ninguem, foy a Viseo a serenar huma tormenta, que havia tempo perturbava aquella Diocesi. Soube o Bispo de Viseo da visita que naõ esperava, e veyo mais de huma legoa a esperar taõ zeloso hospede. Voltaraõ para a Cidade com todas as demonstraçoens de cortezania, e da conversaçaõ foy a principal parte a presente discordia. Deputou o Cabido dous Conegos, que vieraõ visitar o Bispo de Lamego, a quem recebeo com a sua costumada urbanidade. Haviase queixado o Bispo da contumacia dos seus Capitulares, agora se queixaraõ os Capitulares do injusto procedimento do seu Prelado. Ouvidas huma, e outra parte entrou a compollas o Bispo de Lamego, e feito arbitro de taõ dilatados litigios pelo Bispo, e pelo Cabido, poz termo àquelles pleitos com satisfaçaõ dos litigantes, e como a sua jornada naõ tinha outro fim senaõ o da paz, concluida ella, voltou aos negocios da sua Igreja.

Em vinte, e hum mez que foy Bispo de Lamego, deixou da sua generosidade repetidos argumentos, porque na Cathedral para receber mais copiosa luz, lhe abrio seis grandes janellas, fez as grades do Cruzeiro, as portas da Igreja, que pela qualidade do seu artificio saõ dignas de particular memoria, e lageando o Adro, que estava indecente, o guarneceo com grades de ferro, que lhe servem de adorno, e de reparo. Enriqueceo a Sancristia de muitos, e preciosos ornamentos, e àlem dos materiaes para se fazerem as varandas do Claustro, lhe deixou mais de nove mil cruzados para obras. No Mosteiro das Chagas de Religiosas de S. Francisco fez o Mirante religiosamente magnifico, e no Convento de Santo Antonio dos Capuchos da mesma Cidade fez a Sancristia, que adornou com peças de muito preço.

Por carta assinada pela Real maõ em 30. de Mayo de 1708. foy visitar a Coimbra o Collegio Real, em que havia sido Porcionista, e desta visita resultou acrescentar Sua Magestade, que Deos guarde, as rendas ao Collegio, devendo a taõ benemerito filho hum notavel augmento na fazenda.

Em 26. de Setembro de 1708. vagàra o Bispado do Porto por morte do virtuosissimo Prelado D. Fr. Jozè de Santa Maria, e por carta de 30. de Abril de 1709. nomeou ElRey D. João o V. nosso Senhor Bispo do Porto ao Bispo de Lamego, e logo por carta de 6. de Mayo do mesmo anno lhe fez merce o dito Senhor do lugar de Governador das Justiças daquella Relaçaõ, e das Armas da Cidade, e seu districto. No mesmo tempo, em que o Cabido do Porto teve a noticia desta nomeaçaõ, por assentos de 15. e 17. de Mayo elegeo ao Arcediago de Oliveira Luiz de Magalhaens, para que da sua parte fosse a Lamego visitar, e dar os parabens a Sua Illustrissima. Foy absoluto do vinculo de Lamego, e confirmado no Bispado do Porto por Clemente XI. a 22. de Julho do sobredito anno de 1709. e mandando tomar a posse pelo seu Provisor o Reverendissimo Padre Fr. Antaõ de Faria, se lhe deo em 17. de Outubro. Chegou o Prelado a 30. passou o Douro, e se recolheo no Convento de Santo Antonio do Valle da Piedade de Religiosos Capuchos, aonde depois de comprimentado, e assistido de toda a Nobreza, Relaçaõ, Officiaes de Guerra, e de Justiça, fez a sua entrada publica na Cidade em 3. de Novembro do mesmo anno, e a 9. começou a exercitar as occupações de Governador das Justiças, e das Armas com geral estimaçaõ de toda a Provincia.

Foy extraordinaria a pompa, e magnificencia, com que a opulentissima Cidade do Porto celebrou esta entrada. Houve tres dias de luminarias, de repiques, de excellentes encamisadas, e outras demonstraçoens de alegria, em que rompeo o alvoroço da Cidade, acresentando a todo este applauso fazerem representar em hum dos pateos do Palacio Episcopal vistosissimas Comedias, o que tudo descreveo em outava rima Antonio Cerqueira Pinto, natural de Amarante, e morador na Cidade do Porto, pessoa digna de toda a estimaçaõ pelos seus estudos, e vastissimas, e profundas noticias das Antiguidades deste Reyno, em que he summamente versado

com douta, e exacta critica, e que já em outro Poema do mesmo metro havia cantado a esclarecida Ascendencia do Bispo D. Thomaz de Almeida.

Executando a piissima disposiçaõ de S. Magestade ordenou, que se celebrasse a festa de N.Senhora da Conceiçaõ com a mayor solemnidade que fosse possivel, e para este fim se cantaraõ as Matinas em a noite antecedente, e no dia celebrou Missa de Pontifical com assistencia de toda a Nobreza, e do Tribunal da Relaçaõ.

Attendendo à grande necessidade, que havia de Synodo Diocesano, o celebrou no anno de 1710. com todas as formalidades, e nelle se dispuzeraõ muitas cousas pertencentes ao melhor governo do Bispado.

No mez de Mayo de 1711. foraõ taõ repetidas as innundaçoens de agua, que temendo-se alguma esterilidade, mandou o Bispo, que sahisse em Procissaõ pelas Ruas da Cidade, o Senhor d'Alem, com o qual tem aquelle povo bem fundada devoçaõ pelos grandes beneficios, que tem experimentado da sua piedade. Fez-se a Procissaõ em 14. do dito mez, com a Pompa, e Magestade, que em semelhantes occasioens se costuma; e como naquelle anno era Ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, para aplacar a indignaçaõ Divina, na noite de 21. do mesmo mez fez outra Procissaõ de preces, em que a Ordem Terceira, e os Religiosos foraõ descalços, de que compadecida a Divina bondade, restituhio a serenidade do tempo, naõ se experimentando o danno, que naturalmente se temia. Na mesma occasiaõ padeceo aquella Cidade grande falta de peixe, e fazendo-se por esta causa segunda Procissaõ em 27. do dito mez de Mayo, em que sahio outra vez a Imagem do Senhor d'Alem, se encaminhou à barra, e benzendo-a o Prelado, teve outra vez a Cidade do Porto a costumada abundancia.

Em 4. de Dezembro de 1711. nasceo em Lisboa Occidental a Senhora Infanta Dona Maria Barbara, hoje Princesa das Asturias, e em 21. do dito mez, em acçaõ de graças, fez o Bispo D. Thomaz Pontifical, e Solemnissima Procissaõ, e como a esta solemnidade se unio a Trasladaçaõ do Santissimo Sacramento para a sua Capella na Sè, que se havia reformado com extraordinaria magnificencia, prègou neste dia o Conego Magistral da mesma Sè o Doutor Manoel dos Reys Bernardes, com a elegancia, acerto, e propriedade, que sendo nelle dotes naturaes, saõ a enveja de todos os que o ouvem, e lem os seus escritos.

Em 20. de Fevereiro de 1713. lançou a primeira pedra no arrogante, e magestoso edificio da nova Capella dos Terceiros de S. Domingos; obra de tanta magestade, que havendo na Cidade do

Porto grande numero de Fabricas Sagradas magnificamente edificadas, esta na sua proporção naõ he inferior a nenhuma.

Para a sua Cidade do Porto alcançou este zelosissimo Prelado de Clemente XI. pelo espaço de sete annos, hum Jubileo com Lausperene em todo o tempo da Quaresma, a que logo se deu principio na Sè, no primeiro dia da Quaresma do anno de 1713. continuando-se pelas mais Igrejas dous dia em cada huma.

Em 16. de Julho do mesmo anno de 1713. que era o ultimo dia do Triduo, com que os Religiosos de S. Domingos celebraraõ a Canonizaçaõ do Summo Pontifice Pio V. fez o Bispo o Pontifical com toda a grandeza, que pedia a Sollemnidade daquelle acto.

Mandou rasgar, e abrir mais a porta de Carros, e o Postigo de Santo Eloy, intentando, que no Campo das Hortas, junto à Fonte da Arca, se fizesse huma nova Praça. Naõ teve effeito esta obra, mas teve-o o povoar-se aquelle sitio de muitas, e nobres casas, em que se vay dilatando a povoaçaõ com incrivel grandeza. Na Igreja de Santo Antonio, que he dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de S. Fillippe Neri, mandou fazer hum grande Adro, que ennobreceo muito aquella fabrica, e nos pilares das grades se lhe gravaraõ as suas Armas.

Reformou a Quinta do Prado, accrescentando-lhe gallarias, e no Palacio Episcopal mandou abrir janellas em muitas Salas, e fez de novo a Casa da Camara Ecclesiastica, em cujo tecto estaõ pintadas as Armas dos Almeidas.

Por ordem de Clemente XI. presidio em dous Capitulos Geraes da Religiaõ de S. Bento. Celebrou-se hum no Mosteiro de Santo Tyrso, e nelle foy eleito geral o Reverendissimo Padre Fr. Antaõ de Faria, Provisor do Bispado do Porto, e o outro se celebrou no Mosteiro de Tibaens, que he a Cabeça desta Monastica, e Illustrissima Congregaçaõ nos Reynos de Portugal.

Neste tempo determinou a Magestade delRey D. João V. Nosso Senhor illustrar a sua Corte com huma Igreja Patriarchal, que nos privilegios, e grandeza se distinguisse com incomparavel differença de todas as outras Cathedraes. Conseguio esta graça da Santidade

de Clemente XI. que lha concedeo por huma amplissima Bulla, chamada *Aurea*, expedida em Roma aos 7. dos Idus de Novembro, que he aos 7. do dito mez do anno de 1716. e por esta causa nomeou S. Magestade, que Deos guarde, ao Bispo do Porto D. Thomaz de Almeida Patriarcha de Lisboa Occidental, em 4. de Novembro do mesmo anno, e em 7. do dito mez o absolveo o Papa do vinculo de Bispo do Porto, e o confirmou em primeiro Patriarcha da mesma Cidade de Lisboa Occidental.

Chegada esta feliz noticia à Corte, mandou o Senhor D. Thomaz de Almeida tomar posse do Patriarchado pelo Arcediago da mesma Patriarchal Jozè Dionysio Carneiro, cujo acto se fez em 8. de Janeiro de 1717.

Era necessario ǫ o Senhor Patriarcha tomasse a posse pessoal, e que fizesse entrada publica na sua Igreja, como dispoem o Ceremonial dos Bispos. Para esta funcçaõ, verdadeiramente magestosa, se destinou a tarde de Sabbado 13. de Fevereiro do anno jà dito de 1717. Da Quinta do Duque de Aveiro, sita nas visinhanças da Parrochia de S. Sebastiaõ da Pedreira, sahio o Senhor Patriarcha para a Igreja deste Santo, aonde o esperava montado a cavallo, toda a Nobreza de Portugal, e tomando o Coche, veyo marchando com todo este lusido acompanhamento atè à Igreja de Santa Martha, aonde apeando-se, tomou a Capa Consistorial, e pondo-se a cavallo continuou a marcha atè às portas de Santo Antaõ, em que estava levantado hum excellente, e bem adornado Altar. Aqui deixada a Capa Consistorial, se revestio de Pontifical com Capa, e Mitra de tella branca, e montando em huma mula ruça, cuberta com huma gualdrapa de tella branca, o levou de redea seu Irmaõ D. Luiz de Almeida Conde de Avintes; ao sahir das portas de Santo Antaõ, o receberaõ de baixo de hum Pallio de preciosa tella os Vereadores dos Senados de ambas as Lisboas, e desta sorte, por entre duas alas, que formavaõ as Communidades Religiosas, as Confrarias, e Irmandades de Lisboa Occidental, chegou à Santa Basilica Patriarchal, dando-se fim a esta vistosissima Ceremonia com o Hymno *Te Deum Laudamus*, solemnissimamente cantado.

Depois da posse começou logo a exercitar a Dignidade de Capellaõ Mòr, que como consta da mesma *Bulla Aurea*, ha de andar

annexa a quem tiver a de Patriarcha de Lisboa Occidental; e para lhe naõ faltar a authorizadissima circunstancia de Conselheiro de Estado, foy S. Magestade servido fazer-lhe dentro de poucos dias aquella mercè.

Tratou de visitar a sua Diocesi, obrigaçaõ a que satisfez pessoalmente, como quem sabe o quanto emenda mais a vista, do que as informaçoens, naõ cessando depois em tempo algum de mandar Visitadores, que reformem os vicios com caridade, e naõ estrondo, porque as culpas, em quanto naõ degeneraõ em obstinaçaõ, melhor se remedeaõ com a suavidade, que com o rigor.

Para o sitio de Rinhafolles, que he contiguo ao Convento de Santo Antonio dos Capuchos, se haviaõ mudado os Padres da Missaõ, cujo principal instituto he ensinar as Ceremonias Ecclesiasticas aos Ordinandos. Sobre os principios desta obra entrou o Senhor Patriarca a fazer nova despeza, e se vay continuando hum edificio, em que possaõ naõ só viver commodamente os Padres, mas tambem o grande numero de pessoas, que concorrem a aprender o Ministerio do Altar, e a fazer algumas vezes a utilissima devoçaõ dos Exercicios Espirituaes, para o que mandou levantar no interior da Casa hum Oratorio, que naõ cede na grandeza ao primor do seu ornato.

No anno de 1721. deo o Senhor Patriarca o dezejado principio à clausura do Mosteiro de N. Senhora dos Remedios de Campolide de Religiosos da Ordem da Santissima Trindade, para o que mandou ao seu Vigario o Illustrissimo D. Joaõ Cardoso Castello Arcebispo de Lacedemonia, que fosse benzer a Igreja, e logo sem mais dilaçaõ, sahiraõ as quatro Fundadoras do Convento de Santa Marta em 25. de Junho de 1721. Foraõ as Fundadoras a Madre Izabel Maria das Montanhas para Prioreza, a Madre Maria Jozefa de S. Filippe para Sub-Prioreza, a Madre Antonia Thereza de Jesu para Mestra da Ordem, que he o mesmo, que Mestra de Noviças, e a Madre Eufrasia Maria do Sacramento para Porteira.

Disposto tudo o que era preciso para a entrada das Noviças, na tarde de 2. de Julho de 1721. em que se celebra a Visitaçaõ de N. Senhora a Santa Izabel, com assistencia da Rainha N. Senhora, e

da Senhora Infanta Dona Francisca, e de muita parte da Nobreza, e de hum extraordinario concurso de povo, se lançou o habito às primeiras Noviças, dando todos graças a Deos por verem concluida huma obra, a que havia pouco menos de hum seculo, que se lhe dera principio.

Mandou o Senhor Patriarca fazer Constituiçoens, que elle mesmo confirmou em 26. de Junho de 1721. as quaes se compoem de nove Titulos, que comprehendem cincoenta Capitulos, e se imprimiraõ em Lisboa Occidental na Officina de Jozè Antonio da Sylva em 1726. em quarto.

Tambem para as Religiosas Descalças de N. Senhora da Conceyçaõ da Luz, que he da jurisdicçaõ ordinaria, e fundado pelo piissimo Varaõ Nuno Barreto Fuzeiro, àlem da Regra approvada pelo Papa Julio II. e modificada por Innocencio XII. mandou fazer Constituiçoens, que constaõ de 37. Capitulos, que confirmadas em 8. de Julho de 1727. se imprimiraõ na mesma Officina no dito anno em quarto.

Tem a Mitra de Lisboa huma Quinta no lugar de Santo Antonio do Tojal, cuja Igreja, como diz a tradiçaõ, fez o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, e lhe começou huma Torre, que depois acabou o Arcebispo D. Miguel de Castro. Com o progresso do tempo, e descuido estava esta Quinta, e Palacio quasi arruinado, e o Senhor Patriarca a tem restituido, e renovado de sorte, que Igreja, e Palacio saõ dignissimos de se verem, naõ só pela grandeza, como pelo bom gosto.

Faltava a este grande Prelado a Purpura Romana, e no Consistorio de 20. de Dezembro de 1737. o creou Cardeal Clemente XII. e lhe mandou o Barrete por Monsignor Julio Saccheti Sobrinho de Monsignor Cavallieri Nuncio em Portugal, que chegou a esta Corte em 3. de Mayo de 1738. Foy esta noticia summamente estimada, e applaudida por toda a Corte, e povo, celebrando o premio das grandes virtudes, que venera no seu Prelado.

Card. D. José Manoel
... D. Francisco de Saldanha
... D. Paulo de Carvalho

... D. Joaõ Cosme da Cunha
... D. Fernando da Silva e Menezes
... D. Joseph Francisco da Mendoça

AO MUITO ALTO,
E MUITO PODEROSO
Rey de Portugal
D. JOAÕ III.
DESTE NOME
PANEGYRICO
DE
JOAÕ DE BARROS

Anno de 1533.

Naõ sem causa (muito alto, e muito poderoso Rey, e Senhor) costumavaõ nos tempos antigos, louvar os excellentes homens em sua prezença, porque dando louvor justo, e manifesto ao grande merecimento das pessoas; assim os presentes, como os que viessem depois, tomassem exemplo, e fizessem taes obras, com que merecessem o mesmo louvor, e para os nomes dos taes ser mais celebrados sohiaõ nas mòres festas, e ajuntamentos do povo publicar os taes louvores, que por esta razaõ chamaraõ Panegyrico, que quer dizer ajuntamento. Com este fundamento às mezas dos Principes, e grandes Senhores se cantavaõ antigamente em metro os feitos notaveis dos grandes homens, donde primeiro nasceo a poezia heroyca, e segundo eu tenho ouvido, ainda neste tempo os Turcos em suas cantigas louvaõ os feitos darmas, e cavallarias de seus Capitaens, o que se fosse uzado em Espanha, e em toda a Europa (se me eu naõ engano) mais proveito da tal Musica nasceria, do que nasce de saudosas cantigas, e trovas namoradas; mas se o principal fundamento dos que compoem chronicas, e escrevem as cousas passadas, he fallar verdade, sem duvida a

invençaõ do Panegyrico he de mòr authoridade, que outra maneira de historias; por quãto o Panegyrico faz sempre fé do que ve, e o representa aos olhos; a historia pela mòr parte trata do que ouve, e isto encomenda à memoria; por esta causa, segundo o exemplo dos antigos, direy neste alguma parte das grandes, e Reaes virtudes de V. Alteza, (empreza por certo digna de muy grande, e alto estillo;) Mas se eu naõ puder chegar taõ alto, e as palavras àquem do dezejo, espero que me valerà adiante delle, ser minha vontade tal, que quiz antes porse ao perigo, que leyxar de fazer o que podia. Hum só trabalho sinto nesta obra serem tantos os seus notaveis feitos, e virtudes, que querendo eu dizer tudo, seria mais compor Chronica, que Panegyrico; e naõ leixando parte, naõ satisfaria a meu dezejo.

Mas em fim destes dous contrarios hey por mais seguro leyxar muita parte para outro tempo, buscando brevidade na copia por naõ exceder o modo, pelo qual naõ me deterey aqui em contar as grandes virtudes, que logo mostrou do começo de sua mocidade atè o principio de seu Reynado; leyxarey de escrever com quanta prudencia, com quanto esforço, depois do falecimento do muy victoriozo, e de bemaventurada memoria ElRey D. Manoel seu Pay levou àvante a Conquista, e Navegaçaõ da India, descobrindo novos mares, novas terras, novas estrellas, dando materias de cousas taõ notaveis aos livros dos Cosmografos, passando àlem da memoria de todas as historias, e fabulas, estendendo suas bandeiras na mais derradeira parte do Oriente, saõ certo estas cousas dignas de immortal memoria, e lembrança para sempre; mas a tençaõ da obra prezente naõ poderà com tanto pezo; tempo virà (se me o dezejo naõ engana) em que possa dizer tudo (segundo requere taõ alta empreza, e meu engenho), quanto elle for a isto só està offerecido em latim, em lingoagem, em proza, e metro louvar sempre as grandes victorias destes Reynos, os quaes neste tempo saõ mais bemaventurados, que nunca foraõ; e porque nesta esperança vivo, e ella me sostem, em quanto se me naõ offerece mòr occasiaõ, ao menos enganarey meu appetito com estes começos, e representarey neste Panegyrico alguma parte da virtudes de V. Alteza, por onde facilmente se possa ver, quantas, e quam grandes o saõ as outras, que nelle hà.

Antre as virtudes de que os Principes, e Governadores das Reespublicas tem mòr necessidade, para descanso, e conservaçaõ de seus Estados, sempre o primeiro lugar foy dado à Justiça; e isto com muita razaõ, porque sendo Deos perfeita Justiça, os Reys que por elle saõ ordenados, e cujo poder representaõ, a elle soo em tudo devem seguir, e delle (como excellente pintura) tomar o debuxo, que cumpre a perfeiçaõ de seu ensino; pois se bem olharmos quam justamente estes Reynos saõ governados por V. Alteza, e quanto do principio do seu Reynado trabalhou sempre por apurar cada dia mais esta parte, certo saõ que com grande trabalho poderiamos achar algum Principe, que com elle neste tempo se podesse comparar: he virtude por si muy grande fazer, como faz, a todos justiça igual sem affeiçaõ de pessoas, determinar tantos negocios, e dar grandes sentenças sem escandalo de ninguem, mas olhando de quam pequena idade isto começou, que muitos Principes no cabo de sua vida naõ puderaõ alcançar; vem isto a ser tanto mòr virtude, que naõ hà louvor tamanho, que com muita razaõ lhe naõ possa, e deva ser dado; outros Principes, ou sendo velhos, ou depois de longa experiencia acabaraõ de saber governar, V. Alteza no começo do seu Reynado, sendo pouco mais de dezanove annos em tanta justiça governou, e procurou o bem, e descanso de seu povo, como se longa pratica, e costume de muitos annos o tiveraõ já ensinado.

Com muita razaõ digo isto, pois por minha boa sorte saõ hum daquelles que se lograõ deste tamanho bem, e se cumpre, o Rey foy verdadeiramente julgado pelo povo, e o povo pelo Rey; porque assim como os que pintaõ as terras pelo natural para contemplarem o sitio dos lugares altos se poem no baixo; e polo contrario para olharem os baixos se poem no alto, assim para conhecer bem a natureza dos povos convem ser Principe, e para conhecer a dos Principes convem ser do povo; nem hey medo, que me chame ninguem lizongeiro, sendo a verdade, e consentimento da minha banda, e aproveitando-se todos do bem, que digo; isto quanto he mais raro, e menos jà se usa, tanto mais se devem chamar ditosos os subditos de V. Alteza. Que direy da continua vigia, que usa nas cousas de justiça, com quanto conselho, com quanta prudencia sem cançar nunca, peza tudo em balança igual, hora as cousas mais

pequenas, mandando julgar a seus Letrados, hora as mayores, determinando em sua presença, às vezes inventando novas, e muy proveitosas Leys à sua Repupublica, outra hora emendando, e corregendo as não boas, chamando Letrados com grandes premios, ordenando Officiaes novos para mais comprimento de justiça, e os mores carregos dando aos melhores, sem duvida este he o verdadeiro officio de Rey, e pay geral de todos.

Isto he o que Deos, e nossa Santa Fè encomenda aos Principes, como verdadeiramente dizem os Filosofos. Reynado he officio de muita vigia, e trabalho, nem deve nunca o bom Rey estar ocioso, mas assim como o Sol por dar claridade ao mundo nunca està quieto, assim o Principe por fazer justiça ao povo sempre deve ser occupado, lese do Emperador Cesar Octaviano, que com muito cuidado de noite, e de dia despachava as cousas de justiça, e do Emperador Trajano se conta o mesmo, tanto que parecia, que cada dia hum delles descançava com este trabalho. E tinha ElRey Ciro, que o bom Principe naõ havia levar ventagem a seus Vassallos em boa vida, se naõ em muito trabalho para comprimento de justiça: com o mesmo respeito sóhia dizer Alexandre Magno, que o bom Rey devia sempre ter huma orelha aberta para quem quizesse accusar, e outra guardada para quem era accusado, e assim dizia que o melhor verso de quantos Homero (Poeta Grego) fizera, era hum em que ElRey Agamenon era gabado de bom Cavaleiro, e justiçoso.

Aquelle Principe com muita razaõ deve ser chamado excellente, que dà o seu a cada hum (que este he o principal officio da justiça) e que ouve, e despacha bem as partes, e que vive segundo as Leys, que elle mesmo ordena, e hà por boas, nem pode dar muita authoridade ao direito quem em si o naõ quer cumprir inteiramente; por isso quer Plataõ, que o Principe obedeça em tudo às suas Leys; e diz que onde a Ley he sugeita ao Rey, e naõ o Rey a ley, se deve recear, que aquelle Reyno se perca muy azinha; porque quando governa a ley, governa Deos (o que naõ pode ser se tudo manda pelos apetitos de hum homem) mas quanto desviado V. Alteza seja deste mal, notorio he a todo o mundo, o qual sómente governa os seus Reynos, com tanto cuidado de justiça, como se todas fossem

sua propria Casa, mas ainda se mostra taõ justo, e obediente às suas leys, que naõ menos nos aproveita com o virtuoso exemplo, que de si nos dà, que com a execuçaõ dellas, e faz isto assim por sua inclinaçaõ ser em tudo santa, e muy chegada a Deos, como por saber certo, que quem ha de governar a muitos, e como diz Homero: quem ha de ser Pastoral de seu povo, cumprelhe ser limpo, e afastado de todo o vicio, e assim como nenhuma cousa mais aproveita ao povo, que o bom exemplo do Principe; assim naõ hà cousa mais prejudicial ao Vassallo, que o mào costume, ou deffeito do Senhor; porque este tanto mais asinha se aprende, que o bem, quanto os homens saõ mais inclinados ao mal, e finalmente sempre se vio assi como as ondas do mar seguem o vento assi o povo seguir as manhas do Principe.

Os costumes de quem manda (sendo a pessoa illustre) quer bons, quer màos, mal se podem esconder; antes faraõ todos os Reys conta, que estaõ postos em hum lugar alto, como a atalaya donde vem, e saõ vistos de todo o povo, e se me dessem a escolher, tomaria antes no Principe màs leys com bom exemplo, que naõ mào exemplo com santas ordenaçoens; e naõ fora taõ louvado Cataõ Uticense de bom Cavalleiro, se a isto naõ ajuntara grande perfeiçaõ de vida, a qual em tudo foy heroyca. Contaõ delle, que em todalas cousas guardou singular temperança, e seguio a natureza, e teve sua vida offerecida ao bem da patria, nem lhe parecia, que nascera saõ para si, senaõ para todo o mundo, foy Conservador de toda a justiça, e honestidade; pois se Cataõ Cidadaõ de Roma por dar bom exemplo de si, conservando a justiça, e leys de sua Cidade mereceo louvor immortal, que gloria deve ser a de V. Alteza, governando taõ santa, e justamente tantos povos, e desvairadas Provincias, aproveitando com seu exemplo a tantas gentes, que delle (como de seu natural Rey, e Senhor) o folgaõ de tomar: sem duvida tanto mais louvor merece, quanto sempre foy mòr a fama de bom Principe, que da pessoa particular. Era Cataõ justo, porèm aspero em toda a administraçaõ da Reepublica, por onde era mais louvado, que bem quisto, V. Alteza sempre temperou sua Real gravidade com muita humanidade, e clemencia, de tal maneira soube ajuntar cousas em si taõ differentes, que nem por ser muito brando leyxa de ser temido, nem por ser muito grave leyxa de ser amado.

Naõ se deve louvar no Principe condiçaõ aspera, nem he digno de louvor o que Cambyses Rey de Persia fez, o qual achando que hum seu Juiz dera huma sentença contra direito, o mandou esfollar, e da pelle fez cubrir a séde, em que estando assentado dera a tal sentença, e nella mandou sentar hum filho do mesmo Juiz, dando-lhe a vara, e officio de seu Pay. Foy pola ventura a tençaõ delRey Cambyses boa, mas por o exemplo ser taõ aspero, pareceo o que fizera ser mais injuria, que justiça.

Tambem se deve guardar o Principe, que naõ seja taõ brando, e de boa condiçaõ, que se perca o acatamento devido à Magestade Real, de que nascem ao Reyno grandes males: tal foy o Emperador Nerva na Cidade de Roma, que sendo demasiadamente brando, veyo a cahir em despreso da mòr parte do povo, e se naõ perfilhara a Trajano, perdera-se; o mesmo caminho levou neste Reyno ElRey D. Sancho, o que chamaraõ o Capello, mas porque a todos he notorio quantos males de sua muita brandura nasceraõ, he escusado dizelos eu; porisso quem no Regimento da justiça tomar o meyo, e fugir dos extremos, como V. Alteza muy prudentemente faz, este sem duvida serà julgado por excellente.

Eu naõ digo, que naõ temaõ os subditos seu Principe, mas isto seja de maneira que da muita rigoridade naõ possa nascer algum escandalo, e deste inconveniente por nenhuma via mais facilmente o bom Rey se pode desviar, que tirando as occasioens dos males, e querendo antes ter maneira com que naõ errem seus Vassallos, que ser diligente em os castigos, depois que erraõ. Naõ ha de haver no Principe affeiçaõ, nem respeito particular de pessoas, quanto à justiça, e fazendo-o assim Cesar Octaviano foy adorado em sua vida, e mereceo, que dissessem delle depois da sua morte aquellas palavras taõ nomeadas; provera a Deos, Octaviano, que nunca nasceras, ou nunca morreras? Escreve-se do mesmo, que foy taõ justo, que huma só filha, que tinha por nome Julia, desterrou por ser deshonesta, e muitas cousas de mào exemplo emendou, só olhando ao bem commum, teve muitos privados grandes Senhores, mas de tal maneira foraõ seus privados, que sempre viveraõ sogeitos, e obedientes às leys, e ordenaçoens da Reepublica Romana.

Bem se deve cuidar, quamanho contentamento serà o destes Reynos, vendo que V. Alteza nosso natural Rey, e Senhor, com tanta razaõ pòde ser comparado com taõ excellentes Principes, mas não ha louvor, que não mereça, quem traz todos seus pensamentos em Deos. Este he a verdadeira ley, e deste nasce a verdadeira justiça, a qual então se pòde chamar perfeita, quando toma por seu fundamento nossa Santa Fè, daqui vem que as leys de Moysès foraõ muy Santas, porque o seu fim era em Deos, e pelo contrario entre as leys dos Gentios muitas se achaõ injustas, e pouco honestas, porque carecendo os que as ordenavaõ do verdadeiro conhecimento de Deos, se moviaõ por huma cega opiniaõ, e eraõ guiados de hum falso proveito, e vangloria deste Mundo; muitos Principes seguindo algum seu particular interesse enganaraõ o povo, fingindo que eraõ justos. Elle naõ quer outro premio, nem gallardaõ da virtude, que a ella mesma, e sendo seu natural taõ justo, como he, naõ póde caber nelle fingimento algum de o ser. Como este Santo zelo tira as occasioens das falsas, e longas demandas, que pela mòr parte, saõ causa de odios, e escandalos, e trabalha por apurar todas as partes da justiça, sendo ella de tanto merecimento, que naõ sómente ajuda Deos aos Principes Catholicos (se a bem guardaõ) mas ainda se acha, que ajudou a muitos Reys generosos, que delle naõ tiveraõ conhecimento.

Notorio he a quem lè pola Sagrada Escriptura, quam justo foy ElRey David, quam aceito a Deos por esta parte, e quantas victorias ouve, e assim Jozaphat Rey de Judà foy Principe justo, e semelhante a David; este ordenando, e pondo de novo Juizes em todas as Cidades do seu Reyno lhes encomendou, que em nenhuma cousa entendessem, salvo em fazer a todos igual justiça, sem ter respeito algum, nem á riqueza, nem à Fidalguia, lembrando-lhes ǫ a Deos naõ podiaõ esconder nada do que fizessem. Elegeo Juizes em Jerusalem dos Sacerdotes, e Levitas, e principaes do povo, e lhes mandou, que se as outras Cidades lhes pedissem conselho, lhes respondessem com muito zelo o que vissem ser justiça; por quanto era muita rezaõ, que o parecer dos Juizes fosse justo naquella Cidade, onde o Templo de Deos estava; por esta causa, e pelo grande amor, que tinha a Deos mereceo vencer os Moabitas, alevantando-se entre elles no seu arrayal hum tamanho

alvoroço, que huns com outros sem nenhuma causa evidente se matavaõ, entaõ os Sacerdotes dos Judeos tocaraõ as Trombetas, e os Levitas cantando davaõ graças a Deos, os Moabitas com grande espanto fugiaõ, e lhes parecia, que toda a gente do Mundo hia em seu alcance com muito arruido d'armas, vozes desvayradas, multidaõ de carros, e som de Trombetas, e assim os Judeos sem nenhum trabalho ouveraõ gloriosa victoria contra tamanho, e taõ poderoso Exercito. Por certo grandes merces faz Deos aos Principes que inteiramente guardaõ justiça, e da maneira que aos taes favorece muito, assim sóe dar grandes castigos aos que vaõ contra ella.

Escreve-se de Sedechias, Rey do Tribu de Judà, que quiz mal à justiça, foy soberbo, e amigo de màos homens, por onde vindo muitas vezes a elle o Profeta Jeremias, o amoestava, que se lembrasse de Deos, e naõ se governasse por màos homens, nem leyxasse enganar por informaçoens de falsos Profetas, e ElRey em quanto isto ouvia, conhecia a verdade, e consentia nella, mas partido o Profeta tornava a ser o que era de antes. Naõ muito depois veyo Nabucodonosor com grão poder sobre elle, e o venceo, e levou prezo a Babilonia, onde morreo deshonradamente; tambem os Reys de Samaria, por fazerem pouca justiça, e desprezarem o verdadeiro Deos, os maes delles reynavaõ, e haviaõ no cabo mào fim, atè que succedeo ElRey Joza em tempo de Eliseo Profeta, que por ser Principe justo, e temente a Deos mereceo aver vitoria contra os Syrios; taõ aceita he a Deos esta virtude, que por mais culpas, que precedaõ, se esquece dos erros passados; e sem respeito ao merecimento presente. Naõ tinha todas as boas partes de bom Principe ElRey Herodes, filho de Antipatro, com tudo porque favoreceo a justiça, foraõ suas cousas avante, e viveo prosperamente longos dias; fez huma Ordenaçaõ, que os ladroens que se achassem, fossem vendidos por escravos, e dizem que andava de noite desconhecido, escuitando o que se fallava delle, e de seu Reynado.

Da mesma opiniaõ era Hircano Principe dos Sacerdotes, filho de Simaõ Macabeo, e sendo discipulo dos Fariseos, que naquelle tempo tinhaõ grande authoridade, lhes dizia que elles sabiaõ bem

que sua tençaõ era fazer justiça com que servindo a Deos, a elles tambem contentasse, por tanto lhes rogava, e encomendava muito, que se em alguma cousa o vissem errar, o quizessem emmendar, e tornar a bom caminho, e naõ sómente esta virtude he muy aceita a Deos, mas foy sempre taõ estimada entre os Principes Gentios que por serem justos foraõ avidos por Deozes, como se escreve de Adezer, e Azael Reys de Damasco, os quaes por este respeito foraõ adorados em toda a Suria, e ainda em tempo de Jozefo historiador, que foy depois de mil annos, em todalas festas que se faziaõ em Damasco, as imagens destes se mostravaõ ao povo com muita veneraçaõ: por certo muito merece esta virtude; porque alem de se representar nella o poder de Deos, quem a tirar dentre os homens, tirarà todo o descanço, toda a paz, todo o sossego; e sendo esta a principal cousa de que as Reespublicas tiveraõ necessidade, huns antigamente sem fazerem leys, se governavaõ por bons costumes, que antre si com muita diligencia guardavaõ, outros faziaõ leys por onde viviaõ.

Com tudo acho eu, que os costumes foraõ mais antigos, que as leys: em tempo do Poeta Homero, ainda entre os Gregos naõ avia leys, nem se acha tal nome em todalas as obras que fez, sómente se governava o povo pelas determinaçoens, e vontades dos Principes, que se applicavaõ aos esquecimentos, sem outra maneira de escritura. Os Lacedemonios, e Cretenses por costumes se governavaõ. Os Athenienses, e outros Gregos se aproveitaraõ mais das leys, pelo qual Moysès dador da Santissima ley do Testamento Velho, vendo que leys, e bons costumes eraõ necessarios para a conservaçaõ da boa Reepublica, a estas cousas ambas teve respeito, e se aproveitou dessas com grande seu louvor.

Dizem alguns, que Roma foy huma Cidade de tanta confusaõ, que se a ventura a naõ favorecera, ella por si fora fraca, e ficàra abayxo doutras muitas Reespublicas. Eu naõ posso negar, que ventura, e cavallaria, naõ fossem muita causa do Imperio Romaõ, mas pareceme, que aonde se trataõ bem as cousas da Guerra, cumpre que haja boa ordem, e que onde ha boa ordem naõ pòde deixar de haver justiça, e porque os Filosofos tem que a boa Reepublica he partida em tres Estados, que saõ principaes, nobres, e povo; quem

bem olhar acharà que a Cidade de Roma, antes de ser tiranizada, era fundada nestas tres partes, porque aos principaes respondem os Consules, aos nobres os Senadores, e ao povo os Tribunos; naõ podèra crescer tamanho Imperio, nem conservarse tantos annos sem perfeita administraçaõ da Justiça, e ella só foy causa de tantos bons exemplos, quantos muitos Romaõs deraõ de si, e sempre se vio os bons exemplos nascerem da boa criança, a boa criança das boas leys, finalmente as boas leys dos bons Principes.

Se o Imperio do Oriente, que durava em Constantinopla, perseveràra em fazer justiça, e no amor de Deos, naõ creo eu que Deos permitira (se licito porèm me he julgar das cousas divinas) ser vencido, e tantos annos ha sogigado polo Turco, e se pelo contrario alguma cousa hoje conserva a potencia dos Turcos, sendo infieis, e havendo entre elles tantos vicios, he o grande cuidado, que tem de muitas partes da justiça. Em tempo de Miguel primeiro da Caza Paleologa Emperador de Constantinopla, avendo quatro Senhores Turcos em Anatolia, e querendo com medo dos Christãos fazerem-se mais fortes, elegeraõ por Senhor geral de todos a Othomano; este foy Principe justo entre elles, e fez muitas leys, que hoje se guardaõ na Turquia, por onde ainda nestes tempos, quando elegem graõ Turco, lhe dizem: *Queira Deos, que em bondade sejas igual a Othomano*. Faz-se na Turquia muita justiça, a gente pobre que se agrava faz petiçaõ que elles chamaõ Roca, a qual posta sobre huma cana se offerece ao Grão Turco, quando passa: elle a toma, e mete no seu turbante, que assim chamaõ os Turcos à fita, ou touca, que trazem na Cabeça, e como se recolhe à sua Camara a despacha logo.

Eu bem vejo, que a justiça do Turco he tiranica, e acellerada, tanto que segundo dizem, a mòr causa civel he despachada pelo seu Cadij (que he antre elles como Alcayde Mòr) em tres horas, toda via com tal execuçaõ, e meyos, posto que sejaõ asperos os Turcos, conseguem o fim, e proveito della, que he viverem em muita paz, e sossego comum, por serem os Turcos obedientes, e fazerem o que lhes mandaõ, saõ bons Cavalleiros, e sofrem muito o trabalho, posto que neste tempo, pola continuaçaõ da boa vida, naõ saõ taõ valentes, como sohiaõ: cousa natural he as cousas pouco, e pouco

hirem minguando atè de todo se acabarem; he certo cousa para notar, castigar Deos a muita sem justiça dos Gregos com a tirania dos Turcos; quem naõ sabe quantos males vieraõ aos Principes, que naõ se lembraraõ de huma cousa taõ necessaria para a vida comum? De maneira que se jà naõ pòde achar mais certo caminho da perdiçaõ de hum Estado. Assi como o principal proveito da justiça he boa paz, assi mais vezes castiga Deos o contrario com guerra, e destruiçaõ, e perda de Cidades, e Reynos; e por isso muitos Principes Gentios, que naõ tiveraõ conhecimento da verdadeira ley, e indo contra esta virtude foraõ gravemente punidos, quanto mais o devem ser os Christaõs, a que particularmente toca esta obrigaçaõ por ser nossa Santa Fè toda fundada em justiça, ou mais verdadeiramente fallando, a mesma justiça; por serem injustos os Assyrios, foraõ vencidos dos Medos, e os Medos dos Persas, e os Persas dos Gregos, e os Gregos dos Romaõs; assi muitos outros Reynos por esta causa se perderaõ; mas se bem queremos olhar, acharemos que muito mores males padeceraõ os Judeos no tempo do Testamento velho; e depois por esta causa os Christaõs, e naõ foy isto sem razaõ, que tanto mais aspera devia ser a pena, quanto mais obrigados eraõ a fazer o que deviaõ polo conhecimento, que tinhaõ de Deos, e da sua Ley.

Quem poderia contar sem muitas lagrymas os açoutes, que Deos mandou à Christandade polos Godos, Ostrogodos, Alanos, e toda outra geraçaõ dos barbaros, os quaes partidos da terra fria, que he debaixo do Norte; como huma grande tormenta allagaraõ quasi todalas provincias da Europa; e por me naõ deter nos outros, direy brevemente dos Hunnos: estes sahindo da Tartaria com tres Capitaens, Cheme, Chadrichia, e Bela, chegaraõ ao Reyno de Ungria, e o tomaraõ, lançando os Longobardos, que o tinhaõ occupado; naõ muito depois fallescendo todos tres, foy alevantado Athyla por Rey dos Hunnos, que foy taõ crù, e fez tanto estrago na Christandade, que com muita rezaõ mereceo ser chamado açoute de Deos; matou as onze mil Virgens, venceo, e destruio Alemanha, França, Italia; pellejou nos Campos Cathalonicos, que saõ em Franca, com Echio nobre Capitaõ Romaõ, e Meroueo, que foy o III. Rey de França, e juntamente com Theodorico Rey dos Godos, na qual batalha foraõ mortos cento, e oitenta mil homens: por onde

quer que Athyla passava, tudo era fogo, e sangue, em cada parte eraõ ouvidos choros, prantos, e lamentaçoens, eraõ trespassados com feridas crueis os meninos de mama dentro dos braços das Mãys, os Santos Sacerdotes, e devotos Religiosos recebiaõ martirio diante dos Altares, o Sangue das Virgens e innocentes corria em todo o cabo, naõ havia cousa segura, nem que a tanto mal resistir pudesse; conta-se deste cruel tirano, que entrando por força a Cidade de Aquilea, que està perto de Veneza, huma molher nobre de estremada formosura, se lançou dos muros abaixo em huma ribeira muy alta, por naõ vir às mãos do vencedor; e outros que daqui escaparaõ com medo dos barbaros, que daquella parte sohiaõ a entrar em Italia, leyxando Aquilea, se passaraõ a huma pequena Ilha, onde entaõ foy primeiramente fundada a Cidade de Veneza, e sendo os Christaõs taõ atormentados, como eraõ, todavia cessava a ira de Deos, porque naõ cessava a culpa da sem justiça.

Naõ sey para que buscamos exemplos de fora? Tragamos à memoria a destruiçaõ de Hespanha; e veremos, que a sem justiça delRey Rodrigo derradeiro Rey dos Godos foy causa de tanto mal. Castiga Deos as mais vezes os Christaõs por gentes infieis, e barbaros, ou por Christãos de mà vida, e costumes abominaveis, e torpes. Hereges eraõ os que foraõ chamados Adamitas, viviaõ em Comunidade, andavaõ nùs, moravaõ em Covas, e havia entre elles muito torpes, e deshonestos costumes, com tudo por homens de taõ màо viver permitio Deos, que fosse vencido em batalha campal Sigismundo Emperador de Alemanha, e Rey de Ungria; mas quando da sem justiça se naõ seguissem outros males, devia de bastar verem todos claramente quam vituperada foy sempre a memoria dos que cahiraõ nesta culpa, e queria, que me dissessem, que mòr gloria podia set a do Emperador Trajano, e que mòr mofina, que a de Nero? Que aproveitou a Federico II. deste nome, sendo taõ màо homem, como foy, ser Emperador de Alemanha, ser Rey de Sicilia, e herdar o direito do Reyno de Jerusalem, casando com huma filha de Joaõ de Brenha derradeiro Rey della, donde todolos Reys de Sicilia dahi por diante tomaraõ este titulo? Foraõ estas grandes honras, e as mòres, que entre os Christaõs se podiaõ dar, com tudo por ser Federico taõ màо Emperador, naõ sómente naõ deraõ lustro à memoria, que delle ficou, antes tanto mòr nodoa lhe puzeraõ,

quanto os defeitos dos Principes se vem, e sabem melhor, que os dos outros homens; qual homem justo, e de boa razaõ aceitaria o estado deste com sua mà fama, sendo como foy muy contrario, e grande inimigo da Igreja Romana, mandando matar hum seu proprio filho por nome Henrique, por sentir nelle, que era bom, e differente de seus màos costumes; dando começo aos bandos dos Guelfos, e Gibilinos, que hoje em dia duraõ em Italia, e Guelfo, e Gibilino saõ nomes Alemães, que segundo se escreve, foraõ postos na Cidade de Pistoya, e dizem, que andava este Emperador correndo as Cidades de Italia, Villas, e lugares, e os que achava de sua banda contra o Papa, e Venezianos, chamava Gibilinos, e os contrarios Guelfos; emfim naõ se contentando com ser, em quanto viveo, tirano, mas sameando cousas de tanto damno, odio, e differenças para sempre nos povos de Italia.

Mas claro he a todos, quam aceita virtude a Deos, e ao mundo, e quam proveitosa as Reespublicas, he a justiça, e polo contrario, quantos, e quam grandes males nascem da semjustiça; por isso que Panegyrico, que louvor naõ merecerà V. Alteza obrando taõ perfeitamente do começo de seu Reynado, todalas cousas, que tocaõ a taõ estremada virtude? Naõ bastaõ forças humanas a dar igual louvor, ou premio a taõ alto merecimento, posto que o verdadeiro deve esperar de Deos, do qual jà tem conseguido hum dos mores bens, que da justiça nascem; este he ter em muita paz, e tranquilidade os seus Reynos, quanta pola ventura nos outros Reynos Christaõs de muitos annos a esta parte naõ houve. Plinio em hum seu Panegyrico, que fez ao Emperador Trajano diz, que entaõ se poderaõ chamar os Reynos, e Reespublicas bemauenturadas, quando se der galardaõ à virtude, e os bons forem estimados, e os màos naõ forem temidos, mas estes taõ grandes bens, que nascem do Principe, ou da Reepublica justa, melhor se mostraõ nos tempos da paz, que da guerra, porque ainda que se a guerra trate, como deva, com tudo naõ sendo os tempos quietos, mal se podem de todo refrear os appetitos dos homens, e por isso naõ hà tempo em que se assi possa usar toda a virtude, como no da paz: esta para ser firme, e qual cumpre ao verdadeiro estado das Reespublicas, he necessario, que tenha seu fundamento na justiça, sem a qual naõ hà cousa segura, nem que possa durar muito.

Dizem as nossas Chronicas, que ElRey D. Pedro de Portugal vosso IV. Avo, filho delRey D. Afonso, a quem chamaraõ do Salado, foy Principe justo, por onde ainda que sua justiça parecesse hum pouco aspera, teve seu Reyno em tanta paz, e foy tambem quisto do povo, que segundo a voz geral, nunca se viraõ taes dez annos; naõ aconteceo assim no mesmo tempo a ElRey D. Pedro de Castella, o qual por sua semjustiça, e cruesa a poz toda em revolta, e lhe foy necessario sahir do seu Reyno deshonradamente, e passar-se a Inglaterra; mas posto que da justiça venha paz, e da semjustiça nasçaõ odios, e differenças, naõ leixa V. Alteza de ter respeito particular à paz, e de tal maneira se reparte em cada virtude por si, que sendo geral em todas, he perfeito em cada huma. Quem poderà dizer, com quanta prudencia, com quanto zelo, tendo guerra entre si a mòr parte dos Principes Christaõs, elle como verdadeiro Pay de todo o seu povo procurou a paz universal destes Reynos, naõ leixando cousa alguma, por onde vivessemos descançados; favoreceo Deos este seu taõ virtuoso zelo, e quiz que em tempos taõ trabalhosos nos pudessemos lograr de hum taõ proveitoso, e dezejado bem, naõ hà no mundo triunfo, nem victoria, que se possa comparar com os bens da verdadeira paz, por tanto pelejem de huma parte os Reys Christaõs, e tenhaõ guerra huns com os outros, vaõ contra a paz, que N. Senhor tanto encomendou a seus Discipulos, e em seu nome a toda Igreja Catholica, vinguem suas paixoens às custas do sangue de seus Vassallos; façaõ em pedaços a Vestidura de Christo, em que naõ hà costura, nem divisaõ; V. Alteza da outra parte prosiga, como faz, sua muy sancta tençaõ, faça guerra aos Infieis, e Mouros d'Africa; e movido do santissimo zelo converta Ethiopia, e Arabia, Persia, e India à verdadeira Fè de Christo.

Saõ por certo estas tençoens, e obras entre si muy differentes, mas bem claro està quanta razaõ elle tem de se naõ arrepender das suas, nem do que atèqui tem feito. Que descanço, ou que contentamento pode haver no Reyno, ou Reepublica, onde naõ há paz? Por isso assi, como o fim do bom Piloto he fazer prospera viagem, e do Medico dar saude, e do Capitaõ alcançar vitoria; assi do bom Principe he conservar a vida, e descanço de seus Vassallos, a qual cousa em tempo de guerra naõ pode ser; alegre parece a

guerra de fóra, mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos de huma, e os bens da outra, porque assi como na doença se conhece o bem da saude, e na tormenta do mar o bem da terra, assi naõ ha tempo em que melhor se julgue, e entenda o bem da paz, que quando se carece della. Se a hum homem que nunca ouvisse fallar em armas, nem tivesse alguma experiencia dellas, supitamente fosse mostrado o apparato de dous grandes Exercitos, por mar, e por terra, ordenados para se darem batalha, e visse os fermosos penachos, as armas reluzentes, a multidaõ dos Cavallos, a ordenança da gente de pè, toda bem disposta, e prestes para pelejar; as bandeiras, os esquadroens em seu concerto: doutra parte visse no mar muitas Nàos, e Galeoens, com muita gente bem armada cubertas de fermosas bandeiras rodeadas de paveses, e cercada de toda a sorte de artelharia, sem duvida quem quer que isto visse, naõ sabendo mais nada, naõ cuido eu que receasse de se meter entre elles, e lhe pareceria, que via a mais fermosa cousa do mundo; mas se depois de travada, e muy cruamente ferida a batalha, este mesmo sentisse, e visse com seus olhos o grande ruido, e estrondo das armas, a grita da gente, os golpes, e tiros d'artelharia, a multidaõ dos mortos, corpos espedaçados, ays, e gemidos dos feridos, outros serem pizados dos Cavallos, a confusaõ, o medo, e o espanto da morte presente, e assi visse no mar as Nàos, e Galeoens arrombadas de tiros de fogo, humas dellas hirem-se ao fundo, outras arderem em fogo, e chamas de alcatraõ, as ondas vermelhas com sangue, o fumo da polvora, os homens lançarem-se ao mar, e afogarem-se.

Quem isto tudo bem visse, bem creyo eu, que escolhesse antes a paz, que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descançada, e segura paz de bayxo da obediencia de hum Principe justo, que naõ querer arriscar-se a tamanhos perigos por huma mostra falsa, e engano d'lhos, e esperança incerta de vitoria; naõ se devem julgar as cousas polo apetito, senaõ pola razaõ. Quem isto assi fizer, verà quanto mais val o descanço da boa paz, que o sobejo exercicio das armas, porque posto que ellas prometaõ vitorias, ou a guerra em si he de todo injusta, e naõ pertence ao Principe Christaõ, ou tem muitos inconvenientes, que della pòdem nascer, que devem todos ser olhados primeiro que nada se cometa;

por quanto os começos da guerra estaõ em nosso poder, e os cabos naõ; eu naõ entendo aqui da que se faz aos infieis, e inimigos de nossa Santa Fè, porque esta sendo justa, he proveitosa, e traz grande louvor ao Rey Christaõ; mas toda a outra sorte della, que agora se usa, mais do necessario, naõ sendo em defensaõ da Patria, se deve muito fogir, e estranhar. Quem naõ sabe quam necessaria foy a guerra que ElRey D. Joaõ I. deste nome teve com Castella pola defensaõ, e liberdade destes Reynos?

Com tudo foy provada a vitoria por tantos males, que os taes tempos soem trazer consigo, e por tanto sangue da gente Portugueza, que segundo ouvi dizer, faltou mais da terceira parte da que sohia d'aver, e eu tenho achado em Escriptura authentica, que naquelle tempo naõ ficarão mais na Villa de Monforte que doze pessoas, avendo dantes duas mil, e em Arronches huma só; pois se as perdas que em guerra taõ justa se sentiraõ, toda via fizeraõ ao Reyno tanta falta, e foraõ causa de tantas lagrymas, e dezamparo, quanto se devem guardar os Principes d'a cometerem nunca, naõ tendo para isso justa causa, e grande necessidade? E naõ sey eu, que conta os Reys darão a Deos da vida de seus vassallos, a que elles por muy leves causas, e somente por seguirem seus appetitos, foraõ causa da morte. Naõ foraõ os Reys ordenados por Deos para homicidas de seu povo; mas para o defenderem, e ampararem, nem devem taõ pouco estimar as vidas dos homens, os que naõ tem poder nas almas depois da morte: naõ ha guerra taõ prospera, nem taõ vitoriosa, em que se viva com tanto descanço, como no tempo da paz. Venceo ElRey D. Joaõ I. deste nome a ElRey de Castella, e foy taõ gloriosa a vitoria, que com ella se restituio a liberdade destes Reynos, com tudo quem bem olhar o pacifico, e quieto estado dos tempos delRey D. Dinis, e delRey D. Pedro, verá quanto melhor he viver em honrada paz, que esperar vitoria ganhada com muito trabalho, e destruiçaõ da gente. Muy bem entendia isto o mesmo Rey D. João, o qual sendo como era taõ esforçado, favoreceo muito a paz, e conta-se delle, que estando esperando a confirmação das pazes perpetuas, que lhe haviaõ de vir de Castella, disse hum dia, que esperava por hum recado do mòr prazer, que nunca ouvera.

Mas naõ basta ao bom Principe arredarse dos inconvenientes da guerra de fora, mas cumpre-lhe tambem guardarse, que naõ se levante alguma dentro no seu Reyno, e Casa. Este mal se escuza quando he bem quisto, e faz muita justiça a seu povo, a todos he notorio, quantas desaventuras, quantas fortunas, vem ao Reyno em que ha differenças antre o Rey, e os vassalos, e esta sem duvida he a mais perigosa, que a de fora, por quanto os males doutra parte pòdem se atalhar, antes que cheguem: os de dentro jà naõ tem este remedio, nem pòde o Principe leyxar d'os ter consigo em sua casa, digo isto naõ por se parecerem estes tempos com os passados, e a virtude de V. Alteza, e assi a lealdade de seus vassalos he tanta, que naõ menos o amaõ, do que os ama a elles; mas porque minha tençaõ he que naõ menos saber, e justiça ha mister o Principe para conservar a paz com os naturaes, que com os Estrangeiros; este respeito tiveraõ alguns Reys de Portugal, naõ sómente em manter estes Reynos em muita concordia, mas em trabalhar muito que a ouvesse nos de fóra. ElRey D. Affonso de Castella Onzeno deste nome, indo com seu Exercito para a frontaria dos Mouros disse em publico que os Cavalleiros da frontaria eraõ taõ bons, como os de Castella, polo qual na batalha d'Ilharcos (que dahi a pouco foy) D. Diogo Lopes de Haro seu Alferes Mòr com todolos Cavalleiros estando assi de concerto fugiraõ, e o leyxaraõ sóo, por onde elle se vio em grande aperto, e foy ferido de duas azagayadas polas pernas, e naõ querendo sahir da batalha por ser muy esforçado Principe, foy necessario aos seus, que o tirassem della. Tanto empèceo huma sòo palavra deste Rey dita contra os Cavalleiros, que de sua condição saõ vingativos; mas quam clemente V. Alteza, e humano seja, e quam afastado de toda a sorte d'aspereza, cousa he a todos muy sabida, o qual sempre uzou, e uza palavras cheas de todo o comedimento, de toda virtude, e bom exemplo, acompanhadas daquella authoridade, que cumpre ao bom acatamento da Magestade Real. O Marquez de Villa Viçoza em huma carta, que escreveo a ElRey D. Affonso V. sobre a ida de Castella, louva muito a paz della com Portugal, e trabalha quanto pòde polo apartar de tal empreza, antes lhe prova por muitas razoens, que elle mesmo se deve meter no meyo, e fazer a paz entre ElRey D. Fernando, e os Cavalleiros, e a este proposito traz

hum exemplo delRey D. Joaõ I. o qual sendo, como diz, cometido por ElRey d'Aragaõ para se liarem ambos com os Cavalleiros de Castella a partirem antre si, ElRey depois de tomar o parecer dos Grandes se escusou, dizendo que tinha paz com ella: por isso naõ sem cauza V. Alteza trabalha tanto pola conservaçaõ da boa paz, pois a justiça, o respeito de nossa Santa Fé, o proveito universal, e exemplo, e authoridade de seus antepassados assi o requerem.

Verdade he o que se diz, que o bom Principe dà luz, e claridade de si, como o Sol a todos, o que tanto mais se deve estimar, quanto muitas vezes por culpa de màos Governadores he peor tratada, e naõ sómente com os vassallos, mas com os filhos, irmaõs, e parentes tiveraõ jà muitos Principes differenças, e guerra civil. Escreve-se de Iezabel Rainha dos dez Tribus, e mulher delRey Acab, que sendo mulher desarrezoada, e forte, e de crua condiçaõ, foy causa em seu Reyno de muitos odios, e revoltas, matou todos os Profetas, que pode haver à maõ, e mandou, que se adorassem os idolos no Reyno de Israel, e de Samaria. A Rainha Athalia depois da morte delRey Ochozias seu filho governou o Reyno de Judà seis annos taõ soberba, e cruamente, que mandou matar todos os que vinhaõ da linhagem do Rey David, e pera mòr escandalo, e descontentamento do povo fez edificar hum Templo em Hierusalem, em que mandou adorar hum idolo, que chamavaõ Baàl, e ella porèm foy morta, e ouve o castigo que suas grandes maldades mereciaõ.

Que direy de quantas differenças, e guerras civis ouve no Reyno de França antre ElRey, e o povo? Le-se de Broncilde Rainha de França, e mãy delRey Childiberto, que excedendo a toda a sorte de crueza, matou seus filhos, netos, e bisnetos delles a ferro, delles com peçonha, sómente por uzar à sua vontade de seus màos appetitos deshonestos: esta foy semelhante a Euridice, Rainha de Macedonia, e filha de Amintas, que foy nòra de Felippe, pay de Alexandre Magno, a qual soltando-lhe a redea a seu mào, e torpe dezejo, fez tambem matar muitos seus filhos. Se nos passarmos às Chronicas do Reyno d'Ungria, tambem acharemos que ouve antre ElRey, e povo muitos bandos, e differenças, e leixando os males prezentes, em que hoje aquelle Reyno està metido, que tem dado a toda a Christandade assaz bem trabalho: o Rey Pedro, filho delRey

Estevaõ primeiro Rey de Ungria foy lançado della por usar contra seus vassallos grandes cruezas, a estes succedeo Abbà, o qual em conjuraçaõ feita contra elle, foy morto, e assi Salamaõ Rey d'Ungria foy lançado por Gersa seu Primo com Irmaõ.

Naõ hà muito, que fiz mençaõ delRey D. Pedro de Castella; este reynou taõ cruamente, que sendo lançado della, e querendo vir-se cà, ElRey D. Pedro, sendo naõ pouco seu parente, o naõ quiz acolher, por onde lhe foy necessario passarse a Inglaterra. Ainda he cousa fresca na memoria dos homens, como o Rey de Dinamarca por semelhantes odios, foy lançado de sua terra deshonradamente, e hoje em dia està prezo: que direy no Reyno de Castella, quantas differenças, quantas conjuraçoens houve antre os Reys della, e seus Filhos, e Irmãos, e outros muitos da Casa Real, mas naõ me quero deter em cousa taõ clara; abaste a comparação destes para se ver quamanho louvor he o de V. Alteza; e quanto lhe devem seus Vassallos, vivendo por sua causa taõ afastados de tantos males. Esta bondade, este amor, que mostra, naõ somente aos Infantes seus Irmãos, de que depois direy, mas a todos em geral, e assi o trabalho, que sempre toma para nosso descanço, accrescenta mais o amor, que lhe seus Vassallos tem, o qual he mais firme, e aproveita mais aos Principes; que todas as fortalezas por mais fortes, que sejaõ.

Aos Emperadores de Roma Tito, e Nerva, e Adriano, e Antonio, e Marco por serem bons Principes, naõ eraõ necessarios Soldados, nem gente armada, que os guardasse; os seus costumes, a boa vontade do povo, o amor do Senado os defendia, e polo contrario aos màos Emperadores, como foraõ Nero, Caligula, Vitelio, e outros muitos, naõ abastavaõ os exercitos, que o Imperio Romaõ tinha em todo Levante, e Ponente para se poderem guardar de seus proprios Vassallos, e por sua mà vida, e costumes eraõ os mòres inimigos, que tinhaõ. He cousa muito para notar, que de vinte e seis Emperadores, que foraõ de Julio Cesar atè o Emperador Maximino, os dezaseis foraõ mortos a ferro, e os dez sómente morrerão de sua morte: por isso tomem os outros Reys Christãos exemplo de V. Alteza, e aprendaõ delle a viver em verdadeira paz, e sem duvida tal deve ser o Principe para em fama, e gloria exceder os outros: jà naõ

recearey dizer alguma cousa porq̃ sey de mim digo verdadeiramente a qual he, que sempre folgára de ser Portuguez, mas agora o folgo de ser mais, que nunca.

Muitas vezes cuidando eu, quantas mudanças, e differenças d'estados houve nos Reynos de Portugal, acho que nunca tanto floresceraõ, como agora, e para que mais claramente se veja pola comparaçaõ de cada tempo, o que eu digo ser assi, brevemente farey de todos mençaõ. Jobel filho de Jafet, e neto de Noè depois do diluvio veyo ter a Hespanha, a qual delle, e de seus descendentes se povoou, estes se governarão por Reespublicas, e Comunidades. O primeiro homem, se queremos dar fé às fabulas antigas, que nella, e em Portugal entrou com exercitos, e a conquistou, foy Bacho, depois os Curetes, gente da Grecia, seguindo a Gargores seu Capitaõ, se fizeraõ senhores della, o qual Gargores foy excellente Principe, e ensinou aos povos de Hespanha muitas cousas necessarias para a vida, e proveito cõmum, por onde os successores deste pacificamente reinaraõ atè o tempo delRey Giriaõ, em cujo tempo, vindo Hercules o venceo, e nella ordenou novo estado. Depois, segundo dizem, reynou Hispalo, de quem se nomeou Hespanha, mas da successaõ dos Reys, que deste vieraõ, e de como se acabaraõ, a fama he incerta, e muy obscura, posto que os Andaluzes antigamente se sohiaõ gavar, que tinhaõ escripturas de seis mil annos: o que eu destes tempos por conjectura alcanço he, que Hespanha se tornou a governar por Comunidades, e este regimento durou atè que os Cartagineses com achaque de socorrerem a Cidade da Calez, fundada polos Phenices, se fizeraõ senhores da mòr parte della. Ao Emperador dos Cartaginenses succedeo o dos Romaõs, que depois de grande perda, e estrago de seus exercitos em cabo de 300 annos sendo Emperador Octaviano acabaraõ de a conquistar, mas em nenhuma parte desta Conquista tiveraõ os Romaõs mor fadiga, que em Portugal.

Daqui sahio Viriato Portuguez Capitaõ, que desbaratou muitos exercitos Romaõs em batalha campal, e em fim nunca pode ser morto, se naõ à treyçaõ por engano, e astucia de Cayo Lelio Capitaõ dos Romaõs: daqui se fez Sertorio contra elles com a gente

Portugueza, lhes deu muito trabalho, alevantando depois Portugal, e naõ querendo obedecer a Roma, foy mandado cà Julio Cesar, e naõ devia Provincia taõ forte ser vencida, se naõ por Capitaõ nunca vencido. Geral opiniaõ de todos he a naçaõ Portugueza ser mais forte, e esforçada de toda Hespanha, mas sendo (pola longa paz) Portugal afastado do uso das armas, e tendo perdida muita parte da gloria, que com o exercicio dellas em outro tempo ganhàra, ouzou Atila Rey dos Hunos mandar contra nos hum exercito de Suevos gente d'Alemanha, que occuparaõ este estado, e assi por espaço de cento, e setenta annos houve muitos Reys Suevos em Portugal, atè que com muito trabalho foraõ lançados polos Godos, porque depois da vinda dos Suevos os Godos seguindo Athanarico (que segundo dizem foy primeiro Rey antre elles) poderosamente entraraõ em Hespanha no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de trezentos e trinta e tres, e a tomaraõ, excepto a Portugal, que entaõ, como disse, estava polos Suevos, depois Theodorico Emperador dos Romaõs venceo os Godos, e os meteo debaixo do seu Imperio; mas naõ duraraõ mais que 18. annos sogeitos; e logo Alarico seu Rey, que era natural do Reyno d' Ungria, e por geraçaõ vinha dos Balteos gente de baixo do Norte, se alevantaraõ, e tornaraõ a fazer senhores de Hespanha. Este Rey Alarico foy muy esforçado Principe, e se fez Senhor de muita parte de Hespanha: nestes tempos havia hum Rey dos Godos em Castella, e outro dos Suevos em Portugal, atè que ElRey Theodorico, vencendo em batalha campal a ElRey Reciario lhes ganhou Portugal, e porque dos Suevos ficava ainda alguma parte, ElRey Leovigildo acabou d'os lançar de todo, e assi os Reys Godos ficaraõ em posse pacifica de toda Hespanha, atè a derradeira destruiçaõ della, que foy em tempo delRey D. Rodrigo, e sendo depois, como sabemos, lançados os Mouros, se veyo a partir em muitos Reynos como saõ Leaõ, Castella, Aragaõ, Navarra, e Granada, e aos Antecessores de V. Alteza coube Portugal, cujos louvores, e feitos d'armas, porque delles as nossas Chronicas estaõ cheas, naõ he necessario dizellas eu, nem menos se deve tratar em taõ piquena obra.

Sómente he para notar, que querendo Deos restituir a gloria destes Reynos quiz, que reynasse o muy Excellente Rey D. Afonso Henriques, o qual continuamente pelejando pola Fè Catholica, e

vencendo muitos Reys Mouros em batalha campal renovou a fama da gente Portugueza, e deu bemaventurado, e prospero começo ao Estado prezente: muitos Reynos dos Gentios começaraõ em Reys esforçados, mas por naõ adorarem, nem conhecerem o verdadeiro Deos duraraõ pouco, este Reyno sendo ganhado a Mouros, e começado por Rey Christianissimo, e continuado por Reys naõ menos Catholicos, devemos d'esperar, que durarà para sempre. Naõ descançaraõ os Reys de Portugal, donde V. Alteza vem, atè que de todo naõ lançaraõ os Mouros delle, em que se vè quanto mòr louvor mereceraõ, que os outros Principes, que nos tempos mais atraz o conquistaraõ, por quanto os Reys de Portugal mais antigos sojugaraõ, e trataraõ mal os naturaes: os da linhagem delRey D. Afonso Henriques favorecendo os naturaes sómente conquistaraõ, e venceraõ os de fóra: os Reys muito antigos tinhaõ Portugal como Provincia, e tributaria: os que deraõ começo à successaõ prezente, reynando justamente o amaraõ como sua patria, e terra natural: dos primeiros tempos, havendo muitas differenças de estado era necessario, que nascessem bandos, e guerras civis, nos tempos mais chegados houve poucas differenças, e se algumas houve logo foraõ apagadas em breve tempo; assi que claro se vè, quanto mais prospero he o estado presente, que o dos tempos atraz, o que ainda foy mais notorio reynando o muito victorioso Rey D. Manoel vosso Pay de bemaventurada memoria, e assi agora o he em tempo de V. Alteza, cujo glorioso Reynado tanto amor, honra, e preço dà a Portugal, quanto a gloria de seo Regimento, e Conquista, que tem, excede a fama, e memoria de seus antepassados.

Qual Principe de Portugal naõ digo eu, mas d' Europa, triunfou da Ethiopia, da Arabia, dos Persas, e dos Indios, descubrio tantos mares, tantas Ilhas, deu tantas terras naõ conhecidas ao mundo? Qual Principe converteo a Fè de Christo tantas Provincias, tanta multidaõ de almas, cuja bemaventurança naõ pode leyxar de ser comunicada com a causa della? Qual Principe com as suas vitorias, e triumphaes armadas rodeou o Mar Occeano, passou os termos, e limites da navegaçaõ geral, alcançou taõ grande fama na derradeira parte do Oriente, foy taõ temido de Reys poderosos, e Senhores taõ apartados, finalmente fez conversaveis aos Christãos com as

Nações do nosso Ponente? Sem duvida esta tamanha gloria, este tamanho bem, para o muy Victorioso Rey D. Manoel, e para V. Alteza estavaõ guardados, ambos isto usaraõ, ambos isto cõmetteraõ, e poderaõ levar àvante, polo qual bem he, que o Pay, e o filho comuniquem huma mesma gloria juntamente: os Reys seus antepassados com muita razaõ foraõ louvados polas victorias, que dentro neste Reyno houveraõ, V. Alteza alèm de seus naturaes manter em muita paz, e justiça, manda continuamente por mar, e por terra seus exercitos, e grossas armadas contra os Infieis, buscando sempre novos triumfos, e vencimento; de tal maneira tempera a paz com a guerra, que nem seus Reynos carecem do bem da paz, nem a força, e opiniaõ da gente se perde por falta de exercicio das armas.

Sempre com muita razaõ foy dado o principal louvor aos que ordenaraõ as cousas pertencentes a Deos, e à sua verdadeira Religiaõ, apoz estes foraõ louvados os que fundaraõ Reespublicas, e as poderaõ conservar com muita paz, e o terceiro lugar mereceraõ os Reys, e Principes, que com Exercitos, e armas acrescentaraõ seu Estado, no quarto foraõ postos os Letrados, e dahi segundo seu grào mereceraõ seu louvor, pois se cada hum destes estados por si merece tanto, que louvor deve ser o do bom Principe a quem de tantos, e taõ grandes bens, juntamente cabe muita parte? Por certo taes devem ser os bons Reys, e por serem antigamente taes, muitas Comunidades se tornaraõ em Reynos, e muy poucos Reynos em Comunidades, como se lè do Reyno de Toscana em que reynou Porsena, o qual foy desfeito, e dahi por diante governado por doze povos. No principio do Mundo os homens viviaõ em Reepublica, e depois vieraõ a ser governados por Reys, que he o Estado, a que a natureza mais se inclina, mas antre as virtudes do bom Regimento, a conservaçaõ da boa paz he muito aceita a Deos, e proveitoza às Reespublicas, e naõ sem causa: quando Saturno reynou em Italia, por governar seu povo justa, e pacificamente, os Poetas a este tempo chamaraõ dourado, e Numa Pompilio segundo Rey dos Romaõs, por ser amador da paz naõ mereceo menos louvor, que Romulo seu antecessor por ser grande, e muy esforçado Capitaõ; e sendo temperada a opiniaõ, e exercicio das armas que ficou de Romulo, com a paz de Numa o povo Romaõ veyo a ser bem quisto

de seus vizinhos, e comarcaõs; mas porque mal se conserva esta virtude, quando naõ he fundada em serviço, e devaçaõ de Deos, V. Alteza como Principe Christianissimo em nenhuma cousa he mais occupado, nem traz mais pronto seu pensamento, que em cumprir perfeitamente, tudo quanto toca ao serviço de N. Senhor, e de sua Santa Fè, sabendo certo, que naõ pòde ser melhor cousa para hum Principe Christaõ, que fazer inteiramente justiça, e o que elle manda. Quem poderia bem dizer quam liberal V. Alteza he nos gastos dos Hospitaes, Mosteiros, e Igrejas de seus Reynos, muitas dellas edificando magnificamente, outras provendo de sumptuosos retabolos, e ornamentos, e geralmente a todas, e assi a muitas fóra do seu Reyno fazendo esmollas muy grandes em todo o tempo?

Que direy do cuidado, que continuamente tem sobre a reformaçaõ das Ordens, veneraçaõ do Culto Divino, e conservaçaõ da Fè Christã? Quam novas maneiras busca, para que em nenhuma cousa, que toque à sua consciencia, offender a vontade de Deos; clara cousa he ao Mundo sua verdadeira devaçaõ, claro he o bom exemplo, que assi nesta, como em todalas outras virtudes dà de si. Quam bem estaõ estas tres partes a hum Principe, justiça, amor da paz, e Religiaõ? Quam bem se concertaõ antre si, e ajudaõ huma à outra? Por certo naõ se pòde melhor, nem mais fermosa cousa pintar aos olhos que a paz esmaltada sobre verdadeira Fé, e amor de Deos, a qual he em si de tanta perfeiçaõ, e merecimento, que a quantos Reys do Testamento Velho, e Principes Christãos inteiramente a guardaraõ, foy sempre causa de grandes bens, e acrescentamentos de seus Estados. Mal se pòde conservar huma Reepublica em que naõ haja amor de Deos, e este amor mais crece na paz, que na guerra, pola qual Numa Pompilio, segundo Rey dos Romaõs (de quem pouco ha que falley, digo isto por quanto a falsa Religiaõ em algumas cousas segue a verdadeira) dezejando que a devaçaõ em Roma fosse mayor do que era, primeiro que nada fizesse, assentou as cousas da paz, e como affirma Tito Livio em todo o tempo de seu reynado, que foraõ 43. annos, em nenhuma cousa mais trabalhou que em ter o povo Romaõ pacifico, sendo certo que desta maneira facilmente o pudera applicar às cousas da Religiaõ. Aquelle muy esforçado, e naõ menos Religioso Principe, Profeta, e Rey David em quanto andou occupado nas guerras

necessarias às Reespublicas dos Judeos, naõ pode tambem cumprir, como elle dezejava, o que tocava ao Culto, e Veneraçaõ de Deos, mas depois que vencidos seus inimigos teve paz, compoz elle mesmo em louvor de Deos Psalmos, e Hymnos em diversas maneiras, de metro, ordenou novas maneiras de instromentos, Psalterios de dez cordas, Violas de doze, e Campainhas de arame, com que aos Sabados, e outras festas do anno os Levitas tangendo louvassem a Deos.

Tambem Ezechias Rey de Judà Principe muy Santo estando em muita paz restituio as solemnidades do Templo, e escreve-se delle, que acompanhado dos principaes do povo sohia sacrificar com os Sacerdotes, estando os Levitas ao redor delle, e cantando Hymnos, como foraõ ensinados por David: acabado o Sacrificio, ElRey, e todo o povo se lançava debruços no chaõ, dando graças a Deos por esta tão fervente devaçaõ, mereceo que sojugasse as Cidades dos Philisteos, e que fosse livre do cerco de Senacherib Rey dos Assyrios, e pela mesma causa ElRey David nunca pode ser vencido em batalha. Hircano da linhagem dos Macabeos, Principe dos Sacerdotes, todo o tempo da paz empregava nas cousas da Religiaõ, por onde mereceo, que lhe fosse dado espirito de profecia, e que estando devotamente incensando o Sancta Sanctorum, ouvisse a voz de Deos, que lhe disse, que seus filhos venceriaõ a ElRey Antiocho. Naõ a hy no tempo da paz, cousa mais pertencente à dignidade Real, que o exercicio da devaçaõ, e naõ sem causa antigamente todos os Reys eraõ Sacerdotes, e traziaõ Diadema, que primeiro foy achada por Bacho, a qual era hum pano branco atado derredor da cabeça, que tomarão dos Sacerdotes, para terem continuamente lembrança das cousas, que tocassem à Religiaõ, e da maneira que a devaçaõ aproveita muito aos Reys, exemplo della recebe o povo grande fruto. Se o povo Romaõ naõ vira Numa Pompilio taõ occupado nas cousas Divinas, mal se podera aplicar a ellas, e esquecer dos màos costumes, que o tempo da guerra traz consigo, mas vendo seu Principe tambem inclinado edificar tantos Templos, ordenar tantas Ceremonias, e Sacerdotes, facilmente se demoveo que havia Deos, por onde leixando a força, e as armas se deu ao mesmo Exercicio, e diz Tito Livio, que em breve tempo foraõ os Romaõs taõ devotos, que só o temor, e authoridade da Religiaõ

os fazia continentes, e bem ensinados, sem outro temor de leys, nem execuçaõ de penas, e por isso as Cidades vezinhas, e terras comarcaãs, que sohiaõ antes recear o crescimento de Roma, vendo taõ santa mudança de costumes, lhes guardaraõ (em quanto reynou Numa) inteira amizade, avendo por grande mal hirem contra aquelle Reepublica, que tanto cuidado tinha de viver santa, e religiosamente.

Escreve-se que havia em Roma hum mancebo nobre chamado Cayo Valerio Flacco, que sendo muy vicioso, era malquisto de todo o povo, aborrecido de seu mesmo irmaõ, e parentes, o que vendo Publio Licinio Sacerdote mayor, pessoa naquelle tempo singular, e de grãde authoridade dezejãdo muito de emendar huma taõ deshonesta vida, o constrangeo por razaõ de seu officio a ą fosse Sacerdote de Jupiter, o que posto, que logo no principio parecesse estranho a Cayo Valerio, com tudo depois que se deu ao cuidado das Ceremonias, e cousas Sagradas, em breve tempo se esqueceo da vida passada, e se fez taõ virtuozo, que em toda a Cidade de Roma senaõ achava pessoa mais virtuosa, e honesta, finalmente tanto foy o preço, e estimaçaõ de sua virtude, que lhe foy concedido, que os Sacerdotes de Jupiter dali por diante podessem entrar, e ter assento no Senado, cousa, que athe entaõ nenhum outro Sacerdote podera alcançar.

Pois se a Religiaõ dos Gentios reprovada, e falsa tinha poder polo apartamento dos vicios, e limpeza do espirito de cauzar tanta perfeiçaõ a quem a seguia, quanto mais se deve isto d'esperar da verdadeira Fè de Christo? Por certo Principe Christaõ, que bem conserva esta parte, naõ somente a si, mas a todo o povo, que lhe obedece, e toma seu exemplo, aproveita muito, e tanto mais com esta virtude, que com as outras, quanto he esta mais chegada, e espiritual a Deos, posto que se bem queremos olhar, encadeadas, e tecidas estaõ todas as virtudes antre si, que aonde ha perfeita justiça, tambem ha perfeita paz, e amor do proximo, nem pode aver perfeita paz, sem perfeita Religiaõ. Santa tençaõ era a d'elRey Abias de Judà filho de Roboaõ, o qual naõ sendo mais que de 18.annos, estando para dar com pouca gente batalha a Jeroboaõ Rey dos dez Tribus, que trazia muito mòr exercito, esforçava aos

seus, dizendo: que naõ temessem, porque sendo Jeroboaõ injusto, e desprezador da verdadeira Ley, por mais gente que tivesse, naõ poderia vencer, e que pois o fundamento da vitoria estava na justiça, e amor de Deos, que conhecido era a qual das partes se avia mais d'inclinar: isto dizia em seu favor, e da gente do seu Exercito, que antaõ guardavaõ a Ley inteiramente.

Sabida cousa he com quanto cuidado os Romaõs guardavaõ sua falsa Religiaõ, e de crer he, que mais devotos foraõ da verdadeira, se della tiveraõ conhecimento. Escrevem delles, que tinhaõ sobre tudo respeito a naõ jurarem falso: nomeado he o exemplo de Marco Atilio Regulo Capitaõ dos Romaõs, o qual sendo captivo na Cidade de Carthago, e mandado a Roma por parte dos Carthaginenses a fazer huma troca de cativos antre Roma, e Carthago, com juramento, que não acabando nada se tornasse à prizaõ, Regulo depois de vir a Roma, e naõ acabar nada com o Senado daquillo a que viera, podendo ficar na patria, para o que era requerido de todos, e sua mulher, e filhos, e parentes com muitas lagrymas, com tudo quiz antes tornarse a entregar, sabendo certo, que havia de ser morto com asperos tormentos, que naõ ficando em Roma haver de quebrar seu juramento: tambem se escreve, que depois da batalha de Canas em que Anibal desbaratou os Romaõs, vindo à noticia de Scipiaõ, que depois foy chamado Africano, como alguns Mancebos Fidalgos Romaõs desesperando jà da sua Reepublica se queriaõ passar a Sicilia, Scipiaõ os foy logo buscar, e com hum punhal a cada hum nos peitos os fez jurar, que naõ se partiriaõ, nem leixariaõ em tal tempo a Reepublica, e este juramento ainda que fosse com medo, e por força, com tudo foy por elles guardado inteiramente: sem duvida muito necessario he o temor de Deos, e do outro mundo para a conservaçaõ de qualquer Estado, porque o bom Principe por força ha de acatar o temor de Deos, e o seu acatamento dura para sempre. Numa Pompilio, de que jà tratey, e Solon, que deu ley aos Athenienses, e Licurgo, que as deu aos Espartanos, em nenhuma cousa mais se fundavaõ, que em dar grande authoridade às Religioens, sem as quaes viaõ, que nenhum ajuntamento, nem Reepublica podia durar muito tempo.

Le-se de Cyro primeiro Rey de Persia, e Media, que foy Religioso, e devoto, e assi elle como todos os Reys seus successores mandaraõ aos Sacerdotes, e Levitas dos Judeos, que os encomendassem a Deos no Templo, e por este respeito se haviaõ bem com elles, por onde creo eu, que suas cousas hum tempo foraõ tanto àvante. Aquelle graõ Rey Xerxes da Persia, espanto do mundo, que contra Grecia armou hum milhaõ de homens passou hum privilegio de grandes liberdades em favor dos dez Tribus, que entaõ moravaõ nos Reynos de Persia, e Media alèm do Rio Eufrates, e foraõ là passados por ElRey Salmanasar depois de ter vencido ElRey Osias: este privilegio foy entregue a Esdras Judeo naquelles tempos justo, e de muita authoridade o qual o mandou aos dez Tribus; escreve Jozepho, que por este respeito os Judeos ganharaõ grande affeiçaõ a ElRey Xerxes, e alguns se vieraõ com casas movidas a Babilonia para dahi se passarem a Jerusalem, com tudo os mais delles por amor de taõ bom Principe se não quizeraõ mudar, por onde diz o mesmo, que ainda em seu tempo naõ havia mais no Imperio dos Romãos, que dous Tribus, e que os outros dez viviaõ alèm do Rio Eufrates, onde multiplicavaõ sem nenhum conto; mas de todos os Principes Gentios, que foraõ devotos do Testamento Velho, ninguem mereceo ser taõ louvado como Ptolomeu Philadelpho Rey do Egypto, porque desejando muito de entender a Ley dos Judeos mandou a Jerusalem pedir a Eleasar Principe dos Sacerdotes alguns Letrados, que lha viessem declarar, o qual lhe mandou os setenta e dous interpretes, seis de cada Tribu, e com elles a Biblia, que estava guardada no Templo, e vendo ElRey o livro em que estavaõ escritas todas as Leys de Moysés com letras de ouro, maravilhado da formosura da letra, da delgadeza do pergaminho, e sutileza da encadernaçaõ, deu muitas graças a Deos, e chorando com prazer dizia, que dalli por diante saberia reynar.

Este Rey mandou resgatar, e dar liberdade a todos os Judeos, que achassem cativos no Reyno de Egypto, pagando por elles todo o preço aos Senhores, e foraõ livres assy mais de cem mil pessoas, e naõ se contentando desta só magnificencia, mandou offerecer no Templo muitas peças d’ ouro, e prata de grandissima estima, huma das quaes foy aquella Mesa taõ nomeada cuberta de perolas, e pedras preciosas, em que se haviaõ de pòr os doze pães da

proposiçaõ. Foy tanta a sua devaçaõ, que em quanto se esta Mesa lavrava, elle per si a hia ver muitas vezes, porque com sua presença mais cedo, e mais perfeitamente se acabasse. Teve Philadelpho com esta virtude outras muitas, foy engenhoso, prudente, liberal, e os mais dos privados, que tinha, eraõ grandes Letrados, e certo huma taõ excellente parte naõ podia estar desacompanhada d'outras muitas, como verdadeiramente diz Plutarco, o Rey he Imagem de Deos, o Rey novo representa ley nova, por isso cumpre muito ao bom Principe ter quatro cousas saber, bondade, poder, e temor de Deos, nas quaes se bem olharmos consiste o bem de todo hum Reyno: estas havia todas em Cesar Augusto Emperador de Roma (a quem naõ minguava nada para ser perfeito Principe, senaõ o conhecimento do verdadeiro Deos) e foy taõ pacifico, taõ justo, taõ quieto seu Imperio, que em seus tempos quiz vir ao mundo a tomar carne nosso Salvador. Antre as virtudes, que neste Emperador havia, nenhuma foy mais louvada, que a Religiaõ, que como jà disse, mais perfeitamente se mostra no tempo da paz: escrevem delle, que ordenou muitos sacrificios em Roma, que per si mesmo celebrava, edificou magnificos Templos, e Casas d'oraçaõ, huma das quaes ainda hoje dura, feita em nome de Marco Agrippa, que foy depois dedicada a Nossa Senhora, que chamaõ a Redonda, e porque o Conselho (a que os Romaõs chamavaõ Senado) senaõ podia fazer senaõ em templo consagrado, ordenou que todo o Senador antes, que nelle entrasse, sacrificasse àquelle idolo, em cuja Casa se haviaõ de juntar, o que fez por cada hum, tendo mòr acatamento à Religiaõ desse seu parecer mais desenganadamente, e sem algum respeito, nem affeiçaõ, sem duvida santa tençaõ de Principe era esta querer começar todas suas cousas de Deos, se como jà disse este seu trabalho fora empregado no amor da verdadeira Religiaõ, e cousa justa he, pois Deos he principio de todalas cousas, que a elle sempre ponhamos diante no começo de todas nossas obras, e por este respeito, quando os Principes antigamente haviaõ de fazer alguma falla, pediaõ ajuda a Deos, tambem o Emperador Trajano, sendo Gentio era muy justo, e devoto.

Se alguem me perguntasse a que fim ajuntey tantos exemplos de Gentios, poderia responder, que pois os Principes idolatras cegos, e

envoltos na ignorancia de seu engano com tanto trabalho conservavaõ, e procuravaõ as cousas de sua seita (o que a elles era causa de muitas virtudes, e de seu louvor, e acrescentamento) que devem fazer os Principes Christãos, a que o conhecimento, e veneraçaõ do verdadeiro Deos pode ser causa de tantos mòres bens? Quanto mayor galardaõ merece o bem, que o mal? E a verdade, que a falsidade? Vemos por experiencia, quam bons Principes foraõ, e quanta ventagem fizeraõ aos Gentios os Reys Christãos, que nesta parte mereceraõ louvor.

Tragamos à memoria o Emperador Carlos Magno, e acharemos, que naõ houve Principe, que se compare com elle, muitas virtudes houve nelle, que quem perfeitamente tiver huma, he necessario, que tenha todas as outras, com tudo o amor de Deos, e da Religiaõ lhe deu muito mayor gloria, assi neste mundo como no outro: esta o fez (sendo-lhe pedida ajuda polo Papa Adriano) passar em Italia contra Desiderio derradeiro Rey dos Longobardos com grande exercito, ao qual vencendo em batalha campal foy por elle restituido o Papa à sua dignidade, esta o fez mover guerra a toda Saxonia; a huma graõ parte d'Alemanha por naõ se querer tornar a Fè de Christo lha fez taõ aspera por espaço de trinta annos, atè que por força a sojugou, e fez converter à verdadeira Fè: esta o moveo a tomar a empreza contra os Mouros, que tinhaõ occupado a Hespanha, quando foraõ por elles eleitos os doze do seu conselho, que agora chamamos Pares, ou Padres, seis Leigos, e seis Ecclesiasticos, todos Duques, ou Bispos, ou Condes: esta mesma o fez hir poderosamente contra os Hunnos, gente barbara, de que jà falley, que tinha feito grande danno em toda a Christandade, e com a ajuda de Deos os venceo, e desbaratou, polo qual Leaõ Papa lhe deu novamente a Coroa, e Insignias do Imperio Romaõ: finalmente esta foy causa, que ordenasse a Universidade dos estudos de Pariz, onde continuamente se defendesse a Fè, e ensinasse a Santa Theologia, naõ me occorre Principe dos Gentios, que tanto fizesse por seus idolos, quanto este fez em louvor, e acrescentamento da Fè Christãa, e sem duvida razaõ era, que sendo nossa Fè taõ Santa, e taõ verdadeira, que a virtude della desse mayor animo, e esforço a hum taõ Catholico Principe, e o ajudasse mais em taõ santas empresas.

Oh quam bem està a hum Principe ser devoto! Quam bem està a quem teve a Coroa na terra sobre os homens, ter depois outra muito mais preciosa na Gloria do Ceo! Quam bem està a hum Reyno, poder allegar, que teve hum Rey Santo, e aceito a Deos! Preza-se França d'ElRey S. Luiz, e de Clodoveo filho delRey Childirico, que foy o primeiro Rey Christaõ, que houve nella, do qual se conta, que no tempo que Remigio Bispo Remense o baptizava, appareceo huma pomba no Ceo com huma redoma d'oleo no bico, com que ElRey Clodoveo foy ungido neste Santo Sacramento, donde ficou em costume, que os Reys de França em sua Coroaçaõ fossem ungido com este oleo. Preza-se Ungria delRey S. Ladislao: preza-se Castella da Santidade delRey D. Fernando, que ganhou Sevilha aos Mouros, preza-se Portugal da grande fé d'elRey D. Affonso Henriques (segundo alguns tem de Lorena) que se achou na Santa Conquista d'Ultramar, por isso assi como he grande honra, e proveito do Reyno ser o Principe servidor, e amigo de Deos, e seguir em tudo sua Santa vontade, assi o Rey, que he màO Christaõ, he cauza de grandes males, e dannos a seus vassallos, e naõ sey eu que escuza o tal possa dar a Deos, tendo delle recebido tamanhas merces, como saõ mando, e poder, authoridade, e sobre tudo lume, e conhecimento de sua verdadeira fè: mas esta virtude taõ estremada, e taõ aceita a Deos, taõ particular he a V. Alteza nas obras, quam geral a muitos nas palavras, e o proveito disto nòs o sentimos, e sempre (como espero) sentiremos, nem he de crer que Deos naõ leve sempre avante as cousas deste Reyno, sendo taõ santa, e justamente governado por V. Alteza. Acha-se na Sagrada Escritura que Asà Rey dos dous Tribus filho delRey Abias, tornando-se para Jerusalem com seu Exercito muy alegre, pola vitoria que ouvera contra Zarà Rey da Ethiopia, o Profeta Azarias o veyo esperar ao caminho, e o fez estar quedo, e lhe disse que lhe fazia saber, que elle, e seu Exercito venceraõ, porque viviaõ segundo Deos mandava, o que se levassem àvante, haveriaõ sempre vitoria contra seus inimigos, mas se d'outra maneira vivessem, que lhes aconteceria o contrario, e que tempo viria, que no povo dos Judeos, se naõ achasse nenhum Profeta, nem Sacerdote, que fallasse verdade, e que os Judeos seriaõ lançados por todo o Mundo, e que

viviriaõ pobremente, e com muito trabalho, por tanto os amoestava, que naõ se apartassem da vontade, e devaçaõ de Deos.

Quam verdadeiramente o Profeta Azarias isto fallasse, se vio em todo o tempo, e se vè cada dia por experiencia. Claro està, que em quanto ElRey Saul foy obediente a Deos, venceo todas as batalhas, e suas cousas foraõ àvante, ajuntou hum Exercito de sete centos, e setenta mil homens com que desbaratou a Annaàs Rey dos Ammonitas, que vinha contra elle poderosamente venceo com seis centos homens trezentos mil Philisteos alevantando-se entre elles hum grande medo sem causa evidente, que os poz em desbarato; mas depois que Saul contra o mandado de Deos perdoou aos Amalechitas, gente da Arabia, naõ sómente suas cousas foraõ mais adiante, mas perdeo a dignidade Real, e foy dado o Reyno a outrem, que naõ era da sua linhagem. Escreve-se de Joathaõ Rey de Jerusalem, que por ser devoto, e amigo da ley, e por edificar huns Alpendres no Templo de Salamaõ mereceo vencer os Ammonitas: mas escuzado he determe em cousa taõ clara chea està a Sagrada Escritura das grandes merces que Deos fez aos que verdadeiramente o amaraõ, e naõ sómente aos Judeos, mas a todos aquelles, que os defenderaõ, e foraõ em sua ajuda. A principal causa segundo a opiniaõ de muitos, porque Alexandre Magno venceo a ElRey Dario, foy porque passando junto de Jerusalem, e saindo a recebello os Sacerdotes, e Levitas revestidos com grande pompa, e solemnidade, o mesmo Alexandre Magno se deceo a elles, e lhes fez muita honra, e acatamento, e sendo naquelle tempo Jerusalem muy rica, e populosa de duas legoas de cerca, segundo escreve Hecateo, que foy no mesmo tempo, em que havia cento, e tantos mil homens, com tudo naõ quiz entrar nella, nem consintio que polos seus lhe fosse feito algum danno.

Tambem o Emperador Julio Cesar, por favorecer o povo dos Judeos se cre que mereceo ser vencedor nas guerras civis que teve com Pompeo, e polo contrario Pompeo se perdeo, porque na guerra, que teve em Asia, sendo Capitaõ dos Romaõs, entrou em Jerusalem por força no dia sabado, e andou vendo o Templo armado com sua gente, sem fazer nenhum acatamento, nem reverencia a Deos, e sabido està, que dali pordiante suas cousas

foraõ de mal em peor. O mesmo aconteceo a Marco Crasso, Capitaõ Romaõ, pessoa de graõ riqueza, e authoridade, este passando por Jerusalem com seu Exercito, e sabendo que estavaõ guardados no Templo de Salamaõ oito mil talentos, que eraõ cinco contos de ouro pouco mais, ou menos, e sendo de seu natural muy cobiçozo, os tomou por força sem nenhum respeito, polo qual peccado foy logo vencido polos Parthos em batalha campal em que morreraõ quarenta mil Romaõs.

Naõ leixarey de trazer aqui à memoria o caso d'Antiocho Rey de Asia, chamado por sobrenome Epiphanes, que quer dizer illustre, ou claro, o qual teve tamanho odio aos Judeos que destruio Jerusalem, roubando quanto achou no Templo, e levando a meza de Philadelpho, mandou dentro do Sancta Sanctorum alevantar hum altar em que fazia sacrificar porcos, constranger por força aos Judeos, que adorassem os Idolos, e comessem carne de porco, defendeo-lhes a circuncisaõ, edificou hum Castello em Jerusalem, em que poz guarda de gente, derribou os muros da Cidade, e os o que ousaraõ contradizer, mandou crucificar, e matar com desvaraidos tormentos: por estas cruezas, e desprezo da verdadeira Ley padeceo depois grandes males, e dezaventuras, e emfim morreo de huma morte muy acelerada com grandes dores, que sem nenhum repouso o atormentavaõ. Antiocho estando para morrer dizia bramando, que elle merecia os males prezentes, e os passados por tratar mal o Templo, e povo dos Judeos. Destes exemplos consta claramente, que no tempo ds Ley velha favorecia Deos não sómente aos Judeos, que o serviaõ, mas tambem a quem os ajudava, e pelo contrario a muitos, que os perseguiaõ, sohia dar grave castigo, e assi como os Reys do Testamento Velho se eraõ justos, e chegados a Deos, haviaõ grandes vitorias, assi os que taes naõ eraõ, as mais das vezes haviaõ dezastrados fins, e eraõ vencidos de seus inimigos, ainda que fossem mais poucos.

Quem naõ sabe, que o Reyno de Jeroboaõ se perdeo polo dezacatamento do verdadeiro Deos? E he para notar, que a mòr parte dos Reys de Israel, por causa de semjustiça, e idolatria viveraõ pouco tempo, de maneira que em quanto reynou em Jerusalem ElRey Asà Principe justo, e devoto, que naõ foy muito

tempo, ouve no Reyno de Samaria muitos Reys idolatras, que todos ouveraõ màо fim, e succedendo no Reyno dos dez Tribus ElRey Osias, e levando àvante as idolatrias de seus antepassados, permitio Deos, que viesse contra elle Salmanasar Rey dos Assirios com grande Exercito, o qual tomando por força a Cidade de Samaria, o prendeo, e levou consigo cativos todos os dez Tribus às terras da Persia, e Media, donde depois mandou aos Chuteos gente da Persia, que viviaõ naõ longe de Babilonia, que viessem povoar a terra de Samaria, que ficava deserta, os quaes cumprindo o que ElRey mandava foraõ depois chamados Samaritanos, e tal fim ouve o Reyno de Jeroboaõ, e a idolatria, e pouca devaçaõ dos dez Tribus de Isrrael: pola mesma causa o Reyno de Judà sentio muita parte destes males, e escrito està, que Achaõ Rey de Judà foy taõ màо Principe, taõ desprezador de Deos, e taõ contente dos costumes de Samaria, que mandou alevantar em honra dos idolos altares em Jerusalem, em que sacrificou hum seu proprio filho, seguindo nisto o barbaro, e abominavel costume dos Cananeos, finalmente mandou cerrar o Templo de Salamaõ, defendendo que se naõ sacrificasse mais nelle, por onde mereceo ser vencido em batalha campal por ElRey de Samaria, e lhe serem mortos nella cento, e trinta mil homens; tambem ElRey Manasses por adorar os idolos, e matar muitos Profetas, foy vencido, e levado cativo a ElRey de Babilonia, mas arrependendo-se do seu peccado foy restituido a seu Reyno, e veyo a ser bom Rey, e amigo de Deos.

Quem naõ sabe a causa por onde mereceraõ os Judeos ser levados cativos a Babilonia no tempo de sua transmigraçaõ? Sem duvida o principio de tanto mal nasceo do esquecimento da Religiaõ, e a este vicio estavaõ jà taõ abituados, e entregues os Judeos naquelle tempo, que posto que o Profeta Jeremias, vendo os males, que cedo haviaõ de vir, lhes rogasse com muitas lagrimas, que se convertessem, com tudo nunca o quizeraõ crer, athè que viraõ as lamentaçoens do Profeta sahir verdadeiras em tempo, que jà o dezengano dellas naõ podia aproveitar: abominavel cousa era idolatrarem os Judeos màrmente tendo taõ claro conhecimento de Deos, e guardarem peor sua verdadeira ley do que os Gentios guardavaõ sua falsa Religiaõ, os quaes em algumas partes davaõ graves penas a toda a pessoa, que ou desfazia os Deoses, que jà

eraõ recebidos, ou queria acrescentar alguns de novo, e por esta causa foy acuzado Socrates, e condennado à morte Anaxagoras, Clazomenio Filosofo foy morto polos Athenienses, por affirmar que o Sol, que elles adoravaõ, carecia de todo o sentido, assi que com muita razaõ os Judeos naõ honrando, nem amando a Deos, como eraõ obrigados ouveraõ taõ grande castigo, e por este peccado naõ somente o seu Reyno, mas o Principado dos Sacerdotes sahio algumas vezes da linha direita; tirou Deos esta dignidade aos filhos de Hely, e fez Principe dos Sacerdotes a Samuel: depois naõ sendo os filhos de Samuel dignos della, foy entregue o mando, e authoridade a Saul, e elle tambem naõ cumprindo em tudo a vontade de Deos, posto que trabalhou muito de leyxar o Reyno, e bençaõ a seu filho, o naõ pode nunca alcançar, e foy dado a David, porque he cousa impossivel resistir ninguem à vontade de Deos.

Muitas, e grandes victorias alcançou o Emperador Theodosio Principe Christianissimo, porque sendo em todas as outras virtudes muy semelhante ao Emperador Trajano, no conhecimento, e veneraçaõ do Salvador do Mundo lhe levou muita ventagem. Com esta virtude acrescentou nossa Santa Fè, e desbaratou os Godos, e Hunnos, e mereceo, como diz o Poeta Claudiano, que as settas, e lanças dos inimigos se voltassem pelo ar milagrosamente contra elles, e os desbaratassem. Conta se delle, que quanto mais velho se hia fazendo, tanto mais excellente Principe era, o que he muito de louvar, porque vemos muitos com a longa idade hirem perdendo a vergonha, e usarem do mando, que lhe foy dado para muy desviadas cousas do seu fim. Taes foraõ os Emperadores Adriano, e Nero, e Philipe Rey de Macedonia, filho de Antigono, porque começando a reynar virtuosamenre, deraõ depois mà conta de si, e acabaraõ mal. Mas a muita devaçaõ, e fé do Emperador Theodosio o naõ leyxavaõ errar, nem sahir do verdadeiro caminho, que quem em Nosso Senhor tem posto o alvo de toda sua esperança, este quanto mais cresce em idade, tanto mais crescerà nelle toda a virtude, e perfeição, nem seus inimigos por mais poderosos, que sejaõ, lhe poderaõ resistir. Naõ he muy antiga a Conquista de Ultramar, em que milagrosamente os Christaõs houveraõ muitas victorias contra os infieis pola fé, que levavaõ, a qual he de muito mor força, que todos os Esquadroens de gente armada, e polo contrario o Emperador Juliano, que foy chamado Apostata, porque perseguio a Fè dos Christãos, e foy muy dado à falsa idolatria, houve desastrado fim.

Finalmente grandes dannos receberaõ sempre os Principes Christãos em que houve pouca Fè, e assi grandes mercès houveraõ de N. Senhor os que a seguiraõ, e se abraçaraõ com elle verdadeiramente, mas quando para prova disto se naõ allegassem memorias do tempo passado,abastava só o exemplo de V. Alteza, em cujo prospero reynado logra Portugal tantos bens, quantos naõ sey se poderiaõ ser acabados em outro algum Reyno de Christaõs: crece nelle a virtude, assi como vay crecendo a idade, e quando jà parece, que naõ pode mais crecer, entaõ acha caminho de novo crescimento, que o que a nòs he perfeita satisfaçaõ, a elle sempre

he começo. Com razaõ seria louvado algum Principe usando algum tempo parte das virtudes de que V. Alteza sempre usa, e isto com tanta vontade, e firmeza, que lhe fica jà em natureza, vigia sempre por onde nòs descansemos, e trabalha polo premio, que nòs havemos d'haver, e em tanto sómente descansa, quando do grande amor, que nos tem, nasce algum bem universal; todos os dias gasta no que cumpre a nosso proveito, e se alguma hora lhe parece, que tem satisfeito a muito grandes negocios, que tem, toma por passatempo, e descanso do trabalho passarse a outros trabalhos de novo.

Dous grandes bens, que a todos aproveitaõ, vemos sempre em V. Alteza certeza de sua bondade, como se jà fosse Rey de muitos annos, e grande comedimento, como se pouco hà, que começasse a reynar: mà parte he a do Principe dizer a seus Vassallos palavras de escandalo, nem graças, que toquem, as quaes quando nascem da verdade, leixaõ aspera memoria nas vontades, e este mal tanto he mòr, quanto as pessoas, que as dizem, saõ de mòr authoridade. De Tiberio Gracco se lè, que sendo na guerra de Anibal Capitaõ de hum Exercito (que com mingoa d'outra gente ajuntado d'escravos) mandou em seu Arrayal lançar hum pregaõ, que sobpena da vida, ninguem ousasse chamar a outro escravo; e se Tiberio Gracco antre pessoas taõ baixas, e iguaes houve por taõ perigosa huma commua offensa de palavras, com quanta mòr razaõ se deve isto recear, quando nasce o tal escandalo de pessoas principaes?

Mas posto que V. Alteza desta temperança, que usa, e amor que tem a seu povo, naõ queira na vida outro interesse, que a execuçaõ da mesma virtude (que pola mòr parte dà de si tanto contentamento) que escusa toda a outra satisfaçaõ, com tudo daqui nasce ser jà tam bem quisto de seus Vassallos, que cada hum delles o ama, como a Pay, e teme como a seu Rey, e Senhor natural. Dizia Xenocrates Filosofo antigo, que entaõ se tivesse o Principe por mais seguro, quando fosse cercado naõ de muros, mas da força de seus amigos, naõ d'armas, mas do amor de seu Vassallos, naõ de gente da sua guarda, mas de sua propria bondade, e virtude, e que com estas tres cousas se ganhavaõ os Reynos de novo, e os ganhados se conservavaõ. Mal se pode conservar o Reyno em que os Vassallos

haõ medo aos Principes; e naõ lhe querem bem, por tanto quem tras o cuidado em reger bem, deve ganhar a vontade de seu povo, nem sofrendo, que lhe seja feita sem razaõ, nem a tendo em pouco depois de feita, e de tal maneira deve estimar os Grandes, que os mais baixos lhes naõ tenhaõ odio, e os sem culpa lhe naõ hajaõ medo: sobre tudo naõ mande alguma cousa com ira, que as mais vezes cega o verdadeiro juizo da razaõ, e para nunca errar, ha de fazer conta, que representa a mesma Ley, a qual no castigo, que dà, se move sempre por igualdade, e naõ por tençaõ, ou merencoria. Naõ faça o Principe alguma cousa duvidando se he mal, ou bem, por quanto a verdade onde quer, que està, ella se mostra, e dà lume de si, e polo contrario o duvidar he sinal, que se naõ faz o que he razaõ. As guerras, que começar para conservaçaõ da Reepublica, e defensaõ da paz he a que sobre tudo se deve ter respeito, nem cuide, que a virtude consiste só no entendimento, mas no uso, e execuçaõ della. Nem olhe menos o que faz, que o que deve fazer, e principalmente trabalhe, que a justiça se continue, cujo officio he, que naõ se empeça a ninguem; e que em tudo se sirva, e tenha respeito ao proveito commum. Naõ hà engano mais prejudicial, que o daquelles, que no tempo em que mais enganaõ, trabalhaõ por parecer homens de bem.

Por isso no Principe naõ deve entrar dissimulaçaõ alguma, nem arte, mas em tudo seja claro, constante, e forte com tal temperança, que nem seja havido por muy aspero, por quanto muito direito se torna em sem razaõ, nem tambem seja taõ brando, que possa caber nelle o proverbio Grego, que diz: *Os mandados mandaõ a quem manda*. Finalmente naõ faça cousa, que naõ queria ser-lhe a elle feita, e quem estas partes tiver, por certo serà muy quisto, e amado de seu Povo. Razaõ he, que o contentamento de V. Alteza seja muy grande, vendo quam inteiramente satisfaz a todas as partes de bom Principe, e que as virtudes, que poucos Filosofos com grande seu trabalho em muito tempo puderaõ alcançar, elle por si as poem jà todas em obra perfeitamente. Os Romaõs sabendo bem, quanto mais a conservaçaõ do Estado pendia do amor dos Vassallos que do sitio, ou força do lugar, naõ tinhaõ fortalezas nas Provincias, que sojugavaõ, nem cuido eu, que por outro respeito Octaviano Fragoso mandasse desfazer em nossos tempos a fortaleza de Genova, que

fora feita pouco antes à entrada do Porto por mandado d'ElRey Luiz de França. Tambem o Duque de Urbino chamado Guido Ubaldo, que naõ muito hà que foy restituido a seu Ducado, de que fora lançado pelo Duque Valentino, mandou derribar todas as Fortalezas, que o mesmo Duque leyxàra feitas, o que fez por ser bem quisto da gente, e obrigar mais a vontade a seus Vassallos. Naõ podem os subditos amar ao Principe, que os naõ ama, por isso os Emperadores Augusto, e Theodosio amaraõ muito a seu povo, e foraõ naõ menos bem quistos delle, e Augusto foy taõ amado, que publicamente foy chamado Pay da patria. Louva Plinio em seu Panegyrico a Trajano, que antes de ser chamado Pay da patria polos Romaõs, o era jà nas obras, o qual foy taõ zeloso do bem, e affeiçoado a seus Cidadaõs, e Vassallos, que se affirmava em seu tempo, que a alma do Emperador Augusto vinha fallar com elle, e naõ sómente os Principes, mas ainda os Tirannos, se saõ bem quistos, podem conservar pacificamente seu Estado. Pouco hà, que Anibal Bentivoglio foy tiranno de Bolonha, este foy taõ amado da Reepublica, que sendo morto à treiçaõ por conjuraçaõ dos Canescos, no mesmo ponto toda a Cidade se alevantou contra elles, e os matou sem ficar nenhum, e ficando delle hum menino por nome Joaõ Bentivoglio mandaraõ logo a Florença buscar outro seu filho, que era bastardo, que atè entaõ fora havido por filho d'hum Ferreiro, ao qual fizeraõ Governador em quanto Joaõ Bentivoglio naõ fosse de idade, e tanto que foy, lhe entregaraõ o Governo com muita fé, e fidelidade.

O contrario se lè de Philipe Rey de Macedonia pay do grande Alexandre, que foy mal quisto, e aborrecido de toda a gente, e em hum dia grande de festa, em que se casava sua filha Cleopatra com Alexandre Rey de Epiro, foy morto por maõ d'Amintas seu Criado. Quem naõ sabe o fim, que houve Galeazo Duque de Milaõ morto às punhaladas por maõ de Joaõ Andrè de Lamponhaõ, e assi Agotocles tiranno em Sicilia, sendo valente Cavalleiro por màos costumes veyo a ser mal quisto: Este entre muitas cruezas, que uzou fez matar em hum só dia a hum certo sinal, a todos os Senadores, e principaes da Cidade de Saragoça. O Duque Valentino Cesar Borja em nossos tempos por sua muita crueza foy taõ aborrecido, que ouve depois o fim que todos sabemos, e antre

outras cousas matou na Cidade de Senegalha muitos Senhores principaes Ursinos, e Vitellos, trazidos alli por elle a falsa fè; e hum destes foy Oliveroto, que antes se fizera tirano da Cidade de Fermo, matando em hum banquete todos os principaes da mesma Cidade. Foy certo notavel exemplo querer Deos, que hum tiranno fosse morto por outro tiranno, e quem por trayçaõ matàra, que elle tambem fosse morto a trayçaõ.

Se queremos exemplo da Sagrada Escritura tambem nos poderà ensinar, quam prejudicial cousa he aos Principes o odio do povo. A ElRey Aristobulo dos Judeos succedeo no Reyno seu irmão Alexandre, o qual sendo magnanimo, e valente Cavaleiro por tratar mal a seu povo, e lhe fazer muitas injurias, e vexaçoens veyo a cahir em grande, e geral odio, em muitas dezaventuras: foy tão mal quisto, que ousava o povo esquecido de si mesmo, e do acatamento devido à Real Magestade em sua prezença delle rogar-lhe em vozes altas a morte. Naõ foy isto sem causa, porque em hum só dia fez Alexandre crucificar perante si 800. Judeos dos principaes do povo mandando primeiro matar suas molheres, e filhos diante delles. Escreve-se d'Amasias Rey de Judà filho delRey Joàs, que começou a reynar temperadamente, mas depois alterado com a vitoria dos Amalechitas adorou os idolos, e tratou mal o povo, por onde estando para dar batalha a Joàs Rey de Samaria alevantou Deos em seu Exercito hum grande espanto, sem nenhuma causa, em que todos foraõ desbaratados, e elle ficou prezo em poder de seus inimigos, e assi seu filho ElRey Ozias começou tambem, e venceo os Arabes, e Amònitas, e muitas outras gentes, mas seguindo o mào exemplo de seu pay, e tornando-se inimigo de Deos, e de seu povo ouve mà fim como seus máos costumes mereciaõ. Escrevem delle, que querendo em huma festa principal entrar revestido como Sacerdote no Templo a offerecer no altar do ouro, ou incenso a Deos, e indo-lhe à maõ Azarias, com outros oitenta Sacerdotes, dizendo isto naõ ser dado senaõ aos que vinhaõ da casta, e sangue de Aaron. ElRey os ameaçava, que os mandaria matar se senaõ calassem. Estando nisto se levantou hum terremoto, e defronte da Cidade no lugar chamado Eroge arrebentou ametade de hum monte, que estava contra a ponte, e com grande impeto correo a terra por espaço de quinhentos passos, e foy alagar as hortas delRey, nas quaes se

deteve sem passar mais adiante, e onde estava Ozias, a claridade do Sol se fez muito mais clara, e resplandecente, e dando-lhe no rosto ficou cheyo de lepra, de que depois morreo, e por esta enfirmidade lhe foy necessario sahir-se de Jerusalem. Que direy da maldade de Joraõ Rey de Judà, que certo naõ mereceo ser filho de tal Principe, como foy ElRey Jozaphat, matou seus irmãos, e quantos amigos tivera seu pay, e foy o primeiro, que fez adorar os idolos em Jerusalem, constrangia seu povo sobir aos montes altos, e adorar os Deozes falsos, e naõ conhecidos? Nem foy menos preverso ElRey Ochozias seu filho, e elle, e Joraõ foraõ depois mortos por hum Capitão Gentio.

Naõ me quero deter em huma cousa taõ clara, como he a prova de hum taõ grande vicio, o qual sem duvida he tamanho, quam grande virtude sempre foy, e hade ser hum Rey, e Senhor natural de todos poderse com razaõ chamar Pay de todos. Naõ hade viver o Principe para si só, nem para sua deleitaçaõ, mas para com muito trabalho, e continua vigia ganhar o amor de todos seus vassallos, como fez o muy esforçado, e prudente Rey David, de quem se escreve, que tendo vencido seu filho Absalaõ, que se lhe erguera com todo o Reyno, e tornando-se com vitoria para Jerusalem, encontrou o Tribu de Judà ao Rio Jordaõ, que se adiantàra ao hir receber, e queixando-se disto os outros Tribus, que ficaraõ mais atraz no lugar que chamaõ Galgalà, o Tribu de Judà se escusava polo parentesco que tinha com David, a isto responderaõ os principaes dos outros Tribus estas palavras: *Espantados somos de vòs irmãos, cuidares, que ElRey só he vosso parente, por quanto quem sobre nòs todos recebeo o mando de Deos, este com nosco todos tem igual parentesco, e sendo nòs as onze partes do povo, e vòs a huma, e assi sendo mais antigos, que vós, naõ fizestes bem em nos querer tomar a dianteira escondida, e maliciosamente*; sem duvida, razaõ tinhaõ nestas palavras os onze Tribus, que tanto que huma pessoa he Principe, logo cessaõ os respeitos particulares, e obedecem ao proveito commum, e he para notar o grande amor, que os Judeos tinhaõ a ElRey David, que elle merecia por suas grandes bondades, e affeiçaõ que tinha a seu povo.

Naõ cuide alguem, que as merces, e liberalidades dos Principes tem mais força para os fazer bem quistos, que a santidade da vida; porque naõ ha cousa (se me naõ engano) mais poderosa, nem de mór efficacia, para ganhar a vontade dos vassallos, que os bons costumes. Felipe Rey de Macedonia, sabendo que seu filho Alexandre por ganhar a vontade d'alguns Fidalgos lhes fazia merce de dinheiro, dizem que ouve graõ merencoria, e lhe escreveo huma breve carta por estas palavras: *Qual razaõ, filho, te demoveo a cuidares, que te haviaõ de ser fieis amigos os que por dinheiro forçasses athe quererem bem? Enganas-te, o verdadeiro amor naõ se compra per dinheiro*. E tinhaõ por costume os Reys de Macedonia, de chamarem às pessoas notaveis, e de seu conselho, seus amigos, o que V. Alteza tambem uza, nem se pòde dar mais honrado premio à virtude, que o titulo d'amizade, e para que todos vejaõ; quam perfeitamente, e com quanta constancia ama a seu povo, ainda que a todos seja notorio, direy duas principaes cousas, que em seu reynado tem feitas, de que se possa comprehender facilmente com quanto amor, e com quanto zelo trabalhou sempre pola conservaçaõ, e descanço geral de seus vassallos.

Huma dellas he cazar-se com a muy poderosa Rainha Dona Catharina Nossa Senhora, e a outra no tempo das grandes fomes, e esterilidades destes Reynos, trabalhar tanto, que seus subditos vivessem abastados. Ardia este Reyno em grandes suspeitas, e receos de males, que se esperavaõ, a guerra parecia certa, os tempos naõ permetiaõ descanço, a vontade dos homens naõ achava repouso algum. Naõ pòde V. Alteza naõ sòmente sofrer os males de seus vassallos, mas nem a suspeita delles, por onde logo no principio de seu reynado, sendo muito mayor seu muito saber, e prudencia do que se podia esperar dos annos, e idade, se cazou com a Rainha nossa Senhora, Irmaã do Emperador Carlos V. deste nome, e para mais liança, e remate de taõ santa amizade, mayormente antre Reynos vezinhos, e comarcaõs, dahi a hum anno lhe deu por molher a Infanta Dona Izabel sua Irmã, dando-lhe com ella taõ grande, e magnifico dote, digno de seu Real coraçaõ, que com razaõ se pòde comparar com as promessas delRey Dario, e liberalidades de Alexandre Magno. Assim que lançado o fundamento da paz, o povo dantes suspenso, e solicito descançou, e vendo

mostra de tanto amor o começou com mais razão d'amar, e tanto cada dia mais o ama, quanto as obras de V. Alteza merecem cada dia mais de serem amadas. Mereceo, que lhe desse Deos a Rainha Dona Catharina nossa Senhora por mulher dotada de toda a perfeição, e santidade de vida, cujas virtudes saõ tantas, e taõ grandes, que melhor se pòdem cuidar, e ver no pensamento, que louvar segundo seu alto merecimento polo qual nem eu me acho assaz eloquente para as poder dizer, e ainda ǫ́ fosse, se deve isto guardar para outro tempo, em que mais conveniente, e copiosamente em seu proprio lugar se possa fazer.

Mas como poderey eu dizer a estremada diligencia, que V. Alteza uzou nos tempos das grandes esterilidades de seus Reynos, mandando vir trigo de diversas partes do Mundo, aventurando grande soma de dinheiro, e suas armadas a tantos perigos, vencendo as dezordens dos tempos, e contraria constellaçaõ do Ceo, porque seu povo não sentisse fome, e vivesse contente, e abastado, com taõ verdadeira piedade, e amor, como se elle somente fora o que sentira? Grande mal he a mingoa das cousas, que muito importaõ à vida, de que nascem mil queixumes, e descontentamento, e por isso tanto mòr louvor merece o Principe, que atalha as necessidades de seu povo. ElRey Herodes filho de Antipatro, por soccorrer a huma tal esterelidade ao Reyno de Judéa, mandou vir muito trigo do Egypto com que abastou aos naturaes, e estrangeiros. Foy amado, e julgado porRey excellente, posto que no tempo atraz, tivesse feito grandes males, e cruezas, e delle se escreve, que em outra esterilidade, quitou a terça parte das rendas, que lhe eraõ devidas; pois com quanta mòr razão merece V. Alteza ser louvado, e quanto mais evidente nos mostra o amor, que nos tem, o qual nas necessidades, e carestias deste Reyno, naõ de terra taõ vizinha, e comarcaã, como era o Egypto de Judèa, mas de Reynos taõ afastados, como saõ Sicilia, e Alemanha mandou trazer à sua propria custa tanta abastança de paõ, e assim a seus rendeiros, naõ sómente em hum anno, mas em todo o tempo tem feitas, e faz cada dia grandes, e muy liberaes quitas? Louva-se o Emperador Trajano, que havendo esterilidade no Egypto por naõ encher o Nilo ordenou que levassem là d'outras partes muita soma de trigo, e assi o Emperador Octaviano, nas fomes de Roma provia

com muito cuidado as necessidades do povo, fazendo vir paõ de muitas partes, o qual mandava dar de graça, ou vender por baixo preço. Mas quanto a esta parte sobre todos he louvado o Emperador Severo, que naõ sómente em quanto foy vivo, trabalhou que em Roma naõ houvesse tal necessidade; mas ainda foy causa, que depois de sua morte, pola provisaõ, que leyxou, vivesse sete annos o Povo Romaõ abastado. A fartura, que he dada polo Principe, como verdadeiramente diz Plinio, he huma mercè perpetua, que sempre dura nas vontades, e o Principe liberal naõ menos aproveita a propria fazenda, que a fama: por isso dizia o Emperador Aureliano, que naõ havia cousa no mundo mais para folgar de ver, que o Povo Romaõ, quando era abastado, nem deu menos gloria ao grande Pompeo a empreza de fazer vir paõ a Roma, que os triumfos, e vitorias, que trouxe d'Oriente.

Sem duvida todos estes louvores cabem em V. Alteza, e nisto se pode ver com quanta razaõ merece ser amado de seu Povo, o qual tanto mais verdadeiramente o ama, quanto mais certo vè, e sabe, que as mercès, que lhe faz, vem de sua propria bondade, sem algum seu particular respeito, que entaõ he verdadeiro o amor quando as boas obras nascem delle só, e naõ da esperança d'algum interesse, mas nem com isto satisfaz ainda o seu muy virtuoso zelo, e santa inclinaçaõ. Novas maneiras, novos caminhos busca cada dia com que tenha mais contente seu Povo, e naõ tendo nos mais, que dezejar, todavia o seu dezejo cresce, e nunca cansa, e satisfazendo a todos, sómente a si nunca satisfaz. Era entrado neste Reyno, polo costumes das sedas, hum mais desordenado gasto no vestir do que cumpria ao bom ensino, e honestidade, e trajo antigo desta Naçaõ, o que vendo V. Alteza de tal maneira o atalhou, e remediou, que elle mesmo foy a ordenaçaõ, someteo sua real authoridade a trajo temperado, e commum, digno da gravidade de seus antepassados, porque naõ sómente com as virtudes d'alma, mas com o exemplo de fóra aproveitasse ao povo, e lhe mostrasse tambem nisto o grande amor, que lhe tinha. O quanto mais luzem, e resplandecem nelle os temperados, e honestos vestidos, que em outros muitos Principes brocados, e forros, e golpes demasiados! Sem duvida tanto mòr verdade he o que digo, quanto no Principe he mais louvada a temperança, que a desordem do appetito. Com

razão deve ser reprehendido Aureliano Emperador Romaõ, que usou primeiro pòr Diadema na cabeça à maneira dos Principes barbaros, e vestio Opas d'ouro tirado, cubertas de perolas, e pedras preciosas, as quaes insignias leyxaraõ depois os Reys Christãos em sinal de humildade.

Que direy dos Moços, que V. Alteza à sua propria custa mandou, e cada dia manda à Universidade de Pariz aprender as Artes liberaes, e Santa Theologia, porque a honra de seu Reyno naõ menos nas Letras, que nas outras virtudes seja por elle acrescentada? Louvado he o Emperador Trajano, por mandar criar cinco mil meninos Romaõs pobres à sua custa, mas tanto V. Alteza he digno de mòr louvor, que Trajano, quanto a doutrina, e ensino das Letras se deve mais estimar, que toda a outra criaçaõ. Nomeada he nas historias a memoria delRey Ciro, que sabia o nome a todos os seus Soldados, e delRey Mitridates, que sabia vinte e duas linguas de vinte e duas Provincias de que era Senhor: tambem Temistocles Capitaõ Atheniense sabia o nome a todos seus Cidadaõs. V. Alteza naõ sómente se lembra dos nomes, mas do merecimento, e preço das pessoas, nem ganha menos a vontade de seus Vassallos com a viveza da memoria, que com a perfeiçaõ das obras. Aquelle verdadeiramente se pode chamar bom, que se preza de boas obras.

A virtude, segundo diz Aristoteles, consiste no obrar, o qual tem jà. A bemaventurança do homem naõ he outra cousa senaõ usar a nossa alma segundo a razaõ quer em toda a vida. Que mòr testemunho do que digo queremos, que o que este dia, e tempo prezente nos pode dar, em que naõ sómente faz mais rica, e populosa com sua presença a sua Cidade d'Evora, mas ainda muy dezejoso de lhe ser causa de mores bens lhe traz novamente a agoa de muy longe com muita abastança, vencendo com arte à natureza, restituindo o cano de agoa taõ necessario, e tantos tempos hà esquecido, e com grande animo suprindo os defeitos do lugar por dar saude, e contentamento aos homens. Ó quam bem se pode applicar a V. Alteza aquelle consentimento geral, que o Povo Romaõ deu ao Emperador Helvio Pertinaz em estas palavras: *Reynando o Emperador Helvio Pertinaz seguros vivemos, ninguem*

tememos, ao Pay piedoso, ao Pay do Senado, ao Pay de todos os bens. Este he o verdadeiro officio do Principe viver para proveito dos homens, isto he, que Deos, e o mundo, e a obrigaçaõ do Sceptro Real requerem.

Por isto vendo alguns, que grande trabalho era reynar bem, escolheraõ antes viver descançados sem Reynos, que reynando serem obrigados, e sugeitos a tantos cuidados. Le-se do Emperador Diocleciano, que vencido do grande trabalho soltou o Imperio Romaõ, e se recolheo a huma sua quinta perto de Veneza, e sendo-lhe requerido por parte do Senado por Herculeo, e Galerio pessoas principaes, que quizesse tornar a aceitar o Imperio, lhe respondeo estas palavras: se visseis meus amigos as ervas, que eu por minhas mãos tenho postas, e na minha orta, certo saõ, que me naõ darieis tal conselho: e naõ hà muito tempo, que Luiz Landrasi, Principe de hum Estado em Alemanha sendo eleito Emperador o naõ quiz aceitar, e quiz antes viver em seu pequeno Estado, que governar o Imperio de Alemanha: antre as escusas, que dava para o naõ poder ser, era naõ saber letras, as quaes dizia serem muy necessarias para o governo da Reepublica Christãa, este foy taõ amigo das leys, que as fez tirar de latim em sua lingoa por melhor as poder entender.

Convida-me neste lugar o tempo a fallar da liberalidade de V. Alteza, que como dizem os Filosofos he graõ parte da justiça, e propriamente pertence aos Reys, e Grandes Senhores, e sabido està com quanto animo usou sempre desta virtude, mòrmente em tempos taõ contrarios, merecendo todo o louvor, que se pode dar a hum Rey Magnifico, e liberal. Acho eu, que os mais dos Excellentes Principes foraõ liberaes: liberal foy Alexandre Magno, e isto em tanto grào, que nos ficou em proverbio. Liberal foy ElRey Cyro, o qual como escreve Xenofonte, dizia que o seu Thesouro estava nos amigos, e assi Julio Cezar o foy tanto, que partindo-se de França, Provincia taõ rica, aonde estivera dez annos por Governador, e naõ tendo com ą fazer a guerra Civil a Pompeo, que pouco antes começara, lhe foy forçado pedir dinheiro emprestado aos Capitães, e Soldados de seu Exercito. Por certo mais real cousa he enriquecer o Principe a outrem, que fazer-se elle a si mesmo rico, e por isso

bem dizia ElRey D. Pedro de Portugal, que o dia que naõ dava, se naõ tinha por Rey. Devese com tudo ter respeito, que esta virtude seja empregada em quem merece, e se verdade he, que toda a liberalidade he justa, quem deste meyo fugir, darà consigo em hum dos extremos, e ou serà avarento, ou prodigo. Escreve-se de Archelao Rey de Macedonia, que pedindo-lhe hum homem de màos costumes, que lhe fizesse mercè d'hum vaso d'ouro, ElRey mandando-o dar ao Poeta Euripedes, lhe disse: Tù es digno, que peças, e naõ te dem, e estoutro he digno, que naõ pedindo lhe seja dado. Por isso reprehende muito Plutarcho aos Principes, que naõ se lembrando dos Criados vergonhosos, e bem ensinados, fazem sómente mercè aos importunos, que naõ tem vergonha, e lhes daõ naõ o que lhes querem dar, se naõ o que lhes naõ podem negar. Mas V. Alteza em todas as partes guarda muy inteira temperança, despreza o dinheiro, mas sómente o despreza nos lugares, e tempos onde he razaõ, edifica Templos sumptuosamente, mas naõ como o Emperador Domiciano, e alguns outros Principes, que nesta parte excederaõ o modo.

Finalmente de tal maneira he magnifico distribuidor de suas riquezas, que sempre se guarda dos extremos, e assi como naõ se esquece da conservaçaõ, e acrescentamento de sua fazenda, assi a fonte de sua magnificencia està sempre aberta para todos seus amigos, e Vassallos. Naõ pode mais claro sinal ser do que digo, que o cuidado, que teve sempre, e hoje em dia tem dos Infantes seus Irmãos, naõ receando cousa alguma por onde se veja, que naõ menos os tem por filhos, que por irmãos, e certo nas obras, e amor, que lhes mostra, naõ hà diferença para elles de Pay para Irmão. Saõ elles bemaventurados carecendo de taõ excellente Pay naõ carecerem de hum tal Irmaõ, o que posto que cada hum mereça por suas muito grandes virtudes, e lealdade, e amor, que lhe tem; com tudo a mòr parte deste louvor se deve atribuir à liberalidade de V. Alteza. Huma das grandes virtudes mais estimadas de Marco Antonio Emperador dos Romãos, chamado por sobrenome o Filosofo, foy esta de quem se escreve, que sendo o Thesouro de Roma gastado, e naõ havendo com que pagar huma grande soma de dinheiro, que se devia aos Exercitos, elle por naõ lançar nenhum pedido, nem dar oppressaõ às Provincias, mandou vender, e pòr em

pregaõ toda a sua bayxella, vasos d'ouro, joyas, e tapeçaria, com que satisfez, e pagou a todos inteiramente.

Muito bem dizia Julio Cesar, que os outros Capitaens venciaõ seus inimigos com crueza, e que elle tinha achado huma nova maneira de vencer, que era clemencia, e liberalidade, e de maneira, que o bom Principe, he hum só remedio da gente pobre, e assi fazendo muitas merces, naõ menos aproveita a si, que aos outros; porque àlem de ganhar verdadeira gloria, dà o dinheiro que sempre hade ter prestes, e achar em seus vassallos quando cumprir, e a este proposito disse muy bem o Poeta Rabirio: Naõ tenho outra cousa de meu, senaõ o que dey. Verdadeiramente diz Tulio naõ ha virtude que mais faça os homens conversaveis antre si, que justiça, e liberalidade. A natureza dos homens he esta, assi se obrigarem polas boas obras que fazem, como polas que recebem. Bem vejo quam escuzado he querer eu confirmar com authoridades de fóra as virtudes de que V. Alteza he taõ novel exemplo; mas he tamanho o meu contentamento, fallando nellas; que pòde mais em mim este appetito, que o receyo de ser polixo, e vendo bem quam poucas vezes se acha hum tal Principe taõ acabado em tantas partes, saõ forçado a me deter em cada huma dellas particularmente.

Tornando a meu proposito, he tamanha virtude esta de que fallo, que muitos Principes viciosos, e perversos com serem sómente liberaes, foraõ bem quistos de seu povo. Herodes filho de Antipatro Rey de Judèa foy cruel contra seus filhos, e de forte condiçaõ, com tudo porque foy liberal mereceo ser obedecido dos seus, e naõ de todo malquistos sohia dizer delle o Emperador Octaviano, e Marco Agrippa, que era mòr o estamago del-Rey Herodes que o Reyno, e que era digno taõ liberal Principe do Reyno de Egypto, ou da Suria. Deve com tudo o bom Rey saber naõ menos acquirir, que despender, e de tal modo temperar esta virtude, que querendo ser muito liberal, naõ venha a dar em prodigo, e desbaratado. Do mesmo Herodes se lè que naõ podendo suprir seus demasiados gastos, e tendo jà despezo todo o seu Thezouro, trabalhava com todos os modos, e vias illicitas roubos, e cruezas para ajuntar outro de novo, e naõ sómente roubava o povo, mas os lugares, e sepulturas antigas. Contaõ delle que ouvindo dizer, que na sepultura

de Rey David fora metido hum graõ Thesouro por mandado delRey Salamaõ, e que Hircano Principe dos Sacerdotes nos tempos passados tiràra della tres mil talentos, que era hum conto d'ouro, e oito centos mil cruzados, Herodes cuidando, que ainda là ficasse muito mais, entrou huma noite secretamente na cova, e sendo chegado aos muimentos da pedra em que jaziaõ os ossos delRey David, e delRey Salamaõ, supitamente da mais derradeira parte della se alevantou huma chama de fogo, que queimou dous homens da sua guarda, que hiaõ diante delle, o que vendo Herodes tornou atraz com grande medo, e em satisfaçaõ da culpa, mandou depois à entrada da sepultura edificar hum muimento de marmore branco de magnifica obra, e despeza, e assi foy castigada a cobiça delRey Herodes.

Este vicio foy a causa, por onde o Emperador Nero veyo a ser taõ màO, e cruel tirano, como foy. Mas naõ deve menos fugir todo o bom Principe do outro, extremo da avareza, que em todolos tempos foy muy reprehendido, e causa de muitos males, e inconvenientes, nem ha cousa que peor esteja a hum graõ Senhor, que ser escaço, polo qual o Idolo de Apolo Delphico em huma reposta, que deu disse, que a Reepublica dos Lacedemonios se perdèra por avareza. E Persio derradeiro Rey de Macedonia por ella se perdeo. O Emperador Vespasiano, sendo em muitas cousas louvado de bom Principe, nesta só foy vituperado. Acha-se nas historias antigas que havia no Reyno da Persia huma ley, que ElRey Ciro fizera, que quando ElRey entrasse em alguma Cidade de seu Reyno, mandasse dar a cada molher cazada huma moeda d'ouro. Depois reynando Ocho Principe muy avaro, e querendo entrar na Cidade d'Especio por naõ pagar a moeda d'ouro, que segundo a ley era obrigado, rodeou os muros, e passou adiante. Foy esta naõ pequena infamia para hum Principe taõ poderoso, e taõ rico. Por certo digno de louvor foy Alexandre Magno, o qual entrando duas vezes na mesma Cidade, de ambas mandou pagar a sua moeda às mulheres, e às prenhes mandou que fosse pago o dobro. Pola mesma causa se louva o Emperador Octaviano, porque vizitando como Pay geral de todas as Cidades, e lugares de Italia, aos Cidadaõs, que faziaõ certo terem filhos, ou filhas, mandava dar hum sextercio, que eraõ vinte, e cinco cruzados.

Por isso trabalhem os Principes por serem liberaes, e tomem exemplo de V. Alteza, nem cuidem que he tão pouco saberem-no ser, e por quanto às vezes com menos trabalho se vingaõ as injurias, do que se fazem as boas obras; a razão disto he: porque a boa obra, quando se faz, soe carregar muito, e a vingança ella consigo tras contentamento. Lembrem-se que se Pompeo, e Scipiaõ triunfaraõ taõ mancebos, e se Valerio Corvino foy feito Consul de vinte, e tres annos, que naõ sómente com serem cavalleiros, mas com serem liberaes sobiraõ em taõ pouco tempo a tanta honra, e authoridade. Tenhaõ porèm na lembrança, e avizo que fujaõ, como disse, dos extremos, nem sendo avarentos, nem prodigos, o que se olharaõ os mais antigos Emperadores d'Alemanha, pola ventura naõ consentiraõ, que Cidades por taõ pequeno censo, e tributo se fizeraõ livres, donde nasceo ousarem depois os socios alevantarem-se contra o Duque d'Austria, e os povos cobrarem tanta ouzadia, e coraçaõ contra o mesmo Emperador, porque sendo partida Alemanha em quatro partes Soiços, Terras francas,.....e Terras Impereaes, por esta sobeja liberalidade, que a todos foy comunicada, vieraõ a estimar pouco o Emperador, e a terem huns com outros mil guerras, e diferenças, dos quaes males, como jà disse, foraõ causa os primeiros Emperadores, que querendo fazer grandes merces ao povo excederaõ o modo, e cuidãdo de aproveitar os vassallos, fizeraõ muito danno a si, e a seu estado, e authoridade. Nem me pòde a mim parecer bem aquella opiniaõ do Emperador Tiberio Cesar, que os Governadores depois de ter governado muito tempo eraõ melhores, que os que entravaõ de novo, e dizia que os de muito tempo, sendo jà ricos, roubavaõ menos, os que começavaõ indo pobres metiaõ mais a maõ, e era mais prejudicial às Provincias. Mào Regimento, e mà atençaõ, (segundo meu fraco entender) era esta tomar por remedio do roubo, e tirannia a continuaçaõ do tempo, e naõ bom ensino das leys, sem duvida mais louvor merecèra Tiberio, ordenando sua Reepublica de maneira que ninguem fora ousado de roubar. Que louvor darey a bondade, e santa inclinaçaõ, e ao trabalho continuo sem nenhum repouso, à clemencia, e humanidade de V. Alteza?

Se eu este Panegyrico escrevera em alguma terra muy afastada de nòs, onde o seu nome ainda naõ chegàra, pola ventura receando

de me naõ darem credito, ou temperara taõ grandes louvores, ou os leyxara de dizer. Mas fallando isto em parte aonde saõ taõ claros, e manifestos, naõ recearey dos celebrar em quanto puder, porque sey que assim como naõ posso dizer tanto, que satisfaça a verdade, e contente meu dezejo, assim heyde ter a todos por testemunhas, e assaz me parecerà, quam ditozo som, se vir, que nesta obra ao menos he recebida minha vontade, que do mais bem vejo que naõ pode o estillo ser igual a taõ alto merecimento, posto que naõ sinto eu parte, em que jà senaõ achem muitas testemunhas do que digo. Cheyo està o Mar Occeano, cheyo està Levante, e Ponente da grandeza de suas obras, e assim de seu louvor. Naõ se pòde hum Reyno prosperamente governar, sem muito trabalho, assim na justiça, e partes della, como em todalas outras virtudes. E se a vida do homem, como dizem alguns, he vigia, quanto mais o deve ser a do Principe. Por tanto V. Alteza muy solicito, e diligente, na conservaçaõ do seu povo, depois que entrou na governança delle, naõ em huma só parte de negocio, mas em quantas occorrem, e cumprem a seu estado, nunca cançou, nem cança, com que sendo aceito a Deos possa aproveitar aos homens, e ganhe memoria para sempre.

Naõ he piqueno trabalho o que tem todo o bom Principe no tempo da paz, e quanto o repouso, e descanço, que della nasce he mayor, tanto os homens pola mayor parte saõ peores, senaõ ha quem continuamente os possa, e saiba emmendar, e he isto taõ necessario, que às vezes a huma Reepublica, que vive em muita ociozidade, aproveita verse em alguma fadiga, porque com os trabalhos, e perseguiçoens a gente se emmende, e leixando os màos costumes, se torne ao verdadeiro caminho, como dizem que aproveitou muito a Roma ser tomada dos Francezes em tempo de Camillo, com que os Romaõs espertaraõ, e tornaraõ a renovar a virtude antiga, que jà nelles hia faltando, e porque naturalmente todalas cousas vaõ diminuindo, cumpre naõ huma vez, senaõ muitas, serem as Reespublicas tornadas a seu principio, quero dizer, serem tornadas aos bons costumes com que foraõ fundadas. Antigamente sohia dizer Apio Claudio Cidadaõ Romaõ, que melhor hia ao povo Romaõ no tempo da guerra, que no da paz, naõ porque naõ soubesse quanto melhor estado era o da paz, mas porque via

os grandes Reynos, e Imperios com o trabalho, e exercicio das armas hirem por diante, e com boa vida tornarem atraz.

Da mesma tenção era Quinto Mettelo, Pay de Mettelo, chamado o piedoso, quando disse, que se naõ sabia, determinar, se terem os Romaõs vencido a Cidade de Carthago era mais damnoso à Reepublica, ou mais proveitoso, porque com a vida de Anibal Italia espertara do sono, e depois da victoria havia medo que tornasse a dormir. Por isso cumpre ao bom Principe no tempo da paz ser taõ diligente, que a justiça, e bons costumes se conservem, e sejaõ afastados os males, que o descuido da longa paz soe trazer consigo. A muita confiança naõ o faça desapercebido, e a muita confiança não o faça màо de sofrer: nas cousas prosperas naõ use menos do conselho de seus amigos, nem lhes dè entaõ menos credito, que nas contrarias. E no mesmo tempo se deve guardar dos lizongeiros, e isto tanto mais, quanto este engano he mais sotil, porque as mais vezes os homens quando saõ lizongeados, cuidaõ que lhes fallaõ verdade, e dessa presumpçaõ, ou opiniaõ falsa nascem muitos erros, que cada dia crescem, quando naõ saõ atalhados. E porque a prudencia he saber o homem as cousas, que se devem fazer, e o saber consiste no entendimento das cousas divinas, e humanas, cumpre muito ao bom Principe, que dè alguma parte do seu tempo, e cuidado ao conhecimento desta virtude, màrmente tirando-se della grande fruto, e dizia Plataõ, que entaõ seriam bemaventuradas as Reespublicas, quando, ou os Filosofos reynassem, ou os Reys fossem dados à Filosofia. Mas posto que todo o bom Principe seja obrigado a saber todas as partes do bom governo, muito mais obrigado he aquelle a que este cuidado vem como por herança de seus Avòs: porque assi como os Pays naõ podem leyxar aos filhos mais honrado patrimonio, que a gloria de virtudes, e feitos excellentes, assim os filhos com todalas suas forças devem, seguir o exemplo dos bons Pays, e fazendo o contrario naõ hà culpa, nem infamia de que naõ sejaõ dignos.

Deve o prudente Governador, quanto nelle for possivel, tirar os màos costumes da terra, antes que criem raiz, que depois naõ lhe aconteça, como aos Fisicos na cura dos Eticos, cuja enfermidade no começo he boa de curar, e mà de conhecer e no fim he boa de

conhecer, e mà de curar. E quando os Cretenses antigamente queriaõ rogar alguma grande praga a seus inimigos; diziaõ, que ainda os vissem folgar com màos costumes. Naõ deve o Principe ser esquecido do que toca a toda huma Reepublica, e se este defeito em huma pessoa particular se estranha tanto, que deve ser em quem representa todo o povo? Dizia Scipiaõ Africano, que era mà escusa no tempo da guerra dizer o Capitaõ quem houvera isto de cuidar? O que tambem se pode aplicar ao tempo da paz; porque na guerra a muita diligencia faz às vezes danno, e por isso dizia o mesmo Scipiaõ, que nunca se devia dar batalha, senaõ com grande vantagem, ou necessidade, mas no tempo da paz naõ he assi, no qual nunca a diligencia pode ser tanta, que naõ seja toda necessaria, para a conservaçaõ dos bons costumes. Trabalhe o bom Principe, que a sua vida seja aos subditos, como huma regra direita de bom viver, como dizia o Filosofo Xenocrates. Naõ hà cousa mais fóra da razaõ, nem que peor pareça, que vivendo bem os Vassallos, viverem os Senhores mal, e como acima disse as mais vezes vemos, que as Cidades, e Povos seguem a vida, e costumes de seu Senhor. Quanto a pessoa he mais illustre, tanto o erro, que cõmete, he havido por mayor. E como diz S. Joaõ Chrisostomo, as culpas se sóem a medir naõ pola quantidade do peccado, mas pola dignidade do que pecca.

Que grande contentamento deve ser o do bom Principe, vendo-se limpo, e apartado de todo o vicio, e não tendo feito, nem fazendo cousa alguma, de que naõ possa dar boa conta de si, e muy digna de ser recebida, darlhe-hà contentamento sua mesma consciencia: dar-lhoaõ seus amigos, sendo delles louvado verdadeiramente, dar-lhoaõ seus Vassallos em o seguirem, e tomarem seu exemplo, finalmente dar-lhoaõ seus contrarios, e os que lhe quizerem mal, os quaes buscando em que o possaõ reprehender, tanto mòr paixão haõ de levar, quanto menos acharem cousa em que com razaõ o possaõ fazer. E quem estas partes no Regimento da Reepublica prudentemente conservar, sem duvida terà muito, e continuo trabalho, mas elle conseguirà o verdadeiro fim de bom Principe. Por isso naõ sem causa V. Alteza sendo como he em tudo taõ acabado, vigia continuamente, aplicando seu entendimento a todos os cuidados, porque nòs vivamos descançados: o fruto, que jà disto

recebe he taõ grande, que o esperta a passar esta carreira animosamente, o trabalho se ajuda da vontade, o bom natural se aproveita de muita arte, e assim como o bom Capitaõ deseja sempre novas victorias, e o bom Piloto naõ se contenta com o que sabe, vay por diante descobrindo novos mares, e terras, o que cada hum destes faz pela gloria, que espera, alli o bom Principe naõ receando nenhum trabalho, nunca cança, nunca repousa, ora fazendo leys, ora inventando novas maneiras proveitosas ao bem do seu Povo, e Estado, ora competindo com os melhores Principes, e trabalhando por lhes levar ventagem: o que tudo faz naõ por algum interesse desta vida, mas polo fim, e bemaventurança, que na outra deste trabalho espera.

Artaxerxes Rey da Persia, filho delRey Xerxes, a que os Gregos chamaraõ Cyro, e os Judeos Assuero, foy muito nomeado antre os Persas, delle se conta, que jazendo huma noite na cama, e naõ podendo dormir por naõ perder aquelle tempo mandou chamar hum Secretario, e que trouxesse os livros dos memoriaes, em que estava escrito o merecimento, e galardaõ de cada pessoa, o qual vindo se achou, começando a ler logo hum, que por serviços, que fizera a ElRey houvera humas terras em satisfaçaõ, e mais adiante acharaõ outro, que recebera mercè de dinheiro, e estes ambos tinhaõ asignado no livro como he costume, e chegando a hum Mardocheo, que os tempos passados descobrira huma traição, que estava ordenada contra ElRey; perguntou Artaxerxes se a este fora feita alguma mercè, e respondendo o Secretario, que o livro estava em branco, fez ElRey a mesma pergunta a hum grande seu privado, que estava prezente chamado Amaõ, o qual tambem naõ sabendo nada, Artaxerxes espantado de tamanho descuido, mandou logo chamar ao mesmo Mardocheo, e o fez vestir de vestiduras Reaes, e lançar-lhe hum Colar de ouro ao pescoço, e no dia seguinte quiz, que fosse levado com grande pompa por toda a Cidade, e porque seu privado Amaõ fora taõ descuidado em cousa, que tanto lhe cumpria, mandou, que elle mesmo fosse pelas ruas diante de Mordocheo, apregoando, que o mòr premio da honra se dava a Mardocheo polo mòr serviço. A mesma diligencia teve em governar o mundo o Emperador Cesar Octaviano, porque em quanto viveo, sempre ordenou cousas muy proveitosas à sua Reepublica, e antre

outras escolhendo por authoridade do Senado dez pessoas, que o ajudassem, constrangeo a todos os Cavalleiros de Roma, que viessem perante elle dar conta, e razaõ de sua vida, e os que a naõ deraõ boa, parte castigou com pena, e parte fez infames, e outros reprehendeo de palavras: o mais brando castigo de todos foy meter na maõ, a quem naõ achava taõ culpado, hum pequeno escrito de reprehensaõ, que logo o mesmo havia de ler antre si em presença do Emperador, e nisto Octaviano seguio o exemplo de Amasis Rey do Egypto, segundo conta Herodoto, que fez huma Ley, que sobpena da vida, todo o homem cada anno perante Juizes Deputados fosse obrigado a dar razaõ de sua vida, e o mesmo costume passou depois Solon Filosofo às leys dos Athenienses. Mandou Cesar Augusto soltar todos os devedores a que seus acredores tinhaõ presos na cadea naõ por esperar paga alguma, naõ tendo elles de seu nada, mas para tomar huma sobeja, e dura maneira de vingança, e foy em tudo taõ prudente, que naõ sómente na vida, mas tambem na morte teve respeito ao bem cõmum. Escreve-se, que leyxou tres livros feitos por sua maõ, o primeiro do que pertencia a seu enterramento, o segundo lembrança de todas as cousas, que fizera, no terceiro se continha huma breve instrucçaõ de todo o Imperio, quanta gente de peleja ficava no campo, quanto dinheiro deixava, quanto se devia das rendas publicas, e assi o que deviaõ seus criados, e procuradores a Reepublica, para que em todo o tempo por este livro lhe podesse ser tomada conta.

Quem leyxarà de louvar a verdadeira clemencia, e humanidade de V. Alteza, que naõ menos usa com os grandes, que com os pequenos em tudo sempre conservando, o que cumpre a sua real authoridade? Proprias virtudes saõ estas de bom Principe Christaõ, que sempre deve trabalhar de naõ ser aspero, nem so berbo ao povo, nem lhe dar mais opressaõ daquella, que cumpre para o bem, e conservaçaõ da justiça, e polos males, que do contrario disto em algumas partes nascem, se pode ver bem, quanta verdade digo. Huma das mòres virtudes, que houve em Julio Cesar foy a Clemencia, e a mayor, que houve em Tito filho de Vespasiano, foy a mansidaõ de que nasce toda a liberalidade, e comedimento. Sóhia dizer este Emperador Tito a seus amigos, quando passava algum dia, sem fazer mercé, que perdera aquelle dia. Octaviano foy taõ

clemente, e piedozo, que mandou queimar todas as obrigaçoens, e conhecimentos de dividas velhas, que se deviaõ à Reepublica, donde claramente se pòde ver, que assi como das palavras asperas, e soberba condiçaõ nasce crueza, assi da clemencia, e mansidaõ vem todo o bom respeito, e liberdade.

Differentes cousas saõ antre si, como diz Plinio, Senhor, e Principe, nem ha Principe que mais contente ao povo, que o que menos se lembra que he Senhor. Antigamente este nome de Senhor era odioso, e offendia muito, e polo contrario o nome de Principe era aceito. Por onde Alexandre Emperador Romaõ defendeo que o naõ chamassem Senhor, e como diz Seneca, os antigos querendo abrandar dos nomes asperos, que eraõ escravo, e Senhor, chamavaõ Pay de Familia ao Senhor, e ao escravo chamavaõ familiar. Escreve-se de Octaviano, que mandava ter as portas abertas, a quem o quizesse vizitar, e recebia com tanta humanidade, e taõ boa acolhença os homens, que chegando hum dia a elle hum Romaõ pouco desenvolto, e dando-lhe huma petição com muito pejo, o Emperador lhe disse rindo-se que parecia homem, que dava ceitil a Elefante. Antre os principaes louvores de Trajano era hum que todos podiaõ entrar onde esse estava, e louva Pacato em hum seu Panegyrico ao Emperador Theodosio de muy brando, e humano para todos. Com a mesma humanidade sohia Cesar Augusto hir vizitar, e consolar a muitos em pessoa, sabendo bem a consolaçaõ do Principe ser de muita força, e virtude para abrandar os coraçoens dos homens.

Que direy da bondade de V. Alteza, que naõ sómente em seu reynado, mas em todo o tempo de sua vida nos mostrou, naõ fallo agora d'quella bondade, que he nome geral, e vem a ser huma mesma com a virtude, mas da outra particular bondade, ą tambem se chama santa inclinaçaõ, ou zelo virtuoso, e desta V.A. tem tãta parte, que a execuçaõ della tem convertido em sua propria natureza? Xenocrates excellente Filosofo da Seita dos Stoicos, que segundo diz Tulio melhor fallaraõ das virtudes, que todos os outros, sendo perguntado que podiaõ delle seus Discipulos aprender? Respondeo: fazerem por sua vontade o que os outros fizessem com medo das leys, e Xenocrates cuidava, que naõ podia alcançar

perfeita virtude sem muita doutrina. Quanto mais de louvar he, quem de seu natural, e sem nenhum mestre, nem preceitos de Filosofia póde alcançar per si o que poucos sabedores, ajudados de tantos mestres em muito tempo, e com grande trabalho se poderaõ alcançar?

Esta tamanha ventagem nasce (se me eu naõ engano) da bondade que digo, e venturosa inclinaçaõ das pessoas, a qual se em todo o homem he louvada, quanto mais no Principe o deve ser? Com muita cauza he nomeada a bondade do Emperador Trajano, que foy tanta, que ficou em proverbio, taõ bom como Trajano, e acho eu, que sendo elle hum dia publicamente louvado no Senado, e sofrendo mal por sua temperança tal maneira de louvor, hum Senador lhe disse em voz alta: Emperador Trajano lembrate do que fazes, e veràs o que dizem de ti; escreve-se delle, que naõ quiz nunca ser Censor, sendo este hum dos principaes Officios de Roma, e de mais authoridade, que os maes de seus ancessores o quizeraõ ser, e com elle se castigavaõ os màos costumes dos nobres, e da outra gente. Mas Trajano, vendo que o exemplo de sua vida aproveitava mais ao povo, que nenhum Càrrego de Censor, ouve por escusado querello aceitar, e porisso se disse, que a vida honesta do Principe he censura; a esta olhaõ os vassallos, a esta seguem, nem tem tanta necessidade de Officiaes que os castiguem, quanta do bom exemplo de quem os manda. Mestre aspero, e pouco fiel da gente he o arreceyo das leys, melhor aprendem os vassallos dos bons costumes, e virtuosa atençaõ de seu Principe, o qual antre outros bens tem este, que confirma com seu exemplo poder-se fazer o que mandaõ as leys que se faça: e naõ a outro fim os antigos Romaõs sohiaõ a pòr nas sallas, e cazas dianteiras as imagens, e estatuas de seus Avòs, que em alguma virtude, ou parte da vida foraõ dignos de memoria, porque com isto sendo elles mais lembrados, trabalhassem por seguir, e reprezentar o que os taes fizeraõ. O Rey vicioso todas as boas partes lança do Reyno naõ menos com lhes querer mal, que com poder muito, e com seus vassallos naõ ousarem a hir-lhe à maõ.

V. Alteza todas as virtudes tem abarcadas consigo nos seus olhos, nas suas orelhas, no seu coraçaõ as traz sempre, uzando do

que ellas mandaõ, e tanto as ama, tanto quanto se prezaõ delle. Jà vemos por experiencia a principal defençaõ do Reyno pender da bondade, e santa inclinaçaõ do Principe. Jà vemos por de mais ser cercado de armas, o Rey que naõ he cercado de amor de seus vassallos; mas porque as merces quando saõ feitas aos bons acrescentaõ a virtude, e polo contrario se saõ feitas aos màos a maldade cresce, e a virtude perde sua força, elle nesta parte uza daquelle estremado juizo, e discriçaõ, que delle se espera, naõ se apartando nunca da temperança, e afastando-se dos extremos. DelRey D. Sancho de Portugal, chamado Capelo, se escreve, que por ser muito bom, e piedozo, foy màо a este Reyno, e se perdia em seu tempo a justiça, nem cuido eu que Alaxandre Magno fosse movido de verdadeira bondade, quando fez a hum Ortelaõ Rey de Sidonia. Por certo melhor exemplo poderiamos tomar da vida de Antonino Emperador de Roma, que foy chamado piedozo, o qual com a fama da sua virtuosa inclinaçaõ, e perfeita vida governou tamanho Imperio pacificamente vinte, e tres annos, por isto todos os Reys, Povos, e Naçoens o temiaõ, e amavaõ mais como o Pay, e defensor, que como a Senhor, e Emperador: a elle sendo vivo se encomendavaõ como a Deos, a elle tomavaõ por Juiz em todas as suas diferenças: os Reys da India, os Reys da Persia, e de todo o Oriente, ouvindo sua fama o mandavaõ vizitar por seus Embayxadores com ricos prezentes, naõ por medo, ou necessidade, que delle tivessem, sómente polo gosto, que levavaõ de ter amizade com taõ virtuoso Principe. Naõ errarão os que em Castella, e Portugal fizeraõ historias de Cavalleiros d'aventura em os fazerem zelozos, e inclinados à virtude, tirando as semrazoens da terra, defendendo, e amparando as Viuvas, e Donzellas, o que tambem segundo muitos escrevem, fizeraõ Theseo, e Hercules, e outros muitos, que floresceraõ nos tempos, a que os Gregos chamaraõ heroicos. Mas antes que deste lugar me parta, naõ leyxarey de trazer à memoria o Cid Ruy Dias, cuja bondade, e cavallaria foy tanta, que mereceo, que o graõ Soldaõ do Egypto o mandasse vizitar com ricos presentes, e que suas filhas, que os Infantes de Carriaõ primeiro engeitaraõ, viessem depois a ser cazadas com os Reys de Aragaõ, e de Navarra.

Se tão louvado foy hum bom Cavalleiro, quanto mais o deve ser hum bom Principe, e se hum màо Principe sem embargo de ser tal, toda via pola dignidade real he muy acatado, que veneração, que honra, que gloria merecem todalas partes da justiça, cuja parte he esta virtude de que trato? Escreve-se dos Romaõs, que sendo grandes contrarios, e inimigos do nome real, com tudo acatavaõ muito aos Reys, e se algum Rey era prezo em guerra, ou batalha, lhe naõ davaõ morte, mas depois de triumfarem delle o tinhaõ prezo, avendo por grande mal pòr a maõ em pessoa de tanta authoridade; por isso trabalhe todo o bom Principe, pois o seu officio he de tamanho pezo, de tanto mais ser limpo, e apartado de todo o vicio, quanto as virtudes, e culpas se vem nelle mais claro: peor està huma nodoa em huma Oppa de brocado, que em hum vestido mais baixo, e peor a hum grande Senhor, que a hum homem do povo.

Tem alguns que as Reespublicas, e Cidades se devem fundar em lugares esteriles, porque todos trabalhem, e fujaõ a ociosidade; outros tem que he melhor edificarem-se nos lugares fertiles, e abastados, e dizem que nestes pòde haver leys com que se atalhe o muito folgar, exercitando-se a gente nas cousas que cumpre a guerra, como fizeraõ os Mamelucos no tempo que havia graõ Soldaõ, os quaes povoando terra taõ viciosa, e farta, com tudo naõ leixaraõ nunca ser avidos por valentes homens, e com isto puderaõ sustentar o estado do Egypto por espaço de quatrocentos annos.

Mas leixando esta questaõ para outro tempo como agora naõ muito necessaria, eu para mim tenho que nenhuma cousa pòde fazer bemaventurada huma Reepublica, senaõ o bom Principe, o qual entaõ pòde, e merece ser chamado bom, quando for justo, e porque como diz Aristoteles, a vida do que bem obra ella por si lhe dà inteiro contentamento, nem he bom o que naõ leva gosto de bem obrar, sem duvida leixando à parte a gloria deste Mundo, tanto mais contente deve viver o bom Principe obrando bem, quanto mais, e màres cousas obra que os outros. Isto, e isto dezejaõ as leys, que os vassallos, e Cidadoens antre si sejaõ conservados, e vivaõ sem nenhum perigo, huns como os outros, e os que o contrario fizerem, que sejaõ punidos com morte, e desterro, prizaõ, e perda de sua fazenda, isto muito mais requere a mesma razaõ da natureza, que

he huma ley Divina, e humana, e quem lhe obedecer (o que todos devem fazer) nunca dezejarà o alheyo, nem quererà ver a outrem, o que naõ queria ver a si mesmo. Em fim isto dezeja aquella justiça Senhora, e Rainha de todas as virtudes, que o proveito seja universal, o qual naõ se pode chamar proveito, quando naõ for justo; por isso se os Filosofos antigos vendo, que naturalmente os homens nasceraõ para obrar bem tinhaõ esta opiniaõ quanto mais a devemos nòs ter, que fomos alumiados da verdadeira Fè de Christo? O Principe, que estas partes tiver, eu naõ sey como naõ vivirà muy contente. Muy contente vivia o Emperador Antonino, quando disse, que queria antes dar vida a hum Cidadaõ seu, que matar a mil de seus contrarios. E contente era Licurgo quando ordenou as Leys da Republica Spartana, o qual sem duvida mereceo mòr louvor em as ordenar, do que Lizandro, e Pausanias Nobres Capitaens da mesma Cidade mereceraõ em pellejar valentemente.

Havia entre os Gregos hum proverbio, que a saude era a melhor cousa, e a justiça a mais fermosa, e alcançar o homem a cousa mais desejada he de mòr contentamento, mas Aristoteles todas estas tres cousas dà à bemaventurança do homem, que segundo elle affirma he obrar virtude em todo o tempo da vida. Que mais fermosa cousa pode ser, que a justiça, e partes della, as quaes todas luzem em V. Alteza como em hum claro espelho, se naõ cuidamos, que ha hi outra fermosura senaõ a que parece aos olhos bem, mas (se naõ me engano) mais fermosa he a virtude, que com os olhos d'alma se contempla, polo qual bem disse Marco Tulio, que se a virtude d'alma pudesse ser vista com os olhos de fóra, que naõ haveria ninguem, que por ella se naõ perdesse, e se esta geral fermosura das pessoas naõ tem mais credito, naõ he por defeito da virtude, mas por falta do nosso entendimento, o qual andando cego, e envolto na prizaõ deste corpo as mais vezes se engana, e assi os olhos de fóra podem mais, e tem mòr jurisdiçaõ, que os d'alma. Chamava Socrates à fermosura das mulheres tirannia de pouco tempo, e Theofrasto engano dissimulado, e Plataõ privilegio da natureza, e Theocrito engano de marfim, e Carneades Reyno solitario, todas estas diffiniçoens quadraõ à fermosura do corpo, e porèm a da virtude dura para sempre, e naõ hà nella engano, nem

tirannia, nem dissimulação, mas quanto mais velha se faz, tanto melhor parece, e tanto mais verdadeira, e amiga se mostra do homem. Que melhor cousa pode no mundo haver, que justiça, que fé, que liberalidade, que serem os màos castigados, e os bons haverem galardaõ. E assi como o homem usando da virtude he nesta vida bemaventurado, assi para ser mal aventurado abasta, que queira mal, e que seja contrario à justiça.

Eu bem vejo, que naõ he piqueno trabalho vencer os apetitos; pola mòr parte se soem de vencer, quam mal as grandes dores se podem dissimular. Com tudo lembre-se o bom Principe, que nunca muito custou pouco, e que a virtude de sua natureza he trabalhosa, da qual como dizia Aristoteles, a raiz he amargosa, e o fruito he doce. O mesmo zombava dos Athenienses, porque gabando-se, que foraõ os primeiros inventores do Paõ, e das Leys, dizia Aristoteles, que do Paõ se sabiaõ aproveitar, e das Leys se leyxavaõ esquecer, e por isso mal pode hum Principe fazer justiça, se elle mesmo naõ for justo. E he tanta a força da virtude, que atè Epicuro, que poz a bemaventurança na deleitaçaõ, leyxou dito, que naõ podia ninguem viver contente naõ sendo justo. Mal me poderà a mim ensinar quem naõ olha o que faz, e mal me poderà mostrar o caminho, quem vay errado como eu. Naõ deve o Rey peccar com intençaõ de que depois se emmendarà, que quanto mais tarda o remedio, tanto os vicios criaõ mòr raiz, e saõ peores, e guarde-se naõ lhe aconteça, como soe dacontecer a quem por algum dezastre cahe d'algum lugar d'alto, porque vendo-se cahir, e querendo-se valer d'alguma cousa, ou pegar, que o tenha, jà naõ pode resistir ao grande impeto da queda, que o leva. Antre as virtudes, que saõ necessarias para naõ somente o Principe, mas qualquer homem ser justo, sempre o primeiro lugar foy dado à prudencia: esta consiste no conhecimento da verdade, e em naõ cuidar o homem, que sabe o que naõ sabe, e o despender o tempo em cousas, que naõ relevaõ, nem servem de nada. Grande perfeição dà esta virtude ao entendimento, espertando a vontade ao bem obrar, e sem elle nenhuma das outras se poderà soster.

Por isso opiniaõ he dos Filosofos, que quem tiver discriçaõ, que terà todas as virtudes, mas porque a prudencia està partida em tres

partes: aconselhar bem, julgar bem, e mandar bem, tanto ellas em si seraõ mais estimadas, e aceitas, quanto o proveito, que dellas nascer, for mais universal, e por isso o Principe prudente de que pende o bem, e descanço de todo o povo, he digno de mòr louvor, que os outros homens. Diz o Poeta Hesiodo, que aquelle se pode chamar perfeito, que sem ajuda de ninguem por si conhece a verdade, e logo a poz este, o que sabe tomar o bom conselho, mas quem naõ alcança nada per si, nem quer ser aconselhado d'outrem, que este tal naõ tem saber, nem aproveita a si, nem a Reepublica. Em todalas partes da prudencia V. Alteza he taõ perfeito, como nas outras, que já disse da justiça, nem poderia ser tão justo, senaõ fosse taõ prudente. Notorio he a todos com quanto saber, com quanta diligencia se aconselha em todalas cousas importantes a seu Estado, e a o bem destes Reynos, como esquecido de todo folgar, e passatempo, al naõ cuida, em al naõ trabalha, senaõ em buscar meyos para conhecer o que he bom, e em saber qual he melhor, é depois de sabido em o pòr por obra. Com tal aviso Themistocles Atheniense conservou a liberdade de Grecia, e os Romãos poderaõ conquistar, e governar tamanho Imperio, e muito bem diz o Poeta Homero, que o Principe, que tem grandes negocios, naõ deve dormir toda a noite.

O Rey, como diz o Filosofo Xenocrates, que naõ menos reyna para ti, que para os outros, o Rey que ha de ter seu povo livre de todo mal, e descançado, cumpre-lhe, que naõ creya nenhum falso contentamento, e de tal maneira vença seus appetitos, que os Vassallos obedecendo a elle, obedeçaõ à virtude, e naõ he menos cousa real vencer-se o Rey a si mesmo, que vencer batalhas campaes, e cumpre-lhe naõ dezejar, nem buscar louvor daquellas cousas em que os màos homens podem ter preço, por quanto o caminho do verdadeiro louvor he a mesma virtude. Cumpre-lhe trazer muitas vezes à memoria os aquecimentos, e feitos passados, assi dos Reys, e Principes, como das pessoas, que o naõ saõ. E desta maneira quem souber o passado, julgarà mais prudentemente o que està por vir. Finalmente cumpre lhe lembrarse em todo o tempo, que he Rey, e aconselhar-se naõ sómente do que ha de fallar, é porque os lizongeiros saõ muy contrarios do verdadeiro conselho, naõ nos ha de sofrer em sua casa, mas ha de lançallos de

si. O Emperador Trajano a quantos soube, que sohiaõ no tempo passado, por pedir a fazenda alhea mexiricar alguem com o Principe, desterrou, e fez embarcar em Navios, e passar por huma grande tormenta a humas Ilhas desertas. Tiberio Cesar em quanto foy vivo Octaviano nunca fez cousa sem conselho, seguindo o exemplo, e authoridade de taõ singular Principe, por onde suas cousas hiaõ àvante, assi na guerra, como na paz era bem quisto, e dava de si muita esperança, mas depois que morto Octaviano veyo elle a ser Emperador, usando mal do grande poder (porque quem muito pode as mais vezes muito erra) e não se aconselhando como d'antes, veyo a dar consigo em toda a cruesa, e deshonestidade da vida, e apparecer nelle os grandes vicios, que a reverencia, e acatamento do Emperador Augusto, e o conselho dos seus amigos muito tempo tiveraõ encubertos.

Sohia dizer Marco Antonino Emperador Romaõ, quando entrava em conselho, que mais razaõ era, que elle só seguisse o conselho de tantos, e taes seus amigos, que naõ que elles seguissem o parecer delle, e Agamenon Rey dos Gregos no cerco de Troya, pedio a Deos, que lhe desse outros taes dez conselheiros, como era Nestor, o qual por sua longa idade, e experiencia excedia no arrayal dos Gregos. Se Pithagoras manda, que todo o homem tenha na vida respeito a dous tempos, que saõ manhãa, e tarde, quer dizer, que pela manhãa nos lembremos do que havemos de fazer aquelle dia, e à noite do que jà temos feito, e se Cleobulo hum dos sete sabedores leyxou dito, que antes que sahissemos de casa, cuidasse-mos o que haviamos de fazer, e depois de tornados tomasse-mos conta a nòs mesmos do que tinhamo feito, se estes preceitos foraõ dados a qualquer pessoa particular, que conselho, que cuidado deve ser o do bom Principe, a quem toca o Regimento de tanto numero de gente? Naõ diz em balde o proverbio mais vem dous olhos, que hum, o que Aristoteles confirma, e o mesmo diz, que poucas vezes acontece, quando muitos daõ conselho, que algum delles naõ acerte. Se pudesse ver o Principe os defeitos, males, e fraquezas dos homens, e se por alguma graça, ou privilegio Divino pudesse entrar nos pensamentos, e julgar taõ claramente as vontades, como julga o que vè de fora, sem duvida acharia ser verdade o que digo, e veria quam necessario he ao bom

Governador entrar muitas vezes em conselho para com elle soccorrer, e acodir a todos os perigos, e necessidades de seu povo. Escreve-se de Solon hum dos sete Sabedores de Grecia, que vendo andar hum seu amigo muy triste, e enojado por grandes payxoens, o levou ao Castello de Athenas, que era no mais alto da Cidade, e dahi lhe rogou, que lançasse os olhos, por todos os edificios, e cazas, que daquelle lugar podia ver, e então lhe disse: cuida agora meu amigo, quantos trabalhos, quantos cuidados, quantas tribulaçoens ouve sempre de baixo daquelles telhados, e os que agora tambem ha, e os que ao diante seraõ, e cuidando bem isto, naõ chores os males, que a todos saõ geraes, como se a ti só fossem particulares, e com esta consolaçaõ nos mostrou as Cidades, e Reespublicas serem huns parques, e encerramento de muitos cuidados. O mesmo Filosofo dizia que se os males de todos os homens se ajuntassem para depois igualmente se averem de repartir antre todos os homens, que antes cada hum tomaria, e escolheria levar os seus para sua caza, que tomar de todos juntos a parte, que a cada hum coubesse.

Outro grande Filosofo, chamado Eraclito, doendo-se das mizerias dos homens, nunca outra cousa fazia, senaõ chorar. He causa clara, que nenhum Reyno naõ pòde durar muito sem ajuda de Principe, que tenha bom conselho, mas cumpre que os conselheyros sejaõ verdadeiros, e amigos de Deos, e que saybaõ, e naõ sejaõ de pouca idade. Sohia dizer Socrates muy prudentemente, que a Deos deviamos somente pedir que nos desse o que fosse bem, porque elle somente via o que era bem, mas que os homens pola mòr parte dezejavaõ o que seria melhor ǫ naõ ouvessem, e o mesmo dizia que era grande atalho para a verdadeira gloria, que fossemos taes, quaes queriamos parecer a outrem, porque com Deos naõ he necessario estar em muitas praticas, nem dar lhe razoens do nosso dezejo; mas a verdade de leyxar tudo em suas maõs, e quanto a esta parte brevemente lhe pedir, que faça o que mais vir, que he necessario, que he seu serviço, mas no negocio dos homens, por andar a verdade as mais vezes encuberta, cumpre primeyro que se a cousa ponha em obra, que seja comunicada, e examinada com os amigos, e comparando os tempos, e aquecimentos, que se vejaõ as razoens, e busquem os meyos, e dos meyos qual serà o melhor, e

depois que se ponha em obra, porque desta maneira, sendo discutidas, e praticadas as cousas, se vem a cahir no conhecimento da verdade, e para isto muy necessarios, como dizem, saõ ao bom Principe bons, e verdadeiros Conselheyros. Nem cuido eu que por outra causa a Reepublica de Veneza passa jà de mil annos, que florece sem nunca ser tiranizada. Necessario he que no Conselho naõ entre payxaõ, odio, nem cobiça, nem pouco amor de Deos, nem lizonjaria, porque sempre se vio as pessoas, que taes vicios, ou parte delles tiveraõ, serem prejudiciaes às Reespublicas.

Naõ deve ser o Conselheyro muito moço, que aonde naõ ha idade, naõ pòde haver muita prudencia, e os mancebos naõ tendo experiência do mal, naõ podem entender o bem, nem o sabem aconselhar, e então conhecem o erro, quando o mal he presente, e a culpa naõ tem remedio. Escreve-se que succedendo Roboaõ filho de Salamaõ no Reyno de seu Pay, e sendo-lhe requerido em ajuntamento geral polos doze Tribus, que quizesse soltar alguma parte dos tributos, que ElRey seu Pay lhes puzera, quiz Roboaõ antes que nada fizesse praticar isto em Conselho em que aos velhos parecia, que ElRey no começo de seu Reynado devia contentar ao povo. Os mancebos polo contrario o aconselharaõ, que pois o povo fora taõ descortès, que ousara pedir cousa, que jà estava taõ assentada, que Roboaõ lhe devia responder asperamente, porque outra hora vissem com quem o haviaõ, e naõ ouzassem entrar em taõ doudo requerimento. Pareceo melhor o Conselho dos mancebos a Roboaõ, por ser tambem mancebo, e pondo-o assi em obra, foy causa de que dez Tribus se alevantassem logo contra elle, e fizessem outro Rey, chamado Jeroboaõ, ficando sómente com Roboaõ dous Tribus Benjamim, e Judà, por isso os Romaõs, como os Persas, como todos os outros Estados deraõ sempre muita authoridade, e credito aos mais velhos, o que o mesmo nome de Senador nos representa.

Naõ he piqueno inconveniente quando os mancebos daõ conselho serem muy colericos, e seguirem seu appetito, que a rasaõ naõ olhaõ a que pode seguir, porque saõ as maes vezes guiados de hum falso desejo, e enganosa esperança, que lhes cega o entendimento, ou por seguirem sua vontade, ou por contentarem a

quem aconselhaõ, querem tudo aventurar em hum ponto, e por isso diz Aristoteles, que os taes naõ saõ aptos para o exercicio das virtudes moraes. Os velhos polo contrario ensinados da longa idade, e experiencia das cousas passadas, nenhuma cousa fazem, nenhuma cousa dizem, senaõ com muito tento, julgaõ o que hade vir polo passado, e no presente se guardaõ dos extremos, nem pòde mais nelles a payxaõ, e colera, que a razaõ, e entendimento: naõ fazem, nem aconselhaõ nada aceleradamente, e se aproveitaõ do tempo segundo a qualidade do negocio, alguma ora uzando de pressa, outra de vagar, e tudo isto para conseguir, o que he mais proveitoso à Reepublica, com dilatar as cousas, e assi como no tempo da paz se vem a saber todo o engano, assi na guerra se descobrem os conselhos, e acordos da parte contraria.

Dizia Epaminondas Capitaõ Thebano, que nenhuma cousa era mais necessaria, nem mais proveitosa a hum bom Capitaõ, que conhecer as determinaçoens dos inimigos. O Emperador Cesar Augusto (que tanto neste Panegyrico allego) era Principe muy attentado, e prudente, o qual dizia, que o Capitaõ novo sobre tudo se devia guardar de pressa, e atrevido cometimento, e trazia muito na boca estas palavras (ajunta pressa com vagar) que vieraõ a ficar em proverbio. O mesmo dizia, que assàz depressa era feito, o que era bem feito, nem queria que se começasse alguma guerra, salvo quando a esperança do proveito fosse mayor que o receyo do danno, e os que aventuravaõ muito por cousa pouca, dizia, que eraõ semelhantes a quem pesca com anzol d'ouro, o qual se se perde, he muito mayor a perda, que a esperança do interesse. Naõ cuide alguem que Fabio Maximo mereceo sobre nome de Maximo por ser aventureyro, e cometedor, mas por ser muy attentado, e uzar de dilaçaõ a seu tempo, e quanto mais valha o vagar attentado, que a pressa acelerada se pòde bem ver polo exemplo de Minucio seu Mestre dos Cavalleyros, porque este despresando os conselhos de seu Capitaõ, e reprehendendo nelle aquella dilaçaõ, que foy causa de ser quebrada a furia d'Anibal, se ouvera de perder, se o mesmo Fabio lhe naõ acudira, assi que o vagar de Fabio Maximo naõ aproveitou pouco depois a Marcelo, a Scipiaõ Africano para serem diligentes.

Bem sey que alguns saõ de opiniaõ, que Fabio foy chamado Maximo, quando em Roma apartou os Estrangeiros em quatro Tribos, ou Freguesias sobre si, mas a gloria de salvar Italia das maõs d'Anibal foy tamanha, que naõ sey para que buscamos outra causa, nem outro nascimento a taõ honrado titulo, e eu para mim quero viver neste engano; devem isso mesmo os que aconselhaõ saber muitas cousas, e senaõ forem Letrados, ao menos sejaõ taõ prudentes, que escuzem as letras, e porque o principal fundamento de todos os Estados està em boas leys, e boas armas, naõ menos devem de entender as cousas da guerra, que da paz. Preceito he de Xenocrates, que o Rey se deve aconselhar com homens Letrados, e universaes, e com Poetas, e com Filosofos, mas eu assi como naõ tomo todo o perigo desta tençaõ sobre mim, assi ousaria affirmar, que o bom Conselheyro deve ter noticia de muitos estudos, das Ordenaçoens, da Patria, do Direito commum, finalmente dos verdadeiros Officios de toda a virtude, e quem estas partes todas tiver, poderà bem aconselhar seu Principe.

Acho eu, que duas maneiras ha ahi do governo, porque ou o Principe quer conservar o que tem, ou quer conquistar os caminhos para conquistar saõ estes: aos vencidos naõ dar muita opressaõ, mandar que os vassallos, e naturaes vaõ morar nas terras ganhadas, as quaes povoaçoens os Romaõs chamavaõ Colonias, dos despojos fazer thesouro: afadigar ao inimigo com cavalgadas, entradas, e batalhas campaes, e naõ concertos: ter rico o pubrico, e pobre: a os vencidos dar aos Capitaens inteiro poder como faziaõ os Romaõs, naõ reservando para si mais que o mover nova guerra, e assi manter com muita diligencia os Exercitos, e gente d'armas: as regras para conservar saõ enfrear cobiças, e desejos demasiados, e governar as Cidades com boas leys, e bons costumes. Mas quer o Principe queira conquistar, quer se contente com conservar o ganhado, sempre tem muita necessidade de fieis, e prudentes Conselheiros, fieis seraõ quando fallarem verdade, e como diz o nosso Proverbio antigo (mais valem açoutes do amigo, que beijos doces do inimigo) e prudentes, quando tiverem experiencia, ou letras. Costume he da Reepublica Veneziana, que havendo muitos officios nobres em cada officio da Justiça, e durando ordinariamente os officios, nunca sahem todos juntos, nem entraõ todos juntos; mas

se saõ dez Officiaes de hum càrrego, quando o primeiro delles acaba, ainda os nove, que naõ tem acabado, ficaõ, e quando o segundo acaba, ainda ficaõ os oito, e em lugar dos que acabaõ, se elegem outros de novo. Ordenaraõ isto os Venezeanos, porque haja sempre Officiaes, que ensinem aos que entraõ, porque se começassem todos juntos, naõ poderia ser, e para que vejamos quam necessario he o bom conselho a todos os Principes, olhemos quantos males, e quantas deshonras, vem aos Reys, e Senhores, que se regem por sua cabeça.

Do Emperador Octaviano se escreve que naõ podendo sofrer a pouca vergonha, e deshonesto viver de sua filha Julia, vencido de muita ira, contou publicamente todas suas deshonestidades, que della sabia ao povo, em que foy digno de muita reprehensaõ, que posto que (segundo delle escrevem) queria mais ver morte aos seus, que deshonra, com tudo as culpas de sua filha mais eraõ para elle as callar, e castigar secretamente, que naõ para as dizer ao povo: mas depois que a merencorîa se lhe foy, e em lugar da sobeja colera succedeo o conhecimento da verdade, doendose Augusto de sua infamia, e queixando-se de si mesmo, dizem, que disse em voz alta com grande dor de sua alma estas palavras: naõ me acontecèra a mim isto, se Agrippa, e Mecenate meus Conselheiros foraõ vivos; estes foraõ dous grandes seus privados ambos pessoas de muito preço, e de muita virtude, que o Emperador desde sua mocidade tomàra por amigos, e achando-os dignos de sua amizade os amàra constantemente; porque Augusto antre outras virtudes teve esta, que assi como era mào de tomar amigos, e amizades novas, assi as que huma vez tomava, nunca mais soltava atè morte, e se o Emperador Augusto, sendo tal Principe, por se naõ aconselhar, cahio em tamanha culpa, em tanto mòres erros se deve crer, que cahiraõ os Principes, que naõ saõ iguaes a Octaviano, se se quizerem sómente reger por seu Conselho. Mas tornando a meu proposito, V. Alteza faz tudo o que se espera de hum virtuoso Principe, e assi como Nosso Senhor o dotou de muy alto, e experto juizo, e vivo entendimento, assi os do seu Conselho saõ merecedores de tamanha honra como he confiar delles o pezo dos negocios, ǫ́ tocaõ a seu Ceptro Real, nos quaes elle he taõ occupado, que posto que a idade o convida a folgar, e a tomar

algum descanço, e recreaçaõ do trabalho; com tudo o amor, que tem à sua Reepublica he de mais força, e pode mais que nenhum seu particular contentamento. Louvado he o exercicio da caça, e monte aos Principes, e grandes Senhores, o qual, como diz Xenofonte, ha de ser temperado, e antigamente os filhos dos Reys se criavaõ nos bosques e caças, e tinhaõ quem lhes ensinava muitas cousas necessarias para guerra: tambem o sitio, e disposiçaõ dos lugares se sabe pola mòr parte, porque havendo nas terras todas alguma conformidade facilmente polo conhecimento de humas, se vem a saber as outras; mas posto que este exercicio seja louvado, e V. Alteza use dalle temperadamente, e a seus tempos, com tudo muito mòr louvor sem nenhuma comparaçaõ merece o seu continuado exercicio, e trabalho de governar bem, e ter em muita paz, e justiça seu Reyno, levando elle sóo mà vida, com que nòs todos vivamos descançados. A todos he notorio quanto amor às Letras, quanto favor, quanto amparo, quanta mercè recebem delle os Letrados de toda a sciencia: este amor he causa de sua Corte florecer hoje tanto em Letras como florece, este mesmo o faz cuidar novas maneiras, e novas invençoes d'Estudos geraes, por onde as sciencias em seu Reyno naõ menos cresçaõ, e vaõ adiante, que as outras virtudes. Verdadeiramente as Letras dizem bem com as armas. Bem sey, que saõ muitos d'outra opiniaõ, mas a causa disto (se me não engano) he por naõ confessarem seu defeito, louvando a virtude de que carecem. Mal hiria ao Capitaõ senaõ fosse prudente, e mal à Reepublica que naõ houvesse armas sem conselho, e authoridade de Letras; mas fique esta questaõ para outro tempo, agora sómente direy, que os mais dos Emperadores, e Reys, e Capitaens de grande fama foraõ Letrados.

Costume era no Egypto (como escreve Plataõ) dos Filosofos se elegerem os Sacerdotes, e dos Sacerdotes os Reys. Destes foy aquelle graõ Rey Mercurio chamado Trimigistro, que quer dizer tres vezes grande, por quanto em Filosofia excedeo a todos os Filosofos, na Religiaõ a todos os Sacerdotes, e em saber governar, seu Reyno a todolos Reys, e do mesmo se escreve, que começou a Theologia antiga, que depois acabou Plataõ. Quem bem esta ordem de eleiçaõ atentar, verà quam bom Regimento era o do Egypto, e quam bem està ao Principe ter conhecimento das cousas Divinas, e humanas. De Pericles Atheniense se lè, que foy grande Capitaõ, grande orador, e grande Filosofo, e Discipulo muito tempo do Filosofo Anaxagoras. Epaminondas Thebano foy graõ Capitaõ, e graõ Filosofo. ElRey Philipe de Macedonia, filho delRey Amintas, e Pay de Alexandre Magno, foy Letrado, e Discipulo de Epaminondas. O mesmo Alexandre foy Filosofo, e muy dado às Letras, e antre tantos trabalhos, e occupaçoens de conquistar o mundo, cada dia tomava algum tempo para ler, e delle se escreve, que nunca se lançou na cama, sem hum punhal, e o livro de Poeta Homero à cabeceira. Isicrates Atheniense foy graõ Capitaõ, e orador.

Que direy de Julio Cesar, Sylla, Pompeo, Octaviano, Adriano, e dos outros Emperadores Romaõs, que naõ menos em armas, que em Letras floreceraõ? Finalmente Carlos Magno Emperador d' Alemanha foy Letrado, e compoz algumas obras, por isso quem ousar de reprehender algum Principe por ser dado às Letras, he-lhe necessario, que reprehenda tambem a estes todos, os quaes sendo nellas naõ menos excellentes, que nas armas, veja com quanta sua honra a seu salvo o poderà fazer? Se naõ fossem as Letras, e o conselho, que dellas aos Principe nasce por onde se governaõ, sem duvida muita tormenta naõ poucas vezes passariaõ as Reespublicas.

Por tanto o bom Rey he comparado ao bom Piloto, o qual naõ somente na parte da Nào em que està faz proveito, mas com seu conselho, e saber em hum mesmo tempo provè, e manda o que se faça em toda a Nào, e dizia Cataõ Uticense, que naõ fizeraõ os Romaõs a sua Reepublica de pequena tamanha com força d'armas, mas com uzarem em casa de muito saber, e governarem fóra

perfeitamente, e com serem livres em dar conselho, e asaltados de toda a reprehensaõ, donde cuido eu, que nasceo o Proverbio, que por elles se disse, o Romaõ estando assentado vence. Bem està a todos os Principes serem grandes, e prudentes, e amadores das Letras, mas muito melhor està isto aos Reys de Portugal, e a razão he, porque a naçaõ Portuguez hoje mais, que nenhuma (se me naõ engano) conserva a gravidade, e desejo de honra, que antigamente sohia ter o Povo Romaõ. O Emperador Cesar Augusto, quando lia por algum livro latino, ou Grego, achando algum exemplo, ou preceito, que pudesse aproveitar ao Regimento da Reepublica o fazia logo tirar, e o mandava, ou a seus Criados, ou a seus Exercitos, ou Governadores das Provincias, ou aos Officiaes de Roma, assi como via, que delle cada hum tinha necessidade.

Deste, e taõ grande Principe se escreve ser homem de poucas palavras, e que nunca fez falla ao Senado, ao Povo, nem o Exercito, que a não levasse primeiro cuidado de casa: com taõ singular prudencia fez muitas cousas, muy proveitosas, e necessarias a sua Reepublica: ordenou que naõ houvesse mais de trezentos Senadores no Conselho de Roma, havendo d'antes mais de mil: estando em Conselho nunca perguntou por ordem seu parecer aos Senadores, mas ora a huns, ora a outros, porque cada hum estivesse mais apercebido, e respondesse melhor quando fosse perguntado; favoreceo muito os Lavradores, trabalhou que estivesse Roma farta, ennobreceo-a de muitos edificios, teve grande cuidado da segurança, e paz geral, e naõ menos cuidado dos Exercitos. Renovou, e ornou os Templos, acrescentou o numero, e dignidade dos Sacerdotes, emmendou todas as cousas de mào exemplo, ouvio partes, e elle per si determinou muitas demandas, e proveo como naõ ardessem os edificios em Roma. Teve sempre hum memorial em sua camera de todo o Imperio, ordenou homens em pàradas, para ser mais cedo avizado do que se passava, e estes depois tirou, e poz Cavallos em postas, porque os mesmos, a que fossem dadas as cartas, lhas podessem trazer, e dessem razaõ do que fossem perguntados. Escreve-se, que ElRey Cyro foy o primeiro, que ordenou Correyos, de tal maneira, que hum mensageiro corresse todo hum dia em hum só Cavallo, e o seguinte noutro, e assim atè o cabo; e finalmente Octaviano todalas cousas

fez prudentemente como cumpria ao bem, e conservaçaõ da Reepublica Romãa, mostrando-se em tudo mais virtuoso, que todos, e Pay verdadeiro de seus Cidadaõs, aos quaes teve tanto amor, que duas vezes esteve determinado para soltar a Reepublica, e restituir à Cidade a sua liberdade, e sempre o fizera, se lhe naõ parecera mais perigoso ser jà governada por muitos, que hum sóo.

Os Principes, que querem ser justos, e prudentes, e pacificos devem sempre imitar tal Emperador, nem sinto eu, que gloria se possa comparar com a justiça, e paz de Octaviano: mas naõ menos santas, e proveitosas invençoens a estes Reynos nascem cada dia da prudencia de V. Alteza, com as quaes vivemos taõ descançados, como na mais segura Reepublica do mundo: jà naõ hà morte, jà naõ hà ladroens, jà naõ hà salteadores, todos os males com sua justiça, e prudencia saõ de tal maneira apagados, que quando ouvimos, que foraõ, nos espantamos como poderàõ ser. Ó grande bemaventurança destes tempos, pola comparaçaõ dos bens presentes, naõ podemos dar credito aos males, que jà passaraõ! Sem duvida estes bens se devem atribuir à grande virtude de V. Alteza, o qual assi como tem sua consciencia muy limpa, e apartada de todo o vicio, assi trabalha, que sua terra esteja limpa de todos os males; estas virtudes taõ excellentes acompanha V. Alteza de grande fortaleza, e magnanimidade: forte he quem defende a boa rasaõ, e igualdade, as quaes nunca pòdem estar: forte he quem ama a virtude, naõ por interesse algum deste Mundo, mas pola gloria do outro, que espera: forte he quem sempre mostra hum mesmo rosto à fortuna, nem se espantando com nada, nem se leyxando vencer d'algum appetito. Fortaleza he procurar as cousas da paz, naõ menos que vencer batalhas campaes, por quanto as ordenaçoens da paz aproveitaõ para sempre, os males da guerra saõ muitos, e o bem da vitoria as mais vezes dura pouco. Magnanimo he quem resiste à ira, e menencoria, e quem soffre temperadamente a prospera, e adversaria fortuna, nem se alterando com as prosperidades, nem se abayxando com as adversidades.

Finalmente a magnanimidade està no cume de todas as virtudes, a todas dà muita perfeiçaõ. Quem bem quizer olhar todo o tempo do Reynado de V. Alteza, acharà que todalas partes desta virtude se

pòdem nelle verificar. O zelo de toda a virtude, a boa razaõ, e a igualdade tem nelle taõ forte, e constante defensor, que o que em outras partes se faz com medo da pena, se faz neste Reyno seguindo seu virtuoso exemplo. Quem naõ sabe quam forte foy no principio de seu reynado, vendo logo cousas em que bem mostrou quam acabado em tudo era, e ao diante havia de ser, as quaes eu cuido que Deos permitio, que vissem estes Reynos por experiencia quamanha merce delle receberaõ em se lhes dar tal Principe, e que de taõ pouca idade, e sendo taõ novo em tamanho officio, assi resistio a muitas cousas, a que outros pola ventura de mais tempo naõ puderaõ resistir, rasaõ era que delle se esperassem todos os bens, naõ nos enganou esta esperança: passa de doze annos que V. Alteza reyna, nos quaes sendo sempre taõ excellente Rey, nunca cançou, nem cança d'o ser cada dia melhor: notorio he ao Mundo com quanto respeito, com quanta igualdade, se ouve com a Rainha de França Dona Leonor usando com ella toda a virtude, e magnificencia, que hum Rey Christianissimo, e magnanimo podia usar.

Naõ sómente como dizem os Filosofos o que peleja, he bom Cavalleyro; mas tambem merece este nome, quem no tempo da paz pode levar ao cabo as cousas fundadas em bom conselho, e rasaõ, nem foy menos forte Salamaõ no tempo da paz, do que foy seu Pay David no tempo da guerra: venceo o Gigante Philistheo d'altura de seis covados, venceo outras muitas Naçoens poderosas, e apartadas do Reyno de Judea, Salamaõ estando em paz com naõ menos fortaleza, fundou em louvor de Deos aquelle Templo taõ nomeado de Hyerusalem, manteve os doze Tribus em muita justiça, enriqueceo seu Reyno, e vassallos sem nenhuma comparaçaõ: edificou Cidades em muitas partes, e muy longe de Judèa: foy Senhor pacifico da Arabia, e mòr parte da Suria: estendeo sua fama pola Asia, Persia, Etiophia: mandou fazer no Mar Roxo nàos em hum porto, que entaõ se chamava Asion Gaber perto da Cidade de Helena, que depois foy chamada Beronica, e pòde ser que seja agora porto Judà, porque toda esta terra, e costa foy naquelle tempo dos Judeos, e estas Nàos sendo mandadas por ElRey Salamaõ à India, e governadas por Marinheiros, e Pilotos da Cidade de Tyro, que entaõ eraõ grandes homens do mar, chegaraõ a hum lugar

chamado Ophira, que depois se chamou Terra d'ouro, donde trouxeraõ a ElRey mil e cem arrobas pouco mais, ou menos, e muita madeira de Pinho alvo, de que Salamaõ mandou fazer Violas, e Psalterios, com que os Levitas tangessem a Deos no Templo.

Quem comparar ambos estes Reys Pay, e Filho, acharà que naõ menos forte foy Salamaõ na paz, do que foy David na guerra. Bem sabia David, sendo Profeta, e taõ aceito a Deos, que seu filho Salamaõ havia de reynar pacificamente, e com esta certeza lhe mandou edificar o Templo. Com tudo estando jà para dar a alma a Deos, nenhuma cousa lhe encomendou mais que fortaleza, porque via que tambem os Reys na paz tinhaõ della muita necessidade: mas V. Alteza igualmente se serve da Fortaleza em ambos os tempos: a guerra feita por seus Capitaens contra os Mouros d'Africa, contra a India, contra a Persia, contra a Arabia daõ claro testemunho do que digo: nas mòres fortunas mostra mòr animo. Constantemente leva àvante por mar, e por terra o que huma vez começou, nem me espantaõ grossas armadas de Rumes, nem Reys da India, porque a graõ fortaleza, acompanhada de muita fé, não pòde ser desbaratada, pouco aproveita começar huma, a quem a naõ hade levar àvante, e muito mòr infamia lhe fica leyxando-a, do que mereceo louvor em a começar, e tal foy o Emperador Tiberio, o qual sendo graõ Capitaõ em principio, depois que veyo a reynar, faltou no melhor tempo, e por sua fraqueza, ou descuido leyxou perder muitas terras do Imperio Romaõ. Deve-se fugir a guerra quanto for possivel, mas depois que justamente for cometida, mais aproveita a huma Reepublica levalla àvante com perigo, que desistir della com vergonha, e por isso se escreve, que sabendo os Lacedemonios, que o Poeta Archiloco dissera que era melhor renderse, e leyxar as armas, que morrer, que logo no mesmo ponto o lançaraõ fóra da sua Cidade.

Essa fortaleza mostrou Alexandre Magno na Conquista da Persia, porque sendo cometido por ElRey Dario com grandes promessas a que soltasse a empreza, que levava, e parecendo isto bem a alguns seus privados, não quiz Alexandre por nenhum interesse soltar a guerra, que somente por dezejo de gloria começàra, assi que levou àvante sua tenção, nem descançou athè por força lhe naõ tomar

todo o Estado, e senaõ fazer Senhor da mòr parte da India, e de toda a Asia, e se a morte o naõ estorvara, opiniaõ he de muitos, que se fizera Senhor do Mundo; mas a ventura contraria (pola mòr parte) dos grandes começos, e grandes pensamentos, ordenou que aquelle Principe que jà em seu titulo se chamava Rey do Mundo, a que nenhum Exercito pudera resistir, que nenhuma Cidade cercàra, que naõ tomasse, que em nenhum Reyno entràra, que naõ sojugasse, que tanto esforço dava aos seus, que em sua prezença, e dezarmado, naõ temia nenhuma gente armada aquelle, a quem o mar de Pamphilia (segundo escreve Jozepho) milagrosamente se abrira como a Moysès o mar Roxo, a quem em sonhos por revelaçaõ Divina foraõ ensinados remedios para curar feridas, que tantas Cidades edificàra, que acabàra cousas, que Hercules naõ pudera acabar, quiz (como disse) a ventura que este tamanho Rey, e Capitaõ depois de tantas vitorias, tantos titulos, tantos triumfos, fosse na flor de sua idade morto com peçonha por traiçaõ dos seus, e a causa desta morte foy por se fazer adorar à maneira dos Reys da Persia, contra vontade de seus naturaes.

Escreve-se delle, que athè o fim se alembrou da grande fortaleza, que em toda a sua vida mostràra, porque estando jà para espirar, e sendo lhe perguntado por seus privados, e amigos, que de redor delle estavaõ, quem queria leyxar por seu erdeiro, respondeo, que o mais digno, e esta foy a sua derradeira palavra. Foy tanta a sua grandeza, que tendo hum filho chamado Hercules, que fora avido em Marsine sua escrava, e hum seu Irmaõ por nome Arido, e assi leyxando prenhe a sua mulher chamada Roxane, todavia esquecido do sangue, e das razoens de todo o parentesco, quiz sómente nomear por seu erdeiro o que fosse mais digno, mas depois de morto Alexandre, aquelle grande Imperio, que em taõ breve tempo fora ganhado, em breve tempo foy desbaratado, e desfeito, porque succedendo no Reyno Arideo, Irmaõ de Alexandre homem fraco, e para pouco, os Capitaens, a que fora cometida a governança das Provincias, se alevantaraõ cada hum com a sua, ao que sómente resistio a Rainha Euridice mulher de Arideo: esta naõ podendo sofrer a fraqueza de Arideo seu marido, e sendo muy constante, e valerosa com ajuda de Cassandro seu Capitaõ fez muitas cousas de esforço, cobrou muitas Cidades de Grecia, constrangeo os

Lacedemonios que cercassem novamente a sua Cidade, cousa, que athè entaõ nunca fizeraõ; mas porque huma mulher naõ podia resistir a tantos males, que se levantavaõ de cada parte, em fim foy necessario que perdesse tamanho Imperio. Tambem aquelles vitoriosos Soldados, chamados Argiras, e Pidas, que quer dizer escudos de prata, com que Alexandre conquistàra o Mundo, tanto que o perderaõ, perderaõ logo toda sua força, e sendo pouco antes espanto de todas as gentes, foraõ por Antigono deshonradamente desbaratados, e postos em cativeyro, donde se pòde ver quamanha verdade he o que sohia dizer ElRey Philipe de Macedonia, que era melhor, e mais forte hum Exercito de cervos com hum Leaõ por Capitaõ, que hum de Leoens tendo por Capitaõ hum Cervo. E foy tanta a fama, que leyxou Alexandre de sua fortaleza, que ainda agora depois de tantos tempos, e idades he nomeado em todo o mundo. Escreve-se do Emperador Cesar Augusto, que achando-se em Alexandria, Cidade do Egypto, e dezejando ver o corpo de Alexandre, que nella jazia sepultado; foy à sepultura, e a mandou abrir, e vendo o corpo o adorou, lançando-lhe em cima muitas flores, e pondo-lhe na cabeça huma Coroa de ouro, que era a mòr honra, que então a hum corpo morto se podia fazer, e sendo perguntado se queria tambem ver o Corpo delRey Ptolomeo, respondeo, que elle viera alli para ver o Rey, e naõ para ver os mortos.

Havia em Roma huma nobre linhagem dos Macrianos, os quaes tinhaõ por devoçaõ, e bençaõ de seus Avòs trazerem sempre a imagem de Alexandre consigo, e os homens a traziaõ de ouro, ou prata, as mulheres sómente d’ ouro na cabeça, ou em manilhas nos braços direitos, e em aneis, e tinhaõ antigamente como escreve Julio Capitolino, que quem consigo trouxesse a Imagem de Alexandre em ouro, ou em prata, que todas suas cousas succederiaõ bem, e hiriaõ àvante. Esta honra mereceraõ os feitos, e fortaleza de Alexandre, o qual naõ sómente teve respeito ao tempo da vida, mas como muy prudente Principe trabalhou por haver Chronistas excellentes, que pudessem (como era razaõ) encomendar à memoria seus grandes aquecimentos. Desta opiniaõ era Themistocles Atheniense, que sendo perguntado qual era a voz, que mais folgara de ouvir, respondeo: que aquella de quem visse suas cousas mais eloquentemente serem tratadas. Foy Alexandre

magnanimo nas adversidades, e de tal maneira cõmetteo a guerra, que naõ pareceo, que dezejava a paz: foy magnifico, e desprezador das riquezas sabendo certo, que querer bem ao dinheiro naõ havia mòr sinal de coraçaõ fraco, nem polo contrario cousa mais real, nem mais digna de hum graõ Principe, que desprezalo, quando o naõ tivesse, e quando o tivesse despendelo magnifica, e liberalmente. Em fim teve Alexandre as mais das partes, que deve ter hum Capitaõ forte, e magnanino com que naõ somente foy aceito aos homens, mas ainda obrou Deos por elle cousas de grande admiraçaõ. Se a virtude da fortaleza naõ fora aceita a Deos, naõ edificara ElRey Salamaõ no Templo o Armazem das armas junto à Sede Real, em que eraõ levantados os Reys depois de serem ungidos pelo Principe dos Sacerdotes.

O Principe, que quer ser forte, ha de guardar inteiramente sua fé, e porque isto naõ teve ElRey Philipe de Macedonia, antes usou de enganos, e falsidades, poz muy grande nodoa em muitas partes da fortaleza, que nelle havia: deve tambem ser lido, e folgar de ouvir as historias, e vidas dos grandes homens, olhando como se governaraõ na guerra, examinando as causas da victoria, e perda das batalhas, e seguindo o exemplo de algum notavel Capitaõ. O mesmo Alexandre seguio Achiles, Julio Cesar seguio Alexandre, e assi Scipiaõ Africano seguio tanto a ElRey Cyro, que quem bem ler a historia, que Xenofonte escreve delle, acharà, que todas as virtudes, e liberalidade, e humanidade delRey Cyro foraõ representadas por Scipiaõ de maneira, que bem se poderia dizer, que ou Cyro foy Scipiaõ, ou Scipiaõ foy Cyro. Dizia este Rey, que o Principe no tempo da paz devia ter cuidado das cousas da guerra, e porque isto fez (naõ muitos tempos hà) Francisco Sforcia foy em quanto viveo Duque de Milaõ, e os filhos polo contrario naõ tendo nenhuma lembrança da guerra vieraõ a perder aquelle Estado, que seu Pay lhes leyxara a elles muy pacifico. Por muy desaventurado se deve ter o Principe a que nunca aconteceo dezaventura, na qual alem de se provarem os homens para quanto saõ, a experiencia dos trabalhos os faz mais prudentes, e avizados, e sempre ter passado algum mal aproveitou muito para a conservaçaõ do bem presente. De Policrates poderoso tiranno da Ilha de Samno se lè, que sendo em tudo muy prospero, e bemaventurado, veyo no cabo a ser prezo

por Orontes Capitaõ delRey Dario, e a ser enforcado no mais alto outeiro da montanha de Micale sobre o mar: em a fim soube Policrates quanta verdade lhe fallava Amases Rey do Egypto grande seu amigo, porque vendo, que se prezava muito de sua boa fortuna lhe escrevera por algumas vezes, que se guardasse do fim.

Fortes foraõ muitos Capitaens Romaõs, nem se devem as victorias, que ouveraõ d'atribuir mais à sua boa fortuna, que à sua virtude, que posto que a guerra tenha necessidade de tres cousas, boa gente, bons Capitaens, e boa fortuna, com tudo a mòr parte della consiste nas duas primeiras, e por isso bem diz hum Proverbio latino, que a fortuna succede segundo saõ as manhas, e costumes de cada hum. Teve Roma grande Estrella, mas naõ teve menos fortaleza, e com ambas pode alcançar tamanho Imperio, o qual logo em seu principio cresceo tanto, que em tempo do sexto Rey de Roma havia jà nella oitenta mil homens para tomar armas, e foy tanta a bondade, e nome desta Reepublica, que os Reys antigamente trabalhavaõ por serem Senadores della. Naõ desprezou esta Dignidade o Infante D. Henrique Irmaõ delRey D. Afonso de Castella decimo deste nome, naõ a desprezou Carlos Rey de Napoles, e Sicilia, e Conde de Andegavia, e Proença, em cujo tempo no anno de Nosso Senhor do nascimento de mil e duzentos e oitenta e hum foy aquella conjuraçaõ taõ nomeada dos Sicilianos, em que foraõ mortos em hum só dia todos os Francezes, que polo Reyno de Sicilia foraõ achados, e levantando-se logo toda a Ilha se deu a D. Pedro de Aragaõ. Mas tornando ao meu proposito se no tempo, que Roma era jà desfeita, e destruida, com tudo os Reys desejavaõ serem Senadores della, que devemos cuidar, quando prosperava, e mandava o mundo?

O Emperador Octaviano nenhuma cousa depois de Deos estimava tanto, como a memoria dos Capitaens por cuja industria, e fortaleza o Imperio Romaõ de pequeno fora feito taõ grande, e para isto melhor mostrar, renovou as obras, e edificios, que cada hum delles fizera, e mandou levantar a todos estatuas em habito triunfal de redor da sua praça com hum pregaõ, que dizia, que isto fazia Octaviano para que o Povo Romaõ assi a elle, e aos Emperadores, que viessem depois obrigassem a darem de si taõ boa conta, como

elles deraõ. Este taõ grande Imperio houve fim, e acabou como naturalmente acaba tudo, e segundo a opiniaõ de alguns o principio de sua destruiçaõ foy quando os Romaõs esquecidos de quem eraõ, se começaraõ a ajudar da gente de fóra, e deraõ soldo aos Godos, naçaõ barbara, e estrangeira, e sem duvida naõ hà remedio menos firme para a conservaçaõ de hum Estado, que a potencia fundada nas forças alheyas, por tanto os Principes, e Reepublicas devem fazer guerra com os seus natu-raes, e aventurar-se antes com elles, que tomar ajuda d'outra parte, e se bem queremos olhar, esta foy a causa, por onde poucos tempos hà Italia foy destruida, porque sendo o Imperio de Roma lançado della, e alevantandose muitas Cidades principaes contra os nobres, que com favor do Emperador as tirannizavaõ, e tendo muita necessidade de ajuda parte dellas, se encomendavaõ ao Papa, e parte de algumas Reespublicas principaes de Italia, mas polo Papa ser Ecclesiastico, e as Reespublicas serem pouco usadas nas armas começaraõ entaõ para defençaõ de seus Estados de darem soldo aos de fóra, e o primeiro, que deu authoridade, a gente, e armas estrangeiras foy Alberico de Romanha, mas porque poucos homens de pè aproveitavaõ pouco, e muitos eraõ màos de manter, ordenaraõ entaõ em lugar destes gente de Cavallo para fazerem corpo com poucos de Cavallo, o que com poucos de pè naõ podiaõ fazer, e fazer-se com muitos era graõ despeza, dahi por diante sendo dado tanto favor à gente de fóra tiveraõ occasiaõ os Estrangeiros de se hirem fazendo Senhores de Italia, atè que finalmente aquella Italia senhora do mundo veyo a ser escrava de muitas naçoens, corrida por ElRey Carlos, roubada por ElRey Luiz, vencida por ElRey D. Fernando vosso Avò, e deshonrada por Soiços.

Se quizermos olhar França, tambem ella nos serà exemplo de quam prejudiciaes aos naturaes saõ as Armadas de fóra. ElRey Carlos de França VII. deste nome Pay delRey Luiz Onzeno depois de livrar seu Reyno com muito trabalho das mãos dos Ingleses conhecendo esta necessidade fez em França ordenança de gente de pè, ou Infantaria, depois ElRey Luiz seu filho tirou a Infantaria, e começou a dar soldo aos Soiços, e este erro continuado foy causa dos perigos, e males daquelle Reyno, porque sendo dada a authoridade aos Soiços, o partido dos Franceses sem gente de pè

ficou bayxo, e a sua gente d'armas veyo a ter necessidade da gente estrangeira, donde vem, que os Franceses aos Soiços naõ podem resistir, e sem elles naõ valem muito. Se Capua naõ recebera a gente de Anibal, naõ fora destruida pelos Romaõs, se Grecia naõ chamara a Philipe Rey de Macedonia, naõ viera a ser sogeita dos Macedonios, nem passara os males, que passou. Se o Emperador de Constantinopla Michael Paleologo naõ metera os Turcos de Natolia em Grecia, naõ se perdera aquelle Imperio, como se perdeo. Finalmente se nestes tempos d'agora Joaõ Vayvoda naõ chamàra os Turcos, Ungria senaõ destruira, e elle estivera mais honrado, que està: assi que claro se vè de quantos males, e perdas as armas estrangeiras saõ causa, e sempre foraõ; por isso o Principe que dezeja, que seu povo seja forte, faça a guerra com os seus naturaes, lembrando-se que nenhum Capitaõ conquistou muito, senaõ com a propria gente, e se o Emperador Carlos V. deste nome ouve em nossos tempos tantas vitorias contra ElRey de França, e o prendeo em batalha por seus Capitaens, que a principal causa disto foy, por fazer a guerra com os Espanhoes seus naturaes, e ElRey de França polo contrario com muita parte de Soiços, e Italianos: grande inconveniente he ajudarse o Principe do Exercito, que sómente anda por roubar, porque assi como a gente natural peleja por amor, assi a estrangeira por só interesse, o qual faltando, tudo falta, e a tal gente se leyxa vencer por ser peitada, ou por esperança de mòr proveito, e o peor he que muitas vezes por este caminho os Estados se vem a perder, e a ficarem sugeitos daquelles, que os ajudavaõ.

Diz Aristoteles, que os Athenienses levantaraõ a Codro por seu Rey por lhes conservar a liberdade, e ElRey Cyro mereceo antre os Poetas a mesma honra: outros foraõ feitos Reys, ou por conquistarem Reynos, ou por fundarem Cidades de novo, como foraõ os Reys dos Macedonios, dos Spartanos, e dos Molossos. Tambem os Reynos, que neste tempo por legitima sucessaõ se herdaõ, antigamente foraõ aos grandes merecimentos das pessoas, ou por virtudes, ou boas obras, ou grande fortaleza. O mesmo Aristoteles diz, que o mòr pensamento dos Principes antigos era levantarem o Ceptro Real, em sinal da fé, que direitamente haviaõ de guardar, e pois que aos Reys antigos, os povos deraõ sobre si

tamanho poder, e authoridade polos bens que receberaõ delles, e principalmente pola liberdade, e asosego comum, devem todos os Reys seguir os exemplos de seus avòs, e da caza donde vem, de maneira, que os Reynos, que herdaõ por sangue, tornem a merecer de novo por grande virtude, e fortaleza, e sobre tudo devem conservar a honra, descanço, e liberdade de seus vassallos, usando verdadeira fortaleza, e naõ confiando mais na gente de fóra, que na força, e valentia de seus naturaes, por quanto sempre se vio com a gente natural se conquistarem os Reynos alheyos, e com a de fóra se perderem os proprios, e jà ganhados.

Tudo isto que disse de fortaleza, e partes della, foy porque vissem todos comparando as cousas antre si, quam excellente Principe em todas he V. Alteza quam forte, quam constante, quam afeiçoado à lembrança dos feitos, que saõ dignos de memoria. Quantas Conquistas tem contra os infieis em diversas partes do Mundo, e assi quanto mais confia no esforço, e bondade de seus naturaes, que nas armas, e ajuda de nenhuma gente estrangeira: mas naõ se contenta com sómente ser forte (sendo este em si tamanho louvor) mas ainda vay mais por diante, merecendo mòr nome, que o da fortaleza, e sua natureza he naõ descançar nunca athè naõ chegar ao mais alto ponto, e cabo de toda a virtude. Grande louvor seria a todo o Principe ser chamado forte; V. Alteza de tal maneira o he, que tambem com muita razaõ pòde ser chamado magnanimo. Quem o vio nunca menancorio, ou desviado daquella humanidade, e brandura, que mais representa homem Divino, que humano? Quem vio nunca seu rosto alterado, nem vencido de alguma payxaõ, por nenhuma grande adversidade, que fóra destes Reynos (tantas esterelidades, tantas fomes, tantos terremotos, e pestes em quantos annos atraz foraõ) se elle com seu grande, e magnanimo esforço, e bondade lhes naõ acudira?

Eraõ perdidas muitas Nàos de V. Alteza que vinhaõ carregadas da India de muita riqueza, naõ cessavaõ diferenças muito importantes com grandes Principes, com tudo sentindo sem comparaçaõ mais os males presentes, que seus Reynos padeciaõ, e dissimulando a payxaõ com muito esforço, naõ cessava com igual prudencia, e magnanimidade de socorrer continuamente as necessidades de

todo o seu povo, muito mais do que a qualidade dos tempos parecia, que pudesse soportar; mais he isto que fortaleza, e mòr louvor merece, porque saõ estas as partes do coraçaõ alto, e segundo dizem os Filofofos, heroico, que assi como nas prosperidades se vem os homens para quanto saõ, assi nos grandes males, e perdas se conhecem os magnanimos. Em tempo do Emperador Marco Antonio o Imperio Romaõ padeceo todos os males, que se podiaõ cuidar, toda a terra de Levante toda Esclavonia, toda a França ardiaõ em guerra, havia fomes, esterilidades, tremia a terra em muitas partes, cahiaõ Cidades, e lugares com perda de muita gente, vinhaõ grandes cheas de rios, que alagavaõ os campos, e faziaõ grande danno, andava por todas as partes graõ pestilencia, com outras muitas doenças, desciaõ polo ar nuvens de Gafanhotos, que aonde pousavaõ, destruiaõ tudo, em fim nenhum mal, nenhuma desaventura se poderia imaginar, que entaõ naõ ouvesse, mas Deos que nunca se esquece dos homens, tanto que naõ lhes dè algum remedio, quiz por sua misericordia, que fosse naquelles tempos Emperador de Roma Marco Antonino Principe dotado de tantas virtudes, e de taõ excellente engenho, e saber, que pode com seu esforço repairar, e ter o rosto quedo a tamanha fortuna, e bem se pòde dizer, que se naquelles tempos naõ fora Antonino, que o Imperio Romaõ se perdera. Com muita razaõ pòde V. Alteza ser comparado a este taõ virtuoso Principe, posto que nisto lhe faz ventagem, que tendo recebidas mòres perdas em sua fazenda naõ leyxou por isso, nem leyxa de ser taõ liberal, como elle foy; mas quanto mais me estendo por seus louvores, e grandes virtudes tanto se faz o caminho mais comprido. Aconteceme como àquelles, que entrando polo mar Occeano, quanto mais vaõ por diante, tanto mais se metem no alto, por isso em tanto perigo, melhor, e mais saõ conselho seria recolherme, e assi o quero fazer se primeiro disser algum pouco da grande temperança que ha nelle: claro remate de todas suas virtudes, sugigando sempre o appetito à razaõ, e guardando inteiramente o que cumpre, e sómente està bem a seu Real Estado. Grande jurisdicçaõ tem esta virtude em toda a vida do homem, e com todas as outras esta abraçada de maneira, que de nenhuma se pòde apartar, nem pòde haver perfeita virtude, em que naõ haja temperança, com que nada repugna à razaõ; mas

he tudo confórme, e conveniente antre si. Naõ me he a mim necessario para prova disto allegar muitas razoens, por quanto o exemplo de V. Alteza basta para verificar o que digo, no qual naõ menos todas as outras virtudes, que esta, e suas partes se representaõ. Qual homem por mais rude, e idiota que seja, vendo a sua muita temperança, naõ cuidarà que vè hum daquelles Principes antigos cheyos de toda a humanidade, e comedimento, que de si nos leyxàrão memoria para sempre?

Todo este louvor he seu proprio, e por isso tanto mais digno de ser neste lugar louvado, quanto mais a elle só he devido, porque tirando algumas cousas que necessariamente requere a dignidade Real para sua conservaçaõ, em tudo o mais se ha para seus vassallos com tanta moderaçaõ, que mais parece Pay de todos, que Rey, e Senhor. Oh quam grande força he a da virtude! Quanto mais temperado he V. Alteza, tanto de nòs he mais venerado, e quanto mais obedece à razaõ, tanto mais o alevanta Deos, de maneira que o acatamento, que muitos outros Reys com mostra de muita gente, com pompa de Real Estado, com luzentes Alabardas diante de si naõ pòdem alcançar, elle só com muito comedimento, com muita brandura, e humanidade naõ menos alcança do que merece. Bem està esta tal virtude a hum tal Principe, e tanto melhor lhe està, quanto he mais nova, naõ digo, porque o conhecimento das virtudes naõ seja cousa velha, mas porque a pratica, e uzo dellas, as mais vezes he cousa nova, mas elle naõ se contenta de louvor geral, os seus altos pensamentos dezejaõ merecimentos novos, o seu Real Coraçaõ desprezador de honras demasiadas, e amansador de desejos sem nenhum fim, mais do que Deos manda, alcança mais do que deseja. Naõ leyxarey de pòr aqui as palavras, que Moysès Secretario do muy alto Deos leyxou ditas a seu povo. Se quizerdes em algum tempo ser governados por Rey, olhay que seja vosso natural, e que tenha sempre cuidado da justiça, e que saiba que a sabedoria consiste principalmente em temer a Deos, e em guardar as leys, naõ faça nada sem vontade do Principe dos Sacerdotes, e dos mais anciaõs do Povo, naõ caze com muitas molheres, naõ trabalhe por acquirir muitos thesouros, nem por ter muitos cavallos ajaezados, por quanto se estas causas desejar, e tiver, serà soberbo, e pouco obediente às leys. Esta virtude taõ louvada de

Moysès os mais antigos Romaõs, seguidores da ley da natureza, guardaraõ inteiramente, e em quanto a elles guardaraõ, e com ella juntamente amàraõ pobreza, o Imperio Romaõ assi na paz, como na guerra cresceo, e foy por diante. Lucio Quincio Cincinato Capitaõ, e Senador Romão com quatro geiras de terra vivia, e nellas andava lavrando, quando foy chamado para ser Dictador de Roma, que era entaõ a mòr honra, e dignidade que naquella Reepublica se podia dar, e delle se escreve, que fez no seu tempo seu Mestre dos Cavalleiros a hum Curio, ou Lucio Tarquino, que athè entaõ por ser muy pobre servira na guerra a pè, e assi Marco Athilio Regulo Nobre Capitaõ, que como jà em cima disse, foy prezo polos Carthaginenses teve o dezejo taõ curto, e limitado, que sendo em Africa Capitaõ d'hum grande Exercito mandou pedir ao Senado licença para vir a Roma olhar por huma sua Quintãa, que entaõ era maltratada de seus Lavradores: sem duvida quem isto pedia, naõ desejava de enriquecer na guerra, que entaõ pouco lhe lembràra o danno da sua erdade, mòrmente andando em tal parte, e com tal càrrego, donde pudera tirar grandes interesses, mas aquelle fim certo da bondade, que nunca pode exceder às Leys da temperança, foy causa, que assi como Regulo fazia guerra por gloria, e serviço da sua Reepublica, que assi em tamanha Capitanîa senaõ esquecesse de sua pobre fazenda.

He certo para notar a grandeza de coraçaõ dos Cidadaõs Romaõs, os quaes sendo em alguma parte Capitaens, eraõ magnanimos sobre todos os Principes, desbaratavaõ poderosos Reys, e grandes Exercitos em batalhas campaes, e estes mesmos depois, que se tornavaõ à patria, tornavaõ a ser como d'antes Cidadaõs particulares, temperados, contentes de suas pobres fazendas, obedientes aos Officiaes de Roma, e aos mais velhos, quasi de maneira, que parece cousa impossivel, em hum mesmo coraçaõ caber tamanha diversidade de costumes. Durou isto atè o tempo de Paulo Emilio, o qual vencendo a ElRey Perseo de Macedonia, e triumfando delle trouxe a Roma tanto ouro, e prata com que o Povo Romaõ aprendeo a ser cobiçoso, mas Paulo Emilio lembrado dos costumes em que fora criado, se lembrou sómente da victoria, e viveo como dantes pobremente: dahi por diante crescendo a cobiça nos Romaõs chegou a tanto extremo por onde

aquella Reepublica, ǫ o que com temperança se ganhàra, se veyo a perder com seu contrario, e como diz hum Poeta a cobiça, e desordem dos Romaõs destruio Roma, e deu della vingança ao mundo; mas V. Alteza naõ somente no que toca à dignidade Real, mas à maneira, e costumes de sua vida he muy temperado. Jà disse em cima quam sumptuosamente edificava, o que porèm faz com tanto respeito, que naõ pode ser a isso reprehendido, como foraõ Pericles, e Pompeo. ElRey Herodes de Judea filho de Antipatro, e Domiciano Emperador de Roma, e ElRey D. Fernando de Portugal por este demasiado apetito, de ricos Principes, que eraõ d'antes, deraõ consigo em muita pobreza. A Mesa Real de V. Alteza assi como he servida como cumpre a seu Real Estado, assi naõ excede o modo na muita sobejidaõ dos manjares, que se agora em outras partes usaõ, os quaes naõ sendo bons para a vida, trazem consigo outro danno, que empecem com seu exemplo ao povo, que como jà disse, sempre folga de fazer o que vè, que seu Principe faz.

De Julio Cesar se conta, que fez huma Ley, que naõ se comesse em Roma mais de certas viandas, e a fez guardar taõ inteiramente, que alèm de mandar olhar sempre o que se vendia nas Praças, mandava dissimuladamente saber o que se comia nas Casas dos principaes. Esta Ley foy tomada das Leys de Licurgo, que em nenhuma cousa trabalhou mais, que fazer, que a sua Reepublica fosse temperada no comer, e beber, e sem duvida os homens devem de comer para viverem, e naõ viverem para comer. Quem bem olhar quanto a sobejidaõ da gula repugna às Leys da natureza, e encurta a vida, e assi as muitas enfermidades, e naõ boas disposiçoens, que della nascem, acharà quam pouca necessidade tem os homens de muito comer. D'ElRey Dario se escreve, que hindo fugindo de Alexandre, e levando grande sede, foy dar em hum regato da agoa turba, trilhada de gente, e envolta em sangue de homens, que nella jasiaõ mortos, e fartando-se entaõ aquelle graõ Rey Dario desta sorte d'agoa, confessou, que nunca bebera com tanto gosto. Tambem ElRey Ptolomeo caminhando pelo Egypto, e naõ tendo huma noite, que cear, senaõ paõ de toda a farinha disse, que nunca cousa melhor lhe soubera. Desta temperança louva Mamertino em hum seu Panegyrico ao Emperador Juliano, o qual, segundo diz, as mais vezes comia, e bebia em pè o que lhe

mandavaõ, e assi por este respeito louvaõ em seus Panegyricos Ausonio ao Emperador Graciano, e Plinio a Trajano. Pacato em hum Panegyrico, que fez ao Emperador Theodosio, diz, que sendo elle Senhor das terras, e dos mares, era no comer muy temperado contentando-se de toda a vianda, nem se prezando de manjares delicados de muito preço, e trasidos de longe, e no mesmo lugar reprehende a hum Principe, cujo nome calla, que foy taõ dado à Gula, que muitos comeres seus foraõ avaliados, e estimados cada hum em dez mil cruzados. Finalmente do Emperador Cesar Augusto se escreve, que nunca fez gasto demasiado em comer.

Naõ he V. Alteza digno de pequeno louvor em beber agoa, posto que esta taõ venturosa manha lhe venha a elle, e naõ menos aos Infantes seus Irmaõs, como de herança leyxada por ElRey D. Manoel seu Pay de gloriosa memoria. Diz Salamaõ nos Proverbios naõ queiras aos Reys dar vinho, porque onde reyna o vinho, naõ reyna nenhum segredo, sem duvida assi como o entendimento dos que bebem agoa, està inteiro, e claro, assi o sentido dos que bebem vinho, anda mais bruto, e remoto, e vè menos, porque a luz natural da razaõ natural he impedida, por isso he proverbio antigo, que o vinho traz assombrada a sabedoria. Manda Plataõ em suas Leys, que os Principes das Cidades, e Officiaes, e Conselheiros das Reespublicas naõ no bebaõ, e naõ dà outra razaõ, senaõ parecer cousa de escarneo, quem ha de mandar a outrem, aver elle mister de ser mandado: o mesmo diz assi Aristoteles louvando a Ley dos Carthaginenses, que nenhum Soldado sobpena da vida pudesse durando a guerra beber vinho, e Moysés mandou aos Sacerdotes, que quando houvessem de sacrificar o naõ bebessem. Em fim Salamaõ o defende naõ somente aos Reys, mas aos Officiaes, e Juizes de seu Povo: e diz Plutarcho, que antigamente era defezo aos Sacerdotes do Egypto.

Escreve-se delRey Cyro, que chegando a casa de hum seu Hospede, e tendo-lhe perguntado familiarmente, que queria comer, respondeo, que lhe buscassem paõ, por quanto esperava hir comer a huma fonte. Tambem o Emperador Octaviano sendo em tudo muy temperado, e queixando-se o Povo Romaõ a elle de o vinho valer muy caro em Roma, respondeo com muy grande merencorîa estas

palavras: assaz trabalhou meu genro Marco Agrippa para que naõ houvesseis sede em vos trazer tantas agoas de fóra. Sohia dizer ElRey Cyro a seu Exercito, que se costumassem a beber agoa, e de Pescenio Nigro Capitaõ dos Romaõs se lè, que andando no Egypto com Exercito, e pedindo-lhe os Soldados vinho, respondeo como pode ser, que dezejeis vinho passando o Rio Nilo taõ perto de vòs?

Olhemos Portugal, e o que se agora nelle usa, e acharemos, que a temperança dos homens nos trajos, e vestidos nasce toda do bom exemplo de V. Alteza. Disse em cima do seu grande comedimento no modo de vestir, agora sómente direy, que posto que Xenocrates tenha, que os Reys para serem mais conhecidos devem d' andar ricamente vestidos, com tudo para isto ser assi, mais verdadeiro caminho parece ser o Rey em tudo muy temperado, porque desta maneira sua bondade o fará ser mais conhecido, que nenhuma mostra de fora, nem insignias do real Estado. Esta virtude foy causa, que a Reepublica dos Spartanos durasse tanto tempo, e crescesse tanto com as Leys de Licurgo, o qual mandou, que na sua Cidade corresse moeda de couro, porque naõ vindo mercadorias de fóra, que as mais vezes fazem a gente afeminada, os bons costumes della se podessem melhor conservar.

Esta foy a causa, que o Estado de Persia fosse tanto àvante em tempo delRey Cyro, que de nenhuma cousa mais se presava, que de muita temperança, e humanidade, e os Romãos, como já disse, em quanto tiveraõ isto, cresceraõ, e cousa sabida he, que Cayo Fabricio Censor lançou fora do Senado a Publio Cornelio Rufo da linhagem dos Patricios, porque em hum convite, que deu, poz em huma sua bayxella somente quinze marcos de prata lavrada. Tem Aristoteles, que os Reynos para durarem muito haõ de ser temperados, e allega com os Lacedemonios, e com os Molossos, e para isto ser assi, diz que cumpre muito ao Rey ser temperado. Naõ busquemos prova disto longe, que neste Reyno a temos, o qual de seu principio atè estes tempos foy àvante, naõ menos por esta virtude, que polas outras: mas tanto agora nos he mais necessaria, quanto a riqueza, e mercadorias, que vem da India, saõ de mais força para fazerem mà impressaõ em nossos costumes. Estes inconvenientes tira vosso Alteza, e com o virtuoso exemplo, que de

sua pessoa, e vida nos dà, faz guerra continua aos appetitos alheyos, o qual podendo andar cuberto de joyas, e perolas, tem mais respeito aos bons costumes de seus Vassallos, que naõ à qualidade, e grandeza de sua Real pessoa. A esta tamanha temperança responde a Rainha Nossa Senhora, vivo exemplo de toda a bondade, antre a qual, e V. Alteza se vè sempre andar hum famoso, e notavel competimento, de qual delles serà mais virtuoso. Escreve-se da Emperatriz Pompeya Plotina, mulher do Emperador Trajano, que foy taõ virtuosa, que acrescentou a gloria do mesmo Trajano, à qual com muita razaõ pòde ser comparada a Rainha N. Senhora, cuja virtude, e em todas as partes de sua vida perfeita temperança levantaõ mais a gloria, e alto merecimento de V. Alteza.

Que direy no comedimento que tem no jogo, e festas publicas, que pola mòr parte, se saõ feitas amiudo, aprende o povo a ser ocioso, e se aparta do exercicio da virtude? Se antigamente a Grecia senaõ dera a ver representaçoens, e festas, naõ perdera a gloria, que tinha ganhado com armas, e em quanto andava occupada em ver autos, e fazer comedias, ElRey Fillipe de Macedonia teve tempo de se fazer forte contra ella, e em fim a sojugou, e fez tributaria. Por isso Aristoteles, e Tullio naõ querem que haja muitas festas nas Reespublicas, e reprehende a Theophrasto Filosofo por ser nessa parte d'outra opiniaõ. Tem Aristoteles, que o Rey sobre tudo deve ser temperado, e daqui nasceo o proverbio, que diz: ametade do feito he mais que o todo; porque quem enfrear a vontade a naõ exceder aos fins da temperança, a qual sempre guarda o meyo de toda a bondade, este tal jà tem conseguido todas as virtudes; em algumas cartas que escreveraõ ElRey Fillipe de Macedonia a Alexandre seu filho, e Antipatro a Casandro, e Antigono a Fillipe, que foraõ tres notaveis Capitaens, lhes encomendaõ muito, que ganhem a vontade ao Povo, com boas palavras, em que haja huma temperada gravidade, e dizem que nenhuma cousa póde haver no Principe mais proveitosa a si, e a seus vassallos. Isto guarda V. Alteza inteiramente, cujas palavras, e respostas, assi como saõ vivas, e significantes, assi saõ temperadas, e graves, e nellas todas luz, e resplandece a grande bondade de seu Real Coração.

Finalmente saõ certo, e verdadeiro exemplo para a vida dos Principes. Acho eu, que ouve antigamente em Sicilia hum Rey por nome Anixilào, que por sua justiça, e temperança veyo a ser também quisto, e amado do Povo, que leyxando por sua morte filhos pequenos, e por seu Tutor delles a hum escravo de graõ virtude chamado Micitho, tanto foy o amor, que os Sicilianos tiveraõ à memoria de Anixilào, que quizeraõ antes ser governados por hum escravo, que dezamparar os filhos de hum taõ bom Rey, e assi os principaes Senhores da Ilha esquecidos de quem eraõ, ouveraõ por bem que a Magestade Real fosse administrada por mãos do mesmo escravo. Huma das propriedades desta parte he resistir ao appetito, e sometelo em tudo à razão. Entaõ hum Principe se póde chamar perfeitamente temperado, quando não menos obedece a si mesmo, do que seus vassallos obedecem a elle, quero dizer, quando obedece à justiça, e às leys, que saõ representadas no Ceptro Real, e bem se diz que a fonte de toda a temperança consiste em ser o appetito sogeito à razaõ. Qual Principe se póde achar, que mais obediente lhe seja? Qual Principe se lembrou mais de seu Povo, e se esqueceo de si? Qual teve nunca mór respeito às virtudes, e menos foy tocado de merencorîa, ou sem razaõ, que V. Alteza?

Naõ ha cousa mais contraria ao conhecimento da verdade, que o appetito da ira, e como diz S. Joaõ Chrisostomo, o coraçaõ naõ senhor de si, e sugeito à continuaçaõ do primeiro impeto he huma das cousas, que mais estrovaõ, e privaõ a luz do entendimento. A merencorîa muitas vezes vence os sabedores, e os olhos d'alma escurecidos, como quem peleja às escuras, naõ sabem fazer diferença dos amigos, a quem lhes quer mal. Lembrame que escreve Tullio em huma sua carta a Cataõ Uticense, que sempre em todalas idades foy mais trabalhoso vencer o homem a si mesmo, que a seus contrarios, e que mais pessoas ouveraõ vitoria de seus inimigos, que de seus appetitos; mas quanto isto he mòr verdade, tanto V. Alteza he digno de mais verdadeiro louvor, vencendo como faz os vicios, que pola mòr parte naquellas pessoas pòdem mais, que tem mór liberdade para peccar. Grande fama mereceraõ ElRey Ciro, e ElRey Agesilào, por nunca dizerem mà palavra, e a muita temperança do Infante D. Henrique, filho delRey D. Joaõ o primeiro deste nome, ainda hoje he nomeada, que foy tanta, que assi como

em seu coraçaõ nunca entrou odio, nem ira, assi de sua boca nunca foy ouvida palavra, que naõ fosse santa, e fundada em zelo, e amor de Deos. Quem bem olhar a torvaçaõ do homem enfunado em grande colera, e escuridaõ do rosto, e mudança de cor, o tremer da falla, a payxão do espirito, o movimento, e esquecimento da razaõ, sem duvida achàra quam mà cousa he ser vencido della, e naõ lhe resistir muito.

Diz Xenofonte que o Principe justo, e temperado hade cuidar que a sua Reepublica he sua caza, e a seus subditos hade ter em conta de filhos, donde cuido eu que nasceo antigamente os Reys serem chamados Pays do Povo, representando tambem nisto a Deos, o qual he chamado Padre nosso, e se este he o officio dos Principes tratar os naturaes como seus filhos, tanto com mór cuidado devem resistir à ira, quanto este appetito os afasta mais do verdadeiro juizo, que he necessario para a boa conservaçaõ de qualquer estado. O Emperador Theodosio era vencido algumas vezes da merencorîa, mas hiase-lhe logo, e dezejando arredarse em vencer de todo este primeiro impeto, foy aconselhado de hum Filosofo, que quando sentisse vir a payxaõ, costumasse a dizer antre si as letras do A. B. C. porque desviando, e detendo com isto a fantezia, antre tanto que aquelle subito movimento passasse.

Mas V. Alteza he sempre taõ senhor de si, e està nelle em todo o tempo taõ viva, e inteira a razaõ, que naõ tem necessidade de algum remedio contra este, nem outro nenhum appetito, assaz lhe bastàra para ser excellente Principe obedecer (como faz) às proprias leys, posto que sobre o Principe naõ tenhaõ poder algum, mas elle nem contente disto, sendo assi tanto, juntamente obedece às leys de toda a boa razaõ, assi como que nada lhe seja licito, mais que a nós, e assi nos dà de si exemplo, com que vencendo a nós mesmos, naõ queiramos mais, do que he justo, como diz hum Poeta. Esta diferença vay dos bons aos màos, que os màos fógem da culpa com medo da pena, e os bons da pena com medo da culpa, e sem duvida onde naõ entra amor, mal se póde conservar a boa razaõ, por mór que seja o receo da pena. Mandando V. Alteza seu Reyno, juntamente o mandaõ as leys, a virtude, e todo bom respeito, posto que em alguns outros Reynos mais mandaõ, e

podem os Principes, que o bom respeito; mas o Rey que obedecer à justiça facilmente uzarà toda a virtude, e polo contrario quem a naõ seguir, nem quizer dar credito às leys que ordena, mais deve ser chamado tirano, que Principe. Bemaventurança commummente se chama poder hum Rey quanto quer, mas grandeza sómente se deve chamar, naõ querer mais do que he bom, em fim tal he V. Alteza neste seu glorioso reynado, quaes outros muitos Principes prometem, que haõ de ser, e tal he qual deseja ser havido, o que (como dizia Socrates) he grande atalho para a verdadeira gloria, e tamanha a força da razaõ, que a quem somos mais obrigados, a esse temos mòr afeição, e amor, e athè os ladroens guardaõ antre si, e tem leys que seguem, sem as quaes huns sem os outros se naõ poderiaõ soster. Achase que foy hum famoso ladraõ na Esclavonia chamado Bargulo, que por se haver justamente com os outros ladroens seus companheiros, partindo antre elles o roubo igualmente, veyo a ter muito credito com elles, e possuir grandes riquezas, e dos Persas se escreve, que sohiaõ fazer os moços juizes d'outros moços para logo de pequenos se exercitarem no uzo da razaõ.

Siguaõ os Principes o exemplo de Hercules, o qual como escreve Xenofonte, passeando hum dia em hum lugar sò apartado, vieraõ a elle a virtude, e a deleitaçaõ, ambas em habito de mulheres, mas a virtude vinha como mulher grave, e a deleitaçaõ era Dama muito fermosa, e porfiando com muitas razoens cada huma polo converter a si, sendo elle mancebo, e naquella idade, em que naturalmente as vontades se soem de entregar a bem, ou mal; Hercules posto que a deleitaçaõ lhe prometesse grandes prazeres, e polo contrario a virtude lhe mostrasse grandes trabalhos, ou vida trabalhosa, com tudo depois de lançar suas contas, e cuidar tudo antre si, prudentemente escolheo a virtude com razaõ, e trabalho, que a deleitaçaõ com falso contentamento: mas quando a virtude por si naõ abastasse para se aver de seguir, ao menos se devia fogir da infamia, que de naõ se fazer o que era razaõ nasce aos homens. Quem he taõ presumpçoso, ou esquecido de si mesmo, que naõ estima o que outrem pode dizer delle, como diz S. Joaõ Chrisostomo? A multidaõ dos homens toda traz os olhos nos costumes de seu Principe, dos quaes como de huma pintura cada

hum tira o debuxo, e modo do seu viver, e os peccados das pessoas baixas sómente empecem a quem os comete, as culpas dos grandes polo mào exemplo trazem danno geral a muitos. Se como dizem os Filosofos na temperança principalmente se olha, que tudo diga, e estè bem, em nenhum tempo pòde ser afastado da virtude, porque tudo o que diz, e està a bem por certo, em todas as partes da vida. V. Alteza guarda perfeitamente o que cumpre, e està bem ao preço, e authoridade de sua Real pessoa.

Sempre atençaõ de toda a pessoa virtuosa, e mòrmente do Principe assim mesmo deve ser, conforme a todalas partes da vida, naõ deve ter os apetitos soltos, ou sobejamente dezejando, ou sendo muito negligente, que isto he o que naõ està bem, nem ha de haver nella vozes falsas, nem desacordadas, o que tanto mais se deve fugir, quanto esta musica he mais suave, que todas as outras, e quanto o desconcerto della offende mais, e parece peyor. Bem està ao Principe ser vergonhoso, que aonde naõ hà vergonha, naõ pòde haver nenhuma virtude, e este louvor foy dado a Hercules: bem està ser humano, e chaõ, porque mais louvada foy a humanidade de Valerio Corvino Capitaõ Romaõ, que a muita aspereza de Anibal, e Manlio Torcato, que matou seu filho. Bem lhe està guardar o que promete, porque de Hercules se escreve, que nunca mentio, nem quebrou juramento, e que huma só vez jurou em toda a vida, e parecia taõ mal aos Romaõs quebrar o juramento, e a fé, que se dava, que defenderaõ aos seus Sacerdotes, que naõ jurassem. Em fim bem està ao Principe naõ querer mais honra daquella, que a razaõ, e authoridade de sua Real Pessoa requere.

Que cousa pode estar peyor a quem governa, que gabar-se a si mesmo muito, ou dar credito a lisongeiros, como dizia Aristoteles? Quem a si mesmo se gaba, he vaõ, e quem diz mal de si, he Sandeo, por isso a verdade he nem se louvar homem, nem menos dizer mal de si, e o mesmo dizia, que os contentamentos falsos se deviaõ de olhar no fim para taõ asinha se naõ tornarem a desejar. Escreve-se nos Livros Sagrados, que estando Acab Rey dos dez Tribus para dar batalha a ElRey Adado da Suria, mais de quatro centos Profetas falsos, que havia no Paço, por contentarem ao Rey lhe diziaõ, que pelejasse ousadamente, que Deos lhe tinha

prometido a victoria, antre estes todos havia hum só Profeta verdadeiro chamado Micheas, o qual o desenganava, dizendo, ǫ se là fosse, havia de ser morto; mas ElRey dando mais credito à falsa esperança dos lizongeiros, que ao dezengano de Micheas, depois de o mandar prender, sahio à batalha, em que foy morto, e este he o proveito, que tiraõ os Reys de quem lhes naõ falla verdade. Quem estas cousas bem olhar, acharà claramente pola comparaçaõ dellas, quam afastado he V. Alteza de todos estes males, e como em tudo segue, o que sómente està bem à qualidade da pessoa, e grande mando, que tem.

Finalmente todas as partes, que tem da temperança, são em si perfeitas, despresa as vaidades, e honras sobejas, he muy temperado em toda a maneira, e costumes de sua vida, pode nelle mais a razão, que o appetito, naõ se esquece nunca do que cumpre, e està bem a seu Real Estado, porque segundo Aristoteles, a temperança he dividida em três partes, em obedecer o appetito à razaõ, e naõ haver nas cousas mais diligencia, nem menos da que cumpre em ser guardada em tudo a dignidade, e estado de qualquer pessoa. Quem com juizo verdadeiro tudo isto bem olhar acharà, que em V. Alteza se pode verificar toda esta divisaõ.Com estas manhas, com estes costumes, com esta tal musica, e harmonia de tantas virtudes, he tambem quisto, naõ somente de seus leaes subditos, e naturaes, mas das Provincias, e Naçoens Estrangeiras. Este he hum dos premios da virtude serem por ella naõ menos amados os absentes, que os prezentes, e polo contrario, quando o Principe he o que naõ deve, assi os estranhos, como os seus lhe querem mal, e lho mostraõ per obra, quando podem, e achaõ tempo para isso, e por força he, que hajaõ medo a quem querem mal, e a quem haõ medo, que lhe dezejem a morte. Que mayor imfamia pode ser de hum Principe do que foy do Emperador Cayo Cesar Caligula, que foy taõ mào, e crù tiranno, que ouzou dizer, que de nenhuma cousa se prezava mais, que da pouca vergonha? Mas seus mãos costumes, e crueza lhe deraõ o fim, que elle merecia.

A pouca temperança, e comedimento dos antigos Reys de França foy causa, que perdessem aquelle Reyno, e a successaõ delle passasse a outrem: porque sendo Theodorico Rey em França, e

leyxando governar o Reyno a outrem, nem se mostrando ao povo mais que huma vez no anno, naõ poderaõ isto sofrer os Grandes, e o lançaraõ do Reyno: nesses tempos a segunda dignidade de França depois delRey era Mordomo Mòr, que pela fraqueza dos Reys mandava tudo, por onde sendo, como disse, lançado Theodorico, foy entregue o Reyno a Pepino Martel, filho de Pepino, o qual pola grande authoridade do seu cargo governou França muito tempo, e por sua morte leyxou seu filho Carlos Magno, que depois fez grandes cousas em armas.

Costume he dos que compoem Panegyricos louvarem nelles a boa presença, e pessoa do Principe, por isso dezejando eu fazer o mesmo, mòrmente, sendo estas partes em V. Alteza taõ dignas da Magestade Real, por duas causas o leyxo de fazer, a primeira porque a dignidade da lingoa Portugueza sofre mal esta maneira de louvor, e a outra por ser isto taõ notorio, que naõ tem necessidade de ser por mim mais representado, e assi como no tempo dos Gentios em algumas partes, aonde era adorado o Sol, haviaõ por escusado fazer-lhe imagem, porque o viaõ sempre andar no Ceo, assi a Real Pessoa, e presença de V. Alteza, sendo de nòs vista cada dia, naõ ha mister outro testemunho, que o dos olhos e contentamento geral de todo o seu Povo. Mas jà he tempo, muito Poderoso Rey, e Senhor de me recolher ao porto, e amainar as vellas: metime no Mar Occeano: grande atrevimento foy o meu: hey medo de me perder, faz-se o caminho cada vez mais comprido, e com tudo queria meu desejo passar adiante, e fallar nas heroicas virtudes de V. Alteza, cujo officio he mostrar-se nas mòres cousas, e trabalhos, assi como nas outras he fugir, e arredar-se dos extremos. Vejo quam grande empresa tomey, e quam trabalhoso me serà querer dar perfeito louvor em Panegyrico a seus altos merecimentos, e naõ he igual trabalho dos que geralmente trataõ das partes, e officio de bom Principe ao daquelles, que particularmente querem representar as virtudes, e feitos de hum Rey Excellente. Os que fallaõ geralmente dos Reys naõ saõ obrigados a nenhumas Leys, nem delles se espera mais do que podem. Tem a liberdade, que querem, tomando, e leyxando o que lhes parece, sem merecer nenhuma reprehensaõ: por isso muitos Filosofos fizeraõ isto com muito seu louvor, como foraõ Plataõ, e Theofrasto,

Antistenes, Xenofonte, Dion, Xenocrates, Aristoteles, e outros muitos, mas no Panegyrico naõ he assi, o qual, ou senaõ hade começar, ou jà que se começa, ha de se dar igual louvor ao merecimento das pessoas, e naõ se dando, he digno o author de muita culpa, ou por tomar empreza desigual a si, ou por naõ querer louvar como he razaõ, e naõ merece menos culpa, quem louva o bom Principe menos do que he, que quem diz mal delle. Neste tamanho perigo, em que me fuy meter, huma só escusa tenho por mim, o grande dezejo de tratar os louvores de V. Alteza, senaõ como elle merecesse, ao menos como eu pudesse. No fim desta obra peço ao muito alto Deos, que este tamanho bem, que nos quiz dar dando-nos tal Rey, e Senhor, nos queira conservar por muito annos, dando nos a nòs tambem vida, não tanto pola vida, quanto polo contentamento deste seu glorioso Reynado de V. Alteza.

FIM DO PANEGYRICO

A ELREY D. JOAM III.

Por João de Barros.

ELOGIO
DELREY
DOM JOAÕ
DE PORTUGAL
III. *deste nome*

POR

ANTONIO DE CASTILHO

Do Conselho delRey D. Sebastiaõ, e seu Chronista Mòr

Dom Joaõ o III. deste nome, decimo quinto na ordem dos Reys de Portugal, foy filho delRey D. Manoel, e neto do Infante D. Fernando, que por linha direita de varaõ em varaõ, vinha do primeiro Rey de Portugal D. Afonso Henriques, filho de D. Henrique Conde de Astorga natural de França das partes de Vizançon, cujo Pay, e Avòs descendiaõ dos antigos Reys de Borgonha: nasceo o Principe D. Joaõ das segundas vodas entre ElRey seu Pay, e a Rainha Dona Maria filha dos Reys Catholicos nos Paços de Alcaçova de Lisboa no anno de Christo Nosso Senhor 1511 a 6. de Junho; naõ pode temperar o alvoroço, e alegria do povo huma grande trovoada, que a noite de seu nascimento se armou, e hum rebate de fogo ateado dentro nos Paços, no dia em que foy bautizado, porque em tamanho sobresalto naõ deixavaõ de o festejar com todas as invençoens de jogos, e de prazeres publicos, como se aquelle lume fora hum agouro do resplandor de sua virtude: fez seu bautismo na Capella de S. Miguel D. Martinho da Costa Arcebispo de Lisboa. Madrinhas foraõ a Rainha Dona Leonor viuva delRey D. João II. e a Infanta Dona Beatriz sua Avò: e em nome da Senhoria de Veneza escolheo ElRey D. Manoel por Compadre hum Gentil homem enviado por

Embaixador a este Reyno, a quem ElRey armàra Cavalleiro, e dera a Ordem de Christo, avida naquelle tempo por mayor honra. Tomou o Principe o primeiro leite de Dona Beatriz de Payva, casada com D. Alvaro da Costa, Guarda roupa delRey D. Manoel, mas vindo adoecer, e faltarlhe o leite, entrou em lugar della Fillipa d'Abreu casada com Bertholameu de Payva cunhado do mesmo D. Alvaro, dizem alguns, que lhe fora revelada em sonhos esta criaçaõ do Principe, podia tambem ser força da imaginaçaõ. Como o Principe chegou à idade de hum anno, foy jurado pelos tres Estados, por futuro succesor destes Reynos nas Cortes, que ElRey seu Pay fez em Lisboa no anno de 1503 na Sala dos Leoens: passados os primeiros annos da mama, teve cuidado de lhe ensinar a Doutrina Christaã, e as primeiras letras Alvaro Rodrigues Capellaõ delRey seu Pay, ajudado de hum Martim Alonso, que professava este officio, teve cuidado de lhe ensinar os principios da Lingua Latina D. Diogo Ortiz de Vilhegas Bispo de Tangere, que depois com Thomaz de Torres Mathematico muy conhecido lhe deo algumas liçoens da Esphera, e tendo o Principe huma memoria estranha, e tanto juizo, como sempre mostrou, aproveitouse mal desta Doutrina, ou por culpa dos passatempos, a que se afeiçoava mais, ou destes Doutores, que o guiaraõ por caminhos torcidos, nem cada hum delles, nem Luiz Teixeira filho do Chanceler Mòr grande Letrado, e criado nas boas letras de Italia lhe aproveitou na falta, que depois sentio, porque escassamente se enxergava nelle a sombra da Lingua Latina: posto que nas cousas de juizo se achava muito lembrado: assim eraõ as palavras delRey cheas de Magestade, e igual brandura, que parecia criado na conversaçaõ dos melhores engenhos do Mundo. Quando ElRey seu Pay lhe deo casa, afeiçoouse logo a dous homens fidalgos de diferente natureza, hum delles foy Luiz da Sylveira muito avisado, bom cortesaõ com alguma noticia das letras humanas, mas desejoso de levar o Principe a seu parecer, o outro D. Antonio de Tayde de menos idade, mas transformado no gosto delRey, de que fazia muito mais conta, que da propria medrança, assim a segurou melhor quando o Principe D. Joaõ veyo a reynar. Falecido ElRey D. Manoel no anno de 1521. a 13. dias de Dezembro, proveo logo o Principe as honras, e exequias da sepultura de seu Pay: tanto que foy obedecido, e jurado dos tres

Estados do Reyno, reformou com todos os Principes confederados a paz, e amizade, que seu Pay acordàra com elles, e no mesmo tempo succedeo a morte do Papa Leaõ X. cujo successor foy Adriano VI. na Igreja de Deos. Deu-lhe ElRey D. Joaõ a obediencia, antes que sahisse de Espanha, provendo juntamente nas cousas da paz, e da guerra sem alterar o governo, nem os Ministros na ordem em que as deixàra seu Pay. Começando apoz isto a nascer algumas discordias entre elle, e o Emperador Carlos V. pela razaõ que cada hum tinha de averem por seu o direito das Ilhas de Maluco, por culpa de Fernaõ de Magalhaens desnaturalizado de Portugal por aggravos del Rey D. Manoel, entendeo quanto importava a seu Reyno o repouso da paz, e naõ sómente atalhou a desavença desta causa por honesto partido, mas renovou o devido antigo, que tinha com a Casa d'Austria, dando a Infanta Dona Isabel sua Irmã ao Emperador, com hum dote desacostumado, casando a troco com a Infanta Dona Catharina d'Austria. Revolto o Mundo depois com as guerras do Emperador, e de Francisco Rey de França, e determinados por huma das partes todos os Principes da Europa, sendo ElRey D. Joaõ escassamente de 24. annos de idade, assim se governou nesta tormenta do tempo, que naõ pòde ser levado de algum delles para seguir seu bando, antes guardando a hum o decoro, a outro a fé de confederaçaõ, nunca desistio de esforçar cada hum delles à paz da Christandade, pondo-lhe diante a obrigaçaõ que tinhaõ de ajuntarem as forças, e virarem as armas contra os inimigos della, offerecendo o Infante D. Luiz seu Irmão para tratar este acordo. Desejando depois ver restituidas em Portugal as letras, que a ignorancia de alguns, e descuido dos Principes tinhaõ degradadas do Reyno, escolheo alguns moços de boa esperança para fazerem alicece desta obra, os quaes mandou criar em Pariz no Collegio de Santa Barbara, onde se assinalaraõ alguns na eloquencia, e doutrina, de sorte que pode depois reformar a Universidade de Lisboa, e levalla à Cidade de Coimbra, convidando Theologos, Juristas, e Medicos de todas as partes de Europa, que floreceraõ nesta Universidade, e ganharaõ honra com o favor, e partido, que lhes fazia. Quasi no mesmo tempo receando o perigo, que as heresias dos Christaõs novos, e dos Luteranos, que em Alemanha cresciaõ, tanto como as outras no Reyno, antes que

este fogo se ateasse, impetrou da Sè Apostolica a authoridade do Officio Santo da Inquisiçaõ(posto que em Roma contrariado) para atalhar os incendios, que em poucos annos abrazaraõ o Mundo, com tanto zelo da Religiaõ Catholica, que escolheo para o cargo de Inquisidor Mòr o Cardeal Infante D. Henrique seu Irmaõ. Fez muita ventagem aos Reys seus Avòs no zelo do Culto Divino, e acrescentamento na Religiaõ, porque no Reyno fez tres Igrejas Sès Cathedraes, Leiria, Portalegre, e Miranda, e nas Ilhas do Mar Oceano, e outros Estados da Coroa de Portugal erigio novos Bispados por authoridade Apostolica, cujos Prelados, e Ministros de cada Igreja fez sustentar dos dizimos, que estavaõ applicados à Ordem de Christo, no descobrimento destas partes. Fez com a mesma authoridade a Igreja de Evora por morte do Cardeal D. Affonso Metropolitana, onde passou com o mesmo favor do Arcebispado de Braga o Cardeal D. Henrique, para restituir com seu exemplo de vida a melhores costumes os Ministros, que a riqueza daquella Igreja hia afroixando. O mesmo titulo procurou à Sè do Funchal na Ilha da Madeira, com ordem, que fosse reconhecida na jurdiçao espiritual do Bispado de San Tiago, e de S. Thomè, e da Cidade de Goa na India. E por tempo depois impetrou do Papa o Primado à Cidade de Goa, que reconheciaõ os Bispados de Cochim, e Malaca. As Ordens dos Religiosos esfriados do primeiro fervor foraõ à sua instancia restituidas à limpeza, e devaçaõ dos primeiros Instituidores, como foraõ a dos Franciscanos, Dominicos, Agustinhos, Carmelitas, e Hieronymos, repairando os Edificios antigos dos Religiosos, para se exercitarem naquella vida santa, e recolhimentos mais acommodados, com o qual cuidado reformou o Convento dos Freires da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo em Tomar, apertando aquella Religiaõ Militar, quasi desatada, com a Regra de S. Bernardo, como fez no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que naõ sómente mudavaõ os costumes, a vida, e recolhimento, mas foy acrescentado de Edificio magnifico, e digno de sua grandeza. Tinha a mesma tençaõ redusir a Ordem de S. Bento à sua limpeza, e santidade primeira, mas a morte rompeo este desejo, posto que em sua vida o Mosteiro de Alcobaça resplandecesse em muita virtude, como depois succedeo a todas as casas de Portugal desta Ordem, com o zelo que o Cardeal D.

Henrique mostrou a esta Religiaõ, depois que lhe foy encomendada em tempo del Rey D. Sebastiaõ, herdeiro dos pensamentos de seu Avò, veyo a lume a Reformaçaõ, que S. Bento lhe inspirou do Ceo, com que os Mosteiros de sua Ordem começaraõ a florecer em nova Religiaõ, e com seu exemplo as outras Ordens Militares de Aviz, e Palmela, se governaraõ melhor.

Foy o primeiro Principe Christaõ, que tomou debaixo de seu amparo a Ordem da Companhia dos Padres, que em nome de Jesus Nosso Salvador ordenou Ignacio de Loyola com doze companheiros, offerecidos semear a Palavra de Deos pelo mundo, com tanto proveito das almas, como hoje vemos em todas as partes onde penetrou sua doutrina, e pode o favor del Rey D. Joaõ fazer este beneficio à Christandade, fundando hum Collegio em Coimbra, depois desta Religiaõ approvada, onde se criaraõ em exercicios de virtude, e Doutrina Christãa muitos Soldados de Christo, que depois se espalharaõ por todo o Oriente, com muita gloria do nome Christaõ. As Donzellas Orfãs, que a idade, e desamparo podia estragar, mandou recolher em huma casa, para dalli lhe ordenarem vida, ou por casamento, ou por Religiaõ, e o mesmo Recolhimento fez noutra parte para mulheres, que a propria fraqueza, ou descuido dos pays fez mal costumadas, para neste lugar com a penitencia, e oraçaõ restaurarem a honra perdida. Entendendo o pouco sossego, que em Lisboa tinhaõ, os que se exercitavaõ nas Escolas geraes, desejoso de os seus Vassallos se assinalarem na doutrina das letras, passou os Estudos a Coimbra, que dotou de muitas rendas do seu Padroado, com que ajuntou homens escolhidos, dos que depois se fizeraõ conhecer pelo mundo estremados por estranha doutrina: floreceraõ em seu tempo outras artes apagadas, que seu favor espertou, como foy a Architectura, a que o mesmo Rey se inclinou, e a navegação dos seus naturaes conhecidos em todas as partes do mundo, pela noticia das cousas do mar. Aos Infantes filhos del Rey D. Manoel seus Irmãos, foy pay no amor, dando a cada hum tanta parte das terras da Coroa, Prelazias, e Mosteiros encomendados, quanta bastava a qualquer Principe para sustentar o Estado, e obrigaçoens do Sangue Real, porque naõ perdeo nunca o cuidado do Cardeal D. Afonso, que em vida delRey seu Pay fora provido em titulo do Arcebispo de Lisboa, e da administraçaõ do

Bispado de Evora, e Mosteiro de Alcobaça. Ao Infante D. Luiz fez Condestable de Portugal, Duque de Beja, e de outros Estados, e perpetuo administrador do Priorado do Crato. Ao Infante D.Fernando deu em dote os Condados de Marialva, e Loulé, o Ducado de Trancoso, com outras Villas no Reyno, casando-o com a Senhora Dona Guiomar Coutinha, unica herdeira da casa de Marialva, como ElRey seu Pay ordenàra. Ao Infante D. Duarte casou com a Senhora Dona Isabel, filha de D. Gemez Duque de Bargança, a quem D.Theodosio, herdeiro desta casa dotou o Ducado de Guimarens, consentindo ElRey no partido. Ao Infante D. Henrique Principe santo proveo primeiro do Arcebispado de Braga, donde passou para Evora, dando-lhe a administraçaõ dos Mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e o titulo de Cardeal, que lhe procurou. A Infanta Dona Beatris, casada em vida de ElRey seu Pay como o Principe de Saboya, e depois offerecida a muitos trabalhos, pelas guerras que houve entre os Franceses, e Imperiaes, com quem o Duque fez bando, favoreceo sempre com tanto amor, como devia a esta Princesa, e o devido, que tinha com aquella casa. Poucos annos depois, que começou a Reynar, casou a Infanta D. Isabel com o Emperador Carlos V., e por satisfazer a vontade delRey seu Pay excedeo o dote às forças do Reyno. A Infanta Dona Maria derradeira filha delRey D. Manoel procurou sempre casar com o Delphim de França, depois com Filippe herdeiro de Espanha, e finalmente com o mesmo Emperador Carlos V. mas perdeo o trabalho, porque a vontade de Deos tinha escolhida esta Princesa para outra bemaventurança mayor, quando a levou para si, vivendo sempre em este Reyno com huma casa, e estado de muita grandeza. Alguns bandos, que succederaõ em seu tempo entre Casas Illustres, como foy entre a Casa de Aveiro, e a de Marialva, o Conde do Vimioso, e da Castanheira, e outras Casas desavindas entre si, teve sempre cuidado de as repartir com mayor authoridade, e respeito, que lhe todos tinhaõ, do que era o temor do castigo, porque sua condiçaõ maviosa era taõ affeiçoada a toda a clemencia, e perdaõ, que tinha por honra folgarem os homens de lhes serem aceitos: e por cousa indigna de sua grandeza ter os Vassallos em seu serviço por medo do rigoroso castigo. A certo Fidalgo, ǫ naõ consentio a seu filho visitar da parte delRey à Condestablessa, chamou doudo

publicamente, e disse-lhe, que mandaria fazer este officio por outro mais honrado que elle; o que fez logo por outro menos valido: dando com isto a entender, que os Vassallos soberbos naõ podem ter honra, e que os obedientes a seu Rey só a tem verdadeira: quando lhe enculcavaõ alguma pessoa para seu serviço, e lho gabavaõ de homem rijo, e que se naõ deixava torcer, ria-se destes louvores, e affirmava, que estes rigores, e estremo da justiça naõ nasciaõ senaõ de fraqueza, e desconfiança, que só a clemencia, e dissimulaçaõ da vingança particular podia caber em espiritos grandes. Nos crimes enormes mostrava sobejo rigor, e dissimulando com a justiça ordinaria, valia-se algumas vezes da jurdiçaõ absoluta, procedendo contra pessoas privilegiadas, como era D. Joaõ Sotil Bispo de Çafim, preso por culpas secretas, D. Bernardo Manoel malsinado por offerecer à Excellente Senhora hum Galeaõ, D. Duarte de Meneses, por governar a India à sua vontade, D. Miguel da Sylva Bispo de Viseu, por se ir deste Reyno sem lhe entregar o sello da puridade, e negocear o Capello de Cardeal contra sua vontade: assim que a brandura, e clemencia, que sempre mostrou nos delictos, que mereciaõ perdaõ, o faziaõ parecer mais rigoroso, e desigual, nos que procediaõ contra seu serviço desconfiados de sua boa inclinação. Desejando com tudo satisfazer às obrigações, que lhe carregavaõ, como herdeiro do Reyno, e administrador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, ordenou hum Tribunal chamado da Conciencia, onde se proviaõ todos os descargos della, e faziaõ cumprir as obrigaçoens desta Ordem, e das que depois se ajuntaraõ à Coroa com grande satisfaçaõ do Reyno, e vigia dos bens das Ordens, que em seu tempo foraõ sempre melhor governadas: foy havido por descuidado de sua fazenda, mas na verdade quem lançar conta ao que ella rendia, o estado em que a achou, quando succedeo na Coroa, os dotes de suas Irmãas, que pagou da Rainha Dona Leonor viuva, as legitimas e heranças da Infanta Dona Maria, e de cinco filhos delRey D. Manoel, a transaçaõ de Maluco, os roubos de seus Ministros, que teve na India, os naufragios das Nàos, que succederaõ em seu tempo, acharà que naõ houve Principe no Mundo, que fizesse tanto bem, como elle fez a todos com taõ pouca renda, como lhe fundia esta Coroa, e se for mais àvante tambem acharà, que assi como teve a condiçaõ larga para

gastar dinheiro, e fazer mercès temporaes; teve muita prudencia para conservar seu Estado, entendendo, que os bens da Coroa eraõ devidos ao Estado Real, como nervo principal da paz, e da guerra, sem os quaes, nem os Reys podem ter authoridade, nem o Reyno sossego, como aconteceo em Portugal, e em Castella, depois que os Senhores serviraõ seus Reys a partido, e a grandeza de suas casas os fazia revolver cada dia Hespanha com qualquer aggravo dos Reys. E por isso nunca ElRey D. Joaõ em seu tempo deixou de restituir à Coroa os bens, que vagavaõ por direito das doações. A herança de Marialva vaga por morte da Infante Dona Guiomar Coutinha, tornou a incorporar na Coroa, como fez ao Estado do Infante D. Luiz, e outros, que foraõ vagando, principalmente os Mestrados da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, de S. Bento de Aviz, e de S. Tiago, que à sua instancia se uniraõ à Coroa perpetuamente, entendendo quanto importava ao sossego do Reyno, e satisfaçaõ dos merecimentos publicos da paz, e da guerra, virem as Comendas das Ordens a quem tinha obrigaçaõ de premio, e castigo: e com ter este respeito de naõ diminuir o patrimonio do Reyno, e naõ perder occasiaõ de o acrescentar, naõ teve menos cuidado de conservar em sua reputaçaõ as Casas dos Grandes, e a Nobreza antiga do Reyno, abrindo muy raramente entrada de novo a gente popular, quando naõ tinhaõ serviços muy conhecidos, posto que seu zelo fosse desterrar de Portugal calidades de homens infames, porque estranhou ao Principe D. João seu filho chamar villaõ a hum toureiro, dizendo, que em Portugal naõ havia esta sorte de homens, que bastava a vontade, a fazenda, a boa criaçaõ, e costumes para honrar os homens de bem, e por isso os privilegiava de boamente, entendendo quam bemaventurada he a Republica, onde hum Principe iguala com amor, e justiça, aquelles que a fortuna (às vezes cega) fez menores que outros. Fez tres vezes Cortes em Torres Novas, Evora, e Almeirim, em que respondeo a seus Vassallos com muita satisfaçao delles, e proveo algumas leys para bem da justiça, e dos povos, ainda que seus Ministros se descuidassem na execuçaõ dellas: as rendas publicas naõ desejou nunca ver acrescentadas, por naõ crescer o preço das cousas, que lhe erão necessarias para suas armadas, e em nenhum aperto do Reyno sofreo nunca lançar novo tributo, por naõ ser pesado a seus

povos, e em quanto nelle foy, e as necessidades de sua fazenda sofreraõ, desejou sempre que se pagassem as dividas com os interesses corridos a seus acrèdores, porque naõ fosse exemplo sem pouco credito aos devedores quebrarem, e se podesse conservar o comercio entre seus naturaes com verdade, e justiça, posto que poucos annos antes de seu falecimento satisfizesse interesses exorbitantes, e demasiados aos seus acrèdores em tenças de juro, e de herdade na Casa da India, que depois de sua morte se pagarão a cada hum, como teve a ventura, mas muita parte delles se toma em cada contrato em pagamento aos interessados, como sofrem as necessidades publicas.

No conselho de cousas mais importantes recebeo sempre o parecer da Rainha Dona Catharina sua mulher, e dos Infantes seus Irmaõs, ajuntando com elles alguns Grandes do Reyno de muita prudencia, e inteireza, de quem podia fiar a deliberação de qualquer negocio por importante que fosse, deixando sempre lugar aberto a outras pessoas de meam fortuna, que tinhaõ noticia de negocios, em que avia duvida, mas naõ se obrigava nunca a seguir o parecer alheyo, ainda que nelle fosse vencido, no que a parecer de alguns acertava menos, porque os Reys quando naõ tem revelaçoens divinas, que os guiem, saõ obrigados aver seu conselho por sospeito, e fiaremse dos homens, que votaõ mais livres, e naõ espreitaõ seu gosto: assim como lhe estranharaõ alguns meter no conselho a Rainha com novo exemplo para os outros Principes, que naõ costumaõ fiar tanto da condiçaõ das mulheres, que ainda que muy avisadas, e virtuosas, saõ sempre mulheres. E porque em seu tempo começarão encarecer os mantimentos com a esterilidade do paõ, desejou muito acudir às necessidades do Povo, dando ordem para prover de fóra o Reyno, por industria dos Mercadores, que se obrigavaõ sómente a fazer seu proveito, favorecidos delRey, mas com muito descuido, e pouca vigia dos Officiaes, a que este cuidado se encomendava, porque a falta da execuçaõ, e brandura das penas desordenava a provisaõ das leys, pela qual razaõ se ouveraõ por escusas as taixas, conjurando todos os Mercadores em Monopolios particulares, e o povo com os Officiaes do governo em sua propria desordem, e vida desacomodada: em tanto naõ deixava ElRey de mandar prover os campos do Tejo, e do Mondego com vallos,

maranhoens, e outros beneficios, que refreavaõ as cheyas, e impeto daquelles rios, naõ somente por culpa da natureza, mas dos Lavradores do Reyno, que semeavaõ terras dependuradas sobre as ribeiras, e a troco de pouco fruito corriaõ, e areavaõ os campos, entupiaõ as barras, e ficando rochas nuas, perdiase muito pasto de gado, e se os Ministros do Reyno acodiraõ nas Cortes a huma perda tamanha, por ventura naõ se alagaraõ os campos, e sobejàra o pasto do gado. Algumas obras publicas começadas por mandado delRey D. Manoel fez acabar em seu tempo, como foy o Templo de Nossa Senhora de Bethlem, com o Mosteiro dos Padres Hieronymos, fundado por ElRey seu Pay, pela ordenança moderna, que aquelles tempos sofriaõ, acabado por ElRey D. Joaõ com igual magnificencia, e despeza, e mayor fermosura, qual se mostra na fórma dos Edificios Romanos. Restituio o Cano da agoa de prata de Evora, aqueducto antigo de Sertorio, que o tempo em muitas partes tinha gastado, a cuja conservaçaçaõ applicou renda publica, que bastava para suprir o reparo: o mesmo fez no Cano de Elvas, ainda que naõ foy possivel acaballo por alguns estrovos, que se offereceraõ, em quanto a obra corria. Do mesmo Rey he aquelle Edificio illustre, que fica sobre o Mar em Lisboa, onde de huma parte se recolhe o pão, que vem de fóra por mar, e por terra, e da outra todas as mercadorias, que devem à Coroa direitos; edificou na mesma Cidade o Almazem, onde se guardaõ todas as armas, e moniçoens do Reyno, assim para bastimento das Fortalezas de fóra, obra magnifica, e digna de sua grandeza. Edificou na mesma Cidade com suas esmolas os Templos offerecidos a Nossa Senhora da Graça, a S. Francisco, a S. Roque, começados em sua vida com a mesma Magestade, com que depois se acabaraõ: fóra dos muros repairou o Mosteiro de Santa Clara, e em todo o Reyno, naõ ouve lugar em que naõ deixasse pègadas de sua devação; porque no Mosteiro de Alcobaça, no de Santa Cruz de Coimbra, no Convento da Ordem de Christo em Tomar, fez tantas despezas com obras novas, que passarão àvante de todas, as que os Reys seus avòs ordenaraõ, não perdoando a despeza alguma, e favorecendo os Ministros, de que confiou o cuidado dellas. Em Africa, e na India naõ ouve lugar, que ou naõ fortificasse de novo, ou naõ reformasse os Edificios antigos, como fez tambem nos lugares maritimos deste

Reyno, e alguns Castellos da Raya, de sorte, que com grande beneficio do Reyno gastou huma parte de suas rendas na fortificaçaõ de seu Estado, ornamento dos lugares sagrados, e remedio de muitos pobres, que tinhaõ por melhor servir nestas obras, que povoarem forças, onde mereciaõ estar os ociosos com outra sorte de gente, que vive sómente da industria, e do engano alheyo. Naõ sómente nesta magnificencia mostrou a grandeza de seu espirito, mas no sofrimento, a que sacrificou seu coração, vendo quasi cada anno hum irmaõ, e hum filho morto, sem lhe ficarem de tantos, salvo dous netos, o Principe D. Sebastiaõ, que lhe soccedeo no Reyno, e da Princesa Dona Maria, Carlos herdeiro de Castella, sem nunca lhe enxergarem fraqueza em tanta magoa, como a perda destes Principes naturalmente lhe avia de fazer, antes abraçado com Christo fazia ley da vontade Divina; àlem de tantas virtudes, como mostrou na paz, naõ lhe faltou conselho na guerra, e tanta prudencia para governar em seu tempo com muita honra sua; quanto pareceo mais impossivel fazella longe dos olhos, nas mais afastadas terras do Mundo: quando começou a reynar fez com diligencia huma escolla de seus naturaes, que podiaõ adestrarse nas armas, e repartidos em companhias, de que avia Coroneis em cada Comarca do Reyno, Capitaens, e Sargentos, e outros Offciaes da Milicia particulares em cada bandeira, proveo com muito cuidado esta gente, sem queixume do povo, e ensinada nos dias de festa, que dantes gastavaõ em jogos, e passatempos de pouca honra, e proveito, obedecer a seus Capitaens a todo o exercicio das armas, levando o medo perdido ao estrondo da Artelharia, quando se offerecesse necessidade de alguma batalha, e assim com pouca despeza de sua fazenda, e algum favor devida à virtude, criava na destreza da guerra homens de bem, que depois se assinalavaõ nas armas, assim em suas navegaçoens, como na guerra de Africa, e da India, com o mesmo conselho privilegiou os Escudeiros de boa linhagem, huns filhando-os por Cavalleiros de sua casa, outros por confirmaçaõ de Cavallaria, merecida na guerra, costumados em seu tempo nas Cidades, e Villas principaes do Reyno, escaramuçar, e jugar as canas, e outras boas manhas por naõ faltar occupaçaõ honesta a toda a sorte de vassallos seus, a fazenda dos quaes sendo taõ delgada, como cada hum em sua casa vè, poderia dar

vida aos Portugueses, tendo a navegaçaõ livre dos Cossarios, o que em seu tempo se fez com diligencia, e cuidado, posto que os Franceses costumados a viver de roubo, ouvessem os Castelhanos, e Portugueses por huma mesma naçaõ, e naõ perdoassem a huns, nem a outros, quando lhe cahiaõ na maõ, e à sombra de fazerem guerra aos Castelhanos, tomassem nossos Navios desarmados, e outros que às vezes se defendiaõ valerosamente com igual perda, mas ElRey D. Joaõ com armadas ordinarias encomendadas a Capitaens esforçados, e outros officios, que fazia por seus Embaixadores em França, reparava aquella força dos Cossarios com grande prudencia, tendo este conselho por mais acertado, que seguir huma parte dos bandos, entre Carlos V. e Francisco, onde se aventurava mais, e segurava menos a navegaçaõ de que seus vassallos viviaõ. As Fronteiras de Africa, que seu Pay, e Avòs tinhaõ ganhadas aos Mouros, huns com tençaõ de criarem os Portugueses na guerra, e naõ enfraquecerem no repouso da paz, outros por lhe ficarem portos abertos para a Conquista de Berberia, fortificou de novo a mayor parte dellas, sustentadas com grandes despezas, governadas por Capitaens escolhidos, provendo com muito cuidado, naõ lhes faltassem mantimentos, e moniçaõ para soster qualquer cerco, nem Navios nos portos para lhe acodir com socorro, só a fortaleza de S. Cruz no cabo de Guè (de que era Capitaõ D. Guterre de Monroi filho do Comendador Mòr d'Alcantara) cercada dos Xarifes, quando começaraõ conquistar Berberia, e traziaõ apoz si com o zelo da sua Religiaõ falsa a mayor parte dos Alarves de Africa, posto que socorrida das Ilhas, começou o inverno a crescer, e os Mouros apertaraõ o cerco, de sorte que lhe faltou o socorro de Portugal pela injuria do tempo, e os moradores desesperados delle naõ poderaõ soster os inimigos, morrendo alguns valerosamente, e outros entregues aos Mouros perderaõ aquelle lugar com quebra de algumas particulares, como foy o Capitaõ D. Guterre, mas pouca culpa da gente de guerra que fez quanto pode por naõ se entregar viva aos vencedores. Em lugar desta força ordenou ElRey D. Joaõ fortificar Masagaõ na mesma Costa de Africa, o que fez com muita despeza, e conselho de grandes Capitaens, e em parte compensou a perda do cabo de Guee com muitas victorias, que os Portugueses depois houveraõ.

Aquelles presidios de gente, que ElRey D.Manoel seu Pay, e os outros Reys seus Avòs com conselho de guerra, que aquelles tempos sofriaõ, tinhaõ repartidos pelos lugares de África sem diferença do sitio, e commodidade dos portos, acordou por parecer do Emperador Carlos V. recolher em menos fortaleza, com muito melhor conselho do que antes do seu tempo se sustentavaõ, assim porque poucas forças juntas ficavaõ mais poderosas para se defender, e os sitios escolhidos à vontade delRey mais acomodados para socorro do Reyno. Ao mesmo Emperador Carlos V. ajudou com huma armada poderosa na jornada de Tunes dissimulando como o Infante D. Luiz seu irmão, que se achou nella com muitos Fidalgos principaes, sem pedir licença a ElRey como quem sabia delle, que nisto lhe fazia serviço. Aquella armada de Solimano Emperador dos Turcos enviada pelo Estreito de Mequa, com grande esperança de lançar os Portugueses da India, desbaratou duas vezes em Dio, metendo no fundo a mòr parte della, e recobrando as moniçoens, e artelharia, perdida em tempo do Governador Nuno da Cunha, sendo Capitão em Dio Antonio da Sylveira, e depois disso, governando D. Joaõ de Castro, e sendo Capitão desta fortaleza D. Joaõ Mascarenhas, foy roto outro campo delRey deCambaya, onde se achou Cojeçofar, lançado de Europa naquellas partes com muitos Turcos desejosos de refazer a perda de Solimano, e lançar os Portugueses da India. Em seu tempo repartio o Estado da Santa Cruz, chamado vulgarmente Brasil, que Pedro Alvares Cabral levado da força dos ventos descobrio nas primeiras prayas do Mundo novo. E para se a povoaçaõ fazer com mais facilidade, e menor despeza da Fazenda Real, repartio aquella Provincia em differentes Capitanîas, e governaçoens, na forma, que os Reys primeiros fizeraõ povoar as Ilhas achadas no mar Oceano, que em poucos tempos cresceraõ com seu favor prosperas, e ricas, onde erigio Igreja Cathedral, e enviou Governador supremo para amparar em igualdade de justiça os que a naõ podiaõ alcançar dos mais poderosos, com que amansou os Gentios daquella Costa, e outros, que se escondiaõ pelo sertaõ, repartidos em suas Cabildas, sem mais contra policia, ley, ou costume, que a vontade propria: muita parte dos quaes trouxeraõ à noticia da nossa Fè Catholica os Religiosos da Companhia à instancia delRey D. Joaõ. Neste Reyno

fortificou no Algarve a Villa de Lagos, offerecida aos roubos, e assaltos continuos dos Cossarios, que em seu tempo infestavaõ o mar: começou tambem a fortaleza de S. Giaõ na boca do Tejo, com o mesmo conselho, e finalmente na paz, e na guerra foy hum Principe raro, nascido para beneficio dos homens, e amparo dos pobres, e estrangeiros; verdadeiro conservador do Culto Divino, e piedade Christãa. Foy de estatura meã, muy bem assombrado nos olhos, com muita graça na boca, brando nas palavras, de bom acolhimento aos pequenos, temido dos Grandes, de grande juizo na escolha dos homens bem inclinados, porque estes lhe foraõ muito mais aceitos, que os grandes engenhos, como foy o Cardeal D. Miguel da Sylva, D. Joaõ Manoel, Luiz da Sylva, e outros, que afastou de si por terem sobeja noticia do mundo, e pouca da que convinha para tratar com o seu Principe. Adoecia poucas vezes, e nunca de doença perigosa, atè o anno de cincoenta, que o começou tomar hum sonno amadornado no meyo dos negocios, doença criada de longe por falta do exercicio, e lisonjarîa dos Medicos, que lhe naõ preveraõ o perigo desta doença, de que veyo a fallecer no mesmo dia em que se lançou na cama, alguns diziaõ, que sem testamento, nem declaração de Governador do Reyno, e tutoria delRey seu Neto. Outros affirmaõ, que Pedro de Alcaçova, que entaõ servia de Escrivaõ da Puridade, e Gaspar de Carvalho Chanceler Mór deraõ sua fé na primeira Junta, que se fez depois de sua morte, que a vontade delRey era nomear para este cuidado do Reyno, e tutoria do Principe a Rainha Dona Catharina d'Austria sua mulher por algumas razoens, que a mòr parte do Reyno approvou, principalmente o Cardeal Infante D.Henrique, a quem esta eleição delRey parecia devida, assim por sua virtude, e inteireza muy conhecida, como por direito das gentes, e costume de Hespanha, que costuma dar este cuidado aos Principes do sangue mais chegado, primeiro que as femeas: falleceo finalmente depois dos Sacramentos da Igreja recebidos com devaçaõ, e havendo trinta e seis annos, que reynava, tendo cincoenta e cinco de sua idade, a onze dias de Junho, no anno do Senhor de mil e quinhentos, e cincoenta e sete.

PANEGYRICO
À MUY ALTA,
E ESCLARECIDA PRINCESA INFANTA
D. MARIA
NOSSA SENHORA.

POR

JOAÕ DE BARROS

1 Commum sentença dos Filosofos he visto por experiencia (Illustrissima Princesa nossa Senhora) o demasiado prazer causar nos coraçoens dos homens muy grandes alteraçoens, que naõ podendo o espirito suster em si o alvoroso, que dentro concebe, parece que abafaria, senaõ o communicasse, manifestando a todos a novidade do que em si sente. De que vem algumas vezes, que os homens esquecidos de si mesmos, sahem fóra dos limites, que a gravidade de seus officios poz em suas pessoas, como lemos delRey David, vencido do prazer, que tinha de levar a Arca do Testamento para sua casa, hia diante della dançando, e fazendo taõ desordenados movimentos com o corpo, que sua mulher Michol teve paixaõ, parecendo-lhe, que naõ guardava o decoro, que se devia à Dignidade Real com aquelles saltos, que via fazer a seu marido, de huma parte para outra.

2 E naõ sómente vemos causar o prazer estas operaçoens nos actos corporaes, mas ainda nas fazendas, taõ estimadas dos homens, que por ellas perdem as vidas, e aventuraõ as almas. Cà huns em alvisaras, outros em festas, que cada hum faz como pòde, gastaõ muitas vezes em hum dia o que ganhaõ em muitos. Alguns em vez de rir, choraõ com prazer, e de muitos lemos, a que o

sobejo, causou morte subita, naõ podendo com a força delle suster a vida.

3 De todos estes movimentos, que asima disse (muito alta, e excellente Princesa) mayor foy o meu, que com o prazer, que ao presente tenho, ou temos todos seus Vassallos em ElRey nos dar a vòs por Senhora, fiquey como quem de grave enfermidade se levanta com grande detrimento, taõ ignorante, ou taõ ousado, que me pareceo poder louvar a V. Alteza, que he o mayor aballo, que no coraçaõ de hum homem muito contente se podia fazer. Que gastar minha fazenda em celebrar cousa taõ grande, manifesto he, que fora pouco, e muito menos morrer, pois a morte de huma pessoa taõ baixa naõ podia manifestar prazer taõ alto.

4 Mas querer encher de papeis de seus louvores, he dar a entender, que em alguns se podiaõ elles comprehender. Cà certo considerando a grandeza de seu estado, e a baixa qualidade de minha pessoa, o alto cume da suas virtudes, e a fraqueza de meu engenho, a gloria de sua fama, e a pouca noticia da minha, naõ he outra cousa querer louvar a V. Alteza, senaõ cuidar, que sómente com estender as mãos aos que estaõ da outra banda de taõ largo rio o posso passar a meu salvo como pelos penitentes das ribeiras stygias dizia o Poeta Virgilio:

Tendebantque manus ripæ ulterioris amore.

Que estes enganos, e falsas imaginaçoens, às vezes causa, ou o grande desejo de haver huma causa, ou o gosto de a ter alcançada, que faz estimar as outras pouco. Donde vem que as grandes victorias, que alguns Capitaens houveraõ, foraõ causa de sua destruiçaõ, esquecidos com o vencimento presente, do futuro provimento, e forças de seus inimigos. Assim eu transportado no alvoroso deste prazer, e esquecido de taõ alta impreza, como he a que tomey, naõ se deve haver por muito ficar vencido della; como aquelle, que com falsas azas de cera se meteo no fogo de suas penas, e querendo tomar o Ceo com a mão, cahio no mar de sua ignorancia.

5 Mas jà que nisto heide satisfazer ao desejo, jà posto de huma parte, fique vencido meu engenho, ao menos da outra enganarey

por hum breve espaço a vontade, atè que a experiencia me mostre, o que ensina aos enfermos, que tanto trabalhaõ por apagar com agoa o ardor da febre, tanto mais aumenta as chamas do fogo, que os queima, e parecendo-lhe que satisfazem a seus desejos, com isto os acrescentaõ mais. E pelo mesmo modo, querendo eu mostrar a razaõ, que todos seus vassallos temos de ser o dia de hoje muito contentes, quanto mais quizer subir ao cume de seus merecimentos, tanto me acharey mais afastado de os poder entender. E desta mingoa hum louvor me fica em naõ dizer os de V. Alteza, que naõ serey avido por lisongeiro dos que virem que minhas palavras naõ chegaõ ao verdadeiro louvor de suas cousas. Nem recearey o que dizia Horacio a Marco Agrippa nestes versos.

Imbellisque Lyræ Musa potens vetat
Laudes egregii Cæsaris, & tuas
Culpa deterrere ingenii.

Dando-lhe a entender, que louvando mais a elle, e a Cesar seu sogro desfazia em seus louvores com falta de seu engenho. Porque a pureza, e a claridade dos de V. Alteza, he taõ excellente, que se lhe não pòde pegar a ferrugem de minhas palavras, mas estaraõ tão limpos entre ellas, como a luz do Sol, anda livre, e izenta dos pestiferos, e baixos vapores, que a claridade desfaz, sem deste ajuntamento ficar mascavada sua perfeição. Ou como o ouro, que lançado nos corruptos humores da terra fica taõ puro em seus quilates, que nenhum perde de quantos tinha.

6. Álèm disto alguma ousadia me dà ser o genero desta causa de sua natureza tal, que poderey escusar, o que costumavaõ os antigos, aquelles que floreceraõ na Arte da Eloquencia, que exercitavaõ o estillo em louvor de cousas, que naturalmente careciaõ delle. Ao modo do bom Lavrador, que a terra, a quem os beneficios da natureza fizeraõ escaça, faz elle com os da agricultura, tirando com seu industrioso artificio da esterilidade, proveito, e fruito, donde o naõ avia.

7 Nem tenho necessidade dos aguilhoens, que Pericles Atheniense deixava pregados nos coraçoens dos ouvintes, com que forçosamente os levava ao desejado fim de suas palavras. Nem

tanta efficacia nas minhas, quanta tinha Thimoteo na musica, que com as cordas de sua viola levantava a colera ao grande Alexandre, ou lha abaixava, produzindo em seu coração tão diversos movimentos, como saõ paz, e guerra.

8 E assim posso escusar neste exordio o captar benevolencia, e outras insinuaçoens do artificioso Orador das cousas asperas, as orelhas dos ouvintes, como era o louvor dos Tirannos, e o da febre, e da mosca, e da calva, que alguns antigos louvarão, e em nossos dias, o da Sandice. As quaes cousas sendo em si muy estreitas, para nellas hum Orador se poder esprayar com suas palavras, com ellas lhe fizeraõ aquelles doutos Baroens, taõ largos campos, que sem nenhum impedimento se puderaõ com louvores por elles estender, porque a verdade naõ ha mister pincel de Apelles, para acrescentar em sua fermosura, cà nua sem mais outro algum trajo està ella no verdadeiro primor de sua bondade. E como dizia hum sabedor a ElRey Dario: todas as cousas vence a verdade. A qual sem os sylogismos de Fabio, e sem as palavras empoladas de Demosthenes, ou Tullio estende suas raizes nos frios coraçoens da gentilidade. Assim que dado que me faltem as flores da Eloquencia, ellas duraõ tam pouco, que por derradeiro ficaõ pizadas, quando se colhe o fruito da verdade.

9 Diz Marco Tullio, que os brutos naõ se movem, senaõ para as cousas, que diante lhe saõ presentes, sentindo pouco as passadas, e futuras, e que os homens, como participem da razaõ, entendendo os effeitos, que de outros se seguem, e vendo os principios, e causas, comparaõ as semelhanças das cousas, cotejando as passadas com as presentes, com que facilmente alcançaõ o custo de toda a vida. Pois vendo o que V. Alteza atèaqui tem feito na sua, quasi vou entendendo, o que della pòde ser ao diante. E porque este discurso que tenho feito, me vay descubrindo grandes cousas, cresceme cada vez tanto a admiraçaõ dellas, que naõ pude deixar de a pòr em tinta, e papel, pois com torvaçaõ, e alvoroço, o naõ posso fazer com a lingoa. Porque naõ he de crer, dando-lhe a Divina Providencia, tantos, e taõ excellentes dotes, que fosse para lhe negar o summo, e mayor de todos.

10 He certo que nos bens da fortuna que os Filosofos chamaõ exteriores commummente, V. Alteza, os tem taõ perfeitos, que alguns de que os antigos se espantaraõ, diante dos seus perdem toda sua admiraçaõ. Là Plinio entre os milagres da Bemaventurança humana, conta de huma Rainha, que foy filha, mulher, e mãy de Rey, avendo por muito estas qualidades juntas em huma pessoa. A qual bem creyo, que de seus avoengos não tivesse a nobreza, e real limpeza de sangue, que V. Alteza tem de todas as partes, de taõ altos, e tão esclarecidos Reys, de que a Christianissima Rainha de França vossa mãy, vem descendendo. Em a qual, e em outras muitas Rainhas de vossa genealogia resplandece melhor esta gloria de bemaventurança, que Plinio achou na outra, de que faz mençaõ. Que naõ somente he filha de hum tão glorioso Principe, como foy ElRey D. Filippe vosso Avò, e mulher de outro, tão poderoso, e Christianissimo, como ao presente he ElRey de França, mas para melhor remate a fez Deos mãy de Vossa Alteza.

11 Pois vindo a ElRey de gloriosa memoria vosso Pay, de quem tendes o sangue dos poderosos, e Catholicos Reys de Portugal, taõ antigos, que olhando para traz, nos cansaria a memoria, naõ achando termo, onde descansasse, de cujos louvores, e vitorias taõ cheyo he o Mundo; acharemos que do principio, e fundamento destes Reynos, sempre tendes Reys vossos Avòs; e ainda nestes naõ tem nascimento seu sangue, que para chegarmos a esta fonte, avemos de revolver a antiguidade, e nobreza dos Reys de Ungria, de Castella, e de Aragaõ, de Leaõ, e de Navarra, e os triumfos da guerreira gente dos Godos, juntamente com os Reynos de Inglaterra, Boemia, França, e do sacro Imperio de Alemanha, em que de todos tendes parte; e naõ passarey por o que dizia o Emperador Maximiliano vosso Vizavò, que muitas vezes se louvava ter mais limpo sangue, que todos os outros Principes. Porque naõ o tendo de menos valia que elles, tinha mais hum quilate, que fora criado aos peitos da Emperatris Dona Leanor vossa Tresavò.

12 Pois quem foy ElRey vosso Pay? Por ventura hum Phalaris, ou Dionysio Siracusano? Certo naõ, mas aquelle em cujo coração ferveo sempre tal zelo da Fè, que com muito gasto de sua fazenda, mortes de seus naturaes, trabalhos de sua vida, e cuidados de seu

espirito, fez adorar o precioso Sangue de Christo, onde o dos brutos animaes se sacrificava. E isto taõ longe de seus Reynos, e Senhorios, quam perto elle estava da gloria, que por isso mereceo. Despregando bandeiras, tomando Cidades, sugeitando Reynos, onde nunca o vitorioso Alexandre, e grande Hercules, de cujas façanhas se espantaraõ os antigos, puderaõ chegar. Achando novas Estrellas, navegando mares naõ conhecidos, descubrindo a ignorancia dos Filosofos antigos, que o Mundo tinha por mestres de verdades occultas.

13 Cà depois de seus pilotos abriraõ o mar Atlhantico, por tantas centenas de annos cerrado, todos aquelles que na Filosofia natural tinhaõ gastado seu tempo, elle lhe gastou seu louvor. Pois dos Geografos, cuidavaõ ter o Mundo assoalhado com suas pinturas, aos olhos dos que naõ andavaõ por elle, que posso dizer? Senão o que se vè, que rusticos pilotos sem mais letras especulativas, que huma só doutrina praticada no convez de hum Navio endireitaõ as derrotas, diminuem, ou acrescentaõ os gràos, emendaõ as alturas, de tal maneira reprovaõ as taboas do Ptolomeo, como se estudaraõ em alguma illustre Universidade, e elle naõ em Athenas, onde gastou seus dias?

14 Naõ fallo nas vitorias de Africa, cujo temor fez fugir os Mouros das faldras, e da fertilidade dos mares Gaditano, Atlhantico, e meteo por dentro das secas areas do Sertaõ da Mauritania, nem o que fez em Guiné, e toda a Costa de Ethiopia, pois he notorio, que os negros que viviaõ fóra de toda a policîa, habitando as cavernas da terra, sem ley, sem justiça, sem direito humano, ou Divino, vivendo ao modo de brutos animaes, agora deixadas as trevas, e tornados à luz com a prègação delRey vosso Pay, que para elles foy novo Apostolo, levantaraõ Templos a Christo, e à Santissima Virgem sua Madre, e nelles pulpitos em que publicaõ, e exalçaõ seu nome, e Altares, em que offerecem seu Corpo Santissimo, e Sangue precioso, com que parece (Illustrissima Princesa) ser comprida a profecia do Psalmo, que diz, que os Estrangeiros e Tyro, e o Povo dos Ethiopes conheceriaõ a Deos: e pòdese dizer que seu nome lhe foy posto por Divino Mysterio, como lemos de alguns Santos Varoens, cujas futuras obras conhecidas por Deos, lhe deraõ nome,

confórme o que elles aviaõ de obrar. S. Joaõ Bautista pelos Prophetas foy chamado, e por seu pay Zacharias: Joanne, nomes que convinhaõ a suas obras. E o Messias prometido na ley, jà tinha seu nome escrito nos livros de Isaias, que disse Manoel se chamarà, que em nossa lingua quer dizer: Deos he com nosco, pela vinda, que fez a este mundo, onde tomou carne humana, por nos remir do peccado de nosso primeiro Pay Adão. Pois assim mesmo eu diria, que este Christianissimo Rey Emanoel levou à India, e Ehiopia sua Fè, com que os infieis com muita razaõ là pòdem dizer: Deos he com nosco.

15 Passo pelas victorias dos Rumes, pelos tributos que poderosos Reys da India lhe pagaraõ, de que a Coroa deste Reyno naõ tem pequenos proveitos. Que tudo isto celebrado he por Poetas, e Oradores, que em Roma, e outras partes publicaraõ taõ excellentes victorias. Testemunha he do que digo Camillo Porcio, que em huma magnifica oraçaõ, que fez ao Papa Leão X celebrou a tomada de Malaca, cujo treslado veyo a estes Reynos por industria do Doutor João de Faria, que naquelle tempo servia de Embaixador em Roma. Testemunhas saõ Policiano, Fillipe Beroaldo, Blosio, Paladio, Pierio, Casalio, e outros, que em metro, e prosa espalharaõ pelo mundo estes triumphos delRey vosso Padre, em cujo tempo se fora o grande Homero, que tanto caso fez de huma taõ pequena navegaçaõ, como he do Helesponto atè Sicilia, que pòde comprehender pouco mais de trezentas legoas, em que misturou tantas fabulas, e acontecimentos, quam pouca conta fizera dos errores de Ulysses, se vira tantas mil legoas de mar, e costa senhoreadas de hum só Rey, nas quaes se contem as Indias, a quem, e àlem do Gange, e grande parte de Ethiopia, Arabia, e Persia, cujas forças asaltaraõ os Mouros, e Turcos, e os lançaraõ atè os fins do estreito Arabico, onde tem seus Navios varados em a pobre Villa de Suès, sem usarem de levantar suas vellas, que a força Portuguesa tantas vezes amainou.

16 Que fizeraõ os Poetas Orpheo, e Apollonio, quam pouco estimaraõ a conquista do vellocino douro, e daquelle primeiro Navio Argos, que tanta admiração naquelle tempo fez ao mundo, navegando o espaço, que hà de Thesalia, atè Colchos, que ao mais

podem ser trezentas, e cincoenta legoas. Em o qual, mar por ser muito povoado podiaõ tomar muitos refrescos, e fazer muitas agoadas, com que teriaõ mais passatempo neste caminho, que trabalhos dignos de cansar nelles os Poetas seu engenho? Vendo seis mil legoas de mar, taõ hermo, e deshabitado, navegadas, e senhoreadas por a gente Portuguesa, que em suas tormentas nenhuma esperança tem nos portos, e nas Ilhas, de que as agoas estaõ desocupadas, a que possaõ fugir da braveza de taõ altas ondas, como nelle se levantaõ? Certamente, que olhando bem isto, se pòde dizer, que estas, e outras cousas, que os antigos contavaõ, como por excessos da natureza, quanto a nòs pelas que foraõ acabadas por industria delRey vosso Pay, podem ser havidas por historias de patranhas.

17 Naõ fallo nas colunnas de Hercules, postas na Ilha de Cales entre o fogo de nossas casas, que assentou como no fim de toda a terra, que neste tempo saõ riscadas da memoria dos homens, e postas em todo o silencio, e esquecimento, com outras mais altas, que por vosso sangue foraõ assentadas na derradeiras partes orientaes do mundo, mais proveitosas a elle por serem as em que Christo poz suas espadoas, do que foraõ as de Hercules, com que se perderaõ tantas almas.

18 Muito havia a cerca disto que dizer, mas basta mostrar o caminho, para que vejaõ o que tinha por passar, se disso quizera escrever. Mas deixaloey para dizer que de taes dous troncos como estes, naõ podia nascer senaõ V. Alteza, em que claramente se vè ser filha de tal pay, por quem Deos taes cousas obrou, e irmãa de tal irmão, conservador, e augmentador dellas; e sobre tudo criada na doutrina familiar, e exemplos da Rainha Nossa Senhora vossa Tia, em que tanto florecem as virtudes, que parece acharem nella descansado aposento. Em cuja Casa, que podemos chamar Escola de santa doutrina, V. Alteza foy ensinada nos preceitos da nossa Santa Fè, que inda isto deveis à Divina Clemencia, que alèm de vos fazer filha da Rainha Christianissima, Bisneta delRey D. Fernando, que por excellente Christaõ, mereceo o nome de Catholico, filha de outro Rey, que dos infieis (como pouco hà disse) foy novo Apostolo, e irmaõ delRey Nosso Senhor, maravilhoso reformador da Religiaõ

Christãa, isto, como digo, deveis a Deos, que vos deu taõ santa criação, com que pudesses conservar esta inclinaçaõ, herdada de vossos progenitores.

19 O que bem claro se mostra em V. Alteza, pois que seu modo de vida fóra de Religiaõ, pòde ser aos Religiosos espelho, e doutrina de bem viver. É certo eu naõ sey, que mais virtuosos costumes, santas mulheres possaõ ter na Clausura dos Mosteiros, e vida solitaria do hermo, que V. Alteza nos Paços Reaes tem, onde vive em Corte, e ajuntamento de gente. Pois que a continuaçaõ de suas oraçoens, a muita participaçaõ dos Sacramentos da Confissaõ, e Eucharistia, de que tantas vezes por graça Divina se faz participante, manifestaõ ter dentro em seu coraçaõ grandissimo fervor da Fè de Christo. Cousa muito de estimar nos Principes, que como sejaõ huma fonte publica de que seus Vassallos haõ de tirar agoa de bons costumes, e saã dotrina, como a Religiaõ seja aquella, em que consiste toda a nossa bemaventurança, nenhuma virtude parece dar taõ grande ser à pessoa do Principe, como he o zelo, e amor de Deos, em cuja maõ estaõ os estados da terra. O qual no dar da ley, e mandamentos que deu, naõ sómente deste preceito, que avia de ser fundamento de todas vossas obras começou, mas ainda quiz que o homem se entregasse todo a elle, dizendo: Amaràs a Deos de todo teu coraçaõ, de toda tua alma, e de todas tuas forças, como sapientissimo edificador, que para levantar o edificio de nossa alma, em seu amor, mandou que todas as achegas de nossas potencias, e sentidos trouxessemos para sua fortaleza. Porque derribado este principal baluarte, pelas maquinas com que o demonio nos combate, que aproveitaria ter justiça, prudencia, fortaleza, e temperança, ou como efles se poderiaõ chamar virtudes, faltando a do amor de Deos, cunho com que nossa Moeda hade correr diante delle?

20 O que vendo o Bemaventurado S. Joaõ, e considerando a grandeza desta virtude da Caridade, quanto precedia às outras suas companheiras, naõ achou com quem a comparasse, senaõ com Deos, dizendo: Deos he caridade. Porque assim como elle he infinito, assim esta virtude tendo as outras seus termos, hade permanecer com nossa alma sem fim, que a fé, e esperança seus

termos, e tempos tem, em que se haõ de acabar, sò a caridade vive, e reina na gloria dos Santos, dando a cada hum os quilates, que com elle mereceo, e sendo esta virtude a todos necessaria, mais o he aos Principes, que tem governança de povo, como nosso Redemptor significou perguntando tres vezes a S. Pedro se o amava, como quem se queria affirmar, no que fingio querer saber para doutrina nossa, cà Deos como penetra o intrinsico de nossos coraçoens, bem sabia que o amava S. Pedro, mas preguntando-lhe a derradeira vez: Pedro amas-me mais que todos? E respondendo o Discipulo: Senhor tu sabes bem que te amo, dando a elle mesmo por testemunha de seu amor: entaõ lhe encomendou a governança de seu povo, dizendo pasta minhas ovelhas; assim o Principe que naõ amar a Deos, mal pòde governar as ovelhas, que delle recebeo para o regimento das quaes se requere Divina sabedoria, cujo principio, como diz o Profeta, he temor de Deos, porque assim como o Pay de familias, que encomendou ao servo a governança de sua fazenda, e familia, pela boa conta que della lhe deu, conheceo o amor que lhe tinha: assim no cuidado, que o Principe tem de seu povo, vè Deos se o ama, e lhe dà o galardaõ, ou pena, conforme ao que merece.

21 Donde vemos estados de Principes desfeitos por se apartarem de Deos, e outros levantados por chegarem a elle. Exemplo pòde ser ElRey Saul, que perdeo seu estado, e vida; e o çurraõ, e cajado de David, levantado em Ceptro Real, o qual dizia: *Mihi autem adhærere Deo bonum esi*. Lemos Constantino ser exalçado por exalçar a Fè, e Juliano por della apostatar, morrer morte desestrada, e deshonrado. Vimos derribada a soberba de Maximo por Theodosio, e a elle por obedecer aos mandados de Ambrosio seu pastor, dar-lhe Deos o espirito profetico de Joanne Anachorita, como oraculo, porque se regesse em seus trabalhos, e fortunas: O os ventos acudirem ao som de suas trombetas, empuxando as batalhas dos inimigos, e peleijarem de sua banda, de que o Poeta Claudiano fez mençaõ nestes versos, e Augustinho tanto celebra.

Omnium dilecte Deo cui fundit ab antro
Aeolus armatas hyemes, cui militat æther,
Et conjurati veniunt ad classica venti.

22 E naõ somente vimos o pezo da maõ do Senhor sobre aquelles, que immediatamente foraõ contra a sua honra, e o desconheceraõ por Senhor universal, negando-lhe a adoraçaõ de latria, que como a Deos lhe pertence, dando-a ao demonio, como o fizeraõ os que adoraraõ o bezerro no Deserto em tempo do graõ Profeta Moysès, e os que encurvaraõ seus joelhos diante de Baal, no tempo do Santo Elias, e outros de que faz mençaõ a Escritura, mas ainda aquelles, que com pouca reverencia trataraõ o Culto Divino, ou com descuido, e negligencia se ouveraõ a cerca delle, naõ escaparem de sua ira, como lemos de Oza, que indevidamente tocou a Arca do Testamento; de Nabab, e de Abiud, que ofereceraõ fogo alheyo; de Dataõ, e Abiraõ, que rebelaraõ contra Moysès; e do outro, que apanhou a lenha no dia do Sabbado; de Ananias, e Saphira sua mulher, que defraudaraõ do preço do agro, mentindo ao Espirito Santo, e de outros muitos, assim Principes, como pessoas particulares, de que està cheya a Escritura Divina. Em fim o cativeiro de Babilonia, e desterro universal de todo o judaismo, com a destruiçaõ do Templo, e daquella Cidade Real, senhora das gentes, que foy senaõ castigo do apartamento de Deos, e da morte de seu filho, que vindo para as ovelhas perdidas da casa de Israel o puzeraõ na Cruz em galardaõ de suas obras?

23 E naõ somente entre os Judeos, a quem se Deos naquelle tempo quiz communicar com preceitos familiares, do modo com que o aviaõ de servir, mas ainda entre os Gentios, como Egypcios, Asirios, Medos, Persas, Gregos, e Romanos, e entre todos aquelles, que tiveraõ Monarquias, em todas suas historias, quasi naõ lemos outra cousa, senaõ em quanta estima era entre elles tida a Religiaõ, de que Valerio Maximo escreve tantos exemplos. E aquelles, que mais a guardaraõ, e veneraraõ, posto que fosse sem a fè, que ao presente temos, foraõ por isso, e por suas virtudes, com que ajudaraõ a Patria, mais favorecidos no estado, e fortuna do Mundo. Como Alexandre, que entrando em Hierusalem adorou o nome de Deos, que o Sacerdote mayor trazia na testa; e como diz Agostinho: *Receperunt mercedem suam*, por ainda a sombra da virtude naõ ficar sem galardaõ. Por onde podemos crer que a Religiaõ, que entre estes se guardava, ainda que era contra seu louvor, pois louvavaõ a criatura, naõ conhecendo ao criador, fosse exemplo a

nòs da estima, em que devemos ter a nossa, porque quando nos falecesse caridade, e amor de Deos, tivesse exemplo de gente condennada, com que nos castigasse da muita negligencia, e observancia da Religiaõ, como elle dizia aos Judeos: conheceo o boy seu dono, e as bestas a casa de seu senhor, e Israel naõ me conheceo.

24 Pois graças ao Eterno, e Omnipotente Deos, que taõ boas raizes como he este fundamento de seu amor, e observancia da Religiaõ criou em Vossa Alteza, que naõ pòdem deixar de produzir, senaõ ramos maravilhosos, de santos exercicios, e virtuosos costumes, como se vem, que o tempo que lhe sobeja dos Divinos Officios, e Oraçoens, gasta no estudo das letras, a que tanto se dà, naõ avendo respeito à sua criaçaõ, que por nascer de taõ alto lugar foy mais apartada dos trabalhos corporaes, e das necessidades, e mingoas com que a outra gente se cria, decorando aquelles primeiros, e emfadonhos rudimentos da Gramatica, que a força da palmatoria aos outros engenhos ensina, com que alcançou inteiro conhecimento da lingua latina, para daqui chegar ao fim de sua tençaõ, que he o estudo da Sagrada Escritura. Seguindo a doutrina do bemaventurado S. Hieronymo, que dizia a Paula, e outras mulheres santas, que lessem muitas vezes a Divina Escritura, e nunca soltassem da maõ os volumes sagrados. Movida taõ sòmente por huma inclinaçaõ virtuosa, afastada dos particulares interesses com que muitos usaõ das letras ao modo de jornaleiros, como de qualquer rustico instrumento, com que semeaõ o paõ, e cavaõ a terra, estudando para comer, e naõ para saber, e como o fim seja este, taes saõ os principios, como os quaes se contentaõ em qualquer sciencia, que aprendaõ.

25 E quanto mais cobiçosas saõ letras deste tempo, tanto mayor louvor he o de V. Alteza, pois a causa final de as querer entender naõ he falta de honra, nem de outra cousa, senaõ hum santo desejo de saber. De que todos seus vassallos devemos dar muitas graças à Divina Bondade, que por sua misericordia nos chegou a tempo, que tivessemos tal Princesa por Senhora, qual o divino Plataõ desejava, que dizia, bemaventurada serà a Republica, em que os Principes filosofassem, ou os Filosofos governassem.

26 No que se conhece claramente quam alto engenho, quam altos, e verdadeiramente reaes espiritos saõ os de Vossa alteza, que quer preceder às outras mulheres naquella parte em que os homens precedem aos outros. Naõ se contentando de lhe fazer tanta ventagem nos bens, que teve de seu alto nascimento, cà nasceo Princesa, nasceo filha de Rey, e levantada em estado, e pureza de sangue sobre muitas. Mas como isto se deve à natureza, quiz Vossa Alteza, que lhe devessem a sabedoria, ganhada por sua industria, e trabalho, que he a melhor cousa, que nesta vida os humanos pòdem ter, com a qual muitos ganharaõ estado, e outros por falta della os perderaõ, como poderiamos ver por exemplos, senaõ fosse contar historias, de que Vossa Alteza tanto conhecimento tem, e sòmente bastarà dizer como muitos Cesares ganharaõ, o que Sardanopalos, Tarquinios, e Dionysios perderaõ.

27 Fazenda he a sabedoria izenta da jurdiçaõ da fortuna, a qual, como diz Seneca, naõ toma, senaõ o que dà, o fogo gasta o ferro, o mar alaga Cidades, terremotos as derrubaõ, rayos espantaõ o Mundo, armas o senhoreaõ, sò o saber de homem he livre destes perigos, porque nem o tempo, que o mesmo Seneca chama sepultura de todas as cousas, o gasta, ou a morte o senhorea, que com elle mediante a graça Divina fazemos o caminho para a gloria, que esperamos. E assim dizia Byas Prienense fugindo da Patria, que deixava tomada dos inimigos, naõ levando mais que sua pessoa, e hum bordaõ, que tudo levava consigo. E se quizermos particularmente considerar as cousas, qual averà, que sem letras divinas, ou humanas se possa fazer? Como navegariamos as terras ignotas, que comercio, que noticia huma gente afastada por tantos intervallos de mar, e terra, teria das outras, sem a sciencia da Astronomia? Que communicaçaõ, ou que prestança das mercadorias averia sem navegaçaõ? Como se edificariaõ Navios, Casas, Templos, e Fortalezas com suas maquinas, taõ necessarias à vida, e policîa dos homens sem arquitetura? Como se governariaõ as Cidades, Reynos, e Respublicas, sem Filosofia moral? Como sem a natural se exercitaria o uso da agricultura taõ necessaria a mentença dos homens? E decendo ao particular das artes mecanicas, como nos aproveitariamos dellas, senaõ fosse por meyo das Mathematicas? Como tiveramos a musica pratica sem a

especulativa? Com tanta diversidade de estromentos, taõ necessarios, assim à Religiaõ, e Culto Divino, como para a guerra, e deleitaçaõ da vida? Que remedio para nossas infermidades, com que os corpos humanos por taõ diversas vias saõ offendidos, senaõ fora a medicina? Pois vindo ao espiritual, que fora de nossas almas sem a Divina Sciencia, que nos ensina o caminho, que avemos de seguir para a salvaçaõ dessas, remate de nossa bemaventurança? Em fim, porque meyo os homens communicariaõ essas sciencias com os prezentes, e futuros, sem letras? Certamente que examinando bem isto, parecem indignos da potencia intelectual, que he imagem, e semelhança de Deos com que fomos criados, os que desprezaraõ o verdadeiro ornamento, e atabio dalma, que he a sabedoria. A qual, como diz Nazianzeno, he Princesa, e inventora de todas as cousas, e em si as comprehende: do nome da qual se quiz Deos intitular, chamando-se Sapiencia do Padre; e quam necessaria ella seja nos Principes, Salamaõ o diz: por mim reinão os Reys, e os Principes senhoreão.

28 E para mais verificarmos isto faremos huma parabola imitando aquelle, que para todos se fez unico exemplar. Finjamos hum Rey tão zeloso da paz, e liança de todos os brutos animaes, que mandasse ajuntar quantos ahi ha diferentes em genero, e especie, para que metidos em hum curral juntos, os entregasse a hum pastor, de que tivesse experiencia, e confiança, que os trouxesse a tal concordia, que o Leão não comesse o Lobo, nem o Lobo ao Carneiro, o Galgo naõ filhasse a Lebre, nem o Açor a Perdiz, de tal modo, que esquecidos de sua braveza natural uzassem de toda a brandura, e mansidaõ; e que Pastor averia por muito atrevido que fosse, que naõ dissesse o que Moysès dizia a Deos: Senhor manda quem as demandar, por o tal cargo requerer, naõ digo hum grande e consumado saber humano, mas ainda a hum Divino inspirado por graça? Pois o Rey, que isto quiz fazer foy Deos Eterno, que ordenou na terra o governo dos Reys, e Principes, ficando-lhe na mão o coraçaõ delles, como quem sabia que tamanho officio, sem sua ajuda muy particular senaõ podia bem administrar. E os animaes, que tanto lhe encomendou saõ os homens, que deixando o caminho da rasaõ seguiraõ o dos brutos. Cà, segundo Paulo: *Justis non est lex posita*. Donde nasceo a meu juizo fingirem alguns Filosofos,

entre os quaes foy Plataõ, que as almas dos homens se trespassavaõ em corpos de diversas bestas, similhaveis aos costumes, que tiveraõ o dos Tyranos, e Principes em Lobos, Falcoens, e Milhanos, e os dados aos vicios da gula, e perguiça em asnos, introduzindo daquelle Herpamphilio, que disse ter visto a alma de Orpheo metida em hum Cisne, e de Aiax em hum leaõ, e a de Agamenon em Aguia, e em hum bugio a de Tersires Homerico, querendo significar, que nenhuma differença tem de brutos, os que vivem como brutos, e que a semelhança dos costumes lha faz igual a natureza; E dizerem as fabulas, que Acteon foy convertido em Corso, naõ he outra cousa senaõ, que pelo muito exercicio, e continuaçaõ da caça se fez agreste, e semelhavel aos animaes com que tratava; e tornando ao proposito, assim como entre estes hà tanta differença quanta vemos, assim nos homens se achaõ ainda mais differentes condiçoens de vida, e costumes, que na diversidade dos brutos. Cà saõ homens, e mulheres, casados, e solteiros, leigos, e Sacerdotes, nobres, e baixos, pobres, e ricos, moços, e velhos, senhor, e vassallos, rusticos, e politicos, discretos, e ignorantes, covardes, e animosos, irosos, e manços. Alèm destes màos, e bons, cobiçosos, roubadores, homicidas, onzeneiros, adulteros, sacrilegos, perjuros, hereges, e blasphemos, como vemos em quantos generos de maldades cabem no coraçaõ humano, a que he inclinado de seu nascimento, que cada cousa destas obra, differentes effeitos, e de huma maneira se ha de tratar o senhor, e de outra o vassallo, de huma o Leigo, de outra o Sacerdote. E como Hipocrates manda aos Medicos, que conheçaõ a idade dos enfermos, o tempo, a Região, e a infirmidade; assim o Principe no corpo mistico da Republica ha de ter tal regimento, que a medicina applicada a hum membro naõ dane o outro, que saõ as leys, a que Plataõ chama verdadeiro mantimento do povo: como fazia Paulo na Prègaçaõ do Evangelho, que aos fracos na Fè dava leite, e aos criados nella paõ com codea.

29 Pois que animal mais indomito, e fero pòde ser, que o homem injusto? Quantos males, e danos, quantas destruiçoens de povos, perdas de Reynos, e de almas nascem dos homens? A que o exemplo do castigo alheyo naõ aproveita para emenda propria; quantos cutellos ensangoentados, quantas execuçoens de justiça

criminal vem cada dia ante seus olhos, os que sem temor destas penas cõmetem crimes dignos de morte? Podendo nelles mais a malicia, que o temor; pois qual saber humano poderà governar taõ differentes vontades, e trazellas a huma mesma concordia das leys?

30 Pelo mesmo modo contaõ os antigos, que foy hum certo tempo, em que os homens viviaõ nos campos, e sustentavaõ a vida, como bestas feras, fazendo as cousas mais por obra das mãos, que por arte, nem razaõ, carecendo da Religiaõ, sem casamento, nem amor de filhos, por os naõ terem certos, sem conhecimento de leys, de tal modo, que com esta ignorancia, e error andava a concupiscencia cega, senhora da razaõ, usando de forças corporaes, como de gente armada para satisfaçaõ de seus appetites. No qual tempo se levantou hum homem sabedor, e vendo quanta efficacia, e proveito para muitas cousas jazia escondida no animo dos homens, se pudesse trazer à luz, e acrescentar com doutrina; andando huns espalhados pelos campos, jazendo outros metidos em covas sylvestres, os ajuntou em hum lugar, e lhes ensinou o caminho, que haviaõ de seguir, acerca do que tocava ao prol commum de todos. Os quaes posto que no principio fossem màos de ajuntar, toda via pouco, e pouco, de feros, e salvaticos que eraõ, os fez domesticos, e racionaes.

31 A este proposito, cuido que diz a Escritura, que a Sapiencia edificou para si huma casa, e cortou sete colunnas, querendo dizer (naõ fallo agora nos sentidos espirituaes) que naõ buscou quem lha edificasse, e escusou ajudas, e mestres, porque nella havia tudo, o que naõ tem a ignorancia, que com todas as achegas postas em casa a naõ levantaria de sobrado. Por este homem sabedor podemos entender o Principe, o qual posto que tenha sua Republica unida com leys, e direito Divino, sempre se achaõ em todo o tempo, e em todo o estado homens (como pouco ha disse) desobedientes a toda a razaõ, que como aquelles primeiros andaõ fóra de toda a ley; naõ guardando a ordem matrimonial, sem Religiaõ, e temor de Deos, e nos manjares como bestas obedientes à gula, e ao ventre, vivendo fóra da commum habitaçaõ dos outros, matando, e salteando pelos despovoados, os quaes o Principe por força, e por

arte ha de levar à domestica doutrina da razaõ, e fazer com que o lobo ande em hum mesmo pasto, como o cordeiro.

32 Aqui poderia eu dizer (prudentissima Princesa) que nella se pòde mostrar este grande homem sabedor, que meteo os outros no caminho da verdade. Que dias hà, que este vosso povo derramados pelos desertos deshabitados da razaõ, espera por V. Alteza. Grandes caminhos se me abriaõ aqui de seu louvor, mas diraõ, que não guardo o decoro, que devo à patria em publicar seus defeitos por ser mãy, que me gerou. Ó grandissima prudencia delRey Nosso Senhor entregar neste tempo hum povo a quem o havia de restituir a estado de mayor quietaçaõ, e repouso. Grandissima clemencia de V. Alteza, aceitar a governança delle pelo salvar. Certamente que naõ sey o que mais louve, se a prudencia de hum, se a clemencia do outro, igual he a divida, igual o louvor, igual a obrigaçaõ.

33 Muito devemos a ElRey, que nos deu a taõ alta Princesa, muito devemos a V. Alteza, que nos aceitou por seus. O singular, e nunca ouvido genero de liberalidade, taõ diverso, e taõ igual à delRey Nosso Senhor em dar, e a de V. Alteza em aceitar. Naõ sey o que diga por este taõ bom dia como nos amanheceo, e se disser alguma cousa, que posso dizer, senaõ o que diz o Poeta: *Jam redit & virgo, redeunt saturnia regna*. E elle a seu proposito, e eu ao meu. Quem serà taõ desconhecido, que seja ingrato a esta mercè? Quem taõ ignorante, que a naõ conheça? Quem taõ cego, que a naõ veja? Quem taõ mudo, que a naõ publique? Quem taõ sofrido, que a cale? Quem taõ rustico, que a naõ estime? E naõ entenda o tempo, em que ElRey nos buscou remedio de nossas enfirmidades, com que temos a saude certa, e a prosperidade segura. Nem podia sahir tal conselho, se naõ de Principe taõ dado às letras, e taõ favorecedor dellas. Nas quaes como naõ tenha pequena parte, assim buscou quem a tivesse muy grande, que as cousas naõ pòdem ser bem julgadas, senaõ por aquelles, que tem verdadeiro conhecimento dellas.

34 Vio bem Sua Alteza, que a jurisdiçaõ das letras se estendia tanto pela Universidade das cousas, que nenhuma se podia fazer sem ellas, que estes Cesares, estes Scipioens, e Anibaes, e todos os mais, que nas armas floreceraõ, entre ellas senaõ desprezavaõ

dos livros. Como de Alexandre se lè, que achando no despojo de Dario huma caixa muito rica de maravilhoso artificio, que servia dos cheiros, e perfumes delRey, mandou (contra opiniaõ de alguns) que para outros usos a deputavaõ, que lha guardassem para a Illiada de Homero. Era taõ sofrego das letras, que por Aristoteles publicar huns livros, que compoz da Metaphysica, o reprehendeo disso, querendo reservar para si o uso delles: sómente como diz Seneca, em estudar Geometria errou, porque havia de saber quam pequena era a terra, da qual a mayor parte tinha occupada, com que ficava falso o nome de que se intitulava de Grande Alexandre.

35 E naõ lemos, que a Mathematica de Archimedes defendeo por muitos dias Çaragoça aos Romanos? E que as artes liberaes de Gallo Sulpicio, como diz Valerio Maximo, foraõ causa da grande victoria, que Lucio Paulo Capitaõ Romano houve contra os Persas, porque espantado o exercito do ecclipse da Lua tinhaõ perdida a confiança da victoria, o qual elle lhe restituyo, provando pela ordem dos Ceos, que o desfallecimento deste Planeta era natural, e naõ prodigioso.

36 O Emperador Antonino naõ foy bom Philosopho, e bom Capitaõ? Carlos Magno naõ trazia nos exercitos ao grande Alcuino, cujas obras saõ hoje ornamento da Igreja? A ElRey D. Afonso de Castella naõ lhe deraõ suas tavoas nome de Sabio? Ao de Napoles deste mesmo nome, vosso Tio filho delRey D. Fernando de Aragaõ vosso quarto Avò taõ excellente Cavalleiro, e singular Capitaõ, de cujos louvores estaõ cheyas as Chronicas Napolitanas; que mais posso dizer em louvor das letras, senaõ que trazia por divisa hum livro aberto: porque dizia João de Issera, homem de muy grande juizo, que se elle naõ fora Rey, fora muy grande Philosopho. O qual lendo hum proemio, do que tradusio em lingoa Castelhana, os livros de Santo Agostinho *De Civitates Dei*, achou huma sentença, que dizia que o Principe idiota era hum bruto animal coroado. As quaes palavras lhe pareceraõ taõ bem, que nos negocios, na guerra, em suas prizoens, e adversidades, nunca deixou de ler, ouvir, argumentar, praticar em letras, e no Campo em seus exercitos trazia consigo hum Mestre Martinho, com quem communicava seu estudo. Tradusio as Epistolas de Seneca em Espanhol, teve grande

conhecimento das historias, grande noticia dos Poetas, e Oradores, soube muitas conclusoens de Philosophia natural, e tanto estudou na Sagrada Escritura, que se louvava ter lido o Testamento velho, e novo, quatorze vezes, com suas grozas, e commentos; respondia, e praticava como Theologo consumado em materias theologaes arduas, e dificultosas, como saõ da presença de Deos: *De Liber arbitrio*, *de Trinitate*, *de Incarnatione Verbi Dei*, *de Sacramento Eucharistiæ*. E dizia, que naõ avia melhores homens de conselho, que os mortos, que careciaõ de odio, favor, ou temor, respeitos, a que os vivos pela mayor parte saõ sugeitos. Dizem delle, que nos sacos dos lugares, nenhum despojo lhe era taõ agradavel como o dos livros, os quaes trazia sempre, como jà disse, nos caminhos, e exercicios, principalmente os Commentarios de Cesar, e Tito Livio, a que era affeiçoado. E na conversaçaõ domestica se servio de Bertholameu Fascio, singular historiographo, e Orador, de Georgio Trapezuncio, de Lourenço de Valla, doctissimos, hum na lingoa Grega, outro na Latina, de Joaõ Aurispa Siciliano, que escreveo muitas Epistolas, e Livros moraes, e de Antonio Panormitano Bolonhes, que escreveo hum Livro dos ditos, e sentenças do mesmo Rey D. Afonso, todos Baroens doutos, que no seu tempo floreceraõ.

37 Quiz fallar muito de taõ singular Rey, porque sua vida, e costumes, parece que confirmaõ o nosso proverbio, que diz: As letras naõ despontaraõ a lança. E certo naõ sey que sains mais amolados possaõ ser, que armas guiadas por conselho de prudente Capitaõ? E que muitos tragaõ em pratica: *Que farà aqui Plinio*, graça que hum homem disse em huma afronta a outro na Villa de Alcacer Ceguer; saõ cousas favorecidas daquelles, que por naõ saberem letras, querem authorizar este defeito com ditos alheyos, dignos de muita reprehençaõ, porque certo naõ ha ahi homens mais prejudiciaes às cousas dos que os que carecem dellas, que como esta privaçaõ seja causa de seu abatimento, querem-se sustentar com graças, quando lhe faltassem boas razoens.

38 Esta verdade confirmaraõ os Infantes D. Pedro, e D. Henrique vossos tios, cujas armas tanto honraraõ estes Reynos, que ainda hoje os livros, que hum compoz, authorizaõ a livraria delRey nosso

Senhor, e o Mundo, que o outro com sua Mathematica começou a descobrir que ElRey vosso pay, com muito acrescentamento conquistou, està cheyo de seus louvores. E nisto cuido eu que o Infante D. Pedro quiz significar quam necessarias eraõ nos Principes, a Filosofia, e as armas, pois Tulio, de Officiis, e Vigecie, que destas duas cousas escreveraõ, traduzio em lingoa Portuguesa.

39 Tornando ao proposito, bem claro mostra Vossa Alteza nos livros, que tem por ornamento de sua Casa, que procede do sangue deste taõ glorioso Rey de Napoles, que taõ boa memoria de si deixou ao Mundo, e a seus descendentes, exemplo com que aprendessem a ser Filosofos na paz, e Cavalleiros na guerra, pois que os livros mais alimpaõ as armas, do que as danaõ, e que Vossa Alteza as naõ exercite por lhe naõ ser dado, tem logo outras espirituaes de tanta força, que sem ella as materias perderiaõ a sua. Cà o animo onde se acha prudencia, fortaleza, justiça, e temperança com a verdadeira fè do que se deve crer, que cousas começarà, que naõ acabe? Ou como acabarà a memoria das que começar? Obedece o ferro à industria, as armas ao conselho, a gente ao Capitaõ, e como diz Salustio muito tempo durou entre os homens esta profia, em que consistia mais a virtude militar, se nas forças corporaes, se nas do animo, e posto que humas tenhaõ necessidade das outras, todavia pelo tempo, e experiencia se achou, que na guerra, o saber valia mais. E certo que muitas vezes, lendo os notaveis feitos das Amasonas, que em armas fizeraõ, me faziaõ muita duvida, parecendo-me que em mulheres, que a natureza naõ criou para o tal exercicio, senaõ podia achar tanta perfeiçaõ, a qual me tirou Valasca, de que conta o Papa Pio II. que com Exercitos de mulheres senhoreou sete annos o Reyno de Boemia, vencendo muitas batalhas campaes, e fazendo feitos em armas de muy esforçados cavalleiros. E Joanna, de que conta Gaguino, que vulgarmente chamamos a Poncella, cujo esforço, e prudencia militar restituio o Reyno de França a ElRey Carlos VII. deste nome, posto que naõ acabasse conforme a seus merecimentos, as quaes nos tiraraõ a duvida de outras mais alongadas de nossa memoria, como Symiramis, que governou tantas Provincias, Dido, que edificou huma tão nobre Cidade, e Thomiris, que matou a ElRey Cyro.

40 Assim que com estes, e outros exemplos de mulheres, que nas armas floreceraõ, e administraraõ Reynos, naõ duvido eu (Illustrissima Princesa) que trazendo o tempo taes necessidades, que fosse necessaria sua prudencia, e conselho, para governar gente armada, que se acharia nella tão perfeito, como se achou na Rainha Dona Isabel vosso visavò, cujo favor, e esforço ajudou a lançar fòra os Mouros de Espanha, que de setecentos annos, e mais a senhorearão por força de armas, a qual foy vista nos Exercitos, e perigos da guerra: mas como o tempo não ordene tal cousa, Vossa Alteza o gasta em outras, de que naõ merece menos louvor do que estas tiverão, que pouco ha nomeei, as quaes posto que venceraõ homens algumas dellas, naõ venceraõ a si mesmas, senaõ que o seu he tanto mayor, que a vitoria dos inimigos de casa, he mais louvada, que a dos de fóra. Porque segundo diz Marco Tullio, como poderà ser senhor aquelle, que o naõ he de suas paixoens? Refree primeiro os vicios, despreze as deleitaçoens, reprima, e detenha a ira, vença avareza, e lance de si as nodoas do animo, e entaõ comece a senhorear, depois que deixar de servir.

41 Dizia o grande Agessilào, vendo que os Persas louvavaõ, e senhoreavaõ hum Rey da India, que tinha grandes thesouros: porque serà elle mais rico, pois naõ he mais temperado? Querendo dizer que as forças dos Principes naõ estavaõ nas pedras preciosas, e Elefantes da India, senaõ em a temperança da vida, que he a verdadeira Filosofia, e o verdadeiro fruito das letras, inventadas para assentar os homens em hum honesto modo, e boa ordem de viver. Mas como seus donos se servem dellas para valer, e naõ para merecer, saõ como os vazos avinagrados do Poeta Horacio, que diz:

Nisi purum esi vas omne quod infundis acrescit.

42 Ao qual proposito dizia o Filosofo Epitheto a hum homem de bom engenho, e mal inclinado, que desejava, e trabalhava por saber. Ó homem, olha se he limpo o vazo em que tanta cousa lances. E certamente, assim como a ignorancia dos Governadores idiotas he prejudicial à Republica, assim a malicia dos Letrados he causa de muitos males, principalmente a daquelles, que tem officio de ensinar bons costumes, que se as obras naõ respondem às palavras, perdidas saõ quantas lhe caem dos pulpitos abaixo. Por a

obra ser de tanta força, que mudo brada, e callando grita, com que comprehende estas duas cousas, fazer, e dizer; e a palavra sem obra he só, e naõ tem virtude para dar raizes na terra, onde acertou cahir: contra estes, que esperdiçaõ a Doutrina de Deos, fazendo o contrario do que dizem, e prégaõ, diz Paulo, que naõ escaparaõ da sua justiça, pois nas sentenças que daõ contra os outros, condenaõ a si mesmos.

43 Como cheguey à altura deste conceito, e conhecimento, tudo o que descobri foraõ louvores de Vossa Alteza, porque era qualquer dos rumos, em que o tempo me poz, em todos ouve vista de suas obras, taõ juntas aos livros, que parece naõ sahir fóra da margem do que nelles le. Cà se o jejum tem merecimento diante de Deos, quem melhor guarda este preceito, e com mais louvor? Pois, sendo criada na abastança de todas as cousas, que pertencem a seu estado; sem o trabalho de as adquirir, por servir a Deos, e merecer ante elle, se poem em necessidade dellas. Que notorio he a todos com quanto trabalho se resiste à criaçaõ, que padecem mais facilmente esta falta da mantença corporal os moradores da parte Meridional, que os de Setemtriaõ, por huns viverem em terra fria, e outros em quente, que obra diversos effeitos, mais o rustico, que o bem nascido, pelo costume, mais o velho, que o moço, pela deminuiçaõ de calor natural. Assim quer Vossa Alteza, sobejando-lhe as cousas de sua propria vontade, exprimentar o carecimento dellas, por respeito de virtude, certo he muy grande louvor, e merecimento, pois naõ tem necessidade, a quer sentir, forçando sua vontade por comprir a de Deos, desprezando tanta diversidade de iguarias, com tanto artificio compostas. Quem serà com taes exemplos màO Christaõ? E se o for, que escusa terà com Deos, estando à conta com elle, que lhe ha de ser tomada taõ estreita: podemos logo com muita razaõ dizer, que a liçaõ dos jejuns, que Vossa Alteza le da Rainha Hester, e de Elias, e S. Joaõ Bautista, e a obra com que os guarda, tudo junto anda enquadernado.

44 E se viermos ao sacrificio da oraçaõ taõ louvado na Sagrada Escritura, qual Religioso com mais cuidado, diligencia, e continuaçaõ reza suas horas por obrigaçaõ, que V. Alteza sem alguma? Naõ lhe faltando dia em que naõ ouça os officios Divinos,

confessando-se tantas vezes no anno, e tantas vezes recebendo o Santissimo Sacramento do Altar. A communicaçaõ dos quaes, como sabe que daõ graça, assim trabalha pela merecer com elles. Certamente, que considerando muitas vezes a humildade de hum Principe bom Christaõ, se me representa, a ventagem, que nossa Fè tem às seitas, e falsas Religioens, que foraõ, e saõ ao presente: porque de quantos Principes, e Emperadores nellas houve, naõ se lé haver algum, a que a obrigaçaõ de sua Religiaõ fizessee taõ humilde, e taõ sogeito, como saõ os nossos. Os quaes vendo-se de huma parte rodeados de tantos criados, e servidores com tanto resguardo, e acatamento às suas pessoas, que os olhos naõ empregaõ em outro objecto, senaõ em o do Principe, para que em acenando, os seus jà executem, naõ sómente o que dizem, mas o que adivinhaõ, que querem. E da outra posto de joelhos diante de hum pobre Religioso seu Confessor, e de tal maneira, posto que naõ sómente lhe diz as culpas, e peccados, que commete, mas o pensamento que teve, ou tem de as commeter, pedindo-lhe sobre tudo penitencia, e castigo dellas; taõ obediente, e aparelhado a comprir quanto saõ seus Vassallos a lhe obedecer, somente nisto saõ differentes, que elle o faz de coraçaõ, e os seus às vezes de mà vontade, fingindo-a boa por lhe ganharem a sua. Cousa he certo de muita admiraçaõ, vontade de tantas obedecida, obedecer a huma só, sugeitar-se a hum homem, aquelle a que tantos saõ sugeitos, reduzir-se a hum só lugar huma jurisdiçaõ taõ estendida, por Reynos, e Provincias.

45 Pois notorio he a todos, como jà disse, quanto V. Alteza frequenta este acto de humildade, descendo tantas vezes de seu estrado aos pès de seu Confessor, esquecida donde vem, muito lembrada para onde vay. Passando sua vida com tanta temperança, que se algum exercicio fóra destes aceita, naõ he senaõ fundado em louvor de Deos, ou donde possaõ nascer occasioens de o servir. Porque deixada a caça, a que muitas Princesas em outros Reynos saõ inclinadas, V. Alteza comprehende os altos mysterios do Sol da justiça, como aquella aguia de mais subida altenaria, que penetrou os rayos do verdadeiro lume, onde nenhuma plumagem de Aves chega, por andar sempre esta garça taõ estrellada, que a naõ filhaõ, senaõ os que tem sua conversaçaõ nos Ceos. Em lugar de caẽs,

que desassocegaõ as alimarias, tirando-as de seus agasalhados, penetra com a sagacidade, e ligeireza de seu espirito, os cavàdos das pedras, desencovando aquella fermosa pomba de Salamaõ, que he a graça do Espirito Santo, e os sentidos da Escritura, verdadeiro mantimento da alma, e quando o tempo lhe naõ dá lugar a esta caça, porque em hum ha de semear, e em outro ha de colher, gasta estes intervallos no exercicio da musica, seguindo o Real Propheta David, que com sua viola espantava o espirito màо, que atormentava ElRey Saul, levando no discurso de sua vida tal ordem, e proporçaõ com que o demonio, inimigo della foge para onde naõ hà senaõ desordens, e horrores perpetuos. E tanto fruto tem V. Alteza colhido das letras, que achando nellas quam espiritual cousa he a musica, e quanto levanta os coraçoens para o Ceo, nella se exercita, como fizeraõ muy graves Philosophos, que vendo a ordem dos Ceos disseraõ, que em suas continuas voltas com que rodeaõ o mundo, fazem huma muy suave musica, de que os nossos sentidos saõ incapazes, por exceder sua potencia, atribuindo a cada hum suas vozes agudas, e graves.

46 E os Platonicos disseraõ, que nossa alma era composta de proporçoens de musica, por onde se deleitava tanto com ella. E assim parece que sentindo os Anjos a conveniencia, que nossa alma tem com a ordem da musica, com ella nos deraõ as novas do nacimento do Filho de Deos, de que o mundo estava taõ dezejoso, cantando com suave melodia. Nem sem causa o Espirito Santo ordenou, que cantando se celebrassem os officios Divinos para nossa alma os poder melhor comprehender. Ordenando assim mesmo estromentos, cuja armonia inflamasse nossos sentidos, como saõ orgaõs, que ainda na ordem de suas frautas imitaõ a dos Anjos, que no Ceo Impirio tem suas precedencias ordenadas por Deos. A differença das quaes concerta com aquella ordenada composiçaõ de Isaias, que sem cessar cantaõ diante da Divina Magestade de Deos.

47 E por a musica ser cousa taõ divina como he, nunca se lè que a Igreja de Deos estivesse sem ella, assim no tempo da ley da Escritura passado, como no da graça presente. Testemunha he aquella trombeta, que no dar da Ley retumbava pelas faldras do

Monte Sinai, testemunhas saõ os timpanos, e pandeiros de Maria, irmãa de Moyses, com que tanto festejou o naufragio dos Egypcios, e vencimento dos Judeos, e assim as trombetas de Hiericò, com a musica dos quaes os seus muros, como adromecidos, se deixavaõ cahir na terra.

48 Pois vindo ao Tabernaculo, e ao Templo de Salamaõ, sempre nelles houve estromentos de musica, com que os sacrificios se celebravaõ, que David tanto encomendava nos seus Psalmos, o qual levando a Arca do Testamento para Jerusalem, de que no principio fiz mençaõ, diz a Escritura, que elle, e o povo de Israel dançavaõ diante della, cantando, e tangendo violas, psalteiros, trombetas, e outros estromentos. E o mesmo Rey David, quando repartio os officios dos Levitas, lemos, que ordenou quatro mil delles, cujo officio fosse tanger orgaõs.

49 Cheya està a Escritura de muitos exemplos, porque claramente consta deleitarse Deos com a musica, a qual por experiencia se vè tem muito grande força nos coraçoens dos homens, por onde os que della tiveraõ conhecimento, vendo quanto podia em todas as cousas a levaraõ à guerra, ordenando trombetas, e outros estromentos, com que os homens, e ainda os cavallos cobrassem esforço no rompimento das batalhas, e no andar, e proceder dos esquadroens, guardassem a ordem, que ella em si tem.

50 E os que no exercicio da caça se deleitaõ, também entenderaõ, que atè aos brutos animaes chega a doçura, e conhecimento da musica, como diz Strabo dos Elefantes, e Plinio dos Cervos, que huns com cantigas, e timpanos, e outros com frautas pastoris se amançaõ. Cousa notoria he, e muy sabida, o que conta Herodoto, e outros Authores, dos golfinhos, que saõ taõ dados a esta deleitaçaõ, que o grande musico Ariaõ foy livre do naufragio do mar por hum golfinho, que o salvou, conhecendo ser aquelle, cuja voz ouvira em o Navio, que seguia.

51 E naõ se acha gente por barbara, que seja, que naõ tenha sua musica, mà, ou boa, segundo o que cada hum della alcança, como vemos em toda a terra de Ethiopia, cujos naturaes entre nòs saõ

testemunhas desta verdade, levando ordem, e compasso em seu tanger, ainda que seja barbaro, e os rusticos do campo, a que naõ faltaõ suas gaitas.

52 Que posso dizer dos passarinhos, cuja melodia tanto deleita as orelhas dos homens, que os tem encarcerados, e prezos para esse fim. Entre os quaes se bem olhamos a differença das vozes, e armonia, que o reixinol faz com sua garganta, que Plinio por outra tanta diversidade de palavras explicou; acharemos, que todas as proporçoens da musica estaõ encerradas no papo de hum taõ pequeno animal, como he este passarinho.

53 Nem as agoas parece, que carecem deste sentido nos rumores, e roucos estropidos, que por entre os sexos, e pedras dos rios vaõ fazendo, que a nossos sentidos causaõ deleitação, e saudade. E assim mesmo nos ventos temperados do Veraõ com os zunidos, que fazem, movendo as folhas das arvores, tambem se acha huma certa semelhança da musica. Donde nasceo (a meu juizo) fingirem os Poetas, que Orpheo levava consigo os homens, e brutos animaes, com as arvores, e rios, dando a entender, quam geral he a força da musica, que em todas estas cousas tem jurisdiçaõ.

54 E vindo aos corpos humanos, que cousa he a saude, senaõ huma concordancia dos quatro humores, da discordia dos quaes, que se segue, senaõ enfirmidades, e màs disposiçoens? Nos tempos do anno naõ he claro, que quando as quatro qualidades primeiras guardaõ entre si boa, e ordenada temperança, que se faz huma excellente musica taõ necessaria à vida dos homens, como saõ boas novidades de mantimentos? E quando saem fóra daquella regra, para que foraõ criados, naõ fazem ellas Sol, quando se dezejava chuva? E chuva, quando he necessario Sol, com que os ares corruptos causaõ pèstes, e outras infirmidades, assim na gente, como nos animaes necessarios? E a cerca dos dòtes corporaes, e graça, que mais he, e fermosura do rosto, que huma conveniente proporçaõ dos membros? Que contem modo, ordem, e figura na ordem dos intervallos das partes, no modo, a quantidade dellas, na figura, as cores, e os traços. Das quaes cousas entre si

bem ordenadas, resulta huma certa armonia apartada da materia, a que chamamos fermosura.

55 A qual, segundo os Philosophos, denota a bondade das virtudes interiores dalma. E naõ sem causa Salamaõ tanto louvou na Sacratissima Virgem Nossa Senhora a fermosura corporal. Porque olhadas bem as obras de Deos, assim as espirituaes, como as corporaes, todas saõ cheyas de fermosura, que respondem ao Author, e Criador dellas; o que David quiz significar, quando disse que a confissaõ, e fermosura estavaõ diante de Deos. E quanto estas obras se levantaõ da terra, e chegaõ a elle, tanto mais aparece este Divino dom nellas. A quem naõ farà muy grave admiraçaõ a fermosura do Sol, de que nossa vista he incapaz, vendo como estende seus rayos pela redondeza do mundo, fazendo tão fermosa variaçaõ de ervas, flores, e sombras, com que a terra està taõ graciosa, e ufana no Veraõ.

56 Quem senaõ espantarà do resplandor dourado das Estrellas, da claridade da Lua, e de toda a pintura do Ceo? E deleitarse Deos com a fermosura claramente se vè no ornamento, assim do Tabernaculo, como do Templo, que de tantas pinturas, e riquezas de ouro, e prata, mandou emnobrecer. Donde vem, que o homem, por ser criado à imagem, e semelhança de Deos, naturalmente aborrece as cousas feas. Esta natural inclinaçaõ se ve melhor nos meninos, em que inda o uso da razaõ he fraco, a cerca dos cocos, e medos, com que os acalentaõ suas amas, que naõ saõ outra cousa, senaõ hum qualquer vulto sem ordem, e proporçaõ, o qual medo naõ tem dos que lhe mostraõ bem feitos, e proporcionados, e por esta razaõ se defendeo em o Testamento velho, que ainda se guarda em o novo, que os homens manchados em o rosto de alguma deformidade notavel, naõ pudessem uzar de officio de Sacerdotes.

57 E naõ he pouco de estimar (esclarecida Princesa) este dom, e graça natural, que nosso Senhor ouve por bem de taõ particularmente lhe conceder, e de que tanto a quiz dotar, posto que Vossa Alteza della naõ faça conta. Porque como acima disse os sinaes de fóra pela mayor parte arguem a bondade do animo, de que Aristoteles, e Galeno fizeraõ seus pronosticos. O mesmo respeito teve o Espirito Santo nas vestiduras dos Sacerdotes, cuja

virtude como avia de ser espelho para os outros, assim trouxessem habito conforme ao que delles se presumisse, como o rochete, que significa a inocencia dos Bispos, a Mitra divisa em duas partes, a sciencia dos dous Testamentos, e o Anel a Cruz, a Coroa, e assim as outras insignias (por me naõ deter nellas) todas tem suas significaçoens, denotadas por estes ornamentos exteriores.

58 A mesma razaõ ensinou aos Pintores fazerem os espiritos màos taõ feos, dando a entender por seu rosto suas obras, de que entre nòs nasceo hum proverbio, que diz: guarde-vos Deos do homem mal assinalado. Tambem parece que as leys a isto tiveraõ respeito, quando ordenaraõ mayores penas nas feridas do rosto, que nas de qualquer outra parte do corpo, carregando mais a maõ nas disformidades delle, por ficar danada aquella parte com que os homens aprazem, ou desaprazem aos olhos dos outros.

59 E descendo aos particulares effeitos da fermosura, acharemos tantos exemplos a cerca dos proveitos, que della resultaraõ, que naõ bastaõ palavras, para os comprehender. Como dos Judeos a fermosa Judit, a qual com nenhumas outras armas livrou sua patria do cruel cutello de Holofernes, senaõ com a que lhe deu a natureza, e o que grandes Esquadroens de gente fazer naõ poderaõ, a graça de huma mulher acabou.

60 A Rainha Ester sendo de baixa linhagem, com sua fermosura naõ subio ao estado Real? Vencendo com ella a crueza delRey Artaxerxes, com que servio o Povo de Israel. Abigail naõ livrou com a sua seu marido Nabal da ira delRey David, merecendo depois o juramento Real, a que foy chamada por matrimonio? Betsabè pelos mesmos degràos naõ subio a esta cadeira, merecendo ser mãy de Salamão, figura de nosso Redemptor Jesu Christo? Quem livrou Italia dos fortes Esquadroens, Exercitos, e grandes crueldades de Anibal, senaõ a fermosura de huma moça de Capua, desbaratando com seu poder aquelle, que as forças de todo o Povo Romano vencer naõ puderaõ.

61 Por estas, e outras razoens era taõ estimado dos antigos este dom, que lhe deo occasiaõ para fingir, que Meduza tornava os homens em pedras, por ter taõ alto gràо de fermosura, que

transportava, e fazia alheyos de si, os que aviaõ, e tinhaõ por màò agouro topar com cousa fea: como o Emperador Adriano, que disse ser chegada sua fim, por encontrar hum Negro. E naõ calarey a graça de Phylopomenes, singular Capitaõ Grego, que por ter pouca no rosto lhe mandou huma mulher fazer o fogo, parecendo-lhe, que em taõ fraca pessoa, naõ podiaõ jazer tamanhos espiritos. E alguns Filosofos Platonicos disseraõ, que a fermosura era dom de Deos, o que entre nòs em proverbio commummente se diz: A quem Deos quiz bem, no rosto lho vem.

62 Muitas cousas podera dizer acerca desta, mas como V. Alteza della faça taõ pouco fundamento, pelo fazer mayor das que tenho feito mençaõ, e de outras, a que meu entendimento naõ chega, por serem de tal qualidade, que as naõ póde entender, senaõ quem as tem: naõ fallarey mais dellas. Mas porque a opiniaõ que todos geralmente, assim nestes Reynos, como nos estranhos de Vossa Alteza tem concebido, e a esperança, que daõ os sinaes, que nella resplandecem de grandes cousas, lhe naõ impida o contentamento dellas, vendo que he mulher, naõ deixarey de dizer quam habil, e sufficiente sempre foy o engenho das mulheres, para grãdes emprezas, começadas com grande esforço, e ousadia, e acabadas com muita discriçaõ, porque como diz Hieronymo, as virtudes haõ de ser pezadas em o animo, e naõ em a condiçaõ da natureza.

63 E começando das letras, clara cousa he, que naõ sómente se igualaraõ com os homens nesta faculdade, mas ainda lhe levarão muita ventagem, como as dez Sybillas, que os Doutores da Igreja tanto celebraraõ, por muitos annos, antes da Encarnação de Deos, deixarem profetizado este Mysterio, de cujos livros os Romanos fizeraõ tanto fundamento, que os tinhaõ encerrados, como grande thezouro para os cazos duvidosos, e perigos de sua Republica, o que não fizerão dos livros de Platão, Aristoteles, Xenophonte, e de outros Authores, que sem chaves andaõ pelas mãos das gentes, como cousa, que muito naõ relevava sua perda. Neste numero podemos contar Cassandra Troyana, cujas letras, e saber, se fora de seus naturaes conhecida, nunca se perderaõ, nem deraõ tanto que escrever a Homero.

64 Se viermos à magica não nos faltarão Circes, e Medeas, que fizeraõ mais milagres nesta sciencia, que Zoroastes, que a inventou.

65 Se à medicina, acharemos Brella, e Therbisa, irmaãs da Rainha Irbussa, Boemias, huma muy douta no conhecimento das hervas, e outra na sciencia da Astrologia.

66 Se à Filosofia, Theano mulher de Pitagoras, e Dama sua filha, expositoras das escuras sentenças do pay, e marido, e Diotima discipula de Socrates, Mantinea, e Philesia discipulas de Plataõ, Gemina, Amphiclias, e Themistes, tão louvada de Lactancio, e as outras de Plotina.

67 E deixando as Gentias, quem deu mais augmento à Igreja de Deos com suas letras, que a Santa Virgem Catharina? Vencendo a doutrina de tantos Filosofos, em actos, e conferencias publicas, sopeando com seu martyrio as forças do demonio, merecendo tão honrada sepultura, fabricada por mãos angelicas, como he a que tem no Monte Sinay, onde Deos deu a Ley Escrita a Moysés, parece que por aquelle Monte ser Monte de sciencia permitio Nosso Senhor, que nelle fosse enterrada esta Santa Virgem, que tanta parte teve em todas, especialmente naquella, que manou do dito lugar sagrado de sua sepultura. Tambem podemos contar quatro filhas de Felippe Evangelista, que nas letras Divinas, e graça de profecia floreceraõ, cujo espirito Deos naõ reprovou, pois fallou pela boca de tantas mulheres, quantas ouve, que merecerão este nome de Profetas, como Maria irmaã de Moysès, de quem jà falley, Debbora, Olda, Anna profetiza, S. Elisabeth, e outras.

68 Na Poesia podemos contar a Mesia, Androgina, Hortensia, Lucera, Valeria, Copiola, Sapho inventora destes versos, Corina, Cornificia Romana, Erimna, Thelia, chamada Epigramatista, Sempronia, de que Salustio conta tantas habilidades, Calphurnia nomeada entre os Jurisconsultos. Quem formou a eloquente lingoa dos Grachos, senaõ Cornelia sua mãy, pela qual razaõ Quintiliano instituio nos seus preceitos, que as amas dos moços criados para Oradores, fossem discretas, e eloquentes porque dellas aprendemos a fallar. E Socrates julgado pelo Oraculo de Apollo, pelo mayor saber dos mortaes, sendo jà velho, nos quaes o saber

he mais crecido, naõ aprendeo algumas cousas de Aspacia, e Apollo Theologo de Priscilla? Debbora mulher de Cabidod prudentissima, como lemos nos livros dos Juizes, naõ governou hum tempo o povo de Israel? A qual por lhe Barael desobedecer, sendo eleita por Capitaõ do Exercito, não alcançou vitoria mortos, e vencidos os inimigos? Não lemos, que a Rainha Attalia governou entre os Judeos o Reyno por espaço de sete annos? E Semiramis (de quem jà fiz mençaõ) depois da morte do marido não governou o Reyno quarenta? Edificando huma tão nobre Cidade, e tão soberba, como foy Babilonia de Mesopotania? As Rainhas chamadas Candaces, poderosas, e prudentissimas, não governarão muitos tempos seus Reynos, de que Josepho conta tantas maravilhas, e se faz mençaõ nos Actos dos Apostolos? A Rainha Sabà, de quem jà falley, por taõ longos caminhos não foy ouvir a sabedoria de Salamaõ, a qual hade condenar as doze Tribus de Israel no dia da ira do Senhor? Thecujtes sapientissima femea nas preguntas, que propoz a ElRey David, naõ deu grande sinal de seu saber?

69 Pois nas armas notoria cousa he, quantos Reynos, quantas Provincias, e Cidades conquistaraõ, e edificaraõ mulheres, como as Amazonas, Thomiris, Dido, Valasea, de que jà falley: entre as quaes contaremos Camilla da geraçaõ dos Volscos, e Arthemisia, que senhoreou os Rodeos, tomando-lhes a Ilha, a qual edificou aquelle taõ celebrado Sepulchro Mausoleo, contado por hum dos sete milagres do mundo. E a Poncella de França, de que já fiz mençaõ, em memoria da qual no Ducado d'Orlians naõ està hoje neste dia levantada huma Estatua, em a ponte do Rio Loure?

70 Das Sabinas cousa vulgar he, que naõ temendo as armas dos paes, e maridos, se meteraõ entre os golpes de suas espadas, e os amançaraõ, fazendo perpetua paz, e liança entre huns, e outros. De que excellente Capitaõ, e singular Philosopho, se podem contar mayores cousas, das que conta Trebellio Polio da Rainha Zenobia, de cujo triumpho tanto se prezou o Emperador Aurelio, o qual dizia, que as victorias, que Odenato ouvera dos Persas, naõ se podiaõ attribuir, senaõ ao esforço, e prudencia da dita Rainha sua mulher? Com temor da qual, como conta o mesmo Author, os Arabios, Sarracenos, Armenios, naõ usuraõ a tomar armas. E depois que seu

marido morreo, governou o Imperio em nome de seos filhos, por muitos annos, vestindo armas, governando Exercitos, andando a pè longos caminhos por esforçar sua gente, e foy taõ docta na lingoa Grega, que recapitulou a historia Alexandrina, e Oriental, e fez muitas obras, que Nicomato traduzio.

71 E quanto à fama, que homens ouve, que a deixassem de si mòr, que Europa, Asia, e Libia, de cujos nomes estas tres partes do mundo tomaraõ os seus? E as sciencias fingiraõ os antigos, mulheres, e naõ homens. E que saber mais vario, e coraçaõ mais esforçado se poderia achar em homens, que o de Cleopatra Rainha do Egypto? Que constancia mayor, que a de Panthea, que conta Xenophonte, a que a primeira, e grande Monarquia del Rey Cyro naõ pode comover, que quebrantasse a fé matrimonial a seu marido Abradatas? Qual castidade se igualarà com a de Lucrecia, que estimou mais a dor de lhe ser forçosamente roubada, que a morte? Ou com a da Rainha Dido desamada por Virgilio? Naõ faltaraõ a estas animo para se matarem, e constancia, fé, e castidade, que em poucos homens se acha. Entre as quaes se pòde contar na mesma virtude Argia mulher de Policinis Tebano, Julia de Pompeo, Porcia de Catam, Cornelia de Graceso, de que jà falley em outro genero de virtude, Melicina de Sulpicio, Hypsicratia mulher delRey do Ponto, Sulpicia de Lentulo, e a Rainha Libussa, que em quanto tempo per si só governou o Reyno de Boemia, naõ se viraõ as guerras, e dannos, que depois de sua morte se seguiraõ. A justiça, e bom regimento da qual foy causa de lhe fazerem escolher marido, o qual posto que fosse taõ singular, como aquelle Presmilam, que do arado ella escolheo para o Reyno, todavia foy vencido das mesmas mulheres em batalha. A qual Libussa, como diz Æneas Sylvio, era grande sabedora nas sciencias divinas, e humanas.

72 Que façanha mòr em homens esforçados pòde ser da que fez Claudia freira da Ordem Vestal, que sahindo do Mosteiro por socorrer a seu pay, que os Tribunos queriaõ lançar do carro, em que hia triumphando, o tomou nos braços, e o sustentou de tal modo, que como diz Valerio Maximo, o pay com ajuda da filha chegou ao Capitolio com seu triumpho, e ella ao Mosteiro com sua victoria? Que exemplo de piedade mòr, do que conta o mesmo Author de

duas moças, huma que dava de mamar a seu pay escondidamente no carcere, onde o Carcereiro por lhe naõ dar a morte, que lhe mandaraõ, movido de piedade determinou de o matar à fome. E da outra, que pelo mesmo modo manteve seu pay Cymon, cuja pintura naquelle tempo era fermosa cousa de ver em Roma hum homem muito velho pendurado do colo de huma moça sua filha, mamando em seus peitos o leite, que gerou. Do qual carcere se fez hum Templo dedicado à Piedade, por razaõ da que tiveraõ estas moças com seus pays, e por experiencia se vè, o que diz Aristoteles nos livros dos animaes, terem as mulheres mais gràos nesta virtude, que os homens.

73 O que Salamaõ confirma, dizendo onde naõ està mulher, geme o enfermo. Porque assim como os homens em sua infancia saõ alimentados com o leite taõ sustancial das mulheres, que os enfermos restaura, e criados com a diligencia de suas mãys, e afagos de suas palavras, apropriadas àquella fraca idade das crianças, assim o enfermo na fraqueza, e debilitaçaõ dos membros, tornando aos primeiros dias de sua criaçaõ, parece que a cura da mulher lhe dà mais descanço, como quem se acha na patria, e natureza onde nasceo.

74 Vindo às cousas da Fè lemos, que por homens foy nosso Redemptor acusado, por homens vendido, por homens crucificado, por homens negado, e dos homens desamparado, só as mulheres atè a Cruz, atè o Sepulchro o acompanharaõ, tornando a elle de noite, perdido o temor dos que o guardavaõ, com cheiros orientaes para ungirem seu corpo, e a Magdalena, que nesta parte mais mereceo com cousas perseveradas lagrimas, naõ foy a que pedio aos Apostolos alviseras da Resurreiçaõ de Christo, por ser a primeira a que apareceo. E ainda a mulher de Pilatos, sendo Gentia, trabalhava com seu marido por lhe escusar a morte.

75 Depois da qual, quem estendeo mais sua Fè, assim com doctrina, como com martyrio? Padecendo por ella tantos generos de tormentos, quantos a crueldade dos tyrannos inventou para lha fazer negar. Testemunhas saõ os dentes de Santa Apollonia, as tetas de Santa Agueda, os olhos de Santa Lusia, e as agudas navalhas, que cortaraõ a carne da Bemaventurada Virgem Catharina. Quantos

membros espadaçados, quantas cabeças cortadas, quantos corpos de mulheres assados celebra cada anno a Santa Madre Igreja, qual esquadraõ de homens taõ unido em caridade, taõ armado de Fè, se ajuntou debaixo de algum Capitaõ, como lemos de Onze mil Virgens, que seguindo a Cruz de Santa Ursula, todas morreraõ por aquelle, que nella por ellas padeceo? Cousa de espanto he, e de muy grande admiração entre tantas mil mulheres naõ se achar huma a que o temor dos tormentos alheyos, presentes a seus olhos, fizesse mudar de seu santo proposito, como se vio em taõ pequeno numero de quarenta Martyres, hum delles negar a Fè, e em outro muito menor hum vender a seu Mestre, outro o desconhecer, e finalmente todos o desampararem, sómente as mulheres, como jà disse, que perseveraraõ com elle atè à morte.

76 E tiveraõ sempre tanta constancia na Fè, em que huma vez creraõ, que nunca se lè, apostatar Helena, ou outra alguma Rainha Christaã, como Juliano Emperador, e outros, nem nascer dellas alguma herezia, como dos homens, de antre os quaes se levantaraõ, e se levantaõ cada dia contra a verdadeira, e Catholica Fè. A qual fallecendo em todas, na morte de Christo, segundo affirmaõ os Theologos, em nenhum homem ficou plantada, sómente em a Sacratissima Virgem Nossa Senhora remate de todo o louvor das mulheres. Pois que Deos Eterno, Immenso, Omnipotente, de cuja grandeza o mundo he incapaz, nenhum lugar lhe foy taõ aceito, quando a elle veyo, como o ventre virginal desta Virgem Sacratissima.

77 Alevantem logo os sentidos todas as mulheres, concebaõ em si huma humildade soberba, huma virtuosa presumpçaõ, e gloria de sua natureza, que Deos fez digna, e merecedora de tanta honra, quanta nunca homem puro teve neste mundo, nem terà no outro. Certamente, que he cousa de tal maravilha, qual ella foy, ver aquelle taõ dezejado do mundo, taõ denunciado dos Prophetas, taõ esperado das gentes, taõ venerado dos Anjos, taõ temido dos demonios, e Senhor universal das naturezas angelica, e humana, chamar a huma mulher mãy, e ella filho ao verdadeiro Deos, que a fez, e naõ sem causa a Igreja em suas oraçoens, rogando pelas mulheres, diz: *Intercede por devoto fæmineo sexu*, attribuindo-lhes

este epiteto de devaçaõ, e amor de Deos, como muy proprio, e natural seu dellas.

78 E se agora quizesse contar as finezas, que em diversos generos de virtudes fizeraõ mulheres, como as Lacedemonias, Melesias, e Thebanas, faltarmehia o tempo, e naõ os feitos, que acabaraõ. Cheyos estaõ os livros de todos elles. E depois claramente se vè pelos exemplos, que mais me representou a memoria, do que os busquey, quanto as mulheres floreceraõ em todo o genero de letras, nas armas, administraçaõ de Reynos, fundaçaõ de Cidades, e obras miraculosas, na constancia da Fè, padecimento de martyrios por ella, nas virtudes da castidade, piedade, e misericordia, assim em todas as outras, em que naõ sómente se igualaraõ com os homens, mas em muitas os excederaõ.

79 E como nenhum puro homem pòde ser comparado por mais gràos de graça que tivesse, com a melhor dellas, merecendo sua natureza louvor sobre todos os louvores angelicos, e humanos; que razaõ haverà para ser mais estimado o mando dos homens, que o das mulheres? Mayormente o de V. Alteza, a quem tantas, e tão boas partes, a Clemencia Divina deu, que em muy poucos homens, por consumados que fossem, se poderiaõ achar.

80 Agora se nos representarà (illustrissima Princesa) a todos seus vassallos o tempo da Rainha Sabà, ou Candaces; em V. Alteza se renovarà a memoria das esforçadas, castissimas, e prudentissimas Rainhas Arthemizia, e Dido, e de todas quantas ennobreceraõ seus nomes com suas obras. Nella sò veremos juntas as virtudes, que nestas andavaõ apartadas. A Rainha Santa, cujo precioso Corpo tem Coimbra, e sua alma a gloria de Deos, morta, serà viva em V. Alteza, e para isto ser assim, que menos pode fazer, como disse no principio desta Oraçaõ, filha de tal pay, e de tal Mãy, irmãa de taes irmaõs, neta de taes avòs, sobrinha de taes tios, todos Reys, Rainhas, Emperadores, Principes, Infantes, de que toda a Republica Christã he cheya na jurisdiçaõ secular, e provèsse a Deos, que assim o fosse na Ecclesiastica, que naõ faleceria em vossa linhagem (muy alta Princesa) quem estendesse a Fè pelas partes Setemptrionaes, como fizeraõ pelas Orientaes, Meridionaes, e do Occidente, pois que della nasceo o Serenissimo Principe, e Reverendissimo Senhor Infante D. Henrique vosso irmaõ. Cujos

costumes, santa virtude, e purissima limpeza de vida nos representaõ em nossos dias o grande Gregorio, Basilio, ou Agostinho. Naõ averia em nossos tempos Luteranos, obedeceria ao Summo Pontifice Boemia, reduzirsehia Grecia com todas suas misturas de Jacobitas, Georgianos, Arménios, e Abexins, e quantas diversidades de herezias ha pelo Mundo cessariaõ. Tornando ao proposito, este seu povo, e vassallos, posto que em quantidade sejaõ poucos, e naõ enchaõ a medida dos merecimentos de Vossa Alteza, pois que grandes Imperios, e Reynos, demanda sua prudencia, e alto nascimento. Agora com serem seus, serà mayor seu nome, e os serviços, que os mais delles fizeraõ a ElRey vosso pay de gloriosa memoria, e a ElRey vosso irmão nosso Senhor, assim em sua casa na paz, como fóra della na guerra, se por ventura andavaõ apagados, daqui por diante seraõ conhecidos, louvados, e galardoados, assim por ElRey com seu favor, como com merces, e acrescentamentos, que elles, e seus filhos esperaõ receber de Vossa Alteza, cuja liberalidade, e humanidade, que aos estranhos he grande, mayor se espera que seja aos naturaes, e vassallos, os quaes para serem sustentados, e governados com paz, mantidos em justiça, ficaõ rogando à Divina Clemencia, naõ por todos estes bens, mas por a vida de Vossa Alteza, que taõ certos os tem com ella, a qual nosso Senhor conserve, acrescente, prospere por muitos annos. Amen.

ELOGIO
DO DOUTOR
FREY BERNARDO DE BRITO
RELIGIOSO DE CISTER, E CHRONISTA MÓR de Portugal.

Na Comarca de entre Douro, e Minho, saõ muito antigos os nomes de Britonio, Briteiros, e Brito: porque de Britonio Cidade Episcopal se faz mençaõ no Concilio de Lugo celebrado no anno de 569. a qual foy destruida por Almançor de Cordova. O lugar de Briteiros deu este appellido a Fidalgos muy principaes, de que trataõ por vezes as historias Portuguesas, e os Registos Reaes. E sobre tudo a Ribeira, e freguesia de Brito, que està entre o Rio Aye, e a Portella dos Leitoens, he solar desta illustre Familia dos Britos. Cuidaõ alguns, que este nome he derivado dos Brutos Romanos, e outros, que dos Britones, primeiros moradores de Inglaterra, a que parece alludem os Leoens rompentes, que os Britos trazem por armas, que saõ as mesmas insignias daquella Provincia postas em tres barras. Com tudo neste Reyno tem muita antiguidade, e delles, e dos Briteiros (que todos saõ os mesmos, segundo os que melhor entendem) ha muita mençaõ no livro das Linhagens de Espanha do Conde D. Pedro. Na principal varonia desta Familia, que he a do Morgado de Santo Estevaõ de Beja, entraraõ por casamento, e linha femenina a Casa de Lima com o Viscondado de Villa Nova de Cerveira, e Condado de Arcos de Valdeves, e a Casa dos Nogueiras com o Morgado de S. Lourenço de Lisboa, e por largos annos possuiraõ a Alcaidaria Mòr de Beja, e em particular Affonso Annes de Brito, que foy pay de dous Bispos de Evora D. Martim Gil de Brito, e D. Joaõ Affonso de Brito, e Avò de D. Diogo de Brito, que successivamente tiveraõ esta grande Prelasia. Pelo que de alguns

foy chamado Affonso Annes o Clerigo. Em outras partes de Alem Tejo conservaõ muy antigos Morgados, particularmente em Evora, onde o Bispo D. Joaõ, jà referido, instituio o Morgado de Fonte boa, com obrigaçaõ de usar o appellido, e armas dos Britos, que se pòde ter por huma das mais antigas instituiçoens de Espanha, em que so trate de semelhante clausula.

Deu esta linhagem homens insignes no serviço dos Reys, no governo da Republica, e no valor das armas, em que foy assinalado Joaõ Affonso de Brito na tomada de Ceita, e na India Lourenço de Brito Capitaõ de Cananor; o primeiro que defendeo o cerco de fortaleza naquelle Estado, sendo o que lhe puzeraõ os Malavares hum dos mayores, que os Portugueses sustentaraõ. E assim ha nesta Familia outros Varoens dignos de memoria, porèm quem em nossos tempos illustrou grandemente este nome com as excellentes obras de seu engenho, foy o Padre Frey Bernardo de Brito Chronista Mòr de Portugal; como se verà nesta breve relaçaõ de suas cousas, o qual estimou tanto este appellido, que o antepoz a outros muitos, e muy illustres de que descendia. Por quanto, segundo se vè na Historia de Nossa Senhora de Nazareth, de que adiante faremos mençaõ, era seu pay Pedro Cardoso, filho de Sebastiaõ Fernandes Cardoso, e neto de Francisco de Sousa, o qual era neto de Gonçalo de Sousa Comendador Mòr, que foy de Christo, e por sua mãy Maria de Brito de Andrade, ficava no mesmo grào com Nuno Freire de Andrade filho do Mestre de Christo D. Nuno.

Nasceo o Padre Frey Bernardo em Almeida, Villa notavel deste Reyno, dia de S. Bernardo 20. de Agosto de 1569. Seguio seu pay Pedro Cardoso a Milicia, e foy Capitaõ de nome em Italia, e Flandes, em serviço delRey D. Felippe o II. de Castella. Com esta occasiaõ andou o Capitaõ Pedro Cardoso ausente deste Reyno muitos annos, e temendo, que a falta de sua presença fosse de prejuzo à criaçaõ de seu filho, de pouca idade, o fez hir a Roma, e conhecendo bem, que naõ bastava sómente a mudança do lugar para melhorar o animo (como jà o disse Horacio, pelos que em seu tempo passavaõ a Athenas) lhe deu os melhores Mestres, que entaõ floreciaõ naquella Corte, que por tantos titulos he a Metropoli

do Mundo. Delles aprendeo o nosso Author a policîa das lingoas, e ouvio a exposiçaõ dos mais illustres Poetas, e Oradores. Aproveitou o Padre Frey Bernardo muito com esta doutrina, e tornando em breve tempo ao Reyno, veyo muito acrescentado das partes acquiridas, que pertencem a hum mancebo nobre, porque sabia a lingoa latina com eminencia, fallava a Italiana como natural, a Francesa expeditamente, e naõ lhe faltava noticia da Hebraica, e Grega. Da historia fazia particular profissaõ, e sobre tudo se deu tanto à liçaõ dos Poetas, que compoz naquella primeira idade muitos versos, que nos conceitos, e elegancia podem competir com os dos melhores Lyricos de Espanha. A todas estas partes, e outras muitas naturaes, de que era dotado, soube acrescentar a mayor perfeiçaõ de todas, que foy dedicallas a Deos: e como reconheceo sempre a S. Bernardo por seu padroeiro, movido da devaçaõ que lhe tinha, deixou o Mundo, e se fez seu Religioso no Real Mosteiro de Alcobaça, mudando juntamente com o estado o nome de Balthasar de Brito de Andrade, que atè entaõ usara.

Sentio notavelmente o Capitaõ Pedro Cardoso seu Pay esta resoluçaõ, como ordinariamente costumaõ fazer os parentes, que ficaõ no Mundo, naõ lhes deixando ver a paixaõ, que se tem por boa fortuna aceitar-lhe o Principe da terra hum filho em seu serviço, quanto mayor felicidade he receber-lho o do Ceo por Grande de sua casa. Porèm como o Capitaõ Pedro Cardoso fazia conta de o deixar na Milicia com grandes ventagens, que esperava em satisfaçaõ de seus serviços, e entendia por este meyo ficavaõ accomodadas as cousas de sua Familia, fez tanto, que impetrou hum Breve com que se passasse à Religiaõ do Hospital de S. Joaõ, que vulgarmente chamaõ de Malta, e era taõ valido em Roma, que alcançou esta licença, cousa que rarissimamente se concede. Offende-se Deos grandemente de os Seculares perturbarem as vocaçoens dos Religiosos, e como naõ queria que o nosso Author fosse famoso pelas armas, mas que as armas fossem famosas por elle, levou para si o Capitaõ Pedro Cardoso poucos dias, depois do Indulto chegar a Portugal, e seu filho naõ quiz usar do Breve, com que mostrou claramente, que senaõ tratara a mudança por vontade sua, senaõ pela de seu pay.

Quando o Padre Fr. Bernardo veyo de Italia, como carecia da inteira noticia da historia da Patria, procurou darse a ella com toda a diligencia, porque ainda que qualquer historia seja huma compendiosa sabedoria, e fonte de prudencia, sempre a da Patria he mais proveitosa; pois tanto mais aprendem os homens, aprendem dos progressos, ou adversidades da mesma Provincia, para acertarem na administraçaõ das cousas particulares, e publicas, quanto os successos proprios ensinaõ mais, que os estranhos. Com este primeiro fervor juvenil, naõ sómente leo as Chronicas do Reyno, mas movido com o desejo de ver aquella escritura em melhor estilo, as resumio num volume, que escreveo de sua maõ, acrescentando algumas cousas de hum Author, que achou em Alcobaça, chamado Mendo Gomes. Porèm considerando depois attentamente a perfeiçaõ, com que os modernos Historiadores Castelhanos, e Aragoneses hiaõ escrevendo as historias de suas patrias, averiguando pelas escrituras dos Arquivos as cousas incertas, e achando outras muitas de novo, de que os antepassados se esqueceraõ, sobre esteve na publicaçaõ deste volume, entendendo, que lhe era necessario para sahir à luz fazer elle tambem a diligencia com os Cartorios de Portugal, que os outros tinhaõ feito em suas Provincias. Mas porque a nossa naõ ficasse inferior a nenhuma, vendo que faltava escritor, que tratasse as cousas de Portugal ordenadamente, e que por estarem divididas por muitos Authores, havia pouca noticia dellas, movido do zelo do bem publico se resolveo em escrever a historia Portuguesa sucessivamente des do principio do mundo atè seu tempo. Este heroico pensamento intentou primeiro Joaõ de Barros na Europa, que prometeo, posto que por lhe faltar descanso, e tempo o naõ pode comprir. O mesmo pretendeo Andre de Resende, porèm occupado em outros estudos, naõ pode mais que começar a empresa, deixando alguns fragmentos do tempo dos Romanos, ainda que de muita importancia. Menos parece obrou a intençaõ de Jorge Cardoso, como se vè no Tratado, que Manoel Fernandes Conego de Lamego fez da antiguidade daquella Igreja. Todos estes Authores saõ dignos de graõ louvor por terem taes intentos; porèm quanto vay do pensamento à obra, tanto mayores graças se devem

ao Padre Fr. Bernardo, pois o que elles sómente imaginando mereceraõ, elle reduzio prosperamente a effeito.

Começou esta historia em Alcobaça, e ainda que os Superiores o mandaraõ continuar na Theologia em Coimbra, naõ se esqueceo da empreza, antes a proseguio nas horas, que lhe ficavaõ livres com tal cuidado, que a veyo acabar no principio do anno de 1596. tendo de idade 27. e no de 1597. a imprimio. Foy esta obra recebida com igual applauso, naõ só neste Reyno, mas ainda em toda Espanha, assim por aquella certa novidade, que as antiguidades trazem consigo, como por ser a primeira Historia Universal Portuguesa, que em vulgar sahio impressa. Nella mostrou o Author grande liçaõ, e hum animo incansavel, pois no meyo de tamanha occupaçaõ, como a dos estudos, pode concluir hum intento taõ arduo, que (como elle diz na sua elegantissima Dedicatoria) só o pensamento delle fez abaixar as velas a engenhos de muita estima, porque sendo por huma parte rarissimos os Authores, que fallaõ nestas materias, era necessario por outra hum infinito trabalho para buscar, o que se havia de dizer em huma immensa copia de leitura.

Recebeo ElRey Filippe II de Castella este serviço com particular benevolencia, por ver que o Padre Fr. Bernardo lhe offerecia graciosamente neste Reyno, o que no de Castella lhe tinha custado muita despesa, e cuidado, para assim obrigar o Mestre Ambrosio de Morales a se encarregar de semelhante historia, por tanto naõ só por sua carta agradeceo ao Padre Fr. Bernardo o trabalho da obra, mas ainda lhe encomendou de novo, que continuasse o que faltava della, e mandou ao Padre Geral de Alcobaça lhe ordenasse o mesmo.

Este favor animou ao Padre Fr. Bernardo para naõ fazer caso do desagradecimento de alguns mal contentadiços, que em lugar do premio de hum tamanho beneficio lhe censuravaõ o estilo do livro, e a certeza das cousas delle, naõ considerando, que a lingoagem he accidente em semelhante historia, e que tendo o Author a criaçaõ fóra da patria, naõ podia estar ainda taõ adiantado nos termos, que pede a gravidade da lingoa Portuguesa, como depois o esteve, e no que toca à historia, se no que passa em nossos tempos, e o que mais he diante dos nossos olhos, saõ tantas as opinioens, que

nenhuma cousa se pòde quasi saber com infalivel certeza, demasiado rigor he querer, que se dè em cousas taõ antigas a firmeza, que nas presentes senaõ alcança. Pelo que com razaõ foy esta obra muito estimada dos doutos, e bem intencionados, e por ella se podem dar os parabens à Patria com aquelles excellentes versos, com que lhos dà hum famoso Escritor de nosso tempo, dizendo ao Tejo:

Ripis ecce tuis genuit tibi patria civem
Illustri egregium partu, quo clarior orbe
Jactabit nullo tellus se Lysia tantum
Arte potens opibusque animi, Bernardus ab alto
Ducet Lysiadum famam, & monumenta tuorum
Ex quo prima novis Aurora inventa quadrigis
Splenduit humano generi, dehinc arma triumphis
Inclyta, tunc sanctos repetens ab origine mores
Longa vetustatis, rerumque arcana movebit.

Antes deste tempo lhe tinha a sua Congregação encomendado a composiçaõ da historia de Cister, de que fóra deste Reyno havia pouco escrito, e em Portugal nada, sendo assim que esta Ordem floreceo entre nòs com grandes ventagens a muitas outras Provincias da Christandade. Obedeceo o Padre Fr, Bernardo, e pouco depois de tres annos da impressaõ da Monarquia, sahio com a primeira parte da Chronica de Cister, que imprimio no anno de 1602. Como jà neste tempo estava mais exercitado na lingoa Portuguesa, compoz esta historia com tanta elegancia, e pureza de palavras, que o Padre Fr. Joaõ Marquez, hum dos mais doutos Varoens de nosso tempo, lhe dà por ella o titulo de Historiador insigne; e no que toca às cousas, escreveo com tal diligencia, que o Padre Fr. Antonio de Yepes honra da Religiaõ de S. Bento, quasi tradùs esta Chronica nos seus Annaes, e podemos com verdade dizer, que ao nosso Author se deve possuirmos agora as excellentes historias de S. Bento, e S. Bernardo, que depois sahiraõ à luz em Castella, pois o Padre Fr. Bernardo abrio caminho, e deu exemplo para sobre estas materias escreverem taõ singulares sugeitos. Alèm da Chronica de Cister se mandou ao Padre F. Bernardo por decreto do Capitulo Geral, que escrevesse outro livro dos privilegios da

Ordem; o que elle fez com immenso trabalho, porque lhe coustou muitos de perigrinaçaõ, e ver os Cartorios de todos os Conventos de Religiosos, e Religiosas, que a Congregaçaõ de Alcobaça tem neste Reyno, e outra muita leitura. A molestia desta occupaçaõ com o continuo estudo dos annos passados, lhe foraõ causa de huma grande enfirmidade, que o teve naõ somente muito tempo impedido para continuar com a historia Portuguesa, mas ainda desconfiado da vida. Com tudo tanto que a saude lhe deu lugar, tornou a Coimbra a concluir os estudos, que a obediencia lhe fizera interromper, e naquella Universidade deu grandes mostras de seu engenho nos actos que fez, atè tomar o gràò de Doutor, que foy no anno de 1606. Pouco antes compoz o livro dos Elogios dos Reys de Portugal, que imprimio no anno de 1603. Esta obra, ainda que breve, he de grande consideraçaõ, porque na lingoa, e juizo, pòde servir de modello a toda a boa historia abreviada, e na perfeiçaõ com que fez abrir em bronze os retratos dos Reys, e alcançou os originaes mais apurados, mandando vir alguns de partes remotas, com grande custo e despeza, exccedeo muito suas forças, e mostrou o grande zelo, que tinha de engrandecer a Patria, e de eternizar a memoria dos Reys Portugueses, a quem neste livro levantou hum honroso trofeo, e tal, que a nenhuns outros Reys de Espanha vemos outro semelhante dedicado. Este livro quasi traduzio em latim o Padre Antonio de Vasconcellos no seu Anacæsaleosis, mandando abrir as mesmas estampas dos Reys em mayores laminas, por estas serem as que só merecem credito de verdadeiras.

Desempedido destas digressoens, tornou a continuar a historia da Monarquia Lusitana, que imprimio no anno de 1609. Nesta segunda parte seguio hum estilo chaõ, e claro, ainda que grave; e se na elegancia ficou inferior aos dous livros proximos, que tinha publicado, foy a causa por naõ dar mais lugar a materia, pois o principal trabalho daquella historia, he descobrir. e por em ordem as cousas daquelles tempos das conquistas dos barbaros, que atègora por falta de Authores estiveraõ escondidas, e cheyas de duvidas, e fabulas.

Estas foraõ as obras, que o Padre Fr. Bernardo de Brito imprimio em sua vida, porèm naõ eraõ menos illustres outras muitas, que

compoz, e naõ pode tirar a luz com a morte antecipada. Destas direy algumas, que chegaraõ à minha noticia.

Compoz hum tratado, a que deu titulo Republica antiga de Lusitania, em que tratou dos costumes, religião, e governo dos antigos Lusitanos. Dedicou esta obra à Senhora Infanta Dona Isabel Clara Eugenia a 21. de Março de 1596. Era dividida em dez capitulos, e continha huma maõ de papel, segundo me informou o Licenciado Francisco Galvaõ de Mendanha (grande benemerito dos Escritores Portugueses, como em outro lugar diremos) que a vio, por lha communicar hum Religioso, que assistia em S. Bento de Evora.

Outro livro me mostrou o Padre Frey Bernardo, passando por Evora em Abril de 1611 intitulado Historia de Nossa Senhora de Nazareth. Era hum justo volume, e tratava da invençaõ daquella Sagrada Imagem, e das doaçoens, que os Principes, e devotos lhe fizeraõ com a relação de seus milagres, e no fim de cada hum a linhagem, e descendencia daquelle, em quem o milagre fora obrado, por esta via ficava sendo o livro hum Nobilitario das principaes Familias deste Reyno; pareceo-me obra excellente, e do mesmo voto foy Luiz da Sylva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarém, assaz conhecido neste Reyno por suas muitas letras, o qual lhe escreveo na primeira folha hum elegante Epigrama em louvor da obra, e Author. Levava o Padre Frey Bernardo este livro a Madrid para o offerecer à Rainha Dona Margarida.

No mesmo tempo me mostrou tambem huma Apologia, que escrevera ao Arcebispo de Braga D. Frey Agostinho de Castro, em reposta de certas duvidas, que pelo mesmo Arcebispo lhe foraõ enviadas sobre a primeira parte da Monarquia, e no fim della estava huma carta do mesmo Arcebispo, em que se dava por satisfeito de suas perguntas, e o exortava, que na composiçaõ da Monarquia seguisse igualmente a Historia Secular, e Ecclesiastica: e a das linhagens nobres do Reyno, como elle depois fez.

Àlem destas obras soube então delle, que tinha composto dous Volumes em lingua Latina, hum sobre os Profetas Menores, e outro de Duabus Hebdomadibus, que eraõ as duas somanas da criação

do Mundo, e sua redempçaõ, conceito novo, e digno do grande engenho do seu Author.

Na primeira parte da Monarquia Lusitana prometeo de escrever huma Historia Ecclesiastica deste Reyno, o que em effeito comprio, introduzindo as cousas Ecclesiasticas com as Seculares na segunda parte da Monarquia, e assim tinha intençaõ de o hir continuando. Tambem quando tratou da Geographia antiga da Lusitania, prometeo a de Portugal com taboas da Provincia, e plantas das Cidades, o que sem duvida fizera, se chegara com a Historia às cousas deste tempo, porem se por lhe faltar a vida naõ pode comprir esta promessaa, assaz obrigados lhe ficamos, naõ só pelos desejos, mas por as excellentes obras que imprimio, com que eternizou a fama deste Reyno. Pelo que com justo titulo se lhe póde applicar o do Pheniz, que em num Epigrama lhe dey, quando imprimio a segunda parte da Monarquia: pois estando naquelle tempo jà quasi extinto o nome dos Portugueses, elle o tornou a resuscitar, e fazer com sua pena mais famoso, que de antes, como se vè destes versos.

Cespite odoato Phænix ut Lysia mundo,
E casia factis ignibus usta perit,
Usta perit, gemini orbis opes, secum ipsa cremavis
Qua cadit undisono Sol, oriturque mari.
At veluti pulchris, ut odoribus ipsa cremata est,
Lysiadum restat sic nisi solus odor.
Bernarde hunc spargis, Phænix redivivus odorem,
Pulchrior & diris surgis ab exequis.

Tanto mais proprio fica agora este Epigrama ao Author depois de morto, quanto vemos, que se tem levantado daquelle insigne Convento da Ordem de S. Bernardo, ou por melhor dizer daquella Pira, e Areola aromatum, de virtudes, e sabedoria, quem com igual valor vay seguindo, e renovando os heroicos intentos do Padre Frey Bernardo de Brito.

Estas obras fizeraõ julgar a seu Author por digno de grandes premios, mas como os que o Mundo dà, naõ sejaõ bastantes para satisfazer semelhantes merecimentos, permitte Deos muitas vezes,

que ate estes faltem, para que melhor conheçamos, que só he digno de ser servido, quem naõ só paga com grandes ventagens todos os serviços que lhe fazem, mas ainda galardoa atè os pensamentos delles. Com tudo por vezes foy nomeado o Padre Frey Bernardo para alguns Bispados ultramarinos, que elle naõ quiz aceitar, naõ só por sua humildade, mas por a continuaçaõ dos estudos lhe ter tirado a saude propria, com que ficava impedido, para procurar a espiritual alheya. Posto que claramente se entende, que os que o consultaraõ, antepuzeraõ o bem particular do Padre Frey Bernardo ao bem publico do Reyno, a quem importava, que lhe dessem commodo para compor, e não que o desterrassem para onde naõ podesse continuar sua Historia. No que devem ser muy considerados os Ministros superiores, naõ premiando os benemeritos fora de seus talentos, pois àlem deste danno fazem, que os providos comecem muitas vezes a aprender na faculdade alheya, quando pela idade, e experiencia podiaõ com mayor fruito ensinar na propria.

Por esta razaõ foy provido o nosso Author no officio de Chronista Mòr de Portugal, no anno de 1616 quando vagou por falecimento de Francisco de Andrade, naõ por faltarem partes no sugeito, a quem este cargo podia competir, mas por naõ aver outro premio, que se pudesse dar ao Padre Frey Bernardo, mais proprio, e devido a seus estudos, o que naõ se seguia na pessoa, que o podia pretender, pois avia muitos despachos, com que podia ser galardoado.

Porèm nem assim lhe servio este cargo de premio, senaõ de huma carga pesadissima, e de hum seminario de desgostos, que nunca teraõ fim, sendo esta a causa de escreverem huns contra elle, e outros em sua defensaõ. Infelicissima emprezas para taõ felices engenhos, pois podendo ganhar grande honra para a Patria, e para si com seus estudos.

Bella geri placuit nullas habitura triumphos

Tomaraõ huma ingloriosa contenda: *Non cogitantes* (como diz a Sagrada Escritura) *prosperitatem adversum cognatos malum esse maximum, & non civium, sed hostium trophea capturi*. Estava o Padre Frey Bernardo em Madrid, quando se lhe encarregou esta occupaçaõ, e se lhe encomendou, que deixados todos os outros

intentos se applicasse sómente à Chronica delRey D. Sebastiaõ, pelo que logo na Corte começou a obra, e a continuou atè a Embaixada de D. João de Borja. Como neste tempo estava já taõ exercitado na composiçaõ, e preceitos da Historia, dizem os que a viraõ, que levava esta, ventagem a todas as outras, que elle tinha composto, e que se se acabàra, fora hum illustre ornamento da lingoa Portuguesa. Porèm a tudo atalhou a pouca fortuna deste Reyno, que tirando-lhe outros bens lhe quiz também roubar o engenho do Padre Frey Bernardo, quando estava mais assasoado para dar perfeitissimos fruitos.

Finalmente vindo de Madrid já falto de saude, se lhe aggravou a infirmidade no caminho, de maneira, que naõ pode passar de Almeida, onde continuando a doença, em pouco tempo lhe consumio as forças, e acabou a vida a 27. de Fevereiro, recebendo primeiro os Santos Sacramentos, e conhecendo sua morte com mostras de muita devaçaõ, e de verdadeiro Religioso. Seu corpo foy levado ao Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, junto a Castel Rodrigo, que he de Religiosos de S. Bernardo, e sepultado na Capella Mor, onde se vè hum letreiro de pedra na parede, que diz: *Aqui jaz o muy douto Padre Frey Bernardo de Brito Chronista Mòr, que foy deste Reyno, morreo no anno de 1617.* Foy pessoa de agradavel presença, grande de corpo, bem proporcionado, e de robusta compreiçaõ, se a naõ estragara com o demasiado estudo, o que acontece a muitos engenhos de Espanha, que naõ saõ menos prodigos da vida no exercicio das letras, do que Silo Italico o confessa no das armas. Foy de suave conversaçaõ, e de felice memoria. Prègou com muita fama, e em todos os estudos, a que se applicou, mostrou grande talento, o qual sempre empregou no serviço publico, eternizando os Principes deste Reyno, illustrando a Nobreza delle, e resuscitando, como outro Deucaleonte, os Portugueses, atè das pedras espadaçadas dos Romanos, para lhes dar perpetua vida na memoria dos homens. Evora a 2. de Abril de 1628.

ELOGIO
DE EVORA.

No meyo da Provincia de Alentejo està situada a Cidade de Evora[255] em hum posto taõ eminente, que fica senhoreando os campos, que a cercaõ por toda a parte atè pararem em quatro serras, com que a natureza em larga distancia a cercou, quasi como com muro. Da parte do Oriente a serra de Ossa; de Meyo dia a de Portel, e Viana, do Norte a de Arrayolos, e do Occidente a de Montemuro. He este sitio taõ agradavel à vista, que aos de Italia lhes pareceo que era Roma; e aos de Castella, o seu Madrid, e Toledo. Esta he aquella Cidade, que sendo fundada por Elysa primeiro Povoador de Espanha, tem sustentado por tantos seculos o mesmo nome, e lugar, quando das Metropolis das mayores Monarchias naõ se sabem já os vestigios donde foraõ. A fama deste sitio trouxe a si da Gallia os Celtas, a quem admitindo os Eborenses por Cidadaõs, os dividiraõ depois por as Provincias vizinhas, reconhecendo-se sempre por colonias suas todos os Celtiberos de Espanha. Esta he a Cidade, a cuja vista Viriato levantou os primeiros tropheos dos desbaratados exercitos Romanos, e Sertorio edificou os muros, aqueductos, e fabricas Corynthias dos despojos daquelle povo, que foy vencedor do mundo,acquiridos com os soldados Eborenses; e que ainda hoje permanecem por testemunhos de tamanha gloria. Este o lugar, em cujo nome quiz o primeiro Emperador de Roma, que ficasse eternizada a memoria de sua liberalidade. Esta foy a Cidade, que primeiro ouvio as alegres novas do Evangelho, e della, como de Sede propria, as recebeo por S. Mancio toda Lusitania. Esta foy o propugnaculo dos Reys Godos contra o Imperio. E naquella grande ruina ultima de Espanha, posto que se sometteo ao poder dos Arabes, inda depois de rendida se temeraõ tanto della, que levaraõ a principal parte de seus moradores a Marrocos, cabeça de sua Monarquia, onde os Eborenses fundaraõ outro lugar, com o nome da mesma patria, em

que conservaraõ a Fè, e a liberdade por muitos seculos, atè que no tempo delRey D. Joaõ I. se tornaraõ a Espanha. Nenhuma força pode recuperar esta inexpugnavel fortaleza; e assim foy só restituida pela industria intrepida de Giraldo Illustre Cavalleiro, que com ella deu aos Reys Portugueses a mayor parte da Lusitania. Esta foy a primeira em defender a liberdade de Espanha, naquella milagrosa batalha do Triumpho da Cruz, onde seus moradores se ouveraõ com tanto valor, que a mesma Cruz lhe ficou por premio em perpetua memoria de taõ glorioso Triumpho. Na conservaçaõ da liberdade Porruguesa foy ella a primeira, que servio a ElRey D. Joaõ I. depois que intentou a defensaõ do Reyno. Aqui foy a praça de armas do Condestable, com cujos moradores alcançou tantas victorias. Aqui permanece a primeira Igreja de Espanha, illustrada com tantos Santos, e gravissimos Prelados. Esta foy a patria de tantos Varoens insignes em letras, onde florecem todas as sciencias divinas, e humanas. Esta he aquella, que produzio a Real planta da Senhora Infanta Dona Catharina; donde refloreceo com mayor felicidade a nossa Monarquia. Esta foy a primeira, que teve valor para desprezar o poder da Monarquia Castelhana, a cujo exemplo deve Catalunha a conservaçaõ de seus foros, e Portugal sua honrosa, e amada liberdade. E finalmente Evora he a que com a restauraçaõ de seu Rey, e natural Senhor tem descuberto outro novo mundo a todas as Provincias de Europa.

NOTAS DE RODAPÉ:

[255] *I. Rep. Hesp. Botero I. p. De Principi Christ. l. 5. t. Afons. I. Herr. na entrad. de Port. l. 3 f. 97 e l. 2 f. 45. Goropio na sua Hesp. Plin. l. 3. c. 1. Mon. Lusit. 5. p. l. 3. Monarch. Lusit. I. p. l. 3 c. 21. Refen. Plin. l. 4. c. 22. O Arc. D. Rod. da Cun. na Hist. de Lisboa p. I. c. 9 n. 1. Moral. l.12. c. 14. Razis. Hist. Eboren. de Res. Chron. de D. Joaõ I.de Cast. an. 12º c. 19 Chron de D. Fern. o S. c. 10. Monarch. Lusit. Chron. delRey D. João I Carta do Biscainho O Conde Thesauro I. Campegiamenti di Piamonte.*

INDEX

Das cousas mais notaveis, que se contem neste Livro, e das Familias, de cujos Appellidos se explicaõ os brasoens. Vay notado com tres numeros o primeiro he do Discurso, o segundo do Paragrafo, e o terceiro da Pagina.

A

Abellà Cidade nella havia Escholas publicas de todas as Sciencias, e Artes. Discurso. 5. §. I p. 196.

Abreus seu brazaõ 3. 14. 99.

Aboim seu brazaõ. 3. 5. 90.

Abyas de Judà de idade de 18. annos deu batalha a Jeroboaõ Rey dos dez Tribus Disc. 8. p. 312.

Abul seu brazaõ. 3. 4. 88.

Achioli seu brazaõ. 3. 4. 88.

Adail que officio he 2. 6. 42.
Seu principio em Portugal. Ceremonias com que eraõ eleitos. *Ibidem.*

Rey D. Affonso Henriques fundou muitas Villas. 1. 2. 7.
Armouse Cavalleiro a si mesmo 3. 28. 142.

Rey D. Affonso III. povoou muitas Villas. 1. 2. 7.

Rey D. Affonso V. passou a Africa com 220. vellas, e a Arzilla com 338. Disc. 2. §. 15. pag. 68.

Rey D. Affonso de Congo fez hum Collegio de que sahiraõ Mestres que puzeraõ Escholas por todo o Reyno. 6. 5. 226.

D. Affonso Cardeal seu Elogio. 8. 12. 263.

Affonso Tello, grandeza com que foy creado Conde por ElRey D. Pedro 3. 28. 142.

Affonso de Albuquerque o que respondeu a ElRey D. Manoel sobre a defensa de Goa. 1. 3. 13.

Affabilidade de Principes Disc. 8. p. 341.

Africa descobrimento de sua Costa em que tempo. 1. 2. 7.

Agoa de poços bebese em varias Cidades, e Villas de Portugal. 1. 5. 22.

*Aguia*s nos Escudos sua origem. 3. 4. 87.
Que Familias as trazem nos Escudos. 3. 4. 88.

Agomia seu brazaõ. 3. 14. 99.

Aguiar seu brazaõ. 3. 14. 99.

Alentejo porque naõ he taõ povoado como as demais Provincias do Reyno 1. 5. 21.
Como se pòde povoar. *ibidem.* p. 24.

Alarcaõ seu brazaõ. 3. 6. 93.

Alabardeiros sua origem. 2. 4. 41.

Alardo seu brazaõ. 3. 9. 96.

Alas vanguarda, retaguarda, em que tempo se introduziraõ estes nomes em Portugal. 2. 8. 46.
como se chamavaõ antigamente. *ibidem.*

Albornoz seu brazaõ. 3. 5. 90.

Alcaide Mòr que officio he. Sua origem. 2. 12. 59.
Sua ethimologia 2. 12. 60.

Albergaria seu brazaõ. 3. 6. 93.

Alexandre Magno que estimava a Illiada de Homero Disc. 8. p. 411.
amor que teve às letras p. 412.
o que fazia quando se deitava na cama. p. 355.
Sua fortaleza, pag. 359.
Foy morto com peçonha, e porque. 360.
Quam estimado, e honrado dos seus. 361.

Albuquerque seu brazaõ. 3. 15. 102.

Alexandre mandou crucificarem em hũ só dia 800. Judeos. Disc. 8. p. 325.

Alcaçova seu brazaõ. 3. 13. 99.

Alma composta de proporçoens de Musica. Disc. 8. pag. 418.

Alcaforado seu brazaõ. 3. 15. 102.

Alferes Mòr sua Dignidade, e origem, os que tem havido em Portugal, seu officio na guerra. 2. 4. 39.

Aldana, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Almocadem, que officio era. 2. 6. 43.
Ceremonias com que eraõ eleitos. ibid.

Alfaro, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Almirante, sua origem, e principio em Portugal. O primeiro que houve, ceremonias de sua eleiçaõ, sua jurisdicçaõ, seu salario. 2. 11. 63. e 64.
os que tem havido em Portugal. *ibidem.*

Almas, seu brazaõ. 3. 5. 89.

Almada, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Almeida, seu brazaõ. 3. 11. 97.

Almeida, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Alpoem, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Altyo, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Alvarenga, seu brazaõ. 3. 15. 103.

Alvelo, seu brazaõ. 3. 10. 96.

Alvernas, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Alvos, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Amarras, as de Portugal melhores, que as de Flandes. 1. 4. 18.

Amasias, Rey de Judà desbaratado, e prezo por seus inimigos, e porque. Disc. 8. pag. 325.

Amaral, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Amasis, fez huma ley em que obrigava a todos os seus que cada hum anno dessem conta de sua vida perante Juizes para isto deputados. Disc. 8. p. 340.

Ambiçaõ de Herodes, qual. Disc. 8.

Anadeis, seu officio. 2. 5. 41.

O primeiro que houve em Portugal. Que tempo duraraõ, *ibidem*.

Animaes, nos Escudos sua origem. 3. 4. 87.

Andaluzia, povoada pelos Turdolos, ou Turdeletanos. 5. 2. 197.

Angola, em que tempo principiou a sua conquista. 6. 1. 218.

D. Antão Martins de Chaves Cardeal, seu Elogio. 8. 8. 255.

Antiocho Rey da Asia, destruição que fez em Jerusalem. Disc. 8. p. 317.
O que disse em sua morte, *ibidem*.

Anibal Bentivoglio, amor que a Patria lhe tinha. Disc. 8. pag. 324.

Appellidos dos Nobres de Portugal. 3. 2. 84.
Suas origens. Saõ os sinaes da descendencia das Familias, *ibidem*.
ninguem pode tomar appellido da Familia alheya. 3. 2. 86.

Aragaõ, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Aranha, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Araujo, seu brazaõ. 3. 7. 94.

Aragonezes, com menos gente triunfaraõ do poder de Castella. 2. 9. 53.

Arca, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Arco, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Arnào, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Armas de fogo, as melhores saõ as que se fabricaõ em Portugal. 1. 4. 18.

Armas, seu exercicio virtudes que inclue 2. 1. 33.

Armas, quantia dellas que havia no tempo delRey D. Joaõ III. 2. 11. 57.
naõ hiaõ para fóra do Reyno no tempo delRey D. Manoel. 2. 11. 57.

Armas, por descendencia, que Familias as trazem. 3. 15. 101.

Armas, tomadas por casos particulares. 3. 16. 104.
porque Familias, *ibid.*

Armas, sua nobreza naõ se regula pelas cores, ou materias de que se compoem. 3. 18. 116.

Armador Mòr, seu exercicio. 2. 2. 35.
Seu officio, principio, e regimento. 2. 11. 58.

Armada, a primeira que sahio de Portugal. 2. 11. 63.

Armada Ordinaria para defensa da Costa que havia antigamente em Portugal. 2. 15. 67.
a com que ElRey D. Sebastiaõ passou a Africa foy a maior que se tem visto no Mar Occeano. 2. 15. 68.
as de ElRey D. Manoel, e D. Joaõ III. para guarda da Costa. 2. 15. 70.
as Estrangeiras quam prejudiciaes aos naturaes. Disc. 8. p. 364. e 365.

Armazem de Armas que fez ElRey D. Manoel, e D. Joaõ III. 2. 11. 57.

Arquitetura, sua utilidade, Disc. 8. pag. 407.

Artes, sua multidaõ de quanto proveito he ao Reyno. 1. 4. 15.
naõ pòdem florecer aonde naõ houver muita gente. 1. 1. 3.
naõ se pòdem exercitar sem a milicia. 2. 1. 33.

Arte Militar, naõ se pòde alcançar sem exercicio. 8. 1. 239.

Artaxerxes, Rey da Persia, como premiou a Mardocheo, e porque. Disc. 8. p. 339.

Arruelas nos Escudos, sua origem. 3. 11. 97.
que Familias as uzaõ. *ibid.*

Artelharia, sua invenção. 1. 1. 4.

Arzila, cercada pelo Rey de Fez. 2. 15. 69.

Aspas, que se trazem nos Escudos sua origem. 3. 7. 93.
que Familias as uzaõ, *ibidem.*

Asclepiades, Merliano, escreveo a navegaçaõ, e naufragios de Ulyses. 5. 2. 199.

Aia, filho delRey Abyas porque venceo a Zarà Rey de Ethyopia. Disc. 8. pag. 317.

Aspereza, naõ hade ter o Principe que governa. Disc. 8. pag. 292.

Astronomia, de quanto proveito seja. Disc. 8. p. 407.

Asturias, seu brazão, 3. 13. 99.

Assucar, Mestres para a sua fabrica mandou vir de Sicilia o Infante D. Henrique. 1. 4. 19.
He o mayor rendimento que tem a Coroa de Portugal, *ibidem.*

Ataide, seu brazão. 3. 5. 90.

Atouguia, seu brazão, 3. 6. 93.

Atouguia, seu brazão. 3. 12. 98.

Athalia, governou o Reyno de Judà com muita soberba, e crueldade. Disc. 8. pag. 304.

Athila, Rey dos Hunnos, sua crueldade. Disc. 8. p. 297.

Mandou hum Exercito de Suevos, contra os Portugueses. Disc. 8. p. 307.

Athenienses, primeiros inventores do pão, e das leys. Disc. 8. p. 346.

Augusto Cesar, Emperador, amor que teve a seu povo. Disc. 8. p. 324.
deixou tres livros feitos pela sua mão. 8. 340.
O que fazia lendo algum livro latino. 8. 356.
Obras grandes de sua prudencia, *ibidem*.
mandou abrir a sepultura de Alexandre. 361.
Para ser perfeito Principe não lhe faltava mais que o conhecimento do verdadeiro Deos. 8. 315.
Em seu tempo encarnou o Divino Verbo. *ibidem*.
Suas virtudes, *ibidem*.
Sua prudencia. 8. 351.

Avelar, seu brazão. 3. 5. 89.

Avreo, seu brazão. 3. 4. 88.

Avinhal, seu brazão. 3. 5. 90.

Avareza, causa de grandes males. Disc. 8. 370.

Austria, seu brazão. 3. 5. 89.

Ayala, seu brazão, 3. 4. 88.

Azambuja, seu brazão. 3. 14. 99.

Azumbuja, seu brazão. 3. 5. 90.

Azeredo, seu brazão. 3. 5. 90.

Azevedo, seu brazão. 3. 4. 88.

Azevedo, seu brazão. 3. 7. 94.

Azinhal, seu brazão. 3. 14. 99.

B

Bacco, foy o primeiro que entrou em Hespanha, e Portugal com Exercitos. Disc. 8. p. 306.

Bacelar, seu brazão. 3. 14. 99.

Badajòs, seu brazão. 3. 14. 99.

Bairros, seu brazão., 3. 5. 90.

Bandeira, seu brazão. 3. 16. 104.

Bandas, que se trazem nos Escudos, sua origem. O que he. Que Familias as trazem. 3. 5. 89.

Barras, que se trazem nos Escudos, sua origem. O que he. Que Familias as trazem. 3. 5. 89.

Barbança, seu brazão. 3. 5. 90.

Barbato, seu brazão. 3. 5. 90.

Barbedo, seu brazão. 3. 10. 96.

Barboza, seu brazão. 3. 8. 95.

Baraõ, que dignidade he, sua origem, e officio. Os que tem havido em Portugal. 3. 26. 138. & seqq.

Barboza, seu brazão. 3. 5. 90.

Barbuda, seu brazão. 3. 5. 90.

Barbudo, seu brazão. 3. 15. 103.

Barbudo, seu brazão., 3. 10. 96.

Bardes, seu brazão. 3. 5. 90.

Barradas, seu brazão. 3. 8. 95.

Barrayola, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Barreira, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Barreto, seu brazaõ. 3. 15. 103.

Barriga, seu brazão. 3. 13. 99.

Barros, seu brazaõ, 3. 5. 90.

Barroso, seu brazaõ. 3. 8. 95.

Barroso, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Bayaõ, seu brazão. 3. 14. 99.

Batalhas, contra os Castelhanos vencidas pelos Portugueses. 2. 9. 51.

Barbuda, que dinheiro era. 4. 26. 172.

Bemaventurança, do homem qual he. Disc. 8. p. 330.

Beja, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Belchira, seu brazão. 3. 5. 90.

Belliagua, seu brazão. 3. 14. 99.

Bembo, seu brazão. 3. 5. 90.

Benambia, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Beringes, seu brazão. 3. 5. 90.

Bermudes, seu brazão. 3. 5. 90.

Bessa, seu brazão. 3. 9. 96.

Betancor, seu brazão. 3. 4. 88.

Bispos, que eraõ obrigados a ter armas mas em numero certo. 2. 11. 57.

Bicudo, seu brazão. 3. 14. 99.

Biscaya, seu brazão. 3. 14. 99.

Bivar, seu brazão. 3. 5. 90.

Biveiro seu brazão. 3. 14. 99.

Bondade, differença que vay dos bons aos màos. Disc. 8. p. 375.

Botero, que reparou nos Portugueses. 6. 5. 229.

Borges, seu brazão. 3. 12. 98.

Borreco, seu brazão. 3. 14. 99.

Botado, seu brazão. 3. 4. 88.

Botelho, seu brazão. 3. 5. 9O.

Botilher, seu brazão. 3. 14. 99.

Botto, seu brazão. 3. 13. 99.

Bovadilha, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Brazoens, de armas, que estão pintados na Salla dos Paços de Cintra, e de que Familias. 3. 18. 111.

Bracamonte, seu brazão. 3. 5. 90.

Brandaõ, de Inglaterra, seu brasaõ. 3. 4. 83.

Brandaõ, seu brazão. 3. 14. 99.

Britto, seu brazão. 3. 4. 88.

Broncilde, Rainha de França sua crueldade. Disc. 8. p. 304.

Bulhoens, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Buzio, seu brazão. 3. 5. 90.

C

Cabras, seu brazão. 3. 14. 99.

Cabo Verde, em que tempo se descobrio, que terras possuem nelle os Portugueses, (propagação) da Fè naquelles Estados, 6. 1. 217.

Cacena, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Cacheu, seus portos saõ muy frequentados de todos os Navios de Europa. 6. 5. 227.

Caça, seu exercicio louvavel aos Principes, e grandes Senhores. Disc. 8. pag. 354.
Devem usar delle com temperança, ibidem.

Caceres, seu brazão. 3. 14. 99.

Çacoto, seu brazão. 3. 10. 96.

Caldeiras, se conservaõ no Convento da batalha, e Alcobaça as com que no campo de Aljubarrota, se fazia o comer dos Soldados. 3. 20. 122.

Calvarios, que moeda era, e o seu valor. 4. 32. 180.

Caligula, Emperador, sua desenvoltura. Disc. 8. p. 378.

Calças, seu brazão. 3. 5. 90.

Caldeira, seu brazão. 3. 14. 99.

Calheiro, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Calvo, seu brazaõ. 3. 5. 93.

Cambyses, o que fez a hum Juiz. Disc. 8. p. 292.

Cão, seu brazaõ. 3. 16. 102.

Camello, seu brazaõ. 3. 10. 96.

Camello, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Camera, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Caminha, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Camões, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Campo, seu brasaõ. 3. 4. 88.

Canto, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Çapata, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Capitão Mor do mar, sua origem, sua jurisdicçaõ, os que houve em Portugal. 2. 14. 65. e 66.

Capua, destruida pelos Romanos. Discurso 8. pag. 364.

Cardozo, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Carneiro, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Carrasco, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Carregueiro, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Carrilho, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Carvalhaes, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Carvalhosa, seu brazaõ. 3. 13. 98.

Carvalho, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Carvoeiro, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Cardeaes Portugueses, de p. 247 atè pag. 286.

Cardeal S. Damaso, de quem foy filho, onde nasceo. 8. 1. 247.
Onde està enterrado. Varias opinioens sobre a sua Patria. Por quem foy eleito Cardeal. Em que anno sobio ao Pontificado. Suas acçoens. p. 248 e 249.

Cardeal D. Payo Galvaõ, em que tempo floreceo. 8. 2. 249.
De quem foy filho. De que Ordem foy. Por quem foy creado Cardeal do titulo de Santa Maria *in Septifolio*. Em que tempo. He eleito Cardeal do titulo de Santa Cecilia. Em que tempo. He eleito Cardeal Albanense. Em que tempo. He mandado Legado Apostolico com a Cruzada à Conquista da Terra Santa. Por quem. Em que tempo. He mandado Legado ao Emperador Federico II. pag. 250.

Cardeal D. Joaõ Froes, sua Patria, seus Pays. De que Ordem foy. Sendo Bispo Sabinense consagrou a Igreja do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Em que tempo. 8. 3. 250.

Cardeal João 20. dito 21. Summo Pontifice. Sua Patria. Filho de quem. Foy chamado Pedro Peres. Foy Arcediago de Vermoim na Sè de Braga. Foy Prior de Guimaraens. Em que tempo He creado Bispo Cardeal. Por quem, e em que tempo. Foy companheiro de S. Boaventura. Teve mais

companheiros, e quaes. Foy insigne na Mathematica, e Medicina. 8. 4. 251.

He eleito Summo Pontifice, e em que tempo. Teve particular cuidado em prover os Beneficios da Igreja. Intentou recuperar a Terra Santa. Em que tempo morreo. Onde està sepultado. Que tempo viveo. Obras que compoz. 8. 4. 252.

Cardeal D. Martinho, sua Patria. Em que tempo foy creado Cardeal. E por quem. Sua morte. 8. 5. 252.

Cardeal D. Joaõ Affonso de Azambuja, de quem foy filho. 8. 6. 252.

Foy Conego de Evora. Foy Prior da Igreja de Monsaõ, e de Alcaçova. He mandado a Roma. Foy Bispo do Algarve, do Porto e de Coimbra, Arcebispo de Lisboa. He creado Cardeal, e por quem. Fundaçoens que fez em Lisboa, Sua morte. 8. 6. 253.

Cardeal D. Pedro da Fonseca, de quem foy filho. Foy Bispo do Porto. He creado Cardeal, e por quem. Em que tempo. Desobedeceo ao Concilio de Pisa. Foy deposto pelo Concilio de Constancia. He confirmado na Dignidade por Martinho III. Em que tempo. He mandado por Legado a Constantinopla. Sua morte. 8. 7. 254.

Cardeal D. Antaõ Martins de Chaves, em que tempo foy eleito Bispo do Porto. Concilios que em seu tempo se fizeraõ em Portugal. He mandado ao Concilio de Basilea. He creado Cardeal em que tempo. Suas acçoens em Roma. Sua morte. 8. 8. 255.

Cardeal D. Luiz de Amaral, mandado por Embaixador ao Concilio de Basilèa. Em que tempo. Reputaçaõ, que teve entre aquelles Prelados. He mandado Emperador a Grécia. E tambem ao Emperador de Alemanha. He creado Cardeal, em que tempo. Sua morte. 8. 9. 257.

Cardeal D. Gemes, de quem foy filho, He creado Cardeal. Por quem, e em que tempo. He louvado de Eneas Sylvio. Sua morte. 8. 10. 258. e 259.

Cardeal D. George da Costa, sua Patria. Em que tempo floreceo. Foy Lente em Santo Eloy. He mandado a Roma a varios negocios, sendo Deaõ de Lisboa. He mandado Embaixador a Castetella. He creado Cardeal. Por quem, e em que tempo. Retira-se occultamente para Roma; e porque. Recebe o Arcebispado de Braga. Foy Cardeal de varios titulos. Renuncia o Arcebispado de Lisboa em D. Martinho seu irmaõ. Sua empreza. Sua morte. 8. 11. de p. 259. atè p. 263.

Cardeal D. Affonso, filho delRey D. Manoel. Foy creado Cardeal do titulo de Santa Luzia, em que tempo. Teve outros varios titulos. Empregos que teve. Sua morte. 8. 12. 263.

Cardeal D. Miguel da Sylva, de quem foy filho, estudou em Pariz. Parte para Roma, em que tempo. Dahi passa a Veneza, e para que fim. Torna para Portugal. Exercita varios empregos. Torna para Roma, e dahi para Portugal segunda vez. Pertende o Summo Pontifice crealo Cardeal, ElRey D. Joaõ III. o naõ consente. Torna para Roma occultamente. Insta ElRey com elle que torne para o Reyno, e elle desobedece. He desnaturalizado por esta desobediencia. Publica-se a sua creaçaõ. Foy Legado de Ravena, teve votos para sobir à Cadeira Pontifical. Sua morte. 8. 13. 264. usque 266.

Cardeal D. Henrique, filho delRey D. Manoel. Primeiro emprego que teve. Foy Arcebispo de Braga, e Bispo de Evora. He creado Cardeal. Foy legado a Latere neste Reyno, e Inquisidor Mòr. Erigio as Casas do Santo Officio de Lisboa, Evora, Coimbra, e Goa; reformou varias Religioens. Sua morte. 8. 14. 266.

Cardeal D. Verissimo de Lancastro, de quem foy filho. Em que tempo nasceo. Empregos que teve. He creado Cardeal, e por quem, e em que tempo. Sua affabilidade, amor grande que

teve às letras. Sua morte. Exequias que se lhe fizeraõ nella. 8. 15. 267. & vers.

Cardeal Luiz de Sousa, de quem foy filho. Em que tempo partio para Roma. Sentimento que teve na morte do Principe D. Theodosio. He eleito Deaõ da Sè do Porto. Torna para Portugal, Empregos que teve. He creado Cardeal. Por quem, e em que tempo. Sua morte. 8. 16. de 26. ate p. 272.

Cardeal Nuno da Cunha de Ataide, de quem he filho. Quando nasceo. Empregos que tem occupado. Os que exercita. Em que tempo foy creado Cardeal; acçoens que obrou em Roma. 8. 17. 273.

Cardeal D. Jozè Pereira de Lacerda, de quem foy filho. Sua patria. Empregos que occupou. Em que tempo foy creado Cardeal, e por quem. Ordenou que o dia de Santa Barbara se guardasse na Cidade de Faro. Acçoens que obrou em Roma. Sua morte. 8. 18. 275. até 277.

Cardeal D. Joaõ da Motta, e Sylva, Empregos que tem occupado. Em que tempo foy creado Cardeal. 8. 19. 277.

Cardeal D. Thomàs de Almeida, de quem he filho. Empregos que tem occupado. He nomeado Bispo de Lamego. O que obrou neste Bispado. He creado Bispo do Porto. Acçoens que obrou neste Bispado. He creado Patriarca primeiro de Lisboa. Obras que fez no sitio de Rilhafolles. Funda o Convento de N. Senhora dos Remedios em Campolide. Manda fazer Constituiçoens. E tambem para as Religiosas Descalças de N. Senhora da Conceiçaõ da Luz. Reedifica a Quinta de Santo Antonio do Tojal. He creado Cardeal. 8. 20. de p. 278. até p. 286.

Carlos Magno, Principe sem igual. O que mereceo por suas grandes virtudes, Disc. 8. p. 316.

Castanheda, seu brazão. 3. 5. 90.

Castel branco, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Castilho, seu brazão. 3. 13. 98.

Castro, seu brazaõ. 3. 11. 95.

Castella, tem agora menos gente, que antigamente. 2. 9. 49.

Castellos, nos Escudos, sua origem. Que Familias os trazem. 3. 13. 98.

Cayado, seu brazão. 3. 4. 88.

Cazal, seu brazão. 3. 12. 98.

Caza, da Moeda em Portugal em que partes tem tido assento. A primeira que houve. Seu governo. 4. 22. 168.

Cavalaria, a de Portugal de grande nome na Europa. 2. 10. 56.
No tempo delRey D. Manoel excedia o numero de 8U000. cavallos. 2. 7. 45.
Sua Dignidade. 3. 28. 141.

Cavalleiros, Ceremonias com que eraõ armados antigamente. 3. 28. 143.
ainda hoje se uzaõ nos Cavalleiros das Ordens Militares. Que idade se requer para esta Dignidade. He necessario que o Padrinho seja armado Cavalleiro. *ibidem*.
Quando começou esta Dignidade em Portugal, *ibidem*.
Os das Ordens Militares obrigados a ter armas, e cavallos para a defensa do Reyno contra infieis. 2. 17. 80.

Cavalleiro bom, qual he. Disc. 8. p. 358.

Cataõ, o que sentia a respeito da peregrinaçaõ, 8. 1. 245.

Cataõ Uticense, perfeiçaõ de sua vida. Disc. 8. p. 291.

Cayo Valerio, emendando-se dos vicios foy muito amado do povo. Disc. 8. p. 312.

Celeme, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Cerqueira, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Cerveira, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Cesar, seu brazaõ. 3. 16. 106.

Cera, de donde vem com mais abundancia. 1. 5. 22.

Cetro, o que significa, e seu principio 2. 1. 33.

Ceita, cercada pelos Mouros de Granada. 2. 15. 68.

Chacina, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Chanoca, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Chaves, seu brazaõ. 3. 14. 99.

China, muito abundante de todos os mantimentos, 1. 1. 2.

Chinas, naõ admitiaõ Estrangeiros no seu Reyno. 8. 1. 245.

Chindasvindo Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 14. 158.

Cio, seu brazaõ. 3. 5. 89.

Cirne, seu brazaõ. 3. 14. 99.

Cidades, quantas ha no Reyno de Flandes. 1. 2. 6.

Cifras dos appellidos, que Familias as trazem. 3. 14. 99.

Ciro Rey, sua liberalidade. Disc. 8. pag. 331.

Clemencia, foy a mayor virtude que teve Julio Cesar, e Octaviano. Disc. 8. p. 340.

Coelho, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Coelho, seu brazaõ. 3. 16. 106.

Cogominho, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Conestagio, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Contreiras, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Cordeiro, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Cordovil, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Coronel, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Correa, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Correa, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Correlhas, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Corte Real, seu brazaõ. 3. 16. 104.

Costa, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Cota, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Cotifer, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Cotrim, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Covas, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Couro, seu brazaõ. 3. 14. 10.

Coutinho, seu brazaõ. 3. 10. 96.

Couto, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Colonias, ou lugares de Alentejo seus fundadores. 1. 5. 21.

Condestable, sua Dignidade, e origem 2. 2. 36.
Os que tem havido em Portugal. 2. 2. 38.

Coudel Mòr, que officio he, e sua Dignidade. 2. 5. 41.

Condes, sua origem, e antiguidade. 2. 2. 36.
Os que largaraõ este titulo pelo de Duque. 3. 23. 128.

Conde, que palavra he, sua Ethimologia, sua origem, antiguidade, e preeminencia em Portugal. He grande sua Dignidade. Os primeiros que houve em Portugal. 3. 25. 133. & seqq.
O de Barcelos, grandeza com que recebeo este titulo, delRey D. Pedro. 3. 28. 142.

Consulado, seu principio, e para que era applicado o seu rendimento. 2. 15. 70.

Congo, neste Estado se fez a segunda missaõ dos Portugueses, e que pessoas foraõ a ella., 6. 1. 217.

Conselheiros, bons, e verdadeiros, quam necessarios ao bom Principe., Disc. 8. 349. & 350. & 353.
naõ devem ser de pouca idade., 8. 350.
Devem ser scientes em todas as materias., 352.
Quaes saõ os fieis, e prudentes., *ibidem*.

Comendas, quantas ha em Portugal., 2. 17. 80.

Comarca, que palavra he, de donde se deriva., 3. 24. 131.

Cobiça dos Contratadores, e navegantes tem sido a causa de grandes naufragios no mar., 7. 1. 233.

Collegio, da Companhia de Coimbra com que intento o fundou ElRey D. Joaõ III., 6. 1. 217.

Costumes, mais antigos que as leys., Disc. 8. 295.

Correyos, quem primeiro os ordenou., Disc. 8. 356.

Cretenses, que praga rogavaõ a seus inimigos., Disc. 8. p. 338.

Cruzes, floreteadas, da Cruzada, e de S. Jorge, que se trazem nos Escudos, sua origem., 3. 6. 90.
Em que tempo se começaraõ a uzar em Portugal., *ibidem*.
O primeiro que a uzou nos Escudos., *ibidem*. p. 91.

Cruz, foy a primeira insignia, que tiveraõ os Reys de Aragaõ., *ibidem*.

Cruz, della tiveraõ principio as Armas de Portugal., *ibidem*.

Cruz de S. Jorge, que Familias as trazem nos Escudos., 3. 6. 93.

Cruz da Cruzada, que Familias a trazem nos Escudos., *ibidem*.

Cruzes floreteadas, que Familias as trazem nos Escudos., 3. 6. 93.

Cunha, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Cuniga, seu brazaõ., 3. 5. 90.

D

Dario, o que lhe succedeo fogindo de Alexandre., Disc. 8. p. 370.

Dragaõ, seu brazaõ., 3. 4. 88.

S. Damaso Papa, seu Elogio., 8. 1. 247.

David, Profeta, e Rey compoz muitos Psalmos, Hymnos, e instrumentos. Quaes, e quando, Disc. 8. pag. 310.
Quam amado foy dos Judeos., Disc. 8. pag. 326.

Daute, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Rey D. Diniz, povoou muita parte de Portugal., 1. 2. 7.
Foy o primeiro que fundou Universidade em Portugal., 5. 2. 200.

Delgado, seu brazão., 3. 14. 100.

Descendencia, que Familias trazem armas por ella., 3. 15. 101.

Deos, castiga severamente aos que o desconhecem por Senhor universal., Disc. 8. p. 404.

Demonios, porque se pintaõ feyos., Disc. 8. p. 421.

Devoçaõ, nos Reys de grande proveito aos Reynos., Disc. 8. p. 316.

Dignidade, a mayor do Exercito., 2. 2. 36.

Diogo da Silva, Ayo delRey D. Manoel., 8. 13. 264.

Diocleciano, o que respondeo ao Senado, pedindo-lhe este aceitasse o Imperio, que elle tinha largado., Disc. 8. pag. 331.

Dinheiros, o que valiaõ., 4. 42. 191.
Varios generos delles que houve, 4. 24. 191.

Dobras Mouriscas, o que valiaõ., 4. 21. 167.

Dobras validias, que Moedas eraõ, e o que valiaõ., 4. 21. 167.

Dobras da Sevilha, de Banda, e de Dona Branca, e de Leaõ, em Portugal, e o que valiaõ., 4. 41. 194.

Dobras, varias castas dellas., 4. 41. 194. & seqq.

Dote, sua grandeza prejuizo que causa. 1. 8. 30.

Douteis; seu brazaõ. 3. 11. 97.

Drago, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Dragos, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Durmaõ, seu brazaõ. 3. 5. 89.

D. Duarte, Conde de Sabugal de que sorte fez hum grande rendimento em huma sua erdade. 1. 5. 23.

Duque de Alva, reposta notavel que deo a ElRey D. Felippe o prudente dizendo que as exequias que se faziaõ em Madrid por ElRey D. Sebastiaõ fora melhor vir fazellas a Bellem. 2. 9. 51.

Duque, que titulo he, sua ethimologia, e origem. 3. 23. 126.
Insignias particulares de que antigamente uzavaõ. *ibidem*.
Este titulo veyo de Inglaterra a Hespanha. 3. 23. 128.
Os primeiros que houve em Portugal. *ibidem*.
Ceremonias com que recebem esta Dignidade. Os que tem havido em Portugal. 3. 23. 130.

Ducado de Apulha, deu o Papa Nicolào II. a Roberto Guiscardo com Ceremonias quasi reaes. 3. 23. 128.

E

Ecclesiasticos, que eraõ obrigados a ter armas em numero certo. 2. 11. 57.

Rey Egica, que moedas bateo em Hespanha. 4. 18. 162.

Egypto, seu bom Regimento. Disc. 8. p. 354.

Elefantes, que Familias os trazem nos Escudos. 3. 4. 89.

Elysa, neto de Noè primeiro povoador de Hespanha. 5. 2. 197.

Elogio de S. Damaso Summo Pontifice, primeiro Cardeal. 8. 1. 247.

Elogio de D. Payo Galvaõ, segundo Cardeal. 8. 2. 249.

Elogio de D. Joaõ Froes, terceiro Cardeal. 8. 3. 250.

Elogio de Joaõ XX, Summo Pontifice, quarto Cardeal. 8. 4. 251.

Elogio de D. Martinho, quinto Cardeal. 8. 5. 252.

Elogio de D. João Affonso, de Azambuja, sexto Cardeal. 8. 6. 252.

Elogio de D. Pedro da Fonseca, setimo Cardeal. 8. 7. 254.

Elogio de D. Antaõ Martins de Chaves, oitavo Cardeal. 8. 8. 255.

Elogio de D. Luiz do Amaral, 9. Cardeal. 8. 9. 257.

Elogio de D. Gemes, 10. Cardeal 8. 10. 258.

Elogio de D. George da Costa. 11. Cardeal. 8. 11. 259.

Elogio de D. Affonso. 12. Cardeal. 8. 12. 263.

Elogio de D. Miguel da Sylva, 13. Cardeal. 8. 13. 264.

Elogio de D. Henrique, 14. Cardeal. 8. 14. 266.

Elogio de D. Verissimo de Lancastro, 15. Cardeal. 8. 15. 267.

Elogio de Luiz de Sousa, 16. Cardeal 8. 16. 269.

Elogio de Nuno da Cunha de Ataide. 17. Cardeal. 8. 17. 273.

Elogio de D. Jozè Pareira de Lacerda, 18. Cardeal. 8. 18. 275.

Elogio de D. Joaõ da Mota, e Sylva, 19. Cardeal. 8. 19. 277.

Elogio de D. Thomaz de Almeida, 20. Cardeal. 8. 20. 278.

Elogio delRey D. Joaõ III. Por Joaõ de Barros. Disc. 8. p. 287.

Elogio delRey D. Joaõ III. Por Antonio de Castilho. Disc. 8. p. 381.

Elogio da Infanta Dona Maria, Por Joaõ de Barros. Disc. 8. p. 395.

Elogio de Fr. Bernardo de Brito. Disc. 8. p. 430.

Elogio da Cidade de Evora. Disc. 8. p. 441.

Emperador Theodozio II. vendia por grande preço as illuminaçoens que fazia. 1. 1. 4.

Embarcaçoens, as de Portugal saõ as melhores do mundo. 2. 15. 70.

Emperadores de Roma, que por sua bondade naõ careciaõ de Soldados, que os guardassem., Disc. 8. p. 305.
Os que foraõ mortos com violencia por causa de seus màos costumes., *ibidem*.

Ervigio Rey, que moedas bateo em Hespanha., 4. 17. 161.

Escrocio, seu brazaõ., 3. 5. 89.

Esmeraldes, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Esparragosa, seu brazaõ., 3. 13. 99.

Espindola, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Essa, seu brazaõ., 3. 15. 102.

Escaques, que se trazem nos Escudos sua origem., 3. 5. 89.
Que Familias os trazem., *ibidem*.
O que he, *ibid.* p. 90.

Estrellas, que se trazem nos Escudos sua origem, que Familias as trazem., 3. 10. 96.

Estados, sua segurança consiste no valor dos nobres., 3. 18. 109.

Estrabo, o que diz a respeito dos Portugueses., 5. 2. 197.

Escholas Geraes bairro de Lisboa de que lhes veyo este nome., 5. 3. 210.

Estrangeiros, com seus costumes pervertem a temperança dos Portugueses., 8. 1. 245.

Espadins, que moeda era., 4. 30. 178.

Ethiopes, aprenderaõ letras em Portugal, e vieraõ a ser Bispos., 6. 3. 221. & 6. 5. 226.

Euridice, Rainha de Macedonia, sua crueldade., Disc. 8. p. 304.

Evora, murada no tempo delRey D. Fernando., 2. 12. 61.

Evangelho, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Exemplo, notavel de Marco Atilio, e de Scipiaõ., Disc. 8. p. 313.

Exercitos, sua grandeza entre os Assirios, e Persas, e outras Naçoens., 1. 1. 5.

Exercito, no tempo delRey D. Manoel se compunha do numero de 9U000. cavallos., 2. 7. 45.
Na batalha do Campo de Ourique se compunha de 12U000. infantes. Na tomada de Ceita de 20U000. Na Conquista de Arzilla de 30U000., 2. 7. 46.
O de ElRey D. Joaõ IV. que sahio de Elvas se compunha de 12U000. infantes. e 2U000. cavallos no anno de 1643., 2. 9. 40.
No anno de 1645. fez outro na mesma Fronteira de 7U000. infantes, e 1U500. cavallos. Na Artelharia, e bagagem levava. 13U000., *ibid.*

F

Fabrica da polvora, como se introduzio em Portugal., 2. 11. 59.

Fabio, porque mereceo o sobre nome de Maximo., Disc. 8. p. 351.

Fafes, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Fagundes, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Familia, que cousa he., 3. 1. 81.
As de Hespanha sua antiguidade., 3. 1. 82.

Faria, seu brazaõ., 3. 13. 99.

Farinha, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Faro, de Alentejo, seu fundador., 1. 5. 23.

Faxas, que se trazem nos Escudos, sua origem, o que he, que Familias as trazem., 3. 5. 89.

Ferraz, seu brazaõ., 3. 11. 97.

Ferreira, seu brazaõ., 3. 5. 89.

Feyo, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Fé Catholica, porque meyos se pòde augmentar nas Provincias dos Gentios sugeitas a Portugal., 6. 3. 220.
Seu zelo nos Portugueses, dilatou o Senhorio de Portugal., 6. 5. 228.

Federico II. Emperador, de Alemanha sua crueldade., p. 299.

Felippe Rey de Macedonia, morto por Amintas seu criado., Disc. 8. p. 324.
Carta que escreveo a seu filho Alexandre sobre se dizer que com dinheiro ganhava a vontade dos Fidalgos., Disc. 8. p. 327.

Felippe, seu brazaõ., 3. 17. 108.

Rey D. Felippe da Serra Leoa, porque expulsou os Holandezes dos seus portos., 6. 4. 224.

Felicidade, a do Reyno consiste em quatro cousas, e quaes., 1. 1. 2.

Ferro, o de Portugal melhor que o de todo o mundo., 1. 4. 17.

D. Fernando, Rey de Portugal guardou a Costa com 32. Galès, e 30.

Nàos. 2. 15. 68.

D. Fernando Infante, grandeza com que foy armado Cavalleiro por ElRey D. Affonso V. seu irmaõ. 3. 28. 142.

Fialho, seu brazão. 3. 14. 100.

Figueira, seu brazão. 3. 14. 100.

Figueiredo, seu brazão. 3. 14. 100.

Filosofia, moral, e natural, sua utilidade. Disc. 8. p. 407.

Fidalgos, que eraõ obrigados a ter armas em numero certo. 2. 11. 57.
Os de França, Inglaterra, e Aragaõ, deraõ principio a algumas familias de Portugal, e em que tempo. 3. 1. 82.

Flores, seu brazão. 3. 13. 99.

Flandes, desta Provincia vem os melhores pannos de Ràs. As melhores impressoens de Livros, Pinturas, Olandas, Cofres, Caixas, Espelhos, e outras miudezas, 1. 1. 3.

Flores de Liz, nos Escudos, sua origem, que Familias as trazem. 3. 12. 97.

Fogaça, seu brazão. 3. 14. 100.

Folgueiro, seu brazão. 3. 5. 90.

Fonseca, seu brazão. 3. 14. 100.

Formosura, das molheres tirania de pouco tempo. Varios epitetos della. A da alma saõ as virtudes. Disc. 8. p. 345.
O que he. Disc. 8. p. 420.
Effeitos que della succederaõ. Disc. 8. pag. 422.

Fortalezas, de Portugal. 2. 12. 62.
As que mandou fazer ElRey D. Joaõ III. *ibidem*.

Fortaleza, que virtude he. Disc. 8. pag. 357.
A de Alexandre Magno na Conquista da Persia. Disc. 8. p. 359.
A de Salamaõ. p. 358.

Fortes, que moeda era. 4. 26. 172.

Frade, seu brazão. 3. 6. 93.

Fragoso, seu brazão. 3. 14. 100.

Franca, seu brazão. 3. 5. 90.

França, males que padeceo em tempo do Emperador Marco Antonio. Disc. 8. pag. 367.
Causa de sua destruiçaõ. Disc. 8. p. 378.

Francisco. Rey de França presteza com que em menos de meya hora formou hum Exercito contra Carlos V. Disc. 8. pag. 240.

Frasão, seu brazão. 3. 12. 90.

Frasão, seu brazão. 3. 5. 90.

Freire de Andrade, seu brazão. 3. 5. 90.

Freitas, seu brazão. 3. 10. 96.

Frias, seu brazão. 3. 13. 99.

Froes, seu brazão. 3. 9. 96.

Frotas, seu brazão. 3. 4. 88.

Fronteiro, que officio he, e seu exercicio. 2. 12. 59.

Fuseiro, seu brazão. 3. 5. 90.

Funchal, assaltado pelos Franceses, 2. 15. 69.

G

Gago, seu brazão. 3. 7. 94.

Galhardo, seu brazão. 3. 4. 88.

Galvão, seu brazão. 3. 14. 100.

Galeazo, Duque de Milaõ morto às punhaladas, e porque. Disc. 8. p. 324.

Galès, sua utilidade, e como eraõ governadas. 2. 14. 66.

Gama, seu brazão. 3. 5. 90. & 3. 16. 106.

Gamboa, seu brazão. 3. 4. 88.

Gançoso, seu brazão. 3. 6. 93.

Gariço, seu brazão. 3. 7. 94.

Garces, seu brazão. 3. 14. 100.

Garro, seu brazão. 3. 4. 88.

Gatos, que Familias os trazem nos Escudos. 3. 4. 88.

Gatacho, seu brazão. 3. 14. 100.

Gatto, seu brazão. 3. 14. 100.

Gavião, seu brazão. 3. 14. 100.

Gastos demasiados no vestir atalhou ElRey D. João III. e como. Disc. 8. p. 329.

General de Galès, o primeiro, que houve em Portugal, em que tempo. 2. 14. 66.

Gentil, que moeda era. 4. 26. 171.

D. Gemes Cardeal, seu Elogio. 8. 10. 258.

D. George da Costa Cardeal, seu Elogio. 8. 11. 259.

Geraldes, seu brazão. 3. 4. 88.

Giraõ, seu brazaõ., 3. 13. 99.

Ginetes, sua origem em Portugal. Officio de seu Capitaõ., 2. 4. 40.

Godinho, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Godim, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Godos, que moedas bateraõ em Hespanha., 4. 2. 147.

Goes, seu brazaõ., 3. 9. 96.

Gomes, seu brazaõ., 3. 16. 105.

Gondim, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Gouvea, seu brazaõ., 3. 11. 97.

Governo, dos homens no principio do mundo., Disc. 8. pag. 309.

Governador, da Republica, qual deve ser o seu mayor cuidado., Disc. 8. p. 337.
Sua ignorancia prejudicial a Republica., Disc. 8. pag. 415.

Gracioza, e cercada pelos Mouros., 2. 15. 69.

Gramacho, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Graã, tinta, a de Portugal he a melhor de Europa., 1. 4. 19.

Granada, muito abundante de todos os frutos., 1. 1. 2.
Nella rendiaõ as folhas das Amoreiras, 30U000. cruzados., *ibidem*.
Sedas que se fabricavaõ em Granada rendiaõ 42. contos., *ibid*.
Rendida aos Castelhanos naõ foy por força do poder., 2. 9. 53.

Grandes do Reyno, que titulos se lhe davaõ antigamente., 3. 20. 120.
Ceremonias com que se davaõ., *ibid.*

Graves, que moeda era., 4. 26. 172.

Gravas, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Grecia, porque a sogeitaraõ os Macedonios., Disc. 8. p. 364.

Guantes, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Guarda da pessoa Real, que lugar tinha na guerra., 22. 35.
seu Capitaõ que exercicio tem., 2. 4. 41.
Pessoas que tem occupado este cargo., *ibidem*.

Guedes, seu brazaõ., 3. 12. 98.

Guerra destruidora dos comercios., 6. 4. 225.
Quanto se deve fogir., Disc. 8. p. 359.

Guimaraens, seu brazaõ., 3. 5. 90.

Guinè, nesta Provincia se fez a primeira Missaõ pelos Portugueses., 6. 1. 216.
Com que condiçoens foy dada pelos Summos Pontifices aos Portugueses. Que estados possuem os Reys de Portugal nesta Provincia., *ibid*.
Causas porque se colhe pouco fruito da conversaõ de seus povos., 6. 2. 217.
Seus moradores habeis, e capazes para toda a doutrina., 6. 3. 221.
O que passou hum delles com os Holandezes em deffensa da verdadeira fé., 6. 3. 222.
Seus direitos foraõ muitos annos a mayor renda da Coroa de Portugal., 6. 4. 222.

Guivar, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Gundemaro Rey, que moedas bateo em Hespanha., 4. 9. 14.

H

Haro, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Henriques, seu brazaõ., 3. 15. 102.

D. Henrique Cardeal, seu Elogio., 8. 14. 266.

Hermenegildo Rey, que moedas bateo em Hespanha., 4. 5. 149.

Hercules, Filosofo alcançou a perfeiçaõ de todas as Sciencias., 8. 1. 237.

Herodes por cumprir justiça viveo com prosperidade. Ordenaçaõ que fez a respeito dos Ladroens. Desconhecido observava o que delle se dizia., Disc. 8. pag. 294.
pertendeo roubar a Sepultura de David, e porque., Disc. 8. 333. & 334.

Hespanha, de quem tomou este nome., Disc. 8. pag. 306.

Homem, seu brazaõ., 3. 9. 96.

Homens, seu engenho, e inclinaçaõ às Sciencias procede das Constelaçoẽs, e sitios das terras., 8. 1. 237.
Amaõ a patria por natureza., 8. 1. 247.
Os grandes devem ser louvados em sua prezença, e porque., Disc. 8. pag 287.
Como se governavaõ no principio do mundo., Disc. 8. pag. 309.
Naõ devem gabarse, nem dizer mal de si., Disc. 8. p. 377.
Os que vivem como brutos nenhuma differença tem de brutos., Disc. 8. p. 408.

Homem, perfeito qual. Disc. 8. pag. 347.
O que deve fazer antes que saya de casa. Disc. 8. p. 348.

Homero, o melhor verso que fez. Disc. 8. p. 290.

Horta, seu brazaõ. 3. 13.99

Hyrcano, amante da justiça. Disc. 8. p. 294.
alcançou espirito de profecia. Disc. 8. p. 311.

Holandezes, foraõ a causa de se atenuar o comercio de Guinè. 6. 4. 223.
Porque experimentaõ menos naufragios no mar que os Portugueses. 7. 1. 235.

J

Jacome, seu brazão. 3. 4. 88.

Idade, a de 25. annos, habil para aprender as artes. 8. 1. 242.

Jeremias, Profeta em que admoestou a Sedechias, Disc. 8. p. 294.

Jezabel, Rainha dos Tribus, de sua mà condiçaõ nasceraõ odios em seu Reyno. 8. 304.

Igreja, de Nossa Senhora da Branqueira sua fundaçaõ. 3. 12. 98.

Ilhas, as de Portugal soccorreraõ algumas vezes o Reyno. 1. 3. 10.
A da Madeira povoada pelos Achioles Florentinos. 3. 4. 88.

Impressaõ, quem a inventou. 1. 1. 3.

Indios, que moeda era, e o que valia. 4. 31. 178.

Infantaria, que se achou na batalha de Campo de Ourique foraõ 12U000. homens. 2. 7. 46.

Na tomada de Ceita 20U000. homens. Na Conquista de Arzilla. 30U000. *ibidem*.

Infançom, que titulo era, e a quem se dava. 3. 22. 124.

Injustiça, males que della nascem. Disc. 8. p. 409.

Insignias militares, para que foraõ inventadas. 3. 3. 86.

D. Joaõ I. Rey de Castella, o que lhe succedeo em Caya sobre armar muitos Cavalleiros, naõ o sendo elle ainda. 3. 28. 143.

Rey D. Joaõ II. Mandou reformar as Fortalezas do Reyno. 2. 12. 61.

Rey D. Joaõ III. Fortificou muita parte dos portos de Portugal. 2. 12. 62.
Possuia 300. velas. 2. 15. 68.
Com que intento fundou o Collegio da Companhia de Coimbra. 6. 1. 217.
No tempo de grandes fomes mandou vir trigo de diversas partes do mundo para socorro de seus vassallos. Disc. 8. pag. 328.
Sua liberalidade 8. 331. & 367.
Sua fortaleza. 8. 366.
Aonde nasceo. E em que anno. No dia do seu bautismo se ateou o fogo nos Paços de Alcaçova. Seus Padrinhos. 8. 381.
Amas que lhe deraõ o leyte. Em que anno foy jurado successor dos Reynos de Portugal. Mestres que teve. 8. 382.
Dà obediencia ao Papa Adriano VI. 8. 383.
Institue o Tribunal do Santo Officio. Igrejas Cathedraes que erigio. Bispados que creou. Religioens que à sua instancia se reformaraõ. Conventos que reedificou. 8. 384.
Foy o primeiro que recebeo os Padres da Companhia. Fundou-lhe o Collegio de Coimbra. Recolhimentos que fez para Orfãs. Artes em que seu tempo floreceraõ. 8. 385.
Mercés que fez aos Infantes seus irmãos. 8. 386.

Sua administraçaõ na justiça. 8. 387.
Sua prudencia. Quantas vezes fez Cortes. 8. 388.
Varias obras que mandou acabar, e continuar em Lisboa, e Evora. 8. 390.
Fortalezas que mandou fazer. 8. 391. & seqq.
Sua estatura. 8. 394.
Sua morte, e em que tempo. 8. 395.

D. Joaõ Froes, Cardeal seu Elogio. 8. 3. 250.

Joaõ XX. dito XXI. Summo Pontifice, seu Elogio. 8. 4. 251.

D. Joaõ Affonso de Azambuja, Cardeal seu Elogio. 8. 6. 252.

D. Joaõ da Motta, e Sylva, Cardeal seu Elogio. 8. 19. 277.

Jobil, filho de Japhet, veyo a Hespanha. Disc. 8. 306.

Joza, Principe justo. 8. 294.

Jozaphat, Rey de Juda foy Principe justo. 8. 293.

D. Jozè Pereira de Lacerda, seu Elogio. 8. 18. 275.

Jorão, Rey de Judà foy o primeiro, que fez adorar idolos em Jerusalem. 8. 3. 126.

Ira, que males causa. 8. 374.

Italia, porque foy destruida. 8. 364.
Escrava, corrida, roubada, vencida, e deshonrada por quem. *ibidem*.

Judeos, porque forão levados cativos a Babilonia, no tempo de sua transmigração. 8. 320.
Castigos que tiverão pelo peccado da idolatria, *ibid.*
Quantos forão crucificados em hum só dia por mandado de Alexandre. 8. 325.
Amor que tiverão a ElRey David. 8. 326.

Julio Cesar, mandado a Portugal. 8. 306.
Que dignidades instituhio. 3. 18. 113.

Justiça, tem o primeiro lugar entre as virtudes, 8. p. 289.
Seu officio qual he, 8. p. 290.
he virtude muito agradavel a Deos. 8. p. 299.
Bens que della nascem. *ibidem*.

L

Lacerda, seu brazão. 3. 15. 102.

Ladroens, tem entre si suas leys. Disc. 8. p. 376.

Lagarto, seu brazão. 3. 14. 100.

Lago, seu brazão. 3. 14. 100.

Laãs, por muitas rezoens convem não se vendão a Estrangeiros, em Portugal. 1. 4. 16.

Lançaõ, seu brazão. 3. 14. 100.

Lancastre, seu brazão. 3. 14. 100.

Landim, seu brazão. 3. 5. 89.

Lara, seu brazão. 3. 14. 100.

Lazedo, seu brazão. 3. 13. 99.

Leaes, que moeda era. 4. 31. 179.

Leal, seu brazão. 3. 4. 88.

Leaõ, seu brazão. 2. 6. 93.

Ley, seu brazão. 3. 5. 90.

Leytaõ, seu brazão. 3. 16. 106.

Leitaõ, seu brazão. 3. 5. 89.

Leite, seu brazão. 3. 12. 98.

Ley, Agraria seu principio. 1. 5. 25.

Leys, sobre a grandeza dos dotes. 1. 8. 30.

Leys, não pòdem permanecer sem a milicia. 2. 1. 32.

Ley, de Lycurgo a favor dos que morrem pela patria. 2. 1. 33.

Leys, que se guardavão nos Exercitos. 2. 8. 46.

Ley, dos Lacedemonios sobre a peregrinação. 8. 1. 245.

Leys, mais modernas que os costumes. Disc. 8. p. 295.

Ley, verdadeiro mantimento do povo. Disc. 8. p. 409.
As de Julio Cesar, e Lycurgo sobre a temperança no comer. Disc. 8. p. 307.

Leme, seu brazão. 3. 4. 88.

Lemos, seu brazão. 3. 9. 96.

Leoens, nos Escudos sua origem. 3. 4. 87.
Que Familias os uzão nos Escudos. 3. 4. 88.

Leovigildo Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 4. 148.

Letras, Reys insignes nellas. Disc. 8. p. 355.
ElRey D. Joaõ III. as mandou aprender a varios sogeitos na Universidade de Pariz á sua custa. Disc. 8. p. 330. e 383.

Liberdade, não se conserva sem a milicia. 2. 1. 38.

Lima, seu brazão. 3. 15. 101.

Limpo, seu brazão. 3. 5. 90.

Linho, o melhor he o de Portugal. 1. 4. 18.

Lisboa, por quem foy fundada. 5. 2. 197.
Foy murada no tempo delRey D. Fernando. 2. 12. 61.
He Raynha do Mar Occeano. 2. 15. 69.
He abundante de madeira para embarcaçoens. *ibidem*.

Lisongeiros, males que causaõ aos Principes. Disc. 8. p. 377.

Liuva Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 7. 152.

Livra, que moeda era, e o que valia. 4. 38. 187.
Foy a primeira moeda que lavrarão os Romanos. *ibidem*.
As de dez soldos o que valião. 4. 39. 188.
Diversos generos dellas. 4. 38. 187. e 188. e 189.

Livrinhas, o que valião. 4. 40. 189.

Lobato, seu brazão. 3. 14. 100.

Lobeira, seu brazão. 3. 14. 100.

Lobia, seu brazão. 3. 14. 100.

Lobo, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Lobo, seu brazão. 3. 4. 88.

Loja, seu brazão. 3. 6. 93.

Lopo Rodrigues Camello, o que passou com ElRey D. Sebastião na ponte do Mondego. 3. 16. 108.

Lordelo, seu brazão. 3. 5. 90.

Loronha, seu brazão. 3. 12. 98.

Louça, em Lisboa se fabricou como a da China. 1. 4. 19.

Loureiro, seu brazão. 3. 16. 107.

Lousada, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Louvor, principal a quem se deve dar. Disc. 8. p. 309.

Lucena, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Lucio, seu brazão. 3. 14. 100.

Lucio, Quincio Cincinato de lavrador pobre sobio à dignidade de Ditador de Roma Disc. 8. p. 368.

Lugares, ou Colonias, do Alentejo seus Fundadores. 1. 5. 21.

D. Luiz de Amaral, Cardeal seu Elogio. 8. 9. 257.

Luiz de Sousa, Cardeal seu Elogio. 8. 16. 269.

Luiz Landrasi, escusas que deo para naõ aceitar o Imperio para que estava eleito. Disc. 8. p. 331.

Luna, seu brazaõ. 5. 14. 100.

M

Maudo, seu brazaõ. 3. 10. 96.

Machado, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Maciel, seu brazão. 3. 4. 88.

Madeira, Ilha povoada pelos Achioles Florentinos. 3. 4. 88.

Madureira, seu brazão. 3. 12. 98.

Magalhaens, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Magnanimidade, o que he. Disc. 8. pag. 347.

Malafaya, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Maldonado, seu brazão. 3. 12. 98.

Mamertino, sua temperança no comer, e beber. Disc. 8. p. 370.

Manoel, seu brazaõ. 3. 15. 102.

Mansidaõ, foy a mayor virtude que teve Tito filho de Vespasiano. Disc. 8. p. 340.

Maracote, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Marinho, seu brazão. 3. 12. 98.

Mariz, seu brazão. 3. 8. 95.

Martins, seu brazão. 3. 12. 98.

Marichal, sua dignidade, e origem em Portugal. Seu officio na guerra. 2. 3. 38.
Os que tem havido em Portugal. 2. 3. 39.

Marquezes, e Condes, que largarão estes titulos pelo de Duque. 3. 23. 128.

Marquez, que titulo he, sua dignidade. O primeiro que houve em Portugal. Ceremonias com que se dà esta Dignidade. Os que tem havido em Portugal. 3. 24. 130. & seqq.

Maravedi, que moeda he. 4. 21. p. 165.
Maravedis Leonezes corrião em Portugal, e quanto valião. 4. 41. 194.

D. Martinho Cardeal, seu Elogio. 8. 5. 252.

Marco Atilio, quiz antes entregarse à morte que quebrar hum juramento que tinha feito. Disc. 8. p. 313.

Marco Crasso, vencido pelos Parthos, e porque. Disc. 8. p. 318.

Marco Antonio Emperador, o que fez não tendo dinheiro para pagar aos Exercitos. Disc. 8. p. 332.

Mardocheo, honras que recebo de Artaxerxes, e porque. Disc. 8. p. 339.

Dona Maria Infanta, teve verdadeiro conhecimento da Lingua Latina. Disc. 8. p. 406.
Seu Elogio. Disc. 8. p. 395.

Mascarenhas, seu brazão. 3. 5. 89.

Rey D. Manoel, sua empreza. 4. 31. 179.

Matrimonio, porque he difficultoso entre Fidalgos, e Senhoras nobres. 1. 7. 30.

Mathematica, invenção de seus instrumentos., 1. 1. 4.
Sua utilidade., Disc. 8. p. 407.

Matta, seu brazão., 3. 12. 98.

Matela, seu brazão., 3. 5. 90.

Mattos, seu brazão., 3. 14. 100.

Maya, seu brazão., 3. 16. 104.

Mazagaõ, cercado pelo Xarife., 2. 15. 69.

Meira, seu brazão., 3. 6. 93.

Medeiros, seu brazão., 3. 4. 88.

Meirelles, seu brazão., 3. 6. 93.

Mello, seu brazão., 3. 6. 93.

Mello, seu brazão., 3. 12. 97.

Menagem, seu brazaõ., 3.

Mendaõ, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Mendoça, seu brazaõ., 3. 15. 102.

Mesquita, seu brazaõ., 3. 16. 104.

Mexia, seu brazaõ., 3. 5. 89.

Meyas Luas, que se trazem nos Escudos sua origem. Que Familias as trazem., 3. 9. 95.

Mealhas, que moeda era, e o que valia., 4. 40. 194.

Merida, moedas que se batião nesta Cidade., 4. 2. 146.

Medicina, sua utilidade., Disc. 8. p. 407.

Miranda, seu brazaõ., 3. 7. 94.

Milho, em que tempo começarão suas Searas no destrito de Coimbra., 1. 4. 20.

Milicia, sua falta he grande castigo de Deos., 2. 1. 33.
Della nascerão os mayores titulos., *ibidem*.
A milicia maritima em que tempo teve principio em Portugal., 2. 11. 63.

Mina, foy a primeira povoação dos Portugueses na Costa de Guinè., 6. 1. 217.

Missoens, em Guiné forão as primeiras pelos Portugueses., 6. 1. 216.
Porque se sente pouco fruto dellas., *ibidem*.

Mitridates, sabia as lingoas de 22. Provincias de que era Senhor., Disc. 8. p. 330.

D. Miguel da Sylva, Cardeal seu Elogio., 8. 13. 264.

Montarroyo, seu brazão., 3. 4. 88.

Monteiro, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Moraes, seu brazaõ., 3. 14. 100.

Moreira, seu brazaõ., 3. 6. 93.

Morel, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Motta, seu brazão., 3. 12. 98.

Moura, seu brazão., 3. 13. 99.

Moutinho, seu brazão., 3. 4. 88.

Mousinho, seu brazão., 3. 5. 90.

Morgados, de sua união se segue grave prejuizo à Republica., 1. 7. 29.
A que quantia se pòdem estender., 1. 7. 30.

Monges Giragavos, em que se occupavão antigamente., 8. 1. 242.

Mosteiro de N. Senhora dos Remedios, em Campo lide sua Fundação., 8. 20. 285.

Moysés, o que disse ao povo devia fazer na eleição de Rey., Disc. 8. pag. 368.

Moedas, batidas em Merida., 4. 2. 146.

Moedas, que mandou bater Sertorio., 4. 2. 146.

Moedas, Romanas., 4. 2. 147.

Moedas, Goticas., *ibidem*.

Moedas, de Leovigildo., 4. 4. 148.

Moedas, de Hermenegildo., 4. 5. 149.

Moedas, de Recaredo., 4. 5. 151.

Moedas, de Liuva Rey. 4. 7. 152.

Moedas, de Uviterico Rey., 4. 8. 153.

Moedas, de Gundemaro Rey., 4. 9. 154.

Moedas, de Sisebuto Rey., 4. 10. 154.

Moedas, de Svinthila Rey., 4. 11. 156.

Moedas, de Sisenando Rey., 4. 12. 157.

Moedas, de Tulgan Rey., 4. 13. 157.

Moedas, de Chindasvindo Rey., 4. 14. 258.

Moedas, de Recesvinto Rey., 4. 15. 158.

Moedas, de Uvamba Rey., 4. 16. 160.

Moedas, de Ervigio Rey., 4. 17. 161.

Moedas, de Egica Rey., 4. 28. 162.

Moedas, de Uvitiza Rey., 4. 19. 164.

Moedas, delRey D. Rodrigo., 4. 20. 164.

Moedas, Arabigas. 4. 21. 165.

Moedas, Portuguezas em que parte se baterão primeiro. 4. 22. 168.

Moedas, delRey D. Sancho. 4. 23. 169.

Moedas, delRey D. Affonso IV. 4. 24. 170.

Moedas, delRey D. Pedro. 4. 25. 170.

Moedas, delRey D. Fernando. 4. 26. 171.

Moedas, delRey D. João I. 4. 27. 173.

Moedas, delRey D. Duarte. 4. 28. 174.

Moedas, delRey D. Affonso V. 4. 29. 175.

Moedas, delRey D. João II. 4. 30. 177.

Moedas, delRey D. Manoel. 4. 31. 178.
Sua empreza. 4. 31. 179.

Moedas, delRey D. João III. 4. 32. 180.

Moedas, delRey D. Sebastião. 4. 33. 181.

Moedas, delRey D. João IV. 4. 34. 182.

Moedas, delRey D. Affonso VI. 4. 35. 183.

Moedas, delRey D. Pedro II. 4. 36. 184.

Moedas, delRey D. João V. 4. 37. 185.

Molheres, sua fermosura, tirania de pouco tempo. Disc. 8. p. 345.

Molheres, insignes em letras. Disc. 8. p. 423.

Musica, sua utilidade. Disc. 8. pag. 407.
Nunca a Igreja esteve sem ella. Disc. 8. p. 418.

N

Nabucodonosor, venceo a Sedechias, e o levou prezo a Babilonia. Disc. 8. p. 292.

Nabais, seu brazão. 3. 14. 100.

Nàos, as da India porque padecem naufragios. 7. 1. 230. & seqq.
Estes naufragios como se pódem remediar. Que carga carregavaõ em tempo delRey D. Manoel. E no tempo delRey D. João III. *ibidem*.
grande numero de enfermos que houve na em que foy Carlos Espinola. Numero das que se perderaõ no anno 91. e 92. *ibidem*.
Algumas foraõ à India em 4. mezes, e meyo. 7. 1. 234.
As pequenas de mayor proveito que as grandes. *ibidem*.

Naufragios, os das Nàos da India atalhou ElRey D. Sebastião, e de que forma. 7. 1. 232.

Navarra, não entrou por força de armas na Coroa de Castella. 2. 9. 54.

Negreiros, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Negro, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Nerva, por sua frouxidão cahio em desprezo do povo. Disc. 8. p. 292.

Netto, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Nobrega, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Nobreza, porque senaõ augmenta em Portugal. 1. 2. 9.
Como pòde crescer em Portugal, 1. 7. 28.

He a cousa mais prezada, e menos conhecida. 3. 1. 81.
Ha cinco gràos della neste Reyno, e quaes. 3. 1. 83.

Nobres, os de Portugal seu principio. 2. 1. 34.

Nobre, que palavra he, donde se deriva, o que he. 3. 1. 81.

Nomes, para que se inventarão entre os homens. 3. 2. 84.
Distincção do nome, sobre nome, cognome, agnome, *ibidem*.

Noronha, seu brazaõ. 3. 15. 102.

Novaes, seu brazão. 3. 14. 100.

Nogueira, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Numa, Pompilio mais louvado que Romulo, e porque. Disc. 8. p. 309.
sua boa inclinação quam amado o fez dos seus. Disc. 8. p. 311.

Nuno da Cunha, Cardeal seu Elogio. 8. 17. 273.

O

Octaviano Cesar, despachava as cousas de justiça com muito cuidado. Disc. 8. p. 290.
quam amado era dos seus. Disc. 8. p. 229.

Octaviano Augusto, publicou perante o povo as deshonestidades de sua filha Julia, e porque. Disc. 8. p. 353.
De que fórma honrou aos grandes Capitaens. Disc. 8. p. 363.

Officiaes, que fazião armas gozavão privilegios em muitas Cidades, e Villas. 2. 11. 58.

Officina, de armas mandou fazer ElRey D. Manoel na Ribeira de Barcarena, onde se lavravão com engenhos de agoa. 2. 11.

59.

Officio, do Rey qual he. Disc. 8. p. 290. & 331.

Oliveira, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Onças, que Familias as trazem nos Escudos. 3. 4. 89.

Ordenança, seu Regimento. 2. 10. 54.

Ordens Militares, para que foraõ instituidas em Portugal. 2. 17. 74.
A mais antiga qual. Seu instituidor. *ibidem*.
Armas que eraõ obrigados a ter prontas. 2. 17. 78.

Ordem de SanTiago, seus cavaleiros vieraõ soccorrer a ElRey D. Affonso Henriques quando estava cercado dos Mouros. 2. 17. 75.
Premios que receberaõ dos Reys de Portugal. Terras que possuem. *ibidem*.

Ordem de Christo, seu principio em Portugal. Seu instituidor. 2. 17. 76.

Ordem do Hospital de S. Joaõ de Jerusalem, seu principio em Portugal. 2. 17. 77.

Orfaons, em Constantinopla se fundou a primeira casa para a sua educaçaõ. 1. 6. 26.
em muitos Reynos ha estas casas. Nellas se lavraõ as melhores obras mechanicas. *ibidem*.

Orfaons, que se dotaõ todos os annos em Milão, e em Sevilha. 1. 6. 27.

Ornela, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Orosco, seu brazão. 3. 7. 94.

Ortis, seu brazaõ. 4. 14. 100.

Ossem, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Ourem, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Ouro, sua abundancia em Serra Leva. 6. 5. 227.

Ozorio, seu brazaõ. 3. 4. 89.

P

Paçanha, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Pacheco, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Padilha, seu brazaõ. 3. 14. 100.

Paim, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Palameque, seu brazaõ. 3. 7. 94.

Palha, seu brazaõ. 3. 15. 104.

Pamplona, seu brazão. 3. 5. 89.

Panos de Ràs, os melhores se fabricaõ em Flandes. 1. 1. 3.

Panegyrico, o que he. Disc 8. pag. 287.
Sua invençaõ de mais proveito que outro genero de historia. Disc. 8. p. 288.
O que fez João de Barros a ElRey D. João o III. Disc. 8. p. 287.
à Infanta Dona Maria. Disc. 8. pag. 395.

Paõ, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Paõ, se pòde cultivar em Portugal o que baste para todo o Reyno. 1. 5. 25.

Papel, sua invenção, 1. 1. 4.

Principio de sua fabrica em Portugal. 1. 4. 19.
Em que terras do Reyno se fabrica. *ibidem*.

Palatim, seu brazaõ. 3. 5. 9O.

Pato, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Patria, propria louvada por Sophocles. 8. 1. 246.

Patacaõ, de prata o que valia. 4. 32. 181.

Pavia, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Pavia, seu brazaõ. 3. 5. 90.

D. Payo Galvaõ, Cardeal seu Elogio. 8. 2. 249.

Paz, naõ se pòde conservar sem a milicia. 2. 1. 33.
Naõ a ha perfeita sem perfeita Religiaõ. Disc. 8. p. 312.

Pedroso, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Pedroso, seu brazaõ. 3. 14. 101.

D. Pedro da Fonseca, Cardeal seu Elogio. 8. 7. 254.

Rey D. Pedro I, por sua justiça foy bem quisto do Povo. Disc. 8. p. 300.

Rey D. Pedro de Castella expulso do Reyno por sua crueldade. Disc. 8. pag. 305.
Vem a Portugal, e naõ he recebido. *ibidem*.

Pegado, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Pega, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Peixoto, seu brazaõ. 3. 15. 103.

Peixoto, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Pelicano, sua figura vista em Evora. 4. 30. 177.

Penha, seu brazaõ. 2. 4. 88.

Perdigaõ, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Pereira, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Peregrinação, se deve fazer por amor das Artes, e Sciencias. 8. 1. 238.
Com ella se aprendem muitas cousas. 8. 1. 242.
Seus trabalhos. 8. 1. 244.

Perestrello, seu brazaõ. 3. 10. 96.

Perestrello, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Pessoa, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Pestana, seu brazaõ. 1. 5. 90.

Pilartes, que moedas eraõ. 4. 26. 172.

Pimentel, seu brazaõ. 3. 8. 95.

Pimentel, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Pinheiro, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Pinto, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Pythagoras, e Plataõ, tiveraõ perfeito conhecimento de todas as Sciencias. 8. 1. 238.

Plinio, o que diz a respeito da Lusitania. 5. 2. 197.

Plataõ, conhecimento que teve de todas as Sciencias 8. 1. 238.

Pò, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Poços, de suas agoas se bebe em varias Cidades, e Villas de Portugal. 1. 5. 22.

Poetas, com elles se devem aconselhar os Reys. Disc. 8. p. 352.

Poezia, heroica, seu principio. Disc. 8. p. 287.

Polvora, sua invençaõ, 1. 1. 3.
Sua fabrica em Portugal. 2. 11. 59.

Politica, só nas Cortes dos Principes se aprende. 8. 1. 240.

Pompeo, perdeo-se na guerra que teve na Asia, e porque. Disc. 8. p. 318.

Porra, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Porto, carreiro seu brasaõ. 3. 5. 90.

Portos, de Lisboa, e Setuval, mandou fortificar ElRey D. João 1. 2. 12. 61.

Portugal, foy hum dos primeiros Reynos, que se recuperou pelos Christãos, e quando. 3. 1. 82.
Seus primeiros povoadores *ibidem*.
Atè onde se estendia. 5. 2. 196. & seqq.

Portugueses, quantos acompanharão a ElRey D. Sebastiaõ a Africa, 1. 2. 8. & 2. 7. 46.
Porque embarcão muitos para fòra do Reyno. 1. 2. 9.
Porque fógem do Estado da India. 1. 3. 12.
No valor, e lealdade superipres a todas as Naçoens. 2. 9. 54.
Foraõ os primeiros professores de Sciencias que houve em Hespanha. 5. 2. 198.
Forão os primeiros que ensinarão artes no mundo. *ibidem*.
Forão levados a Roma por Metello, como por Troféos, por serem excelentes Poetas. 5. 2. 199.

Portugueses, que moeda era. 4. 31. 178.

Povo, de 70. Pessoas sahirão mais de 600U000. 1. 2. 5.
O de Portugal porque causa he pouco em numero. 1. 2. 7.

Pragas, que rogavão os Cretenses. Disc. 8. p. 338.

Preto, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Presas, pelas Armadas delRey a quem pertencem. 2. 14. 66. & 67.

Principe, bom resplandece como o Sol. Disc. 8. p. 304.
Deve seguir o exemplo de Hercules, e qual. Disc. 8. p. 376.
Não hade ser nem muito brando, nem muito aspero. Disc. 8. pag. 323.
Sua força consiste na temperança da vida. Disc. 8. p. 415.
Na paz deve ser muito diligente. Disc. 8. p. 337.
Quanto se deve guardar dos lisongeiros. *ibidem*.
O que naõ ama a Deos não pòde governar bem seus vassallos. Disc. 8. pag. 404.

Principes, que reprehende Plutharco quaes. Disc. 8. p. 332.

Privado, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Prudencia, necessaria ao Principe para ser justo. Disc. 8. p. 346.
Em que consiste. *ibidem*. & Disc. 8. pag. 337.
nada ha aonde naõ ha idade. Disc. 8. p. 350.

Q

Quadros, seu brazão. 3. 5. 90.

Queiròs, seu brazão. 3. 9. 96.

Querena, dos Navios em que tempo se começou a uzar em Portugal. 7. 1. 233.
Às vezes he prejudicial às proprias Nàos. *ibidem*.

Quintal, seu brazão. 3. 5. 90.

R

Rangel, seu brazão. 3. 12. 98.

Raposo, seu brazão. 3. 5. 90.

Reaes brancos, moeda antiga o que valião. 4. 42. 192.

Rebaldo, seu brazão. 3. 4. 88.

Rebello, seu brazão. 3. 5. 89.

Rey Recaredo, que moeda bateo em Hespanha. 4. 5. 151.

Rey Recesvinto, que moedas bateo em Hespanha. 4. 15. 158.

Refoyos, seu brazão. 3. 5. 90.

Rego, seu brazão. 3. 14. 101.

Regras, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Reimondo, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Reys, sua grandeza està na multidão do povo. 1. 1. 1.
O de Granada punha em campo mais gente que outro Reyno de Hespanha. 1. 1. 2.
O que devem fazer para enriquecer os Reynos. 1. 4. 36.
Dando o que naõ tem se fazem Senhores dos Reynos. 1. 5. 23.
Os de Castella que forão vencidos pelos de Portugal. 2. 9. 51.

Os de Portugal favorecerão aos Estrangeiros com poderosas armadas. 2. 15. 68.
Que estados possuem os de Portugal em Guinè. 6. 1. 216.
Com que condiçoens os receberão dos Summos Pontifices. *ibidem*.
Os de Ethiopia aptos para abraçar o Evangelho. 6. 5. 227.

Reys, qual he o seu officio. Disc. 8. p. 290.
Para cumprimento da justiça não haõde exceder aos vassallos em boa vida. *ibidem*.
Antigamente todos erão Sacerdotes, e que Diadema traziaõ. Disc. 8. p. 311.

Reys Suevos, houve muitos em Portugal. Disc. 8. p. 307.

Reys, não devem peccar com intençaõ de emmenda. Disc. 8. p. 346.
O que devem fazer para o bom governo. Disc. 8. p. 352.
Os idolatras todos tiveraõ màо fim. Disc. 8. p. 319.
Os que foraõ Santos em alguns Reynos Disc. 8. p. 317.
Saõ a imagem de Deos. Disc. 8. pag. 315.

Reys Filosofos, bemaventurança da Republica. Disc. 8. p. 337.
Haõde ter hum ouvido aberto para quem acusa, e outro para quem he acusado. Disc. 8. p. 290.

Reys de Armas, que officio he, e quando começou em Portugal. 3. 18. 110.
Suas obrigacoens. 3. 18. 114.
Ceremonias que se fazem no acto em que se lhes daõ os nomes de Reys de Armas. 3. 19. 117.

Reynos, sua felicidade em que se funda. 1. 1. 2.
Os que saõ faltos de ouro, e prata. 1. 4. 15.
O de Portugal favorecido sempre de Deos. 2. 9. 50.
Os bemaventurados quaes. Disc. 8. p. 299.
Em que consiste a sua bemaventurança. Disc. 8. p. 315.

Religioens, sua variedade causa odio entre as gentes. 6. 4. 224.

Relogios, invẽçaõ de sua fabrica. 1. 1. 4.

Republica boa, partida em tres Estados. Disc. 8. p. 205.
Adonde naõ ha amor de Deos naõ se póde governar. Disc. 8. p. 310.

Resende, seu brazaõ. 3. 13. 99. & 3. 15. 103.

Retaguarda, vanguarda, e alas, em que tempo se introduzirão estes nomes em Portugal. 2. 8. 46.
Como se chamavão antigamente, *ibidem*.

Riba fria, seu brazão. 3. 14. 101.

Ribeira, seu brazão. 3. 4. 88.

Ribeiro, seu brazão. 3. 14. 101.

Ricos homens, que titulo he. 3. 20. 121.

Roboredo, seu brazão. 3. 13. 99.

Rocha, seu brazão. 3. 7. 94.

Rocha, seu brazaõ. 3. 8. 95.

Rodrigues, seu brazaõ, 3. 12. 98.

Rodrigues, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Rey D. Rodrigo, que moedas bateo em Hespanha. 4. 20. 164.

Roja, seu brazão. 3. 10. 96.

Rolao, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Rolim, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Roma, Cidade de grande confusão. Disc. 8. p. 295.
Tomada pelos Francezes de quanto proveito foy aos Romanos. Disc. 8. p. 336.

Romanos, que moedas baterão em Hespanha. 4. 2. 147.
Com quanto cuidado guardavão sua falsa Religião. Disc. 8. p. 313.
Causa de sua destruição. Disc. 8. p. 363. & 369.

S

Sà, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Sabedoria, quam necessaria aos Principes. Disc. 8. p. 408.

Salamaõ, sua fortaleza. Disc. 8. p. 358.

Salazar, seu brazaõ. 3. 10. 96.

Saldanha, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Salvago, seu brazão. 3. 4. 88.

Sampayo, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Rey D. Sancho, mandou povoar muitas Villas. 1. 2. 6.

Sande, seu brazão. 3. 5. 90.

Sandoval, seu brazão. 3. 5. 90.

Santarem, seu brazão. 3. 4. 88.

Saraiva, seu brazão. 3. 8. 95.

Sardinha, seu brazão. 3. 14. 101.

Sarmento, seu brazão. 3. 14. 101.

Sarzildes, seu brazão. 3. 6. 93.

Saul Rey, em quanto obedeceo a Deos venceo todas as batalhas. Disc. 8. p. 317.

Saude, o que he. Disc. 8. p. 420.

Sciencias, seu principio na Lusitania. 5. 2. 197.
não se pòdem professar sem a milicia. 2. 1. 33.

Rey D. Sebastiaõ, passou a Africa com mil embarcaçoens. 2. 15. 68.
Regimento que ordenou para segurança dos Navios do comercio. 2. 16. 72.
Reforma que fez nas Ordens Militares. 2. 17. 78.
Atalhou o perigo das Nàos da India, e de que fórma. 7. 1. 232.

Seda, a de Portugal he a melhor. 1. 4. 17.
Sua fabrica em Portugal quando começou. *ibidem*.
Nos vestidos a prohibia ElRey D. João III. e como. Disc. 8. p. 329.

Sedechias, admoestado por Jeremias Profeta. Disc. 8. p. 294.

Segurado, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Seixo, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Seminarios, de quanto proveito sejão nas Provincias de Loanda, Cacheo, e Cabo Verde. 6. 3. 220. & 6. 4. 222. & seqq.
Como se pòdem fazer com pouco custo naquellas Provincias. 6. 5. 226.
Por muitas razoens se devião applicar as rendas de Guinè para a sua erecção. 6. 5. 227.

Seneca, filho da Lusitania. 5. 2. 199.

Senhor, este titulo antigamente era odioso. Disc. 8. p. 341.
Que titulo he. que lugar tem em Cortes. 3. 27. 140.

A que pessoas pertence este titulo, *ibid*.

Sequeira, seu brazaõ. 3. 8. 95.

Serpa, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Serpe, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Serpes, que Familias as trazem nos Escudos. 3. 4. 88.

Serraõ, seu brazão. 3. 4. 88.

Serra Leoa, seus ares melhores que os de Portugal. 6. 5. 227.

Sertorio, foy o primeiro que bateo moeda em Hespanha. 4. 2. 146.
Instituhio a Universidade de Huesca, para o estudo dos Lusitanos. 5. 2. 199.
Levantase contra os Romanos. Disc. 8. p. 306.

Sesinando Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 12. 157.

Setuval, em que tempo foy murada. 2. 12. 61.

Sevilha, seus moradores a mayor parte Portugueses. 1. 2. 8.

Severim, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Sicilianos, governados por hum escravo de Anixiláo. Disc. 8. p. 373.

Simaõ Gonçalves da Camera, o que passou com ElRey D. João II. por tomar o appellido de sua Mãy. 3. 2. 86.

Simoens, seu brazão. 3. 4. 88.

Sisebuto Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 10. 154.

Soares de Albergaria, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Soares de Toledo, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Sobrinho, seu brazaõ. 3. 13. 99.

Sobrenomes, para que se inventarão entre os homens. 3. 2. 84.

Socrates, notavel reposta que deu a hum peregrinante. 8. 1. 245.
O que disse deviamos só pedir a Deos. Disc. 8. p. 349.

Sodré, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Solar, que palavra he, e de donde se deriva. 3. 2. 85.

Soldos, que moeda era, e o que valia. 4. 41. 190.

Solon, como consolou a hum amigo seu que andava muito triste, e apaixonado. Disc. 8. p. 349.
O que disse dos males de todos os homens. *ibidem*.

Sousa, seu brazaõ. 3. 15. 101.

Sousa, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Souto Mayor, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Sylva, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Sylva, feu brazaõ. 3. 15. 101.

Sylveira, seu brazaõ. 3. 5. 89.

Sylio Italico, filho da Lusitania. 5. 2. 199.

Svinthila Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 11. 156.

Sueiro Mendes da Maya, notavel acção deste Cavaleiro. 3. 16. 104.

T

Taborda, seu brazaõ. 3. 9. 96.

Tangere, seu brazaõ. 3. 13. 98.

Tavares, seu brazão. 3. 10. 96.

Taveira, seu brazão. 3. 11. 97.

Tavora, seu brazão. 3. 14. 101.

Teive, seu brazão. 3. 11. 97.

Teyxeira, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Tempo, dourado porque se chama assim. Disc. 8. p. 309.

Temperança, no comer, beber, e vestir. Disc. 8. p. 370. & seqq.
Quaõ necessaria ao Principe. Disc. 8. p. 330.

Ternate, seu brazão. 3. 13. 93.

Terra, naõ ha nenhuma que seja esteril. 1. 1. 3.

S. Thome Ilha, em que tempo se povoou. 6. 1. 218.

D. Thomás de Almeida, Cardeal Seu Elogio. 8. 20. 278.

Rey Theodorico, venceo a ElRey Reciario, e ganhou-lhe Portugal. Disc. 8. p. 307.

Theodorico Emperador, vitorias alcançou. Disc. 8. p. 321.
Amor que teve a seu povo. Disc. 8. p. 324.
que fazia quando se sentia tocado de melancolia. Disc. 8. p. 375.

Tiberio Gracco, pregão que mandou lançar no seu arrayal. Disc. 8. p. 322.

Timbres, sua origem. 3. 17. 103.

Timudo, seu brazão. 3. 16. 105.

Tinoco, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Tintas, as melhores saõ as Portugal, 1. 4. 19.

Toledo, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Tomadias, que fazem as Armadas delRey a quem pertencem. 2. 14. 66 e 67.

Torquemada, seu brazão. 3. 14. 101.

Torneses, que moeda era, e o seu valor. 4. 25. 171.

Torres, seu brazaõ 3. 14. 101.

Torre velha, seu fundador. 2. 12. 62.

Torre de Outaõ, em Setuval, sua fundação, *ibidem*.

Torre de Cascaes, sua fundação, *ibid*.

Torre velha de Caparica, *ibidem*.

Torre de Bellem, *ibidem*.

Torre de S. Giaõ, *ibidem*.

Tostaõ, moeda, sua denominaçaõ. 4. 1. 178.

Toscano, seu brazão. 3. 4. 88.

Tovar, seu brazão. 3. 5. 90.

Tourinho, seu brazão. 3. 14. 101.

Touros, que Familias os trazem nos Escudos. 3. 4. 89.

Trajano, Emperador, despachava com muito cuidado as cousas de justiça. Disc. 8. p. 290.
Foy chamado Pay da patria, e porque. Disc. 8. p. 324.
Mandou ensinar 5U000. meninos pobres à sua custa. Disc. 8. p. 330.

Travaços, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Trigueiros, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Tuy, tomarão os Portugueses. 2. 9. 31.

Tulgan Rey, que moedas bateo em Hespanha. 4. 13. 157.

Turcos, o que lhe conserva a sua potencia Disc. 8. p. 296.
O que uzaõ na eleição do Graõ Turco. *ibidem*.
De que sorte louvão os feitos de Armas. Disc. 8. p. 287.

Turdolos, se chamaraõ os habitadores de Lisboa. 5. 2. 197.
Povoarão toda a terra de Andaluzia. *ibidem*.

Turdetanos, tinhaõ leys escritas em exceso de seis mil annos. 5. 2. 198.

V

Valladares seu brazaõ, 3. 4. 88.

Valdés seu brazão. 3. 4. 89.

Valente, seu brazão. 3. 4. 88.

Valente, seu brazão. 3. 9. 96.

Valles, seu brazaõ. 3. 16. 105.

Vanguarda, retaguarda, e alas em que tempo se introduzirão estes nomes em Portugal. 2. 8. 46.
Como se chamavão antigamente. *ibidem*.

Varejola, seu brazaõ. 3. 12. 98.

Varella, seu brazaõ. 3. 5. 90.

Vargas, seu brazaõ. 3. 5. 89.

Vasconcellos, seu brazaõ. 3. 14. 101.

Vassallo, que palavra he, e que significa. 3. 21. 122.
quantos generos ha. *ibidem*.
Seguem a vida, e costumes de seu Rey. Disc 8. p. 338.

Veiga, seu brazaõ. 3. 6. 93.

Velho, seu brazaõ. 3. 8. 95.

Vellasques, seu brasaõ. 3. 5. 90.

Vellez, seu brazaõ. 3. 13. 98.

Velozo, seu brazaõ. 3. 13. 98.

Venezianos, o que observaõ na eleição dos Officiaes de justiça. Disc. 8. p. 353.

D. Verissimo de Lancastro, Cardeal seu Elogio, 8. 15. 267.

Vestidos, de sedas superfluas atalhou ElRey D. João III. e como. Disc. 8. p. 329.

Vicios, não os hade ter quem governa a outros. Disc. 8. p. 291.

S. Vicente, moeda o que valia. 4. 32. 180.

Vieyras, que se trazem nos Escudos. Sua origem, e que Familias as trazem. 3. 8. 94.

Vieyra, seu brazão. 3. 8. 95.

Villa Lobos, seu brazaõ. 3. 4. 88.

Villa nova, seu brazão. 3. 4. 88.

Villas boas, seu brazão. *ibidem*.

Villas, quantas ha no Reyno de Flanddes. 1. 2. 6.
Quantas fundou ElRey D. Affonso Henriques em Portugal. *ibid.*
As que mandou povoar ElRey D. Sancho quaes. *ibidem.*
As que povoou ElRey D. Affonso. 3. 2. 7.
As que em Portugal tem Fortalezas, e Castellos. 2. 12. 61.

Viriato, morto por engano, e astucia de Cayo Lelio. Disc. 8. p. 306.
Desbaratou muitos Exercitos Romanos. *ibidem.*

Virtude, fermosura da Alma. Disc. 8. p. 345.

Viscondes, que titulo he, sua origem, os que tem havido em Portugal. 3. 26. 138.

Ungria, destruida pelos Turcos, e porque. Disc. 8. p. 365.

Unha, seu brazão. 3. 4. 88.

Universidades, de Hespanha que Autores tratarão dellas., 5. 1. 196.

Universidade, de Coimbra a primeira que em Hespanha foy creada com privilegios Apostolicos., 5. 3. 200.
Seu fundador., *ibidem*.
em que tempo passou para Lisboa., 5. 3. 201.
Torna para Coimbra, e em que tempo., *ibidem*. & Disc. 8. p. 383.

Que faculdades se lem nella. Seu governo. Tem sahido della grandes Varoens, e quaes., 5. 3. 201. & seqq.

Universidade, de Evora seu Fundador, e em que tempo., 5. 4. 202.
que faculdades se lem nella., 5. 4. 203.
Insignes Varoens que della tem sahido, e seus nomes., *ibidem*.
Com que intento foy fundada., 6. 1. 217.

Universidades, de Palencia, e Salamanca, sua fundação., 5. 5. 203.
Porque se extinguirão., *ibidem*.

Universidade, de Salamanca sua segunda fundação., 5. 5. 203.
Recebeo a Autoridade Apostolica do Papa Joaõ XXII., *ibidem*.

Universidade, de Toledo., 5. 6. 204.

Universidade, de Siguença., 5. 7. 205.

Universidade, de Alcalà de Henares. sua fundaçaõ, e excellencia., 5. 8. 205.

Universidade, de Osma., 5. 9. 206.

Universidade, de Avila., 5. 10. 206.

Universidade, de Valhadolid., 5. 11. 207.

Universidade, de Oropeza., 5. 12. 207.

Universidade, de Ossuna., 5. 13. 207.

Universidade, de Sevilha., 5. 14. 208.

Universidade, de Granada., 5. 15. 208.

Universidade, de Baeça., 5. 16. 208.

Universidade, de Murcia., 5. 17. 209.

Universidade, de Compostella., 5. 18. 209.

Universidade, de Onhate., 5. 19. 210.

Universidade, de Oviedo., 5. 20. 210.

Universidade, de Huesca., 5. 21. 211.

Universidade, de Çaragoça., 5. 22. 211.

Universidade, de Lerida., 5. 23. 211.

Universidade, de Perpinhaõ., 5. 24. 212.

Universidade, de Barcellona., 5. 25. 212.

Universidade, de Tarragona., 5. 26. 212.

Universidade, de Girona., 5. 27. 212.

Universidade, de Valença., 5. 28. 213.

Universidade, de Luchente., 5. 29. 213.

Universidade, de Origuela., 5. 30. 213.

Universidade, de Candia., 5. 31. 214.

Universidade, de Hirache., 5. 32. 215.

Universidade, de Estella., 5. 33. 215.

Universidade, de Pamplona., 5. 34. 215.

Vogado, seu brazaõ., 3. 4. 88.

Utre, seu brazão., 3. 5. 90.

Uviterico Rey, que moedas bateo em Hespanha., 4. 8. 153.

Uvamba Rey, moedas que bateo em Hespanha., 4. 16. 160.

Uvitiza Rey, que moedas bateo em Hespanha., 4. 19. 164.

X

Xarce, de Valença, seu brazão., 3. 5. 90.

Xenocrates, o que respondeo perguntandose-lhe que podiaõ seus Discipulos aprender., Disc. 8. p. 341.

Z

Zagallo, seu brazaõ., 3. 9. 96.

Zelo, dos Reys de Portugal na propagaçaõ do Evangelho nos Estados de Guinè., 6. 1. 217.

FINIS LAUS DEO.

LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

Anno de MCCXL.

Notas

No original, foram 2 páginas com o número 217 e também com 218. Estas páginas adicionais não foram numeradas.

Os problemas com a pontuação e a ortografia foram corrigidos.

As correções na Errata foram applicadas.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK NOTICIAS DE PORTUGAL ***
Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.
Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.
START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

> This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.
1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.
1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.
1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.
1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.
1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.
1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.
1.F.
1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.
1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.
1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations ($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.
While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.
International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.
Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.
Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works
Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.
Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.
Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.
This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.